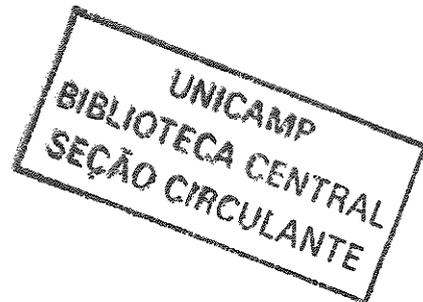


Orivaldo Leme Biagi



O IMAGINÁRIO E AS GUERRAS DA IMPRENSA -
Estudo das coberturas realizadas pela imprensa brasileira da
Guerra da Coréia (1950-1953) e da Guerra do Vietnã
na sua chamada “fase americana”
(1964-1973).

Dissertação de Doutorado apresentada
ao Departamento de História do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação do Prof. Dr.
Ítalo Arnaldo Tronca.

Este exemplar corresponde à redação final
da tese defendida e aprovada pela comissão
julgadora em 18/12/2001.

Banca

- Prof. Dr. Ítalo Arnaldo Tronca (Orientador) 
- Prof. Dr. Michael McDonald Hall (Examinador) 
- Prof. Dr. Bernardo Kucinsky (Examinador) 
- Prof. Dr. Caio Navarro de Toledo (Examinador) 
- Prof. Dr. Fernando Antônio Lourenço (Examinador) 
- Profa. Dra. Maria Stella Martins Bresciani (Suplente)

Campinas/2001

200207371

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	1/UNICAMP
	B 47 i
V.º	
T.º	47805
P.º	837102
C.º	0 <input checked="" type="checkbox"/>
PREC.º	R\$ 11,00
DATA	14-02-02
N.º CPD	

CM00163535-0

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

B 47 i

Biagi, Orivaldo Leme

O imaginário e as guerras da imprensa: estudo das coberturas realizadas pela imprensa brasileira da Guerra da Coréia (1950-1953) e da Guerra do Vietnã na sua chamada "fase americana" (1964-1973) / Orivaldo Leme Biagi . - - Campinas, SP : [s. n.], 2001.

Orientador: Ítalo Arnaldo Tronca.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Imaginário. 2. Imprensa. 3. Guerra fria. 4. Coréia, Guerra da, 1950-1953. 5. Vietnã, Guerra do, 1961-1975. I. Tronca, Ítalo Arnaldo. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Resumo

Esta pesquisa pretende – em termos históricos – estudar e comparar as coberturas jornalísticas realizadas pela imprensa brasileira de duas guerras da Segunda metade do século XX. As guerras foram: a Guerra da Coréia (1950-1953) e a Guerra do Vietnã durante sua “fase americana” (1964-1973). Este trabalho visa na verdade analisar as representações da imprensa sobre as duas guerras; recuperar como a imprensa brasileira as “usou” para definir suas posições políticas, além de mostrar como o imaginário influiu na construção das notícias.

Abstract

This research tends – historically speaking – to study and compare the news coverages done by the brazilian press about two wars during the second half of the Twentieth Century. Such wars were: the Korean War (1950-1953) and the Vietnam War during its “american phase” (1964-1973). This piece of work is actually an attempt to analyze the press representations over the two wars; that is to bring back the way the brazilian press “used” them to define its political side, as well as to show how the imaginary influenced the news construction.

*“Sweet child in time,
you’ll see the line
Line that’s drawn between good and bad
See the blind man
shooting at the world
Bullets flying taking toll
If you been bad - Oh Lord I bet you have
And you’ve not been hit
Oh by flying lead
You’d better close your eyes
Bow you head
Wait for the ricochet.”¹*
Deep Purple, música “Child in Time”, sobre a Guerra Fria

*“Revolution in their minds - the children start to march against the world in
which they have to live
and all the hate that’s in their hearts.
They’re tired of being pushed around and told just what to do.
They’ll fight the world until they’ve won and love comes flowing through.*

*Children of tomorrow live in the tears that fall today.
Will the sun rise up tomorrow bringing peace in any away?
Must the world live in the shadow of atomic fear?
Can they win the fight for peace or will they disappear?*

*So you children of the world,
listen to what I say.
If you want a better place to live in spread the words today.
Show the world that love is still alive.
You must be brave or your,
children of today,
are children of the grave,
Yeah!”²*

Black Sabbath, música “Children of the Grave”, sobre um futuro pós-holocausto atômico

¹ - Paice, Ian; Lord, Jon; Gillan, Ian; Blackmore, Ritchie e Glover, Roger. Música do álbum Deep Purple In Rock. EMI, 1970;

² - Iommi, Anthony (Tony); Ward, William (Bill); Butler, Terence “Geezer” e Osborne, John “Ozzy”. Música do álbum Master of Reality. Castle, 1971;

Agradecimentos

Tenho de agradecer a muitas pessoas pela conclusão deste trabalho. A começar pela **Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo, a FAPESP**, que, mais do que financiar meus esforços, sempre foi uma base sólida de apoio, o que facilitou toda a minha trajetória. Logicamente que não poderia deixar de agradecer ao brilhante professor **Ítalo Arnaldo Tronca** que, com sua competência e perspicácia, ajudou-me sempre nos piores momentos da minha trajetória para a conclusão deste trabalho, momentos estes que não foram poucos – mas também existiram muitos belos momentos desta experiência inesquecível de produzir uma Tese de Doutorado.

Será que cometerei a injustiça do esquecimento? Tanta gente para agradecer... a parte sobre a Guerra do Vietnã desta pesquisa começou ainda no Mestrado e, logicamente, eu não poderia deixar de agradecer à mulher que tanto amei naquela fase da minha vida, a Cris. Nossos caminhos se separaram bruscamente, é verdade, mas jamais poderei esquecê-la e, tão pouco, jamais encontrarei as palavras certas para exprimir o quanto você foi importante para mim naqueles dias. *Seja sempre feliz, doce Cris!* E para os amigos, *desejo tudo de bom sempre!* Agradeço a existência e amizade do Zeca, da Ialê, da Flávia, do Edney (vulgo Maringá) e sua linda irmã Lígia, do Fabinho, do Hélio, do Alejo e sua Juliana e lindo filho, do Gustavo Tuna, do Evandro, do Daniel, do Luís, da Waka, do Renatão, do Tadeuzão e sua esposa Andréa, do João de Bragança, da Patrícia Gibin (vulgo Pati, sempre linda e sorridente), da Cláudia (*você é especial na minha vida!*), do pessoal do SEPAC (principalmente do Janiel e da linda Maria das Graças), da Jéssica, da minha turma do mestrado/doutorado, dos funcionários da pós-graduação, do pessoal da ALA (Academia Literária Atibaiense), da Mônica e minha turma no CCAA, da Eveline, da Cezaltina, da Janete, da Verônica, da Marília, da Onice, da linda Carla (minha doce e eterna Carlinha), da Michelle, da Ana Paula, entre tanta gente. Logicamente que não posso esquecer 4 pessoas em particular: o Alberto, grande e sensacional amigo de todas as jornadas; o casal Tiago e Josianne, que sempre foram amorosos demais comigo e que deverei milhares de coisas sempre; e para a Clícia, a pessoa que mais me conhece nesta vida. Todos vocês (e outros que não citei) **estarão sempre no meu coração!**

Mas meus agradecimentos especiais vão para minha família que, no decorrer de todos estes anos, foram a minha principal base de apoio e de amor. Sem eles este trabalho seria absolutamente impossível. Devo isto a eles, entre tantas outras coisas. Tios, tias, primos, primas, Suely, Vadão, Gilson e minhas duas avós (Amélia e Augusta): *vocês sempre serão a razão da minha existência!*

Índice

Introdução	1
O Imaginário da Guerra Fria	34
A Imprensa Brasileira	59
O Início das Guerras	102
Grandes Acontecimentos das Guerras	128
As Guerras, a Sociedade Brasileira e a Imprensa	168
O Fim das Guerras	219
Considerações Finais	251
Conclusão Final	265
Bibliografia	266

Introdução

Esta pesquisa pretende estudar, em termos históricos, as coberturas jornalísticas realizadas pela imprensa brasileira de duas guerras da segunda metade do século XX e compará-las. As guerras foram: a Guerra da Coreia (1950-1953); a Guerra do Vietnã na sua chamada “fase americana” (1964-1973). Na verdade, este trabalho visa analisar as representações da imprensa sobre as duas guerras.

O que tentaremos recuperar na cobertura das duas guerras foi como a imprensa brasileira as “usou” para defender suas posições políticas, quer a favor de um lado ou de outro; como ela denunciou seus pressupostos inimigos e celebrou seus pressupostos aliados; como apontou as “gentilezas” de um lado ou os abusos de outro; como fez referências ao que ocorria no Brasil, quer para atacar grupos políticos ou para escapar do julgo da censura; em outras palavras, a pesquisa vai recuperar como a imprensa brasileira construiu as guerras de acordo com suas conveniências e, logicamente, trabalhando com seus imaginários.

Dois guerras de repercussões mundiais, dois momentos políticos brasileiros diferentes, dois momentos tecnológicos da imprensa diferentes - a comparação entre a cobertura das duas guerras nos fornece uma visão da vida política brasileira em momentos distintos e, particularmente, tensos do século XX: a primeira metade da década de 50, momento onde a Guerra Fria estava sendo fixada na realidade do país; e as décadas de 60 e 70, momentos onde a ditadura militar consolidava-se no poder, tendo como oposição as guerrilhas revolucionárias e a Contracultura. A imprensa brasileira também apresentava diferentes inquietações, tanto do ponto de vista político quanto do ponto de vista técnico, sendo que estes dois misturaram-se intensamente.

Podemos dizer que as guerras eram vistas pela imprensa como “guerras transnacionais”: mesmo sendo guerras ocorridas fora do Brasil, as suas coberturas receberam enfoques com problemáticas políticas internas do país, sendo, portanto, fundamental entender esta dinâmica para compreender os imaginários pelos quais a imprensa construiu suas versões da guerra.

Partimos do suposto mais geral que a imprensa (e as assim chamadas mídias) procura, de uma maneira quase inconsciente, criar uma imagem que aponte para uma ordem, uma organização nos elementos que constituem o real da sociedade. Tais elementos estão impregnados, na maioria das vezes, de paixão, de componentes irracionais que coabitam com a razão. Neste sentido, a mídia manipula o real, mas também é manipulada por ele, na relação entre o real e as representações, entre o real e o imaginário social - relação esta que, em síntese, é instituinte da História.

No mundo em que vivemos, a mídia cobre praticamente todos os aspectos da vida humana, desde o acontecimento mais insignificante até o mais espetacular, numa complexa rede para a difusão da informação, do local do acontecimento até o local da recepção por seu destinatário, que consome tal informação fornecida pelo meio de comunicação que melhor lhe convier (ou dispuser). Tal alcance tem uma importância política muito grande, pois a produção de representações ganha novas e variadas formas, entrando nas disputas do poder político e, conseqüentemente, na disputa do simbólico da sociedade.

O poder político precisa dominar o imaginário e o simbólico para se impor. É por meio do imaginário que se pode atingir o coração de um povo, suas aspirações, medos, esperanças, com que uma sociedade define suas identidades, seus objetivos, seus inimigos, seu passado, presente e futuro. É pelo imaginário que uma sociedade se constitui, é no fazer de cada comunidade que se responde às suas perguntas, que uma sociedade se define.¹

Dominar o simbólico de uma sociedade é um dos caminhos para se chegar ao poder da mesma, sendo que, então, o simbólico é disputado entre os grupos rivais. A mídia, produtora por excelência de imagens e símbolos, ganha grande interesse. Seu discurso não é neutro, as representações criadas por ela fazem parte de um campo de luta política. Como argumenta Roger Chartier:

“As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação.”²

A produção simbólica da mídia tem as suas particularidades, pois a capacidade de seus meios de produzi-la e distribuí-la, tanto em termos de quantidade quanto de qualidade, é absolutamente inédita na história da humanidade. Em certos sentidos, seu alcance corresponde ao gigantesco número da população mundial, o que impossibilita a sua não participação nas decisões políticas. Em outras palavras, a população mundial tem de ser considerada dentro das discussões políticas atuais e os meios de comunicação servem para informar e abrir possibilidades de participação dessa população.

¹ - para Castoriadis, “é esse fazer social que só se deixa compreender como resposta a perguntas que ele próprio coloca.” Castoriadis, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. 3ª ed., São Paulo, Paz e Terra, 1982, p. 177;

² - Chartier, Roger. A História Cultural - entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro, Difel, 1990, p. 17;

Mas não é assim que acontece sempre. Os meios podem ter mudado, mas a luta pelo domínio do imaginário continua como em qualquer outra sociedade.³ Mesmo que os termos sejam diferentes, comparando-se com outras sociedades, essa luta pode utilizar a manipulação como arma - a mídia fornece condições concretas para a manipulação. Primeiro, os recursos técnicos dominam a produção das imagens (e, conseqüentemente, dos imaginários), grande parte voltada para a propaganda e publicidade; segundo, o fazer está sendo substituído pelo ver, o vivenciar pelo mostrar. A luta política continua a mesma, porém apresenta novos recursos que atingem uma população gigantesca, onde se valoriza mais o mostrar do que o viver, numa espécie de “jogo de aparências”, onde o “parecer” tende a superar o “fazer”.⁴

Podemos destacar dois exemplos deste “jogo de aparências”, que ocorreram nos Estados Unidos. Acusado de receber um fundo secreto para subornos, criado em 1950, Richard Nixon, candidato a vice-presidente na chapa de Dwight David Eisenhower, fez um histórico pronunciamento na televisão para explicar a existência deste fundo e defender-se das acusações de suborno. Nixon, então, “explicou” que não fez uso do fundo e que o pouco que tinha de patrimônio pessoal era de seu próprio esforço pessoal, pois “Pat (Ryan Nixon, sua esposa) e eu temos a satisfação de saber que cada centavo que temos é honestamente nosso”, acrescentando que “Pat não tem um casaco de mink, mas tem um respeitável casaco de tecido republicano.”⁵ Mas o “grande golpe” foi dado quase no final de seu pronunciamento, quando ele acrescentou mais um detalhe: um homem no Texas, depois de ouvir numa estação de rádio uma entrevista na qual Pat Nixon teria dito que suas filhas adorariam ter um cachorrinho, deu um pequeno cocker spaniel preto e branco à família Nixon. Richard Nixon então disse que “a nossa Tricia, que tem 6 anos de idade, lhe deu o nome de Checkers. Sabem, as crianças, como todas as crianças, adoraram o cachorro e eu quero dizer que não importa o que disserem, nós vamos ficar com ele.”⁶

Embora Nixon não tivesse explicado convenientemente muitas das acusações (como a própria existência do fundo), o “discurso de Checkers”, como ficou conhecido o episódio, foi uma das primeiras vezes onde o sentimentalismo na política foi utilizado, com sucesso, através da televisão: Nixon *mostrou-se* sentimental, o que o aproximou do seu público. Nixon seria confirmado na chapa de Eisenhower e venceria as eleições de 1952.

Mas, aparentemente, Nixon não tinha aprendido muito com o “discurso de Checkers” e sentiria a derrota através da televisão. O primeiro debate presidencial transmitido pela

³ - Balandier, George. *O Poder em Cena*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982;

⁴ - Balandier, George. op. cit.;

⁵ - extraído de: Ripley, C. Peter. *Nixon*. Coleção “Os Grandes Líderes”. São Paulo, Nova Cultural, 1989, pp. 27-28;

⁶ - Ripley, C. Peter. op. cit., p. 28;

televisão nos Estados Unidos ocorreu na disputa entre John Kennedy e o próprio Richard Nixon, em 1960. Kennedy preparou-se muito bem para o debate na televisão, mostrando-se jovial, ligeiro e desembaraçado perante as câmeras, diante de um Nixon pouco à vontade e sem a mesma segurança de seu oponente. Quem assistiu pela televisão deu vitória a Kennedy, enquanto que quem ouviu pelo rádio ou leu pelos meios escritos deu vitória a Nixon. Uma diferença considerável, visto que o debate foi o mesmo, mas com efeitos diferentes, de acordo com o meio de comunicação que foi acompanhado. Como o debate foi mais acompanhado pela televisão do que por qualquer outro meio, essa repercussão pode ter feito a diferença na vitória apertada de Kennedy sobre Nixon.⁷

Não são apenas as aparências que trabalham na linguagem da mídia, principalmente da televisão. O volume da massa de informações também presta-se à manipulação, pois a sua transmissão impõe um processo seletivo e de hierarquização dos emissores. Não podendo dominar a massa fragmentada e dispersa de informações, os indivíduos sentem maior necessidade de representações globais e unificadoras, que abrem espaço para manipulação. A propaganda abre e fecha este processo, produzindo os imaginários. A informação estimula a imaginação social e os imaginários estimulam a informação, num processo ativo, na qual se exerce o poder simbólico.⁸

Essas são as condições do imaginário social numa sociedade midiática, ou seja, as representações continuam sendo realizadas, no meio de um volume gigantesco de informações que não podem ser absorvidas pelos indivíduos, abrindo “espaços” para a manipulação por aqueles que detêm o poder. Utilizemos a televisão como exemplo: a própria representação que a televisão norte-americana tinha de si mesma, quando começou a ser vendida comercialmente, dá uma idéia disso, ou seja, que ela seria uma “janela para o mundo”.⁹ Uma janela, onde se poderia ver e ouvir o que acontecia fora de casa, no mundo. Uma janela que mostrava a verdade, o real, onde se via o que acontecia com os próprios olhos, o que aumentou a idéia de livre arbítrio nas pessoas que consumiam a produção da televisão. Mesmo assim, esse livre arbítrio tem os seus limites. A “janela” não era tão direta assim. Os “próprios olhos” não são os “próprios olhos”, pois o que se via pela televisão (assim como por qualquer outro meio de comunicação), eram representações, ou seja, imagens produzidas pelas câmeras de televisão, pela câmera fotográfica que produziu a fotografia, pelas palavras do jornalista que escrevia ou narrava o acontecimento.

⁷- Machado, Arlindo. *A Arte do Vídeo*. São Paulo, Brasiliense, 1988;

⁸- Baczko, Bronislaw. “*Imaginário Social*.” In *Enciclopédia Einaudi*, Nº 5, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985;

⁹- propaganda utilizada pelos primeiros produtores e comerciantes norte-americanos para vender a novidade chamada televisão, sendo que vinha escrito no manual de instruções. Arlindo Machado comenta: “O novo consumidor de bens materiais (...) encontra nos serviços de radiodifusão a ‘janela’ necessária para o contato (simbólico) com o exterior: já que ele não vai mais ao mundo, o mundo penetra em sua casa através da mediação do rádio (e, mais tarde da tevê).”; Machado, Arlindo. op. cit., p. 17;

Os acontecimentos ou fatos apresentados pelos meios de comunicação são representações, construções intelectuais. Com o desenvolvimento dos meios técnicos, a aproximação entre o acontecimento e a sua representação parece uma evidência indiscutível - pelo menos para a maior parte do público que assiste à televisão. O problema é que o público que normalmente assiste à televisão não tem consciência desse processo, acreditando que os acontecimento ou fatos são coisas que existem, aquilo que existe, aquilo que é, não considerando que se faz uma construção, um recorte. Os indivíduos pressupõe a existência de um "real" - sendo assim, o meio que apresentar um quadro mais amplo e fidedigno deste "real", estará mais próximo daquilo que essas milhões (ou bilhões) de pessoas acreditam ter sido o acontecimento ou fato. A televisão é esse meio, pois ela apresenta uma construção da realidade, mas não é isso que o público telespectador acredita. Para esse público, o conjunto que a produção televisiva (imagens/sons/movimento) apresenta constitui o quadro mais próximo da "realidade", ou seja, de como as coisas realmente aconteceram, daquilo que existe ou existiu, daquilo que é ou foi. Mas isso é apenas aparente, pois o que a televisão produz são construções, construções estas impregnadas de elementos irracionais, de emoções, de subjetivismo, ou seja, de imaginários, que muitas vezes representam uma projeção do posicionamento político ou emocional do repórter ou da empresa jornalística.

Mas nem tudo é, logicamente, manipulação. Os recursos técnicos aproximam o que os indivíduos acreditam ser os acontecimentos ou fatos (principalmente através dos meios audiovisuais), que, vindos dos mais variados lugares com culturas e imaginários diferentes, passam a ser absorvidos por diferentes sociedades, aproximando o que antes parecia distante, dando uma sensação de participação social muito maior. Em outras palavras, nem sempre a "criatura" corresponde aos desejos do "criador" e as leituras podem gerar significados inesperados no público, para surpresa dos produtores. A leitura, quer de um livro ou jornal (ou até mesmo o acompanhamento de um programa de TV ou de rádio) é um ato interpretativo e sempre varia de pessoa para pessoa, ou seja, de cada história pessoal, dos seus conhecimentos, das suas experiências, etc.¹⁰ De acordo com Roger Chartier:

"Não obstante, a experiência mostra que ler não significa apenas subordinação ao mecanismo textual. Seja lá o que for, ler é uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos

¹⁰ - Michel de Certeau argumentou que existe uma reapropriação do espaço organizado pelas técnicas de produção, que denominou "maneiras de fazer". São as "maneiras de fazer" que "formam a contrapartida, do lado dos consumidores (dominados?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política." Certeau, Michel de. A Invenção do Cotidiano - 1- Artes de Fazer. 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 1994, P. 41;

livros. Ler é uma resposta, um trabalho, ou, como diz Michel de Certeau, um ato de 'caça em propriedade alheia' (braconnage).¹¹

Trabalharemos nesta pesquisa, essencialmente, com a imprensa escrita brasileira, imprensa esta que recebeu influências de outros meios, principalmente da televisão, e que também construiu sua visão das guerras através dos imaginários de seu tempo.

Imaginário e Representações

Entendemos como imaginário a definição dada por Castoriadis, ou seja:

“O imaginário não é a partir da imagem do espelho ou no olhar do outro. O próprio “espelho” e sua possibilidade, e o outro como espelho são antes obras do imaginário, que é a criação ex nihilo. (...) O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos”.¹²

De acordo com essa definição, apenas podemos nos referir a alguma coisa quando ela foi criada imaginariamente - ou, em outras palavras, quando ela foi instituída. Quando o autor emprega *ex nihilo*, que significa a partir do nada, não está dizendo que esse nada seja total ou absoluto, mas sim uma série de indeterminações que são processadas imaginariamente e o seu resultado é instituído, podendo-se, então, a partir daí, falar-se de alguma coisa, que é justamente a parte instituída. A instituição da sociedade decorre da “materialização” de um magma de significações imaginárias sociais, somente a partir das quais os indivíduos e objetos podem ser captados ou mesmo simplesmente existir.¹³

A Guerra Fria (imaginário que envolveu as duas guerras) foi um exemplo literal dessa “construção”, pois resulta da materialização de um magma de significações imaginárias sociais ligados aos problemas políticos mundiais surgidos depois de 1945 (e da Segunda Guerra Mundial, em particular). O termo tornou-se perfeito para se entender o momento político

¹¹ - Chartier, Roger. “Textos, Impressão, Leituras.” In Hunt, Lynh (Org.). A Nova História Cultural. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 214;

¹² - Castoriadis, Cornelius. op. cit., p. 13;

¹³ - para Castoriadis, magma: “é aquilo de onde se podem extrair (ou: em que se podem construir) organizações conjuntistas em número indefinido, mas que não podem jamais ser reconstituído (idealmente) por composição conjuntista (finita ou infinita) dessas organizações.” E, complementando, Castoriadis afirmou: “Nossa colocação é de que tudo o que pode efetivamente ser dado – representação, natureza, significação – é segundo o modo de ser do magma.” Castoriadis, Cornelius. Idem, p. 388-389;

internacional, pois começou a ser travada uma “guerra” entre as superpotências (Estados Unidos e União Soviética), mas não diretamente militar, o que justificava a utilização da expressão complementar “fria”. Logo, o termo difundiu-se, tanto na imprensa mundial quanto entre os analistas de política internacional, civis ou militares.¹⁴

Mais do que as implicações políticas do termo, foi a criação de um novo problema, de um novo referencial para as sociedades da segunda metade do século XX, de uma nova condição que justificaria práticas políticas e ações - a Guerra Fria era uma realidade a ser discutida e vivida pois havia sido criada, inventada, instituída, - um imaginário radical, no sentido que lhe atribuiu Castoriadis.¹⁵

As sociedades humanas estão imersas dentro de imaginários, que são justamente os elementos que lhes dão suas formas e conteúdos. Estas considerações são de um caráter mais geral e amplo. Para se trabalhar historicamente, precisamos sair dessa imersão total e definir os imaginários; buscar a representação, pois é através dela que os imaginários se manifestam. Vamos discutir melhor o conceito de representação.

Entendemos por representação como alguma coisa que se encontra no lugar de outra coisa, ser o “outro do outro”, simultaneamente evocado e cancelado pela representação. O que representa, o que está no lugar de outra coisa, é o signo, ou seja, o elemento que possui um referencial ao qual ele se reporta.¹⁶ Em outras palavras, podemos dizer que a representação é a maneira subjetiva da manifestação do imaginário - é o tecido pelo qual o imaginário se manifesta através de uma linguagem, seja ela qual for. E, na constituição da linguagem, não podemos desprezar a sua forma. Segundo Roger Chartier:

“Contra a representação, elaborada pela própria literatura, segundo a qual o texto existe em si, separado de toda a materialidade, é preciso lembrar que não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor.”¹⁷

¹⁴ - o termo foi inventado por Walter Lippmann, utilizado no seu livro que discutia a situação internacional e que descrevia o clima de confronto entre as duas superpotências que se formaram depois do fim da Segunda Guerra Mundial: Estados Unidos e União Soviética. Extraído de: Fenelon, Déa R. A Guerra Fria. Coleção “*Tudo é História*”, Nº 64, São Paulo, Brasiliense, 1983;

¹⁵ - Castoriadis, Cornélius. op. cit., p. 414;

¹⁶ - Ferreira, Wilson Roberto Vieira. O Caos Semiótico - Comunicação no Final do Milênio: Ensaio da Crítica da Comunicação. 2ª ed., São Paulo, Terra Editorial, 1997, p. 67; e Gil, Fernando. “*Representazione*.” In Enciclopedia Einaudi. V. 11, Torino, Giulio Einaudi Editore, 1981;

¹⁷ - Chartier, Roger. “*O Mundo como Representação*.” In revista Estudos Avançados. Nº 11, São Paulo, Universidade de São Paulo, Maio/1991, pp. 182;

Podemos captar as representações das guerras no discurso da imprensa, inclusive na sua forma.¹⁸

Apesar das duas guerras se situarem geopoliticamente no interior de uma problemática internacional, as coberturas realizadas pela imprensa brasileira tiveram as suas peculiaridades, distinguindo-as das efetuadas por outros países. As notícias são retrabalhadas para cada público a que se destinam.¹⁹ A objetividade depende da sociedade, assim como a própria notícia, pois elas são particularizadas para cada público, não podendo ultrapassar seu público receptor - o meio emissor tem de conferir sentidos que este último possa entender.²⁰

Qualquer texto é uma construção e, como tal, não é neutro - está carregado de significados, objetivos, desejos, procurando convencer o leitor da “causa” defendida pelo meio. O discurso da imprensa procura relacionar sua “causa” com o seu público, procurando dar sentidos para que este último possa entender – e aceitar.²¹ Portanto, a imprensa procura construir discursos que procuram criar uma ressonância por parte da sociedade. E, como vimos anteriormente, nem sempre esses discursos funcionam como desejam os seus criadores. A luta pela atenção do público é sempre política – a luta social passa pelo imaginário.

Neste sentido, é importante discutir a obra de Sérgio Caparelli, Comunicação de Massa Sem Massa,²² que, apesar de não trabalhar diretamente com o imaginário, representa uma importante linha de pensamento, afirmando que os meios de comunicação e tudo que os envolve (inclusive mudanças tecnológicas) são imposições para a dominação de classes superiores sobre as classes inferiores. Para o autor, alguns veículos de comunicação, principalmente a televisão, são

¹⁸ - Bronislaw Baczko afirma que: “O imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção de “discursos” nos quais e pelos quais se efectua a reunião das representações colectivas numa linguagem. Os signos investidos pelo imaginário correspondem a outros tantos símbolos. É assim que os imaginários sociais assentam num simbolismo que é, simultaneamente, obra e instrumento.” Baczko, Bronislaw. op. cit., p. 311;

¹⁹ - na discussão sobre o fetiche da objetividade, Jesus Martín Barbero afirma que: “Existe fetiche na medida em que se toma por propriedade ou qualidade das coisas, dos textos como um produto social. É a sociedade que define o que é objetivo e o que não é.” Barbero, Jesus Martín. Comunicacion Masiva - Discurso Y Poder. Quito, CIESPAL, 1978, pp. 159-160, tradução minha;

²⁰ - mesmo a tradução de um texto de uma agência internacional de notícias, o que foi feito regularmente nas coberturas da duas guerras, é a construção de um novo texto, apesar de mostrar as mesmas idéias, para outra língua. O texto é traduzido, ou seja, é particularizado para o público de um país, sem contar com sua filtragem, a escolha de um texto e não de outro, o uso integral ou de partes e, no caso dessa última escolha, quais partes devem ser publicadas ou não, quer para os interesses do público ou da empresa. Como podemos perceber, mesmo a reprodução de um texto internacional é uma construção intelectual;

²¹ - de acordo com Baczko: “O nascimento e a difusão dos signos imaginados e dos ritos colectivos traduzem a necessidade de encontrar uma linguagem e um modo de expressão que correspondem a uma comunidade de imaginação social, garantindo às massas, que procuram reconhecer-se e afirmar-se nas suas acções, um modo de comunicação. Por outro lado, contudo, esse simbolismo e esse ritual fornecem um cenário e um suporte para os poderes que sucessivamente se instalam, tentando estabilizar-se. (...) “Os símbolos só são eficazes quando assentam numa comunidade de imaginação. Se esta não existe, eles têm a tendência de desaparecer da vida colectiva ou, então, a serem reduzidos a funções meramente decorativas.” Baczko, Bronislaw. op. cit., pp. 324-325;

impostos à sociedade com objetivos de dominação por parte das elites que utilizam esses meios, bem como de suas mensagens, para tal fim. O público, ou melhor dizendo, a massa, vai se formando a partir dessa imposição meio/mensagem, que transmite-lhes idéias da classe dominante.

Sérgio Caparelli faz parte da corrente da dependência cultural, o que explica seus procedimentos teóricos. A dominação vem de cima para baixo, dos países centrais do capitalismo para os periféricos, e estes últimos absorvem a cultura dos primeiros, perdendo sua identidade, sendo, portanto, dominados. A cultura dominante impõe-se perante um público passivo, que aceita de bom grado o que os países centrais colocam, ou, pensando-se de uma maneira mais local, a classe dominante impõe seus princípios às classes dominadas, que os aceitam passivamente.

As noções de jornalismo que vêm dos “países centrais” são, como defende Carlos Eduardo Lins da Silva, reelaboradas quando chegam, o que impossibilita uma dominação tão profunda como foi afirmada por Caparelli. Na obra de Lins da Silva sobre a influência do jornalismo norte-americano no Brasil, ele debate essa tese, concluindo que houve influência, mas que ela não foi total, já que seus conceitos adquiriram novos significados ao entrarem em contato com uma cultura distinta. A cultura de países diferentes faz com que suas influências sejam reprocessadas.²³

Essa também é a posição de Antônio Pedro Mota, na obra O Imperialismo Sedutor:

“Nossa americanização não se deu, obviamente, de forma passiva. Houve uma interação entre a cultura americana e a brasileira. O “choque cultural” provocado pela forte presença dos meios de comunicação norte-americanos não destruiu nossa cultura, mas, por certo, acabou produzindo novas formas de manifestação cultural.”²⁴

O mesmo ocorre com o público “massivo”, que não aceita passivamente tudo o que lhe é transmitido, fazendo uma reelaboração.

A corrente da dependência cultural é exclusivamente ideológica, pois não percebe as sutilezas contidas na própria dinâmica e na natureza dos meios de comunicação que, ao mesmo tempo, manipulam e são manipuladas por um imaginário social que é mais abrangente do que eles próprios.

²²- Caparelli, Sérgio. Comunicação de Massa Sem Massa. 3ª ed., São Paulo, Summus, 1986;

²³- Lins da Silva, Carlos Eduardo. O Adiantado da Hora - a Influência Americana Sobre o Jornalismo Brasileiro. São Paulo, Summus, 1991;

²⁴- Tota, Antônio Pedro. O Imperialismo Sedutor - a Americanização do Brasil na Época da Segunda Guerra. São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p. 191;

Outro ponto de vista nos é apresentado por Ciro Marcondes Filho, que vincula toda a produção da indústria cultural e da comunicação ao imaginário social, considerando-a não como uma imposição de cima para baixo, mas como reflexo do imaginário. O autor argumenta que:

*“O que desejo comprovar é que se a televisão apresentou um programa ideologicamente suspeito, tendencioso, politicamente parcial e este programa teve receptividade e audiência, não foi nada imposto, mas perfeitamente absorvido (e, por que não, desejado) por esse público”.*²⁵

Em uma outra obra sua, o autor seria mais completo:

*“A comunicação massificada não pode ser compreendida hoje em dia simplesmente como algo imposto ao público: esse processo de fato não se realiza. (...) Esses programas não são simplesmente impostos com fins manipulativos, de exploração ou maquiavelicamente formados para a sedução: eles vão ao encontro de reais necessidades do público. O fascínio que a comunicação exerce sobre o público vem desse aspecto.”*²⁶

Tal visão não é exclusividade da televisão e poderia ser confirmada na cobertura de jogos esportivos, onde é muito comum ser apresentadas notícias onde determinada agremiação ganhou uma partida na “raça”, mesmo quando o time não demonstrou tal característica, pois a imagem da agremiação está relacionada a esta característica e o público pode não aceitar uma construção diferente. Mesmo assim, tal procedimento não significa, necessariamente, uma determinação do público – é uma escolha editorial que pode ou não funcionar com o público. Entendemos que a relação comunicacional está baseada na “troca”, e não apenas na mera imposição, quer de cima para baixo ou de baixo para cima.

O radicalismo de Marcondes Filho faz pender o peso da sua argumentação sobre o papel do imaginário, não considerando que o imaginário social é, em última instância, ele também, um produto da sociedade, interagindo com outras variáveis, como economia, política e cultura, esfera em que estão inscritos os meios de comunicação e suas alterações. Nosso trabalho não concorda com os radicalismos descritos acima. Tentaremos demonstrar a dinâmica que o imaginário social percorre (como manipulador e manipulado) o tempo todo.

Vamos nos aprofundar em alguns conceitos, como a mídia, jornalismo e a construção da notícia.

²⁵- Marcondes Filho, Ciro. Quem Manipula Quem? - Poder e Massas na Indústria da Cultura e da Comunicação no Brasil. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1987, p. 28;

²⁶- Marcondes Filho, Ciro. “Fantástico, Gil Gomes, Quase 84: a Ideologia da Felicidade, da Transferência e do Mito na Comunicação Massificada Brasileira.” In Marcondes Filho, Ciro (Org.). Política e Imaginário nos Meios de Comunicação para Massa no Brasil. São Paulo, Summus, 1985, pp. 124-125.

Mídia, Jornalismo e Notícia

O ser humano necessita de comunicação para viver e, para tal, ele, antes de tudo, procura criar uma linguagem. Logo, é necessário a existência de meios físicos para se transmitir a linguagem e formar uma relação de comunicação (transmissor - receptor), cuja a fórmula básica desta relação pode ser assim sintetizada: *transmissor <-> meio <-> receptor*.²⁷ No decorrer da História, a humanidade desenvolveu meios para poder passar informações, ou simplesmente para expressar-se.²⁸ Tais meios nós chamamos de mídia. Ou, em outras palavras, mídia (grafia aportuguesada do latim *media*, que significa meios) é o conjunto dos meios de comunicação de uma sociedade.²⁹ Não trabalharemos com toda a mídia, mas com uma parte significativa da sua produção, ou seja, a jornalística e sua matéria-prima fundamental - a notícia. Vamos discutir melhor estes conceitos.

Uma das definições de jornalismo mais constantes está sintetizada nas palavras de Luiz Beltrão, que vê o jornalismo como *“a informação de idéias, situações e fatos atuais, interpretados à luz do interesse coletivo e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum.”*³⁰ Tal definição pode ser completada pelos 4 elementos básicos do jornalismo, levantados por Otto Groth, ou seja: a atualidade (o fato representa o momento presente), a periodicidade (repetição regular das publicações), a universalidade (diferentes temáticas) e a difusão coletiva (circulação dos periódicos de maneira a abranger um público heterogêneo). Dentro dessas definições, o jornalismo exerce as funções de informar, explicar e orientar. Tais funções são apenas aparentes, pois existe um leque maior de funções subjacentes, como a função econômica, a cultural, a ideológica, etc.³¹

A idéia de bem comum, segundo o conceito de Luiz Beltrão, talvez seja o ponto mais polêmico das discussões sobre jornalismo, pois, em muitos sentidos, é difícil definir o que significa “bem comum”. Este geralmente corresponde àquilo que o profissional no jornalismo quer que seja, dependendo do seu posicionamento político. No entanto, no Brasil esse conceito foi

²⁷ - Neiva Jr., Eduardo. Comunicação - Teoria e Prática Social. São Paulo, Brasiliense, 1991;

²⁸ - Eisenstein, Elizabeth L. A Revolução da Cultura Impressa - os Primórdios da Europa Moderna. São Paulo, Ática, 1998;

²⁹ - Dines, Alberto. O Papel do Jornal. 2ª ed., Rio de Janeiro, Artenova, 1977;

³⁰ - Beltrão, Luiz. Jornalismo Interpretativo. 2. ed., Porto Alegre, Sulina, 1980, p. 27;

³¹ - extraído de Lima, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas - o Livro Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993, pp. 20-21;

defendido, por exemplo, por Carlos Lacerda,³² sendo comum sua permanência na história da imprensa nacional.

Tal discussão nos remete a uma outra problemática do jornalismo, que ultrapassa as funções de informar e orientar, que é a sua função política, ou seja, a defesa dos interesses dos proprietários do meio de comunicação ou do próprio jornalista. O jornalismo não fala sozinho, ele representa forças econômicas e sociais.³³

A informação que os meios de comunicação transmitem é essencialmente política, ou seja, nas palavras de Maria Helena Capelato, é uma mercadoria política, visando produzir efeitos.³⁴ Isabel Lustosa, trabalhando com a imprensa do período de independência, mostra que a busca daqueles “jornalistas” e de seus insultos era a de produzir efeitos políticos no seu público:

*“O maior ou menor grau de adesão do auditório ao que discursa faz parte dos méritos do bom orador, independentemente do maior ou menor grau de verdade contido na mensagem que se propõe a transmitir. (...) Tal como pregador do alto do seu púlpito, encarando sua platéia e apurando a garganta para soltar a voz, o jornalista defronte da escrivadinha apontava sua pena de pato e pensava na reação de quem iria ler as linhas que lançaria sobre o papel. Seu objetivo, principalmente naquele momento em que se dividiam tão radicalmente as opiniões, era ganhar para sua causa o público leitor.”*³⁵

Mas não é apenas a informação em si (termo originado do latim *in formatio*, dar forma, enformar, organizar)³⁶ que é a mercadoria política (embora toda informação não deixe de ser política), mas a *forma* pela qual ela é transmitida por esses meios de comunicação, ou seja, como notícia.

Para Umberto Eco, a notícia destaca-se pela idéia de anormalidade - o que é comum e corriqueiro não é notícia, mas sim o que é extraordinário (como um exemplo típico dado no universo do jornalismo, um cachorro mordendo um homem não é notícia, mas o homem mordendo

³²- para Carlos Lacerda, a imprensa tem de ser livre para poder informar, mas tem seus limites, pois precisa respeitar a sociedade, respeitar o bem comum, o que, para o autor, era não ser mentiroso, ou seja, não ser comunista. Lacerda, Carlos. A Missão da Imprensa. Rio de Janeiro, Agir, 1950;

³³- Maria Helena R. Capelato afirma que: “Todos os jornais procuram atrair o público e conquistar seus corações e mentes. A meta é sempre conseguir adeptos para uma causa, seja ela empresarial ou política, e os artificios utilizados para esse fim são múltiplos.” Capelato, Maria Helena R. A Imprensa e História do Brasil. São Paulo, Contexto/EDUSP, 1988, p. 15;

³⁴- Capelato, Maria Helena R. op. cit., p. 18;

³⁵- Lustosa, Isabel. Insultos Impressos - a Guerra dos Jornalistas na Independência, 1821-1823. São Paulo, Companhia das Letras, 2000, pp. 421-422;

³⁶- Dines, Alberto. op. cit., p. 37;

o cachorro o é).³⁷ Já Nilson Lage aprofunda esses conceitos, afirmando que a notícia é o “relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante”, com dois componentes básicos: uma organização relativamente estável (**componente lógico**) e elementos escolhidos segundo critérios de valor essencialmente cambiáveis que se organizam na notícia (**componente ideológico**).³⁸ Ciro Marcondes Filho argumenta que notícia é o anormal que interessa aos jornais como porta-vozes de correntes políticas e, sendo mais radical que Lage, insiste em que a notícia é a informação transformada em mercadoria, sofrendo tratamento de adaptação mercadológica (generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo), servindo como forma de manipulação ideológica, pertencendo ao jogo de forças da sociedade.³⁹ Este o autor valoriza o caráter manipulador que a informação tem na forma de notícia, única e exclusivamente, idéia com a qual não concordamos inteiramente.

Podemos perceber, a partir dessas definições, que encontramos diferenças entre os conceitos de notícia e informação, que muitas vezes são vistos como uma coisa só. Existe uma diferenciação fundamental entre estes conceitos: **toda notícia é informação, mas nem toda informação é notícia; para ser notícia é preciso que a informação seja transformada, ou seja, que passe pelo processo de construção jornalística, que varia conforme o meio de comunicação que a transforma.**⁴⁰

Relato, organização e transformação são conceitos que nos ajudam a entender o que é notícia. O que é publicado ou apresentado num meio de comunicação é um produto intelectual construído a partir de fatos ou acontecimentos, que, de acordo com Paul Veyne, são cortes que realizamos livremente na realidade, que apresenta um conglomerado de procedimentos interagindo entre si. Os fatos têm sua organização natural, encontrada pronta, e o esforço intelectual de reproduzi-los é o de reencontrar essa organização. Os fatos ou acontecimentos também são

³⁷ - Eco, Umberto. *“Obbiettività Dell’Informazione: il Dibattito Teorico e le Transformazione Della Società Italiana.”* In Livolsi, M. e Panozzo, G. (Orgs). *Informazione. Consenso e Dissenso*. Milão, Saggiatore, 1979;

³⁸ - Lage, Nilson. *Ideologia e Técnica da Notícia*. Petrópolis, Vozes, 1979;

³⁹ - Marcondes Filho, Ciro. *O Capital da Notícia – Jornalismo como Produção Social de Segunda Natureza*. 2ª ed., São Paulo, Ática, 1989;

⁴⁰ - mas devemos tomar cuidado com os conceitos de informação e notícia. O ato de contar histórias (ou, como definiu Walter Benjamin, a narrativa), que é uma das práticas de comunicação mais antigas do Homem, também seria uma forma de informação ou de notícia? O próprio Walter Benjamin fez uma distinção importante entre a informação e a narrativa: a informação ataca a narrativa, pois a primeira depende de uma série de fatores, como verificabilidade, plausibilidade, explicação constante, fatores que não podem ser atribuídos à narrativa, pois esta depende da experiência do narrador, que colhe o que narra na experiência, própria ou relatada, e transforma este material de novo em experiência dos que ouvem a sua história. Na palavras de Benjamin: “O mérito da informação reduz-se ao instante em que era nova. Vive apenas nesse instante, precisa entregar-se inteiramente a ele, e, sem perda de tempo, comprometer-se com ele. Com a narrativa é diferente: ela não se exaure.” Benjamin, Walter. *“O Narrador.”* In Arantes, Paulo Eduardo (Consultoria). *Textos Escolhidos – Benjamin/Adorno/Horkheimer/Habermas*. Coleção “Os Pensadores”, São Paulo, Abril Cultural, 1980, pp. 60-62;

construções e seus relatos nunca são totais, pois dependem do ponto de vista escolhido pelo narrador ou da trama que escolher, transformando tais relatos em visões parciais da realidade.⁴¹ Tais idéias, que são normalmente aplicadas especificamente à História, também se aplicam ao jornalismo, pois o que os meios de comunicação relatam são malhas dos fatos ou acontecimentos, através dos quais é construída uma parte da realidade. E a maneira de relatar é tão fundamental quanto a própria malha dos fatos ou acontecimentos.

O jornalista é enviado ao lugar onde ocorreu o acontecimento, fazendo o seu relato, ou seja, a sua construção do que aconteceu. Neste momento, o jornalista se baseia na sua visão do que é mais importante relatar ou não, quer por sua experiência profissional ou pelo enfoque exigido pelo meio de comunicação - a pauta - no qual trabalha. O material é enviado a esse meio, sendo analisado e discutido sobre a sua publicação ou não. Caso o material seja aprovado para publicação, ele não é apresentado de qualquer maneira - seu posicionamento no veículo, tamanho, destaque, título, fotografias, toda a parte formal também é discutida, pensada dentro dos interesses do veiculador da notícia. Assim, a idéia de construção, em lugar de manipulação pura e simples, como defende Ciro Marcondes Jr., seria o termo mais indicado, pois os elementos são recolhidos e construídos intelectualmente, podendo, além disso, ser utilizados para a manipulação.

Maria Helena Capelato tem a sua obra voltada para o estudo da imprensa. Suas obras, O Bravo Matutino - Imprensa e Ideologia no Jornal "O Estado de São Paulo" e Os Arautos do Liberalismo. Imprensa Paulista, 1920-1945,⁴² são estudos sobre como a imprensa paulista se considerava a representante do Iluminismo, a "Intérprete das Luzes", e como acreditava cumprir um papel de relevância histórica para o país, pretendendo moldar a opinião pública:

*"O projeto pedagógico que visava regenerar o país com base nos parâmetros do liberalismo orientou a intervenção dos representantes dos periódicos na vida política e social. Por isso, procuro refletir sobre o significado da imprensa, instrumento de manipulação de interesses, concebendo-a como agente da história que ela também registra e comenta."*⁴³

Capelato vai além do jornal. Continuando a citação acima:

"Nesse sentido me proponho a desmistificar a categoria abstrata "jornal", fazendo emergir a figura dos jornalistas como sujeitos

⁴¹ - Veyne, Paul. Como se Escreve a História. 2ª ed., Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1992;

⁴² - Capelato, Maria Helena R. e Prado, Maria Lígia. O Bravo Matutino - Imprensa e Ideologia no Jornal "O Estado de São Paulo". São Paulo, Alfa-Omega, 1980; Capelato, Maria Helena R. Os Arautos do Liberalismo - Imprensa Paulista, 1920-1945. São Paulo, Brasiliense, 1989;

⁴³ - Capelato, Maria Helena R. Os Arautos do Liberalismo. op. cit., p. 12;

*dotados de consciência que se determina na prática política. Procuro, portanto, reconstruir a inserção da imprensa na história, captando o movimento vivo das idéias e dos personagens que nela se encontram.*⁴⁴

Os jornalistas são, portanto, sujeitos dotados de consciência.

O ensaio de Marc Paillet, Jornalismo - O Quarto Poder,⁴⁵ procura discutir inúmeros pontos gerais sobre o Jornalismo, demonstrando como funciona esse “quarto poder”. O autor destaca que a informação noticiosa é uma construção intelectual, pois mostra algumas faces do acontecimento, que são escolhidas por quem produz a notícia e também pelo órgão que a publica:

*“Todo discurso (...) veicula uma mensagem que exprime o ponto de vista do locutor, de modo declarado ou sub-reptício, com força ou por insinuação, conscientemente ou não. Em questão de jornalismo, esse locutor pode ser uma coletividade (na maior parte das vezes) ou um indivíduo, ele pode agir sob ordens ou por sugestão, por servilismo, por interesse ou por idealismo... A História e o panorama dos media oferecem um grande leque de opções.”*⁴⁶

Não podemos deixar de destacar que existe também uma luta dentro dos próprios meios de comunicação, pois, inúmeras vezes, os jornalistas procuram publicar notícias com enfoques diferentes daqueles que foram determinados pelos donos dos meios, provocando conflitos, como o que aconteceu em 1976 na *Veja*, onde o jornalista Mino Carta, redator-chefe da revista, desligou-se da mesma pressionado pela direção, pois ele utilizava-se da seção “Carta ao Leitor”, além dos artigos de Plínio Marcos, para criticar radicalmente o governo militar, enfoque que a direção da revista não desejava.⁴⁷ Outro fator que pode interferir na construção noticiosa é a aceitação de dinheiro (tanto pelos donos dos meios quanto pelos jornalistas) para produzir determinada notícia a favor do grupo pagante.⁴⁸

Como podemos perceber, existem muitos filtros entre o acontecimento e a sua apresentação como notícia. Nesse sentido, os meios técnicos para a apresentação da notícia são tão importantes quanto a própria, pois é nesse momento, o da apresentação, (onde a diagramação e criação de títulos são fundamentais), que uma notícia ganha ou perde em importância, que seu

⁴⁴ - Capelato, Maria Helena R. Idem;

⁴⁵ - Paillet, Marc. Jornalismo - o Quarto Poder. São Paulo, Brasiliense, 1986;

⁴⁶ - Paillet, Marc. op. cit., p. 122;

⁴⁷ - Chagas, Carmo; Mayrink, José Maria; e Pinheiro, Luiz Adolfo. 3 X 30 - os Bastidores da Imprensa Brasileira. São Paulo, Editora Best Seller, Circulo do Livro, 1992; o incidente também é retratado pelo próprio Mino Carta, embora de maneira bastante ficcional, no romance O Castelo de Âmbar. Carta, Mino. O Castelo de Âmbar. Rio de Janeiro, Record, 2000;

⁴⁸ - Assis Chateaubriand, o criador dos Diários Associados, utilizava desta “prática” constantemente. Moraes, Fernando. Chatô - o Rei do Brasil. 2. ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1994;

conteúdo é passado de uma maneira ou de outra, de acordo com os interesses políticos envolvidos, tanto para a persuasão quanto para o esquecimento. Portanto, a técnica de constituição do veículo é tão importante quanto o próprio conteúdo das notícias, valorizando o papel das novas tecnologias dentro desses meios de comunicação, pois novas técnicas não são resultado apenas de uma busca em agradar ao público, mas também de preocupações políticas. **Não é apenas o conteúdo da notícia que é importante, mas também a sua forma.**

O estudo de Capelato nas obras já citadas anteriormente enfatiza os discursos, mas não por desconsiderar a importância da forma na qual eles são produzidos. No período pesquisado, a valorização do conteúdo tinha uma razão de ser: na verdade, os recursos tecnológicos da época é que ainda não haviam desenvolvido uma maior sofisticação formal do texto jornalístico, pois a *“apresentação dos jornais daquela época era desordenada, tendo em vista os limites das técnicas que utilizavam. A conquista do público se dava por outras vias.”*⁴⁹ Posteriormente, se os jornais quisessem expressar (e formar) opiniões, e pretendessem conquistar o leitor, precisariam considerar questões formais. Na sua tese de doutorado, que deu origem ao livro Os Arautos do Liberalismo, essa preocupação ganha maior destaque:

*“Não se dispunha naquela época dos recursos atualmente utilizados para conquistar o leitor. A imprensa de hoje dispensa um cuidado especial à paginação e diagramação. Rafael de Souza Silva, em sua análise sobre a diagramação, constatou que, ao tomarem impulso, os veículos de comunicação de massa (os eletrônicos principalmente) provocam radicais transformações nos canais impressos para acompanhar as novas técnicas e costumes de um público cada vez mais exigente. Por esse motivo, o jornalismo impresso reestruturou toda a sua roupagem gráfico-editorial.”*⁵⁰

A imprensa sempre apresentou novas tecnologias, mesmo que nem sempre estas novas tecnologias consigam ser vitoriosas em termos de público (o novo, no lugar de atrair, pode, muitas vezes, afastar).⁵¹ No momento particular destas duas guerras, ocorria intensa mudança tecnológica na imprensa, tendo como uma das principais causas a televisão. Na Guerra da Coreia, a televisão estava começando a influenciar a imprensa escrita, mas ainda sem muita força; na Guerra do Vietnã sua influência era muito maior, debatendo-se diretamente com a ela.

⁴⁹ - Capelato, Maria Helena R. e Prado, Maria Lígia. O Bravo Matutino - Imprensa e Ideologia no Jornal “O Estado de São Paulo”. op. cit., p. 19;

⁵⁰ - Capelato, Maria Helena R. Os Intérpretes das Luzes - Liberalismo e Imprensa Paulista: 1920-1945. São Paulo, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1986, pp. 17-18 (mimeo);

⁵¹ - Dines, Alberto. op. cit.;

Duas grandes questões foram suscitadas pela televisão: a primeira foi a presença da imagem; e a outra questão, assim como o rádio já havia levantado, foi a relação dos meios de comunicação com o tempo, pois a televisão (e sua produção jornalística, o telejornalismo) não se utiliza do espaço, como os meios escritos, mas sim do tempo. Ao configurar a questão do tempo, acelerando-o o máximo possível, criou uma nova ambiência na sociedade (um conceito de Marshall McLuhan que discutiremos a seguir) que os outros meios tentariam compensar.⁵²

De um modo geral, podemos classificar as alterações produzidas na imprensa escrita pela televisão em duas partes: primeiro, mudanças de ordem gráfica, de distribuição espacial, valorizando a diagramação e suas possibilidades (desenhos, títulos, protótipos, etc.), dando uma visualização diferente e mais fluida, mas principalmente valorizando a fotografia, a imagem; segundo, com as novas distribuições gráficas, houve uma diminuição do material escrito - para se dar menos tempo de leitura para o leitor, o que obrigou o corpo de jornalistas e seus colaboradores a serem mais seletivos na abordagem e na apresentação dos assuntos noticiados, preocupando-se com as novas percepções do público leitor, influenciadas pela televisão.

Podemos dizer que desaparece a fronteira entre o conteúdo e a forma, ambos são indissociáveis, ambos são conteúdo. Conteúdo (mensagem) e forma (que atinge, primordialmente, o meio) são fundamentais para as representações criadas pela imprensa, sendo que um é tão importante quanto o outro, e os dois têm de ser pensados juntos. E questões sobre conteúdo e forma também são discutidos em vários campos do saber, inclusive na historiografia.

Conteúdo e Forma

Robert Darnton procura estudar a História Cultural através dos textos por si mesmos. Nas palavras do autor na sua obra O Grande Massacre de Gatos:

“A noção de leitura está em todos os capítulos, porque se pode ler um ritual ou uma cidade, da mesma maneira como se pode ler um conto popular ou um texto filosófico. O método de exegese pode variar mas, em cada caso, a leitura é feita em busca do significado - o significado inscrito pelos contemporâneos no que quer que sobreviva de sua visão de mundo.”⁵³

⁵² - Bahia, Juarez. Jornal, História e Técnica - as Técnicas do Jornalismo. 4ª ed., São Paulo, Ática, 1990; e McLuhan, Marshall. O Meios de Comunicação Como Extensões do Homem (Understanding Media). São Paulo, Cultrix, 1969;

⁵³ - Darnton, Robert. O Grande Massacre de Gatos - e Outros Episódios da História Cultural Francesa. 2º ed., Rio de Janeiro, Graal, 1996, p. XVI;

O documento por si só parece suficiente para Darnton, num primeiro momento. Mesmo não valorizando totalmente as questões formais, o próprio Darnton nos relata que tais questões são vitais para o historiador. No mesmo Massacre dos Gatos, o autor afirma que:

*“O maior obstáculo é a impossibilidade de escutar as narrativas, como eram feitas pelos contadores de histórias. Por mais exatas que sejam, as versões escritas dos contos não podem transmitir os efeitos que devem ter dado vida às histórias no século XVIII: as pausas dramáticas, as miradas maliciosas, o uso dos gestos para criar cenas - uma Branca de Neve com uma roda de fiar, uma Cinderela catando os piolhos de uma irmã postiça - e o emprego de sons para pontuar as ações - uma batida à porta (muitas vezes obtidas com pancadas na testa de um ouvinte) ou uma cacetada, ou um peido. Todos esses dispositivos configuravam o significado dos contos e todos eles escapam ao historiador. Ele não pode ter certeza de que o texto inerte e sem vida que ele segura, entre as capas de um livro, fornece um relato exato da interpretação que ocorreu no século XVIII. Não pode sequer ter certeza de que o texto corresponde às versões não escritas de um século antes.”*⁵⁴

Já na obra O Iluminismo como Negócio, Darnton aborda o problema da forma com mais profundidade:

*“Discorremos pormenorizadamente sobre a produção da Enciclopédia in-quarto porque ela ilustra o modo como a maioria dos livros era produzida na era da prensa manual. Na época, a matéria-prima da literatura tinha muito mais importância do que em nossos dias. (...) O material com que se fabricava a página era tão importante quanto a mensagem nela impressa. Portanto, a história editorial deve levar em conta o ciclo do papel (...).”*⁵⁵

Mas o historiador Roger Chartier é mais enfático na problemática conteúdo/forma: em suas análises sobre o mundo do leitor (sua preocupação consiste na produção e leitura de livros), o historiador enfatiza que não são apenas as idéias contidas nos livros que são importantes, mas também a forma como o livro é constituído, ou seja, em que papel, em quantas páginas, em que tamanho de letras (que pode facilitar ou dificultar a leitura), pois essas questões formais também fazem parte do universo do leitor. Na obra A Ordem dos Livros, Chartier afirma que:

“é preciso levar em conta que as formas produzem sentidos e que um texto, estável por extenso, passa a investir-se de uma significação

⁵⁴ - Darton, Robert. op.cit, pp. 32-33;

⁵⁵ - Darton, Robert. O Iluminismo como Negócio - História da Publicação da “Enciclopédia”, 1775-1800. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, pp. 401-402;

e de um status inéditos, tão logo se modifiquem os dispositivos que convidam à sua interpretação.”⁵⁶

No texto, “*Textos, Impressão, Leituras*”, o historiador enfatiza que

*“Em contraste com a representação do texto ideal e abstrato - que é estável por ser desvinculado de toda materialidade, uma representação elaborada pela própria literatura - é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até o seu leitor. Assim, é necessário fazer uma distinção entre dois tipos de aparato: aqueles impostos pela colocação do ‘autor’, e aqueles que resultam da manufatura do livro ou da publicação, produzidos por decisão editorial ou através de processos industriais, e dirigidos aos leitores ou a leituras que podem não ter absolutamente nada em comum com as expectativas do autor.”*⁵⁷

Outros historiadores também considerariam o problema conteúdo/forma, como é o caso de Carl Schorske e suas análises sobre o final do século XIX em Viena:

*“Assim como é necessário conhecer os métodos críticos da ciência moderna para interpretá-la historicamente, da mesma forma é preciso conhecer os tipos de análise empregados pelos estudiosos modernos de humanidades para abordar a produção cultural não-científica do século XX. Só assim pode-se ler um texto - uma peça teatral, um projeto urbano, uma pintura ou um tratado de psicologia - e entender o seu conteúdo (e no qual a forma é um componente importante).”*⁵⁸
(grifos meus)

Nesse sentido, podemos dizer que desaparece a fronteira entre o conteúdo e a forma, ambos são indissociáveis, ambos são conteúdo.

Também existem estudos que dão à forma um valor absoluto. É o caso do pensador canadense Marshall McLuhan, que desenvolveu uma importante linha de pensamento sobre os meios de comunicação na década de 60.

McLuhan contesta os teóricos da Escola de Frankfurt que defendem, invariavelmente, que o conteúdo sempre é esvaziado pela forma, sendo que esta última não passa de um estratagema para transformar “cultura” em “banalidades”, ou, em outras palavras, em

⁵⁶ - Chartier, Roger. *A Ordem dos Livros - Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa entre os Séculos XIV e XVIII*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1995, p. 13;

⁵⁷ - Chartier, Roger. “*Textos, Impressão, Leituras*.” In Hunt, Lynh (Org.). op. cit., p. 220;

⁵⁸ - Schorske, Carl E. *Viena: Fin-De-Siècle - Política e Cultura*. São Paulo: Campinas, Companhia das Letras, Campinas: Editora da UNICAMP, 1988, p. 17;

mercadorias, podendo-se, então, aplicar a ideologia de dominação sobre a sociedade ou sobre “as massas”.⁵⁹ O conteúdo é ligado à forma pela perda, portanto, e não como ganho ou complementação - a mensagem é o fator que importa, indiferentemente do meio. O mesmo se aplica para o jornalismo de um modo geral, área também catalogada como produto da Indústria Cultural.

Marshall McLuhan trabalha com a forma ou, dentro da sua linguagem, com o Meio. Para o autor, os meios são extensões dos sentidos humanos: a experiência humana é plural e difusa, sendo que a consciência recebe uma grande variedade de sensações simultâneas. No centro do espírito do homem, existe um órgão psíquico onde se opera os cinco sentidos, proporcionando uma base comum de experiência consciente.⁶⁰ Para o autor, a “transmissão de experiências entre os seres resulta em simplificação e distorção”.⁶¹ Mesmo assim, algumas formas de comunicação conseguem melhores resultados, pois a capacidade de um meio agir depende do número de canais sensoriais que ele chame a atuar, quando esteja operando adequadamente. A palavra falada, para McLuhan, preenche esses requisitos melhor do que outros meios, pois exerce poder sobre a imaginação de quem ouve e por ser a “linguagem natural do homem”.⁶²

O surgimento da imprensa forçou o homem a se concentrar mais na visão em detrimento dos outros canais sensoriais, gerando um novo ser - o “homem gutemberguiano” (daí o nome de uma de suas principais obras, *Galáxia de Gutemberger*), ou seja, um homem mais lógico, disciplinado, “com espírito fechado a possibilidades mais amplas da expressão imaginativa”, pontual e produtivo, submetendo-se “a quadros de horários e à racionalização da vida moderna”.⁶³

Assim, a imprensa escrita mudou a forma de adquirir o conhecimento, levando o homem a uma atitude conformista. Mas o surgimento dos meios eletrônicos tornou a comunicação um ato de reproduzir a simultaneidade plural do pensamento, devolvendo o homem a uma relação social anterior à imprensa. O “homem eletrônico” voltou a encontrar-se numa aldeia tribal, de escala planetária, a chamada Aldeia Global, onde a mesma experiência comunicativa é compartilhada por diferentes culturas.⁶⁴

O “novo ambiente” reprocessa o velho radicalmente. O que importa é o efeito mental imediato que os meios de comunicação provocam, e não as mensagens que eles veiculam,

⁵⁹ - discussão extraída de: Arantes, Paulo Eduardo (Consultoria). op. cit.; Slater, Phil. *Origem e Significado da Escola de Frankfurt*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978; Eco, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo, Perspectiva, 1979; e Elísio dos Santos, Roberto. *Introdução à Teoria da Comunicação*. São Bernardo do Campo, Editora do IMS, 1992;

⁶⁰ - McLuhan, Marshall. op. cit.;

⁶¹ - McLuhan, Marshall. Idem;

⁶² - McLuhan, Marshall. *A Galáxia de Gutenberg - a Formação do Homem Tipográfico*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977;

⁶³ - McLuhan, Marshall. op. cit.;

⁶⁴ - McLuhan, Marshall. *O Meios de Comunicação Como Extensões do Homem (Understanding Media)*. op. cit.; e McLuhan, Marshall. *Guerra e Paz na Aldeia Global*. Rio de Janeiro, Record, 1971;

surgindo daí sua formulação mais polêmica: “O meio é a mensagem”. E a mensagem de um meio é sempre um outro meio, pois, para o autor, “a mensagem da escrita é a fala; a da imprensa, a linguagem escrita; a do telégrafo, a palavra impressa, e assim por diante.”⁶⁵

Já no caso do Meio, sua importância consiste na mudança de escala nas relações humanas por ele introduzida, pois “a noção de distância/tempo mudou após a invenção de trem e do avião”.⁶⁶ Nas palavras do próprio McLuhan:

*“O meio é a mensagem significa, em termos da era eletrônica, que já se criou um ambiente totalmente novo. O ‘conteúdo’ deste novo ambiente é o velho ambiente mecanizado da era industrial. O novo ambiente reprocessa o velho tão radicalmente quanto a TV está reprocessando o cinema.”*⁶⁷

Sua argumentação defende que cada nova tecnologia cria uma nova ambiência (percepções mentais e sociais) para o homem.⁶⁸ O homem vive e se desenvolve historicamente dentro dessa ambiência. Nas palavras de McLuhan:

*“Podia haver certa vantagem em substituir a palavra galáxia por meio ambiente. Qualquer nova tecnologia de transporte ou comunicação tende a criar seu respectivo meio ambiente humano. (...) Ambientes tecnológicos não são recipientes puramente passivos de pessoas mas ativos processos que remodelam pessoas e igualmente outras tecnologias.”*⁶⁹

A teoria de McLuhan apenas poderia ter sido concebida com a presença do novo meio de comunicação - a televisão - , pois este era o meio de produção visual por excelência e estava, pelo menos aparentemente, deixando o mundo “menor” com maior sensação de rapidez, o que justificaria a idéia da existência de uma “aldeia global”. Essa visão confirma o quanto a televisão influenciava o imaginário social de sua época e continuaria influenciando posteriormente.

As idéias de McLuhan apresentam alguns problemas. Uma das críticas que podemos levantar está no fato de que muitas de suas análises são pouco precisas historicamente: a

⁶⁵ - McLuhan, Marshall. O Meios de Comunicação Como Extensões do Homem (Understanding Media). op. cit., p. 11;

⁶⁶ - McLuhan, Marshall. Idem, p. 11;

⁶⁷ - McLuhan, Marshall. Idem, ibidem, pp. 11-12;

⁶⁸ - McLuhan faz distinção dos efeitos dos meios de comunicação, sendo que “um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em ‘alta definição’”, sendo que alta definição quer dizer “um alto estado de saturação de dados”, tendo como exemplos o rádio e a fotografia; enquanto que aqueles que permitem maior participação dos receptores no entendimento de seus enunciados com o mínimo de quantidades de informação (de “baixa definição”) são os meios frios, como, por exemplo, a fala, o desenho, o telefone e a TV. McLuhan, Marshall. Idem, ibidem, pp. 38-50;

escrita de livros à mão continuou sendo uma prática comum na Europa, apesar da invenção da prensa. De acordo com Roger Chartier, a prática de escrever livros à mão apenas foi abandonada no século XIX.⁷⁰ Nesse sentido, a alteração dos sentidos foi bem menos radical do que a proposta por McLuhan.

Outra crítica vem da própria essência do seu pensamento, pois suas análises são excessivamente baseadas nos aspectos técnicos dos meios de comunicação, sem preocupações com os conteúdos das mensagens, já que uma das suas premissas básicas é a de que o meio já é o fim em si mesmo. As mudanças tecnológicas são fundamentais neste processo, mas o conteúdo também, pois ele é alterado, não é alheio a estas mudanças. A nosso ver, tal separação é um dos problemas mais graves em relação às teorias do pensador canadense. Nosso trabalho pretende fazer a relação entre o meio e o conteúdo, não a sua análise isolada.⁷¹ Além do mais, a afirmação “o meio é a mensagem” nem sempre é correta, pois o receptor tem liberdade para interpretar as informações, podendo atribuir significados diferentes.⁷² Forma e conteúdo sempre devem ser pensados juntos, sem que um se valorize em detrimento do outro.⁷³ E a televisão não os separou na cobertura das guerras.

⁶⁹ - McLuhan, Marshall. A Galáxia de Gutenberg - a Formação do Homem Tipográfico. op. cit., p. 15;

⁷⁰ - Chartier, Roger. A Aventura do Livro – do Leitor ao Navegador. São Paulo, Editora UNESP, Imprensa Oficial do Estado, 1999;

⁷¹ - Umberto Eco também contesta esse exagero teórico de McLuhan. Na obra Viagem na Irrealidade Cotidiana, Eco afirma que “grande parte das teses de Marshall McLuhan acerca da natureza dos mídias, por exemplo, deriva do fato de ele chamar ‘mídias’, em geral, aos fenômenos que ora são redutíveis ao canal, ora ao código, ora à forma da mensagem.” Eco, Umberto. Viagem na Irrealidade Cotidiana. 2. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 39;

⁷² - quanto ao poder dos meios de comunicação e das formas de decodificação das mensagens por parte dos receptores, Eco afirma que “Ninguém controla o modo como o destinatário usa a mensagem - salvo em raros casos. Nesse sentido, ainda que tenhamos deslocado o problema, ainda que tenhamos dito ‘o mídia não é a mensagem’ mas ‘a mensagem depende do código’, não resolvemos o problema da era das comunicações.” Eco, Umberto. op. cit., p. 52;

⁷³ - algumas correntes teóricas também valorizam a forma de maneira excessiva como é a chamada **Teoria da Informação**, também conhecida como **Teoria da Matemática da Comunicação**. Esta corrente tem como base a quantidade (teor ou taxa) de informação existente num processo comunicacional. Essa teoria procura eliminar os problemas de transmissão (Ruído) em canais físicos, através de seleção, escolha e discriminação de signos para conseguir veicular mensagens de forma econômica e precisa. Como nenhum processo de comunicação está isento de erro ou distúrbio, essa teoria busca aumentar o rendimento informativo das mensagens, quer pelo uso da **Redundância** (excesso de sinais sobre o mínimo necessário para transmissão de informação) ou quer pela escolha do **Código** (sistema de símbolos que, por convenção prévia, representa e transmite a mensagem da Fonte ao Destinatário) mais eficiente. Ela relaciona o conceito de entropia física (que é a medida do grau de desordem, de incerteza de um sistema) com a informação, pois enquanto que o primeiro descreve um estado de desorganização, o segundo procura reduzir as incertezas. Assim, quanto mais provável - e com o menor número de ruídos - a mensagem, menor a informação recebida; por sua vez, quanto mais original ou inesperada - com o maior número de ruídos possível - , maior será a informação recebida, mas com a diminuição da probabilidade de recepção. Já a redundância aumenta a previsibilidade da informação, introduzindo certa capacidade de absorção de ruído e prevenção de erro, diminuindo a liberdade de interpretação do receptor. A mudança de incerteza do receptor depois de receber uma mensagem depende do conteúdo informacional dessa mensagem (de sua originalidade ou previsibilidade), do uso correto do Canal

Coréia e Vietnã: Guerras da Televisão

Sobre a cobertura das guerras especificamente, podemos dizer que, na verdade, ocorrem duas guerras: a primeira é a propriamente dita, com mortes e violência, dentro de esquemas militares, situações perigosas para ambos os lados, no chamado “teatro de operações”; e a segunda é aquela apresentada pela mídia, construída para ser acompanhada pelo público. Em outras palavras, a “primeira guerra” constrói a “segunda guerra” e a “segunda guerra” constrói a “primeira guerra”, numa relação dupla. As novas tecnologias deixam a “segunda guerra” mais complexa, pois sua representação torna-a mais próxima possível da “primeira guerra” e os efeitos sobre o público tornam-se mais intensos. E a presença da televisão interferiu nas representações das guerras.

A Guerra da Coréia foi a primeira a ter uma cobertura televisiva mais efetiva. A televisão já existia, comercialmente, nos Estados Unidos, desde 1933. Em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial, havia cerca de 10 mil aparelhos de TV nos Estados Unidos e, no período da Guerra da Coréia, o número chegaria perto dos 10 milhões.⁷⁴

As tecnologias que envolviam a televisão da época não ajudaram o meio a destacar-se dos demais - a imagem era filmada em preto-e-branco, levada da Coréia para os Estados Unidos (e também para o resto do mundo), com grande defasagem de tempo entre o acontecimento e sua transmissão. Mas as dificuldades técnicas (e, por que não dizer?, militares e políticas) fizeram com que o potencial da televisão na cobertura da Guerra da Coréia fosse mínimo.

A rápida chegada de correspondentes de guerra que trabalhavam para jornais e revistas demonstrava a maior facilidade do meio escrito para cobrir as notícias em comparação com

e do Código empregado. Com o desenvolvimento técnico dos meios de comunicação, principalmente na área de imprensa e de jornalismo, as possibilidades de erros técnicos estão ficando cada vez menores. Mas, mesmo essa “perfeição” técnica não deixa de ser um fator técnico relevante que atinge o conteúdo - com menor índice de entropia física, deixando mais claro o conteúdo e com menor liberdade de escolha. Já a chamada *Escola Evolucionista-Progressista* eleva ao máximo a forma sobre o conteúdo. Alvin Toffler, mesmo não sendo um teórico da comunicação, dedicou um capítulo de seu livro, *A Terceira Onda*, às mudanças ocorridas nos fenômenos comunicacionais no âmbito da sociedade pós-industrial. Os teóricos dessa linha acreditam que a cultura de massa é democrática e pluralista, veiculada pelos meios de comunicação a públicos de diferentes classes sociais, permitindo que haja uma interação social e política entre os membros da sociedade. Essa corrente também valoriza completamente a forma, pois foi esta, através das suas alterações tecnológicas (representadas pelas “ondas” de Alvin Toffler), quem revolucionou as comunicações, deixando-as mais “democráticas”. As alterações tecnológicas fizeram com que a produção de informações fosse cada vez maior ao ponto de, quando chegamos na era da informática, fazer com que o mundo explodisse em quantidade de informações e também na sua acessibilidade. A Internet seria o exemplo mais acabado do que Toffler poderia chamar de *Quarta Onda*. Informações extraídas de: Weaver, Warren. *A Teoria Matemática da Comunicação*. In Cohn, Gabriel (Org.). *Comunicação e Indústria Cultural - Leituras de análise dos Meios de Comunicação na Sociedade Contemporânea e das Manifestações da Opinião Pública, Propaganda e Cultura de Massa nessa Sociedade*. 2. ed., São Paulo, Editora Nacional, 1975, p. 31; e Toffler, Alvin. *A Terceira Onda*. Rio de Janeiro, Record, 1981;

⁷⁴ - Knightley, Phillip. *A Primeira Vítima*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978;

os demais meios. Depois da imprensa escrita, o segundo melhor meio de comunicação para a transmissão de notícias do *front* era o rádio. Durante a Segunda Guerra Mundial este meio consagrou uma série de jornalistas, como Bill Downs, Ed Murrow e Walter Cronkite, sendo que a Guerra da Coréia mudaria radicalmente a vida deste último.

Logo no início do conflito coreano Cronkite ofereceu-se para ser correspondente de guerra como radialista, mas sua emissora, a CBS, recebeu autorização para comprar a WTOP-TV de Washington e queria inaugurar imediatamente o programa *CBS News* na capital do país. Como a maior parte dos seus repórteres e radialistas já estavam na Coréia, sobrou, então, para Cronkite, que ainda não havia embarcado para o *front*, a missão de apresentar o novo programa jornalístico das seis da tarde.⁷⁵ Mesmo não tendo experiência na televisão, Cronkite inaugurou uma nova forma de apresentar programas jornalísticos na televisão. Sobre a cobertura da Guerra da Coréia, Cronkite nos conta que

“Com orçamento limitado, equipamento primitivo e nenhuma película além das que nós mesmos filmávamos, aprendemos depressa. A Coréia, claro, era um grande assunto. Para cobrir o conflito, empreguei um recurso simples. Na Segunda Guerra Mundial e, mais recentemente, no Pentágono, eu comparecera a tantos briefings diários sobre operações militares que conseguiria fazê-los de olhos vendados.

Num grande quadro-negro, mostrávamos o contorno da Coréia e, atravessando-o, o paralelo 38, que deveria dividir o país em Coréia do Sul e Coréia do Norte. De giz na mão, eu improvisava uma descrição das batalhas do dia desenhando grandes setas e cruzeiros no mapa para representar o movimento das tropas e os lugares onde elas estavam lutando.”⁷⁶

Valorização do visual, mesmo que contando apenas com um quadro-negro e alguns pedaços de giz - Cronkite soube entender as particularidades visuais da televisão para transmitir as notícias.

Muitas das notícias transmitidas sobre a Guerra da Coréia pela televisão foram apresentadas com audácia, como uma que obrigou um general a mandar retirar um cinegrafista da frente de um tanque, pois o cinegrafista buscava uma imagem melhor e mais realista.⁷⁷ Mesmo assim, os documentários cinematográficos foram a grande fonte visual do conflito, ainda dentro dos esquemas da Segunda Guerra Mundial - a equipe de filmagens do general MacArthur, por exemplo, forneceria uma grande quantidade de imagens que seriam utilizadas pela televisão e que

⁷⁵ - Cronkite, Walter. *Repórter*. São Paulo, DBA, 1998;

⁷⁶ - Cronkite, Walter. op. cit., p. 169;

⁷⁷ - Knightley, Phillip. op. cit.;

apresentavam, logicamente, uma construção favorável às forças da ONU de um modo geral - e a do próprio MacArthur, em particular.⁷⁸

Apesar da presença da televisão e, principalmente, do cinema - em outras palavras, de meios que valorizavam as imagens em movimento - , a maior parte dos noticiários da guerra foram produzidos pela imprensa escrita. A televisão estava crescendo em importância como meio de comunicação, mas, no início da década de 50, ainda apresentava grandes limitações operacionais.

A Guerra da Coreia recebeu, portanto, uma cobertura praticamente monolítica e, por mais que a televisão influenciasse, ela ainda não tinha força (ou tecnologia) para produzir maiores conseqüências políticas. Talvez uma exceção: ao mostrar a foto do soldado Kenneth Shadrick, de 20 anos, considerado como o primeiro norte-americano a morrer na Coreia, a televisão chocou a sociedade norte-americana, provocando uma reação de adesão ao conflito.⁷⁹ Mesmo assim, informações desta natureza devem ser tratadas com cuidado, pois a própria dinâmica da guerra (como o rápido avanço das tropas norte-coreanas, mostrando um quadro onde a queda da Coreia do Sul para as forças comunistas era inexorável e trágica) pode ter provocado essa adesão inicial.

Mesmo com a parcial experiência da cobertura televisiva da Guerra da Coreia, pouco se sabia dos efeitos que uma prolongada cobertura diária da guerra pela televisão poderia provocar, com as cenas de combate entrando diretamente dentro dos lares, mostrando a “verdadeira” natureza da guerra, como ocorreu, efetivamente, durante a Guerra do Vietnã.

Mas não há unanimidade na avaliação dos resultados da cobertura do conflito no Vietnã.⁸⁰ Para alguns críticos, a cobertura da televisão teve participação fundamental nos destinos da guerra e, principalmente, da sua contestação. O jornalista brasileiro Clóvis Rossi é bastante direto neste ponto:

“As imagens diárias de sangue e dor que entravam nos lares norte-americanos contribuíam poderosamente para formar uma corrente de opinião pública contrária à continuação da guerra, o que pesou no seu desfecho, embora a guerra tenha, em última instância, sido decidida, de fato, no próprio terreno em que se travava, ou seja, no Sudeste Asiático.”⁸¹

⁷⁸ - a série Cold War, produzida e apresentada pela rede de televisão CNN em 1999, utilizaria-se, quando se referiu à Guerra da Coreia, destes documentários. Cold War. Documentário, Estados Unidos, Cable News Network (CNN), produtores executivos Pat Mitchell e Jeremy Isaacs, 1998;

⁷⁹ - s/A. 15 Anos de História. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984;

⁸⁰ - Knightley, Phillip. op. cit.;

⁸¹ - Rossi, Clóvis. O Que é Jornalismo. Coleção “Primeiros Passos”, Nº 15, 6ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 13;

Já outros pensadores discordam deste ponto de vista, defendendo que a televisão, assim como outros meios de comunicação, apenas reforçaram o que as pessoas sentiam em relação ao conflito, e o aumento da contestação contra a guerra foi por causa da natureza da própria guerra, principalmente no tocante ao número de baixas norte-americanas. Walter Cronkite é bastante enfático neste ponto:

“Durante mais de quatro anos, Barry Zorthian foi o porta-voz oficial dos EUA no Vietnã. Em sua opinião, a idéia de que a imprensa nos fez perder a guerra é balela. E, na própria opinião oficial do Exército sobre as relações entre os militares e a mídia, lemos o seguinte: “Tanto na Coreia quanto no Vietnã, o que indispsôs o público americano não foi a cobertura jornalística, e sim as baixas. Em cada uma dessas guerras, o apoio popular caiu inexoráveis 15% sempre que o total de baixas americanas se viu multiplicado por dez.”⁸²

Com certeza, algum efeito a televisão provocou no telespectador. Os grandes meios de comunicação dos Estados Unidos, inclusive as redes de televisão, apoiaram o governo na intervenção no Sudeste Asiático desde o começo, com algumas exceções de correspondentes que estavam no Vietnã antes de 1964. Mesmo com a presença inédita da televisão mostrando a guerra, sua produção não foi muito além das determinações feitas pelas forças armadas norte-americanas.

As dificuldades para a cobertura pela televisão também eram consideráveis durante a Guerra do Vietnã. Para começar, a aparelhagem da televisão era pesada e precisava de, pelo menos, dois profissionais (o repórter e o *cameraman*), podendo chegar a três (duas pessoas para carregar a câmera), o que dificultava a mobilidade (e, em coberturas na selva, perdia-se tempo, e mesmo soldados, já que mais de um eram designados para proteger os profissionais da imprensa da televisão, enquanto que os meios escritos precisavam de apenas um soldado), sem contar as condições do tempo (que poderiam estragar o material)⁸³ e a lentidão com que as notícias eram passadas desde a sua produção no Vietnã até sua exibição nos Estados Unidos (chegava a demorar dois dias).⁸⁴

Com a pressa da apresentação dessas imagens, muitas delas defasadas em relação aos meios escritos, as redes norte-americanas utilizavam a edição feita no Vietnã mesmo, nem

⁸² - Cronkite, Walter. op. cit., p. 290;

⁸³ - o correspondente de guerra Peter Arnett nos descreve as desventuras de uma equipe de televisão da CBS, liderada por Peter Kalischer, numa cobertura na selva, quando o *cameraman* caiu dentro de um buraco cheio d'água. Arnett, Peter. Ao Vivo no Campo de Batalha - do Vietnã a Bagdá, 35 Anos em Zonas de Combate de Todo o Mundo. São Paulo, Rocco, 1994;

⁸⁴ - em outro momento, Peter Arnett relata que uma notícia foi apresentada pela imprensa escrita e, dois dias após a sua publicação, a televisão apresentou a sua versão, conseguindo mais impacto no público norte-americano. Arnett, Peter. op. cit.;

sempre do seu agrado, ou exibiam a cobertura sem a edição, com uma arrumação mínima. Os meios escritos, em compensação, dispunham da mobilidade que os recursos telegráficos como o telex e os teletipos propiciavam, tornando sua produção relativamente mais rápida.

Os meios técnicos da televisão foram sendo desenvolvidos rapidamente durante a década de 60. As câmeras foram diminuindo até chegarem ao tamanho portátil; o processo de imagens coloridas, existente nos Estados Unidos desde 1953, foi sendo aperfeiçoado e o sistema de satélites, inaugurado em 1967, rompia definitivamente as barreiras do tempo, dando quase a instantaneidade entre o acontecimento e sua transmissão. O auge desse processo seria em 1968 (que, como veremos, seria decisivo na cobertura da imprensa da Ofensiva do Tet).

Analisando os programas documentários feitos pela CBS e apresentados por Walter Cronkite (estes foram os melhores e mais expressivos programas televisivos sobre a guerra, sendo, inclusive, copiados por outras emissoras norte-americanas), encontramos imagens do conflito que, apesar de fortíssimas, eram voltadas para o lado norte-americano, ou seja, a construção das imagens e dos discursos eram favoráveis à intervenção norte-americana, pelo menos até 1968.⁸⁵

Dentro dessa lógica, as contestações deveriam ser fenômenos marginais, pois todos os meios de comunicação, incluindo os meios escritos e sonoros (com exceção da imprensa alternativa norte-americana e de alguns jornais da grande imprensa, como o *The New York Times*), eram a favor da guerra - o que explica, em certo sentido, a razão de se reforçar o sentimento de apoio à guerra, sendo difícil pensar diferente com tamanha exposição favorável.

Mas não foi isso que aconteceu. Os movimentos de contestação à guerra mostraram-se muito maiores do que fenômenos meramente marginais, transformando-se nos grandes aglutinadores de produção cultural que marcaram a década de 60. Tais movimentos começaram a se impor, e logo teriam uma denominação comum: a chamada *Contracultura*. Com certeza essa contestação de valores encontrou seu inimigo comum na guerra e as imagens nada mais que confirmavam tais sentimentos. Não havia unidade dentro dos grupos da *Contracultura*, (universitários, hippies, radicais de esquerda, Panteras Negras, etc.), mas a guerra lhes deu uma unidade: todos esses grupos eram contra ela. Sendo assim, a *Contracultura* é também uma implicação da guerra. Ela abria "espaços" utilizando a cobertura da guerra, e a cobertura da guerra abria "espaços" para sua contestação.

A televisão, por sua vez, apresentava um material impressionante: imagens de aldeias sendo queimadas por soldados norte-americanos, aviões realizando bombardeios nas selvas (com os efeitos sonoros e visuais de um avião em ação) atingindo seres humanos (Vietcongs ou

⁸⁵- os programas documentários da CBS, sob o comando de Walter Cronkite, foram apresentados pela televisão brasileira na Globosat, em julho de 1994, sem maiores referências;

não), guerrilheiros Vietcongs sendo “interrogados” (torturados) pelas forças do Vietnã do Sul e assistidos pelos soldados norte-americanos (que acusavam o Vietcong de fazer essas coisas), etc. Todas essas imagens entravam nas salas de milhões de pessoas, muitas vezes sem edição, ou seja, com a sua carga máxima de efeito.

As imagens, principalmente as da televisão, confirmavam o que esses contestadores queriam ver. A imprensa norte-americana era totalmente a favor da guerra, o que deveria teoricamente dificultar a presença de contestação a ela, e, caso a contestação realmente aparecesse, deveria ter sido muito pequena e localizada. Tal não aconteceu e a oposição foi crescendo.

A imprensa norte-americana era a favor da guerra e seu discurso refletia isso. Na luta pelo simbólico, os meios de comunicação dos Estados Unidos estavam ao lado de seu governo. No entanto, a inexperiência na utilização da produção televisiva numa cobertura de guerra diária ficava em evidência, ou seja, o conjunto de imagens/sons/movimentos ultrapassavam, em muito, os desejos das emissoras (e do governo norte-americano), abrindo “espaços” para a sua contestação.

Por sua vez, evidentemente que não foi apenas a cobertura da guerra que auxiliou na sua contestação. Não podemos esquecer os resultados práticos da mesma, ou seja, a morte de vários soldados e a dor de suas famílias e amigos, que abriram redes de solidariedade e, muitas vezes, de contestação à guerra. Fatores econômicos também pressionaram, pois os gastos com a guerra fizeram com que a inflação do país chegasse ao inédito número de dois dígitos.⁸⁶ A televisão aproximou os telespectadores da guerra, auxiliando na construção de “quadros mentais” mais amplos sobre o conflito. De acordo com Arlindo Machado:

“A convivência diária com essas imagens (da guerra) fragmentárias agiu fundo no espírito do homem americano. Eram imagens ‘frias’, obviamente filtradas pelo crivo da ótica dominante, referiam-se a uma realidade distante e não chegavam propriamente a emocionar ninguém, não chocavam as pessoas a ponto de arrastá-las para as ruas num arroubo de paixão. Mas o contato com os dramas cotidianos da guerra, o seus bastidores, os seus personagens, os detalhes de suas motivações, os meandros de seus pretextos, as contradições que emergiam a todo momento, tudo isso foi minando lentamente a fé na cruzada libertadora. (...) À medida que cada espectador ia compondo a trama, preenchendo as lacunas e completando o quebra-cabeças, o mito da Guerra Santa ia se esfacelando até o degradingolamento final.”⁸⁷

De 1968 em diante, a situação mudou. Com a desilusão das possibilidades de vitória, a opinião pública norte-americana desistiu de apoiar a guerra, e a imprensa seguiu esse

⁸⁶- Tuchman, Barbara. W. A Marcha da Insensatez - de Tróia ao Vietnã. 2. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1986;

⁸⁷- Machado, Arlindo. op. cit., p. 96;

caminho, agora, sim, adaptando o conjunto de imagens/sons/movimentos aos desejos dos donos do poder (ambos negativos em relação à guerra). O controle da televisão norte-americana tornou-se mais rígido a partir da Guerra do Vietnã. A cobertura da Guerra do Golfo, por exemplo, foi bastante controlada. E os efeitos do uso da televisão de maneira mais controlada não foi exclusividade norte-americana: a Rede Globo, no Brasil, como veremos, também iria preocupar-se bastante com sua produção, unindo, habilmente, o conteúdo e a forma para não permitir a criação de espaços para qualquer tipo de contestação, mesmo que não funcionando sempre.

Imagens

Como podemos perceber, a televisão tem papel importante no problema forma/contéudo dos últimos tempos. A obra Imagens e Imaginário na História, de Michel Vovelle, trabalha, essencialmente, com a presença das imagens na formação e desenvolvimento de imaginários. Vovelle pretende mostrar a “contribuição essencial da imagem ao estudo das mentalidades coletivas”.⁸⁸ A entrada da televisão (aparelho de apresentação e criação de imagens) foi decisiva para as mudanças de percepção humana neste século, e sua influência em outros meios de comunicação foi igualmente importante. Estamos falando de linguagens e técnicas diferentes, criando ou reforçando novas representações da realidade, que foram sendo criadas ou reforçadas por representações, influenciando-se entre si. Alguns autores procuraram trabalhar estas influências.

As relações entre os meios de comunicação e a presença da televisão (o meio audiovisual) também são destacadas por Marc Paillet. Para o autor, a televisão provocou mudanças na maneira de se passar o discurso devido a sua linguagem mais abrangente - baseada no tempo e na imagem:

“O conteúdo cultural da mensagem é tocado não só na sua forma, mas também no seu fundo pela particularidade do medium. O próprio meio provoca uma tal modificação da relação entre o emissor e o destinatário que o conteúdo também é afetado (...) Por hora, o conteúdo expressivo parece mudado formalmente e não essencialmente. Mas o ponto de vista do emissor, segundo a especificidade do medium, acaba por se modificar.”⁸⁹

⁸⁸ - Vovelle, Michel. Imagens e Imaginário na História - Fantasmas e Certezas nas Mentalidades desde a Idade Média até o Século XX. São Paulo, Ática, 1997;

⁸⁹ - Paillet, Marc. op. cit., p. 97;

Yves Mamou, no seu ensaio “A Culpa é da Imprensa!” - Ensaio sobre a Fabricação da Informação,⁹⁰ nos levanta alguns pontos importantes. Primeiro, que houve a influência da televisão nos outros meios, o que condicionou as seguintes características: rapidez, multiplicidade de informação, papel de intermediário social e, principalmente, confiança do público.⁹¹ Não é que vários desses pontos não existissem antes da televisão (na verdade, eles servem para toda a mídia), mas, para o autor, eles ficaram mais evidentes com a televisão e os outros meios tiveram de se adaptar.⁹² O autor vai mais longe, afirmando que existe uma competição entre eles - todos procuram conquistar, politicamente, o público, para colocar seus pontos de vista.⁹³

Numa pesquisa sobre representação da imprensa, os próprios objetos, as guerras da qual a pesquisa trata, não podem ser desprezados. A Guerra do Vietnã ficou famosa pela presença de sons e imagens, e as representações sobre ela foram afetadas por essas características. Será que apenas a Guerra do Vietnã teria tido essa importância? Em nossa argumentação, as guerras da Coreia e do Vietnã são muito importantes, porque foram as primeiras guerras a serem cobertas pela televisão de uma maneira mais relevante. Mas guerras anteriores também foram cobertas e também deixaram marcas de sons e imagens. É dentro dessa idéia que Paul Virilio escreveu Guerra e Cinema. O autor argumenta que

“[desde] o início das guerras, o campo de batalha é um campo de percepção. (...) Para o homem de guerra, a função da arma é a função do olho.” A guerra não pode ser separada do espetáculo mágico, pois seu objetivo básico é produzir esse espetáculo, ou seja, “abater o adversário é menos capturá-lo do que cativá-lo, é infringir, antes da morte, o pânico da morte.”⁹⁴

As guerras, propriamente ditas, ajudaram nessa mudança de percepção. O autor demonstra a ligação do cinema com a guerra, o que pode ser justificado pela posse por parte dos

⁹⁰ - Mamou, Yves. “A Culpa é da Imprensa!” - Ensaio Sobre a Fabricação da Informação. São Paulo, Marco Zero, 1992;

⁹¹ - Mamou, Yves. op. cit.;

⁹² - Mamou, Yves. Idem;

⁹³ - o interessante da argumentação de Mamou é que a informação noticiosa é construída intelectualmente, o que reforça algumas de nossas argumentações anteriores. O problema é que essa construção é manipuladora por excelência, e não apenas do público que a consome, mas inclusive da própria imprensa que a produz, no sentido de que os agentes da informação podem estar inconscientemente reproduzindo idéias, notícias e enfoques que privilegiam os interesses ou que beneficiam um determinado grupo político ou econômico em detrimento de outro. Esse maquiavelismo esbarra no seu próprio radicalismo. Acreditamos que a informação jornalística seja uma construção que quer ganhar a confiança do público, criar adeptos de uma causa, podendo para isso utilizar elementos para a manipulação, mas não apenas manipulação. Muitas vezes, a construção da notícia é, para quem a fez, uma verdade absoluta. Existem vários sentimentos na construção de uma notícia, mesmo quando se trata de manipulação. Mamou, Yves. Idem, ibidem;

⁹⁴ - Virilio, Paul. Guerra e Cinema. São Paulo, Scritta, 1993, p. 12;

militares dos melhores equipamentos de filmagem, justamente pela facilidade de acesso a materiais (característica de um período de guerra) como, por exemplo, o uso de nitroglicose - que serve para a fabricação de explosivos, e também para a fabricação de filmes virgens.⁹⁵ O cinema e a aviação surgiram juntos e esta última foi muito mais que um novo tipo de transporte - acabou estabelecendo uma maneira diferente de se ver o mundo, uma nova perspectiva. Fotografias aéreas teriam os equipamentos mais sofisticados possíveis, produzindo fotografias igualmente sofisticadas.⁹⁶

O importante é que as guerras, além de estimularem novas tecnologias na produção de imagens (verbas altíssimas destinadas a este tipo de empreendimento, sem contar os melhores cientistas trabalhando em tempo integral), elas também funcionaram como espetáculo, alterando as percepções deste século. A fotografia e o cinema seriam os primeiros instrumentos imagéticos relevantes para se ter novas percepções.⁹⁷ Logo, seria a televisão.

Paul Virilio trabalha mais com o cinema do que com a televisão, já que o primeiro foi, praticamente, a primeira extensão das imagens de guerra para mudanças da percepção humana no século XX. O autor não separa a arte da técnica. Arte e técnica, dois fatores para essa alteração de percepções. O autor defende que a criação artística é a melhor maneira de se moldar a percepção.⁹⁸

Buscar a arte para se alterar a percepção ou o posicionamento político não era uma novidade. Goebbels, o ministro de propaganda da Alemanha nazista, não acreditava em mensagens políticas diretas, mas sim na arte de entretenimento, que seria carregada de elementos políticos.⁹⁹ Foi dentro dessa lógica que um comercial conhecido como o “da menina e a margarida”, apresentado durante as eleições presidenciais norte-americanas de 1964, foi realizado, como veremos no decorrer da pesquisa.

Publicitários alegariam que, nas circunstâncias de um comercial de televisão, onde o tempo é de pouco mais de um minuto, não dá para apresentar coisas novas. Neste caso, procura-se reforçar idéias que já estão presentes na mente do público. O que estes publicitários não argumentam é que o uso da técnica da televisão é muito sutil, aumentando ainda mais o impacto dos comerciais e portanto este reforço de idéias já concebidas também serve para a manipulação desses mesmos sentimentos. Conteúdo e técnica estão juntos.

Paul Virilio ainda afirmaria que

⁹⁵ - Virilio, Paul. op. cit.;

⁹⁶ - Virilio, Paul. Idem;

⁹⁷ - Virilio, Paul. Idem, ibidem;

⁹⁸ - Virilio, Paul. Idem, ibidem;

⁹⁹ - comentários sobre Goebbels apresentado no primeiro programa do documentário O Poder e a Mídia, apresentado pela Rádio e Televisão Cultura de São Paulo em 1995. O Poder e a Mídia. Documentário, Inglaterra, BBC, escrito e dirigido por Lawrence Rees, 1992;

*“Nós separamos demais a arte da técnica. Agora temos que recolocar arte e técnica, se quisermos compreender alguma coisa da nossa realidade.”*¹⁰⁰

Essa união é fundamental, pois foi justamente ela que criou as condições de percepção de uma sociedade imagética. A imprensa brasileira configurou um quadro de percepção, que acabou sendo assumido pelo meio e pelo público por causa das novas técnicas. Separar as duas coisas não é possível.

Fontes e Divisão da Pesquisa

A pesquisa, portanto, pretende mostrar como a imprensa brasileira cobriu as duas guerras, “usando-as” politicamente, além de mostrar também as problemáticas enfrentadas por ela por causa da influência das alterações tecnológicas (em particular aquelas produzidas pela concorrência da televisão).

A pesquisa foi trabalhada num quadro bastante amplo da imprensa brasileira nas duas guerras e, para tal, utilizou-se de um grande número de fontes. Muitos jornais e revistas importantes na década de 50, e fundamentais para a cobertura da Guerra da Coréia, perderam bastante da sua força e influência nas décadas de 60 e 70, razão pela qual foram preteridos da cobertura da Guerra do Vietnã, como foram os casos dos jornais *Correio da Manhã*, *Última Hora*, *Tribuna da Imprensa* e das revistas *Manchete* e *Cruzeiro*. Tal opção não foi, de forma alguma, aleatória: a pesquisa procurou valorizar os meios mais importantes no momento das guerras.

As décadas de 60 e 70 assistiram o surgimento de novas e variadas publicações, como as revistas *Fatos & Fotos*, *Revista Civilização Brasileira*, *Realidade* e *Veja*, além da própria imprensa alternativa (*Amanhã*, *Pasquim* e *Opinião*, entre outros), meios que preferimos valorizar em detrimento de outros mais tradicionais. Mesmo assim, material sobre a Guerra do Vietnã das publicações utilizadas na década de 50 aparecerão, dependendo da importância para o quadro da cobertura da guerra feita pela imprensa brasileira.

A pesquisa, então, ficou assim dividida: um capítulo foi dedicado ao **Imaginário da Guerra Fria**, onde será discutido alguns problemas bibliográficos sobre a Guerra Fria, além da formação das Significações Imaginárias Secundárias a partir do imaginário radical - no caso, a própria Guerra Fria; o capítulo seguinte versará sobre **A Imprensa Brasileira**, apresentando um quadro amplo da mesma e de suas alterações tecnológicas, assim como sua articulação com o *Imaginário da Guerra Fria*; o próximo capítulo trabalhará com **O Início das Guerras**, analisando e

¹⁰⁰ - Virilio, Paul. op. cit., p. 194 (contracapa).

comparando o começo dos dois conflitos; o capítulo **Grandes Acontecimentos das Guerras** analisará alguns personagens, batalhas e massacres importantes das duas guerras; o capítulo **As Guerras, a Sociedade Brasileira e a Imprensa** discutirá as repercussões das guerras no Brasil; o capítulo **O Fim das Guerras**, irá procurar analisar e comparar o fim dos conflitos; e o capítulo **Considerações Finais** encerrará a pesquisa.

O Imaginário da Guerra Fria

As grandes discussões historiográficas sobre a Guerra Fria tendiam a assumir duas posturas bastante distintas; 1ª) foi uma construção soviética, que queria expandir o comunismo para o resto do mundo; 2ª) foi uma construção norte-americana, para justificar suas ações e conseqüentes intervenções nas nações que estivessem fora da “esfera” de domínio da União Soviética. Tais posturas são resultados diretos da própria dinâmica que a Guerra Fria assumiria, ou seja, de confrontos intransigentes de ambos os lados.¹

Os “Expansionismos” Soviético e Norte-Americano

Muitos dos pensadores ocidentais tenderam a culpar necessariamente os soviéticos pelo nascimento e desenvolvimento da Guerra Fria. Podemos perceber a existência desta lógica através de Robert Wesson, um estudioso, conservador, das políticas externas norte-americanas:

“Depois da II Guerra Mundial, ainda houve uma certa esperança de que a Grã-Bretanha pudesse encarregar-se de razoável parcela das responsabilidades pela manutenção da ordem mundial, e era geral a expectativa de que as Nações Unidas ajudassem a preservar a paz. Mas logo se viu que a retirada americana seria praticamente equivalente a consentir que a maior parte ou toda a Europa e o resto do mundo caíssem sob a hegemonia da União Soviética, uma potência antagônica e tirânica abertamente dedicada (de acordo com a sua ideologia oficial de luta de classes universal) à destruição da sociedade “burguesa” tradicional e da ordem internacional.”²

Sendo a União Soviética uma potência “antagônica e tirânica” e “abertamente dedicada à destruição da sociedade “burguesa” tradicional”, seu combate por parte dos Estados Unidos tomou-se, portanto, necessário. Foi dentro dessa lógica que a política externa norte-americana iria atuar no período de 1945 até 1989.

¹ - de acordo com Henry Kissinger, analisando sob a ótica norte-americana: “Em nenhum outro período da sua história a América participou de um sistema de equilíbrio de poder. Antes das duas guerras mundiais, a América se beneficiara da operação de equilíbrio de poder sem estar envolvida em suas manobras e enquanto desfrutava do luxo de criticá-lo severamente ao seu bel-prazer. Durante a Guerra Fria, a América encontrava-se imersa em uma luta ideológica, política e estratégica com a União Soviética, na qual um mundo de duas potências funcionava de acordo com princípios bastante diferentes daqueles de um sistema de equilíbrio de poder. Em um mundo de duas potências, não pode haver nenhuma pretensão de que o conflito conduza ao bem comum; qualquer ganho para uma das partes representa uma perda para a outra.” Kissinger, Henry. Diplomacia Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997, p. 17;

² - Wesson, Robert G. A Nova Política Externa dos Estados Unidos. Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p. 28;

Tal lógica começou a ser construída no discurso proferido pelo ex-chanceler britânico Winston Churchill em Fulton, no Missouri, na presença do presidente Harry Truman, onde o Leste Europeu foi chamado de “cortina de ferro”.³ Nesse famoso discurso, Churchill acusou a União Soviética de nação expansionista e pediu para que os Estados Unidos assumissem seu papel de defensor da democracia, tendo a Grã-Bretanha como aliada. Uma das conseqüências mais importantes do discurso de Churchill em Fulton foi que ele fez com que a Guerra Fria começasse a ganhar uma linguagem própria - e a linguagem é a maneira básica de se configurar um imaginário.⁴

O discurso de Fulton estabeleceu, através da linguagem, a política de confronto entre o Ocidente e a União Soviética e, principalmente, estabeleceu que esta última era uma nação ditatorial e que impunha o comunismo aos seus vizinhos. O termo “cortina de ferro” transformou-se numa das maiores referências ao “império” soviético e às suas pretensas políticas expansionistas e opressivas impostas aos seus vizinhos.⁵ A imagem em si era simples, mas poderosa: a “cortina” que estava cobrindo a Europa Oriental era de “ferro”, ou seja, algo “cobria” estes países de maneira “pesada”, tirando-lhes a liberdade. A partir dessa imagem foi construída uma idéia de que os países do Leste Europeu estavam totalmente presos e subjugados pelos soviéticos e pelo comunismo, idéia esta que se estenderia para todo o mundo no decorrer dos anos – o termo “cortina de ferro” ganharia popularidade, principalmente nos discursos proferidos por políticos anticomunistas. E a tendência era da “cortina” ser expandida, dinâmica esta que seria reforçada por George Kennan.

George Kennan, que havia servido como diplomata norte-americano na União Soviética e consultor político da Casa Branca, seria o grande idealizador da política externa norte-americana em relação à União Soviética depois de 1945. No *Memorando X* (também conhecido como o *Longo Telegrama*), um estudo sobre as eventuais ações do governo soviético no pós-guerra, Kennan argumentou que os russos acreditavam no antagonismo nato entre o capitalismo e o comunismo, não podendo haver, portanto, “qualquer admissão sincera de uma comunidade de

³ - “De Stettin, no Báltico, a Trieste, no Adriático, uma cortina de ferro desceu sobre o continente. Atrás daquela linha todas as capitais de antigos Estados do Centro e do Leste Europeu, Varsóvia, Berlim, Praga, Viena, Budapeste, Belgrado, Bucareste e Sofia, todas elas famosas cidades, e suas populações vivem no que se poderia chamar de esfera soviética e todas estão sujeitas, de uma maneira ou de outra, não apenas à influência soviética, mas em crescente medida ao controle de Moscou.” (grifos meus) Extraído de: *Cold War*. Documentário, Estados Unidos, Cable News Network (CNN), produtores executivos Pat Mitchell e Jeremy Isaacs, 1998; e <http://www.fordham.edu/halsall/mod/churchill-iron.html>;

⁴ - Baczko, Bronislaw. “Imaginário Social.” In *Enciclopédia Einaudi*, Nº 5, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985;

⁵ - Churchill já havia utilizado o termo “cortina de ferro” nas conferências de Postdam e num telegrama enviado a Truman, onde Churchill afirmou que adoraria ser julgado por este documento. Eis a passagem principal: “Uma cortina de ferro fechou-se sobre o *front*. Não sabemos o que está acontecendo atrás dela. Não parece haver dúvida de que a totalidade das regiões leste da linha Lübeck-Triste-Corfu logo estará completamente em mão dos russos.” Churchill, Winston S. *Memórias da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995, p. 1096;

propósitos entre a União Soviética e os poderes considerados capitalistas”.⁶ A União Soviética não passava de uma nação expansionista e que, apesar dos discursos pacíficos e conciliadores proferidos por seus políticos, pretendia, a médio e a longo prazo, impor uma agressiva política de dominação mundial, política esta que deveria ser combatida. Dentro dessa lógica, era necessário que houvesse uma “paciente mas firme e vigilante contenção a longo prazo das tendências expansionistas” dos soviéticos, contra-atacando-os em qualquer lugar que atuassem.⁷ A política norte-americana em relação à União Soviética, então, seguiu os preceitos de Kennan e a “contenção” da influência soviética, onde quer que ela se manifestasse, tornou-se a sua tática diplomática primordial.

As tensões mundiais cresceram depois de 1945. As guerras civis na Grécia e na Turquia, em 1947, que envolviam forças comunistas locais nas lutas, estavam ganhando aspectos mais dramáticos. Assim, Truman fez o famoso pronunciamento ao Congresso, em 12 de março de 1947, pedindo verbas adicionais para ajudar os dois países nos seus esforços de guerra contra as forças comunistas. Seu discurso citava os dois países, mas enfatizava a existência de uma crise política mundial, onde as nações deveriam escolher entre duas formas de “vida alternativas”: uma livre e outra sob a opressão.⁸ Truman afirmou que os Estados Unidos deveriam ajudar “os povos livres que estão resistindo à subjugação por minorias armadas ou pressões externas”. Ele ressaltou a importância da ajuda econômica para impedir o alastramento de regimes totalitários que “nutrem-se na miséria e na necessidade”. Assim, os Estados Unidos deveriam dar a esperança para os povos desses países oprimidos ou em vias de opressão.⁹

As guerras civis na Grécia e Turquia e o discurso agressivo de Truman dariam os argumentos definitivos para legitimar a presença “protetora e esperançosa” norte-americana na Europa contra o expansionismo soviético, naquilo que ficou conhecido como a Doutrina Truman. A primeira ação da Doutrina Truman foi a criação do Plano Marshall, que tinha como objetivos

⁶ - Kennan, George. Memoirs: 1925-1950. Boston, Little Brown Books, 1967, p. 290-295 (texto integral reproduzido: pp. 547-559); e em <http://www.seas.gwu.edu/nsarchive/coldwar/documents/episode-1/kenna.htm>;

⁷ - Kennan, George. op. cit.; e <http://www.seas.gwu.edu/nsarchive/coldwar/documents/episode-1/kenna.htm>;

⁸ - “Uma forma de vida é baseada na vontade da maioria e distingue-se por instituições livres, governo representativo, eleições livres, garantias à liberdade individual, liberdade de expressão e eleição, e ausência de opressão política. Uma segunda forma de vida é baseada na vontade de uma minoria, imposta pela força à maioria. Recorre ao terror e à opressão, a um rádio e a uma imprensa controlados, a eleições decididas de antemão e à supressão das liberdades pessoais.” Extraído de: documentário Cold War, op. cit., tradução minha; e <http://www.fordham.edu/halsall/mod/1947TRUMAN.html>;

⁹ - “Devemos manter essa esperança viva. Os povos livres do mundo olham para nós esperando apoio na manutenção de sua liberdade. Se fracassarmos na nossa missão de liderança, talvez ponhamos em perigo a paz do mundo - e certamente poremos em perigo a segurança da nossa própria nação. O curso rápido dos acontecimentos colocou sobre os nossos ombros grandes responsabilidades. Tenho fé que o Congresso enfrentará com firmeza.” Extraído de: documentário Cold War, Idem, tradução minha; e <http://www.fordham.edu/halsall/mod/1947TRUMAN.html>;

recuperar economicamente os países destruídos pela guerra e impedi-los de serem absorvidos pelos soviéticos.¹⁰

A lógica do expansionismo soviético seria contestada. Na virada das décadas de 60 e 70 tal postura foi radicalmente alterada por intelectuais através de uma série de estudos indicando que a Guerra Fria foi uma construção norte-americana, pois os soviéticos, destruídos pela Segunda Guerra Mundial e satisfeitos com sua “esfera” de influência, não poderiam provocar uma guerra (estratégica ou militar) contra os Estados Unidos. Isaac Deutscher, no seu clássico texto “Mitos da Guerra Fria”, mostra tal perspectiva:

“Imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, quando os poderes ocidentais enveredaram para a amulação das alianças, em direção ao grande conflito com seu antigo aliado soviético, era comum falar-se sobre os dois colossos, o americano e o russo, que se defrontavam hostilmente através de um vazio do poder. Presumia-se que um dos colossos, o russo, desafiava o americano, o ocidental. O que as pessoas não compreendiam, e que os Governos não lhes comunicavam, era que, desses dois colossos, um - o americano - emergiu da Segunda Guerra Mundial com vigor e força total (...); enquanto o outro colosso - o russo - jazia quase aniquilado, sangrando profusamente por todas as feridas. E era esse colosso branco sangrante, quase aniquilado, que se supunha criar uma grande ameaça militar para a Europa.”¹¹

Como o “colosso” russo, “quase aniquilado”, poderia tentar criar uma guerra contra o “colosso” americano que saiu praticamente intacto da Segunda Guerra Mundial? Mesmo a idéia de expansionismo comunista (ou de suas tentativas para uma dominação mundial) pareciam frágeis. Deutscher nos afiança:

“É uma das suposições menos inteligentes feitas no Ocidente, a de que Stálin ou seus sucessores estivessem ou estejam comprometidos com a revolução internacional. Os que se deram ao trabalho de estudar a história soviética sabem o que Stalin e mesmos seus sucessores representaram foi um profundo conservadorismo, o conservadorismo de uma nova burocracia pós-revolucionária privilegiada que estava, até

¹⁰ - de acordo com as palavras do criador do plano, o general George Marshall: “Nossa política é dirigida não contra qualquer país ou doutrina, mas contra a fome, a pobreza, o desespero e o caos (...) qualquer governo que desejar assistência na tarefa de recuperação achará toda a cooperação, estou certo, por parte do governo dos Estados Unidos. Qualquer governo que manobre para bloquear a recuperação de outros países não pode esperar nossa ajuda. Ainda mais, governos, partidos políticos ou grupos que busquem perpetuar a miséria humana a fim de se beneficiar politicamente encontrarão a oposição dos Estados Unidos.” Extraído de: Luiz de Barros, Edgar. A Guerra Fria. 3ª ed., São Paulo: Atual, Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1985, p. 26;

¹¹ - Deutscher, Isaac. “Mitos da Guerra Fria.” In Horowitz, David (Org.). Revolução e Repressão. Rio de Janeiro, Zahar, 1969, p. 15;

*certo ponto ainda está, interessada antes de tudo na preservação do status quo tanto dentro quanto fora da União Soviética.*¹²

O pensador norte-americano Gabriel Kolko também defende o argumento que a Guerra Fria foi criada pelos Estados Unidos. Para o autor, existiam razões internas para o governo norte-americano construir o “inimigo” soviético. Os grandes lucros da economia norte-americana conseguidos entre 1939 e 1945 eram provenientes das demandas provocadas pela Segunda Guerra Mundial, demandas estas que iriam diminuir com o fim da mesma. No início de 1946, a produção industrial norte-americana teve uma queda de 30 %, o que aumentou o desemprego, situação que tenderia a ficar pior com a desmobilização das Forças Armadas.¹³ Assim, o governo Truman tentou impor a hegemonia norte-americana no mundo para manter o nível de consumo e a prosperidade econômica do país.

Para exercer uma política externa agressiva, o governo do democrata de Truman teria de convencer o congresso para tal, o que não era uma missão das mais fáceis: depois das eleições parlamentares de 1946, o congresso ficou com a maioria pertencente ao Partido Republicano, partido este cuja orientação política tendia, tradicionalmente, a favor de uma política isolacionista.¹⁴ Assim, a “criação” do inimigo soviético foi essencial para poder convencer o congresso da necessidade de uma política externa agressiva e participativa, pois os riscos de uma expansão comunista eram muito grandes - mesmo não existindo, de fato, tantos riscos assim, pelo menos não do lado soviético. A guerra, então, continuou, mas com um outro inimigo: o nazismo sai de cena e entra o comunismo.¹⁵

Já uma obra mais recente, Novas e Velhas Ordens Mundiais, de Noam Chomsky, também concordou com este ponto: a Guerra Fria foi uma construção norte-americana. Os governos norte-americanos, precisando de um inimigo para justificar sua repressão externa e interna, criaram o “inimigo soviético e comunista”.¹⁶ Para Noam Chomsky, com o fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos tomariam o lugar das velhas e desgastadas potências européias, mas com os

¹² - Deutscher, Isaac. op. cit., p. 19;

¹³ - Kolko, Gabriel. The Limits of Power. Nova Iorque, Harper & Row Publishes, 1970;

¹⁴ - Kolko, Gabriel. op. cit.;

¹⁵ - Gore Vidal comenta ironicamente: “Em casa, a mídia começava a preparar a minoria atenta para a grande decepção. De repente nos vimos confrontados com os maiores impostos de renda de pessoa física na história do país, para pagar por mais e mais armas, entre elas a assassina bomba de hidrogênio – tudo isso porque os russos estavam chegando. Ninguém sabia muito bem por que estavam chegando, nem com o quê. Por acaso ainda não estavam ocupados enterrando seus 20 milhões de mortos?” Vidal, Gore. “*As Diversões Imperiais*.” *In Folha de S. Paulo* (Caderno “*Mais!*”). São Paulo, 07/12/97, p. 4;

¹⁶ - dentro dos Estados Unidos, Chomsky destacou o memorando de número 68 do Conselho de Segurança Nacional, “o mais importante documento secreto da Guerra Fria (abril de 1950), que esboçava a ‘necessidade de justa repressão’, uma característica crucial do ‘caminho democrático’, com ‘a dissensão entre nós’

propósitos de evitar o surgimento de países que seguissem um modelo político e econômico independente. Para tal, a Guerra Fria tornou-se necessária: tendo o expansionismo comunista como inimigo maior, os Estados Unidos poderiam intervir em quase todos os lugares do mundo não apenas para “conter” o comunismo, mas, principalmente, para impedir o desenvolvimento de economias fora da dinâmica capitalista.

As noções de “segurança” e de “defesa” tomaram-se corriqueiras no discurso dos governantes norte-americanos. Chomsky comenta que:

“Com a Guerra Fria extinta, as máscaras podem ser removidas pelo menos levemente, e as verdades elementares, algumas vezes expressas em instituições acadêmicas sérias, podem ser publicamente cogitadas. Entre elas, está o fato de que o apelo à segurança era em grande parte fraudulento, a estrutura da Guerra Fria tendo sido empregada como um artifício para justificar a supressão do nacionalismo independente - seja na Europa e no Japão, seja no Terceiro Mundo.”¹⁷

O “inimigo”, no caso específico a União Soviética, serviria como desculpa para derrubar políticas político-econômicas de caráter nacionalista ou simplesmente diferentes daquelas pregadas por Washington. Chomsky salienta que:

“A confrontação da Guerra Fria forneceu fórmulas fáceis para justificar ações criminosas ao nível externo e o entrincheiramento do privilégio e do poder do Estado em casa. Sem a necessidade inoportuna de consideração e evidência crível, apologistas em ambos os lados puderam explicar reflexivamente que, mesmo lamentáveis, os atos foram empreendidos por razões de “segurança nacional” em resposta à ameaça do superpoderoso inimigo, ameaçador e cruel.”¹⁸

Com o fim da União Soviética, muitos dos arquivos do regime comunista, com documentos até então inéditos, têm sido abertos, inclusive para o mundo ocidental. Além disso, muitos documentos “classificados” dos Estados Unidos têm sido expostos nos últimos anos, o que apresenta outras discussões sobre a Guerra Fria, contestando as noções de “expansionismo” russo ou norte-americano.

reprimida enquanto os recursos públicos são transferidos para as necessidades da indústria avançada.” Chomsky, Noam. Novas e Velhas Ordens Mundiais. São Paulo, Scritta, 1996, p. 13;

¹⁷ - Chomsky, Noam. op. cit., p. 47;

¹⁸ - Chomsky, Noam. Idem, p. 12;

Esferas de Influência

As duas grandes potências determinaram, por volta do final da Segunda Guerra Mundial, suas “esferas de influência” pelo mundo.

Os soviéticos impuseram a sua influência na Europa Oriental e partes da Ásia, mas não apenas para confirmar velhos desejos territoriais e políticos czaristas, como argumentou Walter Lippmann (utilizando-se da idéia de Robert Strausz-Hupe, professor da Universidade da Pensilvânia).¹⁹ A política stalinista do pós-guerra seguiu as noções de imperialismo de Lênin, como argumenta o historiador David Holloway.

Para Lênin, a Primeira Guerra Mundial foi uma guerra imperialista, originada na rivalidade entre os estados capitalistas na busca de matérias-primas e mercados. Stalin “atualizaria” a teoria de Lênin para o pós-Segunda Guerra: esta guerra, assim como a Primeira, também fora resultado de uma crise do sistema capitalista mundial, sendo que uma outra crise voltaria a acontecer e, conseqüentemente, produziria uma nova guerra mundial num futuro não muito distante; para Stalin, a Alemanha e o Japão voltariam a crescer e, dentro de aproximadamente 20 anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial, atacariam a União Soviética, provocando a guerra final entre o capitalismo e o comunismo. Tornava-se, portanto, necessário que a União Soviética estivesse preparada para a futura guerra, garantindo uma “área de proteção” bastante ampla para as suas fronteiras, além de pressionar, diplomática e militarmente, a Alemanha e o Japão.²⁰ A divisão da Europa Oriental feita entre Stalin e Churchill, em 1944, passava por tal lógica política – do ponto de vista de Moscou.²¹

A desconfiança soviética em relação às potências ocidentais era bastante justificada. Para alguns autores a Guerra Fria começou em 1917, data da formação do primeiro estado comunista no mundo.²² Mas, como vimos anteriormente, de acordo com Castoriadis, apenas podemos falar de alguma coisa quando ela for inventada e instituída imaginariamente e, nesse sentido, a Guerra Fria não começou em 1917, pois sequer havia sido inventada ou instituída.²³

¹⁹ - de acordo com Strausz-Hupe, as fronteiras ocidentais da União Soviética coincidiam com as que o Império Czarista pretendia, com exceção dos estreitos (Dardanelos) que o governo soviético não conseguiu obter. Lippmann, Walter. The Cold War - a Study in U. S. Foreign Policy. Nova Iorque, Harper and Bros., 1947;

²⁰ - Holloway, David. Stalin e a Bomba. Rio de Janeiro, Record, 1997;

²¹ - o “acordo de cavalheiros” estabeleceu que a Europa Ocidental ficaria com as forças democráticas e que a Europa Oriental ficaria com o predomínio soviético em 90 %. As divisões maiores foram estabelecidas na Grécia (com 90 % de influência para os britânicos) e na Iugoslávia (cuja influência foi dividida meio a meio). Deutscher, Isaac. op. cit.;

²² - Chomsky, Noam. op. cit.; e Fleming, D. F. The Cold War and Its Origins, 1917-1960. V. 1, Nova Iorque, Garden City, 1961;

²³ - Castoriadis, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. 3ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995;

Podemos dizer que, em 1917, a criação de um estado socialista assustou as grandes potências mundiais e fez que elas iniciassem uma política de confronto e de contenção perante o novo regime, como apoiar o Exército Branco contra o Exército Vermelho na Guerra Civil Russa.²⁴

Como tais situações pareciam que iriam voltar a se repetir, a União Soviética impôs seu domínio na Europa Oriental e em partes da Ásia, criando a sua “esfera” de influência para pressionar a Alemanha e o Japão e preparar-se para uma inevitável guerra mundial no futuro. Após a morte de Stalin, a nova elite política soviética mudaria algumas dessas diretrizes, como a criação da chamada política de “Coexistência Pacífica” com o mundo ocidental, ou seja, aplicação de políticas mais tolerantes e com maior espaço de negociações em relação aos Estados Unidos.²⁵ Mesmo assim, os novos dirigentes não mexeriam nas “esferas” soviéticas.

Os norte-americanos, por sua vez, também tiveram os seus problemas. Os ataques japoneses na sua base asiática de Pearl Harbour assustaram a elite governante dos Estados Unidos, mostrando uma inusitada fragilidade do país em uma região de grande interesse. Para evitar novas (e desagradáveis) surpresas, a política norte-americana do pós-guerra caracterizou-se por estender a “Big Stick” (“grande porrete”, ou seja, a política de imposição dos interesses norte-americanos, mesmo que utilizando-se de força), que até 1945 era aplicada (explicitamente) na América Latina, para outras partes do mundo.²⁶

A Ásia receberia uma atenção especial da política externa norte-americana no pós-guerra. O Japão fora o grande rival norte-americano na região desde do século XIX, mostrando, além de uma agressividade política em relação aos seus vizinhos, uma excepcional capacidade industrial. Depois da derrota, o Japão seria desarmado, o que impediria (militarmente) a sua típica agressividade política em relação aos seus vizinhos. Mas, desarmado, o país poderia transformar-se num regime comunista numa eventual política agressiva soviética - ou mesmo na ascensão de algum grupo de esquerda local.

Para resolver tais dilemas, o historiador Bruce Cumings argumenta que foi criada a National Security Council (resolução do Conselho de Segurança Nacional, sigla NSC) 48/1 de dezembro de 1949, na qual os Estados Unidos (“núcleo”) deveriam acompanhar a reconstrução econômica do Japão (“semi-periferia”), sendo que as nações asiáticas vizinhas (“periferias”) deveriam ter suas economias voltadas para o crescimento japonês, formando uma rede de

²⁴ - sobre a Guerra Civil e os receios soviéticos perante o nazismo, ver: Figs, Orlando. A Tragédia de um Povo - a Revolução Russa: 1891-1924. Rio de Janeiro, Record, 1999;

²⁵ - Holloway, David. op. cit.;

²⁶ - Leffler, Melvyn. “National Security and US Foreign Policy.” In Leffler, Melvyn P. e Painter, David S. (Orgs.). Origins of the Cold War - an International History. Londres, Nova York, Routledge, 1995;

dependência de toda a Ásia com os Estados Unidos, na chamada “grande área”.²⁷ O espetacular desenvolvimento econômico verificado nas últimas 3 décadas do século XX por Taiwan, Singapura, Hong Kong, Coreia do Sul, além do próprio Japão, estaria relacionado a esta política: liberdade de desenvolvimento econômico com proteção política e militar dos Estados Unidos.

Foi essa lógica que manteve a política agressiva dos Estados Unidos na Ásia, tanto contra o colonialismo europeu quanto aos movimentos de independência (estimulados por comunistas ou não). Não foi, portanto, insensatez, como argumenta a historiadora Barbara Tuchman, na sua obra A Marcha da Insensatez, que produziu as políticas intervencionistas dos Estados Unidos no Vietnã, mesmo quando a derrota era iminente.²⁸

As superpotências estabeleceram, portanto, “esferas” de influência, tanto para manter sua segurança quanto para exercer seu domínio político e econômico. Tal dinâmica foi a essência da Guerra Fria e ajudou a criar as significações imaginárias secundárias do *Imaginário da Guerra Fria*.

Significações Imaginárias Secundárias

A Guerra Fria é, como já afirmamos anteriormente, um imaginário radical. Ainda segundo Castoriadis, derivam desse imaginário radical instituições de significações imaginárias chamadas de secundárias. São secundárias não por serem menores ou derivadas, mas por formarem uma unidade pela instituição das significações centrais da sociedade.²⁹ Nas palavras de Castoriadis:

²⁷ - de acordo com Bruce Cumings: “Particularly important is the triangular structure of this arrangement: United States (core), Japan (semiperiphery), and Southeast Asia (periphery). This structure was clearly articulated in the deliberations leading up to the adoption of NSC 48/1 in late December 1949, a document so important that it might be called the NSC 68 for Asia. (With this the United States made the decision to send aid to the Bao Dai regime in Vietnam, not after the Korean War began.)” Cumings, Bruce. “*Japan and the Asian Periphery*.” In Leffler, Melvyn P. e Painter, David S. (Orgs.). op. cit., p. 227;

²⁸ - Tuchman, Barbara. W. A Marcha da Insensatez - de Tróia ao Vietnã. 2. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1986;

²⁹ - Castoriadis apresenta o seguinte exemplo de significação imaginária secundária: “Deus não é uma significação ‘ligada a algo’; que algo? A palavra Deus, tal como cada vez é colocada pela sociedade considerada. O ‘referente’ que seriam as representações individuais de Deus (ou dos deuses) é criado mediante a criação e a instituição desta significação imaginária central que é Deus. A significação Deus é ao mesmo tempo criadora de um ‘objeto’ de representações individuais e elemento central da organização do mundo de uma sociedade monoteísta, posto que Deus é colocado como ao mesmo tempo fonte do ser e ente por excelência, norma e origem da Lei, fundamento último de todo valor e pólo de orientação do fazer social, já que é por referência a ele que se encontram separadas uma região sagrada e uma região profana, que são instituídas uma quantidade de atividades sociais e criados objetos que não têm nenhuma outra ‘razão de ser’. É somente num sentido secundário, derivado e finalmente sem grande interesse que podemos dizer que a partir da instituição de Deus e da religião, significações religiosas também se encontram ligadas a objetos e

“Estas não podem existir sem aquelas; não há entre elas relação de prioridade, e em geral tais relações não têm sentido no nível aqui considerado. A empresa é uma instituição secundária do capitalismo – sem a qual não há capitalismo.”³⁰

No caso específico do *Imaginário da Guerra Fria*, podemos destacar as seguintes significações imaginárias secundárias: a *Divisão Bipolar do Mundo*; o *Medo do Expansionismo Comunista*, a *Luta pela Revolução Socialista*; o *Medo da Terceira Guerra Mundial* (referente ao risco da destruição do planeta devido às armas nucleares) e a *Contracultura* (surgida como crítica aos rigores políticos e sociais produzidos pela Guerra Fria).

Logicamente que nem todas estas significações imaginárias secundárias surgiram separadamente. Muitas vezes elas surgem a partir de referenciais e acontecimentos comuns. Outras vezes elas chegam a se confundir. A explicação a seguir foi construída separadamente para facilitar o entendimento da formação desses imaginários.

A Divisão Bipolar do Mundo

Duas superpotências, duas esferas de influência, dois “mundos”: a *Divisão Bipolar do Mundo* foi uma das mais importantes significações imaginárias do pós-guerra e da Guerra Fria.

A divisão mundial de poderes anterior à Segunda Guerra Mundial era multipolar, ou seja, as grandes questões mundiais passavam pela órbita de várias potências.³¹ A própria imagem dos “Três Grandes” nas conferências que discutiram os destinos da Segunda Guerra Mundial (Teerã, Yalta e Potsdam) demonstraram esta multipolaridade de poderes. Mas, como vimos, este quadro mudou: as desgastadas potências européias e o destruído Japão não puderam manter seu (grande) poder, perdendo-o (embora não totalmente) para os Estados Unidos e a União Soviética. As duas superpotências procurariam, com esse imaginário, impor os seus interesses nos países que estavam dentro das suas áreas de influência, naquilo que foi denominado de “política de blocos” - mas que não passava de uma representação construída a partir deste novo imaginário.³²

atos que tinham ou teriam podido ter uma existência social ‘independente’ delas.” Castoriadis, Cornelius. op. cit., p. 407;

³⁰ - Castoriadis, Cornelius. Idem, p. 416;

³¹ - nas palavras de Demétrio Magnoli: “O sistema continental europeu era um sistema multipolar. Fundava seu equilíbrio de poder numa geometria variável onde se incluíam um mínimo de quatro (Inglaterra, França, Alemanha, Áustria-Hungria) a um máximo de sete potências (com a adição da Rússia, do Japão e dos Estados Unidos). Flexível, admitia uma multiplicidade de alianças, necessariamente eventuais, entre as potências e com cada um dos Estados de segunda linha.” Magnoli, Demétrio. *Da Guerra Fria à Détente - Política Internacional Contemporânea*. Campinas, Papirus, 1988, p. 38;

³² - para Demétrio Magnoli, o “sistema universal da Guerra Fria é um sistema bipolar. Funda seu equilíbrio de poder numa geometria fixa polarizada por apenas duas superpotências, destacadas de todos os outros Estados por sua capacidade bélica singular: só elas podem destruir o conjunto do sistema interestatal. Rígido, admite

A *Divisão Bipolar do Mundo* também foi utilizado como estratégia dos governos das duas superpotências para conquistar posições políticas e impor seu poder, além de legitimá-lo, perante a sua população.³³ As duas superpotências, portanto, procuravam *informar* aos seus habitantes e para os habitantes das suas áreas de influência sobre essa “realidade” do mundo dividido bipolarmente entre elas.³⁴

As duas superpotências também acreditaram nessa divisão bipolar e realizaram competições entre si, disputando a hegemonia mundial. A disputa entre elas chegou a ser extrema, como na competição pela produção de armas (naquilo que ficou conhecido como “corrida armamentista” e “equilíbrio do terror”), na disputa pela supremacia tecnológica/conquista do espaço (conhecida como “corrida espacial”) e até mesmo em atividades esportivas, como as Olimpíadas.³⁵

O Medo do Expansionismo Comunista

O medo da expansão comunista existia mesmo antes do fim da Segunda Guerra Mundial, já sendo construído no *Manifesto Comunista*, de Karl Marx, de 1848.³⁶ Como vimos, o regime comunista na Rússia recebeu oposição mundial desde o seu nascimento em 1917, pois

unicamente o alinhamento das potências secundárias e dos demais Estados ao redor de uma ou da outra superpotência.(...) As antigas teorias explicativas do sistema continental europeu transfiguram-se, no sistema universal da Guerra Fria, em outras tantas ideologias a serviço da guerra de propaganda.” Magnoli, Demétrio.. op. cit., pp. 38-39;

³³ - Baczkó afirma que “o imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo à acção, um apelo a comportar-se de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidades, arrastando os indivíduos para uma acção comum. Por exemplo, as representações que legitimam um poder informam acerca da sua realidade e comprovam-no.” Baczkó, Bronislaw. op. cit., pp. 311 e 312;

³⁴ - para Baczkó é “através dos seus imaginários sociais, uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de ‘bom comportamento’, designadamente através da instalação de modelos formadores, tais como o do ‘chefe’, o ‘bom súdito’, o ‘guerreiro corajoso’, etc.” Baczkó, Bronislaw. Idem, p. 309;

³⁵ - que não deixavam de carregar elementos políticos: o boicote norte-americano nas Olimpíadas de Moscou em 1980 (por causa da intervenção soviética no Afeganistão) foi “devolvido” pelos soviéticos nas Olimpíadas de Los Angeles em 1984;

³⁶ - “Um espectro ronda a Europa - o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa unem-se numa Santa Aliança para conjurá-lo: o papa e o czar, Metternich e Guizot, os radicais da França e os policiais da Alemanha. Que partido de oposição não foi acusado de comunista por seus adversários no poder? Que partido de oposição, por sua vez, não lançou a seus adversários de direita ou de esquerda a pecha infamante de comunista? Duas conclusões decorrem desses fatos: 1. o comunismo já é reconhecido como força por todas as potências da Europa; 2. é tempo de os comunistas exporem, à face do mundo inteiro, seu modo de ver, seus fins e suas tendências, opondo um manifesto do próprio partido à lenda do espectro do comunismo.” Marx, Karl e Engels, Friedrich. Textos. “*Edições Sociais*”, São Paulo, Alfa-Ômega, 1977, p. 7;

temia-se uma “exportação” da revolução socialista pelos bolcheviques. Tal “medo” aumentou ainda mais depois de 1945, apesar da União Soviética estar destruída.

Políticas de diferentes interesses dos da Guerra Fria eram discutidas em vários países no mundo mas, quase sempre, eram vistas como grandes perigos ideológicos caso fossem implantadas. Governos com idéias mais nacionalistas (ou simplesmente mais práticas para o seu momento), não necessariamente comunistas ou democráticas, eram combatidos, provocando, muitas vezes, a intervenção direta de um país sobre o outro. Normalmente as superpotências impuseram sua política dentro dos países da sua esfera de influência.³⁷

No caso norte-americano, foi construído, inclusive por meio do discurso de Fulton, do *Telegrama X* e da Doutrina Truman, como vimos anteriormente, o chamado *Medo do Expansionismo Comunista*.³⁸ A construção feita por estes três eventos defendia que o perigo da expansão comunista vinha diretamente da União Soviética (apesar das suas impossibilidades, como já discutimos). Por sua vez, a União Soviética procurou, dentro das suas esferas de influência, impedir uma eventual “expansão capitalista”.

Mas as lutas pela revolução socialista estavam realmente acontecendo dentro das área de influência norte-americanas.

A Luta pela Revolução Socialista

As duas superpotências impuseram essa divisão de mundo para os seus povos e para os povos de suas “esferas” de influência. Mas essa imposição não foi de forma alguma tranqüila, pois as aspirações nacionais tendiam a produzir confrontos com a ordem mundial.

Apesar dos soviéticos não estarem estimulando o crescimento do comunismo mundial, o comunismo estava crescendo mundialmente. Gabriel Kolko, na obra *Century of War*, argumentou que o termo Guerra Fria foi inadequado para os acontecimentos do pós-guerra: o comunismo cresceu nos países pobres pelo enfraquecimento das nações européias, quando haviam questões coloniais diretamente envolvidas, e pelo próprio exemplo soviético nos campos de batalha durante a Segunda Guerra Mundial, além da sua presença no Leste Europeu, dando, para vários

³⁷ - não apenas as superpotências, pois países subdesenvolvidos também têm por hábito tentar impor sua influência nos países que estejam, de alguma maneira, dentro das suas esferas de interesses. Magnoli, Demétrio. op. cit.;

³⁸ - as superpotências também procuraram intervir na “esfera” da outra por razões específicas, quase sempre ligadas a seus problemas internos ou estratégicos (como a constante presença soviética e norte-americana no Oriente Médio, menos por questões ideológicas e mais por causa do petróleo e da localização geográfica da região, ponto de passagem entre a Ásia e a Europa). Young, John W. *The Longman Companion to Cold War and Detente, 1941-91*. Londres, Nova Iorque, Longman, 1993;

grupos de esquerda, a idéia de que a União Soviética apoiaria qualquer movimento revolucionário.³⁹ Dentro dessa lógica, o anseio pela revolução socialista cresceu em todo o mundo.

Os soviéticos não pretendiam ajudar movimentos de esquerda (com receios de provocar uma nova guerra mundial, desta vez contra os Estados Unidos), até pelo contrário: pretendiam controlar esses movimentos. Grupos de esquerda recebiam (quando chegavam a receber) apenas uma pequena ajuda dos soviéticos, pois estes sempre mostravam-se relutantes em apoiar movimentos armados - e, principalmente, movimentos dos quais não pudessem controlar.

Para tentar controlar a “revolução comunista mundial”, os soviéticos procuravam orientar ideologicamente estes movimentos de esquerda com a idéia de se lutar por uma revolução em etapas: para se atingir a revolução socialista era necessário passar por algumas etapas (no processo que foi chamado de “etapismo”), ou seja, primeiro deveria acontecer a etapa de uma revolução burguesa e, apenas depois desta etapa, é que se deveria lutar pela revolução socialista.⁴⁰

Contestações a esta visão revolucionária começariam a aumentar, assim como também as críticas ao monopólio do marxismo e da revolução detidos até então pela União Soviética. O primeiro grande momento de contestação ao monopólio soviético foi a Revolução Chinesa, ocorrida em 1949, que mostrou as possibilidades de se fazer uma revolução através da guerrilha com a participação do campesinato. Nos primeiros anos de revolução, a China esteve ligada à União Soviética, mas esses laços desintegrariam-se no decorrer dos anos, com choques de interesses cada vez maiores entre as duas nações, que fizeram com que a China tomasse posições cada vez mais independentes.⁴¹

A Revolução Chinesa e a Guerra da Coréia alimentaram a idéia de que a China conduziria todo o Sudeste Asiático ao comunismo e criaria uma das mais polêmicas representações políticas surgidas durante a Guerra Fria, a chamada “Teoria do Dominó”: quando uma nação da região caísse sob o domínio do comunismo, as nações vizinhas logo cairiam também, como num jogo de dominó, onde depois de se derrubar a primeira peça as demais cairiam rapidamente, o que poderia destruir a política norte-americana na região. Tal “teoria” desconsiderava completamente as diferenças regionais, transformando todos os envolvidos em “comunistas”, caso fossem de oposição (qualquer que seja), ou em “democratas”, caso estivessem do lado norte-americano, sendo que tudo era válido para se impedir a queda das peças do “dominó”.

³⁹ - Kolko, Gabriel. Century of War – Politics, Conflicts, and Society Since 1914. Nova Iorque, The New Press, 1994;

⁴⁰ - Gorender, Jacob. Combate nas Trevas - a Esquerda Brasileira: das Ilusões Perdidas à Luta Armada. 3ª ed., São Paulo, Ática, 1987;

⁴¹ - Morrock, Richard. “Revolução e Intervenção no Vietname.” In Horowitz, David (Org.). op. cit.;

A possível queda da Indochina, onde forças nacionalistas (incluindo comunistas) lutavam contra os franceses, seria o início da derrocada da liberdade na região. Assim, os norte-americanos auxiliaram os franceses nos seus esforços de guerra para manter sua colônia, alegando que a luta francesa era contra o comunismo. Com a saída da França e a divisão da península da Indochina, os Estados Unidos passaram a intervir diretamente na região, tentando fazer com que os instáveis, violentos e impopulares regimes do Vietnã do Sul pudessem se manter sem cair perante o regime comunista do Vietnã do Norte.

A região da Indochina também passava lógica de integração da Ásia estabelecida pelo NSC 48/1, mas ganharia contornos mais dramáticos. O envolvimento dos Estados Unidos na Indochina desconsiderou o problema central da região: as lutas tinham um forte caráter nacionalista, com o comunismo catalisando ainda mais as forças, tanto para a expulsão dos franceses quanto, posteriormente, para a expulsão dos norte-americanos.⁴² Hoang Van Chi, historiador vietnamita, afirmou “*que pode ser dito da revolução vietnamita é que começou no nacionalismo e terminou no comunismo.*”⁴³

Um outro acontecimento decisivo para a crítica à linha soviética foi a Revolução Cubana, ocorrida em 1959. Esta revolução desafiava todas as premissas da orientação soviética, pois não foi feita pela classe operária, nem dirigida pelo partido comunista e nem sequer respeitou as etapas previstas nas teorias.⁴⁴ A revolução foi liderada por um pequeno grupo guerrilheiro, que foi crescendo até a derrubada do governo de Fulgêncio Batista, naquilo que seria chamado militarmente de “foquismo”.⁴⁵ Os personagens que conduziram a revolução, em particular Fidel Castro e Ernesto “Che” Guevara, eram carismáticos o suficiente para se tomarem exemplos para novos pretendentes à revolução.

A guerrilha tornava-se um modelo para a conquista do poder e para a implantação da revolução socialista, indiferentemente a qualquer orientação soviética. Um outro exemplo poderoso foi a resistência da guerrilha Vietcong contra os próprios Estados Unidos no Vietnã durante a década de 60. Além da luta guerrilheira ganhar um grande espaço na mídia mundial, sua resistência vitoriosa contra a maior força militar do planeta demonstrava (ou dava essa impressão) da sua eficácia para a luta revolucionária. Nas décadas de 50 e 60 o mundo ocidental viu surgir inúmeros grupos revolucionários que lutavam pela revolução socialista, acusando seus governos de serem títeres dos Estados Unidos e do capitalismo internacional. China e Cuba chegariam a apoiar

⁴² - Morrock, Richard. *Idem*;

⁴³ - extraído de: Lloyd, Dana Ohlmeyer. *Ho Chi Minh*. Coleção “*Os Grandes Líderes*”, São Paulo, Nova Cultural, 1987, p. 62;

⁴⁴ - Schwarz, Roberto. “*Um Seminário de Marx.*” In *Folha de S. Paulo* (Caderno “*Mais!*”). São Paulo, 08/10/95;

⁴⁵ - Gorender, Jacob. *op. cit.*;

muitos desses grupos, o que desagradou os soviéticos (que ainda tentavam controlar esses movimentos de esquerda), além de dar uma justificativa pertinente para a intervenção dos Estados Unidos nos mais variados lugares do mundo.

A espionagem tornou-se, então, essencial para as superpotências. As duas principais agências de espionagem, a CIA (Central of Intelligence American) norte-americana e a KGB (Comissão para a Segurança do Estado) soviética, foram acusadas de promover os mais variados atos de hostilidade contra várias países, além de roubar e passar informações ditas como vitais.⁴⁶

Mas a espionagem não foi exclusividade das superpotências: praticamente todos os países do mundo desenvolveram os seus setores de segurança e espionagem, temendo atos de espionagem contra si - ou promovendo os atos de espionagem contra outros países. O clima de confronto da Guerra Fria ajudou a manter a idéia da existência de complôs sujos e sórdidos, que também deveriam ser combatidos da mesma forma pelas “forças do bem”, sejam elas quais forem. A espionagem, ao mesmo tempo que assustava, também fascinava - a mistura de medo com o fascínio pelo “lado negro” do poder sempre chamou a atenção do público de um modo geral.⁴⁷ O cinema imortalizaria esta relação medo/fascínio através da construção da imagem heróica e misteriosa do espião, principalmente na figura do agente secreto inglês James Bond e de seu famoso código, 007.⁴⁸ Entre muitas de suas aventuras, James Bond “lutou” várias vezes para impedir uma Terceira Guerra Mundial. Fora das telas, em muitos lugares do mundo, como no Vietnã, existiram reais possibilidades de uma temida Terceira Guerra Mundial.

O Medo da Terceira Guerra Mundial

A construção da significação do medo da Terceira Guerra Mundial começou imediatamente após o fim da Segunda Guerra Mundial. Os seis anos de mortes e violência do conflito recém terminado criaram desejos por parte expressiva da população mundial, em particular

⁴⁶ - sobre as ações da Cia, ver: Agee, Philip. Dentro da “Companhia” - Diário da CIA. São Paulo, Círculo do Livro, 1976 e documentário Os Bastidores da CIA, Estados Unidos, Discovery Channel, produzido por Alan Levin e Stephen Stept, 1997; sobre as ações da KGB, ver: Trasíbulo, Maria Cristina; Henrique, Don Alfonso e Augustus, Cesar. En Los Subterráneos de La Guerra Psicológica - CIA/KGB: El Nuevo Tratado de Tordesillas. Lisboa, Editora Latina, s/D;

⁴⁷ - Girardet, Raoul. Mitos e Mitologias Políticas. São Paulo, Companhia das Letras, 1987;

⁴⁸ - de acordo com Eric J. Hobsbawn: “A Guerra Fria que de fato tentou corresponder à sua retórica de luta pela supremacia ou aniquilação não era aquela em que decisões fundamentais eram tomadas pelos governos, mas a nebulosa disputa entre seus vários serviços secretos reconhecidos e não reconhecidos, que no Ocidente produziu esse tão característico subproduto da tensão mundial, a ficção de espionagem e assassinato clandestino. Nesse gênero, os britânicos, com o James Bond de Ian Fleming e os heróis agrídoces de John le Carré - ambos tinham trabalhado nos serviços secretos britânicos - , mantiveram uma firme superioridade, compensando assim o declínio de seu país no mundo do poder real.” Hobsbawn, Eric J. Era dos Extremos - o Breve Século XX, 1914-1991. 2ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 226;

dos Estados Unidos e da Europa, para que uma nova guerra não ocorresse outra vez. Grupos pacifistas surgiram defendendo políticas menos agressivas entre as superpotências – embora estes grupos (ou pelo menos a maioria deles) seguissem as linhas políticas vindas de Moscou, pressionando os governos ocidentais a serem menos agressivos em relação à União Soviética.⁴⁹ Mas foram os lançamentos das bombas atômicas sobre as cidades japonesas de Hiroxima e Nagasaki que deixaram o mundo na expectativa de uma Terceira Guerra Mundial.

Por que os norte-americanos lançaram as bombas no Japão? De acordo com Gal Alperovitz, no seu estudo clássico sobre a diplomacia americana no imediato pós-guerra, as bombas foram utilizadas mais para repercutir em Moscou do que propriamente em Tóquio, pois os japoneses já estavam completamente derrotados e o uso das bombas atômicas não mudaria o destino da guerra. Em outras palavras, foi uma demonstração, pouco sutil, de que os Estados Unidos não pensariam duas vezes antes de utilizar seu arsenal atômico sobre os países inimigos em potencial - e a União Soviética era o primeiro país na lista -, caso existissem “problemas” diplomáticos no pós-guerra.⁵⁰

A argumentação de Alperovitz foi contestada: alguns pensadores defendem que a cúpula militar norte-americana não tinha como saber da real situação japonesa e o uso das bombas não foi mais do que uma necessidade estratégica da guerra propriamente dita, pois evitou a morte de muitas vidas norte-americanas que iriam ocorrer caso os Estados Unidos tivessem de invadir o território japonês; já outros pensadores argumentam que, pela lógica da cúpula política norte-americana, uma vez desenvolvida a bomba, ela teria de ser utilizada, pois foram gastos mais de 2 bilhões de dólares na sua construção em Alamagordo no chamado “Projeto Manhattan”, um valor alto demais para a época e que precisava ser justificado para a opinião pública – e, principalmente, para os contribuintes.⁵¹

De qualquer forma, a explosão das bombas repercutiu em Moscou efetivamente. A estratégia soviética perante o armamento atômico norte-americano, num primeiro momento, seguiu dois caminhos distintos: 1º - subestimar a importância da bomba atômica nas relações políticas internacionais; 2º - desenvolver a sua própria bomba o mais depressa possível. No primeiro ponto, a diplomacia soviética tentou mostrar-se indiferente ao armamento norte-americano, não se intimidando e procurando, inclusive, impor-se como potência no tabuleiro do poder mundial, como fez, por exemplo, através do Bloqueio de Berlim em 1948.⁵² Muitos estudos militares foram

⁴⁹ - Holloway, David. op. cit.;

⁵⁰ - Alperovitz, Gar. Diplomacia Atômica - o Uso da Bomba Atômica e o Confronto do Poder Americano com o Soviético. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, Saga, 1969;

⁵¹ - discussões levantadas na introdução de: Sherwin, Martin J. “*The Atomic Bomb*.” In Leffler, Melvyn P. e Painter, David S. (Orgs.). op. cit.;

⁵² - Holloway, David. op. cit.;

realizados entre 1945 e 1947, por ambas as partes, e a maioria deles indicou que, apesar da superioridade “de fogo” norte-americana por causa da bomba atômica, este armamento não iria produzir efeitos militares significativos no caso de uma invasão na própria União Soviética.⁵³ No segundo ponto, os soviéticos já tinham conhecimento das pesquisas norte-americanas do “Projeto Manhattan” antes de Postdam e, por volta de 1943, eles começariam a desenvolver, lentamente, a construção da sua própria bomba. Com o impacto das explosões das bombas no Japão na elite política soviética, Stalin determinou que era necessário, de qualquer forma, que a União Soviética tivesse a sua própria bomba. Stalin, então, priorizou o projeto atômico soviético e destinou recursos praticamente ilimitados para a construção da bomba, apesar da situação econômica do país estar caótica.⁵⁴ Com tal orientação, mais a presença de cientistas de grande capacidade intelectual (como Andriêi Sákharov e do cientista-chefe do projeto atômico soviético, Igor Kurchatov), além da eficiência da sua espionagem (que forneceu dados precisos sobre o “Projeto Manhattan”), os soviéticos aceleraram a construção da sua bomba atômica, que foi testada em com sucesso em 29 de agosto de 1949.⁵⁵

Ainda em 1949, os Estados Unidos conseguiriam estabelecer um padrão industrial do artefato nuclear para uma produção em larga escala. Em 1952, os Estados Unidos explodiram a bomba de hidrogênio, um arma ainda mais poderosa do que a bomba atômica, sendo que os soviéticos logo desenvolveriam o mesmo tipo de bomba e a explodiriam em 1953.⁵⁶ As rampas de lançamento intercontinentais começaram a ser desenvolvidas e, já no final da década de 50, o homem poderia lançar um satélite artificial no espaço (como os soviéticos fizeram ao lançar o Sputnik) ou enviar uma bomba nuclear, com muita precisão de alvo, nos mais distantes lugares do mundo. Era a chamada “corrida armamentista” e tecnológica entre as superpotências.⁵⁷

Tanto a “corrida armamentista” como o confronto tecnológico criaram uma das representações mais fortes da Guerra Fria, que foi o chamado “equilíbrio do terror”. Tal equilíbrio evitou uma guerra entre as duas potências, pois aquele que atacasse primeiro correria o risco de

⁵³ - Holloway, David. *Idem*;

⁵⁴ - o projeto atômico soviético utilizou-se de mais de 150 mil pessoas, a maioria trabalhando nas minas para obtenção de urânio e outros minérios atômicos. Holloway, David. *Idem*, *ibidem*;

⁵⁵ - Holloway, David. *Idem*, *ibidem*;

⁵⁶ - a bomba atômica soviética era praticamente uma cópia da bomba norte-americana, mas a bomba de hidrogênio soviética era um projeto original da ciência soviética. Holloway, David. *Idem*, *ibidem*;

⁵⁷ - Robert G. Weasson argumenta que a “corrida soviético-americana de armas nucleares foi impulsionada pelo medo e por seu próprio ímpeto adquirido. A potência das armas é tamanha que parece indispensável contrabalançar o que o adversário possa fazer ou seja capaz de fazer. Se ter algumas armas nucleares é desejável, ter mais é ainda melhor. A incerteza gera o medo; o sigilo soviético alimenta os “falcões” em Washington.” Wesson, Robert G. *op. cit.*, p. 60;

sofrer um terrível e destruidor contra-ataque, muito mais devastador do que o seu ataque inicial - situação que seria chamada na década de 80 do século XX de “the day after”.⁵⁸

Tais problemas evitaram uma guerra entre as superpotências, mas as armas nucleares não evitaram as inúmeras guerras que se alastraram entre os demais países nos anos seguintes depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Na verdade, as armas nucleares aumentaram ainda mais os problemas das regiões em litígio: qualquer destes “incidentes”, dependendo dos resultados, eram ameaçados por uma superpotência com um ataque nuclear, ataque este que poderia ser respondido pela outra superpotência. Mesmo conflitos menores poderiam levar a uma Terceira Guerra Mundial.

Os problemas no tocante à produção de armas, nucleares ou não, não se limitavam apenas a questões da Guerra Fria. Grupos e interesses dos mais variados também atuavam nessa dinâmica da Guerra Fria. Um desses grupos foi o chamado Complexo Industrial-Militar, ou seja, um complexo de redes industriais ligadas à produção de armas e equipamentos militares, com interesses nas verbas governamentais.⁵⁹ Tal “complexo” existia antes do fim da Segunda Guerra Mundial, mas ganhou um grande desenvolvimento com a Guerra Fria, pois ela era uma justificativa para a manutenção de um infinito estado de guerra, dando o *status* de importância (e lucro) dessas indústrias.⁶⁰

O Complexo Industrial-Militar fazia parte da realidade das duas superpotências. Para a União Soviética, era quase que necessário efetuar gastos nessa área pois, além das pressões que os membros do Exército Vermelho constantemente faziam, era uma inesgotável fonte de arrecadação de rendas e de produção para o país. Os gastos com armamentos produziam muitos

⁵⁸ - tal expressão surgiu de um telefilme norte-americano de mesmo nome, que tratava justamente do dia seguinte a uma guerra nuclear. O Dia Seguinte (The Day After). Filme, Estados Unidos, dirigido por Nicholas Meyer, 1983;

⁵⁹ - Eisenhower, em discurso de despedida da presidência, proferido em 17/01/61, denunciou o complexo: “Essa conjunção de um imenso aparato militar e uma enorme indústria armamentista é nova na experiência norte-americana. (...) Nós reconhecemos a necessidade imperiosa para tal desenvolvimento. Ainda assim, não devemos falhar em compreender suas graves implicações. Nos conselhos governamentais, nós precisamos nos precaver contra a aquisição de influência injustificada, procurada ou não, pelo complexo militar-industrial. O potencial para o desastroso crescimento desse poder fora do lugar existe, e persistirá.” Extraído de: Sandbergm Peter Lans. Eisenhower. Coleção “*Os Grandes Líderes*”, São Paulo, Nova Cultural, 1987, p. 84;

⁶⁰ - - Weasson argumenta que “Muito pode ser dito contra o comércio de armas. Ele é suscetível de causar instabilidade e aumentar as tensões; alguns governantes serão provavelmente tentados a usar suas armas reluzentes e novinhas em folha, embora outros possam desejar manter intactos seus dispendiosos brinquedos. É lícito conjecturar que a escalada na corrida de armas convencionais favorece a proliferação de armas nucleares. (...) Os armamentos também constituem um exemplo de consumo conspícuo, uma marca de poder e progresso, à semelhança de uma empresa aérea nacional. O seu uso mais provável é para derrubar um governo ou sustentar uma ditadura.” Weasson, Robert G. op. cit., p. 86;

empregos diretos e uma série de empregos indiretos, o que fazia a economia soviética, mesmo que de maneira cambaleante, funcionar.⁶¹

A venda de armas transformou-se, então, num grande comércio, tanto para os soviéticos quanto para os norte-americanos. Tal comércio precisava ser mantido e, neste sentido, a idéia de um confronto entre as duas superpotências era perfeitamente lógica e aceitável para membros desses setores de ambos os lados.⁶²

Contracultura

A Contracultura foi um fenômeno que atingiu o seu apogeu durante o período da Guerra do Vietnã, mesmo tendo origens nos anos anteriores. É difícil definir toda a extensão deste termo, pois os grupos que compunham a Contracultura não apresentavam uma unidade.⁶³ De acordo com Theodore Roszak, os movimentos contestatórios foram feitos por uma minoria de jovens das décadas de 60 e 70, filhos do chamado “*baby boom*” (expressão que define os aproximadamente 86 milhões de nascimentos entre 1946 e 1964, apenas nos Estados Unidos), criados na prosperidade econômica que os países desenvolvidos atingiram depois da Segunda Guerra Mundial. Esses jovens - diferentemente de seus pais, que precisaram sujeitar-se ao trabalho quer pela depressão econômica ou pela guerra - desejavam ficar jovens eternamente. Para esses “jovens mimados” e criados na abundância, não acostumados às convenções sociais (muito mais suaves nas suas casas, nas escolas e nas universidades), a sociedade tinha de ser mudada para a busca do prazer que tais convenções sociais impediam.⁶⁴ Em outras palavras, esses jovens procurariam criar uma outra cultura, uma cultura alternativa à cultura aceita pela sociedade – procurariam criar uma Contracultura.⁶⁵

⁶¹ - Chomsky, Noam. op. cit.;

⁶² - tal comércio atingiria as outras nações do mundo. A África seria um dos maiores consumidores de armas na segunda metade do século XX. Vivendo imerso na mais profunda miséria e com inúmeras crises políticas (devido à grande quantidade de tribos e de grupos radicais com os mais variados interesses), o “continente negro” vivia (como ainda vive) em estado de guerra permanente. As superpotências e outros países produtores de armas (como o Brasil) iriam se aproveitar deste estado de “guerra permanente” para vender suas armas e, conseqüentemente, aumentar ainda mais o flagelo do povo africano. Extraído do documentário Guerra Fria, programa exibido pela Rádio e Televisão Cultura, São Paulo, janeiro de 1998. Guerra Fria. Documentário, São Paulo, Rádio e Televisão Cultura, dirigido por Roseli Ferro, 1998;

⁶³ - alguns autores fazem, inclusive, divisões mais radicais sobre os movimentos de contestação da década de 60, como é o caso de Peter Cleack, que chama de “Movimento” o conjunto de ações não-conformistas praticadas nos Estados Unidos neste período, dividindo-o assim: “o movimento negro, o movimento estudantil, a nova esquerda, o movimento feminista, a contracultura.” Cleack, Peter. “*O Movimento dos Anos 60 e o seu Legado Cultural e Política*.” In Coben, Stanley e Ratner, Norman (Org.). O Desenvolvimento da Cultura Norte-Americana. Rio de Janeiro, Anima, 1985, p. 353;

⁶⁴ - Roszak, Theodore. A Contracultura. 2. ed., Petrópolis, Vozes, 1972;

⁶⁵ - de acordo com o Luís Carlos Maciel, contracultura “é a cultura marginal, independente do reconhecimento oficial. No sentido universitário do termo é uma anticultura. Obedece a instintos desclassificados nos quadros

Ainda na década de 50, foi criada uma espécie de “mercado jovem”, ou seja, a comercialização de produtos única e exclusivamente para jovens, reforçando a idéia da juventude como um fim em si mesma.⁶⁶ Tais produtos poderiam ter intenções meramente comerciais, mas acabariam realizando uma profunda revolução cultural de crítica jovem ao mundo,⁶⁷ criando representações que se manifestariam, principalmente, na década seguinte.

Mas foi na década de 50 que um outro produto cultural importante, a televisão, começaria a se destacar como o meio de comunicação mais importante. Os meios eletrônicos de um modo geral tiveram uma expansão fantástica durante a década de 50, e, conseqüentemente, a televisão também. Quase que toda a cultura norte-americana ficou dependente da televisão, tanto que os principais ídolos musicais utilizaram-se do meio para alcançar (ou manter) o seu sucesso, como foi o caso de Elvis Presley em 1956 e, em 1964, dos Beatles.⁶⁸ O mais importante foi que esse meio acabou por particularizar coisas distantes, aumentando a idéia de livre arbítrio, ou seja, de que as pessoas tinham uma capacidade de participação social maior. Problemas aparentemente longínquos eram apresentados continuamente e no cotidiano de milhões de pessoas através da televisão - milhões de jovens eram apresentados aos problemas sociais dos mais variados pontos do mundo e não ficariam indiferentes a eles.

acadêmicos.” Extraído de: Pereira, Carlos Alberto M. O que é Contracultura. Coleção “*Primeiros Passos*”, N° 100, 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1984, p.13;

⁶⁶ - os principais produtos construídos e consumidos pela juventude estavam relacionados com o cinema, onde personagens como o motoqueiro Marlon Brando e o rebelde sem causa James Dean colocavam-se contra os adultos, criando uma série de imitações baratas muito consumidas pelos jovens (os chamados filmes “B”); com a **música popular**, onde os jovens buscavam alternativas aos cantores tenores e ítalo-americanos (cujo exemplo máximo era Frank Sinatra) principalmente através da música negra (o jazz e o *rythm'n'blues*), originando uma nova música relacionada diretamente com os jovens, o *rock'n'roll*, cujos ídolos também apareciam como transgressores (o rebelde e sexual Elvis “the Pelvis” Presley, o andrógino Little Richard, etc.); com a **literatura**, como a obra de J. D. Salinger, *The Catcher in the Rye* (O Apanhador no Campo de Centeio), que mostrava os pensamentos de um adolescente rebelde, enquanto que a Geração Beat (precursores diretos dos *hippies*) e suas propostas de liberdade ganhavam o mercado editorial com a poesia *Howl* (Uivo), de Allen Ginsberg, e o relato das viagens de carona de Jack Kerouac em *On The Road*; com as **revistas em quadrinhos**, pois elas estimularam a imprensa alternativa norte-americana, que teria como base os campus universitários, e ajudariam a abrir espaço para quadrinistas como Robert Crumb e Robert Williams. Fora da imprensa alternativa, a revista *MAD* era um dos produtos intensamente consumidos pelos jovens, apresentando críticas à vida e situações cotidianas, mesmo que sem intenções revolucionárias;

⁶⁷ - mas nem tudo foi tão “maravilhoso” assim para a juventude deste período. Mesmo tendo sobrevivido uma idéia de que a década de 50 (muitas vezes chamado de “anos dourados” - termo utilizado antes mesmo do seriado produzido pela Rede Globo como este mesmo nome) foi um momento único de rebeldia jovem, muitos intelectuais discordam desta visão. Russell Jacoby comenta que: “Enquanto as rebeliões dos anos 60 podem ser e foram documentadas exaustivamente, os anos 50 parecem cada vez mais confusos, assim como cruciais. Os anos 50 se caracterizaram pela rápida suburbanização, pela ascensão e queda do macarthismo e pelos beats. Esses anos também testemunharam uma nova crise nacional: a delinqüência juvenil, tema de intermináveis investigações. No entanto, os editoriais dos jornais lamentavam também outro fenômeno, quase oposto: o da juventude apática e conformista.” Jacoby, Russell. Os Últimos Intelectuais - a Cultura Americana na Era da Academia. São Paulo, Trajetória Cultural, Editora da Universidade de São Paulo, 1990, p. 66;

⁶⁸ - a apresentação dos Beatles no programa de Ed Sullivan teve uma audiência de aproximadamente 73 milhões de telespectadores, a maior até então na história da televisão norte-americana;

A produção televisiva começou a ser influente na vida de milhões de norte-americanos, e não apenas por causa dos programas jornalísticos: um dos primeiros produtos realizados pela televisão foram os seriados semanais, que no Brasil ficariam conhecidos pejorativamente como “enlatados”. Apesar de seu discutível nível cultural, esses seriados não apenas confirmavam os valores tradicionais, como também acabaram criando representações críticas da vida dos Estados Unidos. O seriado Rota 66, fortemente influenciado pela Geração Beat, seria um desses exemplos. Os dois jovens que percorrem a rota 66 com seu automóvel passavam mais do que histórias ficcionais - eles realizaram um mergulho dentro da sociedade norte-americana, mostrando as relações sociais de pequenas cidades, com seus problemas de relacionamento, moralidade, racismo, etc.⁶⁹

O novo meio aproximava questões distantes, o que alterou profundamente a maneira de uma parte expressiva do público de encarar certos acontecimentos, como a reação contra o segregacionismo racial no sul dos Estados Unidos. A política contra a segregação racial, iniciada durante o governo Eisenhower e levada a cabo durante o governo Kennedy, recebeu o reforço de inúmeros jovens, que formaram o *Students for a Democratic Society* (Estudantes por uma Sociedade Democrática), o SDS, um grupo de pressão e atuação para que o segregacionismo fosse abolido. Uma vez conseguido esse objetivo, o SDS colocaria-se contra a Guerra do Vietnã.⁷⁰

A Contracultura também seria um dos frutos do *Imaginário da Guerra Fria*? Em muitos sentidos a resposta é positiva, pois a Contracultura buscava representações alternativas ao moralismo comportamental das sociedades industriais e, por assim dizer, buscava também alternativas aos radicalismos maniqueístas da Guerra Fria, apresentando novas representações.

Uma das representações que a *Contracultura* combatia era a tecnocracia, pois não importava se o regime fosse capitalista ou comunista (a divisão por excelência da Guerra Fria): a ordem tecnocrática era a mesma nas duas formas de governo.⁷¹ Para os comunistas, o grande inimigo era o capitalismo; para os membros da *Contracultura*, o grande inimigo era o “sistema” e suas infinitas redes de poder que aprisionavam o indivíduo. Os primeiros lutavam contra a opressão econômica de um classe sobre as demais, procurando libertá-las; os membros da *Contracultura*

⁶⁹ - Jacoby, Russell. op. cit.;

⁷⁰ - para saber sobre a trajetória dos grupos de estudantes norte-americanos, ver: Wells, Tom. The War Within - America's Battle Over Vietnam. Los Angeles, University of California Press Ltda, 1994;

⁷¹ - para Theodore Roszak, tecnocracia é “a forma social na qual uma sociedade industrial atinge o ápice de sua integração organizacional. É o ideal que geralmente as pessoas têm em mente quando falam de modernização, racionalização, planejamento. Com base em imperativos incontestáveis como a procura de eficiência, a segurança social, a coordenação em grande escala de homens e recursos, níveis cada vez maiores de opulência e manifestações crescentes de força humana coletiva, a tecnocracia age no sentido de eliminar as brechas e fissuras anacrônicas da sociedade industrial. (...) A política, a educação, o lazer, o entretenimento, a cultura como um todo, os impulsos inconscientes e até mesmo, como veremos, o protesto contra a tecnocracia - tudo se torna objeto de exame de manipulação puramente técnicos.” Roszak, Theodore. op. cit., p. 19;

lutavam pela “liberdade”, que era limitada (ou mesmo impedida) pelas amarras tecnocráticas.⁷² O já citado Complexo Industrial-Militar seria muito criticado por membros da Contracultura, que o acusaram de ser uma extensão totalitária da tecnocracia.

Nunca foi dada uma definição exata do conceito de “liberdade” trabalhado pela Contracultura. Um exemplo desta busca de “liberdade” sem um conceito mais definido pode ser acompanhada num dos primeiros grupos de hippies, The Merry Pranksters, grupo formado pelo escritor Ken Kesey, que consistia num bando de andarilhos que viajavam de cidade em cidade dos Estados Unidos com seu próprio ônibus (o motorista era o famoso modelo da geração Beat e personagem central de On the Road, Neal Cassidy), fazendo peças teatrais, quase sempre surrealistas, cheias de críticas contra a sociedade tradicional norte-americana e, logicamente, contra o “sistema”.⁷³ Muitos outros grupos se formaram no início da década de 60, mas este ficou sendo o mais conhecido por causa do chamado Electric Kool-Aid Acid Tests, ou simplesmente Acid Tests - “testes” que consistiam na distribuição de LSD para o público (a droga foi colocada na ilegalidade nos Estados Unidos em 1966) com shows que aclimatizavam as “viagens”, como luzes coloridas, vivas e brilhantes, música tocada com volume alto, projeção de filmes, danças, ou seja, vários efeitos para realçar as experiências sensoriais produzidas pela droga. Tudo isso feito antes de Timothy Leary ter se transformado no “papa do LSD”.⁷⁴

Liberdade num clima carregado de música, cores e drogas - nada se parece com os conceitos de liberdade defendidos por comunistas ou liberais, por exemplo.⁷⁵ E tal busca por “liberdade” estendeu-se a todos os povos do mundo, pelo menos na mente de milhares de jovens.⁷⁶

⁷² - comentando os incidentes de Paris em 1968, Hobsbawn nos afirma que: “O inimigo (destes revolucionários franceses), por definição, não tem rosto e nem sequer é uma coisa ou uma instituição, mas um programa de relações humanas, um processo de despersonalização, não a exploração que envolve exploradores, mas a alienação. É significativo que a maioria dos próprios estudantes (diferentemente dos operários, menos revolucionários) não estava preocupado com De Gaulle, exceto na medida em que o objetivo real, a sociedade, estava ofuscada pelo fenômeno puramente político do gaulismo. O movimento popular foi, pois, subpolítico ou antipolítico.” Hobsbawn, Eric J. “Maio de 1968.” In Revolucionários. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p. 242;

⁷³ - extraído de: Wolfe, Tom. O Teste do Ácido do Refresco Elétrico. Rio de Janeiro, Rocco, 1993;

⁷⁴ - para saber sobre a trajetória de Timothy Leary ver: Leary, Timothy. Flashbacks “Surfando no Caos” - uma Autobiografia. São Paulo, Beca Produções Culturais, 1999;

⁷⁵ - para Eric J. Hobsbawn, esta “revolução cultural” era impotente: “Todo o tema é, na realidade, parte integrante de uma questão muito mais ampla: qual é o papel que desempenha na revolução ou em qualquer mudança social essa revolução cultural que hoje constituiu uma vertente visível da ‘nova esquerda’ e que, em alguns países, como os Estados Unidos, é seu aspecto dominante? Não há revolução social importante que não seja combinada, pelo menos periféricamente, com tal dissidência cultural. Talvez hoje, no Ocidente, onde a força-motriz básica da rebeldia é a “alienação” mais que a pobreza, nenhum movimento que também não ataque o sistema de relações pessoais e de satisfações privadas pode ser revolucionário. Mas, em si mesmas, a rebelião cultural e a dissidência cultural são sintomas, não forças revolucionárias. Politicamente não são importantes.” Hobsbawn, Eric J. “Revolução e Sexo.” op. cit., p. 219;

⁷⁶ - de acordo com Edgar de Decca: “No mundo imagético elaborado pela complexa simbiose da revolta e da revolução viriam conviver conjuntamente, tanto o longínquo camponês da América Latina, Camboja e

Surgiram, logicamente, grupos mais organizados e politicamente menos abrangentes nos conceitos, mas eles não conseguiram achar um ponto em comum para ações mais articuladas.

A “contra-revolução” que destruiu a Contracultura praticamente começou no dia que Richard Nixon assumiu a presidência dos Estados Unidos em 1969, pois as pressões contra os grupos ditos como “radicais” tornaram-se maiores.⁷⁷ Um dos últimos “sopros de vida” da Contracultura norte-americana foi a tentativa de classificar marginais e alguns tipos de bandidos como “anti-heróis”, ou seja, seres “inocentes” que lutavam contra o terrível “sistema”.⁷⁸ A repressão contra esses marginais e bandidos seria intensa por parte das autoridades e esta representação morreria rapidamente no decorrer da década de 70. A última expressão radical da Contracultura norte-americana foi o chamado Exército Simbionês de Libertação Nacional, um pequeno grupo violento com idéias confusas (quando não absurdas) que conseguiria grande espaço na mídia mundial ao seqüestrar a herdeira do império Hearst, Patricia Hearst, fazendo com que ela,

Vietname, como hippies da classe média americana que, reunidos numa fazenda nas proximidades de Nova Iorque iriam fundar a nação Woodstock. (...) A terra prometida do sexo, da droga e do rock and roll, essa utopia romântica dos rebeldes primitivos do mundo desenvolvido, convivia de mãos dadas com as utopias revolucionárias terceiro-mundistas, proporcionando um espectro abrangente e inovador no campo dos estudos sobre os movimentos sociais.” Decca, Edgar Salvadori de. *Rebelião e Revolução na História Social.* In Bresciani, Maria Stella; Samara, Eni de Mesquita e Lewkowicz, Ida (Orgs.). *Jogos da Política - Imagens, Representações e Práticas.* São Paulo, ANPHU/São Paulo, Marco Zero, FAPESP, 1992, p. 20; mas nem todos pensavam assim, como Paulo Francis nos demonstra: “Nos anos 60 a chamada Nova Esquerda me fascinou bastante. Porque à parte “ajudar os pobres” e humilhar os ricos, propunha uma liberdade sexual e um espírito de aventura ausentes do que eu conhecia da vida de revolucionários comunistas. Tudo isso degingolou na preguiça, ignorância e incompetência que marcam a contracultura, em que prevalece a linha mínima, biquíni de auto-afirmação: sou bom porque negro, porque invertido, porque mulher, porque isso e aquilo. Voltou a valer o que se é, não o que se faz, o que não passa de reacionarismo, ainda que mascarado de libertarismo em favor dos oprimidos.” Francis, Paulo. *Trinta Anos esta Noite - 1964, o Que Vi e Vivi.* São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 64;

⁷⁷ - Danny Fields, o “doidão” da gravadora Elektra Records, que foi despedido deste exótico cargo no dia que Nixon assumiu a presidência, nos revela, comentando a prisão de John Sinclair, o clima da época contra os “radicais”: “John Sinclair era um alvo fácil. Acho que a defesa da marijuana foi o que fez John Sinclair dançar, muito mais do que a revolução ou ‘trepar nas ruas’. Todas as forças da lei e da ordem estavam galvanizadas naqueles primeiros dias da administração Nixon - foi na época em que o secretário de Justiça John Mitchell tinha recém-assumido o poder com uma incisiva mensagem de lei e ordem, antidroga e antijuventude. John Sinclair era grande e forte, e concluíram que poderiam decepar a cabeça do movimento pegando-o. Então prenderam-no por causa de dois baseados e deram a pena máxima pra ele. Naquela época havia nos livros leis draconianas que raramente eram aplicadas, a menos que quisessem você. E queriam John Sinclair.” Sinclair foi condenado a 10 anos de prisão por dois baseados (cigarros de maconha), mas cumpriu apenas dois anos e meio. Mas a severidade da pena contra Sinclair demonstrava que o Establishment que a Contracultura tanto combatia, literalmente, ‘fechou o cerco’.” Extraído de: McNeil, Legs e McCain, Gillian. *Mate-me Por Favor - uma História sem Censura do Punk.* Porto Alegre, L&PM, 1997, p. 87;

⁷⁸ - assim, um simples assalto de banco ocorrido na cidade de Nova Iorque em 1971 (com o líder do assalto chamando os policiais de “porcos”, que era a maneira como os membros da Contracultura se referiam às autoridades, com uma parte do público ao redor ovacionando e a outra vaiando) ou a rebelião do presídio de Attica, no estado de Nova Iorque, ganhavam aspectos bem maiores do que suas próprias origens: o maniqueísmo da rebeldia “pura” dos excluídos sociais contra as “garras do sistema” sobre este assalto, ver: *Um Dia de Cão (Dog Day Afternoon).* Filme, Estados Unidos, dirigido por Sidney Lumet, 1975; e sobre a

inclusive, passasse a ser membro do grupo e a participar das suas ações “militares”. O Exército Simbionês de Libertação Nacional seria destruído e Patty Hearst iria pedir desculpas por ter se convertido em “revolucionária”. Suas desculpas não iriam adiantar muito, pois ela ficaria alguns anos na prisão.⁷⁹

Muitos dos movimentos radicais europeus seriam derrotados politicamente e escolheriam, então, o caminho das armas, como foi o caso das Brigadas Vermelhas, na Itália, e o Bando de Baader (Baader-Meinhof), na Alemanha. A Gauche Prolétarienne, organização maoísta francesa, abrandaria suas posições (não sem graves confrontos internos) e o jornal *Libération*, fundado em 1973, que era o porta-voz do maoísmo, modernizaria-se intensamente e iria transformar-se num dos mais importantes jornais europeus.⁸⁰

A Contracultura, logicamente, não foi derrubada apenas por causa da reação conservadora. A “Crise do Petróleo”, de 1973, colocou fim aos tempos economicamente ricos que, em grande parte, tinha ajudado a dar condições aos jovens “mimados” de criarem a Contracultura. Outra razão da “derrota” foi a própria falta de definição da Contracultura como movimento: era algo abrangente demais para poder se manter por muito tempo. E, não podemos deixar de citar, faltou definição mais clara de seus objetivos: a “liberdade total” sem definição era insuficiente para “mudar o mundo”.⁸¹

Herbert Marcuse seria o grande teórico desta linha, pois o pensador alemão propunha que, já que as classes trabalhadoras dos países desenvolvidos estavam satisfeitas com a prosperidade econômica e com a segurança da orientação tecnocrática, restava às minorias o papel de lutar pela revolução, ou seja, negros, pobres, grupos radicais de países subdesenvolvidos e, principalmente, estudantes.⁸² A revolução comportamental era uma maneira de se combater a tecnocracia, ou seja, impor o chamado “Princípio do Prazer” contra o “Princípio da Realidade”,

rebelião de Attica, ver: *Attica: Solução Final (Against the Wall)*. Filme, Estados Unidos, dirigido por John Frankenheimer, 1993;

⁷⁹ - para maiores informações do seqüestro de Patty Hearst, ver: Hearst, Patricia Campbell. *O Seqüestro de Patty*. Rio de Janeiro, Record, 1990; como bem definiu Peter Cleack: “A tarefa de descobrir por que - e em que sentidos - o Movimento se desintegrou é composta de problemas de definição. De saber exatamente o que foi este enganoso Movimento, que, pela maioria dos relatos, começou intermitentemente em meados dos anos 50 com esparsos protestos culturais e políticos e terminou, digamos, por volta de 1973, quando membros do Exército Simbionês de Libertação assassinaram Marcus Foster, o primeiro superintendente escolar negro de Oakland, Califórnia. Nenhuma definição única se ajusta ao Movimento inteiro.” Cleack, Peter. op. cit., p. 330;

⁸⁰ - informações extraídas de: Cohn-Bendit, Dany. *Nós que Amávamos Tanto a Revolução - 20 Anos Depois*. São Paulo, Brasiliense, 1987;

⁸¹ - para Hobsbawn, comentando o fracasso de Maio de 68: “Quando os franceses entraram em greve geral em maio de 1968, os acontecimentos no Teatro Odeon e aquelas maravilhosas inscrições (“É proibido proibir”, “Quando faço revolução, sinto-me como se fizesse amor”, etc.) poderiam ser vistos como formas menores de literatura e teatro, marginais aos eventos principais. Quanto mais visíveis estes fenômenos, mais certeza podemos ter de que os acontecimentos realmente decisivos não estão ocorrendo. Chocar a burguesia é, infelizmente, mais fácil do que derrubá-la.” Hobsbawn, Eric J. *Revolução e Sexo.* op. cit., pp. 219-220.

dinamitando a sociedade tecnocrática naquilo que lhe era mais importante, ou seja, na sua capacidade de reprodução e de manter o ordenamento técnico da sociedade.⁸³ A visão de Marcuse uniu a contestação comportamental da Contracultura e deu-lhe uma dinâmica dentro do *Imaginário da Guerra Fria*. Não foi, portanto, apenas a negação dos radicalismos do *Imaginário da Guerra Fria*, mas também uma dinâmica de atuação dentro deste imaginário.

A Guerra do Vietnã era um dos resultados do *Imaginário da Guerra Fria*, mas uma parte expressiva da sua contestação pertencia à Contracultura, que pensava a guerra como uma extensão dos poderes tecnocráticos. Não eram apenas grupos ligados à Contracultura que contestavam a guerra: outros grupos de contestação utilizariam-se dos acontecimentos no Vietnã para alimentar as representações típicas do *Imaginário da Guerra Fria*, ou seja, utilizavam os acontecimentos para justificar sua adesão ao comunismo (colocando-se a favor do Vietnã do Norte/Vietcong e contra os Estados Unidos) ou para sua repulsa (colocando-se contra o Vietnã do Norte/Vietcong e a favor dos Estados Unidos).⁸⁴

Seriam estas as significações imaginárias secundárias, oriundas do imaginário radical (Guerra Fria), que vamos encontrar na cobertura da imprensa brasileira das guerras da Coreia e do Vietnã.

⁸²- Jacoby, Russell. *op. cit.*;

⁸³- Marcuse, Herbert. *Eros e Civilização*. Rio de Janeiro, Saga, 1968;

⁸⁴ - para o conservador Robert Wesson: "Os beneficiários da Guerra do Vietnã foram os movimentos esquerdistas radicais ou comunistas. A guerra deu-lhes heróis autênticos, vilões plausíveis e uma causa comovente e compreensível. Devolveu aos partidos de extrema esquerda parte da respeitabilidade de que já tinham desfrutado antes como líderes da resistência antinazista. Uniu todos os partidos comunistas em oposição ao "imperialismo americano". Os comunistas em conclave, quando não podiam concordar em muita outra coisa, juntavam-se felizes gritando denúncias de ações norte-americanas no Vietnã." Wesson, Robert G. *op. cit.*, p. 48.

A Imprensa Brasileira

Vamos discutir a presença das imagens (inclusive por influência da televisão) na imprensa brasileira do século XX e sua articulação com o *Imaginário da Guerra Fria*. Vamos perceber que a forma de apresentação do material é tão fundamental quanto o conteúdo escrito dos mesmos. E também podemos perceber a penetração inexorável da televisão na imprensa e na vida brasileira como um todo. E que o *Imaginário da Guerra Fria* interferia na construção noticiosa.

A grande imprensa brasileira quase sempre foi administrada de maneira conservadora (e anticomunista), quer liderada por grupos familiares, como é o caso do *O Estado de S. Paulo* (Mesquita), o grupo *Folha* (Frias), *O Globo* (Marinho), *Correio da Manhã* (Bittencourt), *Jornal do Brasil* (Pereira Carneiro), entre outros; quer por figuras fortes e, invariavelmente, “paternalistas”, como Assis Chateaubriand (criador dos *Diários Associados*), Carlos Lacerda (*Tribuna da Imprensa*) e Samuel Wainer (*Última Hora*).

Esse conservadorismo não era apenas político, mas também formal. Pelo menos até 1945 a maior parte do jornalismo brasileiro seguia uma linha próxima do jornalismo francês,¹ que tinha como características básicas: 1º - uma grande quantidade de textos por matéria (redigidos, invariavelmente, dentro de um estilo lingüístico rebuscado, típico de literatos); 2º - poucas fotografias; 3º - nenhuma preocupação com a neutralidade - ou seja, era um jornalismo opinativo e crítico.² Tal situação iria alterar-se: para conseguir apoio do Brasil na Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos abriram uma série de intercâmbios culturais, entre eles no campo do jornalismo, e vários jornalistas brasileiros puderam, então, tomar contato com novas técnicas de produção e de construção da notícia.³

Mas mesmo antes da Segunda Guerra Mundial algumas mudanças de matrizes já estavam acontecendo na imprensa brasileira. Um dos jornais inovadores da primeira metade do século XX foi o *Jornal do Brasil* que, na década de 20, realizou várias reformas no jornal,

¹- tal comportamento devia-se à própria tradição cultural brasileira nesta primeira metade de século, que valorizava a cultura francesa em detrimento de outras matrizes culturais. Lins da Silva, Carlos Eduardo. *O Adiantado da Hora – a Influência Americana Sobre o Jornalismo Brasileiro*. São Paulo, Summus, 1991;

²- não queremos dizer que a matriz norte-americana conseguia atingir com perfeição os seus pilares básicos, “Liberdade e Objetividade”, pois, como nos afiança Carlos Eduardo Lins da Silva, a objetividade “é impossível, já que qualquer pessoa quando observa o mundo o faz através de uma ótica particular, de acordo com a sua educação, tipo de inserção social, experiência anteriores e toda uma série de condicionantes.” O autor acrescenta que ambos os conceitos são utilizados para justificar um tipo de jornalismo e não outro. Lins da Silva, Carlos Eduardo. op. cit., p. 89;

³ - Bahia, Juez. *Jornal, História e Técnica – as Técnicas do Jornalismo*. 4ª ed., São Paulo, Ática, 1990;

procurando valorizar questões relacionadas à imagem do seu produto.⁴ Mas, neste momento, melhorias técnicas não correspondiam, necessariamente, em aumento de vendas e o jornal entrou em crise.⁵ Mas tal situação começou a ser alterada com a criação de inúmeros jornais e revistas com maiores preocupações imagéticas na sua forma.

O Cruzeiro, Folha da Noite, Diário Carioca e Tribuna da Imprensa

Inicialmente conhecida apenas como *Cruzeiro* (nome inspirado na constelação do Cruzeiro do Sul) e lançada em 10 de novembro de 1928, ela era impressa a cores no sistema, pioneiro no Brasil, de rotogravura. A revista valorizava primordialmente a fotografia,⁶ apresentando suas reportagens com agilidade e diversidade de assuntos, superando as outroras prósperas revistas *A Cigarra* (que seria, posteriormente, incorporada ao império jornalístico de Chateaubriand), *Fon-Fon!* e *Careta*, que utilizavam-se, primordialmente, de charges, sem uma valorização muito profunda da fotografia.⁷

O anúncio para a nova revista foi especial: foi criada uma propaganda comercial para ser exibida nos cinemas mostrando a impressão da revista pelo sistema de rotogravura.⁸ Esta propaganda pode ser considerada como a primeira utilização da linguagem imagética (no caso, a cinematográfica) a mostrar algum aspecto da imprensa no Brasil.

O Cruzeiro transformou-se numa das mais importantes revistas da imprensa brasileira não por causa da televisão (que só seria comercializada nos Estados Unidos alguns anos depois do lançamento da revista), mas por questões técnicas (o uso do sistema de rotogravura) e de uma nova visão editorial (valorizando a fotografia como linguagem jornalística primordial), além, logicamente, da utilização das grandes reportagens, que sempre atraíam a atenção do público.

Outro grande jornal inovador dos anos 40 foi o *Diário Carioca*, que pertencia a José Eduardo Macedo Soares, mas era dirigido por Danton Jobin e Pompeu de Souza, sendo que

⁴ - Fernando Morais comenta a situação do jornal em meados dos anos 20: "Instalado em um prédio novo na recém construída avenida Central, o *Jornal do Brasil* importara linotipos, máquinas novas para impressão e um moderno sistema de chicheira. Nos últimos anos seus donos vinham tentando adaptá-lo aos moldes da melhor imprensa estrangeira, transferindo os pequenos anúncios para a primeira página, como faziam os diários norte-americanos, e imprimindo o cabeçalho em cores." Morais, Fernando. *Chatô – o Rei do Brasil*. 2ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 99;

⁵ - o mesmo Fernando Morais complementa que "as reformas técnicas não se refletiam no essencial, que era a vendagem. Mesmo ocupando parte do "mais alto edifício da América do Sul", e dispondo do mais completo parque gráfico do Brasil, o jornal vendia muito pouco." Morais, Fernando. op. cit., p. 99;

⁶ - Bahia, Juarez. op. cit.;

⁷ - *Cruzeiro*. Nº 1, 10/11/26, várias páginas; outra "inovação" apresentada no seu primeiro número foi uma curiosidade: havia o registro do tempo que o leitor eventualmente utilizaria para a leitura das matérias. Tal contagem não seria publicada novamente. Morais, Fernando. op. cit.;

este último havia estado nos Estados Unidos, em 1943, atualizando-se nas técnicas norte-americanas de jornalismo. O aprendizado de Pompeu de Souza resultou na reformulação do jornal, que adotaria a técnica de “pirâmide invertida” na construção do texto, onde as cinco perguntas jornalísticas (quem? quando?, onde?, como?, por quê?) eram apresentadas logo no começo ou na chamada, denominada *lead*, cujo objetivo maior era prender a atenção do leitor. Essa era uma técnica muito comum nos Estados Unidos, mas até então inédita no Brasil. Outra inovação importante introduzida pelo jornal foi a figura do *copy-desk* (que significa, literalmente, “mesa de texto”) - um redator experiente que rescrevia as matérias em estado bruto feitas por repórteres ou pesquisadores, o que reduzia em muito as pretensões literárias dos membros do jornal. Não é coincidência que um dos lemas do jornal foi “o máximo de jornal no mínimo de espaço”.⁹

O jornal dependia, como a maioria dos jornais da época, de ajuda governamental para sobreviver e a obteve durante o Estado Novo. Com essa ajuda, o jornal construiu uma belíssima sede na Avenida Presidente Vargas.¹⁰ A extravagância da sede e a renovação de texto que o jornal apresentava não foi acompanhada por uma renovação gráfica.¹¹ Na falta de equipamento adequado, sobrava talento da equipe do jornal, de acordo com Samuel Wainer.¹² Mas todo o talento da equipe do jornal não seria o suficiente para tirá-lo da sua eterna situação pré-falimentar. Os problemas no *Diário Carioca* chegavam ao ponto de se atrasar o pagamento dos salários dos jornalistas (em até seis meses), sendo que muitas vezes foi proposto corte de casimira inglesa no lugar do dinheiro do salário.¹³ O jornal rompeu com Vargas no final da ditadura, sendo que o proprietário do jornal foi agredido na Cinelândia por integrantes da Polícia Especial sem razões aparentes, transformando o jornal num dos símbolos da luta contra a ditadura.¹⁴ Mas a grande influência deste jornal não foi política, e sim técnica - o *Diário Carioca* introduziu no Brasil os novos métodos norte-americanos para se fazer jornalismo.

⁸ - Moraes, Fernando. *Idem*;

⁹ - Bahia, Juez. *op. cit.*;

¹⁰ - nas palavras de Samuel Wainer: “A sede do *Diário Carioca* tinha requintes surpreendentes. A cozinha, por exemplo, era a mais luxuosa jamais encontrada em qualquer jornal do mundo, em alumínio brilhante. Havia salões com colunas de madeiras exóticas, um jardim de inverno no quarto andar. A sala de José Eduardo abrigava um busto do próprio dono e, entre outras extravagâncias, uma mesa negra em S, de ônix, feita especialmente para o ‘senador’.” Wainer, Samuel. *Minha Razão de Viver – Memórias de um Repórter*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Record, 1988, p. 128;

¹¹ - como observa Samuel Wainer, ainda comentando sobre o “maravilhoso” prédio do *Diário Carioca*: “Em contrapartida, o equipamento era extremamente precário, pois os homens do *Diário Carioca* nunca se haviam preocupado em investir nessa área. Não havia no prédio nenhum vestígio de laboratório fotográfico. As impressoras estavam desgastadas e eram insuficientes para imprimir sem sobressaltos um jornal moderno.” Wainer, Samuel. *op. cit.*;

¹² - complementa Wainer: “Essas deficiências eram compensadas pelo brilho dos redatores, que escreviam com malícia e ironia, características que fizeram do *Diário Carioca* um dos grandes renovadores da linguagem da imprensa brasileira.” Wainer, Samuel. *Idem*;

¹³ - Francis, Paulo. *Trinta Anos esta Noite - 1964, o Que Vi e Vivi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994;

Outra importante referência da imprensa deste momento foi a *Folha da Noite*, que nasceria de uma dissidência do *O Estado de S. Paulo* nos anos 20.¹⁵ Em 1945, assume a direção do jornal Nabantino Ramos que altera as linhas básicas do jornal, estimulando a constituição de um novo projeto político.¹⁶ Os jornais da rede iriam defender o desenvolvimento econômico dentro do sistema capitalista como a única forma de resolver os problemas do país. Assim, o aprimoramento do setor tecnológico no Brasil e sua aproximação com os Estados Unidos seriam idéias defendidas freneticamente pelos jornais da rede. E, também dentro dessa lógica, o repúdio ao comunismo foi igualmente defendido: o jornal ficou a favor da cassação do PCB em 1947, atacou constantemente a União Soviética e seus “desejos de expansionismo”.¹⁷

A influência norte-americana na imprensa brasileira iria aumentar ainda mais no decorrer dos anos, principalmente por causa da nascente Guerra Fria.

Em 1947, o governo Dutra inseriu o país dentro da dinâmica da Guerra Fria (ao lado dos Estados Unidos) quando mandou cassar o registro do PCB, partido que havia sido legalizado na reforma política de 1945, provocando, em consequência disso, o rompimento das relações do Brasil com a União Soviética.¹⁸ E, para demonstrar que o país se engajava ao lado dos Estados Unidos, o governo assinou o Tratado de Assistência Recíproca na Conferência Internacional para a Manutenção da Paz e Segurança do Continente, realizado em Petrópolis, inclusive com a presença do presidente dos Estados Unidos, Harry Truman. Além do tratado

¹⁴ - Wainer, Samuel. *op. cit.*;

¹⁵ - antes de se formar a empresa *Folha*, os donos dos dois jornais enfrentaram uma grande adversidade política. Durante os anos 20, sob a orientação de Olival Costa, os jornais sempre mantiveram críticas agudas contra o governo federal e, conseqüentemente, contra a República Velha, fiscalizando ativamente os seus atos. Mas, quando começou a Revolução de 30, os jornais da rede ficaram contra o movimento, indicando uma visível contradição: a revolução estava justamente derrubando a República Velha que o jornal constantemente criticava. Tal contradição correspondia a uma característica básica dos jornais da empresa nessa sua chamada primeira fase: a da defesa intransigente dos interesses do estado de São Paulo. A Revolução de 30, ao mesmo tempo que iria destituir o antigo regime, também iria diminuir o peso político de São Paulo no cenário político brasileiro, situação que os donos da empresa não aceitavam. Essa visão contraditória iria colocar a população de São Paulo contra os jornais, que os empastelariam em 1930. Tal ato fez com que a empresa demorasse alguns anos para se recuperar e lançar novos jornais. Mota, Carlos Guilherme e Capelato, Maria Helena. *História da Folha de S. Paulo (1921-1981)*. São Paulo, Impres, 1980;

¹⁶ - como observa Maria Helena Capelato e Carlos Guilherme Mota: “Nabantino definia as Folhas como “um jornal de classe média para a classe média”. No entanto, o ideário do jornal nessa terceira fase se diferencia do das Folhas nos primeiros anos de sua existência. Caracteriza-se também pelo urbanismo, mas a modernização, a racionalidade, a eficiência no desenvolvimento, o planejamento são agora a tônica do jornal. As Folhas haviam se tornado, acima de tudo, uma empresa moderna.” Mota, Carlos Guilherme e Capelato, Maria Helena. *op. cit.*, p. VII;

¹⁷ - Mota, Carlos Guilherme e Capelato, Maria Helena. *Idem*;

¹⁸ - Gorender, Jacob. *Combate nas Trevas - a Esquerda Brasileira: das Ilusões Perdidas à Luta Armada*. 3ª ed., São Paulo, Ática, 1987; Segatto, José Antônio. *Breve História do PCB*. 2ª ed., Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1989;

militar, instituiu-se a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, para assistência social e econômica entre os dois países.¹⁹

Mas foi a cassação do registro legal do PCB o grande marco da entrada do Brasil na Guerra Fria. O partido concorreu nas eleições de 1945 obtendo resultados bastante expressivos.²⁰ Mas, como a constituição de 1946 proibia que partidos “antidemocráticos” participassem abertamente na política, o PCB foi enquadrado dentro desse dispositivo constitucional.²¹

A ascensão do PCB dentro das normas democráticas era contundente e a pressão política que ele poderia exercer dentro da máquina estatal era muito preocupante para as forças políticas conservadoras do país. Nesse sentido, sua cassação impediu a maior presença dos comunistas nos debates nacionais, pelo menos dentro dos mecanismos institucionais oficiais. E, com a entrada definitiva do Brasil dentro da dinâmica da Guerra Fria, qualquer atitude de repressão contra forças comunistas estava justificado. Nesse sentido, podemos afirmar que o *Imaginário da Guerra Fria* forneceu argumentos para que o PCB fosse cassado.²²

A *Tribuna Popular*, jornal do PCB, seria empastelado em 1947,²³ sendo substituída pela *Imprensa Popular* em 1948.²⁴ E logo um famoso anticomunista iria concorrer nas eleições para a presidência da república: Getúlio Vargas. E um dos setores de maior oposição à sua volta seria um jornal lançado no final dos anos 40 pelo jornalista Carlos Lacerda: a *Tribuna da Imprensa*.

¹⁹ - o partido elegeu 9 % (14 deputados e 1 senador) na bancada da Assembléia Constituinte, tornando-se a quarta força política do país. Apesar de Dutra ter expurgado, em maio de 1946, todos os funcionários federais ligados ao PCB, o partido crescia a cada eleição: nas eleições estaduais complementares de 1947 o partido manteve-se como a quarta força política do país, acrescentando à sua bancada mais dois deputados, elevando para 17 o número de parlamentares. Nesse ínterim, elegia 46 membros em quinze legislaturas estaduais e 18 na Assembléia do Distrito Federal, sendo a maior bancada no Rio de Janeiro. Em São Paulo, a bancada do PCB chegou a superar a bancada da UDN. Skidmore, Thomas. *Brasil - de Getúlio a Castelo (1930-1964)*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975;

²⁰ - Segatto, José Antônio. op. cit.;

²¹ - não foi apenas o PCB atingido por essa norma constitucional: a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, organizada em 1946 e de tendência esquerdista, foi declarada ilegal pelo governo, que também interviria em 143 sindicatos para eliminar os elementos da esquerda. Segatto, José Antônio. Idem;

²² - a cassação não foi aceita sem resistências pelo PCB: ainda em 1947, o partido convocou seus membros para a formação de uma guerrilha no Brasil. O ator, compositor e escritor Mário Lago foi convocado para essa aventura guerrilheira (ele atuaria como o narrador da rádio clandestina que o partido pretendia montar no campo), tendo penhorado as jóias de sua esposa para tal. O partido mudou de idéia e não houve guerrilha - e Mário Lago jamais conseguiu pagar o penhor das jóias e recuperá-las. Velloso, Mônica Pimenta. *Mário Lago - Boemia e Política*. 3ª ed., Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998;

²³ - o jornalista Edmar Morel nos conta como aconteceu: “(o empastelamento) que ocorreu numa tarde ensolarada, às dezesseis horas de 17 de outubro de 1947, data do rompimento de relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética. A polícia, nesta ocasião, interditou dois quarteirões na Avenida Antônio Carlos e destruiu tudo. Note-se que a redação da *Tribuna Popular* ficava em frente do Palácio da Justiça e da Câmara dos Deputados. O crime foi visto, portanto, por deputados federais e juizes. Vários redatores e operários ficaram feridos a bala, sendo conduzidos à ABI, onde Herbert Moses providenciou socorro médico.” Morel, Edmar. *Histórias de um Repórter*. Rio de Janeiro, Record, 1999, p. 267;

²⁴ - Dulles, John W. F. *Carlos Lacerda - a Vida de um Lutador*. V. 1, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992;

O jornal caracterizaria-se pela utilização mais intensa de fotografias e textos mais econômicos, seguindo a linha de renovação inaugurada pelo *Diário Carioca*. Apesar da parte técnica ser inovadora, ela não conseguia influir diretamente nos rumos do jornal, que nunca conseguiu grandes vendas (que sempre oscilariam entre 4 a 5 mil exemplares), aumentando em momentos de grandes crises ou pela prisão de seu proprietário.²⁵ Podemos afirmar que esse jornal era um canal de divulgação às idéias políticas de orientação conservadora e anticomunista de Carlos Lacerda.

Televisão no Brasil

A televisão começou a ser comercializada nos Estados Unidos em 1933, como vimos antes, e cresceu vertiginosamente dentro do país, mas não fora dele: até 1950, apenas outros dois países também tinham o meio - Inglaterra e França.²⁶ O quarto país do mundo a adquirir essa nova tecnologia foi o Brasil.²⁷

O público telespectador inicial era muito pequeno - apenas 5 pessoas em São Paulo tinham o aparelho televisor, o que fez Chateaubriand instalar uma série deles em lugares públicos, como na Praça a Sé e no *Jockey Club*. Tal começo tímido e inexpressivo não impediu que a televisão tivesse um crescimento contínuo nos anos seguintes.

O telejornalismo também nasceria com a inauguração da televisão e o primeiro programa foi *Imagens do Dia*, que encerrava a programação da emissora, por volta das 21h30 e 22 horas. O programa jornalístico em si consistia numa seqüência de filmes dos últimos acontecimentos locais.²⁸ A pobreza deste telejornal, e daqueles que o seguiriam nos anos posteriores, desestimulariam quaisquer comparações com a imprensa escrita. Jornais e revistas pareciam mais fortes e complexos e, aparentemente, a televisão não teria condições de oferecer uma concorrência preocupante. Tal quadro mudaria radicalmente nos anos seguintes.

As imagens sobre a cobertura da Guerra da Coréia, bem como das notícias internacionais de um modo geral, chegavam sempre com grande demora nos Estados Unidos -

²⁵ - Wainer, Samuel, op. cit.;

²⁶ - Moraes, Fernando. op. cit.; e Machado, Arlindo. A Arte do Vídeo. São Paulo, Brasiliense, 1984; mas, de acordo com Ricardo Xavier (apelido Rixa), a Alemanha foi o primeiro país a oferecer um serviço de televisão pública, em 22 de março de 1935, com a definição de 180 linhas e 25 quadros por segundo. Mas a Inglaterra é considerada a pioneira, pois, em dois de novembro de 1936, inaugurou o sistema de alta definição, ou seja, com 240 linhas. E, em três meses, o sistema já oferecia 405 linhas. Xavier, Ricardo (Rixa) e Sacchi, Rogério. Almanaque da TV - 50 Anos de Memória e Informação. Rio de Janeiro, Objetiva, 2000;

²⁷ - Clark, Walter e Priolli, Gabriel. O Campeão de Audiência - uma Autobiografia. São Paulo, Best Seller, 1991, pp. 14-15;

²⁸ - s/A. 15 Anos de História. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984;

demora esta que era ainda maior quando o material era enviado para o Brasil. Normalmente, os acontecimentos eram filmados com equipamento de cinema, utilizando-se de fitas de 16 mm em preto-e-branco, e eram transmitidas quase que integralmente na televisão. Sem aparelhos de videoteipe (que ainda não tinham sido inventados) e com mínimas condições para cortes mais precisos (possíveis apenas dentro de um esquema cinematográfico), as possibilidades de manipulação destas notícias pela televisão brasileira eram mínimas, ou seja, as imagens eram praticamente apresentadas da maneira que chegavam. Como quase todo o material vinha dos Estados Unidos, a construção das matérias eram, invariavelmente, a favor das forças da ONU e contra o lado comunista. O único diferencial da apresentação deste material acontecia com a narração do locutor brasileiro, que poderia dar outra entonação para as imagens, podendo, inclusive, embora muito pouco provável, ser menos críticas contra o lado comunista. Mas, assim como as imagens não existem mais (todas as fitas foram destruídas ou apagadas para serem reaproveitadas em outros programas), o áudio não teve melhor sorte. Esta produção inicial da televisão brasileira foi perdida.

Foi a volta de Getúlio Vargas ao poder em 1951 que ajudaria o desenvolvimento da imprensa, curiosamente.

Última Hora: Política e Técnica

Dentro de uma ordem democrática, Vargas teria grandes dificuldades com a oposição, em particular com a imprensa e, principalmente, com o jornalista Carlos Lacerda e seu jornal *Tribuna da Imprensa*. A oposição intransigente, quase histórica, de Lacerda, não era a única na imprensa: o novo governo também enfrentaria grandes jornais, como *O Estado de São Paulo*, *O Globo* e *Correio da Manhã*, que iniciaram uma campanha de “silêncio” desde o momento que Vargas assumiu a presidência, ou seja, excluíram as notícias do governo das suas páginas, procurando esvaziá-lo o máximo possível.²⁹

Mesmo assim, nem todos os jornais eram contrários a Vargas, como os pertencentes aos Diários Associados, pois Chateaubriand e Vargas tinham reatado suas ligações políticas.³⁰ Apesar do apoio do grupo de Chateaubriand ao governo, o dono dos Diários Associados não se empenhou contra a campanha do “silêncio” promovida pelos outros jornais, o que deixava o governo Vargas numa situação delicada.

²⁹ - diálogo de Samuel Wainer com o presidente Vargas, depois deste comentar a ausência da imprensa a uma reunião presidencial: “O senhor só vai aparecer nos jornais quando houver algo negativo a noticiar. Essa é uma tática normal de oposição, e a mais devastadora.” Wainer, Samuel. op. cit., p. 126;

³⁰ - Moraes, Fernando. op. cit.;

A reação do governo contra a campanha do “silêncio” surgiu com a criação do jornal *Última Hora*. Lançado em 12 de junho de 1951, este jornal daria uma guinada radical na imprensa escrita brasileira. Fundado por Samuel Wainer (que já havia inovado a imprensa brasileira com a revista, e depois jornal, *Diretrizes*), o jornal buscava o público mais sensível ao “getulismo”, ou seja, o público trabalhador, onde poderia propagar as idéias de Vargas e quebrar o “silêncio” que os outros jornais haviam imposto ao presidente eleito.³¹ Para conseguir seus objetivos, além da essencial ajuda governamental (o jornal era favorecido através de empréstimos concedidos pelo Banco do Brasil),³² uma série de inovações técnicas foram realizadas, tornando o produto mais dinâmico e atrativo para ganhar o público.³³

Por sugestão de João Etcheverry, dividiu-se o jornal em dois cadernos de oito páginas cada um, ao invés de um só com dezesseis, como era anteriormente: um deles, rodado por volta das sete da manhã, teria o conteúdo tradicional (política, economia, internacional, etc.), enquanto que o segundo, rodado por volta das três da madrugada, abrigaria assuntos mais amenos, como esportes, divertimentos e, principalmente, uma seção de reivindicações populares. O espaço para as notícias do Palácio do Catete (e, conseqüentemente, para as notícias de Vargas), denominado “O Dia do Presidente”, era coordenado pelo jornalista Luís Costa.³⁴

Outras inovações apresentadas pelo jornal foram: uma nova organização espacial, colocando-se um índice pelo qual se poderia localizar a matéria desejada na sua respectiva página; o estabelecimento de uma série de concursos, prêmios e promoções (que eram práticas comuns em outros países, mas inéditos no Brasil); a introdução de um logotipo, ou seja, a marca *Última Hora* estaria presente em todos os jornais da cadeia (os jornais da cadeia de Chateaubriand tinham, invariavelmente, nomes diferentes); seu horário de distribuição foi planejado para quando houvesse

³¹- nas palavras de Gisela Goldstein, “*Última Hora* haveria de ser duplamente uma tribuna de Getúlio: diretamente, através da mensagem que veicularia e, indiretamente, através de concorrência comercial que encetaria, obrigando os demais órgãos de imprensa a reverem sua política editorial.” Goldstein, Gisela Taschner. *Do Jornalismo Político à Indústria Cultural*. São Paulo, Summus, 1987, p. 43;

³²- praticamente todos os jornais e revistas eram favorecidas por empréstimos do governo, como nos mostra Fernando Morais: “Enquanto que a *Última Hora* era colocada no pelourinho por ter tomado 26 milhões de cruzeiros emprestados ao banco oficial, a Carteira de Crédito Geral do mesmo Banco do Brasil registrava em débito de 50,4 milhões de Roberto Marinho (proprietário do jornal *O Globo* e de uma estação de rádio), ao passo que os Diários Associados deviam ao Banco do Brasil a soma colossal de 113,6 milhões (quase 3 milhões de dólares da época, ou 14 milhões de dólares de 1994). Nem mesmo a imaculada *Tribuna da Imprensa* poderia exibir castidade naquele caso: mais modesto, até o jornal de Lacerda tinha pendurado no Banco do Brasil um ‘papagaio’ de valor equivalente a 100 mil dólares da época.”; Morais, Fernando. op. cit., p. 552;

³³- Gisela Goldstein pondera que a “apresentação da mensagem foi também objeto de inovações. Recorrendo aos préstimos de um especialista argentino, fez uma diagramação moderna, uma paginação acessível, com grandes coberturas fotográficas ainda não usadas na época pela imprensa brasileira. A valorização das notícias através do jogo de espaços e das fotos fazia com que o jornal não tivesse o ar highbrow da imprensa tradicional e se apresentasse de maneira mais digestiva.” Goldstein, Gisela. op. cit., p. 46;

³⁴- Wainer, Samuel, op. cit.;

o menor número de concorrentes,³⁵ o uso criativo das cores (a rotativa do jornal, que permitia o uso de quatro cores, seria habilmente utilizada, como na publicação da fotografia colorida do Fluminense, time campeão carioca de 1951, o que era uma prática inédita na imprensa até então, mas fez com que se esgotasse a edição), entre outras.³⁶

Suas preocupações técnicas buscavam novas alternativas que atingissem a percepção visual do público e seu sucesso demonstraria que essas inovações eram de grande aceitação popular. Devido a essa preocupação com o fator visual, uma pergunta pode ser feita: a televisão influenciou a criação desse jornal? A resposta é sim, caso se tome por base suas matrizes, de influência basicamente norte-americana (mais especificamente os jornais do grupo Hearst); e não, caso se tome por base o estágio de desenvolvimento da televisão brasileira no início da década de 50. No primeiro caso, temos de levar em consideração que o jornal teve matrizes de países desenvolvidos e estes estavam matizados por questões envolvendo a presença da televisão, e a *Última Hora*, mesmo que indiretamente, também acabou por trazer essas questões. No segundo caso, precisamos entender que a televisão brasileira havia nascido pouco mais de um ano antes da *Última Hora*, e que, como meio de comunicação, ainda não tinha forças suficientes para influenciar ou mesmo ameaçar os veículos escritos. Em termos de influência na imprensa escrita, a televisão brasileira apenas engatinhava.

A cobertura internacional do jornal, realizada no segundo caderno, seguiu os seus próprios moldes inovadores: manchetes agressivas, textos curtos e muitas fotografias, dentro das limitações técnicas da época para o recebimento de fotografias vindas do exterior. A Guerra da Coreia receberia cobertura do jornal, mas não tão intensa comparando-se aos assuntos internos do país. Mesmo assim, como veremos, sua postura seria de crítica ao envolvimento comunista na região, o que contrastava muito com as acusações de que o jornal seria “comunista”. Por exemplo: a *Última Hora* de São Paulo iria publicar uma série de artigos sobre a Guerra Fria, sendo que o primeiro destes artigos foi escrito justamente por George Kennan. Seu artigo procurava mostrar a hostilidade soviética em relação aos Estados Unidos:

“Quando os comunistas russos tomaram o poder em S. Petesburgo, no Outono de 1917, estavam já animados por uma hostilidade preconcebida para com nossa forma de governo (Estados Unidos), nossa ordem social e nossas crenças mais profundas. E não se contentavam em rejeitar essas coisas para si; insistiam em que fazia parte de seu dever na vida desejar procurar a destruição dessas coisas em nosso país. Tendo tomado a decisão de considerar-nos como uma

³⁵ - quase todos os jornais eram matutinos, com exceção de *O Globo*, que era o único vespertino. Aproveitando-se disto, o *Última Hora* também saiu como vespertino. Wainer, Samuel; Idem;

³⁶ - Wainer, Samuel; Idem, *ibidem*; e Goldstein. Gisela. op. cit.;

sociedade baseada em princípios maus e condenados, precisou apenas um passo naturalmente para nos considerar e a apresentar-nos aos povos soviéticos como inimigos.”³⁷

Como já argumentamos, a escolha de um texto internacional não é neutra e, neste caso, demonstra o posicionamento contrário do jornal em relação ao comunismo. Entretanto, não podemos desconsiderar que a publicação de artigos como este seria uma forma de diminuir as críticas dos adversários ao jornal.

O impacto do jornal *Última Hora* na imprensa brasileira foi muito grande, provocando oposição aguda dos outros meios, várias tentativas de interdição judicial e, principalmente, estimulando outros jornais a também buscarem alterações técnicas e gráficas. Concorrer com o *Última Hora*, nos padrões antigos, tomou-se uma tarefa praticamente impossível.

Como podemos concluir, foi a penetração da influência do jornalismo norte-americano que ajudou a alterar a imprensa brasileira, mas não a televisão, pelo menos não diretamente. Uma das características cruciais da imprensa norte-americana nesse período foi que ela enfrentava a presença da televisão, alterando-se tecnicamente para enfrentar a concorrência deste meio.³⁸ A imprensa brasileira, ao importar essas alterações técnicas, acabou por também levantar a problemática da presença da televisão na imprensa escrita, antes mesmo da própria televisão brasileira ter forças para tal.

As Revistas Visão e Manchete e as mudanças no “Estadão”

A revista *Visão*, lançada em 1952, seria também uma precursora do jornalismo informativo semanal. Não era a primeira revista semanal brasileira - existiu uma experiência anterior, a revista *Sete Dias*, publicada por Joel Silveira e Rubem Braga, feita durante a Segunda Guerra Mundial, mas que não havia prosperado.³⁹ Ao contrário da sua predecessora, a revista *Visão* prosperou. As capas da revista vinham com desenhos ou fotografias do assunto principal a ser destacado (o que a revista *Veja* faria anos depois), mas as matérias ainda caracterizariam-se mais pelo grande volume de textos do que propriamente pela distribuição espacial e visual. A revista que diminuiu o texto e diversificou o uso de fotografias na década de 50 foi a *Manchete*.

³⁷ - *Última Hora*. São Paulo, 05/03/53, p. 2;

³⁸ - Marshall McLuhan apresenta que “Depois da TV muitas coisas já não funcionavam tão bem. Tanto o cinema como as revistas de âmbito nacional foram duramente golpeadas.” McLuhan, Marshall. Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem (Understanding Media). São Paulo, Cultrix, 1969, p. 11;

³⁹ - Abreu de Ramos, Plínio. “*A Imprensa Nacionalista no Brasil*.” In Alves de Abreu, Alzira (Org.). A Imprensa em Transição. Rio de Janeiro, Getúlio Vargas, 1996;

Tendo como modelo as grandes revistas européias (como a *Paris-Match* francesa, em cujo logotipo se inspirou) e norte-americanas (como a *Life*), a revista *Manchete* realizaria grandes reportagens sobre temas diversos e, como ocorria na revista *O Cruzeiro*, feitas com duplas de profissionais (quase sempre envolvendo um fotógrafo e um jornalista). A revista também procurava fazer um retrato do brasileiro classe média dos anos 50, abrindo também espaço para as crônicas, com escritores como Henrique Pongetti, Rubem Braga, Fernando Sabino e outros.

Como no caso do jornal *Última Hora*, seriam as matrizes dos países desenvolvidos que colocariam questões da presença da televisão na revista *Manchete*. O desenvolvimento de matérias jornalísticas com ênfase na fotografia e na diminuição do volume de texto eram características básicas das revistas *Paris-Match* e *Life*, as matrizes básicas da *Manchete*, pois elas tinham se alterado tecnicamente como uma resposta ao crescimento da televisão nos seus respectivos países.⁴⁰ No Brasil, neste momento, a televisão não tinha forças para maiores influências na imprensa escrita.

Já no seu primeiro número podemos observar as profundas mudanças que a revista iria realizar: a fotografia da capa, onde a bailarina Inês Litowsky está encostada do lado de uma carruagem imperial, apresentou uma nitidez e um maior realce das cores inéditos até então na imprensa brasileira. *O Cruzeiro* apresentava nas suas capas, invariavelmente, fotos carregadas de tons foscas, com *closes* fechados no rosto de uma bela mulher e com muitos retoques.⁴¹ Podemos perceber apenas neste detalhe que a revista *Manchete* iria procurar apresentar diferenças significativas em relação à revista *O Cruzeiro*. Tais diferenças cresceriam no decorrer dos anos e seriam decisivas na concorrência entre as duas revistas semanais.

A cobertura internacional realizada pela revista *Manchete* caracterizou-se pelo uso intensivo de fotografias. Mesmo fazendo grandes reportagens internacionais, a preferência da revista neste campo era por matérias internacionais menores, que eram publicadas na coluna “O Mundo em *Manchete*”, quase sempre localizada no final da revista. Mas, de um modo mais geral, *Manchete* preocupava-se mais com os acontecimentos dentro do Brasil.

O Estado de S. Paulo iria começar a se alterar de maneira mais significativa neste período e um dos responsáveis por esta alteração foi Cláudio Abramo. O jornalista foi contratado como repórter em 1948, transformando-se logo em redator. Passou um período na Europa e, em 1952, foi posto no cargo de secretário do jornal e iniciou uma série de alterações técnicas no jornal, tais como o adiantamento do horário de fechamento (de três da manhã para meia-noite), redução do

⁴⁰ - Dines, Alberto. *O Papel do Jornal*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Artenova, 1977;

⁴¹ - *Manchete*. Nº 1, Rio de Janeiro, Editora Bloch, 26/04/52, p. 1 (capa);

tamanho do jornal, delimitação do espaço publicitário, contratação de gente nova (universitários), entre outras.⁴²

Outra inovação de grande importância feita pelo *Estadão* foi o lançamento do “Suplemento Literário”, caderno especializado em cultura, que iria ser um dos mais significativos espaços culturais do país.⁴³ O núcleo deste suplemento era formado por jovens pertencentes à revista *Clima*, revista esta marcada pelos ideais do Modernismo de 1922 e, também, pelo comunismo.⁴⁴ Apesar do anticomunismo do jornal, a equipe foi contratada por causa da sua qualidade profissional. Como podemos perceber, mesmo a presença de um imaginário tão forte e maniqueísta como o da Guerra Fria permite, de vez em quando, abrir exceções.

O Semanário *Flan* e a “Guerra” da Grande Imprensa contra *Última Hora*

O semanário *Flan*, criado por Samuel Wainer, também ajudou a revolucionar a imprensa brasileira. O nome foi inventado por Wainer e não significa coisa alguma,⁴⁵ sendo que seu formato, em tablóide, era composto por quatro cadernos com oito páginas cada um, com a primeira página de cada caderno em cores. Assim como outras publicações da cadeia *Última Hora*, o semanário obteve sucesso, tendo uma tiragem semanal de 180 mil exemplares. Apesar desse sucesso de vendas, nem tudo seria glória para Wainer: os custos da revista (e também da sua “rede” de jornais) logo seriam pesados demais para ele e, pouco mais de um ano depois de lançada, para a tristeza de Wainer, a revista seria fechada.

⁴² - Conti, Mário Sérgio. *Notícias do Planalto - a Imprensa e o Governo Collor*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999; e Abramo, Cláudio. *A Regra do Jogo - o Jornalismo e a Ética do Marceneiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988;

⁴³ - Décio de Almeida Prado nos conta a formação do suplemento: “Se nunca foram íntimas, estiveram frequentemente próximas as relações entre Júlio de Mesquita Filho e o grupo central da revista *Clima*. Quando ele, em companhia dos filhos, pensou em criar um Suplemento Literário dentro de *O Estado de S. Paulo*, pediu o projeto a Antônio Cândido, que me indicou para diretor. Como coube, na distribuição da matéria, a Lourival Gomes Machado a seção de artes plásticas e a Paulo Emílio Sales Gomes a de cinema, podemos dizer sem exagero que a essência do *Clima*, no que diz respeito a pessoas, passara de uma revista de jovens para as páginas de um grande jornal, que tinha outra penetração e responsabilidade perante o público.” Prado, Décio de Almeida. “*Em Torno de Júlio de Mesquita Filho*.” In *O Estado de S. Paulo* (“*Caderno 2*”). São Paulo, 27/02/2000, p. 6;

⁴⁴ - Décio de Almeida Prado nos revela que existiam diferenças, além de “idade, posição social e nível econômico” entre Júlio Mesquita Filho e os membros da revista *Clima*: “Ocorreria, entre uma e outra, a chegada ao Brasil, em ritmo crescente, do modernismo, em arte, e do comunismo, em política. Uma causava escândalo, o outro representava o medo.” Prado, Décio de Almeida. op. cit., p. 6;

⁴⁵ - “tinha um som cabalístico”, conforme as palavras do seu criador. Wainer, Samuel. op. cit., p. 166;

Mas o fracasso da *Flan* seria o menor dos seus problemas: a concorrência sentiu-se realmente ameaçada por sua rede de jornais e manteve uma oposição intransigente.⁴⁶ A reação de Assis Chateaubriand, cada vez mais preocupado com a ascensão da rede de Wainer, que concorria diretamente com seu império jornalístico, produziu os maiores lances desta “guerra”. Nas palavras de Wainer, “Chateaubriand foi meu grande adversário, não Carlos Lacerda”, até então o grande inimigo da *Última Hora*.⁴⁷ Mesmo assim, Carlos Lacerda foi um “soldado” muito aplicado nessa “guerra”.⁴⁸

A “guerra da imprensa” ajudaria na criação do primeiro político tipicamente televisivo no Brasil - o próprio Carlos Lacerda. Para combater o jornal de Wainer, Assis Chateaubriand concedeu a Lacerda um espaço de cinco minutos na Rede Tupi de Televisão, em 1953, que eram utilizados por ele para atacar o comunismo, o jornal *Última Hora*, Samuel Wainer e, logicamente, Getúlio Vargas. Carlos Lacerda ficara impressionado com o sucesso e o poder de comunicação de um programa da televisão norte-americana chamado *Life is Worth Living*, apresentado pelo bispo-auxiliar de Nova York, Filton Sheen, que alcançava uma grande audiência com sua fervorosa oratória, um pequeno quadro-negro e alguns gráficos desenhados em cartolinas, onde atacava o comunismo.⁴⁹

O sucesso de Lacerda na frente das câmeras foi tão grande que, pouco depois, o tempo do seu programa aumentaria de cinco minutos para meia hora, enquanto que Chateaubriand espalhava televisores em pontos estratégicos do Rio e de São Paulo, aumentando ainda mais, para o telespectador, a sensação de que Samuel Wainer estava sendo destruído.⁵⁰ *O Imaginário da Guerra Fria* era intenso no momento e atingiu Wainer, pois este também visto como um agente comunista. Euvaldo Lodi, empresário paulista, comentou ao próprio Wainer que ele era o único jornalista capaz de fazer um jornal “que é capitalista no primeiro caderno e comunista no segundo”.⁵¹ Outros setores da sociedade pensavam o mesmo.

⁴⁶ - o próprio Wainer comentou que: “compreendo que o lançamento de *Flan*, abstraídas as alegrias profissionais que proporcionou - foi, afinal, um grande e belo semanário -, representou um erro político. Eu ajeitei os que me invejavam num momento em que não tinha força suficiente para resistir aos ataques.” Wainer, Samuel. Idem, p. 168;

⁴⁷ - Wainer, Samuel. Idem, ibidem, p. 149;

⁴⁸ - o próprio Lacerda foi enfático nesse ponto: “Comecei a desmontar o fenômeno *Última Hora*. Ocorreu aí esse fato, enfim, perfeitamente compreensível. De um lado, *O Globo*, sofrendo a concorrência ilegítima, porque favorecida e subvencionada, da *Última Hora*; *O Globo* sentindo na própria carne; de outro lado, o Chateaubriand sentindo o *Diário da Noite* afundar, desaparecer, pela mão daquele sujeito a quem ele tinha incumbido de fazer a entrevista, que ele tinha tirado das ruínas da revista *Diretrizes* e ressuscitado na imprensa.” Lacerda, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978, p. 126;

⁴⁹ - Moraes, Fernando. op. cit.;

⁵⁰ - Wainer, Samuel, op. cit., p. 151;

⁵¹ - Wainer, Samuel. Idem, p. 151;

Pouco tempo depois, Getúlio Vargas, o verdadeiro objetivo dos ataques de Chateaubriand e Lacerda, iria suicidar-se em 1954.

Jornal do Brasil

Como vimos antes, o *Jornal do Brasil* tentou alterar-se tecnicamente no começo do século, mas os resultados, em termos de vendas, não foram inteiramente satisfatórios.⁵² Desde então, o jornal caracterizou-se por apresentar um grande número de pequenos anúncios, o que o levou a ganhar o apelido de “jornal das cozinheiras”.⁵³ Suas vendas, mesmo que não muito expressivas, eram lucrativas, sem contar o faturamento dos anúncios.

O afastamento de duas figuras-chaves da administração e da direção do jornal (Pires do Rio, morto em 1950; e o conde Pereira Carneiro, que afastou-se do jornal no mesmo período, vindo morrer em 1953) abriu espaço para que a condessa Pereira Carneiro e seu genro, Manuel Francisco do Nascimento Brito, modernizassem o jornal, aproveitando-se para tal da excelente situação financeira deixada pela administração Pires do Rio nos últimos anos.

A primeira iniciativa dos novos administradores ocorreu na importação de um novo equipamento gráfico para fornecer ao jornal as condições efetivas para a sua expansão. Logo depois, a condessa iria viajar para os Estados Unidos em busca de novas idéias para incorporá-las no seu jornal.⁵⁴ Em 1956, já sob a direção de Odilo Costa Filho (e contando com os jornalistas Jânio de Freitas, Ferreira Gullar, Carlos Castello Branco, Carlos Lemos, Wilson Figueiredo, Amílcar de Castro, Hermano Alves, Lúcio Neves, Luís Lobo, José Carlos de Oliveira, entre outros), o jornal começou a apresentar alterações editoriais.⁵⁵

Ainda em 1956 surgiu o “Suplemento Dominical”, criado por Reynaldo Jardim, que, depois de iniciar misturando vários assuntos, transformou-se num suplemento literário, resgatando uma antiga experiência do jornal. Para Ferreira Gullar, foi o sucesso do “Suplemento Dominical” que estimulou a condessa a manter as alterações pelas quais o jornal estava passando.⁵⁶

⁵² - Moraes, Fernando. op. cit.;

⁵³ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor, realizada no dia 20 de Setembro de 1995, Campinas, SP;

⁵⁴ - ainda não era uma prática muito comum. Ferreira, Marieta de Moraes. “A Reforma do Jornal do Brasil.” In *A Imprensa em Transição*. op. cit.;

⁵⁵ - Ferreira, Marieta de Moraes. op. cit.;

⁵⁶ - Ferreira Gullar relembra sua chegada no jornal: “Em 1956, eu fazia parte da equipe do *Diário Carioca*, quando fui chamado para trabalhar com Reinaldo Jardim, no recém-criado Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*. (...) Amílcar de Castro, também chamado para a equipe, iniciou um processo de renovação gráfica. Tira fios, evita transbordar matéria de uma página para outra. Para resolver esse transbordamento, estabeleceu uma correspondência entre o texto datilografado e o tipografado, o que irá resultar na lauda metrificada.” Extraído de: s/A. “Capítulo X - A Intelligentsia e a Cultura de Massa.” In Coleção “Nosso Século”, V. 8, São Paulo, Abril Cultural, 1985, p. 126;

A página de esportes transformou-se numa espécie de laboratório de experiências do jornal. Coordenada pelos jornalistas Carlos Lemos e Jânio de Freitas, foi nesta página que foram eliminados os fios que separavam as colunas de textos.⁵⁷ Outra inovação do jornal foi a apresentação da primeira página, na forma de “L”, tendo como centro uma fotografia, experiência realizada em 1957.⁵⁸

Em 1958, Odilo Costa Filho (e mais um grupo de jornalistas ligados a ele) abandonou o jornal por divergências políticas com sua direção. Ainda em 1960, o jornal assistiria a uma outra série de mudanças na parte gráfica e de conteúdo, tendo um significativo crescimento nas vendas. Os classificados, uma das maiores marcas do jornal, que ainda estavam presentes na primeira página apesar das alterações editoriais, ganharam um caderno próprio e separado, o Caderno B. Logo, também seria lançado o Caderno C, que iria tratar das artes de um modo geral, destacando, principalmente, o cinema e o teatro.⁵⁹

Os sucessos dessa reforma foram significativos, tanto na qualidade do jornal quanto nas vendas.⁶⁰

A televisão brasileira ainda não era a principal inspiração para as alterações do *Jornal do Brasil*. Muitas das alterações técnicas ocorreram inspiradas em jornais norte-americanos, estes, sim, alterando-se para concorrer com a televisão. Como no jornal *Última Hora* e na revista

⁵⁷ - Ferreira, Marieta de Moraes. op. cit., pp. 151-152;

⁵⁸ - Amílcar de Castro nos relata como foi realizada essa primeira página: “Deu-me uma idéia de uma foto grande em lugar do desenho grande a qual gerava a necessidade de uma foto embaixo da página, ou um título forte, uma força para sustentá-la. (...) O jornal era todo anúncio e deixei, assim, uma coluna à esquerda. Fui baixando, lentamente, o restante. Com o rodapé na mesma medida da coluna, resolvi deixar assim, uai. Não incomodou ninguém.” Entrevista de Amílcar de Castro na *Folha de S. Paulo* de 24/07/84, sendo que o trecho citado foi extraído de: Bahia, Juarez. *Jornal História e Técnica*. 3ª ed., São Paulo, IBRASA, 1972, p. 180;

⁵⁹ - Reynaldo Jardim nos conta como foi criado este caderno: “Tudo começou quando me chamaram para fazer uma nova coluna no lugar de uma outra que se chamava “Poesia Moderna”. O jornal achava que ela estava toda errada... aí eu criei uma coluna chamada “Literatura Contemporânea”... Eu sou conhecido como “ganhador de espaço”... então, em três semanas eu já estava com uma página. Um tempo depois, eu tinha o caderno todo. Naquela época, a primeira página do “JB” era cheia de classificados com algumas manchetes em cima... aí eu consegui eliminar os classificados do primeiro caderno pra frente... eu disse: “Precisamos fazer um caderno só para os classificados... O caderno C...” Aí ficou um buraco entre as atualidades e os classificados... criamos então um caderno no meio, o “Caderno B”... o “JB” foi o primeiro jorna a criar um caderno assim... hoje todo jornal tem um segundo caderno. Então eu fazia o “SDJB”, suplemento dominical cultural, fazia o “Caderno B”, dirigia a Rádio JB e fazia a “Revista de Domingo...” Extraído de: Mercador, Tonico. “*O Duende do Brasil - Entrevista com Reynaldo Jardim.*” In revista *Palavra*. Ano 1, Nº 5, Belo Horizonte, Editora Palavra, Agosto/1999, p. 11;

⁶⁰ - Marieta de Moraes Ferreira comenta as razões desse sucesso: “A explicação para esse desempenho deve-se à combinação de diferentes variáveis: a conjuntura histórica do período; a capacidade de decisão empresarial da direção para captar as demandas dos eu tempo e apostar no novo; a boa condição financeira do jornal, que lhe permitia arcar com os custos do processo; a capacidade de atrair intelectuais e jovens jornalistas empenhados em criar e construir novas formas de trabalho jornalístico, e a moderação política, marca registrada do jornal desde os tempos do conde Pereira Carneiro.” Ferreira, Marieta de Moraes. op. cit., p. 155

Manchete, a influência da televisão era absorvida pelo *Jornal do Brasil* de maneira indireta. Mas, como veremos, o *JB* seria o primeiro a admitir a influência da televisão na imprensa.

Manchete X O Cruzeiro

A revista *Manchete* consolidou-se como uma das grandes revistas do país na década de 50. Politicamente, a revista engajou-se a favor de Juscelino Kubitschek, apoiando a construção de Brasília para ser a capital do país, conseguindo um expressivo aumento de vendas. Seu crescimento assustou sua principal rival.

A estratégia comercial da revista *O Cruzeiro* era a de realizar grandes reportagens nacionais sobre temas de interesse imediato. Deixando seus textos mais ágeis (entenda-se menores), com excelente cobertura fotográfica, com seções atraentes (entre elas, a seção “Pif-Paf”, de Millôr Fernandes, que, como veremos, seria de grande importância para a imprensa alternativa brasileira), a revista logo seria a mais vendida do Brasil, chegando a uma tiragem semanal de 570.000 exemplares em 1956.

Logo, Chateaubriand iria tentar expandir o seu império para além das fronteiras brasileiras: lançou, em 1957, a edição internacional da revista *O Cruzeiro*, escrita em castelhano. Era um ato arriscado, pois a revista estaria enfrentando diretamente um poderoso oponente, a norte-americana *Life*. A publicação de Chateaubriand obteve grande sucesso de público, vendendo cerca de 300 mil exemplares pela América Latina, mas não conseguiu o mesmo sucesso em anúncios, pois as grandes empresas internacionais de propaganda continuaram fazendo seus anúncios na *Life*.⁶¹

A internacionalização da revista foi a última grande tentativa de incrementá-la, pois ela começaria a ter uma vertiginosa queda de vendas nos anos seguintes, perdendo terreno para a *Manchete*. Na concorrência entre *O Cruzeiro* e *Manchete*, uma das questões que definiriam os seus rumos foi a questão tecnológica.

As duas revistas utilizavam o sistema de rotogravura para a impressão, um processo químico onde a chapa com os tipos era gravada num cilindro de cobre, com o papel passando por esse cilindro, completando a impressão. Tal sistema permitia uma variedade maior de recursos gráficos - entre eles, a cor. Para se conseguir cores, o sistema utilizado era o de quadricomia, ou seja, misturava-se quatro cores (agenta, rosa, preto e amarelo), formando-se as demais. A revista *O Cruzeiro* utilizava o sistema de rotogravura na cor sépia (fora do padrão das quatro básicas da

⁶¹ - Moraes, Fernando. op. cit.;

quadricomia), enquanto que a revista *Manchete*, dona de uma tecnologia superior, utilizava o sistema de rotogravura na cor preta, dentro da quadricomia.⁶²

Foi nesse item que a revista *Manchete* superou *O Cruzeiro*: a revista *O Cruzeiro* revolucionou no campo das fotografias na primeira metade de século XX, mas ficou limitada tecnologicamente. A *Manchete*, com uma tecnologia superior, começou a apresentar fotografias mais nítidas e com cores mais ricas, caracterizando-se por uma variedade e qualidade que *O Cruzeiro* não conseguiu jamais apresentar ou superar.

V.T.

O poder da televisão começava a ficar maior na vida brasileira. A televisão brasileira apresentou uma grande novidade técnica no início dos anos 60: o videoteipe, que começou a ser utilizado em 1960, mas apenas em 1962 foi usado em grande escala.

Os primeiros aparelhos de videoteipe surgiram nos Estados Unidos em 1956 e eram produzidos pela Ampex. Este aparelho possibilitou um vasto campo para a edição de programas de televisão, que dependiam, até então, essencialmente, da película filmada e “cortada” da melhor maneira possível. O videoteipe chegou no Brasil e a TV Rio foi a primeira emissora a utilizá-lo.⁶³

A nova tecnologia foi extremamente útil para as emissoras de televisão, pois os programas começaram a ser gravados e copiados, sendo que as fitas produzidas pelo novo aparelho eram vendidas para outras emissoras de televisão espalhadas pelo país, o que aumentou consideravelmente as rendas das emissoras – e a variedade de programação da televisão pelo país.⁶⁴ Mas foi no setor de produção artística que o videoteipe acabou sendo mais útil, pois permitiu uma nova construção da forma e apresentação dos programas televisivos, que, até então, caracterizavam-

⁶² - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor, op. cit.;

⁶³ - Walter Clark, na época funcionário da emissora, nos descreve o aparelho: “Comparados com aos videocassetes que todo mundo tem hoje em casa, eram um monstro infernal, do tamanho de uma geladeira de 440 litros, com uma fita de rolo de diâmetro quase igual ao pneu de um Fiat e espessura pouco menor que a metade. Como o sistema de edição eletrônica não foi inventado junto com o VT, mas só anos depois, era um sufoco montar programas gravados em fita. O sujeito tinha que cortar a fita, como faz o montador de cinema, que corta e junta pedaços de filme numa moviola. Só que o diretor de VT apanhava mais. Ele não tinha o fotograma do filme para ver o ponto exato do corte. Cortava meio no olho, na sorte. Seu indicador, muito mais impreciso, era apenas o áudio. Evidentemente, o programa montado tinha sérias imperfeições - para não falar do custo, porque cada fita saía por oitocentos dólares e uma vez cortada só servia para novas exibições. Não podia ser reeditada.” Clark, Walter e Priolli, Gabriel. op. cit., p. 109;

⁶⁴ - em 1960, o humorista Chico Anísio, fascinado com o novo aparelho, o utilizou num comercial do Rum Bacardi, onde vários dos seus personagens (Quém-Quém, Coronel Limoeiro, etc.) apareciam em rápidas seqüências seguidas cantando o jingle do comercial, e no seu programa, o *Chico Anísio Show*, que foi o primeiro programa da TV brasileira a utilizar-se do videoteipe. Clark, Walter e Priolli, Gabriel. Idem;

se por serem apresentados de forma linear (quer por transmissões ao vivo ou por filmes em películas, de difícil manuseio), além de não permitir o uso de efeitos com imagens.⁶⁵

Além de não haver mais a necessidade de improvisação (pois quando acontecia um erro nas gravações, era possível fazer de novo e gravar apenas as partes corretas), as possibilidades de variação técnica aumentaram muito, deixando a televisão como um dos meios mais criativos deste momento. E o *Jornal de Vanguarda*, da rede Excelsior, iria aproveitar-se das possibilidades criativas que o videoteipe permitia.

O *Jornal de Vanguarda*, da rede Excelsior, foi um dos programas telejornalísticos mais inovadores de seu tempo, diferindo bastante dos esquemas até então aplicados na produção jornalística da televisão brasileira, que caracterizava-se por apresentar programas descritivos, financiados por lojas e empresas que lhes davam o nome (o mais famoso dentro desta forma foi o *Repórter Esso*), visual monótono (quase sempre com uma cortina ao fundo, uma mesa e uma cartela com o nome do apresentador) e sem variações na forma de edição.⁶⁶ O *Jornal de Vanguarda* seria o primeiro telejornal feito por jornalistas, mostrando charges, bonequinhos falantes, apresentação rápida das notícias e apresentadores mais informais (destaca-se entre eles o jovem Cid Moreira). Com edições criativas, foi o primeiro telejornal a se aproveitar das possibilidades da linguagem televisiva, facilitadas pelo videoteipe, realizando uma competente união entre jornalismo e show.⁶⁷

A Imprensa de Esquerda

A esquerda escrevia muito no começo de década de 60, o que proporcionava um número grande de publicações, quer de livros, panfletos ou jornais. A UNE tinha o seu veículo, a revista *Movimento*, mas quase todos os grupos de esquerda tinham o seu também, como *O Seminário*, de linha nacionalista, dirigido por Osvaldo Costa; *Panfletos*, canal para as idéias de Leonel Brizola; *Novos Rumos*, jornal oficial do PCB,⁶⁸ entre tantos outros.

⁶⁵ - Marcelo Barbosa, apelidado de Nasal (por causa do seu nariz grande), técnico de gravação de áudio da TV Rio, resolveu o problema de edição do V.T. ao cortar a fita magnética do aparelho com gilete, como ele fazia nas fitas de áudio, o que facilitava a junção dos mais variados pedaços de fita de acordo com a vontade do editor. Clark, Walter e Priolli, Gabriel. *Idem*, *ibidem*;

⁶⁶ - Lima, Fernando Barbosa. "Nossas Câmeras são seus Olhos." In Lima, Fernando Barbosa; Priolli, Gabriel e Machado, Arlindo. *Televisão e Vídeo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985, p. 9;

⁶⁷ - Lima, Fernando Barbosa. *op. cit.*, p. 9;

⁶⁸ - o radicalismo estava crescendo por todos os lados, o que provocou acontecimentos curiosos. O cantor Jorge Goulart narrou que um ator de rádio, da Rádio Nacional, chamado Geraldo, iniciando-se na militância política nesse período, estava em crise de consciência, pois ele teria de interpretar Che Guevara numa novela financiada pela CIA e que seria transmitida para o interior do país, sendo que a novela mostrava uma visão muito negativa da revolução cubana. O rapaz foi aconselhado a aceitar o papel e o pagamento, de cinquenta dólares por capítulo, mas destinando metade desse dinheiro para o PCB editar *Novos Rumos*. Em outras

As revistas de artigos também proliferavam, sendo importante veículo para a esquerda. Uma das mais importantes foi a *Revista Brasiliense*, dirigida por Elias Chaves, onde escreviam Caio Prado Jr., Otávio Brandão, Teotônio dos Santos, entre outros, e que abriu espaços para a exposição e discussão das idéias das esquerdas avaliando a situação do país. Na linha mais moderada, temos a revista *Anhembi*, dirigida por Paulo Duarte, em cuja páginas escreviam Florestan Fernandes, Sérgio Milliet, Fernando Henrique Cardoso, entre outros. O PCB também tinha a sua revista, *Estudos Sociais*.⁶⁹

Mas uma das publicações mais importantes deste período foi a revista *Senhor*. Criada por Nahum Sirotsky em 1959, que também seria o seu primeiro editor e redator-chefe, e tendo Carlos Scliar como o diretor de arte, a revista defendia um posicionamento mais liberal. Paulo Francis e Luiz Lobo também faziam parte da redação, que tinha entre seus colaboradores Odílio Costa, Otto Lara Resende, Clarice Linspector, Vinícius de Moraes, Ferreira Gullar, Newton Rodrigues, entre outros. Iriam reunir-se, durante o apogeu da revista, alguns dos futuros membros do jornal alternativo *O Pasquim*, como Ivan Lessa, Millôr Fernandes e Jaguar, além do próprio Paulo Francis. Além dos escritores nacionais, a revista publicava também textos com elementos da contracultura norte-americana, além de traduções especiais (como textos do russo Leon Tolstói e do norte-americano Hemingway) e em fascículos (como o romance de Jorge Amado, Quincas Berro d'Água).

Quando foi criada, ela custava três vezes mais que qualquer outra revista, com um formato pouco usual (23,5 x 32 cm) e uma diagramação particular, baseada na linguagem do cinema, ou seja, de clara inspiração imagética. Sua tiragem atingiu 40 mil exemplares, com 30 mil assinantes. Sua primeira fase teve 60 números, e, apesar da boa tiragem, não conseguiu cobrir os seus custos cada vez maiores, alimentados por uma inflação crescente. Em fins de 1960, com menos de dois anos de existência, seu declínio já era visível, e encerraria suas atividades em 1964, depois do golpe que derrubou Goulart.⁷⁰

A inflação crescente, vinda desde o governo JK, provocou pressões nos meios de comunicação, que tinham grandes dificuldades para cobrirem os seus custos, em particular a compra de papel. A inovadora revista *Senhor* fechara, enquanto que a *Folha da Manhã* (que, em 1961, mudaria seu nome para *Folha de S. Paulo*), a partir do final dos anos 50, entrou numa fase de contenção de despesas e organização financeira, o que lhe seria muito útil nos anos seguintes.⁷¹

palavras: a revista seria financiada, em parte, pela CIA. Lenharo, Alcir. Cantores do Rádio - a Trajetória de Nora Ney e João Goulart e o Meio Artístico de seu Tempo. Campinas, Editora da UNICAMP;

⁶⁹ - Kucinski, Bernardo. Jornalistas e Revolucionários - nos Tempos da Imprensa Alternativa. São Paulo, Scritta, 1991;

⁷⁰ - Kucinski, Bernardo. op. cit.;

⁷¹ - Motta, Carlos Guilherme e Capelato, Maria Helena R. op. cit.;

No dia 6 de janeiro de 1962, Alberto Dines assumiria o posto de editor-chefe do *Jornal do Brasil*, dando continuidade às alterações do jornal.

Alberto Dines

Alberto Dines assumiu o posto de editor-chefe do decadente *Diário da Noite* durante a década de 50 e, nos próximos dois anos desde que ele assumiu, o jornal sofreria alterações técnicas profundas, numa tentativa de recuperar suas vendas. Baseando-se nos jornais ingleses *Daily Mirror* e *Daily Express*, o *Diário da Noite* passou a ser um tablóide, ou seja, começou a ter uma paginação de revista, manchetes em letras garrafais, textos curtos e linguagem animada e coloquial. Por falta de recursos, a equipe de redação procurava suplantar as insuficiências tecnológicas com talento e improvisação,⁷² como foi o caso da produção das manchetes: sem as tituleras (aparelhos que produziam títulos e manchetes, sendo que os melhores do gênero eram produzidos pela empresa alemã Ludlow), a equipe de redação improvisou letras em cartolina, de vários tamanhos, criando uma caixa de tipos improvisada e, com essas letras, construía as manchetes.⁷³ Apesar dessas mudanças, o jornal acabaria fechando.⁷⁴ Depois da experiência do *Diário da Noite*, Dines ainda trabalharia na nova revista de fotografias da editora Bloch, *Fatos & Fotos*, lançada em 1961.⁷⁵ Depois desta experiência é que Dines iria trabalhar no *Jornal do Brasil*.

Alberto Dines, no *Jornal do Brasil*, desenvolveu dois pontos básicos para realizar as alterações técnicas do jornal: 1º - as mudanças deveriam ser lentas, mantendo intacto o seu padrão básico, pois o público leitor não aprecia mudanças bruscas, e estas apenas devem ser realizadas quando o jornal estiver em situação desesperada (como foi a situação do *Diário da Noite*); 2º - o jornal não poderia desconsiderar a presença dos outros meios, e, no caso específico, não deveria desconsiderar a televisão. Este último ponto é importante, pois foi Alberto Dines o primeiro jornalista no Brasil a realmente pensar a televisão como agente influenciador da imprensa escrita, chegando a instalar aparelhos de televisão dentro da redação, para que os jornalistas tivessem contato com esse tipo de produção.

Dentro dessa perspectiva, as alterações do *Jornal do Brasil* nesta sua segunda fase de reformas percorreriam dois caminhos: primeiro, no campo gráfico (aproximação estética com a revista - melhor paginação, organização da apresentação do conteúdo, linguagem clara e concisa,

⁷²- Dines, Alberto. Entrevista para o Autor, op. cit.;

⁷³- o funcionário Fernando Wasserman, que cuidava da produção dessas manchetes, ganhou o apelido de "Fernando Ludlow", pois ele era a "máquina titulera" do jornal. Dines, Alberto. Entrevista para o Autor, Idem;

⁷⁴- Dines, Alberto. O Papel do Jornal. op. cit.;

maior utilização de fotografias); segundo, no próprio conteúdo (o jornal foi o primeiro no Brasil a ter um departamento de pesquisa para satisfazer a demanda de informações criada pela televisão).

Além de questões de ordem política, questões de ordem técnica e econômica também eram elementos que podiam construir (ou destruir) um jornal ou uma revista. No início dos anos 60, os meios de comunicação estavam enfrentando condições econômicas bastante difíceis por causa da inflação. Mas a situação política do país também não era das mais estáveis e tais instabilidades também se refletiriam na imprensa. E um curioso confronto se verificou.

Notícias Populares Enfrenta Última Hora

Em 6 de janeiro de 1963, um plebiscito foi realizado e pôs fim ao parlamentarismo, devolvendo os poderes plenos de presidente a João Goulart, fato que assustou e incitou à conspiração vários grupos de direita.⁷⁶ Indiferentemente do que possamos pensar do governo Goulart, sua posição como comunista era muito exagerada, mas este “exagero” foi aceito como uma verdade incontestável pelos propensos dois lados, numa representação tipicamente maniqueísta da Guerra Fria. Luís Carlos Prestes iria declarar, numa entrevista concedida para uma emissora de televisão paulista em 1964, que “não estamos no governo mas estamos no poder”,⁷⁷ numa referência direta à virtual influência do PCB no governo Goulart.

Como podemos perceber, João Goulart era visto como comunista e seu governo deveria ser combatido em todos os níveis. Esta representação também atingiria a imprensa, pois ela ficaria na oposição, com exceção ao jornal *Última Hora*, que, então, deveria ser combatido.

O jornal *Última Hora* defendia o governo Goulart pois este mantinha, pelo menos teoricamente, uma linha mais nacionalista (ou “getulista”). Em outras palavras, o jornal era tão comunista quanto o próprio João Goulart o era - o jornal procurava defender a linha nacionalista de Goulart, que era confusa e volátil, podendo pender para qualquer lado dependendo das circunstâncias. Perto da sua queda, o governo Goulart pendeu para a esquerda, o que foi visto como uma guinada profunda para o comunismo. Assim, o jornal começou a ser encarado como um veículo de idéias comunistas e, como tal, deveria ser combatido. Para isso foi criado, em 1963, o jornal *Notícias Populares*.⁷⁸

⁷⁵ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor, op. cit.;

⁷⁶ - para maiores detalhes sobre os grupos empresariais que conspiraram contra o governo Goulart, ver Dreyfuss, René. *1964 - a Conquista do Estado*. Petrópolis, Vozes, 1981;

⁷⁷ - extraído de: Hollanda, Heloísa Buarque de. *Cultura e Participação nos Anos 60*. Coleção “*Tudo é História*”, Nº 41, 4ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 12;

⁷⁸ - Goldstein, Gisela. op. cit.;

Herbert Levy era presidente da UDN e seria um dos líderes da ofensiva contra Goulart a partir de 1963, recebendo a ajuda de um dos seus filhos, L. Fernando Levy, que fundaria o jornal *Notícias Populares*. O jornal foi concebido para concorrer diretamente com a *Última Hora*, atacando uma das suas características básicas, ou seja, a politização do conteúdo através da sua apresentação formal. O jornal *Notícias Populares* iria se utilizar de quase todos os mesmos temas da *Última Hora*, mas procurando explorar o lado mais sensacionalista da notícia, tentando esvaziá-la de seu contexto político.⁷⁹ Na tentativa de ser despolitizado, nunca um jornal foi tão político.

Notícias Populares teria preocupações de ordem gráfica, como a criação de um logotipo, a distribuição das matérias (dando destaque para as que envolviam sexo e crime), o uso gritante de fotos e a distribuição pensada para concorrer diretamente com a *Última Hora* (sua distribuição começava na noite anterior ao dia datado no jornal). Não havia preocupações com o lucro, pois seu objetivo era puramente político.⁸⁰

É quase impossível dizer, realmente, qual foi o impacto que o *Notícias Populares* produziu na *Última Hora*, mas a sua criação mostra como estava o clima político nesse começo de década, quando o *Medo do Expansionismo Comunista* abria lutas para se evitar, a qualquer custo, uma eventual revolução socialista no Brasil.

A disputa pelo simbólico da sociedade brasileira na imprensa era grande naquele momento. A pesquisa da historiadora Anna Cristina Camargo Moraes Figueiredo mostra que a publicidade do período de 1954 a 1964 também travava suas “batalhas”. Analisando a publicidade das revistas *Manchete* e *O Cruzeiro*, Figueiredo nos mostra a fixação do simbólico do consumo no Brasil, ao valorizar os novos produtos domésticos lançados no país, relacionando-os aos conceitos de “modernidade”, “independência” e “liberdade”.⁸¹ Logo, esta mesma publicidade iria colocar-se contra o comunismo.⁸²

⁷⁹ - Goldstein, Gisela. *Idem*;

⁸⁰ - de acordo com Gisela Goldstein: “Expressão de um liberalismo oligárquico incapaz de reconhecer nas classes populares um interlocutor legítimo, acentuou, no plano da mensagem, mais do que *Última Hora*, fórmulas básicas da indústria cultural, com o objetivo de excluir aquelas classes da cena política. Seu caráter combinado deriva da tentativa de imitar *Última Hora* pelo avesso, como forma de combatê-la.” Goldstein, Gisela. *Idem*, *ibidem*, p. 153;

⁸¹ - Figueiredo, Anna Cristina Camargo Moraes. “Liberdade é uma Calça Velha, Azul e Desbotada” - Publicidade, Cultura de Consumo e Comportamento Político no Brasil (1954-1964). São Paulo, Hucitec, 1998;

⁸² - de acordo com Anna C. C. Moraes: “Foi justamente em meio a essa euforia, no deslumbramento causado pela enxurrada de geladeiras, automóveis e utensílios de plástico colorido no mercado e ao alcance de suas mãos ávidas, que os segmentos médios da população urbana começaram a sentir os primeiros e ainda tênues efeitos da crise que logo iria abater-se sobre todo o mundo capitalista, com o esgotamento do processo de crescimento vivido pelo sistema ao longo dos anos 40-50. Ademais, a Guerra Fria parecia ganhar novas dimensões com a Revolução em Cuba. Enquanto isso, no Brasil, o pacto populista expirava, tendo em vista que o governo se mostrava incapaz de equacionar os problemas derivados do aumento da pressão inflacionária e, sobretudo, de administrar crescentes pressões tanto dos trabalhadores quanto dos empresários,

A derrubada do governo Goulart aconteceu na virada dos meses de março e abril de 1964, recebendo cobertura intensa da imprensa, que posicionou-se a favor dos golpistas. Apesar de ser um movimento conservador, os novos governantes acabariam por aproveitar das representações do momento, mas de maneira bastante limitada: aproveitando-se apenas da idéia da revolução, sem o socialismo, os militares dão este nome para o seu movimento, ou seja, “Revolução de 1964”.

A televisão registraria um dos acontecimentos mais insólitos desse momento: na Cinelândia, no Rio de Janeiro, na frente do Clube Militar, um menino de 12 anos começou a gritar “Jango! Jango!”, quando um homem alto e magro apontou uma arma automática na cabeça do menino e aperta o gatilho, estourando-lhe a cabeça. A cena seria mostrada pelo *Jornal de Vanguarda*, desmentindo uma das construções dos novos governantes de que a “revolução” fora sem violência. A emissora, na mesma noite, receberia a visita de um militar, que começaria a fazer censura no telejornal.⁸³

O Peso da Televisão na Vida Brasileira

A televisão crescia em influência no começo da década de 60, mas ainda encontrava resistências por parte dos intelectuais em reconhecerem sua importância. Mas mesmo estes intelectuais tiveram que analisar o meio de uma maneira mais cautelosa quando, no início de 1964, um inusitado programa de televisão alcançou uma audiência gigantesca: a novela *O Direito de Nascer*, dirigida por Cassiano Gabus Mendes, Henrique Martins e José Parisi.

As novelas de televisão tinham como origem imediata as novelas radiofônicas, exceto por uma característica negativa: na televisão não havia uma periodicidade confiável, sendo que os capítulos poderiam ser apresentados todos os dias ou três vezes por semana, quando não em horários diferentes, dependendo da instável programação da época. A TV Rio já havia conseguido, desde o final da década de 50, através do seu diretor Walter Clark, estabilizar os horários e a periodicidade das suas produções, com sucesso de público. A novela *A Moça que Veio de Longe*, tendo como protagonista a atriz Rosamaria Murtinho, havia obtido um grande sucesso de audiência,

exigindo maiores compromissos do governo com suas reivindicações e interesses específicos. A agitação política que daí decorria causava às camadas médias atônitas, insufladas pela propaganda ideológica veiculadas pelos meios de comunicação de massa e acostumadas que estavam à contemplação do ‘próprio umbigo’, a sensação de que o tal clima de ordem e prosperidade, necessário à realização de seus sonhos consumistas, rompera-se. Interpretavam, assim, os acontecimentos do período como se tratando da ampliação do ‘perigo vermelho’, que já se havia instalado no corpo e na alma de nossos vizinhos caribenhos, e temiam pela sua ‘liberdade’ - entendida como a possibilidade de ‘crescer’ pelo próprio empenho individual, de afirmar sua posição mediante o consumo e, por meio dele também, desfrutar do prazer que sua nova situação lhe oferecia.” Figueiredo, Anna Cristina Camargo Moraes. op. cit., p. 157;

⁸³ - Lima, Fernando Barbosa. op. cit.;

mas ainda não era o sucesso que pudesse chamar a atenção sobre a televisão - e a novela *O Direito de Nascer* foi este sucesso. Sua festa de encerramento, no Maracanãzinho, levou mais de 25 mil pessoas, sendo que em São Paulo não foi diferente.⁸⁴

O estrondoso sucesso desta novela iria ajudar a colocar a televisão como o grande meio de comunicação da década de 60, posição que se consolidaria no decorrer da década. Quanto à influência da televisão brasileira na imprensa escrita, devemos destacar que esta presença, embora ainda pequena, começava a ser percebida, principalmente pelo surgimento da Rede Globo.

Num famoso comunicado, datado de 26 de abril de 1965, à redação do *Jornal do Brasil*, Alberto Dines pediu que se tomasse cuidado com a emissora que surgia, pois, ao contrário do que acontecia até então, essa emissora de televisão vinha de uma tradição noticiosa muito consistente e profissional, podendo ser uma rival de nível ao jornalismo escrito, o que não acontecia com a televisão anteriormente, com produções pouco inteligentes e de pouca criatividade.⁸⁵ A visão que Dines apresentou ainda em 1965 confirmaria-se nos anos seguintes, pois a televisão continuou crescendo em influência e técnica, tornando-se o principal meio de comunicação do país.

Os Novos e Revolucionários Vespertinos de São Paulo

A *Folha de S. Paulo* começava a modernizar-se, mas foi o grupo *Estado* que saiu na frente em termos de inovação ao publicar um vespertino, o *Jornal da Tarde*, em 1966, procurando ganhar o público deixado pela deterioração do jornal *Última Hora* de São Paulo (com uma redação cada vez mais sectária politicamente, mas que garantia alguma vendagem média, justificando sua publicação).

Baseado no New Journalism, a influência norte-americana mostrava-se mais visível do que nunca. O New Journalism, com os destacados nomes de Tom Wolfe e Truman Capote, procurava fazer mais do que notícias: o próprio jornalista iria viver os acontecimentos, não mais separado do fato, como observador, mas participante dele.⁸⁶ Além disso, também buscava a valorização, dentro da construção da notícia, da vivência e experiência do jornalista com o fato. No entanto, podemos encontrar traços da presença da televisão neste tipo de produção, pois com a integração da imagem/som/movimento com o público receptor que esse meio proporcionou, a idéia de participação ativa no fato cresceu substancialmente, estimulando os enfoques deste tipo de jornalismo.

⁸⁴ - Clark, Walter e Priolli, Gabriel. op. cit.;

⁸⁵ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor, op. cit.

O *Jornal da Tarde*, dirigido pelo jornalista Mino Carta, apresentava uma diagramação diferente da dos outros jornais, valorizando fotos e espaços em branco, numa linguagem nova e moderna para a época. As páginas do jornal, inclusive, eram desenhadas para a edição.⁸⁷ O jornal também se caracterizou por realizar grandes reportagens (principalmente com temas envolvendo a cidade de São Paulo, o que lhe daria um público fiel, mesmo que bastante localizado), o que revitalizou o espaço vespertino das publicações brasileiras.⁸⁸ O jornal apresentava suas reportagens de um maneira muito sentimental, valorizando os aspectos humanos da notícia - que era o espírito do New Journalism.

A criação deste vespertino foi estratégica ao grupo *Estado*, pois permitia ao seu jornal não ter os sustos e inconveniências que novas e modernas publicações pudessem causar (como foi o caso da *Última Hora* na década de 50), colocando-se à frente dessas inovações ou pronto para incorporá-las no jornal principal. A televisão, nessa segunda metade da década de 60, já era o meio de comunicação principal do país, e os problemas da imprensa escrita com esse meio eram uma realidade, e não mais algo indireto, vindo das matrizes dos países desenvolvidos. O *Jornal da Tarde* foi uma resposta a essa nova situação, e seu sucesso atingiria a mídia escrita, principalmente o grupo *Folha*, que lançaria também o seu vespertino, a *Folha da Tarde*, em 1967.

A *Folha da Tarde* iria mais longe ainda que o *Jornal da Tarde*, com uma equipe muito variada e dinâmica, com pessoas como Frei Betto, Ítalo Tronca e o próprio Raimundo Pereira, que foram influenciados pelo New Journalism, mas não apenas por esse tipo de jornalismo, pois havia uma redação diversificada, com vários profissionais de experiências diferentes, e com objetivos políticos diferentes,⁸⁹ como, por exemplo, o Frei Betto (que era um frei católico) ou Raimundo Pereira (que era um ativista da esquerda radical), entre outros. Apesar dessa variedade, de um modo mais geral, a busca da revolução socialista era o ponto principal de sua agenda.⁹⁰ A grande diferença entre a *Folha da Tarde* e o *Jornal da Tarde* foi que a redação da *Folha da Tarde* acreditava e queria a revolução.

A *Folha da Tarde* também destacaria-se por realizar uma cobertura muito maior que a do *Jornal da Tarde* em relação à Guerra do Vietnã, principalmente das manifestações contra a

⁸⁶ - Lima, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas - o Livro Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993;

⁸⁷ - de acordo com o jornalista Sandro Vaia, que era editor do *Jornal da Tarde* no seu início: "Na verdade a gente aprendia a editar a matéria desenhando a página. A forma influenciava o conteúdo. As duas coisas tinham que ser pensadas junto. Às vezes a gente mandava um repórter fazer uma matéria já com o desenho da página na cabeça. Já tinha idéia de como ela ia sair, como deveria ser a foto, o título, a angulação do texto. Tudo isso era pensado ao mesmo tempo." s/A. "O Homem Certo - Entrevista com Sandro Vaia." In revista *Jornal dos Jornais*. Nº 20, São Paulo, Editora Jornal dos Jornais, novembro/2000, pp. 47-48;

⁸⁸ - Lima, Edvaldo. op. cit.;

⁸⁹ - Tronca, Ítalo. Entrevista para o Autor, realizada em 18 de Outubro de 1995, Campinas, SP;

⁹⁰ - Tronca, Ítalo. Entrevista para o Autor, op. cit.;

guerra.⁹¹ A página internacional da *Folha da Tarde*, nessa época, era editada por Ítalo Tronca, trabalhando com ele, como redatores, Ricardo Maranhão e Jorge Okubaro. As notícias sobre a guerra chegavam em grande quantidade pelos teletipos, e Ítalo Tronca as escolhia, simplificava, adaptava da melhor maneira possível para o espaço do jornal (procurando o maior impacto possível) e, principalmente, para o público leitor, pois as notícias tinham de ter sentido para o público.⁹²

A forma do meio de comunicação ganhava importância na imprensa escrita brasileira como um todo. O New Journalism, uma experiência nova, também se preocupava com a maneira de apresentar as notícias - a representação das notícias passava também por questões envolvendo a sua forma. Assim, os jornais *Jornal da Tarde* e *Folha da Tarde* investiram na parte gráfica e fotográfica, pois a vivência requerida por esta modalidade de jornalismo precisava também de uma “ambientação” coerente com o que estivesse sendo produzido em termos de notícia.

Tanto o *Jornal da Tarde* como a *Folha da Tarde* procuravam, de uma maneira maior ou menor, no New Journalism as suas fontes de inspiração, desenvolvendo um novo tipo de jornalismo dentro do país. Mas foi a revista *Realidade* que proporcionaria as grandes inovações dentro dessa matriz.

Realidade: A Base da Imprensa Alternativa

A revista *Realidade* foi lançada em abril de 1966, era mensal, dirigida por Paulo Patarra e tinha como conteúdo a reportagem baseada no social, na discussão crítica da moral e dos costumes. Além do ponto de vista jornalístico, tinha preocupações estéticas típicas do New Journalism, ou seja, narrativa baseada na vivência direta do jornalista com a realidade que pretende transpor, daí o nome da revista. Chegou a ter tiragens de 400 mil exemplares e, mesmo pertencendo ao grupo Abril (que nada tinha de revolucionário), sua redação já funcionava como os jornais alternativos iriam trabalhar posteriormente. Discussões sobre as matérias (e as inevitáveis divergências entre os grupos de esquerda, que eram porém resolvidas democraticamente) eram colocadas apesar dos interesses dos donos da revista, pois seus membros faziam parte de células políticas clandestinas. A revista também abriu as principais linhas da imprensa alternativa.

Em 1968, a Ação Popular (AP), grupo político radical de esquerda, tinha abandonado a linha católica. Esse grupo ordenou que seus militantes saíssem da revista para se

⁹¹- Bernardo Kucinski nos pondera que: “*Folha da Tarde* destacou-se não só pela cobertura dos protestos contra o regime militar no Brasil, como também pela cobertura das gigantescas manifestações contra a guerra do Vietnã e da revolução estudantil na França. Havia até uma competição entre a equipe do *Folha da Tarde*, onde era maior a influência da nova esquerda, e a de *Última Hora*, onde era mais nítida uma linha AP.” Kucinski, Bernardo. op. cit., p. 39;

juntar ao povo, caindo na clandestinidade se assim fosse necessário. Aqueles que se recusaram deram origem a uma linhagem da imprensa alternativa, a existencial e antidoutrinária. Aqueles que aceitaram as diretrizes da AP formaram uma linhagem política (ligada, principalmente, a Raimundo Pereira).⁹³ Também existiria uma terceira linhagem, a humorística, principalmente saída da revista *Pif-Paf*.

A imprensa alternativa merece um destaque especial.⁹⁴ É difícil defini-la, realmente. Em primeiro lugar, opunha-se ao discurso oficial, procurando mostrar, justamente, novas idéias e comportamentos, tanto no nível pessoal quanto no político, algo difícil dentro de uma ditadura. Além disso, opunha-se à grande imprensa, que via como instrumento da burguesia para impor sua ideologia. Os alternativos tinham a sua própria ideologia, que variava de jornal para jornal. Em cada novo projeto alternativo, havia invariavelmente um episódio de fechamento de espaço da grande imprensa, empurrando jornalistas para a saída alternativa, mesmo que confusa ou mal-definida. A figura do líder é importante, o que acabou por destacar figuras como Millôr Fernandes (*Pif-Paf*), Jaguar (*O Pasquim*), Raimundo Pereira (*Opinião*), entre outros. Em certos sentidos, foram suas preocupações e expectativas pessoais que impulsionaram os projetos alternativos, apresentados, muitas vezes, como projetos políticos mais universais. Não que a sua influência fosse absoluta, nem todos que trabalhavam com o líder necessariamente concordavam com suas posições estéticas e políticas, mas, com certeza, suas orientações foram fundamentais para o desenvolvimento dos jornais como um todo.

A Luta pela Revolução Socialista estava presente nos seus projetos, pois, sob sua ótica, a revolução, além de desejada, era vista como um processo inevitável. Depois, quando ela não se mostrou mais inevitável, esses jornalistas começaram a fazer resistência ao regime militar. Não havia preocupações com lucros (o que eles consideravam a “praga” do capitalismo) já que os jornais faziam parte de um projeto de alcance político mais longo, que visava a revolução. Grande parte desses jornais tinha lideranças políticas de partidos clandestinos, que influíam nas decisões do jornal em todas as etapas de produção da notícia até a forma de apresentá-la.

Tal imprensa seria influenciada pela televisão? A resposta é não, com exceção, talvez, dos jornalistas mais influenciados pelo New Journalism. A imprensa alternativa seria uma das últimas manifestações de uma geração ainda formada por bases na literatura e na leitura, que procurava expor e defender suas idéias pela escrita, ligada a um imaginário representado pela

⁹²- Tronca, Ítalo. Entrevista para o Autor, op. cit.;

⁹³- todas as informações sobre a revista *Realidade* foram discutidas a partir das reflexões de: Kucinski, Bernardo. op. cit.;

⁹⁴- todas as informações sobre a imprensa alternativa foram discutidas a partir das reflexões de: Kucinski, Bernardo. Idem;

cultura escrita. Não é que não fossem criativos ou vibrantes (mostrando que não apenas a televisão poderia estimular novos caminhos para a imprensa escrita), mas suas preocupações eram eminentemente intelectuais, procurando convencer, invariavelmente, um público letrado, ou melhor, que tivesse uma formação mais voltada para leitura.

O Sistema “Off-Set”

Não foram apenas as publicações baseadas no New Journalism que se preocuparam com recursos técnicos. A importância da técnica em relação ao conteúdo começava a ser percebida de uma maneira mais intensa por toda a imprensa brasileira, e os jornais procuravam modernizar-se. Neste aspecto, o jornal *Folha de S. Paulo* se destacaria.

A *Folha de S. Paulo*, depois de passar por sua fase de contenção, entraria, de 1964 para frente, na sua fase de maior estabilidade econômica, preocupando-se com a modernização de seu parque gráfico e de sua distribuição.⁹⁵ Em termos tecnológicos, seria o primeiro jornal brasileiro a contar com a produção em “off-set”, a moderna técnica de imprimir jornais a frio.

Até então, o sistema de impressão para os jornais era o tipográfico, um sistema metalúrgico, de prensagem do tipos nas chapas de chumbo quente, sendo mais lentas e dispendiosas, sem contar com as poucas possibilidades de variação gráfica. A empresa norte-americana HOE fornecia regularmente essa tecnologia à imprensa brasileira.

O sistema “off-set” já era utilizado, no Brasil, desde a década de 50, mas não na confecção de jornais, mas sim em gráficas comerciais - era um aparelho de tamanho pequeno, voltado para pequenas produções ou mesmo para pequenas reproduções. Ainda na década de 50, seriam importados sistemas “off-set”, além do sistema de rotogravura, para a confecção única e exclusiva de revistas, pois a secagem do papel era mais lenta, o que impedia sua utilização numa produção gráfica diária.⁹⁶ Como observamos anteriormente, o sistema de rotogravura foi utilizado pelas revistas *Manchete* e *O Cruzeiro*. Com a diminuição do tempo de secagem do papel, esse sistema tornou-se aplicável na produção de jornais.

O grupo *Folha* importou o equipamento “off-set” de uma fábrica alemã, a *Gross*. A estréia desta nova técnica no jornal brasileiro aconteceu num caderno especial, “Grande São Paulo: Ano 2000”, discutindo o início das obras da construção do Metrô, pensando-se na cidade de São Paulo, seus problemas e suas soluções até o ano 2000.⁹⁷ Publicado em fascículos semanais, teve a

⁹⁵ - Motta, Carlos Guilherme e Capelato, Maria Helena R. op. cit.;

⁹⁶ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor, op. cit.;

⁹⁷ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 31/09/67, fascículo um;

propaganda de seu lançamento destacando a utilização, pioneira no Brasil, do sistema “off-set” na sua confecção. O primeiro fascículo, publicado em setembro de 1967, apresentaria o novo sistema, com fotografias (inclusive coloridas), jogos visuais com gráficos e mapas da cidade, além de uma nova apresentação formal das matérias. Os fascículos teriam páginas com números irregulares (alguns números teriam 80 páginas, outros com 32, e assim por diante), e fariam sucesso, pelo menos pelas palavras do próprio jornal, sendo muito consumido por crianças.⁹⁸

O grupo *Estado* e o *Jornal do Brasil* continuaram com seu fornecedor habitual, a HOE, que, para concorrer com a *Gross*, desenvolveu um sistema misto (meio tipográfico, meio “off-set”), que não funcionaria, levando a empresa à falência e prejudicando financeiramente e qualitativamente esses jornais.⁹⁹

Veja

Em setembro de 1968, dirigida por Mino Carta,¹⁰⁰ seria lançada pela editora Abril a revista *Veja*, que seria a mais importante publicação semanal brasileira. Baseada nas revistas semanais norte-americanas, principalmente a *Newsweek*, a revista *Veja* procuraria uma linha mais neutra, quase como se a mesma pessoa escrevesse todas as reportagens.

Tal neutralidade era apenas aparente, pois a revista, principalmente quando dirigida por Raimundo Pereira, utilizava essa neutralidade e aparente frieza estética para atacar o regime militar, fazendo uso principalmente de reportagens internacionais (como referência ao que acontecia no Brasil) e matérias muito especiais sobre a tortura.

Suas inovações não trouxeram sucesso inicialmente – deram, inclusive, problemas para a redação, que não estavam acostumados com aquele tipo de produção.¹⁰¹

⁹⁸ - reportagem sobre o Caderno “*Grande São Paulo: Ano: 2000.*” In *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 10/10/67, p. 38;

⁹⁹ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor, op. cit.;

¹⁰⁰ - de acordo com Mino Carta: “Eu acho que jornalismo é trabalho de equipe. Equipes pequenas são o ideal, porque ali todo mundo carrega o piano e sabe tocá-lo. Quando você tem equipes grandes, nem todos são indispensáveis, mas você tem seis, sete, oito profissionais que fazem a publicação. É claro que há necessidade de uma chefia, porque há um momento em que é preciso tomar uma decisão. A chefia serve pra isso, até para dirimir dúvidas. Tem dois que acham isso e dois que acham aquilo. A chefia é o ‘Salomão’, no caso. Eu dirigi a primeira equipe que fez a revista *Veja*. Nesse sentido, sou fundador da revista.” v/A. “*Bundas Entrevista: Mino Carta.*” In revista *Bundas*. Nº 77, Rio de Janeiro, Editora Pererê, 05/12/2000, p. 41;

¹⁰¹ - Carmo Chagas, repórter da revista no seu início, explica: “Todo o primeiro ano de existência da *Veja* foi, para nós da redação, uma turbulência só. Para a empresa e para os anunciantes também. E, pior, também para os leitores. Mas o nó cego estava mesmo na redação. Pela simples razão de que nenhum de nós sabia fazer revista semanal de informação nacional. Víamos e revíamos o *Time*. Líamos e relíamos o *Newsweek*, com quem a Abril havia firmado acordo. Mas na hora de escrever não conseguíamos repetir a fórmula. (...) A revista saiu na data marcada. Tinha de sair. E foi um tremendo fracasso.” Chagas, Carmo; Mayrink, José

O fechamento de espaços feito pela ditadura abriria campo para a imprensa alternativa. E seu grande representante inicial foi *O Pasquim*.

O Pasquim

O Pasquim surgiu em 1969, com a proposta de ser um jornal bem-humorado, destacando a vida de Ipanema.¹⁰² Sua equipe era composta por cartunistas criativos, sem uma organização administrativa muito rígida - ou seja, era um grupo de amigos que, de suas relações pessoais, fazia a matéria do jornal - , estilo jornalístico que Luís Braga chamou de “patota”.¹⁰³ Jaguar, Millôr Fernandes (que havia criado o precursor *Pif-Paf*, em 1964), Henfil, entre outros, faziam parte dessa “patota” que iria revolucionar a maneira de se fazer jornal no Brasil.

Politicamente, o jornal era, nas palavras de Norma Pereira Rego, “de esquerda sem sectarismo”, podendo unir, por exemplo, um marxista ortodoxo como o Henfil e um (já na época) ex-esquerdista como Paulo Francis.¹⁰⁴ Como foi possível conciliar essas diferenças? Por duas razões básicas: 1ª - existia um inimigo em comum, a ditadura militar; 2ª - o humor, acima de tudo, os unia. O cartunista Henfil dizia que o jornal funcionava como uma equipe com “onze Garrinchas”.¹⁰⁵

A forma do jornal era tão importante quanto o seu conteúdo. Feito no formato de tablóide, com uso expressivo de cartuns e charges, de muito deboche e sátira (seus criadores eram, essencialmente, cartunistas), o produto tinha uma apresentação marginal, lembrando os pasquins barulhentos de épocas passadas. O jornal buscava uma cultura alternativa, combatendo tanto a cultura “oficial”, da ordem estabelecida, quanto a cultura “oficial” de esquerda.¹⁰⁶ Não era só de cartuns que vivia o jornal, mas também de entrevistas e matérias escritas sérias, que merecem alguns comentários.

As entrevistas acabariam por ter como forma o linguajar coloquial, ou seja, eram a reprodução fiel de como ela foi dada pelo entrevistado ao entrevistador, sem a “copydiskagem” (seleção do que foi dito e sua formatação para o meio de comunicação feitas pela grande imprensa), recurso típico deste tipo de reportagem. Esta não utilização da “copydiskagem” pode ter

Maria e Pinheiro, Luiz Adolfo. *3 X 30 - os Bastidores da Imprensa Brasileira*. São Paulo, Editora Best Seller, Circulo do Livro, 1992, pp. 70-71;

¹⁰²- Kucinski, Bernardo; op. cit.;

¹⁰³- Braga, José Luiz. *O Pasquim e os Anos 70 - Mais Pra Epa Que Pra Oba...*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1991;

¹⁰⁴ - Rego, Norma Pereira. *Pasquim - Gargalhantes Pelejas*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, Prefeitura, 1996;

¹⁰⁵ - de acordo com Dênis de Moraes na biografia de Henfil: “Esses Garrinchas têm uma linha política mais ou menos comum, embora um jogue mais recuado, outro avance bem mais, outro só lance. E há um ponto-chave: o Pasquim é um jornal de humor. É muito difícil você fazer uma linha editorial para o humor.” Moraes, Dênis de. *O Rebelde do Traço - a Vida de Henfil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1996, p. 112;

sido uma opção formal (o jornal tinha um estilo coloquial por si só) ou uma simples preguiça de seus editores (que preferiram colocar tudo como estava só para não ter o trabalho de formatizar o texto para o jornal).¹⁰⁷ De qualquer forma, essa preocupação formal (ou falta de) deu à revista muito mais ganhos do que prejuízos.

As matérias “sérias” eram análises políticas feitas pela equipe de redação. A página dois seria o espaço reservado para as matérias internacionais - e Paulo Francis tornar-se-ia famoso pelas suas análises de política internacional, particularmente pelas matérias referentes à Guerra do Vietnã, utilizando-a para criticar o “sistema”, as injustiças sociais e fazer referências ao que ocorria no Brasil, pois esse era um dos poucos espaços possíveis. O jornalista informava-se muito bem sobre o assunto, escrevia muito bem e apresentava argumentações lógicas e bem fundamentadas, mesmo que elas pudessem ser uma “salada” de teorias e análises de outros autores, apresentadas num conjunto como sendo de sua autoria.¹⁰⁸ Independente disso, os artigos de Paulo Francis colocaram o Vietnã em evidência dentro do jornal.¹⁰⁹

Grande Imprensa: Mudanças e Continuidades

Em 1969, utilizando definitivamente o sistema “off-set”, o jornal *Folha de S. Paulo* mudara bastante, apesar destas mudanças parecerem mínimas numa primeira observação. A cor do jornal ficou mais clara, as fotografias mais nítidas (diminuindo o contraste de preto e branco) e as edições extras diminuíram muito (em parte, pela demanda satisfeita pela *Folha da Tarde*). O jornal ganhava cada vez mais cadernos, e algumas colunas foram sendo modificadas ou desativadas, como o espaço do comentarista Newton Carlos (que inicialmente mudou de página, tendo seus textos apresentados irregularmente, até a suspensão definitiva do “Panorama Internacional”) que, como veremos, seria fundamental para a cobertura da Guerra do Vietnã pelo jornal. A *Folha da Tarde* também sofreu mudanças, mas não de ordem técnica. Algumas semanas depois do AI-5, Antônio Aggio substituiu Miranda Jordão na chefia de redação, e esta se dissolveu.¹¹⁰ A partir daí, o jornal seria, praticamente, um porta-voz dos militares, principalmente quando se tratava de noticiar

¹⁰⁶ - Kucinski, Bernardo. op. cit.;

¹⁰⁷ - Braga, José. op. cit.;

¹⁰⁸ - Tronca, Ítalo. Entrevista para o Autor, op. cit.;

¹⁰⁹ - o papel da cobertura internacional, como a realizada com a Guerra do Vietnã, também era fundamental para o jornal. José Luiz Braga argumenta que “Seja diretamente pelo seu valor informativo, que contrastava com o esvaziamento, a mesmice, do fato político nacional. Seja indiretamente, deixando no ar - e à agudeza do leitor - referências entre o que acontece no mundo e o que vai pelo Brasil.” Braga, José Luiz. op. cit., p. 52;

¹¹⁰ - Kucinski, Bernardo. op. cit.;

acontecimentos envolvendo a luta armada. Os guerrilheiros, além de serem denominados como “terroristas”, ganhavam também outros adjetivos críticos, tais como “facínoras”.¹¹¹

O Estado de S. Paulo alterou muito pouco sua parte técnica, pois continuou ligado a uma indústria norte-americana de equipamentos tecnológicos que era sua fornecedora habitual, e, quando esta faliu, deixou o jornal em condições ruins, com um equipamento pouco prático, o que impediu uma concorrência mais efetiva ao grupo *Folha*.¹¹² Outro problema enfrentado pelo jornal foi a mudança de sua sede do centro de São Paulo para as margens do Tietê, num projeto muito caro (“faraônico”, nas palavras de Alberto Dines), que aumentou ainda mais a crise financeira do jornal (o *Jornal do Brasil* teria os mesmos problemas, no Rio de Janeiro).¹¹³

Podemos perceber que erros de planejamento, que também envolviam questões tecnológicas, podiam afetar a vida de um grande jornal. A *Folha de S. Paulo* acabou apostando no equipamento “off-set”, conseguindo enfrentar seus concorrentes e manter-se nos períodos de crise que se seguiriam na década de 70. *O Estado de S. Paulo* também apostou em determinada tecnologia, que acabou não rendendo o esperado, tendo enormes dificuldades nas crises dos anos seguintes, e, praticamente, não conseguindo mais concorrer com a *Folha de S. Paulo*, pelo menos em termos de inovação.

Manchete, Fatos & Fotos e *O Cruzeiro*, revistas essencialmente de fotojornalismo, teriam um grande campo de atuação no final da década de 60, trabalhando com notícias nacionais e internacionais de grande repercussão. A presença cada vez mais atuante da televisão provocou uma crise tanto nessas revistas de fotojornalismo como nas suas matrizes nos países desenvolvidos. A produção televisiva, cada vez melhor em termos técnicos, mostrava-se mais “completa”, algo que tais revistas não estavam conseguindo produzir. A crise da década de 70 seria decisiva para essas publicações, mas a ditadura estimulava a criação de jornais alternativos.

Imprensa Alternativa: Surgem *Jornalivo*, *Opinião* e *Flor do Mal*

Fórmulas inteligentes e criativas de distribuição, como a venda na forma de fascículos de livros, enciclopédias e outras publicações, foram sendo testadas pela imprensa ou por editoras. No entanto, mesmo essas iniciativas não conseguiram impedir que a década de 70 fosse marcada por um período de crise na grande imprensa escrita, tanto política (ditadura) quanto econômica. Os espaços estavam abertos para a imprensa alternativa.

¹¹¹ - foi com o termo “facinora” (sic) que a *Folha da Tarde* noticiou a morte do guerrilheiro Eduardo Leite, conhecido como “Bacuri”. *Folha da Tarde*. São Paulo, 09/12/70, p. 1 (capa);

¹¹² - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor, op. cit.;

O crescimento da imprensa alternativa na década de 70 também deveu-se ao uso do sistema de impressão “off-set” de algumas oficinas de revistas e à distribuição nacional desenvolvida pela Abril, que tomou possível um alcance nacional dessas publicações, que chegavam em quase todos os lugares do país, e eram distribuídas em praticamente todas as bancas de jornais.¹¹⁴

Algumas iniciativas criativas foram tentadas dentro desse esquema de distribuição, entre elas, o *Jornalivro*. A idéia era de se publicar regularmente obras literárias de maneira acessível (nas bancas de revista, favorecidos pela distribuição do grupo Abril) e com preços baixos (feitos de papel-jornal).¹¹⁵ Inicialmente, algumas obras clássicas da literatura brasileira e portuguesa foram publicadas; mas, devido a questões políticas, essa prática foi sendo alterada, e obras mais atuais, normalmente de caráter crítico aos temas do momento, passaram a ser escolhidas para a publicação. Sua apresentação gráfica “transformava” cada livro numa reportagem.

Inicialmente, algumas obras clássicas da literatura brasileira e portuguesa foram publicadas; mas, devido a questões políticas, essa prática foi sendo alterada, e obras mais atuais, normalmente de caráter crítico aos temas do momento, passaram a ser escolhidas para a publicação. Sua apresentação gráfica “transformava” cada livro numa reportagem.

Uma dessas obras críticas estava diretamente ligada à questão da Guerra do Vietnã: O Gosto da Guerra, de José Hamilton Ribeiro, onde o jornalista relata sua experiência na cobertura da guerra e o “acidente” que lhe custou uma parte da perna. A análise final de Hamilton Ribeiro era totalmente contrária à presença norte-americana no Vietnã, destacando sua atuação destrutiva no país e a coragem e determinação do Vietcong.¹¹⁶ A escolha das obras do *Jornalivro* tinham caráter político.

Esse tipo de iniciativa cresceria no decorrer da década de 70, mas, até 1972, *O Pasquim* agüentaria praticamente sozinho as dificuldades de enfrentar o regime militar num esquema alternativo, conseguindo, inclusive, ter vendas expressivas.¹¹⁷ Sua nova linguagem e posicionamento político eram acompanhados de perto pelos militares, que logo perseguiriam sistematicamente o jornal. A equipe de redação acabaria presa, e a censura prévia obrigaria o jornal

¹¹³ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor, Idem;

¹¹⁴ - Kucinski, Bernardo. op. cit.;

¹¹⁵ - Kucinski, Bernardo. Idem;

¹¹⁶ - livro publicado, em 1969, pela Brasiliense, mas que ganharia sua versão pelo *Jornalivro* em 1972. Hamilton Ribeiro, José. O Gosto da Guerra – Jornalivro: o Povo Lendo. São Paulo, Jornalivro, 1972;

¹¹⁷ - esse momento de grandes vendas foi denominado por José Luiz Braga como “período dionisiaco”, que se encerrou com a prisão da equipe de redação em setembro de 1970. Braga, José Luiz. op. cit.;

a enviar o material para Brasília, o que dificultava a publicação dentro dos prazos. Logo, outro jornal alternativo, o *Opinião*, seria igualmente perseguido.¹¹⁸

O jornal *Opinião* surgiu no auge da ditadura, em outubro de 1972, bancado pelo empresário Fernando Gasparian, tendo Raimundo Pereira como editor-chefe. Era produzido por jornalistas profissionais e por intelectuais, alguns dos quais secretamente instruídos pelo comitê central da Ação Popular (AP). Desde 1970, a AP estava convicta da necessidade de ter um jornal não-partidário que reunisse os descontentes e opositores da ditadura militar, de quaisquer tendências políticas. Seu objetivo era criar uma frente mais ampla de oposição ao regime, como pré-condição para uma guerra popular prolongada. Em 1971, a unificação com o PC do B - cujas bases de guerrilha no Araguaia já estavam atuando - tornou urgente a necessidade de criar um porta-voz da oposição.

Fernando Gasparian, empresário descontente com o regime militar, queria um jornal crítico, nos moldes do semanário inglês *The New Statesman*. Sua idéia (assim como a da AP) era a de um jornal de caráter frentista, com jornalistas e intelectuais. Já o jornalista Raimundo Pereira, contratado como diretor do periódico, queria uma versão alternativa da revista *Veja* - um informativo composto apenas de jornalistas. Gasparian impôs sua vontade. Raimundo Pereira, mais tarde, concordaria com a linha do jornal.

O *Opinião* teria o encarte nacional do jornal francês *Le Monde* e de outras publicações estrangeiras, o que dava ao jornal um público amplo de universitários, intelectuais e jornalistas. Esse era o único espaço para discussões sérias dentro da imprensa, já que *O Pasquim* não tinha essa proposta e nem se dispunha a isso. Os dois jornais foram os grandes centros de oposição ao regime. Intelectuais frustrados pela ausência de espaço na grande imprensa encontravam no *Opinião* um lugar onde expor suas idéias.

A utilização de textos de publicações estrangeiras não estava apenas relacionada à autoridade e à qualidade dos textos de publicações famosas do exterior. Essa era uma maneira de impedir que a censura os atingisse, pois a censura a uma matéria do *Opinião*, quer de autores nacionais ou de publicações internacionais, repercutiria internacionalmente e geraria pressões contra o regime militar. Censurar o *Opinião* era como censurar a imprensa livre do Primeiro Mundo. O conteúdo das matérias internacionais também foi utilizado politicamente, pois eram escolhidos por fazerem referências ao que ocorria no Brasil e apresentavam a visão de mundo do jornal. A escolha dos textos internacionais não era neutra.

Lançado para ser semanal e vendido nas segundas-feiras (concorrendo diretamente com a revista *Veja*), o jornal foi um sucesso imediato. O *Opinião* nascia com características inéditas

¹¹⁸ - as informações que se seguem sobre o jornal *Opinião* foram extraídas de Kucinski, Bernardo. op. cit.;

dentro da imprensa brasileira, tanto na forma como no conteúdo: valorizava o texto, a diagramação e as caricaturas; e poucos recursos fotográficos seriam utilizados. Crítico, num momento em que tal procedimento era praticamente impossível, tornou-se um porta-voz de uma oposição à margem da oposição legal do MDB.¹¹⁹ Outra forma de crítica social surgiu com a Contracultura no Brasil.

A *Contracultura* ficou mais intensa no Brasil durante a década de 70. Luís Carlos Maciel, que tinha uma coluna no *O Pasquim* ainda no final dos anos 60, montou o jornal *Flor do Mal* que versava sobre sexo, rock'n'roll e, sutilmente, drogas. Financiado pela mesma empresa do *O Pasquim*, *Flor do Mal* vendia aproximadamente 20 mil exemplares dos 40 mil editados. Baseado no poeta francês Charles Baudelaire que, de acordo com Maciel, era o “iniciador da modernidade”, o jornal buscava total liberdade, sendo que ele era praticamente escrito à mão, numa tentativa de se eliminar os filtros mecânicos e ideológicos,¹²⁰ numa preocupação formal bastante expressiva: para Maciel existia uma diferenciação entre as formas de edição do jornal, sendo que ele preferiu a mais espontânea – a forma deveria estar integrada ao conteúdo do jornal. A *Flor do Mal* durou apenas 5 números e abriu os caminhos para uma série de publicações sobre a contracultura, como os jornais *Presença*, *Verbo Encantado*, *Pato Macho* e o *2001*.¹²¹

¹¹⁹ - mas não havia apenas contestação nas bancas de jornal. As histórias em quadrinhos no Brasil tiveram, nesta virada de década, um elevado crescimento comercial. Os heróis da Marvel (Homem-de-Ferro, Capitão América, Homem-Aranha, etc.) chegaram no país através da editora EBAL (Editora Brasil-América), uma das maiores produtoras e vendedoras de quadrinhos no país. Para lançá-las, a editora utilizou-se de uma estratégia publicitária original: o cliente que fosse se abastecer o seu carro em determinados postos de gasolina (normalmente os da rede Shell) recebia, gratuitamente, os primeiros números de uma revistinha em quadrinhos. Depois de distribuir estes números iniciais, a editora começava a lançar outros números nas bancas de jornal. Extraído de: Soneto, Ricardo e Diogo, Edson. “30 Anos da Marvel no Brasil.” In revista *Wizard Brasil*. Nº 13, Rio de Janeiro, Editora Globo, 1997; não apenas os super-heróis norte-americanos ganhavam espaço nas bancas de jornal - os super-heróis brasileiros também. Através da editora La Selva, as revistas nacionais mostravam heróis fantásticos (Capitão Sete, Golden Guitar, Drago, Escorpião, Fantastic, etc.) protegendo os valores da sociedade brasileira e, logicamente, do governo militar, que apoiava as façanhas dos heróis. O jornalista Rogério de Campos nos afiança que: “Apesar da falta de qualidade da maioria, são gibis que retratam bem uma época de fé ilimitada no país. Falam de naves espaciais brasileiras, deslumbram-se com a grandeza de São Paulo. E até os alienígenas do planeta Zargon, preparando uma invasão à Terra, escolhem Brasília para ser seu quartel-general por causa da modernidade de sua arquitetura.” Provavelmente tal procedimento não se dera tanto por ufanismo ao país ou ao regime militar, mas sim por estes personagens nacionais serem cópias de personagens norte-americanos, ou seja, foi mantido o “espírito norte-americano” de super-heróis: o maniqueísmo “bandidos x mocinhos”, além de sempre se colocar o governo, seja ele qual for, como um legítimo representante da sua sociedade. Tais revistas nacionais, apesar da sua qualidade ser invariavelmente medíocre, chegariam a ter tiragens próximas a um milhão de exemplares mensais. Considerando-se que *O Pasquim* chegou, no seu apogeu, a ter tiragens de apenas 200 mil exemplares, não podemos subestimar o poder simbólico que exerciam estas “inocentes” revistas de super-heróis. Extraído de: Campos, Rogério de. “Capitão 7 e os Heróis do Brasil.” In revista *General*. Nº 8, São Paulo, Sampa Acme, 1995, s/nº;

¹²⁰ - Kucinski, Bernardo. op. cit.;

¹²¹ - o jornal *2001* ficou conhecido por ter unido o compositor Raul Seixas com o letrista Paulo Coelho. Motta, Nelson. *Noites Tropicais - Solos, Improvisos e Memórias Musicais*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2000;

Com o fechamento político realizado pelo regime militar, houve um deslocamento do eixo de atenções dos jovens da política para a cultura.¹²² Talvez os maiores representantes da Contracultura brasileira tenham sido os Mutantes, os Novos Baianos e Raul Seixas. Além do consumo de drogas, os dois primeiros chegaram a viver em comunidades alternativas (os Mutantes na Serra da Mantiqueira em São Paulo e os Novos Baianos na Boca do Mato em Jacarepaguá), enquanto que Raul Seixas pregava abertamente a criação de uma “Sociedade Alternativa” - sendo, inclusive, expulso do país pelo regime militar.¹²³ Apesar de fazerem sucesso nas rádios e na televisão, eles não conseguiram aumentar o número de seguidores, pois nem todos os jovens brasileiros estavam envolvidos com a Contracultura - e jamais se envolveriam.

O Brasil não chegou a ter uma linha de Rock Journalism na sua imprensa,¹²⁴ sendo que a versão brasileira da *Rolling Stone* e a revista *POP*, do grupo Abril, foram as publicações que

¹²² - de acordo com Nelson Motta: “O verão de 1972 foi o apogeu do desbunde brasileiro. Massacrados pela repressão política e pelo autoritarismo violento, os jovens, muitos deles sem apetite para a luta armada, optaram pelo rompimento total com a sociedade. Viraram hippies pacifistas radicais e caíram na boca no ácido e na maconha, viviam em comunidades, faziam música e artesanato, comiam macrobiótica e tentavam abolir o dinheiro, o casamento, a família, o Congresso, as forças armadas, a polícia e os bandidos, tudo de uma vez só e numa boa. Muitos encontraram a felicidade, ainda que fugaz, vivendo com amigos numa ‘nova família’, convivendo e se divertindo como irmão.” Motta, Nelson. op. cit., p. 249;

¹²³ - extraído de: Motta, Nelson. Idem; Galvão, Luiz. *Anos 70 - Novos e Baianos*. São Paulo, Editora 34, 1997; Calado, Carlos. *A Divina Comédia dos Mutantes*. 2ª ed., São Paulo, Ed. 34, 1996;

¹²⁴ - o Rock Journalism foi um dos frutos da Contracultura, podendo ser definido como a união entre o Rock’n’Roll e a produção alternativa. Surgiram, então, revistas com arte e desenhos psicodélicos, pregando amor livre, paz e consumo de LSD junto do som de Rock’n’Roll, entre muitas outras excentricidades, começaram a proliferar nas universidades e, em particular, na cidade de San Francisco. A primeira publicação de Rock Journalism nos Estados Unidos foi a *Crawdaddy*, mas foi a revista *Rolling Stone* o produto melhor acabado da combinação imprensa, Rock’n’Roll e Contracultura. A “*Life* da Geração Woodstock” (palavras de Roberto Muggiati) custou 7.500 dólares, que foram tomados emprestados por seu fundador, Jann Wenner, e tornou-se o grande canal entre a “revolução” e o rock’n’roll. Mas nem tudo era “revolucionário” nesta revista. Myra Friedman, na sua biografia sobre a cantora Janis Joplin, nos relata que: “A *Rolling Stone* começou em San Francisco, com a finalidade de mostrar que não havia nada igual ao rock san-franciscano. Era, além do mais, impressionantemente não-comercial, o que não quer dizer que tivesse desprezo real pelo lado comercial, e sim que parecia não ter - com seu logotipo ornamentado, o mate acinzentado do seu papel e a falta de ortodoxia do seu layout, que o tornavam parecido às publicações ‘underground’. Sua linguagem era piedosa e antimaterialista, o que aumentava o seu aspecto ‘underground’. Enquanto isso, sob a direção de Jann Wenner, seu ultra-ambicioso editor, foi se transformando na mais bem sucedida - do ponto de vista financeiro - publicação do seu ramo. (...) Sempre operou baseada na premissa de que o rock foi o inovador de uma nova cultura, o que em parte lhe permitiu não diminuir o fervor e subsistir.” O relato de Friedman sobre a *Rolling Stone* nos mostra uma das maiores contradições que a Contracultura enfrentou: mostrar repulsa ao lucro, mas procurando lucro. A lógica da sociedade capitalista não fora destruída na confecção destes produtos. E, logicamente, existiam os “proveitadores”: outras publicações de grandes empresas procuravam rivalizar com a produção alternativa, mas tiveram vida curta, como *Cheetah* do Diners Club, e a *Eye*, da Hearst Corporation. Nem todas as produções culturais da Contracultura enfrentaram a contradição “falta de lucro x lucro”, como foi o caso da revista alternativa inglesa *Oz*, que pregava abertamente o consumo de LSD, além de ressaltar a arte psicodélica nas suas capas e reportagens. Outra revista importante foi a *International Times* (também conhecida como *IT*) inglesa, fundada por Barry Miles. Ambas iriam desaparecer, quer por causa da perseguição oficial (não necessariamente censura) ou quer por sua produção marginal não encontrar maiores retornos comerciais. Nem todas as revistas do chamado Rock Journalism morreram, embora a sua lógica inicial (o Rock’n’Roll como elemento participante da vida social e política do mundo) tenha desaparecido. A

mais se aproximaram desta linha. Outra ameaça aos jovens compositores e artistas, e também para a imprensa, alternativa ou não, era a censura.

Censura

A censura não tinha critérios muito fixos sobre o que devia proibir ou não, o que variava, muitas vezes, de censor para censor, dificultando a apresentação de inúmeras notícias. Apesar dessa falta de critérios, existiam muitos espaços que eram aproveitados pela imprensa.

Cuba e China eram assuntos muito visados, mas que podiam ser publicados desde que certas restrições ao seu conteúdo fossem observadas - ou seja, os assuntos poderiam ser citados, mas sem aprofundamentos.¹²⁵ Quase sempre os assuntos relacionados ao Vietnã não tinham essas limitações e matérias sobre o tema abundavam nos jornais e revistas.

Não que a censura ignorasse a Guerra do Vietnã. Na edição número 24 do jornal *Opinião*, o material enviado à censura recebeu uma série de cortes, entre os quais um veto ao parágrafo dois de um texto enviado pelo *Le Monde* sobre a Guerra do Vietnã, escrito em Saigon por Jean-Claude Pomonti.¹²⁶ A censura atingira um jornal internacional de prestígio.

Na carta de protesto que enviou ao Ministro da Justiça (Alfredo Buzaid), Fernando Gasparian criticava a existência da Censura Prévia, protestando contra a forma “arbitrária” e “kafkaniana” pela qual se exercia - a censura atingia não apenas matérias sobre países como China, Grécia, Oriente Médio, Chile, Japão, Inglaterra, URSS, Vietnã e Camboja, como também proibia a

Rolling Stone ainda existe, embora muito mais preocupada com a música propriamente dita do que com questões políticas; e muitas das idéias sobre a liberdade para o uso de drogas, em particular da maconha, ainda sobrevivem nas páginas da *High Times*, revista criada por um dos líderes mais “malucos” da Contracultura, Tom “King” Forçade. Extraída de: Muggiati, Roberto. Blues - da Lama à Fama. 2º ed., Rio de Janeiro, 34, 1995, pp. 201-202; Friedman, Myra. Enterrada Viva - a Biografia de Janis Joplin. 5º ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984, p. 115; Corrêa, Tupã Gomes. Rock - nos Passos da Moda: Mídia, Consumo X Mercado. Campinas, Papirus, 1989; Echols, Alice. Janis Joplin - Uma Vida. Uma Época. São Paulo, Global, 2000; Frith, Simon. Sound Effects - Youth, Leisure and Politics of Rock'n'Roll. Nova Iorque, Pantheon, 1981; Miles, Barry. Paul McCartney - Many Years From Now. São Paulo, DBA, 2000; o problema do lucro pode ser melhor entendido através da obra de um dos jornalistas da *Rolling Stone*, Hunter Thompson, que praticamente demole os ideais mais sagrados da Contracultura. Thompson, Hunter. Las Vegas na Cabeça. Rio de Janeiro, Anima, 1984; informações sobre a *High Times*: Massari, Fábio. “*High Times*.” In revista *General*. Nº 10, São Paulo, Sampa/Acme, 1995;

¹²⁵ - um caso interessante foi o da queda de Salvador Allende, pois a censura recomendou “parcimônia nas notícias relativas aos fatos ocorridos no Chile.” Marcondes, Paulo. A Censura Política na Imprensa Brasileira (1968-1978). São Paulo, Global, 1980, p. 263;

¹²⁶ - Machado, J. A. Pinheiro. Opinião X Censura - Momentos da Luta de um Jornal pela Liberdade. Porto Alegre, L&PM, 1978, p. 46;

publicação de assuntos tais como eubiose, o perigo das radiações nucleares, computadores e os fãs-clubes dos Beatles no Brasil.¹²⁷

Apesar da censura atingir todos os órgãos de comunicação, sua atuação era desigual de órgão para órgão, sendo alguns mais perseguidos do que outros. O jornal alternativo *Opinião* entrara numa guerra judicial contra a censura e a vencera, mas o resultado da decisão judicial foi alterado pelo próprio presidente Médici através do AI-5.¹²⁸ Depois desse incidente, o jornal seria ainda mais perseguido, tendo que enviar suas reportagens para Brasília num prazo que dificultava a publicação na segunda-feira, procedimento nada accidental: essa era uma atitude pensada pelos censores.

A censura atingia também os jornais da grande imprensa, como *O Estado de São Paulo* e o *Jornal da Tarde*, e mesmo publicações do grupo Abril, em particular a revista *Veja*, que tinham membros que se colocavam contra a ditadura. A censura terminaria, oficialmente, apenas em 1978.¹²⁹

Mesmo lutando contra a censura, o jornal *Opinião* também foi acusado por seus colaboradores e correspondentes de fazer censura interna. Esta era principalmente atribuída ao seu editor, Raimundo Pereira, que alegava que esses “problemas de edição” (cortes) se deviam à falta de recursos e à pressa.

O jornalista Paulo Francis foi o primeiro a não aceitar essas desculpas e a entrar em choque com a censura interna do jornal. Seu artigo “Erros da Tecnoocracia”, que analisava a da Guerra do Vietnã pela perspectiva de seus erros de planejamento e, principalmente, das falsas expectativas do governo norte-americano em relação à guerra - foi ele o primeiro no Brasil a denominar a guerra de “tecnocracia”, no sentido de ter cada detalhe cuidadosamente preparado pelos tecnocratas de Washington, apesar do fiasco resultante - , teve dois cortes em passagens que o autor considerava importantes. O texto foi alterado pelo próprio jornal (que lutava contra a censura) sem sua licença ou autorização, e Paulo Francis passou a fazer duras críticas à direção do jornal.¹³⁰

Indiferentemente ao problema da censura, a televisão iria transformar-se no veículo de maior influência na vida brasileira, com a ascensão da Rede Globo.

¹²⁷ - extraído de: Machado, J. A. Pinheiro. op. cit., pp. 66-67;

¹²⁸ - Machado, J. A. Pinheiro. Idem, p. 59;

¹²⁹ - para maiores detalhes sobre a censura na imprensa brasileira, ver Marcondes, Paulo. op. cit.;

¹³⁰ - Kucinski, Bernardo. op. cit., p. 267-268; *Opinião*. Nº 4, Rio de Janeiro, 22/11-04/12/72, p. 22;

Rede Globo

Com a TV Rio praticamente extinta e a Excelsior em profunda crise, a concorrência por audiência ficou entre as redes Tupi, Record e Globo, sendo esta última estava cada vez mais moderna. A Tupi estava um verdadeiro caos (aumentado ainda mais com a morte de Assis Chateaubriand) e tentou, em 1969, uma última cartada, uma espécie de nova *O Direito de Nascer*: a novela *Beto Rockfeller*. O script de Bráulio Pedroso apresentava uma novela urbana que contava, de uma maneira bem-humorada, a vida e as aventuras de um típico anti-herói brasileiro, Beto Rockfeller, interpretado por Luís Gustavo, um simples e simpático funcionário de uma loja de sapatos que quer subir na vida e usa da sua malandragem para tal. O diretor Lima Duarte imprimiu na novela uma interpretação coloquial, descontraída, além de apresentar inovações, como utilizar música pop da época, como fundo de várias cenas - uma prática que se tornaria corriqueira nos anos seguintes.¹³¹ Infelizmente, poucos capítulos sobreviveram aos incêndios da Tupi nos anos 70 e à sua falta de recursos, pois, necessitando de fitas para novos programas, utilizou-se das fitas onde a novela estava gravada.

O sucesso da novela foi estrondoso e deu um pouco de alento para a deficitária rede Tupi, além de influenciar a emissora rival, pois mostrou para a Globo qual era o caminho de produção (tanto na técnica quanto no conteúdo) para as suas próprias novelas. Não era mais necessário produzir “dramalhões” como *O Direito de Nascer*, mas sim novelas com personagens marcantes, além de assuntos atuais. E tal orientação deveria atingir todos os programas da emissora. Logo, Walter Clark retomaria uma experiência realizada ainda nos tempos da TV Rio: fixar um programa jornalístico entre duas novelas. A novela das sete horas deveria ser mais leve e ágil, enquanto que a novela das oito deveria ser mais dramática e séria. E o momento político iria beneficiar a emissora.

A influência da televisão na vida brasileira começaria a crescer inexoravelmente e através da ditadura. Para os militares, a segurança nacional era uma preocupação básica que passava pela integração territorial do país. Mas como unir um país de tais dimensões? Para consegui-lo, os militares utilizaram a televisão. Suas características básicas - não era necessário saber ler ou escrever para acompanhá-la, e tinha uma relativa sofisticação em relação ao rádio e outros meios quanto às possibilidades técnicas de manipulação e fascínio - a tornavam o meio de comunicação ideal para unir o país, pensavam os militares.

¹³¹ - extraído de: Priolli, Gabriel. “A Tela Pequena no Brasil Grande.” In Lima, Fernando Barbosa; Priolli, Gabriel e Machado, Arlindo. op. cit.;

Ainda em 1968, o regime militar criou condições para facilitar o consumo de aparelhos de televisão através da compra a prazo. Isso em breve surtiria o efeito de uma explosão de consumo, tornando a televisão, definitivamente, o principal meio de comunicação do país - e essa era uma política deliberada do governo militar.¹³² Com a criação da Rede Nacional de Comunicações, um órgão estatal cuja função era facilitar a difusão dos meios de comunicação (privilegiando, obviamente, a televisão), as teletransmissões conseguiram aumentar o seu espaço e importância.

De 13 de dezembro de 1968 em diante, a luta dos militares não objetivava apenas a destruição de grupos armados de esquerda, mas também o domínio do simbólico da sociedade brasileira, usando, para tal, todos os recursos possíveis, legais ou autoritários. A AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas), criada (e pouco utilizada) durante governo Costa e Silva, ganharia nova importância no governo Médici. Investimentos muito altos em termos de propaganda oficial foram realizados, enaltecendo a figura do presidente Médici (que gostava da instituição família e do futebol), o desenvolvimento econômico verificado neste momento (o chamado “milagre econômico”, representado pelo crescimento de 10% anuais do PIB) e o orgulho do brasileiro (que deveria levar o país a ser um dos melhores do mundo). Foi criada, então, uma campanha ufanista sem precedentes na história brasileira. A conquista do tricampeonato mundial de futebol no México em 70 seria muito usado pelos propagandistas do governo: o cartaz com a fotografia de Pelé comemorando um gol com a camisa da seleção brasileira de futebol era acompanhado pela frase de efeito “Ninguém Segura Mais Este País!”¹³³ As comunicações seriam a arma mais eficiente na luta pelo simbólico; e a televisão, em particular, seria utilizada como o meio primordial. E a emissora de televisão privilegiada para tal função foi a Rede Globo.

A Rede Globo de Televisão acabaria por desenvolver um fortíssimo trabalho cultural no país. Surgida pouco mais de um ano após o golpe que derrubou Goulart, ela pertencia a um grupo de imprensa conservador, liderado por Roberto Marinho, dono do jornal *O Globo*. Favorecido por um empréstimo do grupo norte-americano *Time-Life* (tal empréstimo seria contestado judicialmente), a emissora, depois de um começo tímido, começara a crescer, derrotando seus concorrentes e recebendo auxílios do governo federal.

Ela começou sem muita expressão, dando prejuízos enormes nos primeiros 8 meses, quando sua direção trocou de mãos: foi contratada uma equipe mais ligada à propaganda e

¹³²- Sá, Antônio Álvaro Barbosa. *Jornal Nacional - Política e Ideologia*. Campinas, Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1992 (mimeo);

¹³³- Sá, Antônio Álvaro Barbosa. *op. cit.*;

marketing do que às artes, equipe esta comandada por Walter Clark. A mudança global seria significativa.¹³⁴

O primeiro planejamento de *marketing* da programação foi criar um horário nobre bem estruturado - duas novelas com um noticiário no meio - que teve sucesso imediato. As novelas já haviam demonstrado que eram programas de grande aceitação popular, prendendo a atenção do público por meses (quando não anos), e que seriam boas condutoras para o jornalístico, que passaria a visão de mundo da emissora.¹³⁵ As novelas eram igualmente veículos para se passar a visão do mundo da emissora, e os três programas acabavam se integrando, quer na “ficção” das novelas ou na “realidade” do jornalístico. Este último se estabeleceu solidamente com o *Jornal Nacional*, que estreou simultaneamente em 12 estados em 1969.

Ainda no ano de 1969, a Rede Globo inauguraria um jornalístico que se tornaria importante dentro da vida do país nos próximos anos: no dia primeiro de setembro, o *Jornal Nacional*, entrava no ar pela primeira vez. Ele provocaria mudanças radicais na imprensa do país como um todo - e também na política. O *Jornal Nacional* produziria uma visão de mundo própria, favorável tanto à emissora quanto ao regime militar. O jornalístico aproveitou de maneira eficaz os recursos da produção televisiva, pois como nenhuma notícia era apresentada com profundidade e o mesmo enfoque era dado a notícias de importâncias diferentes, esvaziava-se assim o seu impacto e conteúdo.

Uma grande inovação do *Jornal Nacional* seria a integração - muito competente e politicamente interessada - entre imagens/sons/movimentos da televisão, impedindo maiores “espaços” para qualquer tipo de contestação. O programa jornalístico da Rede Globo tomaria grandes cuidados nesse sentido, passando sua visão do mundo dentro de imagens/sons/movimentos coerentes com os discursos, preocupando-se, principalmente, com a tecnologia a ser aplicada nos programas. O discurso otimista e positivo e otimista, presente em toda a produção do telejornal, era totalmente coeso.¹³⁶

Mesmo a Rede Globo não era totalmente coesa internamente (ela sofreu censura também): embora existisse um programa totalmente favorável ao regime militar, *Amaral Neto: o Repórter*, a equipe que realizava o programa *Globo Repórter* (inicialmente chamado de *Globo Shell Especial*) tinha bastante autonomia, chegando a produzir os programas com películas

¹³⁴ - Clark, Walter e Priolli, Gabriel. op. cit.;

¹³⁵ - Sá, Antônio Álvaro Barbosa. op. cit.;

¹³⁶ - o presidente Médici faria um famoso comentário da produção de notícias da Globo: “Sinto-me feliz todas as noites quando ligo a televisão para assistir ao jornal. (...) Enquanto as notícias dão conta de greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se eu tomasse um tranqüilizante, após um dia de trabalho.” Extraído de: Priolli, Gabriel. op. cit., pp. 36-37;

cinematográficas - técnica utilizada até mesmo para manter sua autonomia, pois afastava as outras equipes que trabalhavam com filmes de televisão.¹³⁷ Tal autonomia foi sendo atacada no decorrer dos anos e, na década de 80, toda a produção do *Globo Repórter* já era feita na base de fitas de televisão - além de uma vinculação mais restrita do programa aos outros setores da emissora.¹³⁸

Apesar disso, a integração da emissora com o acontecimento seria muito eficaz, transmitindo a versão vitoriosa dos acontecimentos como se a emissora os tivesse apoiado desde o começo. A Rede Globo estabeleceu um monopólio sobre a produção de imagens e de informações no país, que permanece até os dias atuais. Em 1972, seria inaugurado no Brasil o sistema de televisão colorida,¹³⁹ que iria criar uma nova dimensão dentro da produção de imagens no país. Este monopólio permitiu à emissora desenvolver o chamado “Padrão Globo de Qualidade”, uma busca incessante pelo aperfeiçoamento técnico da sua programação.¹⁴⁰

O padrão estético da Globo foi imposto também às outras emissoras, mas isso de uma maneira dinâmica, pois a emissora também ia se apropriando de qualquer outro fator que desse maior audiência. Essa constante sofisticação só foi possível através do trabalho dos melhores profissionais, do uso dos melhores programas e das melhores tecnologias possíveis - produzidas pela emissora, copiadas ou compradas dos centros de produção tecnológica.¹⁴¹

O uso tecnológico foi uma das suas maiores marcas, pois a Rede Globo importava as novas tecnologias dos países desenvolvidos e produzia as mais criativas construções com essas tecnologias. Nesse trabalho destacou-se o suíço Hans Donner e sua equipe. Ele utilizaria principalmente computadores (inéditos na televisão brasileira) para criar vinhetas e aberturas de programas, com grande aceitação do público.¹⁴² Não era apenas uma apresentação formal diferente: a própria essência da programação foi modificada, buscando conquistar o gosto do público.

Essa mistura coerente de discurso e técnica que a Rede Globo desenvolveu e aplicou atingiria a imprensa escrita de uma maneira decisiva. A Rede Globo apresentava um uso formal absolutamente diferente dentro da produção da mídia brasileira, uma junção entre conteúdo e

¹³⁷ - Conti, Mário Sérgio. op. cit.;

¹³⁸ - Conti, Mário Sérgio. Idem;

¹³⁹ - curiosamente, foi a Rede Bandeirantes, de Jorge Saad, quem apresentou, em 1973, programas para serem apresentados na televisão colorida. A Rede Globo desenvolveria a mesma técnica meses depois das primeiras transmissões da Bandeirantes;

¹⁴⁰ - de acordo com José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (Boni): “Padrão global é um apelido. Procuramos aqui fazer uma TV popular bem-feita. Nossa vigilância pretende garantir um produto de massa, sem ser popularesco, que atinja a maioria das pessoas, sem concessões extremas. Nosso padrão formal é do Primeiro Mundo, mas com um conteúdo adequado ao mercado brasileiro.” Extraído de: Markun, Paulo. “Playboy Entrevista Boni.” In revista *Playboy*. Nº 186, São Paulo, Abril Cultural, janeiro/1991, p. 42;

¹⁴¹ - Priolli, Gabriel. op. cit.;

¹⁴² - Mello, Geraldo Aranha. Muito Além do Cidadão Kane. Scritta, São Paulo, 1994.

forma praticamente inédita. Concorrer com o que a Rede Globo apresentava era muito difícil, pois para isso novos padrões estéticos teriam de ser criados. E poucos meios escritos puderam fazê-lo.

Considerando-se a ampla difusão do meio televisivo em termos numéricos no Brasil e a absoluta superioridade dos níveis de audiência da Rede Globo de Televisão em relação às outras emissoras, podemos concluir que ela conquistou os “corações e mentes” do país.¹⁴³ Mais do que apenas uma produção estética e técnica, o “Padrão Global de Qualidade” apresenta *uma representação imaginária* de um país moderno e dinâmico, imagens que agradavam à maior parte da população brasileira. Esta representação acabaria sendo majoritária no Brasil por pelo menos mais de vinte anos.¹⁴⁴

Foi dentro deste contexto político e técnico que a imprensa brasileira realizou a cobertura das duas guerras.

¹⁴³ - mesmo assim, não podemos subestimar totalmente o gosto e as opções do público perante a televisão de um modo geral (e à Rede Globo de um modo particular), pois uma série de programas populares continuaram (e continuam) dando elevadas audiências, mesmo contra o “padrão” global. A transmissão da chegada do homem na lua em 1969, por exemplo, foi realizada pela Rede Globo (pois era a única emissora no Brasil com tecnologia para tal) e, apesar da exclusividade da cobertura deste evento, ele ficou apenas dois pontos à frente do concorrente, o programa “Cidade contra Cidade”, apresentado por Sílvio Santos na TV Record. Este “padrão” sofreu algumas perdas com a ascensão de programas populares de nível duvidoso, como o *Programa do Ratinho*, no SBT. Mas a Globo adaptou-se e produziu o programa *Linha Direta*, que não passa de uma versão mais sofisticada e com maiores recursos tecnológicos do que o programa apresentado pelo Ratinho. Extraído de: Markun, Paulo. “*Playboy Entrevista Boni*.” op. cit.; e Oliveira Sobrinho, José Bonifácio (Boni). (Projeto e Supervisão). *50 Anos de TV no Brasil*. São Paulo, Editora Globo, 2000;

¹⁴⁴ - o inglês John Ellis, sócio do diretor Simon Hogarth (que morreu de AIDS) que realizou o documentário *Beyond Citizen Kane* (que procurou demonstrar o poder da Rede Globo no Brasil) para uma televisão educativa britânica, foi bem claro quanto à influência da Globo na vida brasileira: “A Globo impede o Brasil de ir para a frente numa direção verdadeiramente democrática. A vida democrática é trabalhosa para um país com as disparidades do Brasil. A Globo, tanto pelo seu noticiário como pelo seu domínio do imaginário do país, assina embaixo dessas desigualdades.” Extraído de: s/A. “*Cidadão Globo - Entrevista com John Ellis*.” In revista *General*. Nº 8, São Paulo, Acne, 1995, suplemento.

O Início das Guerras

Duas guerras na Ásia, duas guerras visando a reunificação de seus países, duas guerras envolvendo a dinâmica da Guerra Fria – tanto a Guerra da Coreia quanto a Guerra do Vietnã foram conflitos locais que ganharam dimensões mundiais. Jamais podemos perder a percepção de que, por mais internacionais que tenham sido suas repercussões, tanto uma guerra quanto a outra foram, essencialmente, frutos de problemas políticos locais.

Ásia e o Colonialismo

Indiferentemente a qualquer planejamento “global” feito pelas superpotências na Ásia, o continente sempre teve sua vida política própria, o que produziu grandes ódios e rivalidades entre os povos locais, além de problemas relacionados com o colonialismo europeu.

O Oriente sempre foi, para os europeus, uma região exótica e cheia de riquezas, o que estimulou várias iniciativas visando a sua conquista.¹ Antes da Segunda Guerra Mundial, a Ásia, em particular a sua região sudeste, era constituída por várias colônias sob o domínio europeu. A hegemonia europeia foi contestada pelo Japão, o único país militarmente poderoso da região, que, entre 1904 e 1905, infligiu à Rússia uma derrota humilhante na Coreia. A partir daí, o Japão intensificou sua política expansionista na região, em particular na China, apresentando-se como um poderoso rival para os europeus. Com o advento da Primeira Guerra Mundial, a influência europeia, em particular da Grã-Bretanha e da França, decresceu consideravelmente na região, a ponto da população local preferir apoiar a Alemanha na guerra, pois esta era uma nação com pouca experiência imperialista na região.² O Japão aproveitou-se do momento e intensificou o seu comércio nos espaços abertos pela ausência europeia. Os Estados Unidos também queriam impor sua hegemonia na Ásia e, além das rivalidades comerciais e políticas com o Japão (em particular por causa da China), o sistema colonialista europeu era um impedimento para seus interesses.

¹ - muitos trabalhos artísticos foram feitos por artistas europeus sobre o “longínquo e misterioso” Oriente, principalmente no século XIX. Em muitos sentidos, a própria identidade europeia foi construída a partir da sua confrontação com o Oriente. Além de fixar a “identidade ocidental”, também foi construída a legitimação dos interesses das nações europeias no Oriente. Said, Edward W. Orientalismo - o Oriente como Invenção do Ocidente. São Paulo, Companhia das Letras, 1990; embora fatores econômicos sejam primordiais, o confronto cultural também é fundamental nas relações entre o Ocidente e o Oriente: a tendência dos dominadores foi o de impor valores de “superioridade” para si e de “inferioridade” para os dominados. Mesmo artistas ingleses e franceses pouco contestam estas noções de “submissão” e “inferioridade”. Said, Edward W. Cultura e Imperialismo. São Paulo, Companhia das Letras, 1995;

Assim como os japoneses, os norte-americanos começaram a intensificar laços comerciais com os próprios habitantes asiáticos.³

No decorrer da Segunda Guerra Mundial, o Japão invadiria as colônias europeias e as tomaria para si, tentando, dentro da lógica militar da Segunda Guerra Mundial, fazer pressão contra a União Soviética (apesar dos dois países terem assinado um tratado de não agressão) e conquistar definitivamente a China.⁴ A vitória japonesa sobre as forças europeias quebrou o mito da invencibilidade Ocidental.⁵ Não que o domínio japonês na Ásia fosse aceito sem maiores resistências pelos povos colonizados, mas os japoneses, ao contrário dos antigos colonizadores, organizaram um sistema de cooperação com os asiáticos locais para administrar seus domínios, dando a eles o controle de partes da administração que os europeus nunca tinham dado anteriormente.⁶ Assim, o desejo de independência, existente mesmo antes da presença japonesa, começou a se expandir de uma maneira mais intensa no seio das populações locais.⁷

Com o fim da Segunda Guerra, os países europeus pretendiam retomar suas antigas colônias, mas encontraram uma resistência inusitada - e feroz. Além do nacionalismo, uma grande parte das forças rebeldes defendiam o marxismo nas suas lutas de independência, o que acabaria por colocar os Estados Unidos e União Soviética dentro da órbita desses conflitos.

O *Imaginário da Guerra Fria* estava começando a se consolidar na região, quando, em 1949, recebeu um grande impulso através da Revolução Chinesa, pois a vitória das forças de Mao Tsé-tung na China fez com que forças comunistas conquistassem o poder no país mais cobiçado na Ásia pelas grandes potências. A reação norte-americana pela chamada “perda da China” foi de desconforto, pois a “balança” política mundial do pós-guerra pareceu “desequilibrar-

² - Panikkar, K. M. A Dominação Ocidental na Ásia – do Século XV aos Nossos Dias. 3ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977;

³ - Panikkar, K. M. op. cit.;

⁴ - Crozier, Brian. Sudeste Asiático em Conflito. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1967;

⁵ - de acordo com Marc Ferro: “A humilhação sofrida pelo Ocidente com as vitórias do Japão iria marcar profundamente os povos coloniais e estimulá-los para as lutas posteriores. Nas Filipinas, eles testemunharam a terrível Marcha da Morte (1941) que as autoridades militares japonesas impuseram aos prisioneiros norte-americanos, os quais morriam de exaustão na frente de espectadores condóidos.” Ferro, Marc. História das Colonizações - das Conquistas às Independências, Séculos XIII a XX. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 302;

⁶ - Marc Ferro nos afiança que: “Nessa época, duas eram as características da política colonial japonesa (...). Primeiro, pôr a colônia a serviço da guerra, em outras palavras, dos interesses exclusivos da economia japonesa; segundo, promover uma integração militar e econômica que liquidava com as esperanças de independência acalentadas pelos povos colonizados, sobretudo por aqueles indonésios que haviam escolhido os japoneses como libertadores. À diferença dos ocidentais, os nipônicos foram muito atentos à gestão meticulosa de todas as possessões que ocuparam. Terá sido porque a ocupação foi mais militar do que civil? Eles não abandonaram à própria sorte as regiões de onde não tirariam nenhum proveito, de modo que essa atenção angariou simpatias, sobretudo na Indonésia, pelo menos até 1942, mas provavelmente na Indochina também.” Ferro, Marc. op. cit., p. 302;

⁷ - Crozier, Brian. op. cit.;

se”: a China era um país poderoso, de grandes riquezas e gigantesca população e, estando na órbita de influência soviética (quando não sob o domínio soviético, posição defendida por muitos setores da política norte-americana), poderia ser um fator para o alastramento mundial do comunismo em grande escala.⁸ O início dessa “escalada” seria o frágil e instável Sudeste Asiático, onde os seus países pareciam pequenos e fracos demais para deter o avanço comunista diante destas duas potências. Tal avanço poderia, a médio prazo, atingir o Japão e as Filipinas, áreas protegidas diretamente pelos Estados Unidos, o que, efetivamente, poderia provocar uma Terceira Guerra Mundial.⁹

Era um exagero pensar num grande avanço comunista iniciando-se a partir da Ásia, pois as diferenças (quando não relações de ódio e rivalidades seculares) entre os frágeis e instáveis países asiáticos eram muitas, sendo que a maior parte delas pouco relacionadas com a Guerra Fria. A própria ligação Sino-Soviética não era tão simples e harmoniosa como poderia parecer aos olhos do mundo ocidental, pois os chineses procuravam manter alguma distância da influência soviética, receosos de serem realmente dominados ou de ficarem dependentes demais do seu “aliado”.¹⁰ Por sua vez, Stalin defendia, com convicção, a idéia de que a China deveria expandir a revolução nos países asiáticos. O curioso desta lógica, entretanto, foi que o próprio Stalin não procurou expandir o comunismo na Europa. Tal contradição era bastante estratégica: Stalin temia que o novo governo chinês se aliasse com os Estados Unidos e, com uma política agressiva contra os seus vizinhos por parte da China, tal aliança seria impossível.¹¹

Tais contradições não foram consideradas na época pelo mundo ocidental. Em 1949, sob a ótica norte-americana, as duas grandes nações comunistas pareciam estar juntas e em harmonia, prontas para imporem sua política de dominação pelo mundo. Foi dentro dessa lógica que o NSC 48/1 de dezembro de 1949 foi elaborado.¹²

Procurando impedir uma eventual expansão comunista na Ásia, além de estimular o crescimento econômico japonês, os Estados Unidos realizaram uma série de grandes investimentos militares na região, inclusive na Coreia do Sul.

⁸ - Tuchman, Barbara W. A Marcha da Insensatez - de Tróia ao Vietnã. 2. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1986;

⁹ - Tuchman, Barbara W. *op. cit.*;

¹⁰ - quando as forças de Mao Tsé-tung tomaram conta do país, a embaixada soviética, temendo represálias pelo inexpressivo apoio dado pelo governo soviético à revolução, foi uma das primeiras embaixadas a abandonar a China. Crozier, Brian *op. cit.*;

¹¹ - Holloway, David. Stalin e a Bomba. Rio de Janeiro, Record, 1997;

¹² - Cumings, Bruce. “Japan and the Asian Periphery.” In Leffler, Melvyn P. e Painter, David S. (Orgs.). Origins of the Cold War - an International History. Londres, Nova Iorque, Routledge, 1995;

Guerra da Coréia – O Paralelo 38

Para todos os efeitos, a Guerra da Coréia começou no dia 25 de junho de 1950, quando, provavelmente, sete divisões de infantaria norte-coreanas, com uma brigada de tanques e tropas de apoio, cruzaram a fronteira e atacaram a Coréia do Sul. Comandadas pelo marechal Choe Yong Gun, duas colunas avançaram para Seul e uma terceira seguiu ao longo da costa leste, enquanto que uma pequena unidade invadia um enclave na costa oeste, ao sul do paralelo 38.¹³

A imprensa escrita brasileira noticiou rapidamente o início da guerra. *O Estado de S. Paulo*, ainda no dia 25 de junho, publicou a seguinte manchete: “Declarada a Guerra Entre as Duas Coréias”¹⁴ E, logo nesse início de cobertura, o jornal deixava claro a sua posição em relação ao conflito, onde o *Medo do Expansionismo Comunista* era fundamental, como podemos verificar nos títulos das manchetes menores:

*“Tropas do governo títere da Coréia setentrional cruzam o 38.o paralelo e ocupam a cidade de Kaesong, na parte meridional da península - Novo desafio do imperialismo soviético.”*¹⁵ (grifos meus)

A *Tribuna da Imprensa*, no dia 26 de junho, na seção “Um Dia no Mundo”, coordenada pelo jornalista Paulo de Castro, demonstraria o seu posicionamento anticomunista:

“Mais uma campanha pró-paz dos comunistas a agressão da Rússia à Coréia do Sul - Servindo-se como sempre de elementos locais, a Rússia invadiu a Coréia do Sul. Esta é a questão, o resto, apenas a maneira de fazer, o método, para obter os mesmo resultados sem o risco de se comprometer diretamente e em caso de necessidade podendo recuar sem perda de prestígio.

(...)

*Importa por em destaque o cinismo das campanhas “pró-paz” da Rússia com o desencadeamento desta guerra que pode degenerar num conflito mundial. “Pró-paz”? Não. Pró-domínio mundial, pela Paz ou pela guerra.”*¹⁶

¹³ - os primeiros correspondentes a cobrirem este início de guerra foram os que trabalhavam para agências noticiosas com base em Seul. Dois dias depois do início da guerra, um avião de transporte com cobertura de caças levou, de Tóquio a Seul, os correspondentes Keyes Beech, do *Chicago Daily News*, Frank Gibney, do *Time*, Burton Crane, do *New York Times* e Maguerite Higgins, do *New York Herald Tribune*. Esses correspondentes chegaram a tempo de fugir, junto com as tropas sul-coreanas (ou o que sobrou delas), até Suwon, pois as forças comunistas chegaram rapidamente em Seul e os expulsaram. Logo, diante do avanço acelerado das forças comunistas neste início de conflito, também tiveram de fugir de Suwon, deslocando-se até o extremo sul da península. Knightley, Phillip. *A Primeira Vítima*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978;

¹⁴ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 25/06/50, p. 1;

¹⁵ - op. cit.;

¹⁶ - *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 26/06/50, p. 3;

Nesse mesmo dia, *O Estado de S. Paulo* reafirmou sua posição crítica em relação ao conflito coreano e, principalmente, quanto à União Soviética na manchete “A União Soviética Endossa a Agressão contra a Coréia do Sul”, destacando o apoio soviético ao ataque norte-coreano. Já nas manchetes menores, o jornal apresentou o desenvolvimento da guerra (“Entram as Forças Comunistas na Capital da Coréia do Sul”) e a reação da ONU (“O Conselho de Segurança Ordena a Cessação das Hostilidades”). Para situar melhor o leitor, o jornal utilizou-se de uma fotografia de arquivo, com o presidente da Coréia do Sul, Sygham Rhee, junto com o general norte-americano Douglas MacArthur, referente à visita do primeiro ao Japão ocorrida pouco tempo antes do início das hostilidades entre as duas Coreias.¹⁷

A falta de material fotográfico sobre temas internacionais era um problema constante para a imprensa brasileira naquele momento, pois os jornais e revistas dependiam das publicações estrangeiras e das agências de notícias internacionais. O envio de fotografias por tais agências era muito lento e o uso de fotos de arquivo, como esta que foi utilizada pelo *O Estado de S. Paulo*, tornou-se uma prática muito freqüente na imprensa brasileira para a cobertura de eventos internacionais durante a década de 50.

O *Correio da Manhã* também noticiou o início da guerra. E, num editorial publicado na primeira página, destacou:

“Para muitos, os primeiros tiros da nova guerra mundial estão ecoando sobre o paralelo 38, entre o mar Amarelo e o mar do Japão, na linha divisória entre a Coréia do Norte e a Coréia do Sul.

Não parece verossímil que assim seja. As notícias telegráficas que em tumultuoso aguaceiro desabam dos quatro pontos cardeais, têm certo nervosismo ofegante com que se formam, no caminho da realidade, antes nuvens de poeiradas palpiteiras do que bases serenas de apreciações.”¹⁸

Podemos notar pela construção erudita e literária de algumas frases da passagem acima (como “nervosismo ofegante” ou “nuvens de poeiradas palpiteiras”, entre outras) a presença da influência francesa no *Correio da Manhã*.

E, encerrando o editorial, o articulista criticou furiosamente a União Soviética:

“A Rússia agirá às escuras, reversamente, na penumbra dos bastidores. O problema, para os Estados Unidos, para que a seu lado

¹⁷ - *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26/06/50, p. 1;

¹⁸ - *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27/06/50, p. 1;

*encontram a consciência democrática universal, consiste precisamente no oposto – falar claro e agir às claras.*¹⁹

Tais notícias e editoriais representariam as condições políticas da região e da guerra em si? Era apenas uma agressão comunista? Os soviéticos desejavam a dominação mundial? Os norte-coreanos eram apenas “líteres” da União Soviética? Para responder a tais perguntas (já “respondidas” pela imprensa brasileira da época), temos de analisar mais profundamente a Coreia e as circunstâncias que levaram o país a ser dividido.

A Coreia, desde 1905, fazia parte do império japonês. Na Declaração do Cairo de 1943, Estados Unidos, Grã-Bretanha, União Soviética e China (representada, na época, pelo líder do governo chinês Chiang Kai-chek, do Kuomintang, o partido nacionalista chinês) comprometeram-se a respeitar a soberania da Coreia, além de promover sua independência “no momento adequado”.²⁰ Em 8 de agosto de 1945 a União Soviética declarou guerra ao Japão e, quatro dias depois, suas tropas invadiram a Coreia através da Manchúria.²¹

De acordo com o historiador norte-americano Bruce Cumings, o paralelo 38 graus Norte foi uma imposição norte-americana, rapidamente aceita pelos soviéticos, sendo que um acordo entre as duas potências, para confirmar o acordo, foi assinado no dia 15 de agosto de 1945.²² Tropas dos Estados Unidos ocupariam o Sul do país no mês seguinte e as duas regiões ocupadas receberam a rendição dos japoneses.

A divisão da região pelo paralelo 38 não impediu, num primeiro momento, a livre circulação entre os habitantes da duas Coreias, o que demonstra que a divisão do país não existia na prática. Mas ela começou a se tornar mais efetiva à medida que cada lado desenvolvia políticas diferenciadas. A historiografia mais tradicional (especialmente a ocidental) tende a acusar os norte-coreanos de terem iniciado uma campanha de desestabilização no sul, mas, pouco depois do

¹⁹ - op. cit.;

²⁰ - Lisboa, Pedro. “Nota Preliminar - O País das Manhãs Tranquilas.” In Dzelepy, E. N. e Stone, I. F. A Verdade Sobre a Guerra da Coreia. Rio de Janeiro, Editorial Andes, s/D;

²¹ - nas conferências de Yalta, em 1945, os soviéticos concordaram em atacar o Japão três meses após o fim da batalha contra a Alemanha e das operações de guerra em território europeu. As exigências soviéticas na Ásia para a sua entrada na guerra contra o Japão foram: 1º - a preservação da Mongólia Exterior como um país comunista e independente da China; 2º - restauração dos direitos perdidos pela Rússia na guerra Russo-Japonesa de 1904-1905; 3º - anexação das ilhas Kurila. Para surpresa dos soviéticos, nas conferências de Postdam, suas forças no Japão já não eram mais desejadas pelos outros aliados. Temendo perder as reivindicações de Yalta, os soviéticos aceleraram os preparativos para a guerra contra o Japão e conseguiram manter seus objetivos na região. Holloway, David. op. cit.;

²² - Cumings, Bruce. Korea's Place in the Sun – a Modern History. Nova Iorque, Londres, W.W. Norton & Company, 1997;

estabelecimento desses limites, as duas Coréias desencadearam uma campanha de propaganda, sabotagens e invasões fronteiriças, provocações estas que eram respondidas pelo lado atacado.²³

Em 1947, a recém formada ONU (Organização das Nações Unidas) enviou à Coréia uma comissão para reunificar o país e destituir os regimes de ocupação. Sob protestos dos soviéticos e dos comunistas do Norte, em 10 de maio de 1948 foram realizadas eleições, supervisionadas pela ONU, mas abrangendo apenas o Sul. Os consultores da ONU ficaram horrorizados com a falta de liberdade e da corrupção que caracterizaram estas eleições, que dariam a vitória para uma coalizão de direita liderada por Syngman Rhee, cujo governo iria caracterizar-se pela falta de liberdade política e corrupção. A ajuda enviada ao país pelos Estados Unidos era desviada para os altos escalões, deixando as forças armadas, além da própria população, em péssimas condições. A violência era constantemente utilizada pelas autoridades para manter a ordem. Além dos receios de uma invasão do Norte, o governo Rhee enfrentava vários movimentos guerrilheiros de oposição - não foram encontrados vestígios de que o Norte ajudava tais grupos.²⁴

Enquanto a Coréia do Sul enfrentava várias crises, a Coréia do Norte realizava reformas na sua estrutura econômica e social, como a nacionalização de empresas e uma ampla reforma agrária. Após eleições para a Assembléia Suprema do Povo, o líder guerrilheiro Kim Il Sung, tomou posse como primeiro-ministro pelo único partido na região norte do país, o Partido Operário Coreano.

Ante o impasse, pois tanto o sul quanto o norte queriam unificar o país, foi estabelecida, em 15 de agosto de 1948, a República da Coréia (Coréia do Sul), tendo como capital Seul e contando com a ajuda dos Estados Unidos. A União Soviética, por sua vez, repudiou essa atitude apoiando a recém formada República Democrática da Coréia (Coréia do Norte). A linha do paralelo 38, antes apenas uma linha provisória, tornou-se a fronteira dos dois novos estados. Com essa divisão estabelecida, norte-americanos e soviéticos retiraram suas forças de ocupação.

Em junho de 1949, a Coréia do Sul tentou invadir a Coréia do Norte através da península de Ongjin, mas sua iniciativa foi frustrada pelas forças comunistas. Nesse momento, o governo do Norte não queria a guerra: cerca de 300 mil soldados coreanos estavam participando ativamente da guerra civil chinesa, soldados estes que estariam à disposição do governo comunista assim que o conflito chinês terminasse.²⁵ E a derrota das forças sul-coreanas em Ongjin assustaram os norte-americanos, que perceberam as limitações das forças armadas (e do regime) de Rhee. A

²³ - Cumings, Bruce. op. cit.;

²⁴ - Cumings, Bruce. Idem;

²⁵ - Cumings, Bruce. Idem, ididem;

corrupção e incompetência governamental do governo sul-coreano irritaram profundamente a liderança política norte-americana.²⁶

Mas a imprensa brasileira acertou num ponto: a iniciativa para a reunificação da Coreia pelos norte-coreanos teve a “autorização” de Stalin. Kim Il Sung, antes de tomar qualquer providência, consultou Stalin que, inicialmente, adotou uma atitude cautelosa diante da proposta de guerra, mas não a rejeitou totalmente. Depois da visita de Kim Il Sung a Moscou entre os meses de março e abril de 1950, Stalin incentivou o ataque das tropas norte-coreanas na Coreia do Sul. Stalin, além de acreditar que os Estados Unidos não iriam intervir num país tão pequeno, pensava que tal ataque seria mais relacionado à lógica geopolítica chinesa do que soviética, o que aumentaria ainda mais as hostilidades entre a China e os Estados Unidos.²⁷

Mas os norte-coreanos não foram os únicos a consultar suas “bases”: Rhee também consultou o governo dos Estados Unidos, desejando o apoio destes para reunificar o país. Ao contrário dos soviéticos, os norte-americanos não confiavam no regime de Rhee ou na possibilidade de uma vitória militar da Coreia do Sul sobre a Coreia do Norte, e negaram seu apoio a um eventual ataque. Mas o governo Truman prontificou-se a intervir imediatamente caso a Coreia do Norte realizasse um ataque.²⁸ E o ataque aconteceu no dia 25 de junho de 1950, embora seja impossível precisar qual lado iniciou as hostilidades. Autoridades norte-coreanas afirmaram que foram os sul-coreanos, a partir da península de Ongjin. Os momentos iniciais da guerra foram confusos para os dois lados de um modo geral, mas a Coreia do Norte, reforçados com os 300 mil soldados que lutaram na China, tomaram a iniciativa e invadiram rapidamente a Coreia do Sul.²⁹

Os momentos iniciais da guerra também foram confusos para o resto do mundo. O Conselho de Segurança da ONU, após uma sessão de emergência, solicitou que as tropas norte-coreanas recuassem de volta para a linha do paralelo 38. De acordo com uma historiografia mais tradicional, no dia 27 de junho o presidente norte-americano Harry Truman, obedecendo a resolução do Conselho de Segurança, ordenou ao general Douglas MacArthur que apoiasse o

²⁶ - o que os norte-americanos pensavam da questão coreana entre os anos de 1949 e 1950? O general Douglas MacArthur, interventor no Japão, em entrevista concedida a um jornal em março de 1949, afirmou que “nossa linha de defesa atravessa a cadeia de ilhas que margeia a costa da Ásia. Ela começa desde as Filipinas e continua pelo arquipélago Ryukyu, que inclui o seu principal baluarte, Okinawa. Ela volta, então, através do Japão e a cadeia das ilhas Aleutas até o Alasca.” Já o subsecretário de Estado, Dean Acheson, em discurso proferido no Clube de Imprensa Nacional em 12 de janeiro de 1950, afirmou categoricamente que a Coreia estava fora do perímetro de defesa norte-americano. Tais declarações deveriam ser entendidas como avisos ao governo de Rhee para que ele mudasse radicalmente sua péssima situação ou perderia o apoio norte-americano – mas não a ponto de deixar que a Coreia do Sul fosse dominada pelos comunistas. Os Estados Unidos não pretendiam abandonar seu aliado. Extraído de: Kissinger, Henry. *Diplomacia*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997, p. 563;

²⁷ - Holloway, David. op. cit.;

²⁸ - Cumings, Bruce. op. cit.;

²⁹ - Cumings, Bruce. Idem;

Exército Sul-Coreano com forças navais e aéreas. Aparentemente, MacArthur já tinha tomado a iniciativa antes das resoluções da ONU, bastando, para Truman, “oficializar” um fato já consumado.³⁰

A representação norte-americana na ONU conseguiu que fosse aprovado uma resolução complementar, adotada pelo Conselho de Segurança da ONU, que recomendava aos países membros que fornecessem à República da Coreia ajuda para combater a invasão e restabelecer a paz. Tal decisão era apenas possível caso ocorresse uma votação unânime, o que acabou de fato acontecendo: como a delegação soviética estava ausente - ela tinha abandonado o Conselho de Segurança da ONU um pouco antes, em protesto pela não inclusão da China Comunista na organização - , a delegação norte-americana não encontrou oposição e a votação dessa resolução acabou sendo unânime.

A ausência da União Soviética da reunião do Conselho de Segurança da ONU foi noticiada pela *Folha da Manhã* no dia 27 de junho, num pequeno quadro na primeira página. A notícia destacou a posição soviética em relação às decisões tomadas no conselho com a manchete “A Rússia não reconhece a decisão da ONU”:

*“Não tem força a resolução das Nações Unidas, ordenando que os comunistas do norte da Coreia suspendam as hostilidades, porquanto nem a União Soviética nem a China estavam representadas na reunião de domingo do Conselho de Segurança - afirmou a emissora de Moscou, em transmissão capitada nessa capital.”*³¹

Ainda dentro desse pequeno quadro, foi apresentado o posicionamento oficial do Secretário de Estado dos Estados Unidos, Dean Acheson, colocando-se contra a invasão comunista na Coreia do Sul, mas ressaltando que apenas o presidente dos Estados Unidos era quem poderia propor qualquer ação em relação ao conflito coreano.³²

³⁰ - a principal resolução da ONU aprovada no dia 27 de junho foi uma ordem para que as forças norte-coreanas se retirassem imediatamente da Coreia do Sul e, caso tal ordem não fosse cumprida, a Coreia do Norte receberia, inicialmente, sanções econômicas. Apenas caso estas sanções não surtiram os efeitos desejados é que seriam utilizados dispositivos militares dos países membros e, mesmo assim, sob total responsabilidade e supervisão da ONU. Embora o governo norte-americano mostrasse estar disposto a cumprir a determinação da ONU de manter, inicialmente, apenas sanções econômicas, o mesmo governo iria autorizar a utilização da força antes das sanções econômicas e sem a autorização da ONU. Na verdade, as forças norte-americanas já começaram a atuar na noite do dia 26, ou seja, antes das votações das próprias resoluções da ONU. O que teria acontecido na noite de 26 para 27 de junho? Para os jornalistas E. N. Dzelepy e I. F. Stone, o general MacArthur tomou a decisão de envolver tropas norte-americanas na Coreia sem consultar o presidente Truman. Dzelepy, E. N. “*Porque se Luta em Coreia - Mac Arthur e a Questão da Coreia/O Pearl Harbour de Mac Arthur.*” In Dzelepy, E. N. e Stone, I. F. op. cit.;

³¹ - *Folha da Manhã*, São Paulo, 27/06/50, p. 1;

³² - op. cit.;

O curioso é que, entre essas duas notícias diretamente relacionadas com a crise na Coreia, foi “encaixada” uma fotografia de Adhemar de Barros, que iria abrir a reportagem abaixo, reportagem esta que nada tinha a haver com o quadro em si. Em outras palavras, a fotografia de Adhemar de Barros acabou sendo o “recheio” entre duas notícias sobre a diplomacia da guerra.

Essa desorganização espacial era freqüente na *Folha da Manhã*, em particular na sua primeira página que, quase sempre, era dedicada às notícias internacionais. Apesar de tais irregularidades formais, a *Folha da Manhã* apresentava uma relativa organização gráfica, comparando-se com os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Tribuna da Imprensa*, pois já utilizava do sistema de cadernos e de índices, embora ambos pudessem variar de edição para edição. As notícias podiam iniciar-se numa página e encerrar-se em outra, principalmente quando o assunto era urgente - sendo que era comum a falta da indicação da página de encerramento da matéria. Apesar dessas características gráficas deixarem o jornal relativamente diferente dos outros dois já citados, o sentimento anticomunista era comum entre estes três jornais.

Ainda nessa edição da *Folha da Manhã*, no final do caderno “Noticiário Geral”, outra matéria sobre a guerra, mas a partir da reação do governo norte-americano: “Dispõem-se os Estados Unidos a auxiliar militarmente o governo da Coreia do Sul”. A “culpa” da União Soviética foi ressaltada:

“(...) Truman, em sua declaração, não fez alusão alguma à Rússia. Contudo, altos funcionários do departamento de estado são de opinião que a responsabilidade da guerra recai sobre a União Soviética, pois o governo do norte da Coreia está dominado pelos moscovitas.”³³

O editorial acima apresentou uma visão exagerada: a Coreia do Norte, mesmo tendo consultado os soviéticos sobre as possibilidades de tomarem a Coreia do Sul, tinha autonomia política em relação a Moscou.³⁴ Em outras palavras, as relações entre os dois países eram bem mais complexas do que a mera dominação soviética sobre seu “títere”.

No dia 28 de junho, o posicionamento norte-americano começou a ficar melhor definido: a *Folha da Manhã* publicou que “Truman ordena às forças ianques que auxiliem a Coreia Meridional”, mandando, inclusive, a Sétima Esquadra para proteger a ilha de Formosa. Uma fotografia de mercados coreanos numa praça procurou ilustrar os arredores de Seul e a região em conflito.³⁵ Ainda não era uma fotografia da Coreia em guerra, mas sim uma fotografia de arquivo com objetivo meramente ilustrativo.

³³ - Idem, p. 8;

³⁴ - Cumings, Bruce. op. cit.;

³⁵ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 28/06/50, p. 1;

O editorial “Ameaça à Paz Mundial”, publicado na *Folha da Manhã* no dia 29 de junho, começava com uma pequena descrição do conflito até aquele momento: da surpresa da Coreia do Sul ao ser atacada pelas forças comunistas, passando pelo pedido de auxílio de Rhee aos países “livres”. Logo depois, o editorial comentou a condenação de Truman perante a invasão comunista e as suas ordens de ajuda imediata aos sul-coreanos. O clima de guerra era total, segundo o editorial, revelando que Truman tinha ordenado que as bases aéreas norte-americanas no Alasca, fronteira norte-americana com a União Soviética, ficassem de prontidão.³⁶

O editorial foi além: ao comentar a reunião do Conselho de Segurança da ONU que aprovou a proposta norte-americana de intervir na Coreia, abriu espaço para criticar a alegação soviética de que, por não estar presente na reunião, tal decisão não seria legítima. O *Medo do Expansionismo Comunista* estava presente neste editorial, como podemos perceber na seguinte passagem:

*“É evidente, porém, que a reação russa não consegue mascarar a gravidade da iniciativa soviética. E não conseguirá, da mesma forma, impedir que se desenvolvam as medidas de repressão ao avanço comunista na Coreia do Sul. Os Estados Unidos, inicialmente, e forças britânicas logo em seguida, já entraram em ação ou se apresentam para agir. Torna-se claro que as potências ocidentais resolverem finalmente dizer - basta! E a opinião pública, nos países democráticos, aplaude essa decisão, pois é certo que somente enérgica atitude das potências ocidentais impedirá o indefinido alargamento das fronteiras soviéticas.”*³⁷

A *Tribuna da Imprensa* também culpava os soviéticos do conflito coreano, como vimos anteriormente. Na seção de telegramas (o uso de telegramas foi um procedimento técnico muito utilizado neste período, principalmente antes da sofisticação dos teletipos no Brasil), um dos destaques relacionava-se diretamente com a Guerra da Coreia. A seção apresentou um pequeno histórico do conflito coreano de maneira bastante tendenciosa contra o comunismo e a União Soviética:

“No norte, os russos estabeleceram uma República do Povo, expropriaram as indústrias japonesas, dividiram 2 milhões de acres de terras entre 700.000 camponeses e estabeleceram um governo fantoche chefiado por um antigo guerrilheiro, Kim Il Sung.

³⁶ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 29/06/50, p. 4;

³⁷ - op. cit.;

“O governo da Coréia do Sul, organizado democraticamente, é encabeçado pelo velho líder da independência coreana, o doutor Sygham Ree.”³⁸ (grifos meus)

No dia seguinte, a *Tribuna da Imprensa*, na matéria “Assim é a Paz de Stálin”, publicou uma caricatura bastante representativa das idéias políticas do jornal em relação ao conflito coreano: um braço vindo da União Soviética, segurando um foice nas mãos, indo diretamente para a China, Coréia (que estava destacada de preto) e Manchúria, numa clara alusão quanto ao domínio e expansionismo soviético na Ásia.³⁹

O exagero destas passagens é gritante, pois o governo norte-vietnamita não era um mero fantoche dos soviéticos e o governo sul-vietnamita estava longe de ser uma democracia.⁴⁰ O conflito coreano era visto pela imprensa brasileira como uma agressão comunista e, principalmente, soviética. A idéia de uma guerra civil sequer foi considerada e todo e qualquer esforço do “mundo livre” era desejável para impedir o “indefinido alargamento das fronteiras soviéticas”. Não existia espaço para maiores moderações no que se referia ao expansionismo comunista, quer ele existisse ou não.

A *Folha da Manhã* do dia 30 de junho abriu espaço na seção de editoriais para um artigo do Secretário de Estado dos Estados Unidos Dean Acheson. O artigo em si, denominado “O Imperialismo Soviético Ante a Filosofia de uma Sociedade Livre”, não passava de uma série de acusações contra uma eventual expansão soviética no mundo,⁴¹ dentro da lógica mais radical do *Medo do Expansionismo Comunista*. O que nos interessa no presente artigo não está no seu conteúdo, mas sim na sua própria presença, pois, ao escolher para publicar um artigo de um ferrenho crítico da União Soviética e do comunismo, a opção política do jornal ficava exposta. A escolha dos artigos e dos articulistas, principalmente dos estrangeiros, não é neutra, ou seja, também faz parte da estratégia política do jornal que, no caso específico, demonstrava estar do lado dos Estados Unidos e contra o comunismo.

A publicação de fotografias era um processo demorado, como vimos anteriormente, e o mérito da publicação das primeiras fotos do conflito no Brasil podem ser divididos entre a *Folha da Manhã* e *O Estado de S. Paulo*. A *Folha da Manhã* publicou fotos trazidas pelo correspondente especial Ray Richards da *International News Service* no dia primeiro de julho, ou seja, uma semana após o início da guerra.⁴² Eram três fotos, postas lado a lado: a primeira, localizada no

³⁸ - *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 29/06/50, p. 10;

³⁹ - *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 30/06/50, p. 3;

⁴⁰ - Cumings, Bruce. op. cit.;

⁴¹ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 30/06/50, p. 3;

⁴² - *Folha da Manhã*. São Paulo, 01/07/50, p. 3;

lado esquerdo, retratava um oficial norte-americano ensinando o funcionamento da “bazooka” aos membros de um regimento sul-coreano estacionado em Pusan; a segunda, localizada no centro, mostrava dois policiais coreanos, sem uniforme, carregando um rifle com poucos cartuchos e uma granada de mão, cobrindo um setor da linha de frente; a terceira, localizada no lado direito, mostrava quatro soldados norte-coreanos que desertaram.

O Estado de S. Paulo no mesmo dia (ou seja, também uma semana depois do início do conflito), na matéria “Por Ordem de Truman Entra em Ação a Infantaria dos EUA - Tropas Norte-Americanas Desembarcam na Coréia Setentrional”, publicou uma fotografia da presença norte-americana na Coréia, com o seguinte comentário:

“O primeiro documento fotográfico da intervenção norte-americana na guerra coreana - Radiofoto “L.N.P.” do capitão James Rackett, da Força aérea dos Estados Unidos (à direita) palestrando com pilotos da Coréia do Sul, depois de uma missão na frente de batalha.”⁴³

Nos dois casos a fotografia não foi apenas utilizada como fonte de notícia, **mas também a própria fotografia foi utilizada como notícia** – em outras palavras, a forma também foi apresentada como conteúdo jornalístico.

O mesmo jornal também iria utilizar-se dos recursos fotográficos para demonstrar a sua insatisfação perante a agressão comunista na Coréia e criticar a União Soviética: ainda na capa dessa edição foi publicada uma fotografia do Conselho da ONU, do dia 25 de junho, com a cadeira soviética vazia, numa clara alusão sobre sua ausência na hora das decisões importantes.⁴⁴

Uma visão menos maniqueísta da guerra foi publicada também nesta edição da *Folha da Manhã*. A coluna denominada “3 Linhas e 4 Verdades”, espaço reservado para o escritor Osvald de Andrade, apresentou a única opinião dentro da grande imprensa brasileira contra a guerra em si mesma, indiferentemente ao lado a ser defendido (no caso, a democracia) ou a ser atacado (no caso, o comunismo).

Criticando o desejo de destruição do homem (“O homem continua dentro da sua constante antropofágica”), o autor defendeu que a consciência tem de ser mais forte do que as questões políticas e econômicas, pois de “que modo se transformará o mundo? Pelo trabalhismo inglês? Pelo soviétismo russo? Pela “Revolução dos Gerentes”? Pelo liberalismo progressista?” E, completando seu raciocínio, Osvald de Andrade afirmou:

⁴³ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 01/07/50, p. 1;

⁴⁴ - op. cit.;

“De qualquer maneira, chegou o momento de se gritar pela paz. Chega de doidice armada! Uma velha caricatura inglesa faz ver dois trogloditas numa corrida, empunhando suas maças (ou mocas) na direção do conflito que estourou na vizinhança: Vamos! Esta vai ser a última guerra!

A Coréia nos afirma que ainda e sempre estamos na caverna ancestral.”⁴⁵

O posicionamento de Osvald de Andrade defendia a natureza humana e tendia a fugir dos rigores da dinâmica maniqueísta da Guerra Fria. Mas era uma posição solitária entre aqueles que escreviam na imprensa brasileira dessa época, pois a maioria não realizava reflexões serenas: era a “agressão comunista” e o “expansionismo soviético” que estavam sendo combatidos pelos jornais, abrindo poucos espaços para outros posicionamentos, mesmo aqueles de caráter humanitário. A importância de Osvald de Andrade na cultura do país permitiu essa “ousadia”.

O Estado de S. Paulo, no dia 2 de julho, celebrou uma das poucas e insignificantes vitórias dos sul-coreanos nesse início de guerra: “Suvon Reconquistada pelos sul-coreanos.”⁴⁶ A “torcida” do jornal para aqueles que combatiam as forças comunistas era explícita, mesmo em acontecimentos menores e de pouca importância estratégica para a guerra.

Ainda na mesma edição, um editorial denominado “Derrotada a União Soviética” fez comentários sobre a resposta soviética a uma nota norte-americana, onde o representante soviético na ONU garantiu que seu país não enviará tropas para a Coréia. O editorial foi bastante direto, afirmando categoricamente que a União soviética não deveria sequer ter tentado sua expansão na Coréia, mas que esse tipo de comportamento era praticamente impossível de ser evitado, pois a União Soviética era uma potência agressiva e imperial dominada por um tirano, como podemos perceber na seguinte passagem: “... Stálin, portanto, o senhor do Cremlim”.⁴⁷

A importância da ONU para resolver os litígios internacionais foi acentuada:

“Presenciamos uma vigorosa revitalização das Nações Unidas, às quais deverá voltar a URSS se não quiser ser posta à margem do mundo. Mas, ainda assim, deverá voltar disposta a curvar-se à vontade da maioria que é a regra da democracia, e ao direito e à moral, que são as normas da humanidade livre. Fora daí, resta apenas o campo traiçoeiro da aventura, na qual Moscou acaba de sofrer seu primeiro insucesso.”⁴⁸

⁴⁵ - *Folha da Manhã*, 01/07/50, op. cit., p. 4;

⁴⁶ - *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 02/07/50, p. 1;

⁴⁷ - op. cit., p. 3;

⁴⁸ - Idem;

As únicas “derrotas” dos soviéticos em relação ao conflito coreano foram que as previsões de Stalin de que os norte-americanos não iriam intervir na região falharam. Embora fosse uma guerra imprevisível (os soviéticos poderiam ter de intervir de maneira mais expressiva, podendo entrar em choque com as forças da ONU), ela não era a principal preocupação soviética no momento.⁴⁹

Um editorial na *Folha da Manhã*, de Edgar Ansel Mowrer, articulista norte-americano, reforçava o enfoque que procurava ver as semelhanças entre a agressão da Coreia do Norte e a política de Hitler antes da Segunda Guerra Mundial. Ressaltando que a agressividade soviética era evidente, menos para os Estados Unidos (“que, por uma ou outra razão, não tem querido olhar de frente os fatos desagradáveis”), o autor não escondeu sua desaprovação perante a invasão, que foi apenas possível por causa dos desejos de Moscou:

*“Na verdade, trata-se, por enquanto, de uma agressão de “segunda classe”, levada a efeito por prepostos soviéticos e não propriamente pela União Soviética. Nesse ponto a situação é semelhante à que foi criada por Hitler ao lançar mão dos pró nazistas austríacos na Áustria, dos sudetos alemães na Tchecoslováquia e dos fascistas espanhóis na Espanha.”*⁵⁰

O Medo do Expansionismo Comunista também estava na perspectiva do autor, pois, além do conflito da Coreia, também existiam problemas em Berlim e na Indochina - problemas estes vistos como conseqüências diretas do expansionismo soviético.⁵¹ Não existia “expansionismo” soviético nos lugares indicados pelo editorial, mas sim problemas políticos específicos de suas regiões. Na imprensa brasileira, poucos preocuparam-se em refletir melhor sobre suas análises.

A Guerra Fria também era tema recorrente na revista *O Cruzeiro*. A primeira edição da revista após o início da Guerra da Coreia (número 37) apresentou uma reportagem da sua dupla principal de jornalistas, David Nasser e Jean Manzon, com o título de “Os Tanks da Democracia”, elogiando nossas forças armadas na sua função de manter a paz no continente sul-americano, numa clara alusão do seu papel na preservação dos valores ocidentais e democráticos - e, logicamente, contra o comunismo.⁵²

Nesse número também foi publicado a primeira reportagem da revista diretamente relacionado à Guerra da Coreia. O texto “Por que Truman não vai à Europa?” defendeu a idéia de que a União Soviética não passa de uma potência expansionista e que a guerra na Coreia fazia parte

⁴⁹ - Holloway, David. op. cit.;

⁵⁰ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 03/07/50, p. 3;

⁵¹ - op. cit.;

⁵² - *O Cruzeiro*. Nº 37, Rio de Janeiro, 01/07/50, pp. 16-19;

de uma estratégia global de dominação mundial comunista, distraíndo os Estados Unidos da real intenção: a Europa Ocidental. Podemos perceber que um jornalista sentia-se plenamente capacitado para dar “sugestões” sobre as estratégias do conflito coreano.

A “propaganda” comunista foi criticada ferozmente pelo texto:

“Cuidadosamente estimulados pelo partido comunista e pelas rádios de Moscou, muitos europeus chegaram a acreditar que os Estados Unidos são os piores provocadores de guerras e que a Europa Ocidental seria muito tola se tomasse partido numa luta entre os Estados Unidos e a União Soviética.”⁵³

O anticomunismo também seria uma das características básicas da cobertura da imprensa brasileira do início da Guerra do Vietnã, como veremos a seguir.

Guerra do Vietnã – O Incidente de Tonquin

Os problemas políticos no Vietnã eram ainda mais complicadas que as da Coréia. No dia 6 de agosto de 1964 foi registrado ataques a destróieres norte-americanos em águas internacionais (fora das 3 milhas reconhecidos pelos Estados Unidos, mas dentro das 12 milhas que o Vietnã do Norte considerava como seu limite), por barcos patrulha norte-vietnamitas. Apesar das dúvidas e da falta de informações, esses “ataques” eram tudo o que o governo Lyndon Johnson mais desejava: no dia 7 de agosto, Johnson conseguiu poderes para conduzir a intervenção no Vietnã, dentro da premissa de que os Estados Unidos estariam ajudando um país ameaçado pelo comunismo. Começavam os bombardeios ao Vietnã do Norte - a chamada “Operação *Rolling Thunder*” -, e a televisão norte-americana mostrava um bombardeio aéreo e todo o seu impacto.⁵⁴

No Brasil, a situação política interna acabaria por interferir na cobertura do Incidente de Tonquin. As ações de março/abril e os expurgos feitos pelos militares nos meses seguintes ao golpe monopolizaram o espaço na grande imprensa. Nos momentos iniciais do golpe, a pregação anticomunista e o fim da “bagunça” administrativa do governo Goulart foram retratados com grande euforia. Com o anticomunismo ainda em evidência, a cobertura do Incidente de Tonquin não poderia escapar dessa lógica.

A *Folha de S. Paulo* começou com um destaque cauteloso, no dia 4 de agosto, até por que as notícias ainda não eram inteiramente confiáveis. No dia 5, não restavam mais dúvidas: barcos norte-americanos foram atacados por lanchas de guerra norte-vietnamitas, o que fizera com

⁵³ - op. cit., p. 78;

⁵⁴ - informações sobre o Incidente de Tonquin foram extraídas de Tuchman, Barbara W. op. cit;

que os norte-americanos bombardeassem o Vietnã do Norte e anunciassem que medidas de contenção ao comunismo seriam tomadas no Vietnã do Sul.⁵⁵ No dia 6, a posição do governo brasileiro ganhava primeira página: o Brasil era solidário aos Estados Unidos e contrário à agressão norte-vietnamita:

“O Itamaraty recebeu ontem à noite carta do presidente Lyndon Johnson endereçada ao marechal Castelo Branco, expondo a posição dos Estados Unidos com relação ao Vietnã do Norte. A carta foi entregue pelo embaixador Lincoln Gordon.

Em declaração oficial, o chanceler Vasco Leitão da Cunha declarou que o Brasil ‘não faltará com sua solidariedade aos Estados Unidos’. A crise no Vietnã passou a ser estudada com maior atenção após o comunicado entregue pelo embaixador Gordon, devendo o governo brasileiro pronunciar-se a qualquer momento sobre a questão. O marechal Castelo Branco acompanha atentamente a crise.”⁵⁶

A guerra estava por um fio, destacou a revista *Manchete*, analisando o Incidente de Tonquin e a reação norte-americana.⁵⁷ A revista *Fatos & Fotos* também destacaria o Incidente de Tonquin, descrevendo-o detalhadamente, com inúmeras fotografias, inclusive de helicópteros (realçando a importância deste aparelho na luta contra a guerrilha).⁵⁸ As revistas *Manchete* e *Fatos & Fotos* deram destaque, principalmente fotográfico, aos acontecimentos no Vietnã - e complementemente favoráveis à intervenção norte-americana.

O *Medo do Expansionismo Comunista* agia sobre nossa imprensa: a China era a “grande culpada de tudo”, pois havia levado os norte-vietnamitas a lutarem por uma expansão em que eles não teriam vez, versou o editorial da *Folha de S. Paulo* do dia 7 de agosto, junto com manchetes que informavam que tropas chinesas estavam de prontidão, caso os norte-americanos invadissem o Vietnã do Norte.⁵⁹ O editorial começou assim:

“A maior responsabilidade pelos acontecimentos no golfo de Tonquim deve ser debitada à China comunista, que induziu os vietnamitas do norte a atos gratuitos de provocação capazes de acender o estopim de uma deflagração de conseqüências imprevisíveis.”⁶⁰

Destacando que a reação norte-americana foi inevitável, o editorial considerava que os acontecimentos prejudicavam uma nova política norte-americana na região, após as eleições

⁵⁵ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 05/08/64, p. 1;

⁵⁶ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 06/08/64, p. 1;

⁵⁷ - *Manchete*. Nº 644, Rio de Janeiro, Editora Bloch, 22/08/64, pp. 26-31;

⁵⁸ - *Fatos & Fotos*. Nº 185, Brasília, Editora Bloch, 15/08/64, pp. 56-58;

⁵⁹ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 07/08/64, p. 8;

presidenciais (“Disponha-se mesmo Johnson, após o pleito, em que conta seja vitoriosa a sua candidatura, reformular a política dos Estados Unidos referente àquela parte do mundo.”).⁶¹ Duas alternativas se colocavam: 1ª - a “neutralização” da região, deixando abandonada para a “dominação chinesa”; 2ª - uma grande ofensiva que neutralizasse as ações comunistas, podendo-se usar bombas atômicas. Como podemos perceber, para o jornal a expansão comunista tinha de ser detida de qualquer forma.

O editorial também destacou as divergências entre a China e a União Soviética, pois os soviéticos estavam tentando uma aproximação com os norte-americanos, dentro da política de “Coexistência Pacífica”, e atitudes de incentivar provocações produzidas pela China não seriam aceitas na ordem diplomática mundial. O editorial encerrou argumentando que a China ainda não tinha artefatos nucleares, o que circunscrevia o conflito vietnamita, mas que todos os esforços eram necessários “para que a indesejável luta não acarrete maior desgraça: o emprego de armas nucleares.”⁶² O *Medo da Terceira Guerra Mundial* também se fazia presente no jornal.

Como ocorreu na cobertura da Guerra da Coréia, o aproveitamento visual não se limitaria a fotografias: também seriam utilizados mapas da região. A revista *Manchete* iria melhorar ainda mais seu estilo fotográfico, assim como a nova *Fatos & Fotos*.

O Incidente de Tonquin foi a desculpa para a entrada definitiva dos Estados Unidos no conflito vietnamita - ou, melhor ainda, para institucionalizar a sua intervenção. O Vietnã faz parte da península da Indochina, no Sudeste Asiático, tendo uma longa tradição de luta contra interferências estrangeiras e ameaças de fragmentação, mantendo, quase sempre, sua unidade. Sua população, essencialmente formada por agricultores de religião budista, sempre cultuaram heróis que lutaram pela independência ou unidade do país. Dominados pelos franceses no final do século XIX, junto com os vizinhos Laos e Camboja, a região da Indochina foi transformada em colônia francesa,⁶³ mas a resistência contra o invasor e colonizador nunca cessou. Com o início da Segunda Guerra Mundial e da capitulação francesa perante a Alemanha nazista, os japoneses, aliados dos nazistas, penetraram na Indochina.⁶⁴

⁶⁰ - op. cit.;

⁶¹ - Idem;

⁶² - Idem, ibidem;

⁶³ - a colonização francesa na Indochina foi uma das mais impiedosas cometidas por uma grande nação européia a uma colônia asiática. As regras de submissão eram explícitas. Como exemplo, podemos citar que o sistema judicial nativo foi substituído pelo instituto penal francês, que tinha o Conselho Colonial da Cochinchina e os membros vietnamitas, sempre minoria, eram tratados como “representante da raça conquistada.” Said, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. op. cit.; e Tuchman, Barbara W. op. cit.;

⁶⁴ - em 111 a.C., os chineses apoderaram-se da região, sendo expulsos em 938 d.C - mais de mil anos de dominação chinesa. Extraído de Lloyd, Dana Ohlmeyer. *Ho Chi Minh*. Coleção “Os Grandes Líderes”, São Paulo, Nova Cultura, 1987;

Em 1941 foi fundado o Viet Nam Doc-Lap Dong Minh, a Liga de Independência do Vietnã, conhecida pelo nome reduzido de Vietminh.⁶⁵ Esse grupo era formado por elementos nacionalistas, incluindo comunistas - seus fundadores foram Vo Nguyen Giap, Pham Van Dong e Ho Chi Minh, todos comunistas. Inicialmente lutaram contra os japoneses, com auxílio norte-americano, vencendo-os, tomando o país e proclamando a independência, em 1945. Procurando apoio dos Estados Unidos, os líderes vietnamitas utilizaram-se de trechos da declaração de independência norte-americana e dos direitos dos Homem e do Cidadão da Revolução Francesa (numa referência mais do que direta aos seus colonizadores, ou melhor, aos ex-colonizadores, pelo menos naquele momento) na “Declaração de Independência da República Democrática do Vietnã”. A independência duraria menos de um mês.

Discussões sobre a independência da Indochina ocorreram ainda durante a Segunda Guerra Mundial. O presidente norte-americano Franklin D. Roosevelt mostrava-se totalmente contrário à volta francesa na Indochina pois, além de acreditar que o sistema colonial deveria ser extinto, a administração francesa na Indochina tinha produzido os piores resultados em termos de tratamento humano aos habitantes locais. Mas, como os britânicos pretendiam retomar suas colônias (e olhavam a relutância de Roosevelt em aceitar a volta francesa na Indochina como uma crítica direta a eles) e os chineses recusaram-se veementemente a tomarem o lugar dos franceses na Indochina, a questão foi sendo adiada para depois da guerra. O presidente Roosevelt morreria e, sem deixar diretrizes escritas sobre suas intenções na Indochina, liberou o governo Truman a tratar da questão como bem desejasse, o que renderia o apoio norte-americano aos franceses.⁶⁶

Em 1946, depois do fracasso das negociações entre o Vietminh e o governo francês, este último bombardearia o porto de Haiphong, iniciando as batalhas no que foi chamado de Primeira Guerra da Indochina.⁶⁷ Essa guerra, apesar de ser apenas uma luta colonial - pois a França apenas queria retomar sua antiga colônia - , acabou entrando num quadro mais complexo no imediato pós-guerra: para os Estados Unidos, esta era uma luta global entre o “mundo livre” e a opressão, representada pelo crescimento do comunismo na Ásia. Para o governo norte-americano não havia dúvidas de que o perigo da colônia francesa tornar-se comunista era bem mais significativo que suas críticas da sobrevivência do decadente mundo colonial. Dentro dessa perspectiva, os norte-americanos começariam a financiar o esforço de guerra francês. A própria França acreditava no seu papel na Guerra Fria.⁶⁸

⁶⁵- Morrock, Richard. “Revolução e Intervenção no Vietname.” In Horowitz, David (Org.). Revolução e Repressão. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969;

⁶⁶- Tuchman, Barbara W. op. cit.;

⁶⁷- Tuchman, Barbara W. Idem;

⁶⁸- Marc Ferro nos afirma que “Nos tempos da guerra fria, defender a integridade nacional era manifestar-se contra “a ameaça soviética”, contra o comunismo - análise que encontrou seu fundamento na guerra da

Mesmo com as notícias passando pelo clivo da censura, a opinião pública francesa ficou contra a guerra, pressionando o governo e os militares para que saíssem da Indochina.⁶⁹ As forças francesas na Indochina foram derrotadas na batalha de Dien Bien Phu, em 1954, o que levaria as partes em guerra à mesa de negociações de Genebra, pondo fim à guerra.⁷⁰ Os acordos de Genebra dividiram a península da Indochina em quatro países: Vietnã do Norte, Vietnã do Sul, Laos e Camboja. A divisão do Vietnã, na altura do paralelo 17, seria temporária (o norte ficou sob a administração do Vietminh e o sul sob a administração dos franceses, em caráter temporário, até sua independência). O destino dessa divisão seria decidida numa futura eleição que indicaria os rumos da reunificação dos dois Vietnãs.

A derrota francesa em Dien Bien Phu e a divisão política da península pelos tratados de Genebra afastaram os franceses da região, mas não os norte-americanos, que passaram a defender o Vietnã do Sul contra o comunismo. Mesmo as conversações (e os futuros acordos) de Genebra receberam oposição do governo norte-americano, que não queriam qualquer espécie de negociações com comunistas. Apesar disso, não fizeram qualquer tipo de intervenção nas negociações e apenas deixaram claro que qualquer ação que violasse os acordos não seria tolerada pelos Estados Unidos, numa advertência direta ao Vietnã do Norte. Dentro dessas condições, a paz voltou à Indochina. Mas não por muito tempo.

A derrota francesa em Dien Bien Phu e os acordos de Genebra praticamente fizeram desaparecer a região da Indochina do cenário da imprensa internacional. O governo comunista do Vietnã do Norte começou a se preocupar com sua situação interna, tentando aplicar

Indochina, pois Ho Chi Minh era membro do Komintern, antes de 1943, e do Partido Comunista, desde sempre. De modo que, ao assegurar a defesa do Império, é do Ocidente e da sua civilização que a França passa a ser a sentinela. Da mesma forma, quando a revolta colonial toma corpo no Magreb, a defesa da França é apresentada como a salvaguarda da ordem republicana em face da revolução mundial; é esta, freqüentemente, a posição dos chefes militares, que não querem “vender por dois tostões” o Império.” Ferro, Marc. op. cit., pp. 353-354;

⁶⁹- Tuchman, Barbara W. op. cit.; enquanto a Indochina estava sob domínio francês, a censura na imprensa era exercida pelas autoridades coloniais, principalmente sobre os jornais e revistas da França, enquanto que publicações de outros países tinham um pouco mais de liberdade. Os riscos eram consideráveis para os correspondentes de guerra, que poderiam ser expulsos da colônia ou não ter o visto renovado caso tivessem de sair. Poderiam, inclusive, ser proibidos de abandonar a Indochina, ficando à mercê das autoridades francesas - torturas, julgamentos “estranhos” e morte eram alguns dos tratamentos mais tradicionais aos correspondentes rebeldes ou apenas para aqueles que discordassem das diretrizes destas autoridades. O escritor norte-americano Graham Greene foi correspondente de guerra na Indochina Francesa, destacando que a polícia “tinha a última palavra: podia cassar minha ordem de circulação, podia impedir meu comparecimento a conferências de imprensa, podia mesmo, se quisesse, negar-me autorização para deixar o país. Esses eram os métodos legais correntes, mas a legalidade não era coisa essencial num país em guerra.” Greene, Graham. O Americano Tranqüilo. São Paulo, Abril Cultural, 1981, p. 17;

⁷⁰- quando ainda se desenrolava a batalha de Dien Bien Phu e a derrota francesa era praticamente certa, chegou a haver pedidos no Congresso dos Estados Unidos para que as posições do Vietminh fossem bombardeadas com artefatos nucleares, sendo tais pedidos recusados. Schlesinger Jr., Arthur M. Vietnã - Herança Trágica. São Paulo, Ibrasa, 1967;

uma política de coletivização na agricultura (que fracassaria), deixando a idéia de reunificação do país para um momento mais apropriado. Já o Vietnã do Sul tentava sobreviver, apesar de suas fraquezas. Os Estados Unidos fizeram todos os esforços possíveis para que o Vietnã do Sul fosse um regime estável, pró-ocidental e que pudesse se defender caso o Vietnã do Norte resolvesse iniciar uma luta para a reunificação. Inicialmente, a administração do Vietnã do Sul foi feita pelo presidente Ngo Dinh Diem, administração esta que apresentou características bastante próprias: era corrupta e incompetente, não conseguindo dar estabilidade ao país, apesar do auxílio norte-americano - este era desviado de seu destino através de subornos.⁷¹

O governo Eisenhower acabou financiando uma campanha na imprensa norte-americana para valorizar a capacidade do governo Diem de resolver os problemas internos do país. Diem seria chamado de “O Homem Miraculoso do Sul” por causa, principalmente, dos 875.000 refugiados que abandonaram o Vietnã do Norte entre 1954 e 1956: alguns, católicos que haviam ajudado as forças colonialistas francesas; e outros, colonos procurando terras (foram alojados precariamente nos arredores de Saigon, uma área já muito povoada, aumentando ainda mais os problemas do país).⁷² Em outras palavras: o “abandono” do comunismo realizado por tais refugiados foi exaltado nas campanhas de propaganda. Mas o “Homem Miraculoso do Sul” não era tão “miraculoso” como pretendia a propaganda e, apesar desta campanha apresentar uma imagem positiva de Diem e do Vietnã do Sul, o governo Eisenhower logo estaria mandando 200 conselheiros militares por volta de 1960. A situação do Vietnã do Sul agravava-se.

No final da década de 50, os ataques guerrilheiros foram sendo retomados, infringindo derrotas às forças sul-vietnamitas, que, por sua vez, aumentavam a repressão - e, conseqüentemente, aumentavam a insatisfação popular contra o regime. Em 1960, foi criada a Frente de Libertação Nacional (FLN), organização nacionalista (como no Vietminh, nem todos eram comunistas) que visava a reunificação do país e era apoiada pelo Vietnã do Norte.⁷³ Os guerrilheiros da FLN acabariam conhecidos como Exército Vietcong.⁷⁴

Todas as iniciativas de guerra foram tomadas pelos vietnamitas. Como podemos perceber, não foi a China que estava pressionando a crise na região, como argumentou o editorial da *Folha de S. Paulo* do dia 7 de agosto de 1964.

⁷¹ - Morrock, Richard. op. cit.;

⁷² - Morrock, Richard. Idem;

⁷³ - nacionalista, mas nem tanto. Para o jornalista Jean Lartéguy: “A guerra do Vietnã do Sul foi sempre dirigida de Hanói. Por necessidades de propaganda, por tática política, os comunistas vietnamitas quiseram fazer acreditar na existência, no Sul, de um movimento independente: a Frente Nacional de Libertação.” Lartéguy, Jean. Um Milhão de Dólares por Vietcong. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966, p. 30;

⁷⁴ - este nome é uma versão reduzida de Viet-Nan Cong-San, ou seja, comunista vietnamita. Gigon, Fernand. USA X Vietcong - as Duas Faces do Conflito. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967;

A opinião pública e o próprio governo norte-americano não estavam preparados para a deterioração do governo Diem. Em novembro de 1960, em Saigon, depois de uma revolta de pára-quedistas do exército do Vietnã do Sul, quando cerca de 400 civis foram mortos antes dos rebeldes serem dominados, a imprensa norte-americana começou, mesmo que timidamente, a mostrar interesse no que estaria acontecendo na região.

Outros atos governamentais começaram a chamar a atenção da imprensa. Para isolar o camponês da guerrilha - ou melhor, do apoio do camponês à guerrilha -, o governo Diem criou as chamadas "aldeias estratégicas", ou seja, "agrovilas" que deveriam ter todas as comodidades possíveis para os seus habitantes, mas que não passavam de campos de concentração disfarçados.⁷⁵ Tais problemas ganhavam as páginas dos jornais do mundo com cada vez mais frequência, apesar das dificuldades da produção da notícia na região.

O que se tinha em termos de produção de notícias eram escritórios de grandes agências internacionais (AP, UPI e a Agência *France Press*), e alguns correspondentes de revistas norte-americanas, como a *Time* e a *Newsweek*.⁷⁶ Era um grupo pequeno de jornalistas bastante unidos, apesar da intensa concorrência entre si. Tal união devia-se a duas razões básicas: 1º - o governo Diem, que os credenciava, não via razões para aceitar que correspondentes estrangeiros escrevessem matérias criticando seus procedimentos governamentais, o que obrigou os correspondentes a serem um corpo unido contra as represálias do governo; 2º - o governo Kennedy, que assumiu os Estados Unidos em 1961, aumentou a ajuda econômica e militar ao Vietnã do Sul, principalmente elevando o número de conselheiros militares, desejando que tais atividades fossem minimamente conhecidas (ou mesmo completamente desconhecidas) pela opinião pública mundial, principalmente a norte-americana.⁷⁷

Os correspondentes da grande imprensa internacional, presentes no Vietnã do Sul, registravam todos os erros e contradições da política norte-americana na região, entrando em choques diretos com os governos Diem e Kennedy. Para o governo Kennedy, a imprensa, local ou não, não poderia publicar a participação direta dos "conselheiros" nos combates contra o Vietcong e notícias que mostrassem as (muitas) insuficiências do governo do Vietnã do Sul.

Apesar de todas as pressões, esses correspondentes passavam informações diferentes daquelas pretendidas pelo governo Kennedy, fazendo com que este iniciasse pressão

⁷⁵ - os camponeses eram arrancados de suas aldeias natais e levados para estas "agrovilas", sendo, muitas vezes, obrigados a construir as próprias "residências", em regime de escravidão. Existia um grande número de fugas, pois os camponeses procuravam voltar para suas aldeias originais. As armas da segurança eram voltadas para dentro das "agrovilas", ou seja, para impedir a fuga do camponês e não para evitar a guerrilha. Tuchman, Barbara W. op. cit.;

⁷⁶ - Knightley, Phillip. op. cit.;

⁷⁷ - Knightley, Phillip. Idem;

sobre os editores dentro dos Estados Unidos, o que acabou produzindo alguns resultados práticos: algumas matérias não foram publicadas e outras foram alteradas, principalmente nas revistas *Time* e *Newsweek*. Outros jornalistas seguiram para o Vietnã do Sul tentando dar uma visão positiva sobre o país, como o experiente correspondente Joseph Alsop, que cobrira a Segunda Guerra Mundial.⁷⁸ Apesar destes esforços para encobrir as reais condições do Vietnã do Sul, notícias contrárias ao “paraiso” oficial eram produzidas e transmitidas, para o desapontamento do governo Kennedy. Em 1963, a morte em combate de três pilotos de helicóptero norte-americanos na batalha de Ap Bac, uma derrota humilhante para o Exército do Vietnã do Sul, fez com que a participação dos “conselheiros” nas próprias lutas se tornasse impossível de negar.

A batalha de Ap Bac também quebrou o “silêncio” da imprensa brasileira em relação ao Vietnã, cuja última cobertura de maior relevância ocorrera na derrota francesa na batalha de Dien Bien Phu, em 1954. O jornal *Folha de S. Paulo* publicaria uma pequena notícia, do correspondente da UPI, Neil Sheehan, descrevendo detalhadamente a batalha de Ap Bac, destacando a vitória do Vietcong e a derrota do Exército do Vietnã do Sul, como também a morte de soldados norte-americanos, informação esta que envolvia, definitivamente, os Estados Unidos no conflito da região. O risco de uma guerra total no Sudeste Asiático foi também mencionado.⁷⁹

No Vietnã do Sul a situação ficou ainda pior depois de Ap Bac. A impopularidade do regime de Diem confirmou-se na crise do governo com os budistas. Depois de alguns confrontos violentos entre as forças de Diem e seitas budistas, no dia 11 de junho de 1953 aconteceu um fato marcante: um monge budista ateou-se fogo.⁸⁰ O choque estenderia-se para o mundo: a fotografia deste incidente, tirada por Malcolm Browe, seria uma das mais famosas do século XX, colocando o Vietnã nas primeiras páginas dos jornais do mundo inteiro.⁸¹ A imprensa brasileira não seria exceção: a *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* destacariam, mesmo que de forma mediana, o protesto do monge budista, explicando a situação do Vietnã do Sul, seu governo e seus problemas com a guerrilha e, logicamente, com os budistas.⁸²

A insatisfação do governo Kennedy em relação a Diem tornou-se total. Apesar de manifestar-se sempre a favor de Diem nas entrevistas para a mídia, Kennedy mandou retirar cerca de mil conselheiros militares, deixando em aberto a possibilidade de retirar, a médio prazo, todos os

⁷⁸ - Knightley, Phillip. *Idem*, *ibidem*;

⁷⁹ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 04/01/63, p. 2; *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 05/01/63, p. 4;

⁸⁰ - informações sobre o monge budista extraídas de: Arnett, Peter. *Ao Vivo do Campo de Batalha - do Vietnã a Bagdá. 35 Anos em Zonas de Combate de Todo o Mundo*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994;

⁸¹ - Arnett, Peter. *op. cit.*;

⁸² - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 12/06/63, p. 2;

conselheiros e a ajuda econômica e militar para o Vietnã do Sul.⁸³ Nunca ficou claro se esta medida de Kennedy era uma iniciativa para retirar definitivamente os Estados Unidos do “atoleiro” vietnamita ou simplesmente para pressionar Diem a fazer reformas democráticas e garantir a segurança do país, mas os resultados tornaram-se fatais: assustaram os defensores ferrenhos da Guerra Fria em Washington, que se convenceram de que Kennedy não lutaria até o fim no Vietnã do Sul; e desarticularam o regime de Diem, abrindo espaço para conspirações.⁸⁴ Ainda em 1963, Diem não resistiu às pressões, sendo deposto e morto. Kennedy, que não autorizara (ou desautorizara) o golpe, jamais se conformou com a morte Diem.

A questão vietnamita começou, definitivamente, a ser objeto de análises da imprensa brasileira. O *Medo da Terceira Guerra Mundial*, ainda com os ecos da crise de mísseis de Cuba e com o crescimento da guerrilha em escala global, acabariam por destacar a situação no Sudeste Asiático. A revista *Fatos & Fotos* publicaria, em 20 de fevereiro de 1964, matéria sobre as possibilidades de uma Terceira Guerra Mundial, onde a região dos dois Vietnãs seria o “foco mais perigoso”.⁸⁵ A reportagem mostrou dez regiões de risco para uma eventual guerra mundial, a saber: Vietnã, Laos (a revista utilizou-se da grafia “Laus”), Tailândia, Indonésia, Congo, Chipre, Berlim, Angola (ficando independente de Portugal), Oriente Médio e Cuba. Com a morte de Diem e os constantes golpes de estado, o Vietnã do Sul ganhou um destaque mais relevante dentro desta reportagem.⁸⁶

Dentro desta mesma linha, a revista *Manchete* publicaria, em 14 de março de 1964, uma reportagem sobre os problemas no Sudeste Asiático, em particular no Vietnã, e sobre a maneira como os Estados Unidos estavam enfrentando a situação - enviando auxílio econômico e militar.⁸⁷ O que tais reportagens insinuavam que estava prestes a ocorrer, simplesmente a Terceira Guerra Mundial, não chegaria a ocorrer, mas os acontecimentos precipitariam-se no Vietnã do Sul.

Em 29 de janeiro de 1964, a junta que derrubou Diem, liderada pelo general Duong Van Minh, foi derrubada e o poder ficou com o general Nguem Kahn. A *Folha de S. Paulo* publicou matéria sobre esse golpe de estado, argumentando que sua origem se dava ainda em 1963, na derrubada de Diem. O papel dos budistas na sociedade vietnamita era muito intenso ainda, juntando a isso a presença da guerrilha Vietcong. O artigo destacou os impasses do governo Diem (“Budismo de um lado. Vietcongs, comunistas do outro. Diem no centro das ações.”), sua queda (informando que ele e seu irmão teriam se suicidado, quando, na verdade, ambos foram

⁸³ - Schlesinger Jr., Arthur M. *Mil Dias - John Fitzgerald Kennedy na Casa Branca*. V. 2, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966;

⁸⁴ - Tuchman, Barbara W. op. cit.;

⁸⁵ - *Fatos & Fotos*. Nº 212, Brasília, Editora Bloch, 20/02/64, p. 11;

⁸⁶ - op. cit., pp. 58-65;

⁸⁷ - *Manchete*. Nº 621, Rio de Janeiro, Editora Bloch, 14/03/64, pp. 12- 17;

assassinados) e os problemas da junta que o substituiu, sendo que esta tentou ficar numa posição neutralista, tentando negociar com o Vietcong e com o Vietnã do Norte.⁸⁸

Um mês depois do assassinato de Diem, John Kennedy também encontraria a morte ao ser assassinado em Dallas, sendo substituído pelo vice-presidente Lyndon Johnson, que aplicaria uma política mais radical na questão vietnamita. Logo, Johnson ordenou que aviões, secretamente, recolhessem informações sobre o Vietnã do Norte e iniciasse pequenos atos de sabotagem no país.⁸⁹ A situação do Vietnã do Sul era a pior possível, já que poderia ser dominado pelo Vietcong em questão de meses. O Incidente de Tonquin fez com que os Estados Unidos entrassem definitivamente na guerra.

Mas antes de agir com mais rigor no Vietnã, Lyndon Johnson teria de ganhar as eleições de 1964. Seu adversário, o senador Barry Goldwater, era considerado um “falcão” por suas posições belicistas - ele prometia enfrentar o comunismo com armas nucleares, inclusive no Vietnã. O belicismo de Goldwater assustou o público norte-americano e o publicitário responsável pela campanha de Johnson, Tony Schwartz, aproveitou-se desse sentimento.

O comercial da campanha de Johnson consistia numa menininha loira que arrancava as pétalas de uma margarida, contando devagar até nove. A cena é congelada, iniciando-se uma contagem regressiva, com a aproximação da imagem congelada da menina até dentro do seu olho. Ao chegar ao número zero, mostrou-se uma explosão nuclear e, enquanto o cogumelo típico desta explosão vai se dissipando devagar, o comercial anuncia:

“É isso que está em jogo: fazer do mundo um lugar onde as crianças possam viver, ou morrer. Temos que amar uns aos outros, ou então morreremos.”

A imagem, então, fica escura, com os dizeres *“Vote no Presidente Johnson em 3 de Novembro. Há muita coisa em jogo para você ficar em casa.”*⁹⁰

O comercial foi um sucesso e auxiliou na vitória esmagadora de Lyndon Johnson nas eleições de novembro de 1964. Como podemos perceber, a presença da mídia, principalmente da televisão, ganhou aspectos dramáticos na vida política norte-americana e mundial, pois as novas técnicas de publicidade começariam a ser utilizadas largamente, o que modificaria a maneira de se ver e de se fazer política - a propaganda e suas técnicas iriam interferir no próprio conteúdo político,

⁸⁸ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 14/02/64, p. 2;

⁸⁹ - Tuchman, Barbara W. op. cit.;

⁹⁰ - comercial foi apresentado no segundo programa da série *O Poder e a Mídia*, apresentado pela Rádio e Televisão Cultura de São Paulo em 1995. *O Poder e a Mídia*. Documentário, Inglaterra, BBC, escrito e dirigido por Laurence Rees, 1992.

sendo impossível fazer política sem utilizar-se da mídia (eletrônica, em particular). Johnson teria seus contratempos com este comercial nos anos seguintes, pois, quando os Estados Unidos já estavam totalmente mergulhados na crise vietnamita, sempre surgia algum pacifista ou crítico da guerra utilizando este comercial como argumento para que se lutasse pela paz.

Depois dos primeiros bombardeios ao Vietnã do Norte, o governo norte-americano os suspendeu temporariamente, esperando abrir negociações, e, assim, acabou também tirando o Vietnã das manchetes, pelo menos por um pequeno período de tempo. No mesmo mês de agosto, os problemas do Vietnã deixaram lugar para o Chipre, que também enfrentava problemas com os comunistas locais. O Vietnã “sai de cena” das manchetes dos jornais e revistas, temporariamente.

As guerras receberam no seu início uma cobertura da imprensa brasileira bastante anticomunista, tendência que seria intensificada na cobertura da Guerra da Coréia, mas que seria alterada no decorrer da Guerra do Vietnã. Não que os veículos fossem defender o comunismo (alguns deles efetivamente iriam fazê-lo): mas as questões envolvendo o Vietnã ganhavam novas matrizes e problemas, deixando sua cobertura mais variada do que a cobertura da Guerra da Coréia. A complexidade política da Guerra do Vietnã e a presença de uma imprensa mais sofisticada, principalmente no número de veículos e na qualidade das tecnologias, justificariam tais alterações. Mas, no início da Guerra do Vietnã, a cobertura foi quase idêntica à cobertura da Guerra da Coréia.

Devemos destacar que, quando realizamos a comparação da cobertura realizada pela imprensa brasileira com a historiografia, não estamos tentando dizer que a imprensa fez uma construção noticiosa mentirosa: a imprensa acreditava realmente no que construía e apresentava; sua visão das guerras estava impregnada dos imaginários do seu momento. A defesa intransigente do anticomunismo era uma estratégia de lutas políticas que a imprensa utilizava, mesmo que de maneira exagerada em alguns casos.

As diferenças imagéticas começaram a marcar a diferença das coberturas. Grande parte das matérias sobre a Guerra da Coréia foram praticamente compostas por textos, com o mínimo de fotos (as primeiras fotos do conflito chegaram uma semana depois, como vimos). Já podemos perceber uma considerável alteração em comparação com a cobertura da Guerra do Vietnã, pois as fotos desta última chegaram mais rápido (a do monge budista imolando-se em fogo chegou em menos de um dia para o ocidente) e a televisão já participava de maneira mais contundente.

Grandes Acontecimentos das Guerras

O típico “material” de uma guerra desejado pela imprensa são as grandes e dramáticas batalhas (mesmo quando não são grandes ou dramáticas), as grandes lideranças (mesmo quando os “grandes líderes” não são, necessariamente, grandes) e, infelizmente, os grandes massacres (que são, invariavelmente, grandes e sangrentos). As duas guerras forneceram bastante “material” para a imprensa mundial, inclusive para a brasileira.

Iremos destacar, neste capítulo, apenas algumas batalhas, alguns grandes homens e alguns massacres.

Batalha de Inchon

A Organização das Nações Unidas prontificou-se a montar uma força única para combater na Coreia, iniciativa aprovada imediatamente pela *Folha da Manhã*, pois a

*“significação que assim se emprestaria à reação das potências democráticas seria a de uma verdadeira cruzada internacional em defesa de um Estado injustificadamente agredido com objetivos de conquista e expansionismo.”*¹

A rápida resposta do “mundo democrático” contra a expansão comunista também foi ressaltada positivamente pelo jornal:

*“O episódio dramático e sangrento da Coreia, cujo desfecho o mundo todo aguarda com ansiedade, demonstra, entretanto, uma verdade que deverá contribuir pra refrear os ímpetos agressivos e expansionistas de Moscou: a pronta resposta dada a esse atentado à paz mundial por quarenta nações livres, dispostas a cooperar, sob a égide da ONU, para expulsar os norte-coreanos do território invadido.”*²

Enquanto as forças da ONU ainda estavam sendo montadas, algumas forças norte-americanas já estavam em ação na Coreia. No dia 7 de julho, *O Estado de S. Paulo* destacou que foi “Ordenado por Truman o Bloqueio Naval de Toda a Coreia” e, acompanhando a matéria, também foi publicada uma fotografia sobre o porto de Fuson, “o único que resta para o desembarque de

¹ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 06/07/50, p. 4;

² - op. cit.;

tropas e materiais norte-americanos”.³ A existência de apenas um único porto para um eventual desembarque das forças norte-americanas demonstrava o quanto as forças norte-coreanas já tinham, efetivamente, conquistado territorialmente quase toda a Coreia do Sul.

Ainda nesse dia, a ONU criou o comando unificado na Coreia - o Comando da ONU - , e pediu a nomeação de um oficial norte-americano para chefiá-lo. O presidente Harry Truman, então, nomeou o general Douglas MacArthur para ser o comandante-chefe das forças da ONU na Coreia.

Logo, os acontecimentos do *front* ficariam mais dramáticos: no dia 8 de julho, *O Estado de S. Paulo* destacou que “Truman Autoriza a imediata convocação de 600.000 Homens”. Na manchete menor, a “torcida” do jornal exagerou outra vez: “Consolidam-se as Linhas Norte-Americanas”, e, para demonstrar o seu argumento, também foi apresentado um mapa para demonstrar as linhas dominadas pelas forças norte-americanas.⁴ Nada mais ilusório e enganador, pois a iniciativa da guerra ainda estava nas mãos dos norte-coreanos. No dia seguinte, o mesmo jornal voltou a apresentar uma visão exageradamente otimista: “Favoráveis aos Coreanos do Sul as Notícias de Última Hora”.⁵ Não existia nada de favorável aos “Coreanos do Sul” naquele momento, sendo que o jornal desejava que a situação estivesse menos desfavorável aos sul-coreanos.

A imprensa cobriu os muitos fiascos militares norte-americanos desse início de campanha, sem censura, pois ela simplesmente não existia. Havia um código voluntário para o noticiário de guerra visando preservar o sigilo militar. Mesmo assim, neste momento inicial da guerra a cobertura foi livre.⁶ Essa liberdade, entretanto, foi curta. O exército e o quartel-general do general MacArthur acusaram a imprensa e os correspondentes de “traidores” e começaram a impor as primeiras dificuldades para o trabalho da imprensa. Como o desempenho das forças norte-americanas nesse início de guerra não era mais do que medíocre, o alto-comando militar não queria que tal fracasso fosse espalhado mundialmente pela imprensa.⁷ Um código voluntário para a imprensa foi criado e, depois, ampliado pelo exército para proibir quaisquer críticas a decisões tomadas pelos comandantes. Tal situação era delicada para os correspondentes, pois eles dependiam do exército para as comunicações, transportes, alojamentos, coisas muito difíceis de serem conseguidas na Coreia. O material produzido pelos correspondentes começou a ser menos crítico e

³ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 07/07/50, p. 1;

⁴ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 08/07/50, p. 1;

⁵ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 09/07/50, p. 1;

⁶ - Knightley, Phillip. *A Primeira Vítima*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978;

⁷ - dois correspondentes, Tom Lambert (da *Associated Press*) e Peter Kalischer (da *United Press*), tiveram de sair da Coreia e, quando tentaram voltar, foram proibidos de retornar ao país. Depois de inúmeros protestos, os dois foram liberados pelo próprio MacArthur que lembrou aos dois correspondentes (e a todos, de um modo geral) da sua “importante responsabilidade na questão da guerra psicológica”. Knightley, Phillip. op. cit. p. 426;

mais favorável para as forças norte-americanas, pelo menos nas publicações enviadas para os Estados Unidos. A cobertura da guerra realizada pela imprensa da Inglaterra apresentava diferenças brutais em relação à cobertura realizada pela imprensa norte-americana - os ingleses e suas publicações não perdoavam os erros de MacArthur.⁸

A revista *O Cruzeiro*, na página 4 do número 41, publicou um artigo do colunista Rego Costa que expôs o seu anticomunismo ao criticar o embaixador russo nos Estados Unidos, Andrei Gromyko:

“O comunismo - é notório - é um germe que brota com viço excelente dentro do lado da ignorância. A ignorância é a sequeira (sic) branca dos povos, a cegueira de quem não pode ver além dos próprios limites, de quem não sabe distinguir por si o erro da razão, a justiça da maldade, a verdade da mentira.

Há um provérbio que mistura às mil maravilhas todos esses ingredientes: ‘Ai de quem ensina o caminho errado ao cego!’

Esse provérbio - é russo. Gromyko precisa meditar nêle.”⁹

Mas o grande destaque desse número não foi para a cobertura da guerra, mas sim para a derrota da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo, realizada no Brasil em 1950.¹⁰ Devemos salientar que a Copa do Mundo havia monopolizado grande parte da produção da imprensa brasileira e do interesse do público de um modo geral, apesar da guerra.

Nesse mesmo número, a coluna de Drew Pearson, “Carrossel do Mundo”, uma das mais significativas seções da revista *O Cruzeiro*, realizou uma análise sobre o expansionismo comunista na Coréia, no Irã e em Formosa, argumentando que, caso o “golpe” da União Soviética fracassasse na Coréia, a “compensação” poderia ser um Irã comunista e na consolidação do comunismo chinês em Formosa, sendo que tais situações seriam inaceitáveis para os Estados Unidos e para o mundo ocidental.¹¹ Pearson reafirmou que o momento era tenso ao destacar as palavras do secretário de Estado dos Estados Unidos, Acheson:

“A nossa situação é semelhante à de dois garotos que estão discutindo. Um deles, depois de muito atormentado pelo outro, diz de repente, traçando com o pé um risco no chão: ‘Passe este risco e veja o que lhe acontecerá!’ Já é tempo de fazermos isso com a Rússia!”¹²

⁸ - Stone, I. F. *The Hidden History of the Korean War*. Nova Iorque, Monthly Review Press, 1952;

⁹ - *O Cruzeiro*. Nº 41, Rio de Janeiro, 29/07/50, p. 4;

¹⁰ - op. cit.;

¹¹ - Idem, p. 70;

¹² - Idem, *ibidem*;

Inchon foi a “ultrapassagem do risco” dos Estados Unidos na Coreia. Com uma manobra militar ousada, a guerra mudara de fase, com as forças do comando da ONU tomando a iniciativa estratégica e colocando as forças norte-coreanas na defensiva. O desembarque de Inchon ou a “vitória impossível”, como esta operação militar se tornou conhecida, foi um grande sucesso para MacArthur.¹³

Em compensação, a cobertura dos correspondentes de guerra da “vitória impossível” foi um desastre. Com exceção de quatro chefes de agências internacionais (convidados pessoais de MacArthur a bordo do seu navio de comando, McKinley), que receberam tratamento especial, os outros correspondentes tiveram todo o tipo de inconvenientes.¹⁴ Embora o segredo fosse fundamental para a operação, todos nas bases de comando sabiam o que iria acontecer - a operação era conhecida pelos correspondentes em Tóquio, zombateiramente, como “Operação do Conhecimento Geral” -, e, quando ela começou realmente, foi feita sem consultar as necessidades dos correspondentes.¹⁵

As dificuldades impostas por MacArthur para os correspondentes de guerra foi analisada na coluna de Drew Pearson para *O Cruzeiro*. No seu artigo “MacArthur e os Correspondentes de Guerra”, o autor justificou as razões dessa censura, relacionando-as aos problemas no desenvolvimento da guerra e da necessidade de sigilo para certas operações.¹⁶ O general MacArthur, apesar de todas as imposições e barreiras implantadas pelo próprio, ainda tinha um grande apoio da imprensa norte-americana.

Apesar das todas as dificuldades encontradas pelos correspondentes, a batalha de Inchon recebeu intensa cobertura da imprensa. *O Estado de S. Paulo*, que sempre havia defendido um contragolpe das forças da ONU conseguiu, no mesmo dia dos desembarques em Inchon, publicar o que tanto defendera: “Preparação da Contra-Ofensiva”. Numa manchete menor foi destacado a real importância da escalada de guerra das forças da ONU: “Tremendo Bombardeio sobre o Maior Porto da Coreia - Vasos de Guerra e Aviões da ONU Desferem Arrasador Ataque Contra o Porto de Inchon”. A notícia era muito importante e, para explicar melhor o desenvolvimento da ofensiva, foi publicado, junto a ela, um pequeno mapa da Coreia - fotos sobre o desembarque de Inchon ainda demorariam para chegar.¹⁷

¹³ - s/A. “Vitória Impossível – MacArthur Desembarca em Inchon.” In Coleção “Guerra na Paz” V. 3, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984;

¹⁴ - Knightley, Phillip. op. cit.;

¹⁵ - o resultado da desorganização foi que a primeira leva de correspondentes que acompanharam as tropas de desembarque trabalhavam para revistas (com prazos de entrega de material mais extensos), enquanto que os correspondentes de jornais diários (de prazo imediato) chegaram três dias depois às praias. Knightley, Phillip. Idem;

¹⁶ - *O Cruzeiro*. Nº 46, Rio de Janeiro, 02/09/50, p. 72;

¹⁷ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 15/09/50, p. 1;

O *Correio da Manhã* também destacou a batalha de Inchon. No dia 15 de setembro foi publicado a matéria “Tremendo Bombardeio Aero-Naval de Inchon”, cujo subtítulo era também bastante expressivo: “Os vermelhos temem agora uma velha tática de MacArthur: desembarques à retaguarda.” O uso do termo “vermelhos”, denotando um sentido pejorativo aos comunistas, não era, de forma alguma, neutro – e o *Correio da Manhã* jamais escondeu seu anticomunismo.

Ainda no *Correio da Manhã*, o editorial do dia 16 de setembro, denominado “Cartada”, destacou a ousadia do desembarque de Inchon e que a guerra deveria ser estendida ao Norte:

*“Mac Arthur é tão norte-americano como os fabricantes de automóveis: gosta de desembarques em série... Se o primeiro dá resultado, o segundo não tarda. E o segundo, pelo jeito que o primeiro levou, poderia bem efetivar-se acima do paralelo 38. Aquilo a que a Rússia chama ‘o seu prestígio’, aquilo com que ela e seus seguidores chamam ‘o seu moral’, tudo isso sofrerá um choque irreparável no dia em que a liberdade reinar na Coreia. É pois certo que desesperadamente procurará Moscou remediar ou camuflar esses males. Como? Aonde? A cartada de Mac-Arthur força, a curto prazo, uma resposta a essas perguntas. E as respostas não podem ser muitas, mas podem, algumas, ser muito graves.”*¹⁸

O curioso da cobertura do *Correio da Manhã* foi que, ao contrário dos outros jornais, que destacaram Inchon totalmente, este preferiu mostrar a campanha do candidato Brigadeiro Eduardo Gomes contra Getúlio Vargas. O destaque de capa do dia 17 de setembro foi uma matéria sobre os “44 Mil Quilômetros” percorridos pelo candidato, incluindo um mapa do Brasil apresentando o percurso.¹⁹ Além do anticomunismo, o jornal militava assiduamente também o “antivarguismo”.

Mas os outros meios privilegiaram Inchon. A abertura de uma frente pelas forças da ONU também contou com apoio da *Folha da Manhã*, como podemos perceber pelo editorial “A Segunda Frente Coreana”, publicado no dia 16 de dezembro. O editorial elogiou a iniciativa das forças anticomunistas na Coreia e, logicamente, não deixou de criticar os soviéticos (e, como foi comum de acontecer nesta cobertura de guerra, o jornal não se referiu aos norte-coreanos):

“De qualquer maneira, tudo indica que começou realmente a guerra na Coreia, do ponto de vista das nações democráticas. Passados os instantes iniciais de surpresa, a segunda frente foi aberta. Como

¹⁸ - *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 15/09/50, p. 8;

¹⁹ - *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 17/09/50, p. 1;

*aconteceu na Europa, queremos crer que seja o começo do fim, para as forças totalitárias que o Kremlin instigou a uma aventura insensata.*²⁰

As comparações entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra da Coréia ainda eram mencionadas:

*“Não foi sem motivos, pois, que o desembarque de Inchon causou verdadeiro pânico entre os extremistas. A “nova Dunquerque”, que se teria talvez positivado se os comunistas conseguissem manter a sua ofensiva, parece ter-se transformado assim, para eles, em uma espécie de armadilha, em que se vêem agora ameaçados de extermínio.”*²¹

Ainda no dia 16 de setembro *O Estado de S. Paulo* publicou uma matéria, cuja manchete era “Quarenta Mil Soldados da ONU Desembarcam em Inchon Protegidos pelo Fogo de 261 Vasos de Guerra”, junto com uma fotografia (de arquivo) do porta-aviões “Missouri”.²² MacArthur era visto como um grande e incontestável herói do mundo democrático. Rego da Costa, na sua coluna no *O Cruzeiro*, “MacArthur, o Senhor do Pacífico”, teceu vários elogios ao general:

*“Atualmente, o mundo sabe que o veterano General está nas linhas de frente da Coréia. Até o presente momento, a bandeira americana ainda não se corou de grandes vitórias; (...). Todavia, o largo crédito de que dispõe o estrategista renomado de Bataan, o portador da Legião de Honra da França, recebida das mãos do próprio Maginot - servem-lhe de abono par a esperança lisonjeira de um jeito de armas digno de figurar ao lado das grandes manobras da História.”*²³

A propaganda de MacArthur estava funcionando plenamente e, com a vitória em Inchon, sua popularidade aumentou ainda mais.

No dia seguinte, *O Estado de S. Paulo* confirmou o sucesso da ofensiva de Inchon: “Enquanto as Forças da ONU Entram na Capital da Coréia Desencadeia-se a Ofensiva Geral no Sul da Península”, com fotografia (de arquivo) do responsável pelos ataques, o general Walton Walker.²⁴ O editorial dessa mesma edição, “Em Marcha as Forças da ONU”, elogiou a ação militar das forças da ONU:

²⁰ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 16/09/50, p. 4;

²¹ - *op. cit.*;

²² - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 16/09/50, p. 1;

²³ - *O Cruzeiro*. Nº 48, Rio de Janeiro, 16/09/50, p. 4;

²⁴ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 17/09/50, p. 3;

“... veremos que os fuzileiros navais que assaltaram as praias de Inchon não só vieram por termo à agressão comunista norte-coreana e libertar a península em guerra, mas também feriram, em sua verdadeira fonte, a inspiração do espírito agressivo e libertaram a humanidade do sentimento de angústia que, por força, haveria de dominá-la enquanto não visse retrocederem os inimigos ostensivos e ocultos das Nações Unidas. Numa palavra, Mao Tse e, sobretudo, Stálin terão encontrado, nas últimas 24 horas, farta matéria para meditações.”²⁵

O avanço das forças da ONU fez com que as notícias e editoriais do *O Estado de S. Paulo* ficassem ainda mais otimistas em relação à ação das forças da ONU. No dia primeiro de outubro, o destaque do jornal foi para a manchete “Capitulação Imediata da Coréia do Norte, exige MacArthur”, e, em manchete menor, relatou que “A Artilharia da ONU Dispara contra o Território Norte-Coreano”.²⁶ A guerra, para o jornal, estava praticamente decidida.

O *Medo da Terceira Guerra Mundial* também estava presente na imprensa, apesar da “euforia anticomunista” verificada depois da vitória das forças da ONU em Inchon. O perigo de uma guerra nuclear ainda era sentido - e tal presença ganharia uma crônica de Raquel de Queiroz em *O Cruzeiro*, denominada “A Atomica”.

O medo da própria palavra “atômica” perturbava a cronista:

“É assim que a chamam na Itália, numa só palavra concisa e impressiona: L’Atomica”. Tem personalidade como coisa viva - talvez como um espírito mau. Até seu nome faz medo - e a gente evita dizê-la. Do mesmo jeito que não se diz o nome do príncipe das trevas e se fala a respeito dele por circunlóquios - com medo d que o maldito, se ouvindo chamado, acorra.

E como faz medo, Senhor, como faz medo!”²⁷

As fortes imagens da bomba atômica em ação foram utilizadas pela cronista para realçar o clima de medo e de terror que esta mesma bomba estava produzindo no momento:

“(...) L’Atomica - hoje é o símbolo universal da guerra. Tudo - canhões e bazookas, e generais e submarinos - tudo é simbolizado pela palavra terrível e menos ainda do que pela palavra, pelo desenho do cogumelo de fogo, sobrevoando uma cidade ou um exército.”²⁸

²⁵ - op. cit.;

²⁶ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 01/10/50, p. 1;

²⁷ - *O Cruzeiro*. Nº 51, Rio de Janeiro, 07/10/50, p. 130;

²⁸ - op. cit.;

A euforia do avanço das forças da ONU sobrepujava qualquer risco de uma guerra atômica. No dia 22 de outubro, *O Estado de S. Paulo* publicou a matéria “Sob o Cerco Aliados Grande Parte das Forças Norte-Coreanas” e em manchete menor: “Proxima-se (sic) o Fim da Guerra”, afirma MacArthur”.²⁹ Logo, o cerco é fechado: no dia 24, o mesmo jornal publica matéria com o título: “Os Norte-Coreanos Estabelecem sua Última Linha de Defesa”.³⁰ As forças da ONU já estavam no território da Coreia do Norte.

Mas o avanço das forças da ONU acabou sendo interrompido. O mesmo *O Estado de S. Paulo* publicou, no dia 25 de outubro, uma alteração no tom otimista das manchetes: “Aviões da ONU Atacados pela Artilharia Chinesa”.³¹ E a guerra mudava de foco.

A Entrada da China na Guerra da Coreia

O objetivo básico das forças da ONU, quando da sua criação, era o de repelir a invasão sofrida pela Coreia do Sul e obrigar as forças invasoras da Coreia do Norte a recuarem até o paralelo 38. Tal objetivo estava sendo realizado com sucesso, pois o avanço das forças da ONU era incontestável: o exército norte-coreano, aparentemente, estava em frangalhos e não oferecia maiores resistências.

Uma curiosa reunião entre Truman e MacArthur ocorreu na ilha de Wake. Os dois homens nunca tinham se encontrado até então e, pelo ponto de vista de Truman, seria uma forma de “dominar” MacArthur. Mas os resultados dessa reunião não foram os esperados por Truman (que viajou 12 mil milhas para ter apenas uma hora de entrevista): MacArthur convenceu o presidente de que os chineses não entrariam em combate contra as forças da ONU, mesmo numa invasão destas na Coreia do Norte. Implicitamente, MacArthur entendeu que Truman o estaria “liberando” para atacar a Coreia do Norte.³²

Mas a derrocada das forças comunistas era apenas aparência. O rápido avanço das forças da ONU deveu-se, primordialmente, por não encontrar resistência: as forças norte-coreanas recuavam rapidamente, evitando grandes contatos com o inimigo, reagrupando-se na retaguarda e

²⁹ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 22/10/50, p. 1;

³⁰ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 24/10/50, p. 1;

³¹ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 25/10/50, p. 1;

³² - de acordo com E. N. Dzelepy: “As informações procedentes de várias fontes norte-americanas afirmavam que em Wake se adotara uma decisão acerca da distância a que se manteriam das fronteiras manchu e russa as forças das Nações Unidas. Essas informações eram interessantes, sobretudo, porque indicavam que a questão da Manchúria fora examinada na entrevista de Wake. Mas o verdadeiro resultado desse exame viu-se alguns dias mais tarde, depois do regresso de Mac Arthur a Tóquio: a 21 de outubro impartia ordem às suas tropas de alcançar, o mais rápido possível, a fronteira de Manchúria.” Dzelepy, E. N. “*Porque se Luta em Coreia - Mac*

preparando-se para futuras ofensivas. Logo, as forças norte-coreanas se deslocariam para dentro do território chinês.³³ O apoio chinês aos norte-coreanos tornaria-se mais evidente a partir deste momento da guerra.

O governo de Pequim assistia o avanço das forças da ONU dentro do território da Coreia do Norte com preocupação. Dentro da lógica da Guerra Fria, os chineses estavam encarando o outro lado (no caso, os Estados Unidos e seus aliados) como um inimigo ardiloso, perigoso e sempre desejando a sua destruição.³⁴ Nesse sentido, Stalin nem precisava criar um clima de “atrito” entre os Estados Unidos e a China, pois os governantes chineses acreditavam que seu país estava sendo ameaçado pelos Estados Unidos.³⁵

Alguns dias depois da invasão das forças sul-coreanas no território da Coreia do Norte, a Assembléia Geral da ONU votou a favor da restauração da paz e da segurança em toda a Coreia - dando aprovação tácita à entrada das forças da ONU na Coreia do Norte. E, oficialmente, em 9 de outubro, as tropas norte-americanas cruzavam o paralelo. Entretanto, antes mesmo desta resolução, MacArthur já havia mandado as forças da ONU invadirem a Coreia do Norte - mais uma vez o general tinha tomado a dianteira e tomado uma decisão importante sem consultar o presidente Truman ou a ONU. Restou para estes dois últimos apenas confirmarem um fato já consumado.³⁶ A

Arthur e a Questão da Coreia/O 'Pearl Harbour de Mac Arthur.' In Dzelepy, E. N. e Stone, I. F. A Verdade Sobre a Guerra da Coreia. Rio de Janeiro, Editorial Andes, s/D, p. 86;

³³ - Dzelepy, E. N. op. cit.;

³⁴ - de acordo com Henry Kissinger: “A Mao Tse-tung, recém saído do seu triunfo na guerra civil chinesa, as declarações de Truman estavam fadadas a parecer como a imagem espelhada da apreensão da América de uma conspiração comunista: ele interpretou-as como o passo inicial de uma tentativa americana de reverter a vitória comunista na guerra civil chinesa. Ao proteger Taiwan, Truman apoiava aquilo que a América reconhecia como o governo legítimo chinês. O programa aumentado de ajuda no Vietnã pareceu a Pequim como um cerco capitalista. Tudo contribuiu para fornecer a Pequim o estímulo de fazer o oposto daquilo que a América consideraria desejável: Mao tinha razões para concluir que, se ele não parasse a América na Coreia, talvez tivesse que lutar contra a América em território chinês; na melhor das hipóteses, ele não teve nenhum outro motivo para pensar de outra maneira.” Kissinger, Henry. Diplomacia. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997, pp. 567-568; os chineses sempre desconfiaram dos norte-americanos. As grandes guerras enfrentadas pelos chineses contra o imperialismo inglês quase sempre foram mediadas pelos Estados Unidos que sempre tiravam grandes vantagens para os ingleses e para si, estimulando o ódio dos chineses em relação aos Estados Unidos. Kennan, George. American Diplomacy. Nova Iorque, Mentor Book, 1951;

³⁵ - até que ponto essa visão dos comunistas em relação aos Estados Unidos estava correta? Era uma lógica mais do que pertinente, pois a “perda da China” era um tema que ainda provocava discussões acaloradas em muitos grupos políticos dentro dos Estados Unidos, em particular em vários setores da direita, temerosa de uma eventual expansão soviética na Ásia. Dentro deste temor em relação à China, os norte-americanos procuravam marginalizar o país da comunidade internacional (tendo conseguido, inclusive, impedir a entrada do país na ONU), além de estarem protegendo Taiwan (ou seja, a ilha de Formosa, para onde foram os dirigentes nacionalistas derrotados pelos comunistas na revolução). Os chineses, dentro desse quadro, procuravam meios de defesa, principalmente nas suas fronteiras. Uma dessas regiões fronteiriças era justamente a Coreia, cujo flanco da Manchúria tinha cerca de 800 quilômetros de extensão. Quando tropas da ONU invadiram a Coreia do Norte e chegavam perto das suas fronteiras, os chineses reafirmaram o seu apoio aos norte-coreanos, até então limitado ao fornecimento de armas e provisões. Logo, a intervenção direta chinesa na guerra tornou-se inevitável. Kissinger, Henry. op. cit.;

³⁶ - Dzelepy, E. N. op. cit.;

resposta chinesa viria por volta do dia 25 de outubro. Deste momento em diante, as forças da ONU começariam a ser rechaçadas por tropas chinesas.

A ofensiva chinesa na Coreia pegou de surpresa a imprensa brasileira. A manchete principal da *Folha da Manhã* do dia 28 de outubro demonstrou a tensão do momento:

*“Anunciada a Penetração de Poderosos Contingentes Comunistas Chineses no Território Norte-Coreano - Quarenta mil soldados procurariam impedir a ocupação das usinas hidroelétricas do rio Yalu pelos aliados.”*³⁷

Havia muitas dúvidas sobre o caráter e a extensão da intervenção chinesa, pois, ainda na capa dessa edição, um outro subtítulo alertava: “Conselheiros Militares Soviéticos Acompanhariam os Invasores”, referindo-se a oficiais soviéticos que estariam comandando tropas chinesas.³⁸ Os tais de “conselheiros soviéticos” jamais existiram (pelo menos não da maneira como o jornal se referiu, como veremos mais adiante), mas tal detalhe pouco importava para o jornal, que defendia, de maneira intransigente, a idéia de uma liderança ditatorial soviética nos países comunistas, inclusive (e principalmente) na China.³⁹

A dinâmica da guerra estava alterada. O “otimismo” anterior foi substituído pelo horror. Um editorial publicado pela *Folha da Manhã*, nesse mesmo dia, procurou demonstrar que a tensão internacional estava ganhando proporções perigosas:

*“A situação internacional parece ter chegado ao seu ponto de resolução: a paz ou a guerra. Segundo os últimos telegramas, os comunistas chineses, insuflados pela União Soviética, pretendem levar avante o seu ato de agressão. É evidente que as Nações Unidas não poderão recuar diante dessa nova ameaça.”*⁴⁰

O Medo da Terceira Guerra Mundial estava em evidência:

*“À hora em que estão sendo lidas estas linhas, o presidente Truman já deverá ter encarecido a necessidade de se declarar o estado de emergência nos Estados Unidos. Assim, a não ser que surjam outros fatores imprevisíveis, pode-se afirmar que o mundo se acha às vésperas de uma terceira guerra geral.”*⁴¹

³⁷ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 28/10/50, p. 1;

³⁸ - op. cit. p. 4;

³⁹ - boatos que geram esse tipo notícia são conhecidos, no jargão jornalístico, como “barriga”. Bahia, Juarez. *Jornal, História e Técnica - História da Imprensa Brasileira*. 4. ed., São Paulo, Ática, 1990;

⁴⁰ - *Folha da Manhã*. op. cit., p. 4;

As referências quanto à Segunda Guerra Mundial ainda eram freqüentes, assim como “culpar” a União Soviética dos problemas mundiais:

“Verificada essa hipótese, a União Soviética e seus satélites terão de enfrentar a ação militar conjugada de todo o mundo democrático. Essa é, ao que tudo indica, a única linguagem que os homens do Kremlin se mostram capazes de entender. A experiência de Hitler e Mussolini não lhes serviu de lição.”⁴²

Até 3 de novembro, os ataques chineses foram intensos. No dia 6, os chineses romperam contato, quase que desaparecendo. A proximidade das forças da ONU na Manchúria, região onde concentrava-se o seu maior parque industrial, além dos riscos de MacArthur comandar uma invasão no seu território, fez com que a China enviasse tropas para alertar as forças da ONU de que não aceitaria passivamente sua presença próximo das suas fronteiras. Depois deste “aviso”, as forças chinesas voltaram para o seu território e ficaram esperando a reação das forças da ONU. MacArthur resolveu manter a ofensiva. No dia 28 de setembro, quase todas as forças da ONU estavam cercadas. As “hordas chinesas”, maneira como MacArthur se referia ao gigantesco número das forças chinesas, entraram na guerra - definitivamente.⁴³

O avanço das forças chinesas foi surpreendente – e mais surpreendente ainda foi a retirada das forças da ONU. As “fugas” do Décimo Corpo e do Oitavo Exército foram desesperadas, mas as forças comunistas chegaram nas suas posições apenas alguns dias depois destas evacuações terem sido efetivadas. Tal “desespero” por causa das “hordas chinesas” chamou a atenção de muitos analistas militares e dos jornalistas que cobriam a guerra. I. F. Stone argumentou que essa rápida e desesperada fuga foi exagerada pois, além do número de chineses nos combates ter sido propositalmente aumentados pelos serviços de inteligência das forças da ONU, os ataques não foram tão intensos assim e não justificavam uma fuga daquele porte. Para E. N. Dzelepy (e também para I. F. Stone), essa fuga foi mais uma das artimanhas do general MacArthur: impressionando a opinião pública mundial (e a norte-americana, em particular), poderia conseguir

⁴¹ - Idem;

⁴² - Idem, *ibidem*;

⁴³ - nunca se soube o número exato das “hordas chinesas”. MacArthur chegou a dizer que se constituíam em 600 mil homens, entre outros números ditos sem maiores estudos. Talvez a tese de E. N. Dzelepy e de I. F. Stone de que tropas chinesas atuaram apenas na “resposta” de outubro e que as batalhas posteriores foram conduzidas por uma maioria de norte-coreanos, reagrupados e rearmados pelos chineses, seja muito exagerada, pois tropas chinesas participaram efetivamente das ações desta fase em diante da guerra, e com um número considerável de combatentes. Mas, mesmo assim, as “hordas” foram muito menores do que os analistas militares tinham avaliado na época. Michael Davidson, correspondente do *Observer*, fez uma pergunta irônica numa das suas reportagens: “Quer fazer o favor de nos informar quantos batalhões chineses integravam uma horda, ou vice-versa?” Dzelepy, E. N. e Stone, I. F. op. cit.; e Knightley, Phillip. op. cit., p. 433;

autorização de Truman e da ONU para revidar os ataques chineses com bombas nucleares, inclusive no próprio território chinês.⁴⁴ Era o “Pearl Harbour” de MacArthur, criado pelo general para justificar uma Terceira Guerra Mundial.⁴⁵ A imprensa brasileira desconsiderou esse enfoque.

A guerra alterara-se e seus dramas começaram a ganhar maiores dimensões na imprensa brasileira, como num telegrama enviado pelo fotógrafo da revista norte-americana *Life*, David Douglas Duncan, publicado na seção “Um Fato em Foco”, do *O Cruzeiro*:

“Acabo de encontrar dois médicos enviando ataduras na cabeça de uma mulher coreana que, ignorando as precauções tomadas pelo exército mandando evacuar as populações civis das zonas de batalha, permaneceu em sua casa. Ela estava com fragmentos de bombas comunistas encavados na cabeça. Enquanto os médicos trabalhavam, seu “baby” mamava tranqüilamente. Na mesma ocasião, um vizinho aproximou-se do local e pronunciou palavras em coreano. A mulher sacudiu lentamente a cabeça e em seus olhos avolumou-se a angústia - outro filho seu morrerá em consequência da explosão da mesma bomba.”⁴⁶

E, para realçar o drama descrito no telegrama, foi publicado junto a ele uma foto de página inteira com a mulher de cabeça enfaixada, sendo atendida enquanto amamentava o filho que sobreviveu. Denúncias de “atrocidades comunistas” como a que foram apresentadas acima eram comuns. Mas as atrocidades não eram um monopólio do lado comunista: foram feitos massacres pelos dois lados da guerra, como nos afiança Bruce Cumings.⁴⁷

O Estado de S. Paulo também retratou o clima de derrota das forças da ONU com a entrada das forças chinesas, mas utilizou-se de notícias vindas dos Estados Unidos. Na edição do dia primeiro de dezembro, apesar do destaque principal ter sido a notícia com a manchete “Cumpriremos até o Fim Nossos Compromissos na Coréia, diz Truman”, esta acabou perdendo a importância para uma outra notícia menor em termos espaciais, porém mais representativa sobre a dramaticidade do momento: “Ameaça Direta ao Comunismo Agressor - O Presidente dos Estados Unidos Declara que a Bomba Atômica Será Empregada se Necessário”:

⁴⁴ - Dzelepy, E. N. e Stone, I. F. Idem;

⁴⁵ - Dzelepy defendeu que “Para o general Mac Arthur sua ofensiva devia conduzir, de todas as maneiras, à guerra com a China. Se os chineses faziam bluff, seria a prova de que os Estados Unidos nada tinham a temer desse lado e que se podiam permitir tudo contra a China comunista, e empregar a fundo e até suas últimas consequências sua política “de força”. Se, pelo contrário, os chineses não se escondiam e aceitavam o desafio de Mac Arthur, então o comandante em chefe das Nações Unidas podia mostrar “premeditação” chinesa e facilitar-lhe de ter obrigado Pequim a mostrar o seu jogo.” Dzelepy, E. N. Idem, ibidem, p. 113;

⁴⁶ - *O Cruzeiro*. Nº 4, Rio de Janeiro, 11/11/50, pp. 78 e 79;

“O presidente Truman fez pesar sobre os comunistas na Coréia a ameaça do emprego da bomba atômica contra os exércitos vermelhos, depois de ter lido para os jornalistas a declaração escrita sobre a crise mundial. Foi esta a primeira vez, desde o bombardeio de Hiroshima, a 6 de agosto de 1945, que o presidente dos Estados Unidos falou publicamente na eventualidade de novo emprego da bomba atômica.”⁴⁸

Foi o momento mais grave da guerra, pois as ameaças do uso de armas atômicas, o que provocaria uma Terceira Guerra Mundial, deixaram de ser apenas especulação: tais ameaças poderiam ser concretizadas a qualquer momento. Bruce Cumings afirma que o perigo foi bastante real, tanto que uma série de reuniões da cúpula política e militar foram realizadas e o assunto foi seriamente considerado.⁴⁹ MacArthur talvez desejasse abrir caminhos para a Terceira Guerra Mundial e exterminar o comunismo na face da terra, mas não era uma posição majoritária. O governo norte-americano sabia que, nos primeiros ataques chineses às tropas da ONU, cerca de 150 aviões da força aérea chinesa eram, na verdade, da União Soviética, sendo, inclusive, pilotados por pilotos soviéticos, que vestiram uniformes chineses.⁵⁰ Tal informação foi guardada em segredo pois ela poderia efetivamente provocar uma Terceira Guerra Mundial.⁵¹ Truman recusou-se a usar o artefato atômico e começou a impor a sua hierarquia sobre o general.

No dia 7 de dezembro outro editorial do *O Estado de S. Paulo*, “Os Dois Mundos”, deixava a *Divisão Bipolar do Mundo* mais evidente na ótica do jornal:

“O ideal de um mundo só, que reacendeu ao fim da segunda grande guerra, distancio-se de novo, não sabemos para que recuados tempos, depois que o Ocidente e o Oriente se definiram em campos opostos, com muitos matizes, mas fixado em dois mundos em choque, com um polo em Washington, outro em Moscou. Nesse quadro universal, a Coréia é um pequeno pormenor, importante e agudo quanto quiserem, mas não passando de um nó da rede de pontos de atrito que se estende por sobre toda a terra.”⁵²

⁴⁷ - Cumings, Bruce. *Korea's Place in the Sun – a Modern History*. Nova Iorque, Londres, W.W. Norton & Company, 1997;

⁴⁸ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 01/12/50, p. 1;

⁴⁹ - Cumings, Bruce. op. cit.;

⁵⁰ - Hobsbawn, Eric J. *A Era dos Extremos - o Breve Século XX, 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995;

⁵¹ - o apoio soviético era total, mesmo que discreto. Patrick Lescot, contando a história de quatro militantes comunistas, é bastante enfático quanto a este ponto: “Falava-se em centenas de milhares de mortos nas fileiras dos ‘voluntários’ chineses. Stálin equipava dos pés à cabeça os homens de Kim Il-sung e os de Mao, mas evitava o confronto direto com os americanos.” Lescot, Patrick. *O Império Vermelho - a História de Quatro Militantes Comunistas Unidos pela Paixão e pelo Terror (1919-1989)*. São Paulo, Objetiva, 2000, p. 428;

⁵² - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 07/12/50, p. 3;

Para encerrar, o editorial complementou que o Brasil precisava ser bem administrado para resolver seus sérios problemas internos, até mesmo para se evitar a idéia de que um regime comunista poderia fazê-lo - e o país não poderia dar-se ao luxo de esperar auxílio internacional contra a “infecção soviética”, mesmo sendo útil caso esse auxílio viesse eventualmente. Para tal, era necessário utilizar nossos recursos com inteligência e esforço.⁵³ Mais uma vez a Guerra da Coréia foi utilizada para críticas a uma eventual expansão do comunismo no Brasil.

Em dezembro, no *O Cruzeiro*, o artigo “Paz”, de Maria Cecília, pede que as pessoas pensem nesse Natal menos na guerra e mais no “espírito cristão”. Mesmo este “espírito cristão” não poderia deixar de atacar o comunismo. Comentando a crise pelos quais passavam Inglaterra e França, a autora ressaltou:

*“Mas as fontes vitais estão cansadas e há, além disso, a ameaça permanente do comunismo que se espalha, como um polvo, prendendo com seus tentáculos, um a um, os povos enfraquecidos.”*⁵⁴

Não poderia haver tréguas contra o comunismo em momento algum.

O início de 1951 parecia desesperador para as forças da ONU e a imprensa brasileira retratou esse desespero. No dia 3 de janeiro, a manchete principal da *Folha da Manhã* foi bastante reveladora: “Em pleno desenvolvimento a ofensiva de inverno das forças sino-coreanas”.⁵⁵ O desespero aumentou no dia seguinte: “Abandonam Seul as Tropas Aliadas”, sendo que esta manchete foi complementada por uma outra, “Em Chamadas a Antiga Capital Sul-Coreana - Intensifica-se a Ofensiva Comunista”.⁵⁶

O correspondente Alex Valentine, da “Reuter’s”, declarou que Seul encontrava-se num inferno. David Duncan, fotógrafo da revista *Life*, talvez tenha captado melhor o espírito das forças da ONU com a entrada dos chineses na guerra: fotografou um exausto fuzileiro norte-americano arrancando seu desjejum de uma lata de feijões gelada. O fotógrafo perguntou-lhe o que queria para o Natal e o fuzileiro respondeu: “Me dê amanhã”.⁵⁷

Drew Pearson, agora bem menos otimista em relação ao desenvolvimento da guerra favorável às forças da ONU, transcreveu, no artigo “O que os Chineses Pensam dos Americanos”, um boletim chinês que falava sobre os norte-americanos:

⁵³ - op. cit.;

⁵⁴ - *O Cruzeiro*. Nº 7, Rio de Janeiro, 09/12/50, p. 3;

⁵⁵ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 03/01/51, p. 1;

⁵⁶ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 04/01/51, p. 1;

⁵⁷ - Knightley, Phillip. op. cit., p. 433;

“Os soldados norte-americanos perdem com facilidade a sua vontade de lutar quando se vêem cercados e rendem-se rapidamente ou livram-se do seu equipamento na esperança de poder fugir. Quando avançam, só o fazem com rapidez enquanto podem seguir as estradas nos seus veículos. Quando saltam destes e abandonam o caminho, o sibilar das balas os faz bater em retirada. Quando estão na defensiva é fácil fazê-los bater em retirada, atacando-lhes os flancos com um contingente reduzido. Desorganizam-se então e só pensam em salvar a pele. As tropas dos Estados Unidos não são agressivas. Quando ficaram cercados em Unsán durante quatro dias, nada fizeram. Acovardaram-se ao ouvir os tiros.”⁵⁸

A “covardia” norte-americana não iria durar muito tempo e as forças da ONU iriam tomar a iniciativa, levando as batalhas até a altura do paralelo 38. Logo, para surpresa mundial, o general Douglas MacArthur seria destituído do seu posto pelo presidente Truman.

A Queda do General MacArthur

Nessa altura da guerra, as possibilidades de negociações de paz começavam a se tornar mais efetivas. No governo norte-americano existiam dúvidas de como enfraquecer a influência chinesa na Coreia, o que poderia facilitar as negociações. MacArthur queria invadir a Coreia do Norte outra vez, derrotar as tropas norte-coreanas e cortar a influência chinesa definitivamente, mesmo que tivesse de atacar o território chinês - inclusive com artefatos nucleares. O presidente Truman discordava de MacArthur, querendo a negociação entre as partes, pois, de outra forma, poderia provocar a entrada dos soviéticos no conflito e, conseqüentemente, uma Terceira Guerra Mundial.

Tais divergências escondiam as diferenças de objetivos gerais entre eles: MacArthur não gostava de ter suas funções militares reduzidas por questões políticas, pois, dentro da sua lógica, uma vez iniciada uma guerra, era imperativo lutar até o fim; Truman, por sua vez, não queria saídas militares em áreas onde a política poderia resolver. A diferença básica entre ambos era que MacArthur encarava o comunismo como um inimigo a ser destruído, enquanto que Truman não queria destruir o comunismo, pelo menos não com uma guerra mundial, mas apenas limitá-lo.

Por volta de março e abril de 1951, numa carta enviada ao senador Joe Martin, líder da minoria republicana no Congresso, as opiniões de MacArthur tomaram-se claras. A carta foi lida no Congresso no dia 5 de abril, tendo como grande destaque a passagem abaixo:

⁵⁸ - *O Cruzeiro*. Nº 18, Rio de Janeiro, 24/02/51, p. 72;

“Parece estranho que certas pessoas não percebam ter sido aqui, na Ásia, que os conspiradores escolheram para iniciar sua investida para a conquista do planeta. Aqui estamos travando com armas a guerra da Europa, enquanto os diplomatas continuam lutando com palavras; se perdermos a guerra para o comunismo, a queda da Europa é inevitável. Precisamos vencer. Não há alternativa.”⁵⁹ (grifos meus)

Era praticamente impossível, mesmo que a Ásia inteira fosse dominada pelos comunistas de uma única vez, que qualquer ameaça mais contundente na Europa fosse realizada, pois a União Soviética não tinha forças suficientes para tal. Mesmo os grandes países comunistas “aliados”, a China e a União Soviética, não se entendiam harmoniosamente, principalmente na questão coreana: os soviéticos estavam pedindo negociações de paz desde a entrada de tropas chinesas no conflito, algo sempre descartado pelos dirigentes chineses.⁶⁰ Mesmo assim, a idéia de que existia um inimigo vil e ardiloso que tinha de ser vencido de todas as formas em todos os lugares sempre prevalecia.

Na carta de MacArthur está escrita a expressão “certas pessoas”, o que era uma referência muito pouco sutil ao presidente Truman. As diferenças tomadas públicas foram a gota d’água para o presidente: em 11 abril de 1951, Truman demitiu o general MacArthur. Para o seu lugar foi chamado o general Ridgway.

A *Folha da Manhã* destacou a deposição de MacArthur ainda no dia 11 através de telegramas fornecidos pela *United Press*:

“Última Hora

Mac Arthur destituído do comando das forças da ONU

Truman anuncia a sensacional decisão

- Ridgway, o substituto

Washington, 11 (U.P.) - URGENTE -

- O presidente Truman acaba de destituir Mac Arthur.

De Todas as Funções

Washington, 11 (U.P.) - URGENTE -

O presidente Truman destituiu hoje o general Mac Arthur de todas as suas funções no Extremo Oriente, “devido à sua incapacidade de dar toda a sua cooperação às normas do governo”.

Ridgway, o Substituto

Washington, 11 (U.P.) - URGENTE -

O presidente Truman designou o tenente-general Matthews Ridgway, atual comandante do 8.º Exército na Coréia, para substituir Mac Arthur no supremo comando das forças da ONU.”⁶¹

⁵⁹ - extraído de: s/A. “Política Versus Armas - Truman Derruba o Invencível MacArthur.” In Coleção “Guerra na Paz”, V. 1, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 208;

⁶⁰ - Halloway, David. *Stalin e a Bomba*. Rio de Janeiro, Record, 1997;

⁶¹ - *Folha da Manhã*. São Paulo. 11/04/51, p. 1;

A pressa da publicação desse “furo” foi tão grande que o jornal acabou dando duas escritas para o nome do substituto de MacArthur: Ridgeway e “Radegway”.

O *Correio da Manhã* também noticiou a queda de MacArthur. No dia 12 de abril, a notícia com o título de “Truman Destituiu Mac Arthur de Todos os Comandos” destacou:

“O presidente Truman demitiu Mac Arthur dos postos de comando que ocupava, e nomeou para o substituir o general Matthew Ridgway, atual comandante do VIIIº Exército.

Anunciou a demissão em entrevista à imprensa, às 6 da manhã, Truman disse que os comandantes militares têm de se deixar governar pelas diretrizes políticas de seus governos, particularmente em tempo de crise.”⁶²

No editorial “Demissão”, desta mesma edição, o articulista argumentou que:

“Devem estar contentes todos aqueles para os quais a pessoa de Mac Arthur representava o perigo de guerra imediata, o militarismo desafiante, um homem com atitudes antipolíticas no cinema, e mais tarde as coisas que a propaganda bolchevista dizia dele. Num gesto simpático, - simpático, sobretudo porque assim arrisca, e deve sabê-lo, as suas possibilidades de sonhada reeleição – o Presidente Truman destituiu Mac Arthur de todos os seus cargos e encargos. É, ao menos, uma posição clara. O seu ângulo menos feliz é o de ter falado em nome da ONU quando a ONU não falou; de certo modo, o bom presidente Truman superou assim Luiz XIV, atirando bruscamente à face do orbe esta demonstração imprevista:

‘- A ONU, o sou!’

(...)

“A política de MacArthur era a única que poderia evitar a guerra ou aceitá-la como deveria ser aceita, isto é, prevenendo-a.”⁶³

Nem toda a imprensa brasileira concordava com o teor deste editorial. A *Tribuna da Imprensa* noticiou a queda do general no dia 11 de abril com a manchete “Por Desobediência Demitido o General MacArthur”, acompanhada por uma pequena foto do general, que ilustrava a notícia.⁶⁴ Na sua sessão de notícias internacionais, “Um Dia no Mundo”, o destaque para a destituição do general foi considerável:

“Mac Arthur não foi destituído por ausência de capacidade militar. Embora tivesse, segundo os especialistas, cometido alguns erros na Coréia, mas foi a sua ausência de flexibilidade política, a sua

⁶² - *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 12/04/51, p. 1;

⁶³ - *op. cit.*, p. 8;

⁶⁴ - *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 11/04/51, p. 1;

tendência a ver tudo sob o ângulo estritamente militar, a sua concepção de força - em face da China, a sua incompatibilidade com a orientação do Departamento de Estado, que em última análise conduziram a essa solução.

*Venceu o controle civil sobre as decisões militares ou seja a democracia.*⁶⁵

A coluna foi publicada como uma folha datilografada e apresentando a assinatura com letras de mão de seu titular, Paulo de Castro. Essa apresentação gráfica, bem diferente da apresentada pelo resto do jornal, foi construída para dar o efeito de uma notícia chocante e surpreendente - efeito muito bem utilizado, pois não deixava de ser mesmo uma notícia chocante e surpreendente para a maioria do público. E o conteúdo concordava plenamente com a decisão de Truman, pois MacArthur havia desrespeitado a hierarquia do poder norte-americano, embora não tenha sido a primeira vez que ele o fizera, como já mostramos.

O Estado de S. Paulo noticiou a queda de MacArthur no dia 12: “Truman Explica as Razões da Demissão de MacArthur e Reafirma a Política de Firmeza dos Estados Unidos”, ressaltando a incompatibilidade entre o poder presidencial supremo e as idéias de MacArthur.⁶⁶ No editorial, “Mac Arthur, um Episódio”, publicado nessa edição, a queda do general foi discutida mais profundamente. O editorial argumentou que tal atitude de Truman provocou repercussão dentro e fora dos Estados Unidos, mas que foi necessária por dois motivos: 1º - inconveniência hierárquica (“tomado (MacArthur) de complexo cesarista, presume que as vitórias lhe atribuem prerrogativas de exceção quer em relação ao comando superior, quer no que tange à política nacional”), sendo que Truman fez o que pode, chegando a conferenciar e dar advertências a ele; 2º - problemas técnicos, pois MacArthur queria ultrapassar a fronteira Manchú, usada de linha de fuga pelos comunistas, mesmo que entrando em guerra direta com chineses e soviéticos, que era uma alternativa que Truman e os aliados não queriam. O editorial encerrou afirmando que:

*“Afiml, queremos apenas acrescentar que, a julgar pelas primeiras notícias, a demissão de Mac Arthur repercutirá de maneira favorável em todo o mundo, mas será causa, senão duma verdadeira agitação, ao menos de intensas comoções políticas nos Estados Unidos.”*⁶⁷

O editorial errou: não existiu a turbulência política nos Estados Unidos. Embora MacArthur fosse popular, suas idéias para a manutenção da guerra não eram compartilhadas com a

⁶⁵ - op. cit., p. 3;

⁶⁶ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 12/04/51, p. 1;

⁶⁷ - op. cit., p. 3;

maioria dos eleitores norte-americanos: vários candidatos indicados por MacArthur foram rejeitados em várias eleições.⁶⁸ Os norte-americanos estavam cansados da guerra e a queriam terminada logo.

Tal sentimento foi destacado no *Correio da Manhã* do dia 12, apesar do editorial já mencionado anteriormente. Na capa, a matéria cujo título era “Abala o mundo a demissão de Mac Arthur”, argumentou que existia uma queda de popularidade dos democratas, muito devido a críticas à Truman pelos Republicanos, pois a “*política de Mac Arthur tem talvez apoio sólido nos meios republicanos; mas a guerra da Coréia não é popular entre o povo.*”⁶⁹

O impasse nos campos de batalha atingiria o governo Truman de uma maneira letal: sem poder apresentar uma saída satisfatória para o conflito, além de ser muito pressionado por lideranças pró-MacArthur (mesmo que sem muita popularidade), Truman anunciou que não iria concorrer à reeleição. A guerra “venceu” Truman.

Logo iriam começar efetivamente as negociações de paz na Coréia.

Situações dramáticas e violentas também ocorreriam na Guerra do Vietnã.

Ia Drang

Na imprensa brasileira as análises sobre a Guerra do Vietnã começaram a ocupar espaços cada vez maiores depois de 1965 que, aliás, abriria com uma importante batalha, a de Binh Ghia. O Vietcong atacou bases militares nesta cidade, infringindo pesada derrota ao Exército do Vietnã do Sul, com 121 mortos e, dentre estes, 18 “conselheiros” norte-americanos, o maior número de baixas dos Estados Unidos até então. A *Folha de S. Paulo* destacou a batalha e o aumento de tropas do Vietnã do Sul nos dias seguintes.⁷⁰ Tais esforços se mostrariam inúteis, pois não conteriam a derrota. Mas seus desdobramentos seriam de grande importância.

A mesma *Folha de S. Paulo* noticiaria algo importante: os soviéticos anunciaram que, caso os norte-americanos não saíssem do Vietnã do Sul, eles iriam auxiliar o Vietnã do Norte, o que poderia levar a um confronto direto e, conseqüentemente, a uma Terceira Guerra Mundial.⁷¹ Até então, a posição soviética, sob a liderança de Krushev, pretendia conseguir uma saída negociada do conflito, considerando as possibilidades de uma política de “Coexistência Pacífica”

⁶⁸ - E. N. Dzelepy ficou surpreso com a facilidade com que MacArthur foi deposto e, apesar de grandes manifestações iniciais de repúdio ao ato de Truman, não ocorreram maiores incidentes no decorrer do ano de 1951, sendo que o general, logo, seria colocado no ostracismo. Dzelepy, E. N. “*Nota Final – A Lição da Coréia.*” In Dzelepy, E. N. e Stone, I. F. op. cit;

⁶⁹ - *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 12/04/51, p. 1;

⁷⁰ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 02/01/65, p. 2; e *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 03/01/65, p. 2;

⁷¹ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 04/01/65, p. 2;

com os Estados Unidos. A pressões internas sofridas por Kruschchev (que resultariam na sua queda e na ascensão de Leonid Brezhnev) alteraram essa orientação, o que explica essa mudança de apoio.

Estudantes sul-vietnamitas e budistas prepararam manifestações contra o governo, enquanto tropas governamentais sofriam derrota em Binh Ghia. As manifestações foram grandes, desobedecendo à lei marcial. O Departamento de Estado dos Estados Unidos procurou minorizar a importância das manifestações estudantis e religiosas, tentando mostrar que as informações vinculadas pela imprensa exageravam o número de manifestações e de manifestantes envolvidos.⁷² Como podemos perceber, as divergências com a imprensa eram uma constante, e prosseguiriam nos anos seguintes.

Tais circunstâncias indicavam que a guerra estava longe de ter uma saída pacífica negociada. Newton Carlos, na *Folha de S. Paulo*, especificou que a escalada da guerra (ou seja, a intensificação progressiva do esforço de guerra) era geral, com ambos os lados atuando neste sentido, levando a crise do Vietnã a um ponto crítico.⁷³ Opções foram propostas, mas a inflexibilidade dos lados impedia a progressão de negociações mais produtivas.

Como podemos perceber, na cobertura da guerra a *Folha de São Paulo* tinha a coluna de Newton Carlos, sendo o melhor que a página internacional do jornal poderia oferecer. Suas análises eram muito bem elaboradas, e, muitas vezes, antecipavam questões referentes à guerra, bem como ao “panorama internacional” (que era o título da sua coluna).

E foi na sua coluna que apareceu uma das primeiras avaliações negativas do envolvimento dos Estados Unidos no Vietnã, versando sobre a indefinição do governo norte-americano em relação à guerra, criticando a falta de rumo do governo Johnson. Afirmava que a saída, se houvesse, seria uma solução de compromisso, como a do Laos, contendo tanto os chineses quanto a direita norte-americana, representada na figura do senador e ex-candidato à presidência dos Estados Unidos, Goldwater.⁷⁴ É interessante observar que essa análise foi feita ainda em janeiro de 1965, quando as tropas norte-americanas ainda não haviam chegado efetivamente.

Ainda em 1965, ocorreu a primeira grande manifestação pacifista dentro dos Estados Unidos que reuniu cerca de 25 mil pessoas. Nesta manifestação, as preocupações eram com o risco de uma Terceira Guerra Mundial que poderia ter início no confronto direto com os chineses no Sudeste Asiático. Ainda não era uma manifestação dominada por grupos da Contracultura,

⁷²- *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 05/01/65, p. 2;

⁷³ - *Folha de S. Paulo* (seção “Panorama Internacional”). São Paulo, 16/12/65, p. 2;

⁷⁴ - *Folha de S. Paulo* (seção “Panorama Internacional”). São Paulo, 12/01/65, p. 2;

embora alguns deles já estivessem presentes, como os jovens pertencentes à Students for a Democratic Society (SDS).⁷⁵

A imprensa brasileira cobriu essa manifestação. A revista *Fatos & Fotos*, em reportagem de João Luiz Albuquerque, correspondente da revista em Washington, mostraria que os 20 mil manifestantes (*sic*) acabaram formando a maior marcha de protesto dentro dos Estados Unidos desde 1963 e que a guerra não era aceita por todas as camadas da população norte-americana. No mesmo artigo, as contra-reações à marcha também são demonstradas, principalmente pela marcha em Nova Iorque, a favor da guerra.⁷⁶

Neste mesmo número da revista apareceria outra análise sobre os riscos de uma Terceira Guerra Mundial, que poderia surgir da Ásia - a região de maiores problemas desse momento. E o Vietnã era o "mais grave problema da Ásia".⁷⁷ Mesmo mantendo sua linha de enfatizar o *Medo da Terceira Guerra Mundial*, a revista *Fatos & Fotos* também abordaria as possibilidades de término do conflito. Júlio Gutiérrez, correspondente estrangeiro, fez uma análise sobre as possibilidades de paz na região. O autor argumenta que a paz foi conseguida na República Dominicana através do Ato de Reconciliação, promovido pela intervenção da OEA, e que a paz no Vietnã dependia de negociações e da flexibilização dos dois lados. O problema é que o lado Vietcong era inflexível, reduzindo muito a viabilidade da paz. Mas a esperança continuava, termina Gutiérrez.⁷⁸ O que Gutiérrez não previa é que essa inflexibilidade cresceu ainda mais, nos dois lados, depois da batalha de Ia Drang, como veremos mais adiante.

No editorial da *Folha de S. Paulo* de 3 de setembro de 1965, insinua-se uma saída, utilizando-se como exemplo os acontecimentos da República Dominicana, onde o comunismo foi "afastado" pela negociação entre as partes, sob responsabilidade da OEA. Na verdade, o país foi invadido por forças da América Latina (sob liderança dos Estados Unidos e total cooperação brasileira, inclusive com o envio de tropas) e a guerra civil culminou na derrota dos grupos guerrilheiros de esquerda - foi uma das aplicações práticas da nova orientação política do regime militar brasileiro, totalmente impregnado pelo *Imaginário da Guerra Fria*. Dentro dessa perspectiva política, os norte-americanos seguiriam as orientações do editorial, pois enviaram tropas para conter o comunismo no Vietnã do Sul. Com a entrada destes na guerra, o interesse da imprensa mundial cresceu de maneira significativa.

⁷⁵ - Tuchman, Barbara W. *A Marcha da Insensatez: de Tróia ao Vietnã*. 2. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1986; e Wells, Tom. *The War Within - America's Battle Over Vietnam*. Los Angeles, University of California Press Ltda, 1994;

⁷⁶ - *Fatos & Fotos*. Nº 254, Brasília, Editora Bloch, 11/12/65, pp. 6-9;

⁷⁷ - *op. cit.*, pp. 58-62;

⁷⁸ - *Idem*, pp. 64-67;

O governo e o comando militar norte-americano, querendo que a cobertura da guerra fosse a melhor possível (ou seja, a mais favorável possível para o seu lado), montou uma campanha de relações públicas, altamente profissional, para divulgar a sua versão da guerra,⁷⁹ procurando conquistar os “corações e mentes” não apenas do público norte-americano, mas também do resto do mundo. Do lado Vietcong, muito pouco foi produzido, com exceção de matérias do jornalista australiano Wilfred Burchett, que, além de simpatizante da causa Vietcong (era comunista), participava da luta com os guerrilheiros, sendo muitas vezes confundido como um “fantasma” pelo reconhecimento norte-americano.⁸⁰ O interesse pela guerra cresceu mundialmente e o Brasil não foi exceção: várias publicações começaram a cobrir intensamente a guerra. As grandes preocupações da imprensa, nesse momento da guerra, eram com a presença norte-americana no Vietnã do Sul - isso explica a razão das reportagens terem sido em maior número do lado norte-americano.

O comandante-chefe das forças norte-americanas no Vietnã do Sul, o general Westmoreland, procurou usar a mídia para reforçar a imagem de poder dos Estados Unidos, ele mesmo colocando-se sob o foco das atenções, ganhando um espaço na mídia muito grande, sendo o general mais fotografado da sua era,⁸¹ chegando, inclusive, a ser considerado como o “homem do ano” pela revista *The Time*, tendo na capa deste número sua imagem como uma estátua de ferro, querendo insinuar sua firmeza e determinação.⁸²

⁷⁹ - Knightley, Phillip op. cit.;

⁸⁰ - cobrir o do Vietnã do Norte era bem mais difícil, e pouco recomendável para correspondentes norte-americanos. Para se conseguir ser correspondente no Vietnã do Norte as dificuldades eram enormes, pois as autoridades norte-vietnamitas escolhiam quem poderia cobrir a guerra no seu país tendo em vista conveniências ou ganhos políticos, facilitando a entrada de correspondentes dos países comunistas (mais dispostos a colocá-los como vítimas, e que além disso facilitavam o apoio desses governos, justificado pelas descrições dos horrores dos bombardeios), e dificultando ao extremo a entrada de correspondentes de outros países. O primeiro correspondente famoso do ocidente a conseguir chegar a Hanói foi o jornalista norte-americano Harrison Salisbury, do *New York Times*. Suas matérias sobre os bombardeios no Vietnã do Norte provocaram polêmica mundial, já que o correspondente afirmava categoricamente que os bombardeios atingiam não apenas os alvos estratégicos e militares, quase sempre bem protegidos por armamentos chineses e soviéticos, mas também alvos civis, como hospitais, escolas, fábricas com mínima ou sem qualquer utilidade militar e aldeias insignificantes, produzindo muitas vítimas civis inocentes. Suas matérias não seriam bem aceitas nos Estados Unidos, sendo acusado de ingenuidade e de estar apenas reproduzindo o discurso de Hanói. No Pentágono ele era chamado de “Ho Chi Salisbury”. Seu nome foi recomendado para o prêmio Pulitzer de 1967, e ele chegou inclusive a ganhá-lo, mas o conselho diretivo do prêmio alterou tal decisão, o que mostrava o peso político de suas reportagens. Salisbury, Harrison. Um Americano em Hanói. Lisboa, Publicações Dom Quixote, s/D; Salisbury foi recomendado, pelo júri do Prêmio Pulitzer, para uma láurea, em votação que obteve resultados de 4 contra um, mas a Junta Consultiva do Pulitzer rejeitou a recomendação por seis votos contra cinco. Knightley, Phillip. Idem, p. 527;

⁸¹ - Arnett, Peter. Ao Vivo do Campo de Batalhas - do Vietnã a Bagdá, 35 Anos em Zonas de Combate de Todo o Mundo. Rio de Janeiro, Rocco, 1994;

⁸² - extraído de: Querida América - Cartas do Vietnã (Dear America). Documentário, Estados Unidos, dirigido por Bill Couturie, 1987;

No Brasil, a revista *Fatos & Fotos* também publicaria uma matéria sobre o general Westmoreland, com um título, muito expressivo, de “O Homem que faz a Guerra do Vietnã”, mostrando o seu dia-a-dia, numa construção noticiosa de sua imagem como a de um “grande homem”, um grande líder, que não se deixaria abater contra os inimigos.⁸³ Essa demonstração de confiança no general Westmoreland mostrava o posicionamento da imprensa nesse momento da guerra. A imprensa norte-americana, apoiando as ações dos seus militares, dava a devida cobertura favorável, mesmo revelando todas as dificuldades que existiam no Vietnã do Sul. Tal apoio, muitas vezes, significava passar a versão dos militares, mesmo que estranhas ou duvidosas. A chegada de um grande número de correspondentes ao Vietnã do Sul, norte-americanos ou não, foi calculada pelas forças armadas norte-americanas, que prepararam a recepção. A construção da guerra pela imprensa era fundamental para os militares norte-americanos, principalmente depois da batalha do Vale de Ia Drang

A batalha do Vale de Ia Drang foi um dos marcos da guerra, pois foi a primeira batalha de grandes proporções envolvendo forças norte-americanas que chegaram depois do Incidente de Tonquin (mesmo a batalha de Binh Ghia ainda envolvia os chamados “conselheiros” e forças do Vietnã do Sul). O choque entre as forças norte-americanas e norte-vietnamitas produziu horas de lutas sangrentas, encerradas por bombardeios aéreos e de artilharia. Os soldados norte-americanos que sobreviveram foram recolhidos e voltaram para suas guarnições humilhados pela derrota. Mas, para surpresa destes soldados, o que lhes parecia uma grande derrota foi transformado numa grande vitória, sendo que o próprio general Westmoreland congratulou-os pelos excepcionais resultados. Os meios de comunicação, principalmente a televisão, ressaltavam o excelente desempenho das tropas em combate, insinuando que os comunistas poderiam ser batidos em seus próprios domínios.⁸⁴

Para os chefes-militares norte-americanos, a lição aprendida foi que o maior número de baixas do inimigo seria o fator que determinaria a vitória ou a derrota. A contagem de corpos (“*body count*”) transformou-se na política de guerra das forças norte-americanas. Utilizando

⁸³ - *Fatos & Fotos*. Nº 300, Brasília, Editora Bloch, 29/10/66, pp. 24-28;

⁸⁴ - o Vale de Ia Drang ficava perto da fronteira do Vietnã do Norte, tendo sido detectada a presença de forças norte-vietnamitas na região e enviadas para lá forças norte-americanas para uma operação de “limpeza”. As lutas que se seguiram à chegada dos norte-americanos foram de grande violência, tendo seu desfecho decidido pela aviação, que bombardeou as forças norte-vietnamitas (e alguns norte-americanos também, pois dois aviões operavam com coordenadas erradas, sendo o início de uma série de erros militares que marcariam a guerra por parte das forças norte-americanas). Um segundo batalhão chegou em substituição ao primeiro, caindo numa emboscada, pois ele simplesmente entrou no meio das forças norte-vietnamitas - que ficaram admiradas, pensando que se tratava de algum truque. Depois de quase ter sido eliminado pelas forças norte-vietnamitas, a aviação voltou para salvar o batalhão e atacou o local, bombardeando quem estivesse embaixo, pois as forças em luta estavam muito próximas. Extraído de: Ia Drang - a Primeira Batalha da Guerra do

o maior poder de fogo de seus armamentos e tropas melhor armadas e treinadas, as forças norte-americanas conseguiam impedir qualquer avanço Vietcong, sem a necessidade de convocações excessivas, o que poderia resultar numa imagem negativa dentro dos Estados Unidos. A imprensa norte-americana aceitou essa política, pelo menos até 1968.⁸⁵

O lado comunista também aprendeu suas lições na batalha de Ia Drang: ficou claro que, enquanto que as forças rebeldes (Vietcong e Exército do Vietnã do Norte, em ações combinadas ou em separado) poderiam sofrer pesadíssimas baixas para ganhar a guerra, ou seja, estavam mais prontas para sacrificar tudo numa vitória, os norte-americanos sofriam pressões internas dependendo do número de baixas sofridas. Dentro dessa perspectiva, a tática do Vietcong e do Exército do Vietnã do Norte transformar-se-ia quase em suicídio. Com a trilha Ho Chi Minh fornecendo o abastecimento de suprimentos e de homens,⁸⁶ o Vietcong lutaria onde e quando achasse melhor, sempre levando em conta as condições do terreno (para dificultar o maior poder de fogo dos norte-americanos, eles lutariam praticamente “colados” nas tropas inimigas) e as motivações psicológicas (os norte-americanos deveriam saber que não eram bem-vindos e que não existia lugar seguro para eles em todo o Vietnã), podendo determinar o número de baixas que poderiam ter, sendo esse número sempre muito maior do que os estrategistas norte-americanos poderiam supor.⁸⁷ Logo, as baixas norte-americanas começaram a crescer, levando a guerra a um impasse no ano de 1966, que só se resolveria com a Ofensiva do Tet no início de 1968.

Antes que a política da “contagem de corpos” dos norte-americanos e as táticas suicidas dos comunistas entrassem plenamente em ação,⁸⁸ possibilidades de paz surgiram. Uma das maiores aconteceu no final de 1965, quando foi estabelecido uma trégua para o Natal. Newton Carlos, poucos dias antes do anúncio desta trégua, estava pessimista em relação à guerra e, principalmente, quanto a inevitável escalada armada:

“Ponto Crítico - A escalada é, portanto, geral. Ambos os lados intensificam a guerra, levando a crise do Vietnã a um ponto extremamente crítico. Daí o pessimismo da Europa. Daí a febre de guerra que toma conta de Washington.”⁸⁹

Vietnã. Documentário, produzido pela NBC e exibido pela Rede Bandeirantes de Televisão em 1994, que não forneceu maiores detalhes sobre a produção e direção;

⁸⁵ - documentário Ia Drang - a Primeira Batalha da Guerra do Vietnã. op. cit.;

⁸⁶ - trilha montanhosa que ligava o Vietnã do Norte ao Vietnã do Sul através do Laos e do Camboja, que servia de linha de reabastecimento para o Vietcong;

⁸⁷ - s/A. “A Guerra Invencível.” In Coleção “Guerra na Paz”, V. 3, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984;

⁸⁸ - uma outra “tática” norte-americana também era acionada nessa época: a “Operação Fênix”, que consistia em atos realizados secretamente por forças norte-americanas para que fossem atribuídos aos comunistas. Extraído de: CBS Classics. Documentário, Estados Unidos, produtora executiva Patti Hassler, dirigido por Eric Shapiro, exibido originariamente em 02/06/88 e retransmitido como CBS Classic em 1998;

⁸⁹ - Folha de S. Paulo (seção “Panorama Internacional”). São Paulo, 16/12/65, p. 2;

Mas, aparentemente, a situação tinha mudado e uma trégua de natal estava sendo discutida entre ambos os lados e a *Folha de S. Paulo* a destacou com insistência em várias manchetes principais de sua capa. Até mesmo o cético Newton Carlos concordou que existiam “*sintomas evidentes de que o desejo de negociar é geral, o que poderá transformar uma trégua de Natal num começo de paz a longo prazo.*”⁹⁰

No dia de Natal, a grande manchete anunciava que “Silenciam os canhões no Vietnã”, complementando que a trégua de Natal estava sendo respeitada.⁹¹ As esperanças de uma paz mais duradoura morreriam logo, pois a trégua foi violada - como a manchete do dia seguinte acabou por destacar, “EUA denunciam: violada a trégua”, com acusações de ambos os lados por a terem rompido.⁹² No dia 27, a guerra se reinicia⁹³ e, apesar de uma inexplicada calma nos dias seguintes,⁹⁴ a paz não chegaria tão cedo.

A determinação de ambos os lados ficaria cada vez mais intensa. A viagem de Lyndon Johnson aos países aliados na Guerra do Vietnã no pacífico (Austrália, Nova Zelândia, Coréia do Norte, Filipinas, etc.) recebeu a cobertura da revista *Fatos & Fotos*, que destacou uma interessante frase do presidente norte-americano, que “pregava a paz” e perguntava: “Que adianta continuar uma guerra que não podeis vencer?”⁹⁵ Provavelmente tais palavras poderiam perfeitamente terem sido ditas pelo presidente norte-vietnamita Ho Chi Minh, que defendia a mesma idéia. No “Apelo à nação”, discurso proferido por Ho Chi Minh em 17 de julho de 1966, podemos destacar a seguinte passagem:

*“Johnson e seus acólitos devem estar cientes disto: podem enviar 500 mil homens, um milhão ou até mais, para intensificar a guerra do Vietnã do Sul; podem utilizar milhares de aviões para multiplicar os ataques contra o Norte, mas jamais poderão abalar nossa férrea vontade de combater a agressão norte-americana, pela salvação nacional. A guerra poderá durar ainda cinco anos, dez anos, 20 anos ou mais ainda; Hanói, Haiphong e outras cidades ou empresas poderão ser destruídas, mas o povo vietnamita não se deixará intimidar. Não existe nada de mais precioso que a independência e a liberdade. Após a vitória, nosso povo reconstruirá o país, melhor, maior e mais belo.”*⁹⁶

⁹⁰ - *Folha de S. Paulo* (seção “Panorama Internacional”). São Paulo, 21/12/65, p. 2;

⁹¹ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 25/12/65, p. 1;

⁹² - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 26/12/65, p. 1;

⁹³ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 27/12/65, p. 1;

⁹⁴ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 28/12/65, p. 1;

⁹⁵ - *Fatos & Fotos*. Nº 302, Brasília, Editora Bloch, 12/11/65, pp. 62-65;

⁹⁶ - extraído de: Alvarez, Marta Helena (Org.). *Ho Chi Minh*. Coleção “Grandes Cientistas Sociais”, São Paulo, Ática, 1984, p. 87;

A determinação dos rebeldes nunca fora realmente considerada pelas forças norte-americanas. Um erro absurdo e de trágicas conseqüências.

Em 1966, mais uma vez, a revista *Fatos & Fotos* analisaria a Guerra do Vietnã pensando nas possibilidades de uma Terceira Guerra Mundial. Desta vez, o autor é Roberto Pereira, que destacou os riscos de uma guerra nuclear - o Vietnã é apresentado, como não poderia deixar de ser, como um dos focos de tensão.⁹⁷

A virada de 1966 para 1967 não foi tão esperançosa como havia sido a virada de ano anterior. As possibilidades de aumentar a escalada eram iminentes, e foram destacadas por Luiz Edgar de Andrade na revista *Fatos & Fotos*. O posicionamento da imprensa em relação à guerra mudara de vez, e as palavras de Edgar de Andrade dão bem a medida das mudanças:

*“O govêrno de Hanói não se rendeu e aos poucos o Pentágono se convence de que a única maneira de ganhar a guerra é destruir totalmente os dois Vietnãs, até a morte do último vietnamita.”*⁹⁸

Posicionamento radical demais, talvez, mas mostrava que a política norte-americana, tão elogiada até então, começava a dar sinais de fracasso.

A Guerra do Vietnã ganhava seus caminhos, mas algumas idéias persistiram: a China continuava sendo a “vilã”. Um editorial da *Folha de São Paulo* sobre o comentário do novo comandante da Marinha dos Estados Unidos, almirante John Wyman Jr. - de que não bastava bombardear o porto de Haiphong, mas também era necessário miná-lo -, foi considerado como uma acertação da política da China. O editorial foi claro neste ponto:

*“Ninguém ignora que o principal objetivo da China, no momento, é criar condições que conduzam a um choque irremediável entre norte-americanos e russos, cuja aproximação, segundo o ponto de vista predominante em Pequim, representaria grave contratempo para a execução dos planos internacionais chineses a longo prazo.”*⁹⁹

A China impedia que a ajuda soviética passe por seu território, obrigando-a a ser passada pelo mar e entrar no Vietnã do Norte pelo porto de Haiphong, com possibilidades de algum navio de bandeira soviética ser atingida pelos bombardeios norte-americanos, o que impediria um melhor relacionamento entre os dois países, beneficiando a China.

As alternativas para a resolução do conflito estavam cada vez menos promissoras. Analisando essas alternativas, o editorial da *Folha de São Paulo* mostrava que o ambiente para os

⁹⁷ - *Fatos & Fotos*. Nº 278, Brasília, Editora Bloch, 28/05/66, pp. 51-54;

⁹⁸ - *Fatos & Fotos*. Nº 310, Brasília, Editora Bloch, 07/01/67, pp. 18-23;

Estados Unidos saírem da guerra era favorável, mas ninguém apresentava uma fórmula viável para uma saída, observando que uma “retirada pura e simples não pode, como é óbvio, ser considerada.”

As reações contra a guerra aumentariam, como na Manifestação em Nova York, com aproximadamente 100 mil pessoas, que reuniram-se no Central Park e marcharam até o prédio da ONU, contra a Guerra do Vietnã.¹⁰⁰ As reações contra a guerra aumentariam não apenas entre os jovens. Em 1967, Noam Chomsky publicou o artigo “*The Responsibility of Intellectuals*” (título copiado do ensaio de Dwight McDonald, de 1945), onde ele expressava a necessidade da reação dos intelectuais contra o consenso da sociedade norte-americana, consenso este que permitiu o lançamento das bombas atômicas contra o Japão em 1945. A Guerra do Vietnã estaria seguindo, então, o mesmo caminho.¹⁰¹

A contestação chegaria ao seu auge na grande manifestação em Washington, em 1967, conhecida como “Os Degraus do Pentágono”, que contou com a presença de 200 mil manifestantes, tendo um público bem variado de contestadores, e não apenas universitários.¹⁰² Mas não foi uma marcha pacífica, pois alguns manifestantes tentaram invadir o Pentágono e foram agredidos pelas forças policiais.¹⁰³ A contestação à guerra começava a ficar mais violenta, tanto por parte dos contestadores quanto das autoridades.¹⁰⁴

⁹⁹ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 12/10/67, p. 4;

¹⁰⁰ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 16/04/67, p. 2;

¹⁰¹ - referências ao artigo: Francis, Paulo. Trinta Anos esta Noite - 1964, o que Vi e Vivi. São Paulo, Companhia das Letras, 1994; Chomsky, Noam e Herman, Edward S. Banhos de Sangue. São Paulo, Difel, 1976;

¹⁰² - para detalhes sobre os grupos de manifestantes pacifistas ver Mailer, Norman. Os Exércitos da Noite (Os Degraus do Pentágono). Rio de Janeiro, Record, 1985;

¹⁰³ - Norman Mailer, comentando as razões do fracasso da invasão do Pentágono pelos manifestantes, levantou dois pontos: “Um deles é a extraordinária exigência de ação do lado dos manifestantes, se é que eles iriam fazer alguma coisa. Qualquer um que tenha passado pelo sistema educacional da América está, num grau inconsciente, a meio caminho de ser patriota. (...) O cérebro é profundamente lavado, restando reflexos condicionados: camisas brancas, a saudação à bandeira, o Star-Spangled Banner. Em casa, é o látigo da pátria da corporação: o aparelho de televisão. Quem discutirá que não existem idéias fixas sobre os nossos bravos soldados, corajosos tiras, grande força e brutal capacidade patriótica na terra da autoridade? Observações óbvias, mas é precisamente essa gigantesca e altamente convencida parcela inconsciente de cada um que um manifestante tem de superar quando investe com a sua pequena parcela de um exército contra uma linha de PMs em filas compactadas e de armas engatilhadas; (...) Além disso, avança-se desarmado contra homens que empunham cassetetes e rifles.” Podemos perceber nesta fala de Mailer que o condicionamento da sociedade (pela escola, tv, etc.) era bastante profundo, o que interferia também na ação dos manifestantes - ou, em outras palavras, Mailer nos apresenta a típica idéia da tecnocracia agindo na mente de todas as pessoas, inclusive nos manifestantes. Mailer, Norman. op. cit., pp. 275-276;

¹⁰⁴ - mas nem todos os intelectuais norte-americanos eram contrários à guerra. Um dos intelectuais norte-americanos que ficaram a favor do governo Johnson foi John Steinbeck, famoso por suas obras de crítica social sobre os anos 30, como As Vinhas da Ira e Boêmios Errantes. Um dos seus filhos estava lutando no Vietnã quando ele foi visitar Saigon, em 1966. Suas observações sobre a guerra, publicadas pela imprensa norte-americana, limitaram-se a enfocar o lado humano da guerra, ou seja, descrições da vida dos soldados nos campos de batalha. Steinbeck escreveu pouco sobre a natureza política da guerra, mesmo tendo dado seu apoio ao governo norte-americano. Numa carta escrita para Lyndon Johnson, Steinbeck valorizou o aspecto patriótico: “Sei, Sr. presidente, que o senhor recebe muitos relatórios através de seus canais oficiais de

A Marcha do Pentágono provocou reações na imprensa. O editorial da *Folha de São Paulo* sobre ela merece destaque. O editorial abre argumentando que essa manifestação está no centro de uma complexa situação que envolve a Guerra do Vietnã e, com certeza, irá estimular a luta vietnamita contra os Estados Unidos, pois “*governantes norte-vietnamitas não escondem que estão lutando não tanto para conquistar o Vietnã do Sul e levar ao poder seus aliados da Frente de Libertação Nacional, mas para minar a vontade dos Estados Unidos de prosseguirem no seu presente esforço bélico.*”¹⁰⁵

E a Ofensiva do Tet “mudou” a vontade dos Estados Unidos.

Ofensiva do Tet

Qualquer que seja a idéia que se tenha do “revolucionário” ano de 1968, sabe-se que ele “começou” na ofensiva do Tet. Em janeiro de 1968, Johnson faria um pronunciamento dizendo que a guerra estava dominada pelas forças norte-americanas e sul-vietnamitas e que logo estaria ganha. Um mês depois, tudo mudaria.

Aproveitando a trégua do feriado do Tet (o Ano Lunar Indochinês, uma mistura de natal, fim de ano e dia da independência), as forças do Vietcong e do Vietnã do Norte realizaram a mais ousada, ampla e violenta investida para tomar o país. Praticamente todas as províncias do Vietnã do Sul envolveram-se na luta, e as cidades imperiais de Hué e Khe Sahn foram cercadas pelas tropas comunistas. Saigon foi palco de intensas lutas, e a embaixada norte-americana foi atacada por guerrilheiros - ou seja, o símbolo da presença norte-americana na região fora invadido.¹⁰⁶ A violência não tinha parâmetros. Uma das cenas mais chocantes da guerra surgiu nesse momento: um oficial sul-vietnamita pegou sua arma e, na frente de câmeras de televisão e de jornais, atirou na cabeça de um suposto guerrilheiro vietcong de camisa xadrez. A cena, transmitida quase que ao vivo, foi uma das mais famosas e impiedosas do século XX.

A produção jornalística e a representação da ofensiva do Tet criada pela mídia, em particular pela televisão, acabou sendo decisiva para o desenrolar da guerra. A ofensiva do Tet tinha, como um dos seus objetivos principais, atacar posições importantes do ponto de vista moral e

informação. Mas quero dizer-lhe, por este meio inteiramente informal, que temos aqui os soldados mais bem treinados, mais inteligentes e mais dedicados que já vi em qualquer exército, e eu vi soldados em meu tempo. Esses homens são os melhores que já tivemos.” Mas, numa carta destinada para Elizabeth Otis, escrita pouco tempo depois da carta enviada a Johnson, Steinbeck mostrou-se menos otimista: “Parece que estamos afundando cada vez mais no pantanal. É verdade. Tenho bastante certeza agora de que as pessoas que dirigem a guerra não têm nem conceito nem controle dela. E creio que tenho alguns conceito, mas não posso escrevê-lo.” Parini, Jay. *John Steinbeck - uma Biografia*. Rido de Janeiro, Record, 1998, pp. 536-538;

¹⁰⁵ - *Folha de São Paulo*. São Paulo, 18/10/67, p. 4;

psicológico, e a escolha de fazê-la num momento em que a produção da imprensa, e da televisão em particular, chegava com mais velocidade, graças ao sistema de satélites, foi a melhor possível para o Vietcong e Vietnã do Norte, já que a emergência da situação impedia maiores edições, ou seja, elas chegavam às casas do mundo inteiro com sua potencialidade máxima.

A invasão da embaixada norte-americana também teve um peso psicológico muito forte, pois contrastava com o que o presidente Johnson havia dito pouco mais de um mês antes. O apresentador Walter Cronkite, em seu programa jornalístico da TV, afirmaria: *“Que diabo está acontecendo? Eu pensei que nós estávamos ganhando a guerra!”*¹⁰⁷

As forças norte-americanas e seus aliados venceram militarmente a ofensiva do Tet, conseguindo tomar todas as posições ganhas pelo Vietcong (apenas o cerco sobre a cidade imperial Khe Sahn duraria mais tempo) e infligindo pesadíssimas baixas (o Vietcong nunca mais conseguiria ter a mesma capacidade de luta nos anos seguintes, sendo substituído, gradativamente, pelas forças norte-vietnamitas). Mas a vitória política foi do Vietcong, pois mostrou, ou pareceu mostrar, que uma vitória norte-americana estava muito longe de ser alcançada, e para que ela ocorresse, eram necessários muitos mais esforços, tanto em termos econômicos quanto militares, tornando necessária a presença de um maior número de tropas norte-americanas.

Mas não havia mais tempo para isso. Como, depois de mais de dois anos de presença militar norte-americana no Vietnã do Sul, as forças inimigas poderiam dar um ataque de tal proporção? As palavras de Johnson ditas em janeiro, de que a guerra estava sendo ganha, foram fragorosamente desmentidas. A guerra, do ponto de vista norte-americano, estava perdida. Pouco tempo depois, Lyndon Johnson anunciaria que não iria concorrer à reeleição. Assim como a Guerra da Coreia “vencera” Harry Truman, a Guerra do Vietnã também “venceria” Johnson.

A televisão, mais do que nunca, representava não apenas a guerra, mas uma sociedade cindida: a guerra dividiu o país. A produção jornalística escrita - que estava valorizando as fotografias (ou seja, a produção imagética) - , unida com as imagens vindas de satélite e apresentadas pela televisão, apresentava construções noticiosas cada vez mais chocantes, não deixando dúvidas de que a presença norte-americana na região fora um erro. As notícias foram por demais dramáticas para se ficar indiferente a elas. (embora não inteiramente no Brasil, que ainda não tinha esse sistema, mas sim nos países que tinham tal tecnologia).

De maneira cada vez mais evidente, a opinião pública começou a condenar a guerra - mais pela impossibilidade de vencê-la do que pela atuação dos movimentos pacifistas, que

¹⁰⁶ - Tuchman, Barbara W. op. cit.;

¹⁰⁷ - extraído de: Machado, Arlindo. *A Arte do Vídeo*. São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 98;

começavam cada vez mais a deixar de serem “pacíficos”.¹⁰⁸ Os efeitos da ofensiva do Tet também ultrapassaram as fronteiras dos Estados Unidos. Desde 1967, quando as universidades norte-americanas protestaram contra a guerra, as universidades européias passaram a seguir os mesmos caminhos. Na Alemanha Ocidental, a *Sozialistischer Deutscher Studentenbund* (Federação dos Estudantes Socialistas Alemães, sigla SDS), organizou um congresso internacional contra a Guerra do Vietnã e, no final do evento, bandeiras vermelhas tremulavam em Berlim Ocidental, provocando a ira dos conservadores alemães, principalmente dos jornais do grupo *Springer*. Um dos líderes do SDS, Rudi Dutschke, foi alvejado por um fanático de direita em abril de 68, marcando o início das manifestações estudantis na Alemanha.¹⁰⁹

No dia 22 de março de 1968, um grupo de estudantes da Universidade de Nanterre foi preso pela polícia durante manifestações contra a Guerra do Vietnã. Seu líder: Daniel Cohn-Bendit. Este grupo, que seria então denominado Movimento 22 de Março, também protestava contra as autoridades acadêmicas. Os protestos de outros estudantes à prisão deste grupo iniciariam o famoso Maio francês.¹¹⁰

Não foi apenas na Europa Ocidental que aconteceriam as repercussões do Tet. Uma mineira boliviana mostra a extensão das “lutas”:

“E, que bonito é sentir que em outros povos temos irmãos que nos apoiam, se solidarizam com nós, nos fazem compreender que nossas lutas não são isoladas. Esta solidariedade significa muito. Na Bolívia, sempre procuramos manifestá-la, atuando de alguma forma.

*Por exemplo, nos últimos anos, nos solidarizamos particularmente com Chile, Vietnã, Laos e Camboja. Nos alegramos com o triunfo do Vietnã que conseguiu golpear o imperialismo. E de várias maneiras lhes fizemos saber que, ainda que não fomos combater ao lado deles, estávamos com os vietnamitas.”*¹¹¹

Não que a guerra fosse a questão central das problemáticas estudantis, pois cada país onde tais manifestações ocorreram tinha seus problemas e propósitos específicos. Mesmo na França, contestava-se o ensino centralizado, ineficaz e regido por normas de conduta

¹⁰⁸ - a sociedade norte-americana mergulhou em momentos de muita tensão e violência, na luta entre “pombos” e “falcões”. Os assassinatos de Martin Luther King e de Robert Kennedy, duas importantes figuras contrárias à guerra, e a violência que marcou a Convenção do Partido Democrata em Chicago mostraram para muitos contrários à guerra que os caminhos da contestação pacífica tinham se encerrado, fazendo surgir grupos radicais como os Panteras Negras e os Weathermen, este último uma dissidência da SDS. Tuchman, Barbara W. op. cit.; e Wells, Tom. op. cit.;

¹⁰⁹ - extraído de: Cohn-Bendit, Dany. *Nós que Amávamos Tanto a Revolução - 20 Anos Depois*. São Paulo, Brasiliense, 1987;

¹¹⁰ - Cohn-Bendit, Dany. *O Grande Bazar - as Revoltas de 1968*. São Paulo, Brasiliense, 1988;

¹¹¹ - Viezzer, Moema. *“Se Me Deixam Falar...” - Domitila - Depoimentos de uma Mineira Boliviana*. 14ª ed., São Paulo, Global, 1987, pp. 36-37;

conservadoras.¹¹² Mas a Guerra do Vietnã também era contestada e, através dos meios de comunicação, várias partes diferentes do mundo viram seus problemas e aspirações, mesmo que diferentes, unidos na luta contra a guerra.

A imprensa brasileira, como um todo, cobriu a ofensiva do Tet: o assunto ficou nas primeiras páginas e nas principais manchetes durante todo o mês de fevereiro nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. A publicação dessas notícias ganhava características dramáticas, quando não desesperadoras. Cada movimento da ofensiva foi descrito, edições extras lançadas e cada acontecimento era colocado minuciosamente, quando não espetacularmente, com inúmeras fotografias e desenhos gráficos, além de descrições de lances absolutamente desesperados.

A grande imprensa, já matizada por posições contrárias à guerra, assume esse posicionamento de vez. O editorial da *Folha de S. Paulo* do dia 1 de fevereiro (ou seja, ainda no começo da ofensiva) foi muito esclarecedor quanto ao fim das expectativas norte-americanas em relação à guerra e a queda do seu otimismo. O Vietnã do Sul estava “minado de guerrilheiros”, mesmo em áreas de forte segurança. O Vietcong mostrava uma força que poucos calculavam existir. A ofensiva era uma estratégia para forçar as negociações, mas, sendo ano eleitoral nos Estados Unidos, apenas seriam possíveis após as eleições, concluía o editorial.¹¹³

A ofensiva continuava. A *Folha de S. Paulo* destacou que o número de mortos, até o dia 3 de fevereiro, estava na ordem de 11.500 pessoas.¹¹⁴ O editorial do jornal deste mesmo dia destacaria que os objetivos do Vietcong não eram militares, mas sim psicológicos e políticos, ou seja, que a FLN e Hanói queriam abrir negociações na base da força, ou pelo menos com vantagem no tabuleiro de discussões.¹¹⁵ As lutas dos dias seguintes e os resultados práticos da ofensiva confirmariam esses pontos de vistas.

O importante desse editorial não é propriamente sua análise da ofensiva, mas a mudança de posicionamento do jornal perante a guerra, ou seja, da “culpa” da China não restava mais nada, principalmente com o Vietcong mostrando-se mais independente do que se poderia supor de um mero “fantoche” chinês ou soviético. A selvageria das lutas mostrava sua incrível determinação, exibida tanto pelos meios escritos quanto pela televisão, o que justifica essa mudança editorial. Para os nossos meios de comunicação, os vietnamitas queriam vencer a guerra mais do que qualquer outra coisa, com uma determinação que os norte-americanos não tinham - e jamais teriam.

¹¹²- Cohn-Bendit, Dany. op. cit.;

¹¹³- *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 01/02/68, p. 4;

¹¹⁴- *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 03/02/68, p. 2;

¹¹⁵- op. cit., p. 8;

A televisão brasileira recebia as imagens com defasagem, o que valorizava um meio ainda importante no Brasil, o rádio. Alfredo Sirkis afirmou que ele acompanhou a ofensiva do Tet pelo rádio, que a noticiava com grande destaque (“sensação dos noticiários de rádio”) - ele “torcendo” para o Vietcong, enquanto seu pai “torcia” para os norte-americanos.¹¹⁶ Pais contra filhos por causa da Guerra do Vietnã: eis uma situação bastante corriqueira no ano de 1968, pelo menos nos lares de milhares de estudantes.

No dia 6 de fevereiro, quando a queda de Khe Sahn para as forças do Vietnã do Norte parecia inevitável, Newton Carlos, na sua coluna diária, destacou a presença da televisão norte-americana na cobertura da guerra, que tinha tornado os cidadãos norte-americanos íntimos dela, o que estava resultando numa pressão interna muito grande para que ela acabasse o mais rápido possível.¹¹⁷ Uma análise dessa natureza permite entender como os que viviam o momento começavam a entender a cobertura pela televisão - a guerra tinha se tornado íntima da vida de milhões de pessoas.

No dia 8, mais uma vez o governo militar anunciou que o Brasil não enviaria tropas para o Vietnã.¹¹⁸ E em junho, o general “de ferro”, Westmoreland, seria destituído, sendo substituído pelo general Creighton W. Abrams.

O Massacre de My Lai

Como tinha acontecido durante a Guerra da Coréia, a Guerra do Vietnã também produziu massacres realizados por ambos os lados. Mas o de My Lai ficaria sendo o mais famoso deles.

¹¹⁶ - a seguinte passagem é bastante reveladora sobre o “clima” político da época: “Naquele fim de verão de 68, sob os eucaliptos e bananeiras do sítio, outra coisa me impressionou enormemente, na sensação dos noticiários de rádio: a ofensiva do Tet, no Vietnã. Convertido à causa vietcong, eu acompanhava, eletrizado, o cerco a Khe San e a batalha de Hue. As notícias, na bucólica varanda aos som das cigarras, pareciam verdadeiras finais de copa do mundo, papai torcendo pelos marines, eu pelos vietcongs. Era mais ou menos assim: - E atenção: Saigon, urgente! Caças-bombardeiros norte-americanos realizaram mais de 150 incursões contra alvos ao Norte e ao Sul do paralelo 17. Os arredores da base de Khe San foram novamente alvo de centenas de toneladas de bombas despejadas sobre os vietcongs, pelas gigantescas fortalezas voadoras B-52... - Napalm neles. Napalm neles. - Torcia papai contente. - ... segundo o comunicado do comando militar em Saigon, nas últimas 24 horas, foram liquidados 1.645 vietcongs. As tropas americanas: 3 mortos, oito desaparecidos e 42 feridos... - Tudo mentira! Tão inventando. - Eu desdenhava, colérico. - ... ainda não confirmaram notícias de correspondentes e agências de informações, provenientes desta capital, relativas à derrubada, nas últimas 24 horas, de dois jatos F-4 Phantom e seis F-105, pelas baterias e mísseis norte-vietnamitas perto dos alvos nas regiões de Hanói e Haiphong... - Muumuito bem! É pau nos gringos, é fogo no imperialismo! Ho! Ho! Ho-Chi-Minh! - berrava saltitante pela varanda. Papai se indignava: - Subversivo! Baderneiro! Vou ter um enfarte por tua causa! Ah, esse maldito colégio...” Sirkis, Alfredo. Os Carbonários - Memórias da Guerrilha Perdida. 10ª ed., São Paulo, Global, 1988, p. 55;

¹¹⁷ - *Folha de S. Paulo* (seção “Panorama Internacional”). São Paulo, 06/02/68, p. 2;

A imprensa norte-americana, até então a favor da guerra, colocou-se quase que unanimemente contra ela. Do Tet para frente, as matérias seriam mais críticas; as imagens, até então apresentadas como positivas, ganhariam novas conotações, sendo mostradas como verdadeiras aberrações. Tal tendência seria acentuada com o incidente de My Lai, onde mais de cem aldeões foram massacrados por forças norte-americanas.¹¹⁹

A matéria, realizada pelo jornalista *free-lancer* Seymour Hersh, chocou a opinião pública mundial. O massacre de My Lai foi levantado por um jornalista dentro dos Estados Unidos, que pode assim ter uma distância suficiente para se impressionar com os fatos, ao contrário dos seus colegas correspondentes na região, que viam massacres constantemente, sem mais se impressionar com eles, pelo menos a ponto de relatá-los. Como podemos perceber, o local da produção da notícia interfere na sua produção, na sua representação. Mesmo assim, o assunto parecia morrer. Então, apareceram as fotos do massacre, tiradas por um fotógrafo do exército que estivera em My Lai com Calley. As imagens foram decisivas na matéria, e My Lai transformou-se num trauma para o exército dos Estados Unidos e para todo o país, que tanto justificara suas ações no Sudeste Asiático para salvar aquele povo, e não para destruí-lo. Mais uma vez, as imagens mostraram-se fundamentais para a importância e o impacto de uma notícia.¹²⁰

Uma das conseqüências do episódio de My Lai foi que a imprensa norte-americana considerou a guerra praticamente encerrada, pois nada mais poderia justificá-la e, contando-se que os soldados norte-americanos estavam sendo retirados no processo de “vietnamização”, como veremos mais adiante, a guerra estaria logo encerrada, e as preocupações deveriam ser desviadas para as conversações de Paris, onde o destino da guerra estava sendo decidido diplomaticamente. A

¹¹⁸ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 08/02/68, p. 1;

¹¹⁹ - em 16 de março de 1968, a Companhia C, Primeiro Batalhão, Vigésima Infantaria, Décima-Primeira Brigada, Divisão Americal, entrou na vila de My Lai e matou entre 90 e 130 homens, mulheres e crianças, sob o comando do Tenente William L. Calley Jr., como os soldados que participaram da ação iriam confirmar. O exército começou as investigações em 23 de abril de 1969 e, em setembro, perto do desligamento de Calley, foi feita uma acusação contra ele pelo assassinato de 109 “seres humanos orientais”, número que, mais tarde, foi reduzido para 102. Tal registro recebeu cobertura mínima, e o episódio poderia ter-se encerrado, mas um repórter *free-lance*, Seymour Hersh, o retomou. Hersh cobria o que acontecia no Pentágono, mas, desiludido com a política oficial de Washington, demitira-se. Através de um contato, o advogado Geoff Cowan, que lhe afirmara que o exército estava indiciando um sujeito por ter matado 75 civis vietnamitas, Hersh, depois de dois dias e vinte e cinco telefonemas, descobriu que o número era de 109 e que valia a pena investigar. Através do Fundo de Jornalismo de Investigação, que lhe prometera mil dólares para as despesas, Hersh viajou até o Forte Benning, onde ocorreram as investigações, e depois de muitas idas e vindas, descobriu o tenente Calley e o entrevistou. A matéria estava pronta, mas o problema seria publicá-la. As revistas *Life* e *Look* se recusaram a publicá-la. Hersh procurou uma agência pouco conhecida, a *Dispatch News Service*, de Washington, fundada há poucos meses, que a ofereceu para 50 jornais, ao preço de cem dólares em caso de publicação. Cerca de 36 órgãos da imprensa publicaram a matéria, inclusive o *The Times*, de Londres. Extraído de: Knightley, Phillip. op. cit.;

¹²⁰ - Knightley Phillip. Idem;

quantidade de tempo e espaço dedicado a ela começou a declinar.¹²¹ Mas, como também veremos a seguir, a guerra não diminuiria.

A cobertura da guerra pela imprensa brasileira, nesse momento, foi influenciada pelas condições políticas de caráter excepcional que o país atravessava. Dominando a produção de imagens e palavras (quer pela censura ou por órgãos próprios de criação de propagandas), passando a sua visão dos acontecimentos e utilizando todos os meios de violência possíveis, inclusive a prisão sem justificativas e a tortura, os militares controlaram a situação no país, impedindo qualquer possibilidade de os grupos guerrilheiros aumentarem o seu quadro ou de conseguirem maiores propagandas. Apenas os seqüestros de embaixadores deram alguma notoriedade a esses movimentos, mas eram mais atos de desespero para salvar seus colegas da prisão (e da tortura) do que atos de iniciativa estratégica. Para os grupos de esquerda, o definitivo estabelecimento do aparato repressivo foi outro fator decisivo para a sua derrota. Neste aspecto, os órgãos de repressão foram organizados para dar maior praticidade às operações anti-guerrilha.¹²² No final de 1969, um golpe poderoso é dado pela repressão: Carlos Mariguela, o líder da ALN, é morto.

A imprensa ganhava mais um filtro: a censura. A prisão de muitos jornalistas, a necessidade de se ter diploma para trabalhar na imprensa (muitos intelectuais que trabalhavam como jornalistas não puderam mais exercer a profissão) e o endurecimento da repressão fechou muitos espaços para o trabalho ou mesmo para a apresentação da notícia.

Ainda assim a resistência foi tentada. A revista *Veja* iria se caracterizar como pólo de resistência nesses primeiros anos de endurecimento do regime. Com Raimundo Pereira na redação, o estilo neutralista e “frio” da revista seria excepcionalmente utilizado nesse sentido. Na edição de número 66, aproveitando uma frase proferida pelo presidente Médici, a tortura seria a matéria de capa: “O Presidente Não Admite Torturas”, sendo que, na edição seguinte, apareceria uma matéria apresentando o histórico da tortura.¹²³ Era uma das primeiras manifestações de oposição da imprensa à nova fase da ditadura militar, com uma utilização perfeita de técnica e conteúdo: não há referências diretas ao que acontecia no momento, apenas referências indiretas, parecendo muito mais uma frase de efeito dita pelo presidente e uma reportagem histórica qualquer, como muitas feitas pela revista normalmente.

¹²¹- Knightley Phillip. Idem, *ibidem*;

¹²²- os órgãos foram: Serviço Nacional de Informação (SNI); Departamento de Ordem Política e Social (DOPS); dentro de cada exército formou-se o Departamento de Operações e Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI - CODI); coordenação de medidas de segurança entre civis e militares, chamada de Operação Bandeirantes (OBAN); Gorender, Jacob. Combate nas Trevas – a Esquerda Brasileira: das Ilusões Perdidas à Luta Armada. 3ª ed., São Paulo, Ática, 1987;

¹²³- *Veja*, Nº 66, São Paulo, Abril Cultural, 1969, capa; e *Veja*, Nº 67, São Paulo, Abril Cultural, 1969, pp. 12-25;

A revista *Veja* destacou muito a Guerra do Vietnã nesses anos, pois era um dos poucos assuntos com os quais a censura exercia uma pressão menor. Cuba e China eram (praticamente) assuntos proibidos, então não sobravam muitos espaços, e o Vietnã foi uma alternativa. Todos os jornais e revistas, então, aproveitaram esse espaço. Mas foi a imprensa alternativa que mais utilizou este recurso - ou em termos concretos, *O Pasquim*, pois nesse momento era o único jornal alternativo relevante.

Embora Paulo Francis tenha se destacado na cobertura da guerra no jornal, ele não foi o único a escrever sobre o tema - até mesmo Jô Soares arriscou um artigo sobre a volta do Capitão América, símbolo da liberdade e da violência maniqueísta do bem contra o mal, utilizado pelos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, dentro da realidade nada maniqueísta da Guerra do Vietnã.¹²⁴ Mas foi Paulo Francis quem dedicou os maiores espaços para o tema.

A política de Nixon não dava resultados e recebia críticas de Paulo Francis. Analisando como a Nova Esquerda estava enfrentando o governo Nixon, Paulo Francis não pode deixar de fazer um comentário ácido ao presidente norte-americano e ao liberalismo:

*“Em suma, (Nixon) pretende continuar a guerra, manter o governo absurdo de Saigon, mas, ao mesmo tempo, precisa apaziguar a opinião anti-guerra nos EUA, que corrói a sociedade americana. Logo, diz uma coisa e faz outra. Nixon revelou-se um liberal.”*¹²⁵

Um dos seus mais importantes artigos foi sobre o massacre de My Lai. O artigo, simplesmente com o título de “My Lai”,¹²⁶ mostrou que, apesar desse genocídio específico ter sido colocado como um fato isolado e excepcional, os massacres na região eram rotineiros. A presença norte-americana no Vietnã era, por si só, um massacre, argumentou Paulo Francis: várias regiões do Vietnã do Sul não poderiam ser cultivadas nos próximos 50 anos (pela quantidade de herbicidas despejada); Saigon não passava de um bordel; 30% das forças norte-americanas funcionavam sob efeito de maconha. O autor completa que o “genocídio é indiscutível”, e que My Lai é o “dia a dia” no Vietnã. Não que os comunistas fossem menos violentos, mas lutavam pela liberdade de seu país. Paulo Francis não se posicionou como pacifista, mas reconheceu que Hanói e o Vietnã do Norte têm popularidade, e que só com o apoio da população, principalmente da população camponesa, foi que a guerrilha poderia ter chegado aonde chegou.

A liberdade nos Estados Unidos foi valorizada pelo articulista, pois os grupos pacifistas podiam exercer pressão para as investigações sobre o massacre. Naturalmente o

¹²⁴ - *O Pasquim*. Nº 23, Rio de Janeiro, 1969, p. 16;

¹²⁵ - *O Pasquim*. Nº 22, Rio de Janeiro, 1969, p. 22;

¹²⁶ - *O Pasquim*. Nº 24, Rio de Janeiro, 1969, p. 3; também são deste artigo as próximas referências;

Pentágono ou a Casa Branca não aceitavam tal liberdade tranqüilamente - o primeiro omitiu até quando pode o massacre, e o segundo agiu sob pressões para que não ocorressem modificações nas perspectivas oficiais. Outro fator considerado por Paulo Francis para a existência do massacre foi a própria tática de guerra aplicada pelos Estados Unidos, ou seja, a tática de “*search and destroy*”, busca e destruição, que consistia em atirar em qualquer um em área suspeita de presença do Vietcong - e My Lai foi uma das vítimas inocentes desta tática.

Enfim, o massacre de My Lai pode não ter tido uma grande repercussão nos resultados da guerra, pois a “maioria silenciosa” (os “débeis de que Nixon fala”) ignorou tais fatos e a minoria que contestava a guerra era detestada por essa maioria. Os “*mass media*” (grandes veículos de comunicação) não entravam no assunto da guerra baseados em especialistas, mas em jornalistas engajados com o executivo, sendo que qualquer coisa antes de My Lai era mostrado como excepcionalidade.

No artigo de Paulo Francis a Guerra do Vietnã quase foi completamente esmiuçada. Os pontos que marcaram a guerra foram discutidos em profundidade, apresentando uma visão difícil de ser exposta em 1969, pois a imprensa já estava sofrendo pressões da censura. Muitas das idéias contidas no artigo de Paulo Francis já estavam sendo discutidas em outros meios e em outros países, não sendo sua temática, portanto, inédita. O artigo atualizou esses debates como nenhum outro meio o fez no Brasil. E o próprio jornal iria denunciar a omissão dos outros meios de comunicação.

O “fantasma” Pedro Ferreti, no meio da edição número 25, também criticou o massacre de My Lai, afirmando que a imprensa norte-americana tratava o caso de forma a colocá-lo como um ponto a favor da democracia dos Estados Unidos. Seus comentários foram além, pois também criticavam o posicionamento da grande imprensa brasileira, que não dava o destaque devido e nem considerava sequer que havia ocorrido um massacre - eis a mais pesada denúncia contra a grande imprensa brasileira em relação à guerra.¹²⁷

Até que ponto essa denúncia estava certa? O massacre de My Lai recebeu cobertura da grande imprensa, mas essa foi pequena, principalmente se comparada à de outros países. A *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* colocaram apenas algumas colunas, sem maior expressão, citando-o muito pouco nas edições seguintes. As revistas também noticiaram o massacre, mas foi a *Veja* quem mais se estendeu no assunto em algumas poucas edições.¹²⁸

O que teria determinado um tão pequeno destaque? Não conseguimos uma resposta conclusiva nas pesquisas, mas alguns indícios. O primeiro foi o possível posicionamento dos

¹²⁷ - *O Pasquim*. Nº 25, Rio de Janeiro, 1969, pôster central;

¹²⁸ - *Veja*. Nº 65, São Paulo, Abril Cultural, 1969, pp. 46-47;

próprios meios de comunicação. Esta hipótese mostra que o assunto não interessou à grande imprensa depois de praticamente um ano de incessantes notícias sobre a guerra, pois acreditava-se que ela não mais chamava a atenção do público, ou que ele estivesse saturado de notícias sobre a Guerra do Vietnã. Outra hipótese foi que a guerrilha no Brasil estava acontecendo, e que um enfoque mais detalhado ou apaixonado sobre o massacre (o que estava ocorrendo no resto do mundo) poderia estimular ainda mais a guerrilha, ou seja, a grande imprensa não deu destaque ao assunto por causa do seu posicionamento político mais conservador - ou mesmo contrário às guerrilhas. Uma última hipótese foi a presença da censura. A censura brasileira no período não tinha uma linha fixa de atuação, sendo inclusive desigual de meio para meio. Ela podia proibir todo e qualquer assunto, parte dele ou, o que aconteceu inúmeras vezes, permitindo que o assunto fosse noticiado, mas sem qualquer destaque. Mesmo Cuba e China, assuntos quase que totalmente proibidos, apareciam nos noticiários, mas invariavelmente sem destaque, ou com destaque negativo. O mesmo pode ter acontecido com o massacre de My Lai, pelo menos na grande imprensa, pois, como já vimos anteriormente, *O Pasquim* apresentou uma matéria mais consistente sobre o assunto.

Outra denúncia importante de Pedro Ferreti foi quanto à chacina cometida por Charles Manson e sua “família” (uma comunidade no estilo *hippie*, liderados por Manson) contra o casal La Bianca e da atriz Sharon Tate, esposa do diretor de cinema polonês Roman Polanski.¹²⁹ A imprensa norte-americana aproveitou-se desse crime, denunciando as práticas de grupos de jovens, que tanto criticavam a sociedade norte-americana. Charles Manson e seus asseclas cometeram tal chacina baseando-se nas leituras de Manson da Bíblia com a música do “álbum branco” dos Beatles, um dos ícones da juventude naquele momento, o que demonstrava o perigo das contestações comandadas por jovens, de acordo com a grande imprensa norte-americana.

Pedro Ferreti não enxergava as coisas neste sentido, denunciando que a chacina feita pela comunidade de Manson estava sendo usada para que a sociedade norte-americana esquecesse o massacre de My Lai, que, de uma maneira ou de outra, foi feito pelo “sistema”. Charles Manson, ou a cultura “anti-sistema” que o produziu, estaria sendo valorizado demais, não pelo que fez (um crime, indiferentemente ao que se possa dizer), mas para culpar a rebeldia da juventude.¹³⁰

O massacre cometido pela “família” Manson, assim como o trágico Festival de Altamont,¹³¹ foram golpes consideráveis para quem confiava na juventude norte-americana e no

¹²⁹ - *O Pasquim*. Nº 26, Rio de Janeiro, 1969, pôster central;

¹³⁰ - para maiores informações sobre os massacres cometidos pela “família” de Charles Manson ver: Miles, Barry. *Paul McCartney - Many Years From Now*. São Paulo, DBA, 2000;

¹³¹ - além dos massacres realizados pela “família” Manson, outro acontecimento foi muito explorado pela imprensa norte-americana para mostrar os “perigos” da juventude e do Rock’n’Roll: o Festival de Altamont, promovido pelos Rolling Stones, que teve 4 mortes, sendo que uma delas foi um assassinato realizado pelos

Rock’N’Roll como elementos de mudança social, pois tanto Manson como Altamont atingiram os dois maiores nomes do Rock da época, os Beatles e os Rolling Stones, respectivamente. A grande imprensa norte-americana utilizou-se muito bem dos fatos: a opinião pública norte-americana condenaria o comportamento de Manson e os incidentes de Altamont (e, conseqüentemente, da juventude rebelde), enquanto transformaria o tenente Calley em herói, assunto que o próprio *O Pasquim* iria tratar muitas vezes.

A imprensa alternativa procuraria ganhar o simbólico da sociedade brasileira, tentando passar idéias de resistência e, até mesmo, de revolução. O sonho da revolução continuava, mas os caminhos estavam fechados. A repressão procuraria dominar o simbólico, para evitar a ascensão dos guerrilheiros, querendo evitar o que acontecia no Vietnã, onde o Vietcong dominava o simbólico de sua sociedade. Mesmo a morte de Ho Chi Minh não alteraria esse quadro.

A Morte de Ho Chi Minh

O *Jornal do Brasil* foi um dos primeiros jornais brasileiros a mencionar o líder vietnamita, ainda na época da saída francesa da Indochina, em 1954:

*“Ho Chi-Minh, revolucionário profissional treinado em Moscou, erudito, leitor de Shakespeare e adepto de Confúcio teve, durante toda sua vida, um anseio - a independência da sua pátria, o Vietnam. Perseguido pelos franceses, preso pelos ingleses e chineses, condenado à morte, retornou ao Vietnam para comandar mais de 300.000 rebeldes numa guerra de sete anos contra os franceses.”*¹³²

Em 1969, o recém lançado *Jornal Nacional*, no dia 9 de setembro, anunciava que a Junta Militar que tinha substituído o enfermo presidente Costa e Silva endureceria ainda mais o regime.¹³³ Enquanto que os militares proclamavam as possibilidades da morte pela revolução, curiosamente, outra manchete do mesmo dia, destacaria a vida de um revolucionário. Aliás, a morte de um revolucionário: *“Morre o Presidente do Vietnã do Norte, Ho Chi Minh.”*¹³⁴

seguranças do festival (o grupo de motoqueiros denominado Hell’s Angels) na frente do palco (e que acabaria sendo filmada e aparecendo, posteriormente, no documentário *Gimme Shelter* sobre a excursão dos Rolling Stones de 1969). O Festival de Altamont e sua violência transformou-se no contraponto do pacífico Festival de Woodstock. Para maiores informações sobre o Festival de Altamont, ver: *Gimmie Shelter*. Documentário, Inglaterra, dirigido por David Mayles, Albert Mayles e Charlotte Zwerin, 1971;

¹³² - *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21/08/54, p. 7;

¹³³ - a manchete foi: “Junta Militar decreta o Ato 14, que prevê a pena de morte e a prisão perpétua em casos de ‘guerra revolucionária e subversiva’.” Extraído de: s/A. *15 Anos de História*. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 317;

¹³⁴ - *15 Anos de História*. op. cit., p. 317;

A morte do Ho Chi Minh afetou a imprensa brasileira como um todo, e sobre ele foi publicada uma série de reportagens, quase todas com forte caráter emocional. A matéria da correspondente italiana Oriana Fallaci, publicada na revista *Realidade*, louvou o líder vietnamita morto, fazendo um balanço de sua vida e de sua obra política, lamentando por ele não ter vivido o suficiente para ver o seu país ganhar a guerra e ter a paz.¹³⁵

A sucessão vietnamita seria assunto da revista *Veja*,¹³⁶ mas poucos acreditavam que as diretrizes da guerra mudariam com a morte de Ho, até pelo contrário: sua liderança era incontestável e sua morte deveria estimular ainda mais a causa de reunificação do país. Cao Ky, vice-presidente do Vietnã do Sul, declarou que “*Sem Ho Chi Minh, o comunismo é uma serpente que perdeu a cabeça. Mas que continua venenosa.*”¹³⁷ Foi uma observação bastante pertinente e que retratou a realidade que se seguiria nos anos seguintes pois mesmo sem a “cabeça”, a “serpente do comunismo” ainda tinha muito “veneno”.

Batalhas, grandes líderes, massacres... nada faltou às duas guerras. E a imprensa retratou todos esses acontecimentos, dando sua visão do mundo através deles.

Inchon e Ia Drang foram batalhas decisivas e utilizadas de acordo com os objetivos dos militares ocidentais, ou seja, foram “vitórias” militares (mais Inchon do que Ia Drang) que seriam utilizadas para estimular ainda mais o ânimo de guerra de suas forças, sendo que a imprensa as transformou em momentos gloriosos na luta contra os comunistas.

Mas tanto uma batalha quanto a outra escondiam o outro lado da guerra, ou seja, a determinação dos adversários e suas leituras dos resultados das mesmas: os norte-coreanos recuavam até a China, preparando-se para uma contra-ofensiva futura; os norte-vietnamitas e Vietcogs perceberam que poderiam ganhar a guerra apesar das circunstâncias desfavoráveis. Logo, a China entraria na Guerra da Coreia, “reforçando” os contingentes norte-coreanos; e a Ofensiva do Tet destruiria as chances de vitória dos Estados Unidos.

Não que tais iniciativas impedissem os massacres – e massacres são comuns em qualquer guerra. Quantos “My Lai” existiram nas duas guerras? Bem mais do que foi noticiado, provavelmente. E podemos perceber o “uso” do massacre de My Lai feito pela imprensa alternativa

¹³⁵ - *Realidade*. Nº 44, São Paulo, Abril Cultural, Novembro/69, pp. 148-162; a reportagem de Oriana Fallaci seria publicada na revista: *Veja*. Nº 62, São Paulo, Abril Cultural, 1969, p. 16;

¹³⁶ - *Veja*. Nº 54, São Paulo, Abril Cultural, 1969, pp. 48-49.

¹³⁷ - *Veja*. Nº 62, op. cit., p. 16.

brasileira, ou seja, a denúncia contra os Estados Unidos, contra a ditadura militar brasileira e contra a grande imprensa, tanto a brasileira quanto a norte-americana.

A imagem dos generais, dos líderes militares das guerras, foram devidamente construídas no decorrer das mesmas, pois tanto MacArthur quanto Westmoreland apresentaram imagens poderosas na mídia: eles eram imbatíveis, determinados, “de ferro”, etc. Seus erros, fraquezas e limites apareceriam e ambos seriam destituídos, assim como seriam destruídas as carreiras políticas de Harry Truman e Lyndon Johnson pelos impasses nas guerras. Mas a grande imagem de “força” seria legada para o presidente do Vietnã do Norte, Ho Chi Minh, embora fosse uma imagem igualmente construída pela imprensa “de esquerda”. As guerras vivem, essencialmente, de imagens, como podemos perceber.

E o impacto visual da Guerra do Vietnã superava, em muito, o da Guerra da Coreia. A Ofensiva do Tet foi quase que um “espetáculo” para a televisão, provocando reações mundiais, principalmente de protesto contra a presença norte-americana no Vietnã. E o Massacre de My Lai já estava desaparecendo do cenário político, quando as fotografias o colocaram outra vez.

A Guerra da Coreia, com algumas exceções, não tinha conseguido muitos impactos através do visual, característica que “sobrou” na Guerra do Vietnã.

As Guerras, a Sociedade Brasileira e a Imprensa

As duas guerras não deveriam, em princípio, ter afetado a vida político-social brasileira, pois tanto a Coreia quanto o Vietnã não têm grandes relações culturais, econômicas ou políticas com o Brasil. Mas as guerras “invadiram” a vida brasileira. A Guerra Fria era um assunto “global” e quaisquer eventos relacionados a ela ganhavam grandes destaques ao redor do mundo e, logicamente, também no Brasil, como foi o caso das duas guerras - e a imprensa brasileira estava pronta para “trazer” ao Brasil estes eventos.

As guerras atingiram, além da própria imprensa, a publicidade: em janeiro de 1950 o aparelho de televisão, que iria ser lançado no país, recebeu na revista *O Cruzeiro* um dos seus primeiros anúncios - que utilizou-se, justamente, da Guerra da Coreia como tema. O anúncio apresentou um mapa das duas Coreias numa página inteira, com o paralelo 38 em chamadas, numa clara alusão ao conflito, junto de uma Rosa dos Ventos no canto direito da página, com os seguintes dizeres dentro: “PHILCO - de Fama pela Qualidade.”¹ Na outra página, junto com uma fotografia de um aparelho de televisão, completava-se o anúncio:

*“Assim como o senhor escolhe as estações mais bem informadas idôneas para se pôr a par dos acontecimentos do mundo, prefira também, para a recepção de tais irradiações, o rádio moderno por excelência e que traz para garantia de sua satisfação, a marca PHILCO - de fama mundial pela qualidade.”*²

O interesse da publicidade pela guerra do Vietnã no Brasil não foi menor. A revista *Fatos & Fotos*, em 1966, publicaria um informe publicitário sobre o papel da imprensa na sociedade, o que mostra bem como a problemática da Guerra do Vietnã estava presente na imprensa brasileira. O informe elogia o homem de imprensa, destacando os seus riscos para trazer a notícia:

*“Todo dia há alguém no Vietname arriscando a vida para que você seja bem informado. O resultado de sua missão de ontem pode estar em apenas cinco linhas do jornal de hoje, na manchete, ou na cesta do Secretário.”*³

A Guerra do Vietnã tinha força bastante para justificar um anúncio desta natureza, pois além de ser um tema conhecido que crescia e interessava a um número cada vez maior de

¹ - *O Cruzeiro*. Nº 39, Rio de Janeiro, 15/07/50, pp. 26 e 27;

² - op. cit.;

³ - *Fatos & Fotos*. Nº 297, Brasília, Editora Bloch, 08/10/66, pp. 6-7;

leitores, era suficientemente violento para que a referência pudesse ter todos os requisitos para chamar a atenção.

A Guerra do Vietnã era a guerra da moda e reportagens curiosas eram publicadas. Uma delas apareceu na revista *Fatos & Fotos*, que destacava a presença de uma mulher correspondente de guerra, Michèle Ray, a primeira mulher a cobrir a guerra propriamente dita - até então, de acordo com a reportagem, outras correspondentes tinham como hábito apenas cobrir as conseqüências da guerra, como crianças refugiadas ou problemas em Saigon, mas sem entrar no campo de batalha. O artigo destaca a presença da mulher numa cobertura de guerra (“Pela primeira vez uma mulher se transforma em correspondente de guerra para ver o Vietnã de perto”, o subtítulo da reportagem), mas também deixa claro que a curiosidade da reportagem está na beleza física da correspondente (“Atraída pela aventura, ela se transformou na mais elegante correspondente de guerra de todos os tempos.”).⁴

Publicações de valor intelectual duvidoso, mas com claros interesses comerciais, começaram a aparecer, pois a guerra tomara-se um assunto “quente” em termos de venda. A revista *Fatos & Fotos* publicou um anúncio de um livro sobre a Guerra do Vietnã, A Verdade Sobre o Vietnã, contendo, conforme o anúncio, “informações secretas” e “fotos inéditas” e mesmo a “história completa da crise que abala o mundo”.⁵ A mediocridade intelectual da obra é menos importante do que o interesse na sua publicação, mostrando que o assunto assumia uma grande relevância no mercado editorial brasileiro.

As guerras serviram também para destacar questões políticas internas brasileiras, como veremos, e seriam intensamente “usadas” pela imprensa.

A Guerra da Coréia e o Brasil

O início da Guerra da Coréia foi um momento de muita tensão e de inúmeras dúvidas para o governo Dutra.⁶ Poucos dias depois da invasão norte-coreana à Coréia do Sul, todas as guarnições brasileiras ficaram de prontidão, esperando que o conflito coreano pudesse ser o

⁴- *Fatos & Fotos*. Nº 308, Brasília, Editora Bloch, 24/12/66, pp. 38-40;

⁵- *Fatos & Fotos*. Nº 218, Brasília, Editora Bloch, 03/04/65, p. 35;

⁶- de acordo com Carlos Lacerda, “quando começou a Guerra da Coréia - e alguns ministros convenceram o Dutra de que isso era o começo de uma nova guerra mundial - , o Brasil tinha um colosso de divisas acumuladas no estrangeiro. Divisas ganhas durante todo o tempo de guerra mundial pelo fornecimento de matéria-prima aos Aliados que não nos podiam pagar. (...) Quando acabou a guerra, em vez de explorar essas divisas o governo brasileiro abriu as portas à importação de toda a sorte quinquilharias (sic). O Brasil inteiro se cobriu de porcaria.” Lacerda, Carlos. Depoimento. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978, p. 86;

início de uma Terceira Guerra Mundial.⁷ Passada essa impressão inicial, o governo Dutra concluiu que o conflito estava apenas restrito ao território das duas Coreias. Mesmo assim, algumas reações perante a guerra foram bastante inusitadas: a Rádio Jornal do Comércio do Recife convenceu o polêmico frei José Mojica a rezar pelo fim da Guerra da Coreia, sendo que a tal missa aconteceu no estádio do Retiro e levou um público de quarenta mil pessoas.⁸

O Estado de S. Paulo celebrou positivamente a reação ocidental contra a invasão norte-coreana com a manchete “Intervenção Armada Norte-Americana na Coreia”, publicada no dia 28 de junho. A manchete menor reafirmou essa celebração: “A ONU Impõe Sanções Militares na Coreia.”⁹ Já na seção editorial do jornal o *Medo da Terceira Guerra Mundial* ganhou destaque, sendo que o título do editorial foi bastante revelador: “Coreia, Início da III Guerra Mundial?” O editorial comparou o clima da Coreia com os eventos que antecederam a Segunda Guerra Mundial, em particular a Guerra Civil Espanhola e as intervenções nazistas na Áustria e na Iugoslávia. As inúmeras denúncias de Washington em relação aos soviéticos, feitas até então, tornavam-se, de acordo com o editorial, numa dura realidade, pois “a agressão comunista sempre esteve na tocaia e, para que se desencadeasse, aguardava apenas uma oportunidade propícia.”¹⁰

O editorial defendia a idéia de que os Estados Unidos são conscientes do seu papel de “guardiães da democracia”, mas que não poderiam estar sozinhos nesta luta. A participação brasileira, tornava-se, portanto, necessária, pois “entre esses defensores da liberdade, mas já na primeira linha, formaremos nós, o Brasil.”¹¹

O jornal, que sempre defendeu a criação de uma força latino-americana liderada pelo Brasil contra comunismo, reafirmou esse propósito exigindo a participação direta do Brasil no conflito coreano. Era uma das primeiras vezes que a idéia da participação militar do Brasil na Coreia foi defendida publicamente, como podemos perceber através do encerramento do editorial:

“Seja qual for a sorte dos Estados Unidos na decisiva arrancada que iniciaram, com eles estará o Brasil. E, na hora grave que vivemos, a sorte só poderá pronunciar-se em dois sentidos: ou a coragem de Washington mostra-se capaz de frustrar a agressão comunista, ou será

⁷ - complementando o comentário da nota anterior, Carlos Lacerda disse que: “Não foi por má fé, nem por nada, foi por um fenômeno de incompreensão, isto é, por incompreensão do fenômeno mundial, por desinformação. As pessoas meteram na cabeça que a guerra da Coreia era o começo, digamos, da terceira guerra mundial, e que, portanto, não adiantava o Brasil ter divisas lá fora, era bobagem, tinha que gastar aquilo antes, porque a Inglaterra ia acabar... Havia quem jurasse que a Inglaterra estava com os dias contados, que a Europa tinha acabado, que o mundo estava na maior bagunça.” Lacerda, Carlos. op. cit.;

⁸ - Lenharo, Alcir. Cantores do Rádio - a Trajetória de Nora Ney e João Goulart e o Meio Artístico de seu Tempo. Campinas, Editora da UNICAMP, 1995;

⁹ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 28/06/50, p. 1;

¹⁰ - op. cit., p. 3;

¹¹ - Idem;

preciso reprimi-la por outros meios. Mas, dessa vitória, venha ela da autoridade moral ou seja determinada pelo valor demonstrada na luta, temos e reclamamos o direito de participar."¹² (grifos meus)

O “esforço mundial” contra a agressão comunista na Coreia logo viria cobrar a parte brasileira: o país seria consultado sobre suas possibilidades de fornecer auxílio para os esforços de guerra da ONU. *O Estado de S. Paulo*, na manchete do dia 30 de junho, destacou o posicionamento brasileiro: “O Brasil Apoiar a Resolução do Conselho de Segurança da ONU”, sendo que o “Governo brasileiro cumprirá na medida de suas possibilidades o disposto no art. 49 da Carta de São Francisco, diz um comunicado do Itamarati.”¹³ No mesmo dia, a *Folha da Manhã* também destaca a resposta brasileira: “Resolve o Brasil Cooperar na Execução das Medidas Adotadas pelo Conselho de Segurança”. A notícia relatava que o

*“Ministério das Relações Exteriores, com a devida autorização do sr. presidente da República, determinou ao delegado permanente do governo brasileiro perante as Nações Unidas que informasse o secretário-geral e, por intermédio deste o Conselho de Segurança, de que o governo brasileiro cumprirá, na medida dos seus meios, o disposto no artigo 49 da Carta de São Francisco.”*¹⁴ (grifos meus)

No dia 2 de julho, o *Correio da Manhã* também destacou o posicionamento brasileiro na notícia “Cooperação Mais Ativa dos Estados Unidos com o Brasil”, onde “o sr. Raul Fernandes salientou que o Brasil, em tão angustiosa conjuntura, cumprirá, na medida dos seus meios, os compromissos que aceitou ao assinar a Carta de São Francisco.”¹⁵

O que significava exatamente “na medida dos seus meios”? No decorrer da guerra iria significar café e medicamentos, além de votos favoráveis do Brasil para os Estados Unidos na ONU, mas nada que pudesse significar o envio de soldados brasileiros à Coreia, o que era, essencialmente, a principal exigência norte-americana, pois os Estados Unidos queriam criar uma Legião Interamericana para combater na Coreia.

O editorial do *O Estado de S. Paulo* do dia 9 de julho, “O Exército Internacional”, voltava a defender a formação de um exército internacional com a presença brasileira:

“Mas para além dessa visão demasiada estreita, chamam-nos nobres e superiores ideais. Poucas nações terão contribuído, como a

¹² - Idem, ibidem;

¹³ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 30/06/50, p. 1;

¹⁴ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 30/06/50, p. 1;

¹⁵ - *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 02/07/50, p. 2;

nossa, para o estabelecimento e preservação da lei internacional. Poucos povos, como o nosso, terão feito tantos sacrifícios para que não pereça a liberdade. e, nesse instante, estamos dispostos a sacrificar de nosso sangue a fim de que se marque imperecivelmente na consciência das gerações que virão o valor que atribuímos à lei e à liberdade, objetivos supremos da grande batalha que ora se inicia - a batalha da paz."¹⁶

Enquanto as lutas na Coréia do Sul concentravam-se em Pusan, o pedido da ONU para que o Brasil especificasse que auxílio pretendia dar aos esforços de guerra foi publicado pela *Folha da Manhã* em 18 de julho de 1950: "Chega ao Itamarati a Consulta da ONU". O general norte-americano Omar Bradley havia sugerido que o país enviasse uma força de vinte mil homens. O ministro de relações exteriores, Raul Fernandes, respondeu à imprensa: "Só posso dizer que o governo vai considerar o assunto."¹⁷

O pedido da ONU repercutiu na Câmara Federal, com senadores e deputados esquivando-se de uma resposta imediata, mas a recusa de enviar tropas brasileiras para a Coréia parecia inevitável. O senador paraibano José Américo declarou-se contra o envio de tropas, pois o país não estava em condições econômicas para tal ação.¹⁸ O líder da UDN, Ferreira de Sousa, foi mais direto ainda, como publicou a *Folha da Manhã*:

*"Estão as nossas forças armadas devidamente aparelhadas para atender à solicitação da ONU? Dispomos de recursos financeiros para transportar e sustentar no Extremo Oriente um corpo expedicionário de vinte mil homens? Nossos compromissos internacionais nos obrigam a esse sacrifício?"*¹⁹

Todas essas perguntas foram respondidas pelo senador com um categórico "não".

Mesmo assim, a imprensa cobrava um posicionamento brasileiro, pois a iniciativa de uma força mundial estava na ordem do dia, como podemos perceber na *Folha da Manhã*:

*"O apelo dirigido aos países-membros da ONU, inclusive o Brasil, que se puseram ao lado das Nações Unidas contra a agressão comunista na Coréia, representa um brado de alerta ao mundo democrático. As manobras expansionistas da União Soviética, que tenta converter pela dominação política e territorial todas as nações do globo à ideologia vermelha, acabam de ser desmascaradas em face do golpe armado da Coréia, que faz prever ofensivas em maior escala através da Ásia e na própria Europa Ocidental."*²⁰

¹⁶ - op. cit., p. 3;

¹⁷ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 18/07/50, p. 1;

¹⁸ - op. cit., p. 4

¹⁹ - *Idem*;

²⁰ - *Idem*, *ibidem*;

As negociações para a contribuição brasileira na guerra da Coreia começaram em agosto, com reuniões realizadas no Rio de Janeiro e Washington, entre os representantes diplomáticos dos dois países.²¹ A questão não iria limitar-se nos pedidos norte-americanos, pois, como veremos adiante, a questão da presença ou não de tropas brasileiras na Coreia iriam dividir as Forças Armadas.

A Guerra do Vietnã também produziria tensas discussões no ambiente político brasileiro, também com questões envolvendo discussões sobre o envio de tropas brasileiras para o Sudeste Asiático.

Guerra do Vietnã e o Brasil

Em agosto de 1964, em sua coluna na *Folha de S. Paulo*, Newton Carlos destacou o posicionamento do novo regime brasileiro em relação à crise no Sudeste Asiático, o que mostrava as diretrizes que os militares assumiriam nos anos seguintes: apoio a qualquer atitude contra o comunismo.²² Como era uma intervenção para auxiliar um país que estava sendo atacado pelo comunismo - o mesmo motivo que os militares haviam alegado para justificar sua ascensão ao poder - , a posição do governo brasileiro de apoiar os Estados Unidos foi bastante lógica e, até mesmo, esperada, principalmente por ter sido alegado que houve uma agressão norte-vietnamita (ou seja, comunista) a barcos norte-americanos em águas internacionais.

Desde as primeiras notícias do agravamento da crise no Sudeste Asiático, o governo militar brasileiro mostrava-se muito preocupado com a situação, desejando um rápido desfecho, de preferência com os resultados favoráveis aos norte-americanos.²³ O risco não era apenas de um eventual exemplo a grupos de oposição, que ainda poderiam exercer alguma reação dentro do Brasil, mas também a pressão dos seus próprios aliados, os Estados Unidos, que queriam uma força mundial no Vietnã do Sul, e a presença do maior aliado norte-americano na América Latina era indispensável, pelo menos na ótica do presidente Lyndon Johnson. O presidente Castelo Branco tinha total idéia desse risco, pois era informado sobre a maioria das operações que eram efetuadas no Vietnã pelo próprio Johnson. Luís Viana Filho, na sua biografia de Castelo Branco, nos relata

²¹ - curiosamente, Carlos Lacerda, sempre tão ativo nas suas posições contra o comunismo de um modo geral, era contra o envio de tropas brasileiras à Coreia para combater o comunismo. Apesar das críticas agudas do seu jornal aos comunistas na Coreia, como vimos, para o jornalista, o Brasil tinha de se preocupar com a Europa e África, não com a Coreia. Dulles, John W. F. Carlos Lacerda - a Vida de um Lutador. V. 1, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992,

²² - *Folha de S. Paulo* (seção "Panorama Internacional"). São Paulo, 08/08/64, p. 4;

²³ - Miyamoto, Shiguenolli e Silva Gonçalves, Williams da. A Política Externa Brasileira e o Regime Militar: 1964-1984. Coleção "Primeira Versão", Nº 38, Campinas, IFCH/UNICAMP, 1991;

essa correspondência e a recusa de Castelo Branco a mandar tropas ao Vietnã, justificando esta atitude através da lógica dos preceitos da Escola Superior de Guerra.²⁴

Por esses conceitos, o Brasil deveria defender uma área específica, surgindo daí a teoria dos Círculos Concêntricos ou cones, ou seja, áreas estratégicas delimitadas que o Brasil deveria intervir em casos de emergência, sendo que os Estados Unidos é que deveriam ultrapassar esses espaços e atuar mundialmente. O Brasil teria de se preocupar com o “círculo concêntrico” do Atlântico Sul, intervindo (quer por alianças ou por pressão militar) nos instáveis vizinhos Paraguai, Bolívia, Venezuela, Uruguai e na sempre rival Argentina; o “cone” da margem do Atlântico, preocupando-se com o litoral africano, que assistia a inúmeras lutas de caráter anticolonial (mas já matizadas com o marxismo); e o “cone” norte barrando a influência da Revolução Cubana (o que explicaria a presença de tropas brasileiras na República Dominicana, em 1965). O papel dos Estados Unidos seria o de auxiliar todos os lugares do mundo onde existisse ameaça comunista, como estavam fazendo no Sudeste Asiático.²⁵ Dentro dessa lógica, a presença brasileira no Vietnã do Sul seria desnecessária, já que o país já estava cumprindo o seu papel dentro do continente americano.

Talvez para os militares brasileiros tal lógica fosse coerente, mas não o era para o governo norte-americano, em particular para o presidente Lyndon Johnson, que insistia na criação de uma força mundial, provavelmente apoiada pela ONU, no Vietnã (como acontecera na Guerra da Coreia e aconteceria na intervenção na República Dominicana, referendada pela OEA). Numa carta de Johnson para Castelo Branco, o presidente dos Estados Unidos deixou claro sua intenção:

“Nos últimos dias, venho revendo esta situação (o agravamento da crise no Vietnã do Sul) à luz de informes atualizados recebidos de meus assessores de maior confiança. Embora ainda não tenha sido tomadas decisões finais aqui posso dizer ao senhor que será necessário aumentar as forças armadas dos Estados Unidos presentes no Vietnã do Sul em um número possivelmente igual ou superior aos 80 mil que já estão lá.

(...)

Fui informado de que o governo brasileiro já providenciou o envio de café e medicamentos para o Vietnã, através da Cruz Vermelha Brasileira, e tenho certeza de que esses artigos são muito necessários àquele país. Em vista das atuais circunstâncias, porém, parece que se fará necessária ajuda adicional, e estou muito interessado em conhecer seu ponto de vista em relação a que tipo de assistência adicional o governo brasileiro talvez pudesse fornecer.”²⁶ (grifos meus)

²⁴ - Viana Filho, Luís. *O Governo Castelo Branco*. 2ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1975;

²⁵ - Miyamoto, Shiguenolli e Silva Gonçalves, Williams da. op. cit.;

²⁶ - carta do presidente norte-americano Lyndon Johnson ao presidente brasileiro Castelo Branco, datada de 25/07/65, publicada pela: *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 07/05/95, p. 16;

O governo norte-americano condicionou um empréstimo ao Brasil, no valor de 150 milhões de dólares, à presença de tropas brasileiras no Vietnã.²⁷ Mas, como a ONU não aprovou tal força militar, o Brasil não se prontificou a enviar tropas ao Vietnã.

O governo de Castelo Branco daria apoio total ao governo de Lyndon Johnson e ao governo do Vietnã do Sul, exportando café e enviando ajuda médica através da Cruz Vermelha do Brasil.²⁸ Apesar do auxílio brasileiro limitar-se apenas ao envio de café e de medicamentos, os sul-vietnamitas colocariam o nome do país num monumento, com nomes de todos os países que ajudavam o Vietnã do Sul.²⁹

Não seria a última vez que o governo dos Estados Unidos iria propor que o Brasil se envolvesse diretamente no Vietnã: Henry Kissinger, numa carta escrita em nome de Richard Nixon e endereçada ao presidente Médici, datada de 16 de julho de 1973, solicitava que o Brasil substituísse o Canadá na comissão de quatro países que tentaram monitorar (sem sucesso) os Acordos de Paz de Paris, pois “o governo é ideologicamente sólido e o país tem experiência internacional”.³⁰ O governo Médici recusou a oferta – o Vietnã era um problema “espinhoso” demais para o regime militar brasileiro participar.

O envio ou não de tropas brasileiras para a Coreia continuaria sendo uma questão política difícil para o Brasil.

Nacionalistas x Liberais

A presença do Brasil na guerra estava sendo cada vez mais cobrado pela imprensa. A entrada da China no conflito e o quase início da Terceira Guerra Mundial obrigavam o país a tomar providências mais sérias, defendiam os jornais. A *Folha da Manhã* reiterou esse posicionamento em novembro de 1950:

*“As classes armadas competem outros deveres e outras tarefas, perfeitamente definidas, entre elas a defesa da soberania nacional, mediante a manutenção - até mesmo nos campos de batalha, se for preciso - dos compromissos de ordem internacional que o governo firmou, em nome do povo pelo qual foi eleito.”*³¹

²⁷ - o Relatório Bowdler apresentava um item que liberava um empréstimo de 150 milhões de dólares caso o Brasil desse uma ajuda adicional aos esforços de guerra norte-americanos no Vietnã do Sul. Relatório publicado na: *Folha de S. Paulo*, op. cit.;

²⁸ - Viana Filho, Luís. op. cit.;

²⁹ - Barreiros, Luís. *Saigon Meu Amor*. São Paulo, Edrel, 1973;

³⁰ - Kissinger, Henry. Registro secreto liberado pelo National Archives, Washington, Estados Unidos, 2001;

³¹ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 12/11/50, p. 4; o posicionamento brasileiro em relação ao conflito coreano ficou definido ainda em outubro, (ou seja, antes da entrada de forças chinesas na Coreia). Enquanto a guerra

Mas nem todos concordavam com o envio de forças para a Coreia. Luís Carlos Prestes, o presidente do clandestino PCB, lançaria o “Manifesto de Agosto de 1950”, em primeiro de agosto (o mesmo seria publicado pela *Tribuna Popular* no dia 6), documento este que era um ataque direto contra o governo Dutra e, principalmente, contra as possibilidades do país entrar na guerra. Prestes ressaltou que “*é a guerra que nos bate às portas e ameaça a vida de nossos filhos e o futuro da nação.*”³² Sobre a Guerra da Coreia especificamente, Prestes afirmou:

*“Na Coreia, os aviões norte-americanos já trucidam as mulheres e crianças e bombardeiam povoações pacíficas. É que, premidos pela crise econômica em que se debatem, querem precipitar o desencadeamento da guerra mundial, já proclamam cinicamente suas bárbaras intenções e ameaçam matar com suas bombas atômicas a mulheres e crianças, a jovens e velhos, indistintamente, para impor ao mundo sua dominação escravizadora.”*³³

Prestes ressaltou o caráter imperialista da iniciativa dos Estados Unidos ao tentar envolver o Brasil no conflito:

“E é por meio do terror fascista, procurando criar um clima de guerra civil, que o governo de traição nacional de Dutra quer levar o país à guerra e fazer nossa juventude carne de canhão para as aventuras bestiais de Truman.

(...)

*“Lutemos pela paz contra qualquer participação na criminosa intervenção guerreira de Truman na Coreia e na China. Nada, mas absolutamente nada para a guerra imperialista! Nenhum soldado do Brasil para ajudar a agressão americana à Coreia. A luta dos povos asiáticos contra o imperialismo é parte integrante de nossa própria luta de independência do Brasil do jugo imperialista. Que os norte-americanos saiam imediatamente da Coreia!”*³⁴

A linha política do PCB defendia a paz mundial. Não era, entretanto, uma linha própria: Stalin a havia determinado, sendo que grande parte dos movimentos pacifistas europeus estavam sob o domínio dos soviéticos e serviam para pressionar os Estados Unidos.³⁵ A “defesa da

estivesse no Extremo Oriente, o país auxiliaria as forças da ONU com víveres e matérias-primas, repensando essa ajuda caso a guerra chegasse na Europa. Enquanto isso, a defesa nacional iria reforçar-se. Esse posicionamento brasileiro cauteloso devia-se, logicamente, ao bom desempenho das forças da ONU depois do desembarque de Inchon. Como a guerra parecia estar praticamente decidida, era desnecessário o envio de tropas para os campos de guerra coreanos. A entrada das forças chinesas não mudou esse quadro;

³² - *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 01/08/50, p. 1;

³³ - *op. cit.*;

³⁴ - *Idem*, p. 6;

³⁵ - Holloway, David. *Stalin e a Bomba*. Rio de Janeiro, Record, 1997;

paz” seria muito criticada pela grande imprensa, conhecendo ou não o domínio stalinista sobre os grupos pacifistas.

Os debates dentro do Brasil sobre a participação ou não de tropas brasileiras na Guerra da Coreia provocariam as maiores crises da política brasileira na primeira metade dos anos 50.

Durante o primeiro governo Vargas, em particular durante o período do Estado Novo, muitas questões sobre o desenvolvimento econômico do país foram sendo discutidas entre os grupos econômicos e políticos, apesar da ditadura. A questão do desenvolvimento econômico dividiu o debate entre grupos que defendiam a vocação agrícola brasileira e aqueles que defendiam uma política de vigorosa expansão industrial. Os pontos centrais dessa discussão versavam sobre o controle e utilização dos recursos energéticos brasileiros, em particular o petróleo e os minérios atômicos. Era necessário o capital estrangeiro para explorar esses recursos ou seria preciso apenas o controle nacional, sob forma de intervenção estatal e de uma política de proteção ao capital nacional? Tais discussões criaram dois grupos. O primeiro grupo seria chamado de liberal ou antinacionalista (ou “entreguista”, pejorativamente). O segundo seria chamado de nacionalista (ou “populista” ou “queremista”, esses dois últimos pejorativamente).³⁶

Tais debates não ocorreriam apenas dentro do âmbito civil, mas também, e principalmente, dentro do âmbito militar.³⁷ Duas correntes também seriam formadas dentro das Forças Armadas: uma nacionalista, que lutava contra o capital estrangeiro e da subordinação do Brasil aos Estados Unidos; e a outra liberal, a favor do capital estrangeiro e a favor da subordinação

³⁶ - de acordo com Octavio Ianni, o primeiro grupo era o “mais antigo e ao mesmo tempo mais conservador é o modelo exportador. Implica na hegemonia do setor agrícola (...). Tem a sua contrapartida necessária na importação de manufaturas. Envolve a dependência externa, devido à comercialização internacional da parte principal do café. Portanto, os centros da política econômica no Brasil estão localizados no estrangeiro.” Já o outro grupo “Fundamenta a política externa independente e implica numa doutrina autônoma. Os elementos fundamentais desse padrão político-econômico estão consubstanciados na democracia populista desenvolvida depois de 1945. Esse é o modelo getuliano.” Ianni, Octavio. *O Colapso do Populismo no Brasil*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, pp. 53 e 54;

³⁷ - a presença dos militares na vida política brasileira havia sido marginalizada na República Velha, mas essa situação se modificaria durante o período 1930-1945, em particular durante o Estado Novo, onde a participação militar nos debates políticos tornou-se constante, quando não decisiva. Apesar disso, durante o Estado Novo nem todos os setores militares estavam a favor de Vargas ou concordavam com suas políticas, mas ficaram na defensiva até o final da ditadura. Depois da Segunda Guerra Mundial os militares demonstrariam ter uma orientação doutrinária distinta da época do Estado Novo e, principalmente, uma organização ainda mais poderosa do que antes. No governo Dutra os debates internos das Forças Armadas tornaram-se livres, com os diferentes grupos podendo se expressar. Sodrê, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965; e Peixoto, Antônio Carlos. “O Clube Militar e os Confrontos no Seio das Forças Armadas.” In Rouquié, Alain (Coord.). *Os Partidos Militares no Brasil*. Rio de Janeiro, Record, s/D;

do Brasil aos Estados Unidos.³⁸ Podemos ainda identificar uma terceira corrente dentro das Forças Armadas, que estava ligada aos nacionalistas: os nacionalistas radicais, grupo este que levaria os ideais nacionalistas ao extremo e que iria provocar as mais intensas polêmicas dentro do Clube Militar, como veremos a seguir.³⁹

Mas existiam diferenças relevantes das discussões realizadas entre os civis e os militares: dentro das Forças Armadas havia um consenso entre os grupos de que o país apenas poderia ser uma potência econômica (e, conseqüentemente, uma potência militar) caso o país fosse desenvolvido industrialmente. Assim, a instituição militar defendia, essencialmente, uma política de desenvolvimento industrial.⁴⁰ A discordância entre os grupos dentro das Forças Armadas estava quanto aos meios de alcançar esse desenvolvimento industrial: os nacionalistas defendiam o modelo do Estado Novo, enquanto que os liberais defendiam a participação do capital estrangeiro.

Os nacionalistas recebiam apoio intelectual, principalmente sobre a questão do petróleo, do CEDP (Centro de Estudos e Defesa do Petróleo), instituição criada em 1948, que visava dar apoio para as correntes nacionalistas pela estatização do uso e exploração do petróleo no Brasil. A UNE participava desse centro, junto com nacionalistas históricos, como o general Horta Barbosa e o ex-presidente Arthur Bernardes, além do PCB que, depois de ter sido posto na ilegalidade, começou a apoiar os grupos nacionalistas, de acordo com a orientação soviética.⁴¹

Já os liberais tinham como grupos de apoio, tanto intelectual quanto operacional, os veteranos da FEB (Força Expedicionária Brasileira) e a Escola Superior de Guerra. Os oficiais que participaram da FEB tiveram contato com os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e se admiraram com os avanços que o capitalismo poderia realizar. Seu engajamento ao lado dos norte-americanos, principalmente em questões envolvendo política internacional (eram, quase todos, ferrenhos anticomunistas) e economia era total e irrestrito.⁴² Os oficiais da FEB queriam a participação do capital norte-americano na economia brasileira, acreditando que era a única maneira do país realmente atingir o seu desenvolvimento econômico, o que os colocava diretamente contra qualquer política nacionalista ou que restringisse a presença do capital estrangeiro.

A Escola Superior de Guerra surgiu em 1948, baseada no modelo norte-americano do National War College, tendo começado a realizar uma série de cursos de um ano de duração

³⁸ - nas palavras de Nelson Werneck Sodré: "Por força da constituição democrática do Exército, a luta contra o imperialismo ganharia, em suas fileiras, adeptos numerosos e entusiastas, na mesma proporção em que os agentes do imperialismo dele se utilizaram para a conquista de posições e para a concretização das medidas necessárias à subordinação do Brasil ao carro da 'guerra fria'." Sodré, Nelson Werneck. op. cit., p. 304;

³⁹ - Skidmore, Thomas. Brasil - de Getúlio a Castelo (1930-1964). 4ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975;

⁴⁰ - Peixoto, Antônio Carlos. op. cit.;

⁴¹ - Gorender, Jacob. Combate nas Trevas - a Esquerda Brasileira: das Ilusões Perdidas à Luta Armada. 3. ed., São Paulo, Ática, 1987;

⁴² - Peixoto, Antônio Carlos. op. cit.;

freqüentado por igual número de civis e militares destacados em suas áreas de atividades, pregando o anticomunismo e uma visão geopolítica das relações do Brasil com o mundo dentro das perspectivas da Guerra Fria.⁴³ Uma das suas premissas básicas era que o inimigo comunista não atuava politicamente apenas fora do país, mas sim a partir de dentro: o “inimigo interno” (comunistas, simpatizantes ou mesmo os “ingênuos” que facilitariam a política comunista sem o saber) é que deveria ser combatido.⁴⁴ Dentro dessa lógica, a corrente nacionalista das Forças Armadas, com militares comunistas ou não, acabariam por facilitar, propositalmente ou não, uma política de esquerda e, assim, deveriam ser intensamente combatidos. A presença de membros da UNE e do PCB na CEDP reforçavam essa premissa.

Os nacionalistas e os liberais iriam se confrontar no Clube Militar, tendo a Guerra da Coréia como ponto de discórdia.

O Clube Militar era uma instituição recreativa das Forças Armadas, mas ganharia grande importância política nos debates nacionais, pois era o único canal onde era possível avaliar o que se passava politicamente dentro das Forças Armadas. Como era uma associação legal e reconhecida pelo Ministério da Guerra, o clube podia organizar debates, desde que fosse respeitado a disciplina - as opiniões políticas não poderiam ocorrer fora da instituição, mas a hierarquia não poderia impedir discussões que ocorressem dentro de uma tribuna que fazia parte da instituição.⁴⁵ Nesses debates era possível aos oficiais expressarem-se livremente, ou seja, o peso da hierarquia era menor. Como as atividades do clube eram do domínio público, suas discussões, principalmente na época das eleições da sua presidência, ganhavam grande relevo nacional, além da intensa cobertura da imprensa.

Entre 1946 e 1950 os debates dentro do Clube Militar limitavam-se a questões específicas, como a exploração do petróleo e de minérios atômicos, além das discussões sobre os caminhos da indústria nacional. Mas, com a vitória de Vargas, o eixo foi alterado pelos liberais, iniciando-se o processo de isolamento dos nacionalistas. A estratégia que seria utilizada pelos liberais consistia na construção de discursos acusando os nacionalistas de serem ou estarem infiltrados por comunistas.⁴⁶ O início da Guerra da Coréia acirrou a divisão ideológica dentro das Forças Armadas.

⁴³ - Eliezer, R. de Oliveira. As Forças Armadas - Política e Ideologia no Brasil (1964-1969). Petrópolis, Vozes, 1976;

⁴⁴ - Eliezer, R. de Oliveira, op. cit.;

⁴⁵ - as informações que se seguem sobre o Clube Militar foram extraídas de: Peixoto, Antônio Carlos. op. cit.;

⁴⁶ - o vencedor das eleições da diretoria do Clube Militar em 1950 e líder dos nacionalistas nas Forças Armadas, o general Newton Estillac Leal, começou a enfrentar esse problema. Em seu discurso de posse, Estillac afirmou que “Há poucos dias, atribui-se a eminente camarada a assertiva de que, usando eu, em documento público, o termo nação em lugar de pátria, dava prova de minha condição de comunista, aliás propalada a medo e desde há muito, por gratuitos inimigos meus, à sombra, é evidente, do anonimato.

No Clube Militar o debate sobre a guerra foi intenso e caloroso. Em agosto de 1950, a *Revista do Clube Militar* publicou um artigo intitulado “Considerações sobre a Guerra da Coréia”, onde seu autor (e também diretor da revista), o capitão Humberto Freire de Andrade, criticou a presença norte-americana na Coréia, atacando o regime ditatorial sulista e elogiando a política de Reforma Agrária e as políticas de caráter social praticadas pelo governo comunista da Coréia do Norte. O artigo não defendia ou pregava explicitamente o comunismo: ele reafirmava o direito do povo coreano de lutar pela sua unidade, algo que os Estados Unidos, e não a União Soviética, estariam impedindo. Não era uma guerra de invasão, argumentou o capitão, mas sim uma guerra civil onde o povo coreano deveria decidir os seus rumos. O grande invasor, portanto, não era a Coréia do Norte, mas sim os Estados Unidos.

O artigo posicionava-se contrário à participação militar brasileira na Coréia, pois

“às exigências do interesse nacional, aos sentimentos de nossa gente, à tradição bem brasileira de respeito à soberania das nações e de não interferência em assuntos internos de outros povos, à letra e ao espírito de nossas Constituições de 1891, de 1934 e de 1946, infensas a toda ação militar que não seja em defesa de nosso território, e, em consequência, à própria missão de nossas Forças Armadas: assegurar a integridade do nosso solo, zelar pela criação dos meios e das condições necessárias à efetiva defesa nacional e à efetiva soberania da Pátria, garantir o respeito aos direitos e garantias democráticas consignadas em lei.”⁴⁷

O capitão terminou seu artigo alertando os militares brasileiros sobre a possibilidade de ocorrer uma invasão estrangeira no Brasil, referindo-se diretamente sobre a influência “nefasta” que os norte-americanos estavam exercendo no país, e dos riscos dessa influência provocar uma guerra civil, exatamente igual àquela que estava sendo travada na Coréia.⁴⁸

O capitão encerra o artigo pregando o nacionalismo:

“E aqui, é mister definir o dever que nos cabe, a nós militares, enquanto cidadãos brasileiros; é de pensar e dar opiniões acerca dos problemas que interessam à vida, à independência e ao futuro de nosso povo, todos intimamente ligados à questão da defesa nacional e às condições essenciais para que seja cumprida nossa missão como soldados.”⁴⁹

Ignorava tivesse aquele termo perdido seu antigo valor semântico e muito menos sabia a influência comunista tão extensa e profunda na estrutura de nossa língua.” Extraído de: Sodré, Nelson Werneck. op. cit., p. 311;

⁴⁷ - *Revista do Clube Militar*. Nº 107, Rio de Janeiro, Clube Militar do Brasil, Agosto/1950, p. 3;

⁴⁸ - op. cit., p. 6;

A Guerra da Coréia vista não como uma agressão comunista, mas sim como uma guerra civil... críticas quanto à presença norte-americana na região... defesa do não-envio de forças brasileiras na guerra... a influência do PCB era explícita no artigo e na corrente nacionalista radical.

A resposta para o artigo foi rápida: o Ministro da Guerra do governo Dutra, general Canrobert Pereira da Costa, puniu a direção do Clube Militar, afastando praticamente todos os oficiais que dela participavam, transferindo-os para os mais distantes locais do Rio de Janeiro, cidade sede do clube. Os liberais organizaram manifestações contra a orientação da revista e da diretoria, chegando a fazer um manifesto, reunindo quase 600 assinaturas, criticando a política da diretoria do clube, vista como tendenciosa, e que ela não refletia a opinião de todos os sócios.⁵⁰ Outros sócios, proferindo suas opiniões individuais, começaram a se manifestar contra o artigo e a revista: um oficial escreveu que a revista é tendenciosa, “onde se pode ver, nitidamente, a simpatia pelo regime da Coréia do Norte, quando esse regime é condenado por nossas leis”. Uma outra mensagem acusou a revista “de ter uma orientação sutilmente comunista”. Até mesmo Vargas foi “atingido” pelo artigo sobre a Coréia, pois um terceiro oficial mandou um telegrama e, depois de criticar a tendência comunista do artigo, declarou-se estar “desgostoso de ver que criou-se um ambiente de confusão, favorável à implantação de uma nova ditadura pelo ex-ditador Vargas.”⁵¹

A imprensa participava ativamente da construção desses discursos acusando os nacionalistas de comunistas. Entre várias manchetes da seção “Momento Político” publicadas pelo *O Estado de S. Paulo*, no dia 2 de dezembro de 1950, uma chamou a atenção: “Manobras dos “Populistas” Visando Promover Agitações no País em Face do Conflito Coreano”, apresentando também um outro pequeno destaque - “Os “Populistas” Pretendem Agitar a Opinião Nacional com os Acontecimentos da Coréia”.⁵² O senador do Espírito Santo Atilio Vivacqua, ligado aos nacionalistas, apresentou um requerimento no Senado sobre as resoluções e recomendações do Conselho de Segurança da ONU em relação ao conflito na Coréia, sugerindo a necessidade dos problemas serem debatidos no “plenário da consciência nacional”. A condenação do jornal a tal pedido foi direta:

⁴⁹ - Idem;

⁵⁰ - o manifesto apresentava que: “Nós indagamos: como a diretoria do Clube permite que a revista, enquanto órgão do Clube, difunda uma orientação doutrinária e política? Há um grupo de adeptos que controla a revista e faz propaganda de suas idéias em nome de uma “luta patriótica”. Somos obrigados, pois, a tirar as seguintes conclusões: a revista desenvolve uma propaganda de quinta-coluna e de colaboracionismo. A diretoria não permite que a revista publique a opinião dos demais sócios. Combateremos essa “posição patriótica” inaceitável, em nome da lealdade das Forças Armadas para com o Brasil, da defesa de sua soberania em todos os planos, aí incluindo o da fidelidade aos compromissos internacionais assumidos.” Extraído de: Peixoto, Antônio Carlos. op. cit., p. 96;

⁵¹ - extraído de: Sodré, Nelson Werneck. op. cit., p. 320;

⁵² - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 02/12/50, p. 3;

“É evidente o intuito do senador espírito-santense de fazer agitação política em torno do assunto, provocando debate público sobre fatos consumados, isto é, sobre compromissos assumidos pelo nosso governo, pela Nação, junto à ONU. Assim, num momento grave para os destinos da nossa civilização, os agentes “populistas” iniciam uma ação desagregadora, quando o país reclama a colaboração de todos na defesa dos ideais democráticos que sempre foram a apanágio das nossas instituições políticas.”⁵³

No editorial do dia 5 de dezembro de 1950, também na seção “Momento Político”, com o título “O “Queremismo” Descobre a “Desordem”, *O Estado de S. Paulo* continuava criticando os “populistas”. O deputado Danton Coelho pediu ordem e união nacional por causa do momento crítico que estava passando o mundo. O editorial, respondendo ao apelo do deputado, argumentou que Getúlio Vargas, o ex-ditador, e o general Estillac Leal, líder dos “populistas”, eram os reais causadores da tal “desordem”:

“... postado na presidência do Clube Militar, o general Estillac Leal não tardou a fazer daquela associação de classe um órgão eminentemente político, lançando a semente do desentendimento na agremiação e conseqüentemente no seio do Exército.”⁵⁴

O *Correio da Manhã* também mostrou sua insatisfação com o que ocorria no Clube Militar e, no dia 16 de dezembro, um editorial comentou criticamente o artigo sobre a Guerra da Coreia – e o próprio Clube Militar – encontrando na instituição espaços para a propagação do comunismo:

“As atividades do Clube preocupam-nos na medida em que afetam a ordem, a segurança e os compromissos da nação brasileira. Não temos intenção alguma de dividir as Forças Armadas: a agitação e o divisionismo são provocados pelos que querem transformar o Clube em uma ilha soviética.”⁵⁵ (grifos meus)

Um editorial da *Folha da Manhã*, de 20 de dezembro de 1950, resumiria esse posicionamento contrário ao dos nacionalistas radicais. Comentando sobre a realização de uma assembléia geral no Clube Militar para discutir a orientação da revista, o editorial afirmou que:

“É evidente que a medida da diretoria do Clube, suspendendo a publicação da Revista, não passou de um recurso para ganhar tempo e

⁵³ - op. cit.;

⁵⁴ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 05/12/50, p. 3;

⁵⁵ - *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 16/12/50, p. 12;

impedir que o mal se tornasse ainda maior. Sabe-se, com efeito, que a edição já impressa, quando foi suspenso o periódico, veicularia novos artigos e comentários de tendência russofila (sic), encerrando inconcebíveis ataques aos países ocidentais, nossos aliados.”⁵⁶

A polêmica sobre a participação militar do Brasil na Guerra da Coreia ganhou as ruas. No carnaval carioca de 1951, muitos muros da cidade do Rio de Janeiro foram pichados com as seguintes palavras: “*Nenhum soldado para a Coreia!*”⁵⁷

Quem pichou essas palavras? Provavelmente foram membros do partido comunista. Na *Imprensa Popular* de 25 de março de 1952, ou seja, mais de um ano depois das pichações, foi publicada uma matéria, de título “*O Partido Comunista é o Partido da Paz*”, reforçando o posicionamento do partido pela paz mundial:

“Os forjadores da guerra lançam diariamente contra o movimento dos povos em defesa da paz uma torrente de mentiras. Visam, com isto, confundir, enganar as grandes massas populares, para depois jogá-las na fogueira de uma nova carnificina. Uma dessas mentiras é a de que o Movimento pela Paz é um movimento comunista. É fácil de se compreender e de se desmascarar esse palavreado cínico com que pretendem jogar areia nos olhos dos povos. Todos os patriotas e democratas têm tido oportunidade de ver e ouvir, de sentir e analisar, à base dos fatos, o conteúdo amplo dessa extraordinária campanha de defesa da vida.”⁵⁸

E complementando:

“Na verdade, a campanha da paz não é uma campanha comunista. Os comunistas são, sim, os elementos mais esclarecidos, a vanguarda, aqueles que comandam os povos na grande luta em defesa da vida. Por isso que o Partido de Prestes é o Partido da Paz.”⁵⁹

O que chamava a atenção desta matéria não era o seu conteúdo escrito em si, mas o desenho que ilustrava a matéria: várias mulheres carregando cartazes com a palavra “Paz”, sendo que o cartaz da primeira delas trazia as seguintes palavras: “Os Soldados Nossos Filhos não Irão para a Coreia”, lema semelhante ao pichado nas paredes durante o carnaval de 1951.⁶⁰ O PCB continuou seguindo fielmente as linhas de Moscou.

⁵⁶ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 20/12/50, p. 4;

⁵⁷ - extraído de: Augusto, Sérgio. *Este Mundo é Um Pandeiro - a Chanchada de Getúlio a JK*. São Paulo, Companhia das Letras/Cinemateca Brasileira, 1989, p. 55;

⁵⁸ - *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 25/03/52, p. 5;

⁵⁹ - *op. cit.*;

⁶⁰ - *Idem*;

Como podemos perceber, uma “guerra simbólica” estava ocorrendo na vida política brasileira tendo a Guerra da Coréia como motivação. E a posse de Getúlio Vargas na presidência (e de sua política nacionalista) iria aumentar a intensidade desta “guerra”.

Mas existe polêmicas sobre este ponto. De acordo com Roberto Baptista Júnior, embora exista uma bibliografia que indique um confronto do governo “nacionalista” de Vargas com os Estados Unidos, a política externa brasileira no período foi mais agressiva do que os próprios norte-americanos esperavam. De acordo com o autor, a “*variante entre Dutra e Vargas residia no grau de tolerância frente à opinião pública. Dutra optou por uma ação direta no combate ao comunismo. Vargas, por sua vez, fortaleceu os órgãos de repressão interna para permitir a volta dos sindicatos, dando a impressão de que seu governo aspirava mais à liberdade democrática do que o de seu antecessor.*”⁶¹

Mesmo assim, existiu oposição norte-americana ao governo Vargas. A política interna ambígua de Vargas (tentando conciliar vários interesses ao mesmo tempo) produzira apreensão em Washington. Apesar de Vargas exercer uma política externa engajada a favor dos Estados Unidos, na dinâmica da Guerra Fria era necessário que sua política interna também estivesse no mesmo caminho, algo que a ambigüidade do governo Vargas não deixava claro.

Vargas, ao assumir a presidência, colocou o grupo nacionalista no controle da máquina militar, pois a política que pretendia aplicar no seu segundo governo era mais próxima dos ideais desse grupo. Críticas a Vargas e aos nacionalistas já eram comuns, mas foram acentuadas com a Guerra da Coréia. O *Correio da Manhã* de 26 de junho de 1950 (início do conflito na Coréia) criticava Getúlio Vargas através da guerra, no editorial “Inimigos Internos”:

“Anda surda por aí uma campanha de descrédito contra os aliados naturais do Brasil no campo internacional, sobretudo contra os Estados Unidos. Essa campanha visa separar o Brasil da causa da civilização ocidental ameaçada pelo barbarismo totalitário russo. Essa campanha de pseudos nacionalismo é, como se sabe, alimentada pelos súditos moscovitas de nacionalidade brasileira e pelos agentes diretos ou indiretos da política de hegemonia continental afagada pelo novo Rosas da Casa Rosada.

Toda essa gente se abriga, hoje, sob o estandarte da candidatura do sr. Getúlio Vargas. O ditador não se furta à tentação de vez por outra beber também na fonte dessa ervenenedada demagogia hipernacionalista.

(...)

Por isso mesmo é que, na hora das grandes crises internacionais, a posição e as idéias políticas do sr. Getúlio Vargas estão

⁶¹ - Baptista Júnior, Roberto. Comunismo Internacional, Repressão e Intervencionismo nos Governos Dutra e Vargas (1945-1954). Brasília, Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, março/2001, p. 5 (digitada);

*sempre em insanável contradição a essas tradições e ao verdadeiro destino do Brasil, que foi e será sempre ao lado da causa da paz, da democracia e da civilização ocidental.*⁶²

Apesar dessa proximidade com os nacionalistas, Vargas tentaria não se descuidar dos liberais, tentando evitar um confronto entre as duas facções. Para todos os efeitos, Vargas precisaria do apoio dos militares para poder governar e qualquer grande oposição dentro desse segmento poderia ser fatal.

O líder da corrente nacionalista, o general Newton Estillac Leal, foi nomeado como o Ministro da Guerra.⁶³ A administração de Estillac Leal começou tensa, pois ele logo foi confrontado com a situação do artigo sobre a Guerra da Coréia e pelas sanções aplicadas por seu antecessor. Estillac havia proposto anular as sanções, mas não teve êxito: Vargas ficou contra, pois tal atitude poderia piorar ainda mais os antagonismos entre os grupos dentro das Forças Armadas; e parte expressiva da hierarquia militar não aceitava sequer uma revisão das punições.⁶⁴ Tal situação rachou a corrente nacionalista definitivamente: a revista manteve a defesa das posições dos nacionalistas radicais, que se afastariam dos nacionalistas que se encontravam na cúpula do governo e na administração federal. Os artigos radicais, por sua vez, dificultavam a atuação de Estillac como ministro, pois: 1º - como líder dos nacionalistas, não podia colocar-se contra os seus liderados; 2º - como Ministro da Guerra e comandante do Exército, não podia ficar indiferente às pressões que recebia para que punisse os nacionalistas radicais e impedisse a publicação dos artigos na revista.⁶⁵ Atacado pelos dois lados, Estillac começou a perder sua autoridade.

Em junho de 1951, o governo Vargas recebeu consultas do governo norte-americano para que participasse da guerra com tropas. Em 30 de junho, o Conselho de Segurança Nacional, reunido para discutir a questão, recusou o pedido norte-americano. As instruções de Getúlio Vargas para a missão de Góis Monteiro nos Estados Unidos sobre a questão, baseadas nas resoluções do Conselho de Segurança Nacional, deixou claro a posição do Brasil em relação à Guerra da Coréia: mesmo sendo contra a “agressão” comunista na Coréia e a favor das decisões da ONU em relação ao conflito, o país ajudaria os esforços de guerra com “auxílio material, na medida das suas possibilidades”, mas não enviaria tropas. A justificativa para esta recusa estava na instrução 9:

⁶² - *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 26/06/50, p. 12;

⁶³ - Carlos Lacerda, numa carta aberta destinada para Getúlio Vargas, criticou a nomeação de Estillac Leal por ele ser “um cúmplice do Partido Comunista”. Dulles, John W. F. op. cit., p. 139;

⁶⁴ - Peixoto, Antônio Carlos. op. cit.;

⁶⁵ - Sodré, Nelson Werneck. op. cit.;

“Os países altamente desenvolvidos podem aventurar-se à mobilização militar e à aplicação de suas reservas nessa mobilização, sem que isso afete substancialmente a sua estrutura econômica ou ameace a sua estabilidade. Já o mesmo não ocorre com os países de economia reflexa ou insuficientemente desenvolvidos, como o Brasil, pois os esforços que despendem nesse sentido influem profundamente na sua estabilidade e segurança internas, provocando conseqüências que, geralmente, atuam em detrimento dos objetivos visados pela política geral que se pretende desenvolver. O maior perigo está, sobretudo, em que esses países se tornam focos das próprias ideologias combatidas, que encontram campo favorável no seu ambiente social e se aproveitam da sua distorção econômica, explorando inclusive o clima psicológico derivado dos descontentamentos e das apreensões coletivas.”⁶⁶

O desapontamento dos liberais foi inevitável por causa de tal decisão. Logo, o governo Vargas também desapontaria os nacionalistas ao assinar um acordo militar com os Estados Unidos negociado pelo ministro de Relações Exteriores, João Neves da Fontoura.

O Acordo Militar Brasil-Estados Unidos era um tratado que permitia uma intervenção direta dos Estados Unidos caso uma eventual invasão comunista fosse feita no Brasil. Os termos do acordo eram bastante favoráveis para o lado norte-americano, pois estava baseado na “Lei de Assistência e Defesa Mútua” e na “Lei de Segurança Mútua”, ambas leis norte-americanas, o que obrigava o governo brasileiro a se submeter aos Estados Unidos em caso de uma agressão comunista.⁶⁷ Todas as ações seriam comandadas pelos Estados Unidos, com os seus oficiais podendo administrar e fiscalizar a assistência militar dentro do Brasil com total autonomia e imunidade diplomática. O ponto mais polêmico foi o que versava sobre o uso dos recursos econômicos brasileiros no caso do acordo ser acionado: toda a utilização das riquezas ficariam a cargo da administração militar norte-americana, única e exclusivamente.⁶⁸

O acordo também abria possibilidades do Brasil mandar tropas para a Coreia. *A Imprensa Popular* de 14 de dezembro de 1952 criticaria tal possibilidade. Na matéria *O “Exército da O.N.U.” Forjado pelos EE.UU.*, Raul Campos defendeu que

“O empenho com que as autoridades norte-americanas, diretamente ou através de porta-vozes seus, como o sr. Trigue Lie, têm reclamado o envio de tropas brasileiras para a Coreia, demonstra que essa é uma das contribuições mais importantes que os colonialistas de Wall Street esperam do governo do sr. Vargas.

⁶⁶ - extraído de: Vargas, Getúlio. *“Instruções para a Missão de Góis Monteiro nos EUA, de Julho de 1951.”* In Novaes e Cruz, Adelina Alves... [et al.]. (Orgs.). *Impasse na Democracia Brasileira: 1951/1955 – Coletânea de Documentos*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1983, p. 45;

⁶⁷ - Sodré, Nelson Werneck. op. cit.;

⁶⁸ - Sodré, Nelson Werneck. Idem;

(...)

*O Acordo Militar ora em discussão na Câmara Federal é um desses agressivos pactos bilaterais, que divide as nações componentes da ONU e que está claramente dirigido contra uma delas, a União Soviética. Essa é a natureza desse convênio que pretende colocar as forças da nação brasileira, sua economia, suas riquezas naturais e sua juventude na sangrenta corrida para a guerra.*⁶⁹

Mesmo assim, o acordo foi aceito pela grande imprensa, pois iria desestimular um eventual expansionismo soviético no Brasil, conforme podemos notar no editorial da *Folha da Manhã* do dia 18 de março de 1952:

*“O tratado de assistência militar entre o Brasil e os Estados Unidos, firmado Sábado último no Rio de Janeiro, é mais um complemento importante no conjunto das medidas que os países livres vêm pondo em prática para conter o expansionismo russo e preservar a paz mundial.”*⁷⁰

Os efeitos do acordo atingiriam em cheio o Ministro da Guerra, pois, além de ser uma afronta aos seus ideais nacionalistas, ele, como representante das Forças Armadas perante a administração federal, deveria participar ativamente de iniciativas dessa natureza - e sua participação no acordo foi praticamente nula. Sua omissão minou o que restava da sua autoridade e sua situação como Ministro ficou ainda mais delicada. Logo, ele seria substituído pelo general Ciro do Espírito Santo.⁷¹ A *Folha da Manhã* elogiou o ato de renúncia de Estillac:

“Ao seu patriotismo não terá passado despercebido que à sombra das suas respeitáveis tendências nacionalistas se desenvolviam germes de verdadeira rebelião contra os rumos traçados pelo governo brasileiro com relação à política exterior.

(...)

*“Assim, as reservas que se faziam à sua continuação no governo ligavam-se unicamente ao fato, infelizmente, de que elementos extremistas se prevaleciam das circunstâncias para levar o desassossego às fileiras do Exército e, por via de consequência, a toda a nação. Eliminar esse foco de inquietação era tarefa que não podia sofrer maiores delongas, sob pena de graves consequências para a vida nacional.”*⁷²

⁶⁹ - *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 14/12/52, p. 2;

⁷⁰ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 18/03/52, p. 6;

⁷¹ - Sodré, Nelson Werneck. op. cit.;

⁷² - *Folha da Manhã*. São Paulo, 27/03/52, p. 4;

Getúlio Vargas estava governando numa “gangorra” que, logo, iria inclinar-se para perigosamente para um lado só, pois, no final de 1951, ele anunciou duas medidas que colocariam os militares liberais definitivamente contra o seu governo: 1ª - o anúncio oficial de que o Brasil não enviaria tropas para a Coréia em circunstância alguma; 2ª- o anúncio de que o projeto que iria mudar a lei do petróleo (e que iria substituir o Estatuto do Petróleo, criando a Petrobrás) seria apresentado no início de 1952.

O projeto para a criação da Petrobrás enviado por Vargas ao Congresso não defendia o monopólio, mas sim uma empresa de capital misto onde o Estado seria majoritário. Curiosamente, foi a própria bancada da UDN, que até então combatia o monopólio, quem incluiu este item no projeto. Tal atitude da UDN deve ser encarada como uma posição estrategicamente política, pois pretendia deixar o governo Vargas em maiores dificuldades com a oposição dentro das Forças Armadas.⁷³ Dentro dessa perspectiva, a alteração de posição feita pela UDN foi uma tática perfeita: a oposição dos liberais tornou-se ainda mais aguda. Depois do envio do projeto ao congresso, o Clube Militar faria um relatório sobre ele, com parecer bastante negativo.⁷⁴ Era a primeira demonstração de que os liberais já estavam dominando as Forças Armadas.

As eleições de 1952 para a diretoria do Clube Militar foram o apogeu da crise. Do lado nacionalista, os candidatos eram os generais Estillac Leal e Horta Barbosa, que tentavam a reeleição, iniciativa que não foi bem aceita pela imprensa. Um editorial da *Folha da Manhã* do dia 9 de abril referiu-se à questão da revista do Clube Militar e dos problemas anteriormente causados:

“A revista do Clube, expressão autorizada do pensamento das classes militares, assumiu atitude de franca hostilidade à orientação de nosso governo no domínio da política exterior do país. Mais do que isso: validou com seu prestígio o teor da propaganda russa, nas referências feitas à guerra na Coréia e às responsabilidades que cabe ao Brasil na defesa dos princípios fundamentais da democracia. Tornou-se destarte um veículo de idéias quase subversivas, despertando natural reação dos militares plenamente identificados com a diretriz traçada oficialmente.”⁷⁵

E, no dia 17 de maio, o jornal posicionou-se diretamente contra Estillac:

“O que se tem dito com boa razão é que, à sombra das opiniões defendidas pelo ex-ministro da Guerra em matéria de política externa e econômica, floresceu pequeno mas ativo grupo de extremistas, que aliás de tudo se prevalecem para fazer o conhecido trabalho de dissociação e intriga entre os democratas sinceros. É a esses elementos

⁷³ - Peixoto, Antônio Carlos. op. cit.;

⁷⁴ - Peixoto, Antônio Carlos. Idem;

⁷⁵ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 09/04/52, p. 4;

que se devem atribuir as insinuações, ostensivas ou veladas, que injustamente se têm feito contra os militares da Cruzada Democrática. Quando se intenta chamá-los de 'entreguistas', no melhor uso da técnica comunista, o que se quer é estabelecer entre eles e os seus leais adversários do outro grupo um choque irreparável e de imprevisíveis conseqüências para a nação."⁷⁶

E complementando o editorial:

*"De nenhum se pode dizer que seja menos nacionalista que o outro, considerada a expressão no sentido exato, que é o da defesa intransigente da soberania do país."*⁷⁷

Do lado dos liberais candidataram-se os generais Alcides Etchegoyen e Nélson de Melo, que representavam a recém criada Cruzada Democrática, já citada no editorial da *Folha da Manhã*, que era formada por todos que posicionavam-se contra os nacionalistas. Seu núcleo central era formado por veteranos da FEB e por setores superiores da alta hierarquia militar, que eram opositoristas a Vargas.⁷⁸

A Cruzada Democrática, no seu manifesto inicial, defendia a "bandeira do nacionalismo sadio" e que tinha como objetivo principal "afastar do Clube Militar das influências totalitárias de direita ou de esquerda", redirecionando os caminhos:

*"O respeito a essas verdades, leva-nos a desejar que sejam proscritas do Clube Militar de maneira absoluta: as atividades que afetem a Ordem e a Segurança Interna e os compromissos internacionais da Nação Brasileira; as atividades que possam ser exploradas num sentido político-partidário, visando gerar dissensões de qualquer natureza entre os sócios; as iniciativas que possam ser interpretadas como pressões indébitas, quer sobre a opinião pública, quer sobre os poderes constituídos."*⁷⁹

A estratégia da Cruzada Democrática era de atribuir a si o papel de "nacionalista", enquanto que procuraria atribuir aos nacionalistas o papel de subversivos.⁸⁰ A imprensa ajudou a

⁷⁶ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 17/04/52, p. 4;

⁷⁷ - op. cit.;

⁷⁸ - Peixoto, Antônio Carlos. op. cit.;

⁷⁹ - extraído de: Sodré, Nelson Werneck. op. cit., pp. 327-328;

⁸⁰ - num panfleto da Cruzada Democrática (lançado provavelmente nos primeiros meses) de 1954, esse papel foi reafirmado: "No aspecto ideológico, hoje como ontem, mantemo-nos em posição de equilíbrio, repelindo os regimes de deificação do homem, qualquer que seja a sua inspiração. Fiéis aos compromissos que, como oficiais, assumimos para com a nação, nossa política é, antes de tudo, a do Brasil! Somos nacionalistas. Como isto dizemos tudo. Não há necessidade de adjetivações que modifiquem, limitando, o sentido do vocábulo. Porque não é nacionalista a atitude exacerbada dos xenófobos, vivendo de um primarismo tribal com base no

fazer com que essa estratégia fosse vencedora.⁸¹ A outra estratégia foi a repressão pura e simples: muitos membros das Forças Armadas foram ameaçados, presos e torturados.⁸² Em 25 de março, a *Folha da Manhã* destacou, no seu editorial, que

*“Despertaram afinal as autoridades militares para conjurar perigo da infiltração comunista extremista nas fileiras do Exército. As primeiras diligências resultaram na prisão de numerosos sargentos, um dos quais, por incrível que pareça, era o motorista do próprio chefe do Estado-Maior das nossas Forças Armadas. Tal circunstância revela a audácia e fria determinação dos inimigos do regime, que não hesitam ante qualquer artifício para alcançarem os seus objetivos.”*⁸³

No dia 21 de maio de 1952, Etchegoyen e Néelson Melo conseguiram 8.288 votos contra 4.489 votos dados para Estillac e Barbosa. Na retrospectiva do ano de 1952, a revista *Manchete* destacou

*“Estillac Leal não teve muito fôlego par sustentar-se no Ministério, com sua obstinada política de tolerância, relativamente à infiltração comunista nas Forças Armadas. Estillac encampou as atividades do nacionalismo extremista do Clube Militar, do qual era presidente, e boicotou os expurgos dos elementos comunistas nas corporações militares, provocando a reação enérgica da maioria da oficialidade, organizada em ‘Cruzada Democrática’ para derrotá-lo no clube e no governo.”*⁸⁴

A ampla vitória dos liberais produziu dois efeitos imediatos: 1º - o grupo nacionalista estava derrotado e seria afastado, no decorrer dos anos, de posições importantes dentro

ódio ao alienígena, e tentando pura e simplesmente ao isolacionismo utópico e anacrônico. Somos nacionalistas, sim, porque na solução de qualquer problema do país, particularmente dos de base, lutamos e lutaremos para que o alto interesse nacional se sobreponha aos de indivíduos ou grupos. E hoje, como em 1951, estaremos vigilantes face às manobras ou pretensões imperialistas, no campo econômico assim como no político.” s/A. “Panfleto da Cruzada Democrática.” In Novaes e Cruz, Adelina Alves... [et al.]. (Orgs.). op. cit., p. 39;

⁸¹ - como nos relata Nelson Werneck Sodré: “Nessa altura, já a imprensa concentrara todos os fogos sobre o Clube Militar, a diretoria era acusada de comunista e comunistas seriam todos os que votassem pela reeleição, passíveis, portanto, de punições servas e incompatíveis com a carreira militar.” Sodré, Nelson Werneck. op. cit., p. 349;

⁸² - Estillac tentou denunciar essas atrocidades: “Acolá, é a mistificação eleitoral apoiada no já desmoralizado chavão do comunismo, como aconteceu, temos notícias, no interior do Rio Grande do Sul, onde jovens oficiais foram instados a votar contra o Clube por um consórcio mais experimentado que lhes dizia serem considerados ‘a favor de Moscou’ aqueles que votassem na chapa Estillac-Horta.” Extraído de: Sodré, Nelson Werneck. Idem, pp. 349;

⁸³ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 25/03/52, p. 4;

⁸⁴ - *Manchete*. Nº 36, Rio de Janeiro, Editora Bloch, 27/12/52, p. 49;

do Clube Militar, além de começar o processo de despolitização do Clube e da revista; 2º - Vargas perdia, assim, o apoio dentro das Forças Armadas.

Apesar da vitória da Cruzada Democrática, tropas brasileiras não seriam enviadas para a Coreia. E, com o fim da mesma em 1953, a pressão militar sobre o governo Vargas diminuiria - relativamente.

Já as questões envolvendo a Guerra do Vietnã e o Brasil ultrapassariam o problema do envio de tropas brasileiras.

Esquerda X Direita: a Guerra do Vietnã como a “Bola” do Jogo

A falta de reação ao golpe que derrubou o governo Goulart preocupou muito as esquerdas brasileiras. O PCB não estava perto do poder como seu líder, Prestes, imaginara, os sindicatos fiéis a João Goulart tiveram atuação inexpressiva e o apoio popular não apareceu - pelo contrário, foram os golpistas que o receberam.

O apoio da imprensa ao golpe foi muito decisivo para o movimento, esvaziando qualquer possibilidade de respaldo popular, ou mesmo de qualquer tipo de resistência ao novo regime. O discurso sobre a luta contra o comunismo foi aproveitado ao máximo pela mídia da época. Nem mesmo o jornal *Última Hora* conseguiu angariar aliados para defender o governo Goulart, sendo, inclusive, empastelado poucas horas depois da queda do mesmo. Samuel Wainer sempre denunciou que tal fato ocorreu incentivado pelo apresentador de televisão Flávio Cavalcanti,⁸⁵ o que nos demonstra que o poder da televisão no Brasil já era de consideráveis proporções.

Como se comportaria a imprensa neste pós-64? O apoio dado por ela ao golpe não renderia, necessariamente, a aprovação incondicional de todos os atos posteriores dos militares. À medida que os militares se fixavam no poder, não demonstrando pretensões de abandoná-lo, pelo menos num curto prazo, os jornais começavam a fazer oposição ao regime.

Os novos governantes, aparentemente, tinham encerrado a disputa entre os liberais e os nacionalistas, dando a vitória aos primeiros. Mas a questão não era tão simples, pois começou a existir uma outra cisão dentro das Forças Armadas, entre os chamados “castelistas” (que desejavam um governo militar provisório e rápido, devolvendo o país à normalidade política) e os partidários da “linha dura” (que desejavam a permanência do poder até que seus objetivos políticos e

⁸⁵ - Motta, Nelson. Noites Tropicais - Solos, Improvisos e Memórias Musicais. Rio de Janeiro, Objetiva, 2000;

econômicos estivessem instituídos, ou seja, deixar o país estável economicamente e sem riscos de uma eventual ascensão comunista no poder). O consenso entre os dois grupos estava na queda de Goulart e, uma vez que ela fora conseguida, abriram espaços para as disputas internas das Forças Armadas. Qual grupo militar deveria ficar com o poder? A disputa estava entre os membros da Escola Superior de Guerra e os da “tropa”.⁸⁶

O *Correio da Manhã*, então, começaria a publicar ataques de oficiais do Exército, os da “tropa”, contra Castelo Branco,⁸⁷ sendo um dos primeiros atos de oposição ao novo regime realizado por um grande órgão de imprensa. Logo, o jornal também destacaria a oposição civil.

O *Correio da Manhã* abrigaria os jornalistas mais críticos do regime até aquele momento, tais como Carlos Heitor Cony, Otto Maria Carpeaux, Márcio Moreira Alves e Hermano Alves, fazendo com que o jornal tivesse ótimas vendas, inclusive fora do Rio de Janeiro.⁸⁸ Logo, *O Estado de S. Paulo*, um dos articuladores do golpe, também se colocaria contra o regime militar.

Ainda em 1964, seria publicada por Millôr Fernandes a revista *Pif-Paf*, antiga seção da revista *O Cruzeiro*, que se tornaria um marco desse período. Especializada em humor, com charges do próprio Millôr, essa revista seria uma das primeiras manifestações contra o golpe militar, embora não fosse essa a idéia original, pois Millôr pensava mais na revista como um projeto gráfico orgânico, com críticas aos costumes da classe média, do que um projeto ideológico. Tanto assim, que a revista estava pronta antes do golpe. As circunstâncias políticas, porém, mudaram os rumos do trabalho. A revista teve duração de apenas oito números, sendo que o último foi apreendido pelos militares. Não foi apenas a apreensão da revista que precipitou o seu fim, mas também as suas características mais gerais de confecção: falta de organização administrativa e falta de pessoal de apoio, o que implicou um produto caracterizado pelo amadorismo e pelo voluntarismo.⁸⁹ É interessante observar que tais características seriam uma constante na imprensa alternativa que se desenvolveria nos anos posteriores, o que põe a revista *Pif-Paf* como uma das suas precursoras.⁹⁰

Não foi apenas a imprensa escrita a vítima das ações do novo regime - a TV Excelsior também seria atingida. Esta emissora foi inaugurada em 1959 e pertencia a Mário Wallace Simonsen, empresário vinculado à exportação de café e que defendia as teses da corrente nacionalista. Entre 1962 e 1963 a Excelsior contratou as principais estrelas da TV Rio, quase levando a emissora carioca à falência. Com seu discurso nacionalista, foi a emissora de TV que apoiou João

⁸⁶ - Beiguelman, Paula. *O Pingo de Azeite - a Instauração da Ditadura*. 2ª ed., São Paulo, Perspectiva, 1994;

⁸⁷ - Francis, Paulo. *Trinta Anos esta Noite - 1964, o que Vi e Vivi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994;

⁸⁸ - Andrade, Jeferson de. *Um Jornal Assassinado - a Última Batalha do Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1991;

⁸⁹ - Kucinski, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários - nos Tempos da Imprensa Alternativa*. São Paulo, Scritta, 1991;

Goulart durante todo o seu governo, apoio este que custaria caro quando os militares tomaram o poder do país. De todos os meios de comunicação atingidos imediatamente após golpe, apenas os jornais *Última Hora* e *Correio da Manhã* sofreram tantas retaliações por parte do governo. Simonsen, que já enfrentava problemas financeiros antes do golpe, logo venderia a emissora que afundaria nos anos seguintes, fechando em 1969. Como podemos observar, elementos políticos também eram razões para a formação e destruição de uma emissora de televisão.⁹¹

Praticamente todos os jornais e revistas nacionalistas e de esquerda foram fechados, quer por pressão dos militares como por problemas econômicos. Mas também foram criados espaços para a publicação de idéias. A Editora Civilização Brasileira seria uma das mais combativas neste sentido. Dirigida por Ênio Silveira, a editora especializar-se-ia em publicações com temáticas internacionais, com duas implicações: em primeiro lugar, havia intenções comerciais, já que temas internacionais despertavam grande interesse do público leitor, refletindo-se nas vendas; em segundo lugar, a escolha do que era traduzido pela editora passava por questões políticas internas do país, naquilo que pudesse, preferencialmente, fazer referências ao que ocorria dentro do Brasil, e que os militares dificultavam ou proibiam de ser publicado.⁹² Tal prática fora muito comum durante a ditadura do Estado Novo (1937/1945).⁹³

Em outubro de 1965, a editora lançou o tablóide *Reunião*, que duraria três números. Ainda em 1965, seria lançada a *Revista Civilização Brasileira*, que procuraria discutir os problemas nacionais com ênfase marxista.⁹⁴ De acordo com a apresentação da revista:

“A Revista Civilização Brasileira não ignorará as experiências estrangeiras, naquilo que possam conter de colaborações útil ao processo nacional. Colherá em todo o mundo o pensamento vivo e atuante daqueles que contribuem para a melhoria da condição humana, mas seu enfoque será básica e fundamentalmente a dos interesses nacionais. Não será tolhida por um nacionalismo sentimentalóide e estreito, mas por certo não cairá nos esquemas geopolíticos, nos

⁹⁰ - o precursor da imprensa alternativa foi o jornal mineiro *Binônimo*, lançado em 1951; Kucinski, Bernardo. op. cit.;

⁹¹ - Henrique da Costa, Alcir. “Rio e Excelsior: Projetos Fracassados?” In Henrique da Costa, Alcir, Simões, Inimá Ferreira e Kehl, Maria Rita. Um País no Ar - História da TV Brasileira em 3 Canais. São Paulo, Brasiliense/FUNARTE, 1986;

⁹² - Silveira, Ênio. Palestra proferida no Auditório do IFCH, UNICAMP, Campinas, SP, 1994. Outras editoras tomaram os mesmos rumos da Civilização Brasileira, com a Saga, que publicou a obra do indiano K. Panikkar, A Dominação Ocidental na Ásia; a Paz e Terra publicou as considerações de um budista vietnamita, Thich Nhat Hanh, Vietnã - Flor de Lótus em Mar de Fogo, entre outros (a Civilização Brasileira era a distribuidora da Paz e Terra). Panikkar, K. A Dominação Ocidental na Ásia - do Século XV aos Nossos Dias. 2ª ed., Rio de Janeiro, Saga, 1969; e Hanh, Thich Nhat. Vietnã - Flor de Lótus em Mar de Fogo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968;

⁹³ - Dines, Alberto. Entrevista para o Autor, realizada no dia 20 de setembro de 1995, Campinas, SP;

⁹⁴ - Félix, Moacyr (Org.). Ênio Silveira - Arquiteto de Liberdades. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998;

planejamentos estratégicos que o State Department e o Pentágono idealizam e que certas figuras da política nacional executam."⁹⁵

A *Revista Civilização Brasileira* mergulhou na questão vietnamita, utilizando a guerra como “fundo” para suas críticas contra os Estados Unidos, contra o imperialismo, contra o capitalismo e, também, contra o regime militar. O primeiro artigo sobre a Guerra do Vietnã publicado pela revista foi de autoria de Antônio Houaiss, discutindo um artigo dos Editoriais da *Monthly Review*. Houaiss afirmou que

*“Há uma presença (sem aspás) chinesa não apenas no Sudeste asiático, mas na Ásia do Sul lato sensu, multi-secular, de tipo emigratório, sem plano de Estado, para a sobrevivência dos indivíduos que decidiram assentar sua vida em outros pontos que não o da China propriamente dita. A fidelidade destes ao Estado chinês moderno – o da China real, repitamos – é uma hipótese que tem sido objeto de propaganda e de ominosas predições, mas até hoje nenhuma atitude pode ser atribuída que corrobore a sua ‘periculosidade’, a serviço da China.”*⁹⁶

O autor, então, ressaltou que é a “outra” presença chinesa, entretanto, um dos móveis da tensão na área. É essa outra “presença” que está por trás das (injustas) motivações norte-americanas, pois

*‘sob a inspiração do Pentágono e de John Foster Dulles, se foi ancorando na estratégia norte-americana a convicção de que a queda de um peão seria seguida de outro e assim sucessivamente, de tal arte que em breve a Ásia inteira vivia a cair nas garras do comunismo. A única alternativa, dentro desse esquema genérico, era apegar-se a cada peão o mais possível, ainda que, ao cabo, as forças armadas norte-americanas fossem a só resistência contra a expansão comunista em cada um dos governos que essas forças armadas instituísem nesses peões. De modo que, em nome da democracia, os Estados Unidos da América têm sido levados a instaurar os mais espúrios governos do mundo nessas áreas, porque sem nenhuma raiz popular. Aos governos comunistas ou esquerdizantes, odiosos porque comunistas ou esquerdizantes (ainda que contando com o apoio das largas massas das respectivas populações e ainda que apresentando índices de progresso material à altura dos esforços coletivos), os Estados Unidos não têm podido oferecer aos olhos do mundo outra coisa que quislings dos mais minoritários e desamparados do mundo.’*⁹⁷ (grifos meus)

E, concluindo o artigo, Houaiss afirmou que

⁹⁵ - *Revista Civilização Brasileira*. Nº 1, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, Março/1965, p. 4;

⁹⁶ - *Revista Civilização Brasileira*. Nº 2, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, Maio/1965, p. 71;

“Balanço: Duas convicções existem geralmente quanto ao problema no seu conjunto: 1) a questão do Vietnã não se resolverá por via militar; se essa via for sustentada, tende a alargar o conflito, quantitativa e qualitativamente; o escaladamento pode vir a chegar até o tipo atômico: cumpre, a qualquer preço, cortar essa via, enquanto é tempo; 2) as negociações diplomáticas se imporão, mais cedo ou mais tarde, embora se possa presumir que se arrastarão por muito tempo e se estrangularão em muitos pontos.

Entrementes, a realidade das lutas sociais na área e no mundo encaminharão para um relevo maior ou menor.”⁹⁸

Críticas aos Estados Unidos, defesa da autonomia dos povos (mesmo que aceitassem governos “de esquerda ou esquerdizantes”), medo de uma guerra nuclear: eis como a revista de Ênio Silveira trabalhava com a Guerra do Vietnã - e tudo isso apenas na primeira matéria sobre a guerra.

De um modo geral, a estratégia da revista para cobrir a Guerra do Vietnã baseou-se em duas fontes principais: o Tribunal Bertrand Russell e a Contracultura.

O *Tribunal Internacional de Crimes de Guerra*, mais conhecido como *Tribunal Bertrand Russell*, era tudo o que Ênio Silveira poderia desejar: uma iniciativa crítica contra a participação norte-americana no Vietnã formada por intelectuais internacionalmente famosos (além de Bertrand Russell, faziam parte do tribunal Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Vladimir Dedijer, Laurent Schwartz, Isaac Deustcher, entre outros).⁹⁹ A *Revista Civilização Brasileira*, então, aproveitou-se do tribunal para denunciar as políticas dos Estados Unidos em relação ao Vietnã - e ao mundo.

O próprio Bertrand Russell ganharia espaço na revista, explicando as razões da criação do tribunal:

“Dirijo-me a vocês, cidadãos norte-americanos, movido por meu interesse na liberdade e na justiça social. Muitos de vocês crerão que seu país tem servido a estes ideais e, certamente, os Estados Unidos possuem uma tradição revolucionária que, em suas origens, gravitou em favor da liberdade humana e da igualdade social. Esta tradição tem sido traída pela minoria que governa atualmente os Estados Unidos. Muitos de vocês talvez não saibam até que ponto seu país está controlado por

⁹⁷ - op. cit., p. 73;

⁹⁸ - Idem, pp. 83-84;

⁹⁹ - para maiores informações sobre o Tribunal Russell ver: Russell, Bertrand. *Crimes de Guerra no Vietnã*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967; e Russell, Bertrand; Sartre, Jean-Paul e Dedijer, Vladimir. *Os Estados Unidos no Banco dos Réus*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970;

industriais que, em parte, baseiam seu poder nos grandes consórcios econômicos espalhados nos quatro cantos da terra.”¹⁰⁰

Russell argumentou que a luta vietnamita baseava-se na justiça e na liberdade, comparando a luta vietnamita com a resistência revolucionária norte-americana frente aos ingleses.¹⁰¹ Uma das causas da guerra, para Russell, era o conjunto de interesses do Complexo Industrial-Militar, pois esta

“concentração de poder torna inelutável para o Pentágono e a grande indústria a continuação da corrida armamentista, a fim de salvaguardar seus próprios interesses. Os subcontratos que beneficiam indústrias menos importantes e aos empreiteiros de guerra, envolvem todas as cidades norte-americanas e afetam o trabalho de milhões de pessoas. Quatro milhões trabalham para o Departamento de Defesa. Sua folha de pagamento se eleva a doze mil milhões de dólares, o dobro da indústria automobilística estadunidense.”

(...)

*“Desse modo, o povo norte-americano é carne de canhão utilizada por aqueles que não só exploram os vietnamitas mas também ao próprio povo dos Estados Unidos.”*¹⁰²

Os protestos contra a guerra também foram ressaltados pelo filósofo:

*“Não obstante, o povo norte-americano começa a compreender e a demonstrar a mesma determinação e valentia manifestada pateticamente pelos vietnamitas. A luta em Harlem, Watts e na América Latina, a resistência dos estudantes norte-americanos, o crescente descontentamento por esta guerra demonstrado amplamente pelo povo norte-americano, dão esperanças a todo o gênero humano de que está próximo o dia em que os homens cruéis e cobiçosos já não possam enganar e abusar da nação norte-americana.”*¹⁰³

E, finalizando o artigo, Bertrand Russell explica a real finalidade do tribunal:

¹⁰⁰ - *Revista Civilização Brasileira*. N.ºs. 9-10, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, Setembro/Novembro/1966, pp. 65-66;

¹⁰¹ - Bertrand Russell afirmou que: “Na realidade, a resistência popular vietnamita é igual à resistência revolucionária norte-americana frente aos ingleses que controlavam a vida política e econômica das colônias americanas, no Século XVIII. A resistência vietnamita é igual à resistência dos maquisards franceses, à dos comunistas iugoslavos e à dos guerrilheiros da Noruega e Dinamarca durante a ocupação nazista. Por isso, um pequeno povo camponês é capaz de por em xeque o Exército da nação industrial mais poderosa da terra.”. op. cit., pp. 66-67;

¹⁰² - *Idem*, p. 69;

¹⁰³ - *Idem*, *ibidem*, p. 72;

“O tribunal internacional de crimes de guerra é em si mesmo uma exortação à consciência do povo norte-americano, nosso aliado numa causa comum. (...) O Presidente Johnson, Dean Rusk, Robert McNamara, Henry Cabot Lodge, o general Westmoreland e seus colegas criminosos responderão ante uma justiça mais ampla do que aquela que eles reconhecem e receberão uma condenação mais profunda da que estão em condições de entender.”¹⁰⁴

Outro membro ativo do Tribunal Russell, Jean-Paul Sartre, também ganhou espaço na revista. O artigo de título “Genocídio” foi um dos textos mais fortes contra a Guerra do Vietnã publicados no Brasil.¹⁰⁵ O filósofo francês criticou, furiosamente, a política externa norte-americana por provocar genocídios:

“O governo americano não é culpado de ter inventado o genocídio moderno, nem mesmo de tê-lo escolhido em meio a outras respostas possíveis e eficazes à guerrilha. Ele não é culpado – por exemplo – de ter-lhe dado sua preferência por motivos de estratégia ou de economia. De fato, o genocídio se propõe como a única reação possível à insurreição de todo um povo contra seus opressores; o governo americano é culpado de ter preferido, de preferir ainda uma política de agressão e guerra, visando o genocídio total, a uma política de paz, a única que teria uma contraprestação, porque implicaria necessariamente na reconsideração dos objetivos principais que lhe impõem as grandes companhias imperialistas por intermédio de seus grupos de pressão. Ele é culpado de prosseguir e de intensificar a guerra, se bem que cada um de seus membros compreende cada dia mais profundamente, pelos relatórios dos chefes militares, que o único meio de vencer é “liberar” o Vietnã de todos os Vietnamitas.”¹⁰⁶

E, encerrando o artigo, Sartre relacionou a luta vietamita à luta mundial e da humanidade:

“Quando um camponês tomba no seu arrozal, ceifado por uma rajada de metralhadora, nós somos todos atingidos na sua pessoa. Assim também os Vietnamitas combatem por todos os homens e as forças americanas contra todos. Não apenas no sentido figurado nem abstrato.

¹⁰⁴ - Idem, *ibidem*, p. 73;

¹⁰⁵ - Jean-Paul Sartre abre seu artigo definindo genocídio: “A palavra ‘genocídio’ não existe há muito tempo: foi o jurista Lemkin quem a forjou entre as duas guerras mundiais. A coisa é antiga como a humanidade e não houve sociedade, até agora, cuja estrutura se tenha preservado de cometer esse crime. Conclui-se que todo genocídio é um produto da história e que leva a marca da coletividade da qual procede. Aquele que temos que julgar é o feito da maior potência capitalista do mundo contemporâneo: enquanto tal é que é preciso tentar entendê-lo – ou seja, enquanto ele exprime ao mesmo tempo as infraestruturas econômicas desta potência, seus fins políticos e as contradições da conjuntura presente.” *Revista Civilização Brasileira*. Nº 17, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, Janeiro/Fevereiro/1968, p. 1;

¹⁰⁶ - *op. cit.*, p. 17;

*E também não somente porque o genocídio seria no Vietnã um crime universalmente condenado pelo direito dos homens. Mas porque, pouco a pouco, a chantagem representada pelo genocídio se estende a todo o gênero humano, apoiando-se sobre a chantagem da guerra atômica, quer dizer, do absoluto da guerra total, e porque este crime, perpetrado todos os dias sob todos os olhos, faz de todos aqueles que não o denunciam cúmplices daqueles que o cometem, e, para melhor nos avassalar, começa por nos degradar. Neste sentido, o genocídio imperialista só pode radicalizar-se: porque o grupo que se quer atingir e aterrorizar, através da nação vietnamita, é o grupo humano por inteiro.*¹⁰⁷ (grifos meus)

Podemos notar que muitas das críticas levantadas por Russell e Sartre poderiam ser aplicadas no Brasil da época, pois a maioria expressiva da esquerda brasileira analisava a ditadura militar como fruto do imperialismo norte-americano - o mesmo que atuava no Vietnã. A luta vietnamita defendida por Sartre poderia ser a luta brasileira, por exemplo. Tais coincidências de conteúdo não foram, de forma alguma, acidentais.

Já as discussões a partir da Contracultura envolveram as idéias do pensador alemão Herbert Marcuse, que defendeu nas páginas da revista a existência de uma “sociedade tecnológica”:

“Entendo por sociedade tecnológica aquela que se caracteriza pela automação progressiva do aparato material e intelectual que regula a produção, a distribuição e o consumo, quero dizer, um aparato que se estende tanto às esferas públicas de existência como às particulares, tanto no domínio cultural como ao econômico e político; em outras palavras, é um aparato total.

(...)

*“A racionalidade, assim como a eficiência do aparato tecnológico, e o alto grau de produtividade atingido por este, levam a uma coordenação e manipulação totais, obtidas em grande parte por métodos invisíveis e agradáveis. Esses métodos produzem a perda da autonomia e da liberdade individuais, apesar do grau, aparentemente elevado, de independência que prevalece na sociedade.”*¹⁰⁸

E, criticando tal lógica, Marcuse concluiu que “nesta sociedade a tecnologia, a técnica e o progresso técnico são utilizados como instrumentos políticos na batalha contra as formas humanas de existência.”¹⁰⁹ Mesmo assim, tais técnicas estão ajudando a produzir, dentro dessa mesma sociedade tecnológica, a contestação a ela: estudantes, minorias, guerrilheiros no Terceiro Mundo, etc. Mas, apesar disso, suas críticas seriam profundas em relação aos contestadores, como podemos perceber na seguinte passagem:

¹⁰⁷ - *Idem*, pp. 17-18;

¹⁰⁸ - *Revista Civilização Brasileira*. Nº 18, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, Março/Abril/1968, p. 4;

“Parece-me que as forças de oposição estão na atualidade consideravelmente ilhadas, carecem de solidariedade internacional, são espontâneas e se mostram desorganizadas em extremo, concentrando-se em dois pólos opostos: o primeiro são os movimentos de libertação nacional que se realizam nos países atrasados; o segundo é a oposição fundamentalmente intelectual que existe nos países industrialmente avançados. Creio que há uma profunda relação entre ambos, mas que não foi, de modo algum, transferida à realidade por meios da organização ou da solidariedade.”¹¹⁰

Marcuse, num artigo posterior, analisando a contestação dos estudantes norte-americanos, concluiu que toda *“oposição só pode, hoje, ser considerada em um quadro geral. Como fenômeno isolado, é, desde o início, falseado.”*¹¹¹ A Guerra do Vietnã tinha um importante papel neste quadro, pois

*“... esta oposição foi fortalecida pela guerra do Vietname. Para estes estudantes a guerra do Vietname, pela primeira vez, desvendou a essência da sociedade existente: a necessidade, que lhe é imanente, de expansão e agressão, e a brutalidade da luta de concorrência no terreno internacional.”*¹¹²

A Guerra do Vietnã era, portanto, uma das motivações da oposição estudantil nos Estados Unidos. E sobre a Guerra do Vietnã especificamente, Marcuse comentou que:

*“Trata-se de uma luta decisiva contra todas as tentativas de libertação nacional, em todos os cantos do mundo, decisiva no sentido de que uma vitória do movimento libertador vietnamita daria o sinal para a ativação de movimentos libertadores, em outras partes do mundo e muito mais próximas da metrópole, onde realmente existem enormes investimentos. Se, neste sentido, o Vietname, de modo algum, é apenas um acontecimento da política externa, mas está ligado à essência do sistema, talvez também um ponto de inflexão no desenvolvimento do sistema, talvez o começo do fim. Pois o que aqui se mostrou é que a vontade humana e o corpo humano, com os mais pobres armamentos, são capazes de por em cheque o sistema de destruição mais operante de todos os tempos. Isto é, ainda uma vez, algo de novo na história mundial.”*¹¹³

Mas a falta de união e articulação entre esses movimentos os prejudicarão. Mesmo estratégias criativas (como os bed-in, teach-in, discussões sobre sexo, etc.) precisam de articulação

¹⁰⁹ - op. cit., p. 6;

¹¹⁰ - Idem, p. 11;

¹¹¹ - *Revista Civilização Brasileira*. N^{os}. 21-22, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, Setembro/Outubro/1968, p. 80;

¹¹² - op. cit., p. 83;

¹¹³ - Idem, p. 84;

entre os grupos de contestação e, principalmente, de uma teoria que dê caminhos para reflexões – e ações.¹¹⁴

Concluindo o artigo, Marcuse afirmou que:

*“O fato é que nos encontramos em face de um sistema, que, desde o começo do período fascista e, ainda hoje, por sua realidade, renegou propriamente a idéia do progresso histórico – um sistema cujas íntimas contradições se manifestam sempre renovadamente em guerras desumanas e desnecessárias, e cuja crescente produtividade é uma crescente perturbação e um crescente desperdício. Tal sistema não está imunizado. Ele já se defende contra a oposição do mundo. E mesmo que não alcancemos em que possa adiantar essa oposição, devemos prosseguir, se quisermos ainda trabalhar como homens e ser felizes. Em aliança com o sistema, nada conseguiremos.”*¹¹⁵

Destacando os movimentos jovens de contestação dos Estados Unidos e da Europa, a revista procurava estimular os jovens brasileiros a fazerem o mesmo. As grandes questões da época foram devidamente retratadas pela *Revista Civilização Brasileira*, utilizando-se da Guerra do Vietnã, entre outros temas para serem “lidas” sob uma ótica da esquerda no Brasil.

A tática da editora Civilização Brasileira de “usar” a Guerra do Vietnã como estímulo para criticar os Estados Unidos e a situação política brasileira também seria utilizada pela direita, mas para denunciar as atrocidades comunistas. Em 1966, a editora da revista *O Cruzeiro* lançou um pequeno livro, Guerra no Vietnam - Por quê?, do jornalista indiano M. Sivaram, mostrando uma visão bem negativa dos comunistas, como podemos notar na seguinte passagem:

*“E é por essa razão (a injusta agressão comunista no mundo) que temos tido guerras, não desejadas e ruinosas, com o objetivo de resistir aos seus fabricantes, que acreditam apenas na força e a nada se curvam, exceto a ela própria. À semelhança da travada contra Hitler e à da Coréia, a guerra no Vietnam somente poderá terminar com a retirada do agressor. Qualquer outra solução significará não somente a escravização de todo o Vietnam, como também de todo o sudeste asiático. E o processo de conquista comunista poderá não terminar ali.”*¹¹⁶

¹¹⁴ - Idem, *ibidem*;

¹¹⁵ - Idem, *ibidem*, p. 90;

¹¹⁶ - Sivaram, M. Guerra no Vietnam - Por quê?. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1966, p. 204. A editora José Olympio também publicou obras contra os comunistas vietnamitas, como foi o caso do livro de Jean Lartéguy, Um Milhão de Dólares por Vietcong. Lartéguy, Jean. Um Milhão de Dólares por Vietcong. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966;

Como podemos observar, o *Medo do Expansionismo Comunista* ainda exercia influência na produção da imprensa. E o padre Generoso Bogo reforçaria ainda mais este medo utilizando-se do Vietnã.¹¹⁷

O padre Bogo era conhecido mundialmente pelo seu trabalho de caridade com as crianças vítimas da guerra no Vietnã do Sul - ele trabalhava num dos inúmeros orfanatos católicos no país.¹¹⁸ Na sua volta ao Brasil em 1969, ele lançou um livro, *Imagens e Paisagens do Vietnã*, contado a história do país, sua geografia, além da sua trajetória pessoal como padre. O mais interessante deste livro é que ele extrapola seu caráter histórico e geográfico, tomando-se um libelo contra o comunismo no Vietnã do Sul. Eis uma passagem reveladora:

*"(...) afirmar que a China de Mao é uma 'sociedade sem classes', é uma cínica manipulação de estilo para ocultar uma flagrante mentira! - E é à massa não comunista que se impõem as tarefas mais pesadas e esfalfantes em nome de um partido que usurpou o poder com a perfídia, a violência, e o terror para o 'bem estar' do... povo! - Vão a Macau e a Hong Kong, os que crêem, para ver, para falar com os milhões de privilegiados que conseguiram e, conseguem ainda, contra as balas, ultrapassar fronteiras e trincheiras em busca da liberdade."*¹¹⁹

Até mesmo a beleza do país não combina com o regime comunista, numa visão geográfica, no mínimo, curiosa. Bogo acreditava que queda do Vietnã seria uma tragédia, pois a *"ameaça comunista atinge todos nós. Um triunfo comunista na Ásia, seria uma catástrofe para a Europa."*¹²⁰ Até mesmo os analistas norte-americanos desconsideraram tal hipótese. Em muitos sentidos, tais visões eram raras por volta de 1969, pois os discursos contra a guerra acabaram superando os discursos a favor dela e representações desta natureza apareciam muito pouco freqüentemente.

¹¹⁷ - outros setores da Igreja Católica também discutiam a Guerra do Vietnã. O padre Cechin, irmão marista, escreveria, junto com sua irmã Matilde, um interessante livro, *Crescei e Vivei*, no qual incorporava à vida religiosa cristã elementos sociais da atualidade, argumentando que não era mais possível viver apenas dos escritos antigos, ou seja, era necessário uma visão mais global da realidade, e Cristo tinha de entrar nessa realidade. O autor destacou alguns pontos que deveriam ser pensados em termos cristãos, e entre eles estavam os golpes da América Latina, a mini-saia, a música dos Beatles e a Guerra do Vietnã - esta última que não deveria ser acompanhada passivamente, mas criticamente. O livro foi proibido nas escolas, pois, para as autoridades, ele incentivava a luta de classes. Cechin, Padre. *Crescei e Vivei*. s/L, s/D (mimeo); outras referências à obra estão em Betto, Frei. *Batismo de Sangue - os Dominicanos e a Morte de Carlos Marighella*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1985;

¹¹⁸ - o jornalista José Hamilton Ribeiro, para conseguir o visto da embaixada do Vietnã do Sul, alegou que iria fazer uma reportagem com o padre Bogo (o que não era inteiramente verdade, pois o padre não estava no Vietnã no momento que Hamilton Ribeiro alegava que iria visitá-lo). Ribeiro, José Hamilton. *O Gôsto da Guerra*. São Paulo, Brasiliense, 1969;

¹¹⁹ - Bogo, Padre Generoso. *Imagens e Paisagens do Vietnam*. Porto Alegre, Dom Bosco, 1969, p. 152;

¹²⁰ - Bogo, Padre Generoso. op. cit., p. 154;

O padre Bogo estava bem inteirado do que acontecia no Vietnã - até mesmo por que trabalhava no país - e tentou mostrar a faceta mais selvagem do Vietcong e do Vietnã do Norte, pois essa selvageria existia realmente, mas estava encoberta por visões de heroísmo dessas forças contra as forças armadas norte-americanas, muito mais poderosas:

*“Que Deus livre o nosso grande povo dessas mazelas do ‘paraíso’ de Mao, e dos... pacifistas, e dos simpatizantes deles que pretendem enganar-nos e fazer-nos engolir a ‘pilula dessa... ‘igualdade social’!”*¹²¹

A representação das forças comunistas como heróis era muito comum na época, mesmo quando elas nada tinham de heróicas. O livro do padre Bogo foi esquecido, pois sua temática esbarrava em representações muito diferentes da que se tinha em relação à guerra no momento do seu lançamento em 1969.¹²²

Mas o livro do padre Bogo não foi o único a ser escrito no Brasil sobre a guerra. Luís Barreiros, correspondente do jornal *Correio da Manhã*, foi ao Vietnã do Sul em 1970 e escreveu uma série de reportagens para o jornal, publicadas em janeiro de 1971.¹²³ Mas não foram as suas reportagens contra os comunistas e a favor do Vietnã do Sul que chamam a atenção para este correspondente, mas sim o fato de o jornalista ter escrito um romance tendo a Guerra do Vietnã como fundo, *Saigon Meu Amor*¹²⁴

O romance conta a história da camponesa Nguyen Thy Phuong, que, logo no começo do livro, foi estuprada por um guerrilheiro Vietcong. A seguinte passagem é bastante reveladora sobre a visão do autor em relação ao Vietcong:

“O corpo de menina-moça de Thy Phuong despertou no vietcongue instintos animais e que o ardor das lutas traiçoeiras e criminosas haviam escondido. Porque Vo Thuong (o guerrilheiro) de há muito não tinha relações sexuais normais com mulheres. Nos

¹²¹ - Bogo, Padre Generoso. Idem, p. 152;

¹²² - uma curiosidade: o padre, para arrecadar fundos para ajudar mil e trezentos “pequenininhos refugiados” vietnamitas, recorreu a doações em dinheiro com depósitos em contas bancárias, sendo um dos precursores dessa prática no Brasil. Os bancos são: Banco Industrial e Comercial do Sul S.A. (Sulbanco, de Porto Alegre, São Leopoldo e de Lages); Banco Nacional do Comércio, agências de Rio do Sul e de Itajaí, em Santa Catarina; Bradesco, de Campinas e de Lorena; Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina S.A., na Guanabara e em Presidente Getúlio, Santa Catarina. Infelizmente, os bancos que ainda existem recusaram-se a prestar informações da movimentação destas contas, por questões de sigilo bancário (ou por não terem mais informações das mesmas), o que nos impede de descobrir os efeitos de tal campanha. Bogo, Generoso. Idem, ibidem, parte interna da contracapa;

¹²³ - *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, várias edições de janeiro/1971;

¹²⁴ - Barreiros, Luís. op. cit.. Este foi o único na época, pois outro romance tendo a guerra no Vietnã de fundo seria lançado em 1995: Netto, Osmar. *Vietnã - a Saga de um Brasileiro*. São Paulo, O. Netto, 1995;

acampamentos, às pressas, e muitas vezes de pé mesmo, encostado às árvores, possuía mulheres, filhas ou irmãs de outros guerrilheiros. Quando faziam prisioneiras, era um dos que, aos grupos violavam bestialmente velhas e moças e até mesmo crianças, que depois de servirem de pasto para todos, eram assassinadas a golpes de baioneta ou com tiros na frente. Mas agora, sozinho, sem ninguém por perto, tinha ao seu dispôr, à sua mercê, uma prisioneira linda! E 'comida' de americano!"¹²⁵

Após o estupro, ela viajou para Saigon para viver com sua amiga de infância Kim Hoa (uma prostituta que lhe arrumaria o mesmo emprego) e, na sua primeira noite, ela conheceu o jornalista brasileiro Milton de Almeida, enviado a Saigon para cobrir a guerra pelos "Diários Unidos" (empresa de notícias fictícia), e ambos se apaixonam. Phuong descobre que Kim Hoa é lésbica e que esta está apaixonada por ela. Um norte-americano, misteriosamente, deu grandes somas de dinheiro a Phuong e ela, assim, pode pagar as contas com a cafetina do lugar. Phuong, então, é seqüestrada pelo norte-americano e por sua amiga, que a levam até o Camboja. Milton, ao procurá-la no bordel e não encontrando-a, preocupa-se, descobre toda a trama e vai salvá-la junto com as autoridades norte-americanas. Os dois se casam e vêm viver no Brasil.

Apesar do frágil enredo do livro, ele nos revela muitas informações úteis, desde o roteiro de viagem do Brasil até o Vietnã do Sul (linha EUA-Japão-Vietnã do Sul) até como os correspondentes de guerra trabalhavam no campo de batalha. O moralismo do autor é patente: o guerrilheiro Vietcong é caracterizado como estuprador e as autoridades norte-americanas como cumpridoras da lei e da ordem. Muitas questões da guerra aparecem no livro, como o perigo de vida que os correspondentes passavam na sua cobertura (no livro, um correspondente de guerra do Japão foi morto) e o desgaste da guerra na imprensa no início da década de 70 (o personagem recebe um telegrama dos "Diários Unidos" informando que a Guerra do Vietnã estava perdendo o interesse).¹²⁶

O mais importante desse romance é que a representação da guerra ganhou um espaço raro neste momento no Brasil, de apoio aos norte-americanos e ao Vietnã do Sul. Luís Barreiros procurava valorizar a beleza da mulher vietnamita, que estava sendo destruída, assim como o próprio país, pela guerra e pela luta dos comunistas em tentar destruir "a democracia" do Vietnã do Sul.

Apesar dessas iniciativas da direita, a Guerra do Vietnã seria uma das grandes incentivadoras da esquerda armada no Brasil.

¹²⁵ - Barreiros, Luís. Idem, p. 17;

¹²⁶ - "Parabéns Senhor e Senhora Almeida PT Guerra do Vietnã Perdendo Interesse PT Acontecimentos Irlanda Pakistan Uruguai Tomam Lugar Notícias Dai PT Retorne Com Madame Almeida PT Felicidades Pombinhos VG Abraços Diários Unidos." Barreiros, Luís. Idem, ibidem, p. 205;

Houve uma reação guerrilheira contra o novo regime militar no Brasil quando o coronel reformado do Exército Jefferson Cardim Osório, em julho de 1965, criou, com 33 membros, as Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN), apossou-se de um caminhão militar em Três Passos, no rio Grande do Sul e iniciou, no Sudoeste do Paraná, uma tentativa, frustrada, de guerrilha, que logo seria desbaratada, sem que se disparasse um tiro sequer.¹²⁷ A iniciativa deste levante foi de Leonel Brizola, exilado no Uruguai. Já podemos perceber a influência da guerrilha vietnamita no Brasil pois, de acordo com o jornalista e ex-guerrilheiro Flávio Tavares, “*Brizola estava literalmente inundado pela concepção de guerrilha, lia revistas do Vietnã do Norte e me contou, inclusive, que fazia exercícios de tiro e assalto a baioneta.*”¹²⁸ Mas a guerrilha cubana ainda era a grande referência. Ainda de acordo com Flávio Tavares, toda “*a veemência dos seus 43 anos concentrava-se em defender ‘o foco’.*”¹²⁹

Mesmo com a vitória dos militares, a *Luta pela Revolução Socialista* continuaria influente nos anos seguintes a 1964, chegando no seu auge em 67/68, principalmente tendo como exemplo, além da luta travada no Vietnã, as revoluções chinesa e cubana. A grande imagem, porém, era a do guerrilheiro Ernesto “Che” Guevara.

Em 1965, Guevara escreveu um pequeno ensaio denominado Vietnam e a Luta Mundial Por Liberdade, que partia de um ponto de vista latino-americano para pensar a revolução em termos globais, principalmente no Terceiro Mundo, pois, como ele mesmo referiu, na “*América Latina a luta avança, de armas na mão, na Guatemala, Colômbia, Venezuela e Bolívia, e os primeiros focos já estão aparecendo no Brasil.*”¹³⁰ Guevara ressaltou a herança comum da opressão no continente, bem como a linguagem e costumes semelhantes, favorecendo a criação de uma base comum. Che ressaltou que é preciso uma luta continental, palco de muitas e grandes batalhas, “em nome da humanidade, em nome da sua libertação”.¹³¹ Os outros combates que estão acontecendo são pequenos e esporádicos, mas importantes, pois estão criando os mártires que figurarão na história das Américas. Na sua visão messiânica da revolução, Guevara argumenta que a guerrilha praticada pelo Vietcong derrotaria as forças dos Estados Unidos, que tinham acabado de entrar em combate. O texto pregava a possibilidade de todos os países explorados seguirem os mesmos caminhos, e que a luta, apesar de árdua, minaria o poder “imperialista” dos Estados Unidos. A grande idéia de Che se resumiria numa das mais famosas frases da década: “Criar um, dois, três...vários Vietnãs!”¹³²

¹²⁷ - Gorender, Jacob. op. cit.;

¹²⁸ - Tavares, Flávio. Memórias do Esquecimento. São Paulo, Globo, 1999, p. 177;

¹²⁹ - Tavares, Flávio. op. cit.;

¹³⁰ - Guevara, Ernesto Che, Vietnam e a Luta Mundial Por Liberdade, sem referências (mimeo);

¹³¹ - Guevara, Ernesto Che. op. cit.;

¹³² - Guevara, Ernesto Che. Idem;

Sonhar tal idéia poderia ser lógico para o momento, mas apresentava muitas dificuldades práticas. A guerrilha Vietcong tinha as suas especificidades, que raramente são encontradas em outros lugares, muito menos na América Latina - a própria guerrilha que levou Fidel Castro ao poder era muito diferente da praticada pelo Vietcong, por exemplo. Não se contestava o empenho Vietcong na luta contra os Estados Unidos, mas alguns fatores devem ser considerados: o número de desertores crescia de acordo com as dificuldades encontradas; a própria FLN não era uma unidade total e incontestável, muitas das suas lideranças não eram comunistas, e havia um número respeitável de diferenças com o seu aliado, o Vietnã do Norte; a violência contra o camponês também era uma prática constante do Vietcong, mesmo que sua violência fosse mais seletiva que a dos sul-vietnamitas.¹³³ Mas tais especificidades foram desconsideradas por Che Guevara.

Quando o guerrilheiro argentino escreveu este texto, a guerra ainda não tinha entrado no impasse, mas as suas palavras confirmariam-se, uma a uma. As imagens da guerra mostravam guerrilheiros frágeis fisicamente enfrentando, sem recuar ou desistir, sofrendo pesadas privações, um exército melhor treinado e armado, fazendo qualquer esforço, por mais desumana ou violenta que fosse, para manter sua luta por sua causa. Que imagem poderia ser mais indicada para jovens que contestavam os valores sociais (como a norte-americana e europeia) ou que queriam a revolução (como a latino-americana)? O próprio exemplo de Che Guevara era significativo - um "homem do mundo", lutando por suas idéias sem se preocupar com o futuro ou com o que pensassem dele. *A Luta pela Revolução Socialista* ganhava "corpo, voz e alma" com Che Guevara e o Vietnã.¹³⁴

Um dos frutos deste imaginário foi a criação, pelo governo cubano, da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS), órgão internacional que visava auxiliar grupos revolucionários da América Latina, mantendo inclusive campos de treinamentos de guerrilheiros. Em agosto de 1967, foi organizada uma conferência desta organização em Havana, e a idéia de criar muitos Vietnãs era a palavra de ordem - sabia-se que Guevara estava em algum lugar da América

¹³³ - Gigon, Fernand. *USA X Vietcong - as Duas Faces do Conflito*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967;

¹³⁴ - em 1967, Che Guevara escreveu sua "Mensagem à Tricontinental", documento divulgado em abril deste ano, que continuava a destacar a revolução mundial e a idéia de "criar Vietnãs": "Cada gota de sangue derramado, em qualquer país sob cuja bandeira não se nasceu, é uma experiência transmitida aos que sobreviveram, a ser acrescentada depois à libertação de seu próprio país (...). Não podemos fugir do chamamento desta hora. O Vietnã o está apontando com sua inesgotável lição de heroísmo, sua trágica lição quotidiana de luta e morte para a consecução da vitória final. (...) Podemos ver de perto um futuro radioso se dois, três, muitos Vietnãs florescerem através do mundo, com sua quota de mortes e imensas tragédias, seu heroísmo de todos os dias e seus repetidos golpes contra o imperialismo, obrigado a dispersar suas forças diante do ataque súbito e do ódio crescente de todos os povos do mundo!" Extraído de: Anderson, Jon Lee. *Che Guevara - uma Biografia*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1997, pp. 825-826;

Latina, preparando uma guerrilha. A idéia de foco revolucionário, tão cara aos pensamentos de Guevara e Fidel Castro (era, basicamente, a razão do sucesso da Revolução Cubana), seria levada a cabo pelo grupo Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), de liderança brizolista, que tentaria criar um “foco” na serra do Caparaó, em abril de 1967. Mas, como a tentativa anterior no Sudoeste do Paraná, esta guerrilha foi facilmente desbaratada.¹³⁵

As dificuldades de se criar “novos Vietnãs” – ou mesmo de desenvolver o “foquismo” - cubano eram imensas. O próprio Guevara percebeu as dificuldades de se “criar Vietnãs”, sendo ele mesmo capturado e morto na Bolívia em outubro de 1967. Apesar desse revés, o movimento revolucionário internacional não se abateu, procurando a saída guerrilheira como uma opção válida. Logo, as guerrilhas proclamavam sua idéia de criar Vietnãs no Uruguai, na Argentina, na França, nos Estados Unidos - a invasão da universidade de Berkeley suscitou essa frase: “criar uma, duas, muitas Berkeleys!”¹³⁶ A idéia criada por Che Guevara acabou atingindo um alcance muito maior do que qualquer comunista vietnamita poderia esperar - a *Luta pela Revolução Socialista* não poderia ter recebido maior internacionalização.

E suas representações também apareciam no Brasil. Uma das primeiras manifestações da idéia de se “criar Vietnãs” foi o jornal *Amanhã*, publicado em 1967, ligado ao Grêmio da Faculdade de Filosofia da USP, criado por Ítalo Tronca e dirigido por Raimundo Pereira, que vendeu quase 10 mil exemplares nas bancas, um feito inédito para publicações estudantis, e que teve a duração de apenas sete semanas.¹³⁷ Mas foram sete semanas produtivas em termos de cobertura da Guerra do Vietnã. No número um, na matéria “Uma Guerra Suja”, a crítica contra os Estados Unidos era evidente:

“Na semana passada, em Guam, uma tranqüila ilha do Pacífico, Johnson e os líderes militares sul-vietnamitas concluíram que a única forma de obter a paz no sudeste asiático consiste na intensificação da guerra: mais bombas, destruição de usinas siderúrgicas e elétricas do Vietnã do Norte, mais americanos na guerra, além dos 470 mil que já estão lá.

(...)

A intensificação da guerra anunciada em Guam por Johnson significa evidentemente, mais Napalm e mais fósforo branco, maior número de crianças civis mutiladas pelos bombardeios. E isto é feito em nome de uma civilização cristã e ocidental.”¹³⁸

¹³⁵ - Gorender, Jacob. op. cit.;

¹³⁶ - *Folha de São Paulo* (caderno “Especial). São Paulo, 22/03/88, p. 3;

¹³⁷ - Kucinski, Bernardo. op. cit.;

¹³⁸ - *Amanhã*. Nº 1, São Paulo, 1967, p. 4;

E, complementando o texto, foi publicado uma chocante foto de uma criança vietnamita mutilada (sem o braço), mostrando a “ação” norte-americana na guerra. No mesmo número, o jornal denunciou a “guerra química” realizada pelos Estados Unidos. De acordo com o artigo:

“O atual Departamento de Estado americano alega que ‘nem o espírito nem a letra do acordo foram quebrados pelos EUA no Vietnã.’ Diz que os gases utilizados são apenas de efeito morais ou lacrimogênicos. Sobre estes mesmos gases, a Sociedade Química Americana diz o contrário, após ter identificado um deles, o alfacloroacerofenone: eles são perigosos, têm efeitos complicados, trazem cegueira e podem ser letais.”¹³⁹

O jornal, assim como a *Revista Civilização Brasileira*, também iria se utilizar do Tribunal Russell, reproduzindo a carta de Bertrand Russell ao povo americano (e apresentando no final da mesma uma história em quadrinhos da revista norte-americana *MAD*, onde uma mulher descreve um criminoso para o retrato-falado e, no último quadrinho, temos a imagem de Lyndon Johnson).¹⁴⁰

Mas seria na edição de número três que o jornal entraria fundo na guerra. No seu Caderno Especial “Guerra do Vietnã”, o jornal repetiu as denúncias sobre a participação do Complexo Industrial-Militar no desenvolvimento (e manutenção) da guerra, assim como a *Revista Civilização Brasileira* já o fizera:

“A presença norte-americana no sudeste asiático tem, além do seu caráter puramente político, o sentido de tentar equilibrar a economia através da produção bélica. Já de alguns anos o investimento na indústria bélica vem sendo a saída para os enormes capitais excedentes que não podem ser aplicados em outros setores para evitar crises de super-produção.

(...)

Alguns comentaristas tentam personalizar a guerra no Presidente Johnson, que é pintado como culpado único da aventura da ‘escalada’. Na realidade, Johnson já subiu ao governo na crista de um processo de crise complexa e poderosa estrutura de grupos monopolistas internacionais com sede nos EUA. Os americanos entraram numa guerra da qual não podem sair sem prejudicar interesses destes grupos e interesses militares.”¹⁴¹

¹³⁹ - op. cit., p. 16;

¹⁴⁰ - *Amanhã*. Nº 6, São Paulo, 1967, pp. 9-10;

¹⁴¹ - *Amanhã*. Nº 3, São Paulo, 1967, p. 10;

Mas a posição radical do jornal em relação à guerra ficou evidente no início deste caderno especial:

*“O Sudeste da Ásia é hoje um dos lugares do mundo onde se decidem algumas das batalhas finais entre o capitalismo e o socialismo. Uma dessas batalhas, a guerra do VIETNÃ, não passa de um capítulo dramático dessa luta.”*¹⁴²

Um “capítulo dramático” das “batalhas finais entre o capitalismo e o socialismo”: a guerra não era vista, pelo jornal, como resultado de uma interferência “imperialista” ou uma guerra civil ou mesmo de simples luta por independência, mas sim parte de um confronto de duas ideologias, de dois universos diferentes e em constante luta. A visão do jornal não deixava dúvida alguma: era inevitável uma batalha final entre o capitalismo e o socialismo, sendo que um dos capítulos decisivos desta batalha estava passando no Vietnã. Raimundo Pereira, que defendia tal ponto de vista, seria outra figura importante da futura imprensa alternativa que começava a buscar o seu espaço, principalmente pelas publicações de *O Sol e Poder Jovem*.

Alimentado pela *Luta pela Revolução Socialista* (e em particular na idéia de Guevara sobre criar muitos Vietnãs), o movimento estudantil entrou na temática do Vietnã. Começaram as discussões teóricas quanto aos significados do ataque imperialista norte-americano contra um país frágil e pequeno, que resistia heroicamente. Para os estudantes mais radicais, era a luta do “bem” contra o “mal”, do “oprimido” contra o “opressor”, de uma pobre e pequena nação contra a maior máquina de matar da história da humanidade. Uma lição a ser seguida por quem optasse pela revolução.

As possibilidades práticas dos estudantes seguirem esse exemplo eram muito limitadas, pois não tinham passado por experiências tão duras e ásperas. Mas o que importava? Eles odiavam o regime militar, o capitalismo que dele se servia, quer o capitalista nacional ou o capitalista internacional, imperialista, representado pelos Estados Unidos. Esses estudantes queriam ação, estimulados pelas revoluções Chinesa e Cubana, mais o exemplo da guerrilha Vietcong. Zuenir Ventura resumiu, numa frase, o significado do Vietnã para aquele momento: “O Vietnã era a vitória do Impossível!”¹⁴³ Era o impossível, empurrado pela paixão, que levou muitos estudantes às lutas revolucionárias. A *Luta pela Revolução Socialista* os levaria às ações, mesmo que nada pudesse garantir os resultados - que quase sempre mostrar-se-iam trágicos.

¹⁴² - op. cit., p. 7;

¹⁴³ - Ventura, Zuenir. Palestra proferida no Instituto de Economia da UNICAMP em Campinas, SP, agosto de 1993;

O Vietnã estava na ordem do dia: estudantes levantavam discussões sobre o assunto e protestos tendo como *slogans* palavras sobre a guerra começavam a aumentar; seminários foram criados para se discutir a guerra do Vietnã, como a “Semana do Vietnã”, que correu várias cidades durante o mês de abril de 1967;¹⁴⁴ inúmeros documentos foram produzidos pela UNE referindo-se ao Vietnã, como na declaração de princípios do Vigésimo Oitavo Congresso da UNE, onde a ligação do problema vietnamita com a realidade brasileira foi clara: “*O imperialismo, o latifúndio e a burguesia que se uniram em abril, sob o comando da casta militar, para instalar a tirania no País, são as mesmas forças que assassinaram a população no Vietnã.*”¹⁴⁵

O plano de ação da UNE para o exercício do período 1966/67, e aprovado pelo vigésimo oitavo congresso (clandestino), destacava a guerra em dois artigos: o décimo quinto, que colocava como luta da entidade a oposição à invasão do Vietnã pelo “imperialismo norte-americano”; e o décimo sexto, que a entidade lutaria contra os auxílios de guerra fornecidos pelo governo brasileiro “à força agressora do imperialismo norte-americano” para a guerra, “para esmagar a luta de libertação do povo vietnamita”.¹⁴⁶ A causa vietnamita era a causa brasileira, pensavam estes estudantes.¹⁴⁷ Não que tais documentos pudessem alterar politicamente o que acontecia no Vietnã, mas o tema era visto como próximo da realidade brasileira. A Guerra do Vietnã já fazia parte da vida do país, pelo menos para algumas parcelas da população - os mais intelectualizados.

Não foram apenas os grupos de esquerda ou estudantis que usavam a Guerra do Vietnã como referencial: a guerra também era pensada pelos adversários da idéia de revolução, e sua aceitação (ou rejeição) também eram pensadas. José Poerner nos descreve um fato curioso sobre este problema: a AUI (Associação Universitária Interamericana, de origem norte-americana), para conseguir infiltrar agentes estudantis dentro dos movimentos brasileiros, realizava uma série de perguntas, sendo que uma das quais era sobre o que o estudante achava da Guerra do Vietnã, e caso ele não a considerasse como um crime cometido pelos Estados Unidos, o entrevistado seria ignorado, pois se não ligava para o assunto agora, supunha-se que não ligaria nunca.¹⁴⁸

¹⁴⁴ - Martins Filho, João Roberto. Movimento Estudantil e Ditadura Militar – 1964/1968. Campinas, Papirus, 1987;

¹⁴⁵ - documento citado em Poerner, Arthur José. O Poder Jovem - História da Participação Política dos Estudantes Brasileiros. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 353;

¹⁴⁶ - extraído de: Poerner, Arthur José. op. cit., p. 351;

¹⁴⁷ - a voz dos estudantes: Só com uma organização coesa, firme, sólida, é que podemos derrubar nossos inimigos, da mesma maneira que o povo vietnamita derrota o imperialismo e a ditadura militar do Vietnam do Sul. Mas da mesma forma que a luta do povo vietnamita tem sido árdua, a nossa sem dúvida alguma também o será.” Extraído de: Ventura, Zuenir. 1968 - O Ano que Não Terminou: a Aventura de uma Geração. 11ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988, p. 113;

¹⁴⁸ - Poerner, Arthur José, op. cit.;

A Guerra do Vietnã já deixara de ser apenas um problema entre os países beligerantes e transformou-se num problema mundial. A superexposição da guerra pelos meios de comunicação no mês de fevereiro por causa da ofensiva do Tet fez com que o conflito ficasse mais próximo de um número muito grande de pessoas no país. Mas foi em maio de 1968 que a Guerra do Vietnã entrou na realidade brasileira de uma maneira definitiva através da imprensa brasileira, mas não apenas por causa da sua cobertura pura e simples. Um drama pessoal juntou o país ao tema. A revista *Realidade*, que buscava a vivência da reportagem, teria muito mais vivência do que sua linha editorial poderia supor ou desejar.

A revista *Realidade*, nesse momento da guerra, realizava uma cobertura muito tímida, com apenas uma matéria de destaque, em 1966, descrevendo o conflito no Sudeste Asiático desde a presença francesa até as tensões do momento. Apesar de tão escassas, as características do New Journalism apareceram, pois a matéria foi ilustrada por um belo ensaio fotográfico (valorização da imagem na construção da notícia), feito pelos repórteres Claude Sauer e Jean Durieux, que “nascem, sofrem e morrem no Vietnã.” (expressão procurando mostrar o envolvimento dos jornalistas na reportagem).¹⁴⁹

A temática da guerra era pouco explorada pela revista até 1967, mas cresceria muito em 1968. A revista utilizava material de correspondentes estrangeiros, como a italiana Oriana Fallaci, que faria a primeira grande reportagem da revista sobre a guerra (capa da edição número 24), que consistia numa entrevista com um guerrilheiro Vietcong preso e condenado à morte.¹⁵⁰ A fotografia da capa era reveladora: o guerrilheiro envolto numa penumbra negra, como se estivesse num ambiente fechado e carregado, pronto para o seu destino. Tom mórbido para um destino mórbido.

No fim de 1967, a revista recebeu proposta da Embaixada dos Estados Unidos para enviar um correspondente de guerra ao Vietnã, pagando, inclusive, as despesas¹⁵¹ - os Estados Unidos incentivavam o envio de correspondentes, tentando cooptá-los à causa norte-americana.¹⁵² A revista recusou a oferta e decidiu enviar um correspondente financiado por ela própria, para ter maior liberdade de cobertura. O escolhido para fazer a cobertura da guerra foi José Hamilton Ribeiro, um dos seus melhores jornalistas.

Hamilton Ribeiro foi até o Vietnã do Sul, “integrou-se” a uma companhia de soldados norte-americanos (recebendo uniforme, com a escrita de “*Báo Chi*” - imprensa, em vietnamita - de um lado, e “*Press Correspondent*”, do outro, que era o uniforme “básico” dos

¹⁴⁹ - *Realidade*. Nº 2, São Paulo, Abril Cultural, Maio/66, pp. 32-41;

¹⁵⁰ - *Realidade*. Nº 24, São Paulo, Abril Cultural, Março/68, capa; no mesmo número, pp. 131-140;

¹⁵¹ - Ribeiro, José Hamilton. op. cit.;

¹⁵² - Knightley, Phillip. *A Primeira Vítima*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978;

correspondentes de guerra no Vietnã),¹⁵³ e partiu com as missões militares junto a um fotógrafo japonês, Kusaburo Shimamoto (que não tirava as fotografias no momento que o jornalista brasileiro achava melhor, alegando que esperava um acontecimento “mais espetacular”).¹⁵⁴ Infelizmente para Hamilton Ribeiro, o fotógrafo japonês iria conseguir a sua foto “espetacular”.

No dia 19 de março de 1968, numa missão de patrulha na chamada região de “*Landing Zone Betty*”, realizada pela Companhia D (Delta), do Oitavo Batalhão da Primeira Divisão de Cavalaria Aeromóvil, que Hamilton Ribeiro estava cobrindo, ocorreu uma explosão, atingindo dois soldados norte-americanos. O guia de Hamilton Ribeiro, o soldado Henry, sugeriu que fossem ver o que tinha acontecido. O guia pisou num monte de mato pequeno, Hamilton Ribeiro também pisou ali, como era recomendado para que os correspondentes fizessem, mas sem a mesma sorte. Havia uma mina no local, que foi detonada e explodiu.¹⁵⁵ O próprio Hamilton Ribeiro nos conta sua experiência:

*“Foi aí que senti a perna esquerda. Os músculos repuxavam para a coxa com tal intensidade que eu não me equilibrava sentado. Para não cair, rodopiava sobre mim mesmo, em círculos e aos saltos. Instintivamente, levei as duas mãos para ‘acalmar’ a minha perna esquerda, e foi então que a vi em pedaços.”*¹⁵⁶

A foto de Hamilton Ribeiro, tirada pelo fotógrafo japonês (que tanto queria algo de “espetacular”), ganhou a capa da revista *Realidade*.¹⁵⁷ O drama particular do correspondente brasileiro, que perdeu uma parte da perna, e suas condições nos hospitais de DaNang e, depois, nos Estados Unidos, tornaram-se a grande notícia da guerra no Brasil, recebendo cobertura, inclusive, de outros meios.

A cobertura do drama do jornalista pela revista seguiu os caminhos típicos do *New Journalism* (apesar da vivência do jornalista com o acontecimento ter chegado a um ponto extremo), ou seja, reportagens sentimentais, com belas (e dramáticas) fotos, valorizando as reportagens esteticamente e buscando a melhor adequação da palavra às imagens das fotografias. A crítica à presença norte-americana na região se destacaria, mas seria obscurecida pelo próprio drama pessoal do jornalista. Mesmo assim, Hamilton Ribeiro pode expor sua crítica à guerra:

¹⁵³ - Ribeiro, José Hamilton. op. cit.;

¹⁵⁴ - Ribeiro, José Hamilton. Idem;

¹⁵⁵ - Ribeiro, José Hamilton. Idem, ibidem;

¹⁵⁶ - *Realidade*. Nº 26, São Paulo, Abril Cultural, Maio/68, pp. 27-30;

¹⁵⁷ - op. cit., p. 1 (capa);

“Uma coisa, entretanto, não me sai da cabeça: por que o pequeno Van-Thanh (enfermeiro que cuidou de Hamilton Ribeiro) não pode parar de chorar? Por que os americanos que têm medo e os sem medo não podem voltar para casa? Por que os vietcongs não retornam aos arrozais?”¹⁵⁸

José Hamilton Ribeiro não foi o único jornalista brasileiro a estar no Vietnã. Luís Edgar de Andrade, nesse momento correspondente da revista *Manchete* (ele fora, até 1966, correspondente da revista *Fatos & Fotos*), seria uma das vozes mais conscientes da guerra. Suas matérias caracterizaram-se como análises muito bem fundamentadas que pesavam ambos os lados do conflito - o que era raro neste momento tão marcado pelo maniqueísmo político de quem estava envolvido na cobertura da guerra. Apesar dessa ponderação, o correspondente não era “neutro” e se posicionava contra a guerra. Ele reconhecia que este era um problema local, onde a presença norte-americana era desnecessária. Apesar dessa posição, não apoiava inteiramente as táticas de guerra do Vietcong e do Vietnã do Norte, que não abriam espaços para negociações - sem contar a selvageria de muitas de suas ações. O jornalista não tinha dúvidas quanto à determinação do Vietcong, mas criticava também o seu sectarismo, que o impedia de ver uma saída pacífica.

Outro jornalista brasileiro a se envolver na cobertura da guerra foi Antônio Callado, que foi cobrir a situação no Vietnã do Norte para o *Jornal do Brasil* nos meses de setembro e outubro de 1968. As matérias de Callado exaltavam os comunistas, a sua política de fim de analfabetismo e de desenvolvimento econômico, além da resistência contra os bombardeios norte-americanos. Eis uma passagem expressiva do posicionamento do jornalista:

“Como conseguiram os vietnamitas derrotar completamente uma grande potência da Europa Ocidental, a França, em 1954, e como conseguiram levar os americanos à mesa de conferência, em Paris, em 1968? Foi o que procurei descobrir no Vietnã, como repórter profissional, falando a todo o mundo, perguntando aos dirigentes de Hanói, a heróis de guerra, questionando indiretamente gente do povo, camponeses em arrozais e roças de mandioca, pilotos americanos no cárcere. Ouvi o troar do incessante bombardeio americano perto do Paralelo 17, presenciei cenas severas, doces, divertidas. Numa aldeia a Oeste de Hanói, em plena floresta, houve um momento de horror que saltou em cima de mim como um tigre. No mundo inteiro, para explicar o fenômeno vietnamita, fala-se geralmente em ‘heroísmo’. E daí? É fácil ser herói um dia, talvez até um ano, digamos. Mas como se estrutura de forma durável o heroísmo?”¹⁵⁹

¹⁵⁸ - *Idem*, p. 42;

¹⁵⁹ - Callado, Antônio. *Vietnã do Norte - Advertência aos Agressores*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969, pp. 1-2;

Uma das reportagens mais expressivas foi uma entrevista com um piloto norte-americano capturado, depois de seu avião ter sido derrubado pelos norte-vietnamitas. Callado apresentou uma visão positiva do lado comunista, como podemos perceber na seguinte passagem:

*“Os humildes da terra, no Vietnã, começaram a ganhar o seu combate milenar. Se outros povos humildes soubessem seguir o luminoso exemplo vietnamita o mundo ainda poderá ser o lugar de paz e justiça com que têm sonhado os fundadores de religiões e profetas, de Zaratustra e Jeremias a Karl Marx e Ho Chi Minh.”*¹⁶⁰

Podemos perceber que a *Luta pela Revolução Socialista* estava presente na construção apresentada pelo jornalista da cobertura da guerra. A estada de Callado no Vietnã do Norte ganhou uma importância maior, pois ele era o único correspondente do continente americano (com exceção dos cubanos, que eram de um regime comunista, cujo trabalho sempre era facilitado pelas autoridades de Hanói) durante o ano de 1968, o que aumentava a importância de suas matérias. Em muitos sentidos, o Brasil tinha uma real importância na Guerra do Vietnã, pois era o único país não-comunista a poder mostrar o lado do Vietnã do Norte em 1968.¹⁶¹

Mas foi o drama do jornalista Hamilton Ribeiro que faria com que a aproximação da guerra ao cotidiano do país não ficasse mais circunscrita a grupos de intelectuais ou de estudantes. Não estamos afirmando que a guerra fosse muito discutida fora do ambiente intelectual ou estudantil, apesar da ofensiva do Tet e da fatalidade ocorrida com Hamilton Ribeiro - eram ainda os intelectuais e estudantes que mais se preocupavam com a situação do Vietnã. No entanto, a questão não era mais algo estranho para o imenso número de pessoas que acompanhavam a luta e a resistência vietnamita principalmente através da imprensa.

Foi assim que, no dia primeiro de maio na Praça da Sé (quando o governador de São Paulo, Abreu Sodré, foi agredido pelos manifestantes) e nas greves de Osasco e Contagem, palavras de ordem sobre o Vietnã foram gritadas por trabalhadores - mesmo que estimuladas por estudantes e/ou membros de grupos radicais de esquerda.¹⁶² O que chamou a atenção foi que os trabalhadores, em grande número, responderam positivamente a essas palavras de ordem, ou seja,

¹⁶⁰ - Callado, Antônio. op. cit., p. 113;

¹⁶¹ - a cobertura de Antônio Callado também serviu de notícias para outros órgãos. A revista *Visão* destacou que “... o diplomata de Hanói frisou, então, que cada boca estrangeira que entrava em seu país representava sérios problemas: comida para mais um, intérprete para mais um e até mesmo segurança para mais um. E tanto comida como gente disponível andavam escassos... O jornalista brasileiro voltou ao Rio, o tempo passou, um novo ano entrou, o mundo deu muitas voltas e nada de licença para viajar até Hanói. A paciência oriental de que Callado se munira já começava a esgotar, quando finalmente chegou uma carta ao Jornal do Brasil oficializando a viagem. Assim, quando nossa edição estiver circulando, possivelmente a imprensa já contará com um correspondente de guerra em ação no Vietnam do Norte”. *Visão*. Rio de Janeiro, Nº 6, 13/09/68, p. 11;

gritaram-nas também. De alguma forma, o que acontecia no Vietnã atingia esses trabalhadores, pois se fosse algo deslocado ou muito distante de sua realidade, eles não se teriam pronunciado. Isso não quer dizer que os trabalhadores se sentissem próximos à causa revolucionária Vietcong, ou que se sentissem parte de uma grande união proletário-camponesa mundial. Os meios de comunicação descreveram a selvageria da guerra e a luta do Vietcong, teoricamente mais fraco, contra a opressão dos Estados Unidos, o que os aproximava dos trabalhadores brasileiros, que se viam oprimidos pelos patrões e pela ditadura militar, encontrando nisso alguma semelhança com a sua própria realidade. Politicamente, porém, as distâncias entre a causa Vietcong e a “luta” operária brasileira eram grandes.

Não que tais distâncias fossem vistas por todos. Os grupos da esquerda radical, estimulados também pelas grandes manifestações estudantis no Rio de Janeiro (que se espalharam pelo país inteiro), encontravam, nesses movimentos, o momento propício para a luta armada, e começaram a atuar de uma maneira mais intensa, buscando recursos, aliados e militantes. Todavia, poucos trabalhadores se entusiasmaram com as perspectivas de uma guerrilha.

Vladimir Palmeira estava ligado à Dissidência - DI-GB - , um grupo muito influenciado pelas “teorias foquistas de Guevara, Débray e Fidel”, acreditando que “a revolução era um produto exportável e que era possível criar muitos focos revolucionários ou Vietnans.”¹⁶³ A visão de outro militante estudantil, Alfredo Sirkis, era conclusiva, pois ele analisou que havia “*Movimento Estudantil também no Uruguai, no México. Guerrilha na Bolívia, na Venezuela e na Guatemala. E sobre aquilo tudo pairava o Vietnã, que resistia e vencia debaixo de bombas.*”¹⁶⁴

O Vietnã era usado como referência para qualquer espécie de resistência, ou mesmo de luta por algo novo. José Celso Martinez Corrêa, que provocara polêmicas com duas peças teatrais, “O Rei da Vela” e “Roda Viva”, onde os atores integravam-se com o público, ofendendo-o, pois o “*objetivo é abrir uma série de Vietnans no campo da cultura, uma guerra contra a cultura oficial, de consumo fácil. O sentido da eficácia do teatro hoje é o sentido da guerra teatral ser travada com as armas do teatro anárquico, cruel, grosso como a grossura e apatia em que vivemos.*”¹⁶⁵

Corrêa acreditava que, para “deseducar” o público, tinha de se usar as armas da violência e do choque. Nada poderia representar melhor essa idéia de violência e choque contra a cultura oficial do que a Guerra do Vietnã. A luta do Vietcong contra a maior potência mundial

¹⁶² - Gabeira, Fernando. *O Que é Isso, Companheiro?* 19ª ed., Rio de Janeiro, Codecri, 1980;

¹⁶³ - Ventura, Zuenir. op. cit., p. 69;

¹⁶⁴ - Sirkis, Alfredo. op. cit. p. 68;

¹⁶⁵ - extraído de: Ventura, Zuenir. op. cit., p. 93;

inspirou idéias desta natureza. A “Vitória do Impossível” parecia estar cada vez mais próxima do “Possível”. O imaginário de se criar Vietnãs extrapolava os limites da guerrilha.

O mês de outubro de 68 caracterizou-se por manifestações contra a Guerra do Vietnã. A visita do ex-comandante-chefe das forças norte-americanas no Vietnã do Sul, o general Westmoreland (que, como vimos, fora substituído depois da ofensiva do Tet) recebeu uma recepção calorosa no pior sentido do termo: cerca de 500 manifestantes foram protestar contra a presença do general, contra a guerra e a favor da revolução socialista no Brasil.¹⁶⁶ Já o outro acontecimento desse mês relacionado ao Vietnã foi bem mais dramático e violento. O capitão do exército dos Estados Unidos, Charles Chandler, estava no Brasil, fazendo um curso na universidade McKhenzie, em São Paulo. Ele esteve no Vietnã alguns anos antes e estava no Brasil para um curso de língua portuguesa. No mesmo dia da prisão dos congressistas da UNE em Ibiúna, ele foi alvejado por um grupo de esquerda (a Vanguarda Popular Revolucionária, sigla VPR, em ação conjunta com a Ação Libertadora Nacional, sigla ALN) e morto.¹⁶⁷ No local do seu assassinato, panfletos foram deixados, e seu conteúdo mostrava a radicalização guerrilheira e o quanto a questão do Vietnã estava na ordem do dia:

“Justiça revolucionária executa o criminoso de guerra no Vietnã, Chandler, e adverte a todos os seus seguidores que mais dia menos dia ajustarão suas contas com o tribunal revolucionário.”¹⁶⁸

Outro panfleto que também fora jogado no local era mais completo:

“O assassinato do Comandante Che Guevara na Bolívia foi cometido por ordem e orientação de criminosos de guerra como este agente imperialista Chandler, que praticou inúmeros crimes de guerra no Vietnã e veio ao Brasil para preparar outros criminosos sob os auspícios do Pentágono Militar dos Estados Unidos da América.

Brasil, Vietnã da América.

Criar um, três Vietnãs, eis a palavra de ordem do Comandante Che Guevara, que foi cruelmente assassinado na Bolívia por agentes imperialistas do nível deste Chandler, notório criminoso de guerra no Vietnã, e hoje punido e executado pela Justiça Revolucionária pelos seus crimes de guerra no Vietnã.”¹⁶⁹

¹⁶⁶ - um carro da polícia, sem saber do que se tratava, cruzou com os manifestantes e acabou sendo incendiado, depois de servir com “palanque” para um dos manifestantes denunciar o general “Westmoreland”, que ninguém, evidentemente, conhecia. Gabeira, Fernando. op. cit.;

¹⁶⁷ - Gorender, Jacob. op. cit.;

¹⁶⁸ - *Veja*. Nº 6, São Paulo, Abril Cultural, 1968, p. 25;

¹⁶⁹ - extraído de: Souza, Percival de. Autópsia do Medo - Vida e Morte do Delegado Sérgio Paranhos Fleury. São Paulo, Globo, 2000, p. 189;

Quase um ano depois do assassinato do capitão Charles Chandler, no dia 15 de agosto de 1969, Carlos Marighella, com dez homens armados, tomou conta da cabine de transmissão da Rádio Nacional de Diadema e divulgou uma mensagem “à Nação”:

“O justicamento do capitão norte-americano Chandler, que veio da Guerra do Vietnã para fazer espionagem da CIA no Brasil, é outra prova de que os grupos revolucionários armados estão atentos da defesa da nossa soberania e na preservação dos interesses nacionais.”¹⁷⁰

A *Luta pela Revolução Socialista* chegava à sua representação mais violenta no Brasil. A idéia de “criar Vietnãs” estava sendo levado na prática. Em janeiro de 1969, o capitão Carlos Lamarca, considerado o melhor atirador do II Exército (quartel Quitaúna, em Osasco), desertou, levando 72 fuzis FAL. O guerrilheiro Carlos Lamarca citaria constantemente o conflito vietnamita em quase toda a sua produção escrita (cartas, diários, bilhetes, etc., todos materiais clandestinos), chegando a cunhar a frase “A América Latina será o eterno Vietnã dos Estados Unidos”,¹⁷¹ uma corruptela da frase-lema de Che Guevara. Em muitos sentidos, o Brasil tinha o “seu Che Guevara”.

O regime militar se fechou definitivamente com o Ato Institucional número 5 (o AI-5) que mergulhou o país em um dos períodos mais repressivos de sua história. Era a vitória da “linha dura”. Os militares não pouparam recursos ou meios para conter a oposição, utilizando inclusive a censura na imprensa, pressões eleitorais e tortura de militantes de grupos subversivos. Logo, estes grupos foram caindo, com seus membros sendo mortos ou capturados e, estes últimos, invariavelmente, torturados. A “caça” ao guerrilheiro Carlos Lamarca foi intensificada, com cercos no vale do Ribeira, em São Paulo, entre abril e junho de 1970.¹⁷²

A revista *Veja* também destacaria o guerrilheiro. Com o cerco no vale do Ribeira ainda em andamento, notícias sobre a guerrilha acabariam por ser publicadas. A revista *Veja* faria uma capa significativa sobre o tema: o título era “Os Segredos do Terror” – e ao utilizar a expressão “terror” referindo-se à guerrilha, a revista demonstrava o seu posicionamento contrário a ela. Esta capa mostrava uma pequena máscara mortuária em tom amarelo ao lado; debaixo, um trecho de uma carta de Lamarca apreendida, onde o guerrilheiro mantém sua posição revolucionária e mostra a importância da Guerra do Vietnã como estímulo à luta:

¹⁷⁰ - extraído de: Souza, Percival de. op. cit., p. 190;

¹⁷¹ - extraído de Sirkis, Alfredo. *Roleta Chilena*. São Paulo, Círculo do Livro, 1981, pp. 44-45;

¹⁷² - José, Emiliano e Miranda, Oldack. *Lamarca - o Capitão da Guerrilha*. 8ª ed., São Paulo, Global, 1984;

“O revolucionário tem mesmo que romper com a sociedade que quer transformar, abomina a sua cultura alienante.

Como poderemos fazer a revolução se citamos como exemplo o trabalho de um vietcong que passava todo dia num buraco escondido e à noite saía para fazer trabalho político e ao mesmo tempo nos ressentimos de cinema, teatro, etc.?

Não importa como vivemos; nenhuma dificuldade pode nos deixar “um pouco frustrado ou um pouco indeciso.”

Denuncio a companheira como vacilante ideologicamente.

Saudações Revolucionárias.

Carlos Lamarca (CID)

VPR”¹⁷³

Como podemos perceber, a Guerra do Vietnã continuava na ordem do dia nas esquerdas revolucionárias. Apesar do golpe recebido pela guerrilha com a morte de Carlos Lamarca em 1971, seria a Guerrilha do Araguaia o seu canto de cisne.

Uma das razões do fracasso da redação do jornal *Opinião*, que resultaria no jornal *Movimento*, foi a cobertura da guerra.¹⁷⁴ A idéia da corrente maoísta era incentivar a guerrilha do Araguaia promovida pelo PC do B. Era uma guerrilha rural, numa região afastada dos grandes centros (e, conseqüentemente, da repressão que destruíra outros grupos revolucionários), com problemas sociais específicos e tensões por questões de terra.¹⁷⁵

O movimento foi organizado sem pressa, formando sua base de operações e treinamento na selva, reconhecendo o local, inteirando-se dos problemas da população local, realizando pequenos serviços e ajudas, e procurando conquistar sua confiança - conquistar seus “corações e mentes”. O planejamento foi exemplar, mas os problemas práticos só foram sentidos mais tarde. Isso porque, em primeiro lugar, para se fazer uma guerrilha camponesa era necessário a presença de um grande número de camponeses, o que simplesmente não existia na região do Araguaia. Com uma densidade populacional de aproximadamente 10 pessoas por quilômetro quadrado, estabelecer uma ampla rede de ligações entre militantes e camponeses era muito difícil. Outro problema foi a localização e a extensão do Araguaia. Qualquer deslocamento guerrilheiro era dificultado por essa ser uma área muito extensa (o que, por outro lado, dava a vantagem de dificultar a repressão). Também a enorme distância de qualquer grande centro impossibilitava o suprimento material e de novos combatentes. Um terceiro problema, talvez o mais difícil, é que a população local, por mais que gostasse dos guerrilheiros, provavelmente não enxergava na luta

¹⁷³- *Veja*. Nº 91, São Paulo, Abril Cultural, 1970, p. 1 (capa);

¹⁷⁴- Bernardo Kucinski comenta que “[no] final, havia em *Opinião* uma redação maoísta, para qual contribuía também a própria cobertura da guerra do Vietnã, na qual a resistência era tratada heroicamente, como de resto era tratada por toda a imprensa liberal.” Kucinski, Bernardo. *op. cit.*; p. 277;

¹⁷⁵- informações sobre a Guerrilha do Araguaia extraídas de Portela, Fernando. *Guerra de Guerrilhas no Brasil*. 8ª ed., São Paulo, Global, 1986;

armada o caminho para o fim das suas dificuldades.¹⁷⁶ Os guerrilheiros acreditavam que lutavam em nome do povo; no entanto, eles tinham seus próprios objetivos, que não necessariamente coincidiam com os do povo.¹⁷⁷

Isolados, sem possibilidades de abrir canais de abastecimento e de reposição de guerrilheiros, sem possibilidade alguma de expansão, e sem qualquer publicidade (com exceção de uma reportagem completa feita pelo *O Estado de S. Paulo* e outra feita pelo *Jornal da Tarde*, ambas em 1972), os guerrilheiros foram encurralados e, apesar das vitórias iniciais (tropas inexperientes foram mandadas, inicialmente, para a região; logo seriam enviadas tropas mais treinadas e experientes na luta contra as guerrilhas, ou seja, com esquemas de tortura), seriam derrotados.

Em 1975, o último sonho de se criar um Vietnã no Brasil morria, mas não sem deixar uma nota irônica: um bordel que foi montado na região, depois da saída das tropas e da “pacificação” da área, seria chamado de “Vietnã”.¹⁷⁸

Como vimos neste capítulo, a imprensa brasileira não apenas “trouxe” as guerras para o Brasil, mas também as “usou” para defender suas causas: a direita denunciando seus inimigos em comunistas (quer eles fossem ou não) e as práticas violentas dos mesmos; e a esquerda denunciando a ditadura ou tentando ganhar “corações e mentes” para a luta armada. Na reportagem da revista *Veja* sobre o capitão Lamarca, podemos notar uma terceira via na cobertura: corrente que não era favorável à ditadura e também era contra os movimentos revolucionários, que era uma tendência liberal, que *O Estado de S. Paulo* também iria seguir.

A complexidade de questões e variações do “uso” da imprensa na cobertura da Guerra do Vietnã em relação à cobertura da Guerra da Coreia é relevante e não pode ser desconsiderada: o imaginário da Guerra Fria tornou-se mais fragmentado durante o período da Guerra do Vietnã, assim como a imprensa brasileira.

¹⁷⁶ - relatos de um guerrilheiro do Araguaia ilustram o quando o ideal estava distante da realidade: “Assim, desde o início as Forças Guerrilheiras estruturam-se como expressão dos sentimentos e dos interesses das massas, intimamente a elas ligadas.” s/A. *Diário da Guerrilha do Araguaia*. 3ª ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1985, p. 38;

¹⁷⁷ - “E ninguém é jamais o verdadeiro porta-voz de uma categoria determinada a não ser conjunturalmente - e ainda que o fosse seria preciso demonstrar que o ponto de vista desta categoria vale para todos, o que reconduz ao problema precedente. (...) Mais do que qualquer outro, o político e o pensador político falam em seu próprio nome e sua própria responsabilidade. O que é, evidentemente, a suprema modéstia.” Castoriadis, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. 3. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 15;

¹⁷⁸ - Portela, Fernando. op. cit.

O Fim das Guerras

As negociações de paz das duas guerras tiveram muitos pontos em comum: começaram de maneira tensa, alongaram-se por um tempo que pareceu infinito e as suas definições deixaram muitas questões em aberto.

O Início das Negociações de Paz na Coréia - Kaesong

Na Coréia, percebendo que as forças da ONU estacionaram na altura do paralelo 38 em 1951, soviéticos e chineses se propuseram a negociar. Quando o secretário-geral da ONU convocou as partes envolvidas para as discussões de paz, a resposta positiva dos dois países foi imediata. Pouco depois, os Estados Unidos e seus aliados também se manifestariam a favor das negociações.¹

Em 10 de julho as discussões de paz iniciaram-se na cidade sul-coreana de Kaesong, perto do paralelo 38. Luciano Carneiro, jornalista da revista *O Cruzeiro*, foi enviado em setembro para Kaesong com o objetivo de cobrir as negociações. A reportagem destacou, inicialmente, a própria participação do correspondente brasileiro que, dentre “mais de 200 correspondentes que disputavam lugar para ir a Kaesong (a 6 Km do paralelo 38), o repórter foi o “36º a entrar na cidade dos intermináveis negociações e armistício”.² Nas palavras do próprio jornalista,

*“fazemos questão de salientar o número, como se fosse um bilhete premiado, porque, desde que se esboçaram os primeiros movimentos para conversações de paz, a maior ambição de todo correspondente era justamente ir a Kaesong. Assim, deu-me grande satisfação ser o 36.o.”*³

Carneiro começou a descrever o seu caminho de Tóquio, quando recebeu a autorização para cobrir as negociações de Kaesong, até chegar na cidade propriamente dita. O jornalista defendia, de antemão, a hipótese de que o lado comunista queria uma trégua para ganhar tempo e “com o correr dos dias, essas dúvidas foram confirmadas”. Tal desconfiança de que as negociações faziam parte de uma estratégia comunista para ganhar tempo e não admitir a sua

¹ - s/A. *“Impasse e Exterminio - As Batalhas que Decidiram o Destino da Coréia.”* In Coleção “Guerra na Paz”. V. 1, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984;

² - *O Cruzeiro*. Nº 49, Rio de Janeiro, 22/09/51, pp. 76 a 82;

derrota era comum de ser defendido pela imprensa brasileira - não se admitia que o objetivo dos comunistas fosse apenas o de se querer a paz, única e exclusivamente.

A chegada do jornalista brasileiro na cidade Kaesong (uma “terra de ninguém”, nas palavras de Carneiro, devido sua proximidade dos combates) foi bastante perigosa, apesar da presença dos negociadores e da imprensa mundial. Os primeiros 20 correspondentes chegaram na cidade escoltados. No dia que Luciano Carneiro chegou, dois soldados chineses estavam armados, o que era expressamente proibido. Um soldado norte-coreano, que “pressentiu um escândalo”, afastou os dois da frente da imprensa.⁴

Para a presença de correspondentes em Kaesong foi feito um acordo entre as partes: haveria um número igual de correspondentes de ambos os lados. De acordo com Carneiro, entre os próprios correspondentes ficou acertado que *“nós bateríamos as fotos deles e eles as nossas. Assim foi feito. Lembro-me de um dos fotógrafos comunistas usava um ‘RolleiFlex’ alemã e outro uma máquina russa de nome muito complicado, parecidíssima com a ‘Contax’.”*⁵

No dia 26 de junho começaram, efetivamente, as negociações, sendo que o “clima” não era dos mais calmos na cidade. Luciano Carneiro nos contou alguns detalhes:

*“Em K, quando estive lá, o comando norte-coreano e dos voluntários chineses mantinha um caricato ‘comitê de recepção’. E era um pessoal pouco cordial. Os seus membros se trancavam a maior parte do tempo numa sala e não vinham receber ninguém. Andei colhendo umas fotos deles, inclusive de uma moça que era inimiga acérrima dos fotógrafos.”*⁶

As negociações não progrediam, sendo que uma das reuniões durou pouco mais de 7 minutos. Para Luciano Carneiro, a idéia de que os comunistas estavam negociando apenas para ganhar tempo confirmava-se com tais demoras. Apesar dessas afirmações, a reportagem não apresentou qualquer indício ou prova de que tais demoras e “manobras” fossem apenas produzidas pelo lado comunista. As negociações estavam “emperradas” não apenas por causa dos comunistas, **mas sim por causa dos interesses de todos os lados envolvidos no conflito**, que queriam ganhar o máximo possível dessas negociações.

Para encerrar a reportagem, Luciano Carneiro relatou um fato curioso: o general Nam Il, representante chinês nas conferências, tentou acender seu cigarro com fósforos produzidos pelo “mundo comunista”, que não acenderam; pouco depois, o general utilizou-se de um isqueiro

³ - op. cit., p. 76;

⁴ - Idem;

⁵ - Idem, ibidem;

⁶ - Idem, ibidem, p. 79;

“comunista”, que também não acendeu; logo, ele iria utilizar-se dos fósforos das Nações Unidas (que estavam juntos dos fósforos e isqueiros “comunistas”) e conseguiu, finalmente, acender seu cigarro. Poucos dias depois o general receberia 2.500 caixas de fósforos da empresa norte-americana Diamond, com o telegrama: “*Esperamos que esses fósforos ajudem o General a ver a verdadeira luz.*”⁷

Apesar do otimismo inicial, as negociações logo seriam transferidas para um outro local, Pan Mun Jon, e durariam ainda aproximadamente dois anos. O tempo passava e as discussões apenas aumentavam, o que desanimava os soldados de ambos os lados. De novembro a dezembro de 1951, tanto as forças da ONU quanto as forças comunistas começaram a reforçar suas posições. Era o início da guerra de trincheiras ou, como ficou conhecida, a guerra “estática”.

O Início das Negociações de Paz no Vietnã - Paris

No Vietnã a guerra não foi, de forma alguma, “estática”, mesmo no período de negociações. Depois da ofensiva do Tet, os Estados Unidos mostraram-se mais maleáveis para iniciar as negociações de paz. A vitória apertada do republicano Richard Nixon mudaria os rumos da guerra, ou pelo menos era assim que se acreditava. A revista *Fatos & Fotos* reproduziu uma matéria da *Associated Press* sobre a posse de Nixon, esperando que suas intenções de paz realmente pudessem fazer efeito, principalmente no Vietnã. O título não poderia ser mais significativo: “Richard Nixon - A Posse da Paz”.⁸

Nixon apresentou sua proposta para acabar com a guerra, conhecida como “vietnamização”, que consistia na retirada de tropas norte-americanas do Vietnã do Sul que teria, em contrapartida, suas forças armadas reforçadas para que ganhassem a “sua” guerra. Tal política esvaziaria os movimentos pacifistas, pelo menos num primeiro momento. Por outro lado, começavam as negociações de Paris, que poderiam terminar a guerra rapidamente, ou pelo menos era essa a esperança. Os procedimentos da conferência foram feitos dentro de um acordo geral, conseguido logo nas primeiras sessões, aumentando as expectativas.

A *Folha de S. Paulo* noticiou esse acordo inicial, mostrando o que foi arranjado: acerto do uso de idiomas (“o vietnamita e o inglês são oficiais e o francês é de trabalho”), bem como a forma da mesa (“redonda e sem separações nem sinais distintivos e as mesas retangulares para os secretários e tradutores”); estabelecimento do número de 15 pessoas por delegação; admissão da imprensa por 15 minutos na sala de conferência, antes de iniciar os trabalhos;

⁷ - Idem, *ibidem*, p. 81;

⁸ - *Fatos & Fotos*. Nº 418, Brasília, Editora Bloch, 06/02/69, pp. 6-11;

estabelecimento da grande sala do Hotel Majestic como o local das conferências.⁹ À medida que as negociações foram se desenvolvendo e assuntos mais relevantes foram sendo discutidos, as partes foram se mostrando inflexíveis em suas reivindicações e a esperança de um acordo rápido foi desaparecendo.

Um destaque na cobertura das negociações de Paris foi a esposa do vice-presidente do Vietnã do Sul, Cao Ky, uma belíssima mulher vietnamita chamada Dang Thi Tuyet May e apelidada de “Flor da Neve”, ganhando notícias por sua beleza e ocidentalidade.¹⁰ Como podemos observar, em termos puramente políticos, as negociações estavam deixando muito a desejar.

A revista *Realidade* nem sequer tomou conhecimento das negociações de Paris e manteve sua linha de buscar na vivência e no sentimento humano a matéria-prima básica das reportagens sobre a Guerra do Vietnã. No número 37, a revista apresentou uma reportagem, realizada pelos jornalistas Don Moser e Larry Burrows, contando a vida e os sofrimentos de uma menina vietnamita, Tron, que tinha sido ferida e estava com seu lar destruído.¹¹ Era uma tentativa da revista de mostrar a selvageria do conflito e aumentar suas vendas, pois a concorrência com a revista *Veja*, da mesma editora, a estava matando - a *Realidade* estava sendo subjugada pela *Veja*, que começava a melhorar suas vendagens.¹²

E as Negociações Continuam na Coréia...

Enquanto a Guerra da Coréia “estacionou” na altura do paralelo 38 em 1951, o ano de 1952 iniciava-se com os votos de “Feliz Ano Novo! 1952” na *Folha da Manhã*, que cobriram toda a capa.¹³ Apesar desse otimismo para um feliz 1952, o tom editorial do jornal não se alterou, com o anticomunismo sendo uma das suas temáticas mais comuns. O jornal também continuou cobrindo a Guerra da Coréia com grande destaque - inclusive as vagarosas negociações de paz.

Num editorial da *Folha da Manhã* do dia 3 de fevereiro, denominado “Estagnação na Coréia”, tal situação foi analisada, ressaltando que a seis meses “não somente se criam novas divergências entre a delegação da ONU e os representantes comunistas”, como também “não se registram ações militares de grande envergadura”.¹⁴ Indiferentemente aos resultados de Pan Mun Jon, o editorial complementou que três fatos eram inquestionáveis:

⁹ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 19/01/69, p. 2;

¹⁰ - *Veja*. Nº 22, São Paulo, Abril Cultural, 1969, pp. 30-31;

¹¹ - *Realidade*. Nº 37, São Paulo, Abril Cultural, Abril/69, pp. 50-58;

¹² - Kucinski, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários - nos Tempos da Imprensa Alternativa*. São Paulo, Scritta, 1991;

¹³ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 01/01/52, p. 1;

¹⁴ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 03/01/52, p. 4;

“1.o) a agressão comunista está definitivamente contida na região acima do paralelo 38; 2.o) em consequência, a União Soviética, em todo esse período de um ano e meio, não ousou perturbar “manu militari” a vida soberana de outros povos em nenhum ponto do globo; e 3.o) as Nações Unidas crescem de prestígio e de força, já se podendo dizer agora que não serão colhidas de surpresa em caso de nova agressão, ao mesmo tempo que os preparativos militares continuam aceleradamente por toda parte.”¹⁵

Mesmo com a *Folha da Manhã* ainda elogiando a ação das forças da ONU e criticando os comunistas, seu enfoque sobre a guerra não deixava de esconder uma certa irritabilidade quanto à demora das conversações de apresentarem resultados práticos. Um editorial do mesmo jornal publicado em 22 de outubro desse ano, ou seja, 8 meses depois do editorial anterior, demonstrava que os problemas nas negociações continuavam os mesmos:

“Depois de 122 enervantes sessões plenárias, iniciadas em meados de julho do ano passado na cidade norte-coreana de Kaesong e só há pouco interrompidas na aldeia de Pan Mun Jon, nenhum acordo se firmou entre a ONU e os comunistas sobre a possibilidade de paz na Coreia.”¹⁶

Mas as negociações não significaram, realmente, a diminuição dos combates. Apesar da natureza “estática” que a guerra tomou forma a partir de 1951, as perdas de vidas foram mais acentuadas neste período do que no momento da guerra de “movimento”. Em outras palavras, mesmo sendo “estática”, a guerra ainda era muito violenta. Esse mesmo editorial referiu-se a tal problema:

“O certo é que na Coreia permanece entre aliados e comunistas o mais completo desacordo quanto à maneira de se conseguir um dia a suspensão das hostilidades. Desse desacordo o sinal mais evidente é a intensificação dos combates, que aos poucos vão lembrando a época anterior às conversações, quando se sucediam as ofensivas e contraofensivas sensacionais.”¹⁷

As negociações estavam realmente lentas. A revista *Manchete*, logo na sua edição de estréia, na seção “O Mundo em Manchete”, destacou o seguinte “Diálogo da Paz” (como o pequeno bloco foi chamado):

¹⁵ - op. cit.;

¹⁶ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 22/10/52, p. 4;

¹⁷ - op. cit.;

“Por mais incrível que pareça, o diálogo que abaixo transcrevemos consta da ata de uma sessão da ‘Conferência de Conciliação’, em Pam-Mun-Jon, na Coréia. A troca de ‘amabilidades’ verificou-se entre o delegado comunista Hsien Fang e o norte-americano Turner:

- Para se ter um ar tão estúpido como o seu, só mesmo fazendo de propósito.

- O senhor é de uma vulgaridade insuperável!

- No que concerne aos seus aeródromos, experimente reconstruí-los e, depois, levante o nariz para o ar, para ver o que lhe cai em cima!

- Deixe-se de cretinices!

- O senhor é como o saltador que diz à vítima: nada terás a receiar se me deres a bolsa e ficares quietinho.

- O senhor é quem tem uma carantonha de bandido!”¹⁸

O “diálogo” acima demonstrou bem a intransigência de ambos os lados.

O artigo “Os “Ming-15” Russos na Coréia”, de Theophilo de Andrade, publicado na revista *O Cruzeiro*, analisou a guerra até aquele momento, argumentando que a entrada da China na guerra criou uma “situação militar inteiramente nova, sendo, por assim dizer, uma nova guerra que se iniciou.” O artigo destacou as duas operações militares norte-americanas para essa “nova guerra”: a operação KILLER (“cuja finalidade foi matar tantos chineses, liquidar tamanha cópia de tropas amarelas que os comunistas se vissem obrigados a negociar uma paz razoável. E obteve seus efeitos.”) e a STRANGLE (“iniciada em agosto (...) - uma vasta empresa de caráter aéreo, com o escopo de impedir o suprimento dos exércitos comunistas, ao ‘front’ estabilizado, no meio da península”).¹⁹ O artigo defendia que, para combater tais táticas, os soviéticos estariam enviando aviões Ming-15 para os chineses. Essa eventual ajuda soviética foi contundentemente criticada pelo articulista:

“A intervenção dos ‘Ming-15’ russos, na guerra da Coréia, veio por em perigo os objetivos militares limitados que, ali, as forças das Nações Unidas se impuseram. E há de obrigar o comando aliado a tomar medidas para assegurar o domínio dos ares, pois, sem ele, falhará a ‘Operação Strangle’ e, falhada esta, falhará também a ‘Operação Killer’

Ao próprio General Vanderberg, entretanto, não parece possível conservar-se aquela supremacia sem o bombardeio e destruição das bases mandchus.

Aqui, porém, encontramos-nos em face da resolução que ultrapassa o simples terreno militar pois, em verdade, se trata de uma decisão política.”²⁰

¹⁸ - *Manchete*. Nº 1, Rio de Janeiro, Editora Bloch, 26/04/52, p. 38

¹⁹ - *O Cruzeiro*. Nº 16, Rio de Janeiro, 02/02/52, p. 37;

²⁰ - *op. cit.*;

O curioso da argumentação deste artigo foi que o auxílio norte-americano para seus aliados, milhares de vezes maior do que o auxílio que seria dado “eventualmente” pelos soviéticos, raramente foi criticado, mesmo quando as forças da ONU invadiram a Coréia do Norte.

As análises do historiador inglês Arnold Toynbee sobre as grandes questões mundiais do momento foram comentadas pelo *O Cruzeiro* na matéria “Toynbee e a Guerra”, escrita por Theophilo de Andrade. Indagado sobre as possibilidades de uma convivência pacífica entre democracia e comunismo no mundo, o historiador respondeu que os impérios Romano e Persa não obtiveram vitórias decisivas entre si, apesar dos confrontos constantes, mas enfraqueceram-se o suficiente para ambos caírem. Tal situação não deve ocorrer entre Estados Unidos e União Soviética, pois, de acordo com o historiador, “não haverá lugar para uma política de boa-vizinhança entre o mundo democrata e bolchevista, mas será possível uma situação de respeito mútuo.”

Theophilo de Andrade comentou as análises do historiador:

*“O mais curioso é que, na opinião de Toynbee, essa situação é não somente possível, mas desejável. Acha ele que se a guerra, para qual o Ocidente deve encontrar-se permanentemente preparado, explodir, as democracias a vencerão. Mas a Europa, a Ásia e a África ficarão em tal estado que é duvidoso possam os Estados Unidos reconstruí-las. Ademais, para o famoso historiador inglês, há uma mútua conveniência na tensão.”*²¹

Uma opinião até mesmo otimista para o momento. Mas as análises do historiador inglês foram muito além, tocando num ponto vital da lógica da Guerra Fria - a criação de “inimigos” por ambos os lados. Theophilo de Andrade complementou:

*“As democracias precisam do espantinho do diabo bolchevista para se manterem em forma, trabalharem e não degenerarem. E as nações bolchevistas do diabo capitalista com o mesmo objetivo. As dificuldades, no final das contas, são o sal indispensável à vida, sem o qual esta perde o seu valor.”*²²

Como podemos perceber, a idéia da “necessidade” da existência de um grande e poderoso “inimigo”, do “diabo”, um conceito tão caro para ambas as nações, já era discutida na época ou, em outras palavras, a dinâmica maniqueísta da Guerra Fria era observada – e criticada, como nos comentários de Arnold Toynbee.

²¹ - *O Cruzeiro*. Nº 19, Rio de Janeiro, 23/02/52, p. 53;

²² - op. cit.;

Os inúmeros problemas envolvendo as negociações de paz eram tratados pela imprensa brasileira com bastante freqüência, como já observamos. Um artigo publicado em *O Cruzeiro*, denominado “O Exército que não quer ser Repatriado”, também escrito pelo articulista Theophilo de Andrade, argumentou que uma das razões do impasse das negociações são os prisioneiros de guerra capturados pelas forças ocidentais, pois os chineses e coreanos comunistas presos não querem voltar ao seu lar:

*“A revelação é espantosa e mostra que o repúdio ao comunismo, na Ásia, é bem maior do que se poderia supor. Certamente é esta a primeira vez na história da humanidade em que os soldados de um exército se recusam a voltar a seus lares.”*²³

O problema da repatriação dos prisioneiros de guerra atingia ambos os lados, pois muitos prisioneiros das forças democráticas recusavam-se a voltar para seus países de origem, quer por terem sido “seduzidos” pelo regime comunista (e pelas facilidades oferecidas para desertarem) ou obrigados através da tortura. A imprensa brasileira (e a ocidental, de um modo geral) raramente comentava esse lado do problema com grande profundidade, preferindo mostrar a forte “sedução” que a democracia exercia sobre os soldados comunistas.

No artigo “O Impasse na Guerra da Coréia”, Theophilo de Andrade descreveu rapidamente a guerra até aquele momento - a apresentação de resumos da guerra era uma prática muito constante da cobertura da imprensa brasileira - , mais um vez ressaltando que a entrada de tropas chinesas iniciaram uma “nova guerra” (outra idéia constante na imprensa brasileira), mas que muitas coisas ainda iriam ocorrer:

*“Agora, está-se no verão, na Coréia. Os exércitos comunistas estão preparados para ofensiva. E as negociações de trégua, como era de esperar e como foi previsto, por nós, há um ano, não levaram a qualquer resultado prático. Que fazer? Ficar na trincheira o resto da vida, esperando o advento da terceira guerra mundial? Ou esperar a terceira e mais violenta ofensiva dos comunistas, que, para tanto, segundo o General Van Fleet, Comandante do Oitavo Exército Americano, já contam com um milhão de homens, convenientemente adestrados?”*²⁴

A idéia dos comunistas como perigosos e insaciáveis “provocadores da guerra” foi uma representação constante na cobertura da imprensa brasileira da Guerra da Coréia. Pelas palavras acima, podemos perceber que não importava muito a lógica dos campos de batalha ou

²³ - *O Cruzeiro*. Nº 33, Rio de Janeiro, 31/05/52, p. 53;

²⁴ - *O Cruzeiro*. Nº 40, Rio de Janeiro, 19/07/52, p. 45;

mesmo da mesa de negociações: a iniciativa da guerra sempre era do lado comunista; os “provocadores” da agressão sempre eram os comunistas.

Ainda nesta edição foi publicado uma das poucas e raras informações do lado comunista: uma pequena nota sobre o jornal norte-coreano *Minchu Chosen*, que denunciava atrocidades cometidas pelos norte-americanos.²⁵ O minúsculo tamanho da nota demonstrava o grau de interesse que a imprensa brasileira destinava para o lado comunista expor suas denúncias: pouco ou nenhum.

As eleições presidenciais nos Estados Unidos não mudariam muito o quadro da guerra “estática” e de vagarosas negociações de paz. O general Dwight David Eisenhower tomou-se presidente dos Estados Unidos pretendendo manter a guerra na Coréia e impedir o avanço comunista na região. Como havia prometido na sua campanha eleitoral, três semanas após ter vencido as eleições Eisenhower visitou os campos de batalha na Coréia, indo diretamente para a linha de frente. Conversou e fez sua refeição com alguns soldados, observou uma batalha de artilharia e voou numa missão de reconhecimento sobre as trincheiras.²⁶

A visita de Eisenhower ao front suscitou comentários na imprensa mundial, como no artigo “A Viagem de Eisenhower à Coréia”, de Drew Pearson, publicado pelo *O Cruzeiro*, cujo conteúdo destacou a preocupação do seu autor quanto à integridade física do novo presidente, pois

“O perigo que possa correr o General Eisenhower não consiste em ataque deliberado por parte dos comunistas. Não é de supor que os homens do Kremlin queiram lançar o mundo a uma guerra. Mas a mania suicida dos guerreiros orientais é por demais conhecida e capaz de fazer com que um piloto em estado de embriaguez ou um grupo de ‘KAMIKASES’ que estivessem voando a poucos quilômetros de distância pudessem criar uma crise da qual nascesse a terceira Guerra Mundial.”²⁷

Para sorte do presidente Eisenhower, e alívio do articulista, nenhum KAMIKASE surgiu durante sua visita ao front coreano.

Eisenhower, ao presenciar a guerra de perto, deixou que seu “lado militar” falasse mais alto do que o “lado político”: ele chegou à conclusão de que o impasse sangrento dos campos de batalha não tinha para onde ir, pois os dois lados não tinham forças para vencer a guerra ou mesmo de realizar uma ofensiva relevante para desestabilizar o adversário. Como não era partidário do uso de armas nucleares no conflito, a política de Eisenhower sobre a Guerra da Coréia, ao

²⁵ - op. cit., p. 46;

²⁶ - Sandberg, Peter Lars. *Eisenhower*. Coleção “Os Grandes Líderes”, São Paulo, Nova Cultural, 1987;

²⁷ - *O Cruzeiro*. Nº 10, Rio de Janeiro, 20/10/52, p. 24;

assumir a presidência em 1953, consistiu em persistir nas negociações para tentar a paz.²⁸ Mas as negociações continuavam muito difíceis.

Havia dois problemas principais para serem debatidos: 1º - a fixação de uma linha entre os dois lados, o que permitiria a criação de uma zona desmilitarizada após a cessão das hostilidades; 2º - o problema da troca de prisioneiros de guerra. O primeiro item foi satisfeito por volta de novembro de 1951, confirmando as posições ganhas pelas forças da ONU em decorrência dos avanços militares do general Van Fleet realizados entre setembro e outubro de 1951.²⁹ Mas a questão da troca de prisioneiros foi mais demorada - e mais espinhosa.

A delegação da ONU defendia uma repatriação voluntária, mas sua proposta recebeu muita pressão pois, como vimos anteriormente, muitos prisioneiros chineses não queriam voltar para o seu país, assim como muitos prisioneiros das forças da ONU (incluindo norte-americanos) não queriam voltar para suas pátrias de origem. Os soldados que não se repatriaram foram usados, nos anos seguintes, como propaganda ideológica dos dois lados, quer para mostrar as vantagens de um regime sobre o outro ou para justificar as acusações mútuas de “lavagem cerebral” desses prisioneiros.³⁰

... assim como no Vietnã...

O ano de 1970 iniciava-se com poucas esperanças de paz no Vietnã. As negociações de Paris continuavam sem resultados e a política de “vietnamização” prosseguia, com a retirada de tropas norte-americanas acelerando-se cada vez mais. O interesse pela guerra diminuía

²⁸ - Rémond, René. História dos Estados Unidos. São Paulo, Martins Fontes, 1989;

²⁹ - s/A. “Impasse e Extermínio - As Batalhas que Decidiram o Destino da Coréia.” In Coleção “Guerra na Paz”. op. cit.

³⁰ - a imprensa ocidental teve dificuldades para cobrir as conversações de paz. Sem confiar nos correspondentes, o alto-comando norte-americano dava-lhes uma mistura de mentiras, meias-verdades e deturpações sérias. Dentro desse quadro, alguns correspondentes começaram a recorrer aos dois correspondentes ocidentais que se encontravam junto à delegação norte-coreana/chinesa - Wilfred Burchett (trabalhando para o *Ce Soir*, jornal esquerdista de Paris) e Alan Winnington (do *London Daily Worker*). Os dois tinham acesso a vários documentos, mapas e relatórios, sendo fontes importantes para a imprensa ocidental. O exército norte-americano advertiu para que os correspondentes ocidentais não acreditem nas informações de Burchett e Winnington, pois eram comunistas - um argumento mais do que “definitivo” para as forças armadas norte-americanas. Mesmo assim, os correspondentes ocidentais continuaram obtendo informações através do dois, sendo que praticamente todas as informações passadas por ambos acabariam, de uma maneira ou de outra, sendo provadas como verdadeiras. Knightley, Phillip. A Primeira Vítima. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978;

muito na imprensa mundial, com outras temáticas ganhando maior destaque, como os problemas no Oriente Médio, o terrorismo na Europa ou a questão irlandesa.³¹

A imprensa brasileira não seguiu os caminhos da imprensa internacional no começo da década de 70 - ela continuava dando intensa cobertura sobre a guerra, apesar do seu esvaziamento, até por que era um dos assuntos menos visados pela censura. Além do jornal alternativo *O Pasquim*, a revista *Veja* também destacaria a guerra criticamente.

A seção "Internacional" da *Veja* ganharia uma forma padrão a partir de 1970. A seção abria com uma reportagem grande, com fotografias coloridas que explorariam os mais variados recursos gráficos e editoriais (mapas, gráficos, desenhos, etc.). As notícias internacionais menores seriam postas em pequenas colunas, com no máximo uma fotografia, pequena e em preto-e-branco, sem maiores recursos gráficos ou editoriais.

Foi nesse espaço menor que a revista publicou uma notícia que, apesar de pequena, foi, no mínimo, inusitada. O Vietcong atacou, em Saigon, um orfanato, matando velhos e crianças.³² Tal notícia deveria ter recebido, por parte da revista, um tom condenatório ao Vietcong, mostrando a selvageria comunista, ainda mais com a presença da censura impedindo visões muito diferentes.

A recriminação realmente aconteceu, mas o final da matéria foi revelador, pois a matéria concluiu que tais atitudes mostravam, mais que qualquer outra coisa, a determinação do Vietcong em querer vencer a guerra. Era uma observação procedente em termos de Vietnã, mas difícil de ser exposta naquelas circunstâncias. O estilo impessoal e neutro da revista tornou possível no Brasil a publicação de uma visão nada impessoal e neutra da guerra, o que seria uma característica da revista nesse período de ditadura.

A revista *Realidade* continuava, apesar de sua decadência. Experimentos de linguagem, típicos do New Journalism, ainda eram feitos: para ilustrar o trabalho do fotógrafo Larry Burrows, que cobriu a Guerra do Vietnã desde 1963 e morreu na queda de um helicóptero no Laos, os "clics" da máquina fotográfica foram utilizados no título ("Ódio, clic. Morte, clic. Guerra, clic").³³ A vivência e as experiências dos seres humanos ainda eram valorizados pela revista. Um dos últimos trabalhos do fotógrafo Larry Burrows foi a volta ao Vietnã do menino Lau, vietnamita refugiado no Estados Unidos, procurando sua família. O encontro (que foi fotografado) de uma parente e o menino de muletas foi o grande impacto da reportagem, mostrando a emoção do

³¹ - "O Vietnã perdia importância no cenário mundial, cedendo terreno para outras regiões em crise, como o Oriente Médio." Roubicek, Rafael. *Ho Chi Minh - um Poeta do Apocalipse*. Coleção "Encanto Radical", Nº 51, São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 80;

³² - *Veja*, Nº 105, São Paulo, Abril Cultural, 1970, p. 56;

³³ - *Realidade*, Nº 61, São Paulo, Abril Cultural, Abril/71, pp. 54-60;

reencontro e a dor e tristeza que a guerra podia provocar.³⁴ Técnica e conteúdo estavam juntos para realçar o pesadelo da guerra.

O Pasquim continuava suas matérias críticas. Paulo Francis analisou a guerra do ponto de vista de Hanói, onde aparecem duas saídas: “independência absoluta ou sua destruição pelos EUA.” O desenho da reportagem, de um vietnamita cortando a cabeça da águia, símbolo dos Estados Unidos, mostrou o posicionamento do jornal perante as opções levantadas pelo artigo de Paulo Francis.³⁵ O jornal acreditava (e desejava) a independência do Vietnã – e a saída norte-americana da região.

A cobertura para quem estava no Vietnã, nesse momento, era difícil, pois as notícias, aparentemente, estavam escasseando. A imprensa norte-americana inclinou-se a supor que a guerra estava acabando, principalmente depois das revelações de My Lai, como vimos. A saída gradativa dos soldados norte-americanos reduzira o interesse do público norte-americano (e mundial), e os bombardeios pareciam iguais aos dos anos anteriores. Tal situação escondia muitos problemas. As tropas norte-americanas estavam entrando em colapso, desiludidas pela impossibilidade de vitória e pela expectativa de saída do Vietnã. O uso constante de drogas, quebra de hierarquia, assassinatos entre os soldados e oficiais, questões raciais, eram alguns dos problemas. Na verdade, as tropas estavam levando uma série de questões internas do seu país para o Vietnã, questões estas caracterizadas pela contestação às autoridades, uso de drogas e reivindicações de setores raciais dos movimentos negros. A desilusão das possibilidades de se vencer a guerra, estimulada pela “vietnamização”, e a crença de que intervenção norte-americana na região fora um grande erro, também afetavam a moral das tropas.

A revista *Veja* publicaria uma reportagem sobre essa situação, com um título bem demonstrativo: “Vietnã - Paz e Marijuana”, argumentando que a influência hippie atingira as tropas norte-americanas no Vietnã, que os soldados consumiam maconha e contestavam a guerra.³⁶ A fotografia da reportagem completava perfeitamente o conteúdo da mesma, pois mostrava alguns soldados descansando durante uma patrulha, com olhares perdidos e desanimados.

O desânimo dos soldados era muito grande também pelas impossibilidades de se vencer a guerra, como observamos. Paulo Francis comentou que

“Nunca o controle civil de uma guerra foi tão forte como no Vietnã, ao contrário do que sonham alguns esquerdistas impressionados com a imagem de complexo-industrial-militar. E os soldados estão

³⁴ - *Realidade*. Nº 60, São Paulo, Abril Cultural, Março/71, pp. 52-56;

³⁵ - *O Pasquim*. Nº 43, Rio de Janeiro, 1970, pp. 22-23;

³⁶ - *Veja*. Nº 75, São Paulo, Abril Cultural, 1970, pp. 35-36;

*começando a irritar-se ante o seu papel ridículo, de bode expiatório do fracasso dos EUA no Vietnã.*³⁷

Outra dificuldade era que a “vietnamização” não se limitava a retirar soldados norte-americanos e reforçar as tropas sul-vietnamitas. Os bombardeios tornaram-se mais intensos, sendo que muitos deles eram realizados secretamente e não mais se limitavam aos dois Vietnãs.³⁸ O Camboja e o Laos também seriam atingidos.

Apesar dos desejos do general MacArthur de atacar o território chinês, os combates da Guerra da Coreia nunca ultrapassaram o espaço físico da própria Coreia. O governo Johnson manteve, com muitas dificuldades, a guerra dentro do território do Vietnã, quer com tropas no sul ou bombardeios no norte. O governo Nixon queria acabar com os principais centros de propagação da guerrilha, mesmo que para isso tivesse de ultrapassar os limites dos Vietnãs.

Sabendo que tal iniciativa provocaria muitos protestos, a política de Nixon concentrou-se em realizar secretamente bombardeios e incursões armadas nestes países. Tal política fracassou, pois o número de correspondentes de guerra ainda era muito grande no Vietnã e empreitadas dessa natureza sempre eram facilmente percebidas.³⁹ Uma matéria da revista *Veja* mostrava que a situação no Camboja poderia se complicar, pois o Príncipe Sihanouk, que havia aplicado uma política neutralista em relação à guerra do país vizinho, tinha sido derrubado pelo general Lon Nol, anticomunista, o que envolveria ainda mais o país no conflito do Vietnã do Sul.⁴⁰ Logo as análises da revista se confirmariam.

A invasão secreta no Camboja foi realizada por forças sul-vietnamitas e norte-americanas, sendo rapidamente descoberta, recebendo uma grande cobertura da imprensa. A *Folha de S. Paulo* destacou que “Sul-vietnamitas invadem Camboja”, inclusive com um pequeno mapa, mostrando detalhadamente as operações militares.⁴¹ O governo norte-americano deu total apoio ao governo de Saigon, bem como ao governo cambojano, liderado por Lon Nol, que permitiu essa incursão armada dentro do território de seu país.⁴²

O Pasquim denunciou criticamente a invasão do Camboja através de Paulo Francis que, em artigo publicado pouco depois do início das operações militares na região, argumentou que o ocorrido demonstrava a real doutrina Nixon, ou seja, que as tentativas de pacificação propostas pelo seu governo eram falsas ou, nas palavras do próprio Paulo Francis, a doutrina Nixon foi atirada “na lata do lixo”. Para ilustrar este artigo, uma montagem fotográfica colocava o rosto de Nixon

³⁷ - *O Pasquim*. Nº 43, Rio de Janeiro, 1970, p. 2;

³⁸ - Knightley, Phillip. op. cit.;

³⁹ - Knightley, Phillip. Idem;

⁴⁰ - *Veja*. Nº 81, São Paulo, Abril Cultural, 1970, pp. 54-55;

⁴¹ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 30/04/70, p. 2;

num corpo de Brucutu - mais uma vez conteúdo e técnica eram utilizados habilmente para se construir a notícia.⁴³

Mas o pior ainda estava por vir para o governo Nixon e sua política de ataques secretos. Os movimentos pacifistas (em queda de influência desde o início da “vietnamização”) receberam um novo sopro de vida com esses ataques secretos no Camboja. As universidades norte-americanas praticamente fecharam em protesto, mas seria na universidade de Kent que os acontecimentos se radicalizariam. A Guarda Nacional, a pedidos do governador, invadiria a universidade, que estava paralisada. A tensão não diminuiu, pois os enfrentamentos com os estudantes ficariam cada vez mais agudos, até que a ebulição chegou ao seu ponto máximo: a Guarda Nacional atirou nos estudantes, ferindo dez e matando quatro.⁴⁴ A reação aos incidentes da universidade de Kent foi imediata, com universidades entrando em greve e grandes manifestações sendo formadas.

As tropas receberam um prazo para sair do Camboja e o cumpriram. Para Paulo Francis, em sua “opinião pessoal”, tal cumprimento de prazo foi apenas um disfarce do governo Nixon, querendo com isso justificar suas ações criminosas no Camboja e na guerra como um todo, pois, afinal de contas, o que estava em pauta era o ataque a um país vizinho ao Vietnã do Sul e a extensão da própria guerra, e não o cumprimento de uma promessa presidencial.⁴⁵

A situação no Camboja ficou difícil, já que esses ataques jogaram o Vietcong para dentro do país e criaram um grande número de refugiados cambojanos vítimas dos ataques aéreos. Estes se uniram ao Khmer Vermelho, grupo radical de esquerda cambojano, que, auxiliado pelo Vietcong, também começaria uma guerrilha no país.

Todas essas operações de guerra foram noticiadas pela imprensa brasileira. A invasão do Camboja foi objeto da capa da revista *Veja*, sendo que a reportagem apresentou duras e impressionantes fotos mostrando a selvageria dos combates, com inúmeros corpos de guerrilheiros vietcongs espalhados pelo chão, aldeias destruídas e a situação do país agravada ainda mais com sua entrada no conflito do vizinho Vietnã do Sul. Podemos perceber, nessa reportagem, como a utilização das fotografias serviram para enfatizar o texto da mesma.⁴⁶

Outra dificuldade para o desejo dos norte-americanos de “vietnamização” era que as tropas sul-vietnamitas que participaram das operações no Camboja - como num teste de “vietnamização” progressiva - fracassaram. O mesmo ocorreria em 1971, quando tropas sul-

⁴²- op. cit., p. 1;

⁴³- *O Pasquim*. Nº 46, Rio de Janeiro, 1970, p. 21;

⁴⁴- Tuchman, Barbara W. *A Marcha da Insensatez - de Tróia ao Vietnã*. 2ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1986;

⁴⁵- *O Pasquim*. Nº 56, Rio de Janeiro, 1970, p. 18;

⁴⁶- *Veja*. Nº 96, São Paulo, Abril Cultural, 1970, p. 1 (capa);

vietnamitas tentaram fechar a trilha Ho Chi Minh no Laos, o que levou a este país à mesma situação do Camboja: a invasão estimulou a guerrilha comunista do país, liderada pelo Pathet Lao. O que era para ser uma diminuição dos esforços de guerra, transformou-se num aumento significativo dos mesmos.

No meio das incertezas quanto ao Laos, apareceria, dentro dos Estados Unidos, um dos grandes “furos” jornalísticos da guerra: os Documentos do Pentágono, que foram publicados (ou melhor, furtados do Pentágono) pelo jornalista Daniel Ellsberg, do *The New York Times*.⁴⁷ Os Documentos do Pentágono mostravam que o envolvimento norte-americano no Vietnã era bem mais complicado do que havia sido anunciado desde o começo das operações, e que muita mentira fora dita desde seu princípio. As causas da guerra eram bem mais distantes e pouco éticas do que tinha sido revelado até então. Desde os governos Eisenhower e Kennedy missões secretas tinham sido autorizadas, deixando o envolvimento norte-americano comprometido moralmente.

O Pasquim também noticiou a exposição dos Documentos do Pentágono com um artigo de Paulo Francis, que não deixava dúvidas quanto ao caráter errôneo da participação norte-americana no Vietnã. Para o autor, o que aparecia nos documentos não eram surpresas, mas apenas confirmação do caráter assassino da presença norte-americana na região.⁴⁸

Outro acontecimento jornalístico marcou o ano de 1971. O fotógrafo Phillip Jones Griffiths, que cobria a Guerra do Vietnã desde 1964, lançou um livro com suas fotografias da guerra denominado Vietnam Inc, provocando grande polêmica pela violência de suas fotografias. A ênfase de Griffiths estava na tentativa de mostrar que o povo vietnamita era rico culturalmente e que estava sendo destruído pelo domínio da “cultura Coca-Cola”, que os matava pela sua resistência. O autor queria que os norte-americanos conhecessem o povo vietnamita e não que os destruíssem.⁴⁹

Griffiths poderia ter apenas a intenção de fazer com que o povo norte-americano conhecesse o povo vietnamita. No entanto, sua obra fez com que os norte-americanos vissem além disso a destruição desse país pela atuação de suas forças armadas. A força da imagem mais uma vez mostrava-se presente e atuante, pois o livro provocou grande polêmica. As imagens fotográficas foram isoladas neste trabalho, mostrando uma selvageria concentrada, dando maior impacto ainda ao material.

Tantas imagens de destruição juntas foram demais para a opinião pública norte-americana. Mais uma vez, a imprensa participava da formação da opinião pública nos Estados Unidos e no mundo. Pesquisas desse ano revelaram que, pela primeira vez, a maioria dos norte-

⁴⁷. Tuchman, Barbara W. op. cit., p. 373;

⁴⁸. *O Pasquim*. Nº 50, Rio de Janeiro, 1971, p. 2;

⁴⁹. Griffiths, Philip Jones. Entrevista concedida para: Guariglia, Ana Maria. “Griffiths Lembra Tragédia do Vietnã.” In *Folha de S. Paulo* (caderno “Ilustrada”). São Paulo, 16/04/1994, p. 1;

americanos queriam a saída em definitivo de suas tropas, mesmo que o Vietnã do Sul caísse para os comunistas.⁵⁰ A tendência, que se verificava desde 1968, confirmara-se de maneira definitiva.

Não que essa fosse uma tendência absoluta. A chamada “maioria silenciosa” ainda demonstrava que não aceitaria a derrota tão facilmente, encontrando forças simbólicas para tentar impor essa visão. O tenente Calley, o oficial condenado pelo massacre de My Lai, por exemplo, foi transformado em “herói” nos Estados Unidos, ganhando, inclusive, popularidade.⁵¹ Paulo Francis procuraria explicar tal fenômeno, chegando a criticar o comportamento típico da chamada “maioria silenciosa” que Nixon utilizava por sua “fôrça de inércia”.⁵² Inércia que atingia a Contracultura, que enfrentava o rigor conservador da administração de Richard Nixon. Com a retirada gradual dos soldados norte-americanos do Vietnã, os movimentos pacifistas esvaziaram consideravelmente. Mesmo assim, figuras importantes na mídia demonstravam sua contestação à guerra, como Noam Chomsky que visitou Hanói.⁵³ A atriz Jane Fonda faria o mesmo pouco tempo depois.

Denunciar a guerra através de suas vítimas mais indefesas foi a grande estratégia da revista *Realidade*, como vimos anteriormente. No ano de 1972, a revista apresentou um dramático ensaio fotográfico sobre as crianças vietnamitas, vítimas da guerra, que ocuparia grande espaço no número 75. Um dos fotógrafos da *Associated Press*, James Bordier, chegou a largar a profissão para cuidar das crianças vietnamitas.⁵⁴

...até o Fim da Guerra da Coreia...

No primeiro semestre de 1953, as negociações de paz estavam finalmente chegando a um acordo aceitável para todas as partes. Muito do sucesso dessa fase das negociações deveu-se à morte de Stalin, no começo de 1953. As novas lideranças soviéticas desejavam um clima de confronto menor com o ocidente e, para tal, era essencial que o conflito coreano acabasse o mais depressa possível. Sem ter como objetivos principais a pressão sobre o Japão e o medo da união da China com os Estados Unidos, pontos básicos da política stalinista na Ásia até então, os dirigentes soviéticos direcionaram, então, sua política externa para o que viria a ser conhecido, a partir de 1954, como “Coexistência Pacífica”.⁵⁵ Chineses e norte-coreanos foram pressionados pelos soviéticos para que aceitassem os termos da ONU.

⁵⁰ - Knightley, Phillip. op. cit.;

⁵¹ - *O Pasquim*. Nº 36, Rio de Janeiro, 1970, p. 2;

⁵² - *O Pasquim*. Nº 48, Rio de Janeiro, 1970, pp. 6-7;

⁵³ - a visita de Noam Chomsky ao Vietnã do Norte está relatada no livro: Chomsky, Noam. *At War with Asia*. Grã-Bretanha, Fontana, 1971;

⁵⁴ - *Realidade*. Nº 75, São Paulo, Abril Cultural, Junho/72, pp. 83-88;

⁵⁵ - Holloway, David. *Stalin e a Bomba*. Rio de Janeiro, Record, 1997;

As reações da imprensa brasileira perante o possível armistício foram bastante positivas, apesar das críticas à União Soviética (e ao comunismo de um modo geral) continuarem intensas. No dia 3 de maio, no *O Estado de S. Paulo*, o editorial “O Mundo em Marcha”, de Jan Costa, relacionava o “pacifismo” soviético à sua estratégia de enganar o mundo para dominá-lo, sendo que o destino da Coreia estaria diretamente relacionado ao da Indochina:

“O desenvolvimento da situação no Oriente parece indicar claramente que a protelação do armistício na Coreia foi um meio de manter ocupados neste último país os recursos humanos e materiais dos ocidentais, a fim de impedir que eles fossem deslocados para a Indochina. Ao mesmo tempo, a trégua, embora limitada, dos últimos meses, talvez tenha sido útil à China, que assim pôde ampliar a sua ajuda aos comunistas que lutam contra os franceses.”⁵⁶

Dentro dessa perspectiva maquiavélica que as forças comunistas eram sempre enquadradas, as dificuldades para um acordo de paz tinham de ser muito difíceis mesmo: o lado democrático não confiava (e nem deveria confiar) de forma alguma no lado comunista. E, como vimos, o domínio soviético sobre os movimentos pacifistas existia, mas sim para pressionar o mundo ocidental para que este fosse menos agressivo em relação à União Soviética, e não para uma eventual dominação do mundo.

No dia 5 de maio, *O Estado de S. Paulo* destacou que “Ameaçam os Aliados Suspendem as Negociações do Armistício”, pois, de acordo com a matéria, a ONU havia proposto que o Paquistão fosse o país neutro que fosse custodiar os 46.000 chineses e norte-americanos que não queriam ser repatriados e, caso tal proposta não fosse aceita pelo lado comunista, os aliados suspenderiam as atuais negociações. O editorial observou que:

“O Paquistã (sic) é uma das quatro nações asiáticas que os próprios comunistas mencionaram como “neutros aceitáveis”, porém, quando o chefe da delegação aliada, tenente-general William K. Harrison, fez a proposta, o chefe da representação comunista, general Nam, nada respondeu.”⁵⁷

Encerrando o editorial, mais uma vez foi defendido a idéia de que o lado comunista não colaborava para o fim do conflito, apesar da intransigência ter sido, neste caso, do lado norte-americano e da ONU.

⁵⁶ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 03/05/53, p. 3;

⁵⁷ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 05/05/53, p. 3;

A *Manchete*, na matéria “Três Anos de Guerra na Coréia”, de autoria de José Guilherme Mendes, destacou que os norte-americanos esperavam que mais países tivessem enviado tropas para a Coréia (a Colômbia, de acordo com o artigo, enviou cerca de mil homens para a Coréia), mas que o “Brasil, apesar dos esforços de vários jornalistas e representantes políticos, nunca teve ambiente para que semelhante atitude fosse cuidada seriamente”,⁵⁸ temática esta que já discutimos detalhadamente esta situação no capítulo anterior. E sobre as possibilidades de paz, José Guilherme Mendes destacou que:

*“Porque é verdade é que se a paz na Coréia constituía um desejo sincero de quase todo o mundo, a paz total ainda é um desejo muito mais arraigado e profundo. De tão simples e poderoso, esse desejo se comunica hoje, a todos os homens de boa vontade.”*⁵⁹

As perspectivas de paz foram crescendo até chegarem aos acordos definitivos. A *Folha da Manhã* do dia 26 de julho destacou que a assinatura do armistício ocorreria nos próximos dias, ilustrando sua matéria com um mapa da Coréia e explicando detalhadamente como seria o cessar-fogo, além de uma cronologia dos principais acontecimentos da guerra.⁶⁰ *O Estado de S. Paulo* publicou, nesse mesmo dia, a importante manchete “Seria Assinado Amanhã o Acordo de Armistício”, cuja matéria apresentava um conteúdo muito parecido com o mesmo apresentado pela *Folha da Manhã*.⁶¹

No dia 27 de julho, o jornal *Tribuna da Imprensa* não apresentou como notícia principal o armistício na Coréia, mas sim a sua luta contra o jornal *Última Hora*: “Comprovada a Falsificação - Comandos Hoje para a Identificação do Falsário”, matéria que referia-se à nacionalidade bassarabiana de Samuel Wainer.⁶² Apenas na página cinco foi que o jornal tratou do assunto, numa pequena e bastante discreta notícia: “Afim Assinado o Armistício na Coréia”.⁶³

Já o jornal *Última Hora* noticiou com destaque a assinatura do armistício, deixando sua luta contra o jornal de Lacerda em segundo plano. No dia 28 de julho, na sua segunda edição, o jornal noticiou que “Com o Fim da Guerra da Coréia: 91 BILHÕES DE DÓLARES ANUAIS PARA A PAZ E O PROGRESSO DAS NAÇÕES” - artigo este que procurava mostrar os prejuízos

⁵⁸ - *Manchete*. Nº 62, Rio de Janeiro, Editora Bloch, 27/06/53, p. 9;

⁵⁹ - op. cit.;

⁶⁰ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 26/07/53, p. 1;

⁶¹ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 26/07/53, p. 1;

⁶² - de acordo com as leis brasileiras da época, uma pessoa estrangeira não poderia ser dono de veículos de comunicação. Samuel Wainer foi “acusado” de não ser brasileiro, mas sim bassarabiano, o que o proibiria de ser dono da *Última Hora*. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 27/07/53, p. 1;

⁶³ - op. cit., p. 5;

econômicos produzidos pela guerra, no sentido de que os Estados Unidos no lugar de financiar o crescimento econômico mundial, financiou uma guerra. A seguinte passagem é bastante relevante:

*“É mais do que evidente de que a guerra na Coréia havia torpedeado a política externa norte-americana, consistente na reabilitação econômica e financeira dos povos, para salvá-la do caos comunista. Disso dá uma idéia perfeita a impressionante estatística, difundida pelo próprio Eisenhower: a guerra custou uma média anual de 91 bilhões e 200 milhões de dólares. Quer dizer, 91 bilhões e 200 milhões subtraídos à segurança e ao progresso de todos os povos livres do mundo, entre os quais devemos incluir o Brasil, que foi dos mais afetados pelo desvio dos recursos norte-americanos para os campos de batalha na Ásia.”*⁶⁴

A matéria, mesmo que aparentemente mostrando apenas uma preocupação com as questões econômicas mundiais, também destacou o “saldo” negro da guerra: 2.500 mortos e 4.000 sem lares por dia. Além disso, ela também elogiou a ação norte-americana de enfrentar os comunistas na Coréia, evitando o que ocorreu em Munique, quando os ingleses permitiram a expansão do nazismo - que foi chamado de “antimuniquismo” - , numa outra referência direta à Segunda Guerra Mundial:

*“E que deu certo, prova-o o fato irrefutável de ter sido contida a expansão soviética, dando-nos a convicção de que o mundo vermelho começa a desagregar-se. Justamente porque um imperialismo agressivo, como o russo, quando perde a sua dinâmica, está definitivamente condenado à morte.”*⁶⁵

Para um jornal constantemente acusado de defender o comunismo, tal posicionamento era, no mínimo, estranho para um público menos avisado ou que acreditou na maior parte das propagandas agressivas direcionadas contra o jornal. Podemos perceber que o jornal *Última Hora* não concordava com a invasão norte-coreana na Coréia do Sul.

Mantendo o seu típico estilo de valorização da parte visual, a capa desta edição apresentava muitas fotografias da guerra, com o comentário “todas as terras da Coréia revolvidas pelos obuses ou calcinadas pelos lança-chamas”. As fotografias apresentadas eram impressionantes: 1ª foto: um soldado canadense ferido; 2ª foto: um combatente comunista ferido sendo atendido; 3ª foto: um soldado sul-coreano ferido; 4ª foto: alguns soldados comunistas presos nos campos de

⁶⁴ - *Última Hora*. Rio de Janeiro, 27/07/53, p. 1;

⁶⁵ - op. cit.;

concentração ocidentais.⁶⁶ Além dessas fotografias, também foram publicadas fotos dos “personagens da guerra e da paz”: General Mark Clarke, General William Harrison, o representante soviético Jacob Malik, General Nam Il, General Il Sung.⁶⁷

O jornal fez um sutil uso das fotografias, colocando as vítimas/combatentes da guerra junto dos comandantes/negociadores da paz - a diferença entre a selvageria das vítimas/combatentes e a aparente tranqüilidade burocrática dos comandantes/negociadores da paz procurou mostrar as grandes diferenças produzidas pela guerra.

E, finalmente, no dia 28, *O Estado de S. Paulo* publicou a notícia tão esperada pela imprensa brasileira nos últimos três anos (e, particularmente, pelo próprio jornal): “Assinado Armistício em Pan-Mun-Jon”.⁶⁸ O editorial dessa edição preocupou-se, assim como a matéria da *Última Hora*, com as questões econômicas do fim da guerra, cujo título do mesmo não deixava espaço para maiores dúvidas: “O Armistício na Coréia e a Vida Econômica”.

O editorial argumentou que o armistício assinado na Coréia iria provocar “rumores exagerados” sobre sua repercussão na economia mundial e, em particular, na economia do Brasil. Existiriam poucas mudanças, continuou o editorial, e uma delas seria justamente uma eventual redução do uso de armas no mundo, o que provocaria uma menor produção das mesmas e, conseqüentemente, uma diminuição do seu comércio:

“Por isso, as encomendas feitas pelas forças armadas continuarão a declinar, ao passo que aumentará a produção destinada ao consumo civil, decorrendo daí a diminuição dos perigos inflacionistas, queda dos preços e competição mais acirrada entre os produtores.”⁶⁹

A posição do comprador deveria ser melhor que a do vendedor - ou, em termos estritamente econômicos, tal situação é conhecida como “buster’s market”. O café, principal produto brasileiro, graças à geada, não correria o risco de queda de preço naquele momento, mas o mesmo não poderia ser afirmado a outros produtos de exportação. A inflação também era um problema sério da economia brasileira, pois aumentava o custo da produção, ressaltou o editorial.⁷⁰ Eis uma crítica sutil ao governo Vargas que, nessa época, estava sempre sendo acusado de formentar a inflação.⁷¹ Como podemos perceber, a oposição de Vargas não costumava perder qualquer espécie de acontecimento para atacar o presidente.

⁶⁶ - Idem;

⁶⁷ - Idem, ibidem;

⁶⁸ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 27/07/53, p. 1;

⁶⁹ - op. cit., p. 3;

⁷⁰ - Idem;

⁷¹ - Ianni, Octavio. *O Colapso do Populismo no Brasil*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978;

A *Folha da Manhã* foi a mais detalhista dos órgãos da imprensa brasileira que cobriram a assinatura do armistício. Nesse mesmo dia, os pormenores chegaram à beira do exagero, com descrições detalhadas. Mas, no meio de todas aquelas informações pormenorizadas, podemos perceber o ódio entre as delegações norte-americanas/sul-coreanas e chinesas/norte-coreanas. As assinaturas de tão esperado e demorado armistício não duraram mais do que 15 minutos.⁷² A *Manchete* destacou que

*“Às 10 horas e 1 minuto do dia 26 de Julho de 1953 (uma nova data histórica) foi assinada a paz na Coreia. No chamado ‘barraco da paz’, generais de várias nacionalidades, com uma simples assinatura fizeram cessar as hostilidades que já se prolongavam por mais de 3 anos. Foi mais um ‘front’ que morreu.”*⁷³

As palavras acima foram acompanhadas de uma foto de um canhão atirando – e mais nada. Foi apenas este pequeno texto e foto que a revista dedicou sobre fim da guerra. Podemos perceber que a linguagem imagética, típica da revista, foi aplicada totalmente neste acontecimento.

No dia 29 de julho, *O Estado de S. Paulo*, na seção “Momento Político”, destacou a reação da Câmara dos Deputados no Brasil, criticando os comunistas mais uma vez:

*“A Câmara dos Deputados manifestou de modo expressivo seu regozijo pelo término da guerra da Coreia, tirando do episódio a lição que ele oferece ao mundo, da maneira mais clara e tranquilizadora e que só os comunistas procuram obscurecer.”*⁷⁴

Os esforços da ONU foram reconhecidos pelo jornal e, neste reconhecimento, podemos perceber a visão da *Divisão Bipolar do Mundo*:

“... pela primeira vez na história universal, um organismo de natureza internacional empenhou-se em guerra para impor, num conflito em que uma potência era agredida por outra, uma solução comum de natureza eminentemente jurídica.”

*Esta é a grande e inesquecível lição que devemos tirar do ato da assinatura do armistício celebrado agora com o mesmo sentimento de jubilo em Washington e em Moscou - os dois pólos ideológicos do mundo contemporâneo.”*⁷⁵

⁷² - *Folha da Manhã*. São Paulo, 28/07/53, pp. 1-2;

⁷³ - *Manchete*. Nº 67, Rio de Janeiro, Editora Bloch, 08/08/53, p. 3;

⁷⁴ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 29/07/53, p. 3;

⁷⁵ - op. cit.

O *Correio da Manhã* do dia 28, na capa, destacou que “Muitos homens tombaram depois de assinado o armistício”:

“Seul, 27 (Warren Franklin, da UP) – O período de três anos, um mês e dois dias de guerra na Coreia terminou às 10 horas da manhã de hoje, em uma atmosfera carregada ainda de hostilidades a envolver posições de batalha.

(...)

Ernest Hoberecht, UP – A ansiada trégua da Coreia foi assinada, ontem, às 22 horas e um minuto, no ‘Pagode da Paz’, que os bolchevistas construíram apressadamente em Pan Mun Jom, pondo fim, de tal modo, a uma guerra que começou com o ataque surpresa desencadeado pelos bolchevistas contra sul-coreanos, a 25 de junho de 1950.

Foi uma guerra que durou três anos e 32 dias, e que, apesar das negociações de trégua, parecia jamais acabar.

Ao ser assinada a trégua, os aviões americanos aterraram em seus campos de pouso, carregados com bombas que não chegaram a lançar, em vista da ordem de cessar fogo.

Os soldados aliados permaneceram vigilantes em suas trincheiras, observando os bolchevistas e dispostos a responder a qualquer ataque, com ordem, porém, de não disparar em primeiro lugar.”⁷⁶

Não existem evidências de que apenas o lado comunista provocou os disparos finais da guerra. Ambos os lados, provavelmente, continuaram atirando apesar da assinatura do armistício, mas tal possibilidade não foi considerada: os comunistas eram quem deveriam ser vigiados.

De qualquer forma, em 28 de julho de 1953 foi assinado os acordos que punham um fim definitivo à guerra - o chamado armistício de Pan Mun Jon. Depois de quase três anos de guerra, o país continuava dividido exatamente igual como estava antes do início da guerra.⁷⁷ O conflito terminaria com uma situação irônica: neste mesmo dia, o presidente Rhee, para surpresa das Nações Unidas, apresentou um conta de 90 milhões de dólares pelo aluguel das terras sul-coreanas utilizadas pelas forças da ONU durante a luta.⁷⁸

⁷⁶ - *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 28/07/53, p. 1;

⁷⁷ - de acordo com Bruce Cumings, quando a guerra acabou “the North had been devastated by three years of bombing attacks that hardly left a modern building standing. Both Koreas had watched as a virtual holocaust ravaged their country and turned the vibrant expectations of 1945 into a nightmare. The point to remember is that this a civil war, and, as a British diplomat once said, ‘every country has a right to have its War ou the Roses.’ The true tragedy was not the war itself, for a civil conflict purely among Koreans might have resolved the extraordinary tensions generated by colonialism, national division and foreign intervention. The tragedy was that the war solved nothing: only the status quo ante was restored, only an armistice held the peace. Today the tensions and the problems remain.” Cumings, Bruce. *Korea’s Place in the Sun – a Modern History*. Nova Iorque, Londres, W.W. Norton & Company, 1997, p. 298;

⁷⁸ - Knightley, Phillip. op. cit.;

A imprensa mundial cobriu a guerra com muitas dificuldades pois, além dos perigos comuns na cena de guerra, existiu um fator inusitado, porém feroz: a censura. Analisando a censura sobre as notícias da guerra, Drew Pearson, no artigo “Conseqüências da Censura nas Notícias de Guerra”, publicado pelo *O Cruzeiro*, comentou que

*“O secretário-de-Estado John Foster Dulles estabeleceu uma censura tão rigorosa sobre as informações provenientes da Coréia que o público norte-americano não se apercebe dos perigos que estão de novo amuviando o horizonte daquela remota península”*⁷⁹

Tal comentário estava baseado na violação dos acordos de paz pela Coréia do Norte, que tinha aumentado o seu armamento. Aliás, acusações mútuas de violação dos termos dos acordos de Pan Mun Jon foram uma constante nos anos seguintes.

Nesse mesmo número da revista, Pedro Lima, numa reportagem sobre os bastidores cinematográficos de Hollywood, destacou que os “*produtores americanos resolvem o problema do estrelismo com acordos secretos - Betty Gable, Marilyn Monroe e Laureen Bacall fazem as pazes cinematográficas*”⁸⁰ O título da matéria? “Pan Mun Jon em Hollywood”.⁸¹ Podemos perceber o quanto a guerra estava incorporada na imprensa pelo uso do nome do local das negociações de paz na Coréia para destacar uma notícia relativamente banal.

... e no Vietnã!

Já no Sudeste Asiático a paz foi mais complicada - e violenta. Em 1972, o Vietnã do Norte tentaria uma grande ofensiva para dominar o sul, aproveitando a retirada de grande parte das forças terrestres norte-americanas. Para desapontamento das forças norte-vietnamitas, a aviação norte-americana permaneceu na região e conteve a ofensiva. Mesmo assim, os norte-americanos não conseguiram desalojar cerca de 145 mil soldados norte-vietnamitas, que ficaram no Vietnã do Sul.⁸²

As negociações de Paris, depois de anos de esterilidade, começavam a chegar a bases relativamente aceitáveis. Por volta de novembro de 1972, chegou-se a um acordo (praticamente igual aos acordos de Genebra de 1954), mas os representantes do Vietnã do Sul não o aceitaram, provocando a revolta dos delegados do Vietnã do Norte que abandonaram a mesa de

⁷⁹ - *O Cruzeiro*. Nº 4, Rio de Janeiro, 07/11/53, p. 52;

⁸⁰ - op. cit., pp. 30 e 31;

⁸¹ - Idem;

⁸² - Tuchman, Barbara W. op. cit.;

negociações. Esse foi o espaço para que o jornal *Opinião* pudesse criticar a ação dos Estados Unidos no Vietnã.

O jornal *Opinião* seguiria caminhos semelhantes aos do *O Pasquim* na cobertura da guerra, mas sem o estilo humorístico. As referências ao Vietnã foram feitas dentro do seu estilo de seriedade, com a tradução e publicação textos de Wilfred Burchett (que se identificava com o lado comunista) e I. F. Stone (outro crítico da guerra). Seu primeiro número colocava, na capa, uma caricatura de Nixon sobre uma fotografia de aldeões vietnamitas, com a manchete: “Por que Nixon Adiou a Paz?”⁸³ Dentro da edição incluíam-se três dos mais belos artigos escritos na imprensa alternativa, da autoria de três ex-correspondentes de guerra que estiveram no Vietnã: Antônio Callado, José Hamilton Ribeiro e Luís Edgar de Andrade.

Antônio Callado destacava a luta do Vietnã do Norte e a beleza do país, que estava sendo destruído pela aviação norte-americana. Dificilmente o país que lutara com tanta coragem contra o opressor infinitamente mais poderoso seria o mesmo de antes, com seus plantadores de arroz e costumes milenares. A guerra poderia estar no fim, militarmente; mas outra guerra mais importante seria a reconstrução nacional.⁸⁴ Hamilton Ribeiro seguiu caminho semelhante ao de Callado ao descrever o Vietnã do Sul, um país também belo e cheio de búfalos, com uma paisagem difícil de se imaginar no Brasil. A guerra poderia acabar e os norte-americanos saírem, mas a dor e a destruição, tanto física quanto moral, demorariam muito a ser esquecidas.⁸⁵ Luís Edgar de Andrade levantou uma curiosa hipótese: caso os norte-americanos tivessem saído da guerra, eles teriam sido os vencedores, e não os derrotados. A Frente de Libertação Nacional (FNL) sempre procurou ter uma voz ativa no Vietnã do Sul, algo que os governos sul-vietnamitas e as forças norte-americanas impediram. Os norte-americanos diziam que o objetivo de sua presença era abrir o caminho da democracia no Vietnã do Sul. Sendo assim, os acordos em perspectiva seriam a base de um futuro governo nacional democrático. A saída norte-americana iria concretizar a democracia no Vietnã do Sul - uma vitória para os norte-americanos (que a força não conseguira).⁸⁶

Três artigos perfeitos para a crítica da guerra, o caminho, por excelência, das análises do jornal. Mas a guerra continuou, pois o abandono da mesa por parte dos norte-vietnamitas foi o pretexto para que os Estados Unidos lançassem o maior bombardeio da História até então.

O presidente Nixon esperou a sua reeleição (que foi uma vitória esmagadora), para realizar livremente os bombardeios. Essa onda de ataques aéreos ficou conhecida como o “Natal de

⁸³ - *Opinião*. Nº 1, Rio de Janeiro, 06-13/11/1972, p. 1 (capa);

⁸⁴ - *op. cit.*, p. 16;

⁸⁵ - *Idem*, p. 16;

⁸⁶ - *Idem*, *ibidem*, p. 17;

Nixon”, e foi a mais intensa da guerra, destruindo quase toda a infra-estrutura do Vietnã do Norte.⁸⁷ Em compensação, o equipamento antiaéreo fornecido pela URSS causou pesadas baixas na aviação norte-americana, aumentando o número de prisioneiros de guerra.

Foi um desses bombardeios que gerou uma das imagens mais impressionantes da guerra: uma menina correndo, nua, chorando, com o corpo queimando por napalm. Ela foi filmada pela televisão e também imortalizada numa das mais chocantes fotografias já feitas. O fato de ter sido gravada pela televisão e pelos meios escritos implicou um impacto marcado simultaneamente pelo “movimento” (na imagem da televisão) e pelo “congelamento” (na fotografia, segurando a tensão ao máximo). Tornou-se o quadro perfeito e definitivo da guerra, além de uma das imagens mais chocantes do século XX.

Um artigo publicado pelo *O Estado de S. Paulo*, (anteriormente publicado pelo *The Economist*), analisou os bombardeios realizados durante a toda guerra e, em particular, este último. O artigo procurou justificar a presença norte-americana na região:

*“É difícil definir, com toda a precisão, esse limite para o exercício do poderio militar norte-americano no Vietnã. Muitos argumentam, com sinceridade, que foi ultrapassado há muito tempo, talvez em 1968, talvez até mesmo antes, quando o presidente Johnson decidiu enviar para lá 500 mil homens; para outros, foi quando os B52 atingiram Hanói, desta vez. Mas, para outros ainda, e entre eles ‘The Economist’ (nota minha: e também O Estado de S. Paulo), os norte-americanos estavam certos quando atenderam ao primeiro e subseqüentes apelos de socorro do Vietnã do Sul, e continuaram a resistir às sucessivas tentativas dos comunistas para reunificar pela força os dos Vietnãs, incluindo a invasão da parte sul pelo norte.”*⁸⁸

Ressaltando que os bombardeios eram uma arma tanto militar quanto política, o artigo nos apresentou um outro problema:

*“Nixon teria ainda procurado reduzir a eficácia de uma outra grande ofensiva comunista contra o Vietnã do Sul, malhando ainda mais as linhas de abastecimento do Vietnã do Norte. As divisões norte-vietnamitas que se encontram no sul, já enfrentam dificuldades, confundidas pelos preparativos para um cessar-fogo que não veio, sem contato com seus comandantes, e desorientadas pela falta de definição da linha do partido.”*⁸⁹

⁸⁷ - as linhas de trem que ligavam o Vietnã do Norte à China foram bombardeadas, assim como o porto de Haiphong - vários barcos soviéticos e chineses estavam atracados nesse que era o único porto que recebia provisões externas, o que poderia ter gerado um conflito internacional com essas duas potências comunistas;

⁸⁸ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 14/01/73, p. 3;

⁸⁹ - op. cit.;

Os bombardeios não se destinavam apenas a “quebrar” o Vietnã do Norte e suas tropas localizadas no sul, mas procuravam também manter viva as esperanças do Vietnã do Sul:

“Por último, os bombardeios podem muito bem ter sido destinados a mostrar a Thieu que os norte-americanos não o desampararão e que os perigos de concluir um tratado com os comunistas diminuirão pelo fato de que será sempre possível mandar os bombardeios outra vez a Hanói.”⁹⁰

“Nixon Ordena Novos Ataques Sobre Hanói”, foi a manchete de capa da *Folha de S. Paulo* do dia 19 de dezembro.⁹¹ No dia 20, a dramaticidade aumenta: “EUA desfecham grande ofensiva aérea no Vietnã”.⁹² Mesmo sendo reportagens de capa, receberiam espaços pequenos que não correspondiam aos violentíssimos ataques dessa ofensiva aérea, demonstrando que não eram apenas os Estados Unidos que estavam saturados da guerra.

Mas a imprensa alternativa não estava saturada. O jornal *O Pasquim* contava com a participação muito especial de Luís Edgar de Andrade - uma pessoa de valor simbólico em relação à Guerra do Vietnã, pois fora correspondente de guerra na região - como um dos redatores. Em sua colaboração ao jornal, além de analisar o que estava acontecendo no Sudeste Asiático, ele contaria algumas das passagens de quando fora correspondente de guerra no Vietnã do Sul. O “Natal de Nixon” seria ironizado pelo jornal com a expressão “Feliz Napalm”.⁹³

A capa do jornal *Opinião* sobre o mesmo assunto não deixava dúvida alguma sobre o posicionamento do jornal: uma caveira, vestida de Tio Sam, com o braço para a frente, com o dedo indicador esticado, com a manchete: “Nixon rezou neste Natal. E Você?” Um jornal católico de Amsterdã destacou que Nixon deu um bom exemplo ao rezar no natal, e o jornal *Opinião* completou a idéia destacando que ele também ordenara os mais violentos ataques ao Vietnã do Norte em toda a guerra.⁹⁴

A grande imprensa também salientou negativamente o “Natal de Nixon”, mas não com tanta veemência. O *Opinião*, todavia, tinha as suas razões para tal veemência, pois ainda pensava na Guerra do Vietnã como algo mais do que a denúncia das barbáries norte-americanas: a guerra ainda era um exemplo para estimular a luta revolucionária.

Os bombardeios foram encerrados e os norte-vietnamitas voltaram à mesa de negociações. Em janeiro de 1973, eles assinaram os acordos que levaram à paz, ou, nas palavras de

⁹⁰ - Idem;

⁹¹ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 19/12/72, p. 1;

⁹² - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 20/12/72, p. 1;

⁹³ - *O Pasquim*. Nº 181, Rio de Janeiro, 1972, p. 1;

⁹⁴ - *Opinião*. Nº 8, Rio de Janeiro, 25/12/72-01/01/73, p. 1;

Nixon, a uma “paz honrosa” - uma maneira nada convincente de esconder o que todos sabiam, ou seja, que a maior nação do mundo havia sido derrotada por uma pequena nação de agricultores.

O final da guerra foi celebrado pela imprensa brasileira, sendo matéria de capa de vários jornais e revistas. A capa da *Folha de S. Paulo* destacou, em letras garrafais: “Fim da Guerra do Vietnã”, com fotografias de Nixon e dos mediadores, Le Thuc Dho e Henry Kissinger, além de uma reportagem resumindo os nove anos de conflito.⁹⁵

O Estado de S. Paulo também noticiou os acordos: com a palavra “Paz” em grande destaque e o subtítulo “Nixon Anuncia o Fim de 12 Anos de Guerra”.⁹⁶ *O Jornal Nacional* também destacou o fim da guerra:

“Acordo de cessar-fogo, terminando o conflito no Vietnã, é assinado em Paris. O ajuste inclui a retirada das tropas norte-americanas do Vietnã do Sul, a libertação dos prisioneiros norte-americanos mantidos pelo Vietnã do Norte e uma comissão de quatro países para supervisionar o armistício.”⁹⁷

Perto da saída norte-americana, os cartunistas do jornal *O Pasquim* iriam produzir uma grande quantidade de cartuns sobre a guerra. Quando foi anunciada a saída dos norte-americanos da guerra, a edição veio intitulada “Pazquim” - e na capa havia um míssil em forma de supositório com um soldado norte-americano perguntando onde enfiaria aquilo.⁹⁸ A edição ainda traria um pequeno histórico da guerra em cartuns do Henfil,⁹⁹ e um pôster muito especial: vários super-heróis norte-americanos fugindo de um pequeno Vietcong.¹⁰⁰ Millôr Fernandes escreveria um artigo cômico, cujo título é: “Derrota, não! Apenas o Resultado de Torpe e Violento Desrespeito às Regras Mínimas da Ética Militar!”. O artigo satirizava a saída dos norte-americanos pelo fato do inimigo não ter perdido ou recuado, apesar da lógica militar aplicada (“romperam um esquema tático invencível”).

Nas palavras ácidas e satíricas de Millôr:

“Não podíamos continuar a luta contra um bando de vagabundos que não tinham idéia do preço de uma guerra, nem sombra

⁹⁵ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 24/01/73, p. 1;

⁹⁶ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 24/01/73, p. 12;

⁹⁷ - extraído de: s/A. *15 Anos de História*. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 321;

⁹⁸ - *O Pasquim*. Nº 187, Rio de Janeiro, 1973, p. 1;

⁹⁹ - *O Pasquim*. Nº 137, Rio de Janeiro, 1973, pp. 4-8;

¹⁰⁰ - op. cit., pôster central;

*de responsabilidade quanto ao sacrifício que tudo aquilo custava ao contribuinte americano.*¹⁰¹

Parece que o regime militar brasileiro não achou muita graça, pois censurou este artigo.¹⁰²

Para todos os efeitos, a saída norte-americana do Vietnã foi considerada como o final da guerra pela imprensa mundial e brasileira. A “paz”, na verdade, não chegou na região da Indochina, sendo que os acordos de Paris conseguiram, no máximo, tirar as forças norte-americanas da região. Esperava-se que o Vietnã do Norte tomasse rápido o país, já que a “vietnamização” mostrara-se, até aquele instante, um fracasso total. Não apenas a guerra continuava, mas também a indústria bélica norte-americana (ou o chamado “complexo industrial-militar”), cuja produção não seria afetada pela saída das tropas do Vietnã, como denunciou a revista *Realidade*.¹⁰³

As forças sul-vietnamitas não conseguiram levar a guerra sem os conselheiros norte-americanos. Dois anos após a saída dos Estados Unidos, o Vietnã era reunificado sob um governo comunista. O Laos e o Camboja também foram dominados pelas forças comunistas do Pathet Laos e do Khmer Vermelho, respectivamente.

Dois grandes imagens marcaram esta reunificação: 1ª - a embaixada dos Estados Unidos em Saigon cercada pela população vietnamita, esperando sua vez para fugir - sendo que, na maioria esmagadora dos casos, foi uma espera em vão; 2ª - o porta-aviões norte-americano jogando helicópteros no mar, pois estava muito lotado e poderia sofrer danos.¹⁰⁴

A guerra continuou na Indochina, apenas os problemas da Guerra Fria foram sendo substituídos por questões locais, que iam desde problemas fronteiriços até os conflitos causados pela presença de uma minoria chinesa na região (cerca de um milhão de pessoas em cada país).¹⁰⁵ A Indochina raramente encontrou a paz.

A “teoria do dominó” acabou por aí, pois os três países não estenderam o comunismo a seus vizinhos, preocupando-se com questões locais. Estas levaram a outras guerras - entre o Vietnã e o Kampuchea (novo nome do Camboja, dado pelo sanguinário Khmer

¹⁰¹ - Fernandes, Millôr. *Millôr no Pasquim - o Inventor da Liberdade de Imprensa*. São Paulo, Círculo do Livro, 1977, p. 187;

¹⁰² - o artigo não chegou a ser publicado no *O Pasquim*, mas foi recuperado por Millôr Fernandes anos mais tarde e publicado em livro. Fernandes, Millôr. op. cit.;

¹⁰³ - *Realidade*. Nº 83, São Paulo, Editora Abril, Fevereiro/73, pp. 64-67;

¹⁰⁴ - a evacuação estava sendo feita com helicópteros das forças armadas norte-americanas, mas os vietnamitas que tinham helicópteros fugiram com os aparelhos até o porta-aviões, o que provocou a sobrecarga e a necessidade de atirar alguns aparelhos no mar. Tais imagens podem ser vistas no documentário *Guerra do Vietnã - a Queda de Saigon* Documentário, Estados Unidos, Discovery Channel, dirigido por Michael Dutfield, 1995;

¹⁰⁵ - Crozier, Brian. *Sudeste Asiático em Conflito*. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1967;

Vermelho)¹⁰⁶ e entre o Vietnã e a China, em 1979.¹⁰⁷ O Vietnã abandonaria o Kampuchea apenas em 1989.

O Fim da Guerra do Vietnã e a Televisão no Brasil

Como vimos, a televisão no Brasil cresceu bastante no decorrer da década de 50 e principalmente, na década de 60, assim como seu parque tecnológico. As imagens que chegavam da Guerra do Vietnã eram de melhor qualidade, comparando-se com as (poucas) imagens vindas da Guerra da Coréia. Mas foi na década de 70 que a cobertura da televisão da Guerra do Vietnã produziria maiores conseqüências.

A “independência” do programa *Globo Repórter* permitiu que este realizasse um dos primeiros documentários sobre a Guerra do Vietnã no Brasil no início da década de 70. O teor do programa, completamente contrário à participação norte-americana na guerra, provocou reações contrárias do regime militar contra a emissora, reações estas logo contestadas: o documentário foi feito a partir de imagens fornecidas pela própria embaixada norte-americana no Brasil - ou, em outras palavras, a própria produção norte-americana também mostrava uma visão desfavorável à presença do seu país no Vietnã. O documentário seria reprisado uma semana depois.¹⁰⁸

Mas o Vietnã ainda provocaria mais violência. Em 3 de setembro de 1975, a TV Cultura de São Paulo, no seu jornal do meio-dia, exibiu um documentário (produzido pela agência de notícias inglesa *Viesnews*) de 7 minutos sobre a Guerra do Vietnã (mais especificamente sobre a vida de Ho Chi Minh), bastante favorável aos comunistas. O então diretor da TV Cultura, Wladimir Herzog, não deixou que o documentário fosse exibido no noticiário da noite e despediu o editor que o havia exibido de manhã, suspeitando que a exibição do documentário fora de propósito, para comprometê-lo contra a ditadura.

¹⁰⁶ - o regime do Khmer Vermelho faria desaparecer todas as cidades do Camboja, levando praticamente toda a população para os campos de trabalhos, matando qualquer pessoa que pudesse apresentar qualquer indício de diferenças sociais, como ter formação acadêmica (a simples presença de um diploma poderia levar à morte o portador), ou mesmo possuir uma simples caneta. Hudson, Christopher. *Os Gritos do Silêncio*. Coleção “*Campeões de Venda*”, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1987;

¹⁰⁷ - a invasão do Vietnã no Camboja, aliado da China, provocou a guerra. Os chineses procuraram “punir” os vietnamitas. A invasão durou uma semana e seus resultados foram contraditórios, com ambos os lados vangloriando-se de terem sido os vencedores. Mandel, Ernest... [et al.]. *China x Vietnã - Revolução Chinesa e Indochinesa*. São Paulo, Versus, 1979;

¹⁰⁸ - nunca ficou devidamente claro se esta reapresentação foi feita por causa dos pedidos do público (o que demonstraria a aceitação desta visão crítica da guerra) ou se foi uma imposição do general Odílio Denis, pois seus netos estavam em época de vestibular e ele exigiu que eles assistissem o programa. Extraído de: *TV Ano 50*. Documentário, Rio de Janeiro, Rede Globo, dirigido por Pedro Bial, 2000;

Mas o “mal” já estava feito e a reação contrária ao documentário foi imediata. Cláudio Marques, colunista do jornal *Diário do Comércio e Indústria* e comentarista político do programa *Shopping News*, da TV Bandeirantes, que não passava de um típico “bajulador” da ditadura e que atacava Herzog constantemente, não perdeu a oportunidade e, na sua coluna no jornal, escreveu:

“Vietcong na TV Cultura.

Bastante comentada, por sua ‘oportunidade’ e ‘qualidade’, a reportagem levada ao ar, na quarta-feira, pela TV Cultura, em seu programa noticioso do meio-dia. Inúmeros minutos de programação da emissora educativa foram dedicados à história do Vietnã e às lutas que ali ocorreram nos últimos anos, dando-se especial destaque a pensamentos e à figura de Ho Chi Minh, o líder comunista do Vietnã do Norte.

Pode ser que exista alguma razão muito forte para tal tipo de preocupação da TV Cultura, mas não há dúvida que, no Brasil, existem temas muito mais educativos e salutarés do que a história dos conflitos na Indochina ou os conceitos de vietcong.”¹⁰⁹

Seu comentário na TV Bandeirantes, em 7 de setembro, foi mais direto:

“TV Educativa continua uma nau sem rumo. Repercutindo - pessimamente - o documentário exibido pelo canal 2, fazendo a apologia do vietcong. Eu acho que o pessoal do PC da TV Cultura pensa que isto aqui virou o fio...”¹¹⁰

No dia 11 do mesmo mês, a *Última Hora* (nesta altura dos acontecimentos formada por uma equipe totalmente a favor da ditadura) afirmou que

“TV Cultura, do Vietnã ao Camboja

A TV Cultura, canal 2 de São Paulo, parece mesmo estar preocupada com os problemas da Indochina. No seu noticioso das 21 horas de terça-feira, no mesmo momento em que todas as outras televisões levavam a público fatos de importância nacional, a TV 2 dava destaque ao regresso do príncipe Norodon Sihanouk ao Camboja, após um exílio na China Comunista. Historiando os fatos (afinal, história é cultura...) disse lá o jornal da Fundação Padre Anchieta que ‘após nacionalizar o comércio exterior e a rede bancária do Camboja e de recusar ajuda norte-americana, Sihanouk sofreu pressões de Washington’. E daí por diante. Apenas por curiosidade, na pauta de todos os noticiosos do mesmo horário, estavam os seguintes assuntos nacionais

¹⁰⁹ - extraído de: Markun, Paulo. (Org.). Vlado - Retrato da Morte de um Homem e de uma Época. São Paulo, Círculo do Livro, s/D, pp. 70;

¹¹⁰ - extraído de: Markun, Paulo. op. cit.;

*e que não mereceram nenhuma referência da TV Cultura: regresso do governador Paulo Egydio de Brasília; aumento do preço dos combustíveis; entrevista do secretário de Saúde sobre vacinação contra pólio em São Paulo; estabelecimento de limite de velocidade nas estradas; autorização de Senado para aumento da dívida da prefeitura de São Paulo.*¹¹¹

A “linha dura” estava procurando “comunistas” para justificar as suas práticas violentas - e a sua própria existência, pois estava também lutando contra a “distensão” promovida pelo governo Geisel.¹¹² Wlado, como era conhecido, participava do PCB (junto com os jornalistas Paulo Markun, George Duque Estrada, Anthony Christo e Rodolfo Konder), mas em discussões sobre a participação democrática da imprensa perante a ditadura, naquilo que alguns dos membros do grupo da época iriam chamar pejorativamente de “masturbação ideológica”. Não existia desejos deste grupo para ações violentas ou lutas armadas. Mas, para a “linha dura”, que combatia a idéia de uma revolução socialista no Brasil, os “elogios” a Ho Chi Minh e ao Vietcong eram inaceitáveis, ainda mais vindos de um comunista.

A Guerra do Vietnã (e a exibição do documentário sobre Ho Chi Minh) não foi o fator principal para a prisão e morte de Wlado, mas contribuiu consideravelmente. Mesmo com o fim da guerra e a vitória dos comunistas, o tema Vietnã ainda era delicado no Brasil.

Podemos encontrar grandes diferenças entre a cobertura do fim das duas guerras na imprensa brasileira: o “monopólio” do anticomunismo ainda era a essência da cobertura da Guerra da Coréia, enquanto que a variedade tornou-se a base da cobertura da Guerra do Vietnã. Não apenas existia uma imprensa mais variada, mas também muitas outras orientações políticas e “usos” da imprensa das notícias. A cobertura da Guerra da Coréia era utilizada para denunciar o comunismo, ação esta que foi quase a tônica da grande imprensa. Já na cobertura da Guerra do Vietnã existiram variações e, em muitos sentidos, uma unanimidade: existiu celebração da retirada norte-americana do Vietnã. Quer por ser uma causa perdida (já fazia um bom tempo, aliás), quer para mostrar que a “maior máquina militar da História da Humanidade” era falível e que a luta revolucionária era válida como forma de resistência ao capitalismo – algo que membros da redação do jornal alternativo *Opinião* acreditavam seriamente.

¹¹¹ - extraído de: Markun, Paulo. *Idem*, pp. 70-71;

¹¹² - D’Araujo, Maria Celina e Castro, Celso (Orgs.). *Ernesto Geisel*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

As imagens, na cobertura do final da Guerra do Vietnã, foram marcantes, como a famosa cena da menina vietnamita atingida com napalm ou dos helicópteros sendo jogados no mar em 1975. Não que a Guerra do Vietnã fosse mais violenta: a Guerra da Coreia também produziu momentos de violência, mas as possibilidades da transmissão dessas imagens violentas foi menor, o que produziu menos impacto.

Considerações Finais

As guerras da Coreia e do Vietnã acabaram, mas não a mídia (e, principalmente, a televisão), que continuaria a ser um elemento fundamental das relações políticas do mundo. As guerras deixaram os seus “vestígios”, como veremos a seguir, “vestígios” estes que ainda são presentes na cultura. E a presença de imagens é uma dessas manifestações mais evidentes.

Imagens e Ação

O *bluesman* Lightnin’ Hopkins, que tinha composto um blues melancólico sobre a Guerra da Coreia (*Sad News From Korea*, de 1951), ficou bem mais otimista e compôs *The War is Over* para festejar a paz em 1953.¹ Outras expressões culturais iriam surgir nos Estados Unidos no decorrer dos anos enfocando a Guerra da Coreia, como a revista em quadrinhos *Combat Casey*, que faria um grande sucesso entre as crianças e que se referia, basicamente, às aventuras do valente e destemido soldado Casey que, com bravura, determinação e princípios (apresentando uma construção de valores democráticos, sob o ponto de vista norte-americano, logicamente), enfrentava os comunistas norte-coreanos.² O “empate” no campo de batalha não diminuiu o ímpeto “salvador” dos norte-americanos, algo que iria ser abalado na Guerra do Vietnã.

A Coreia não apresentou cores – algo que sobrou no Vietnã. Além da televisão, o cinema também participou intensamente desta última guerra, embora não no momento exato dela, com exceção do filme *Os Boinas Verdes*, mas que não valorizou os efeitos imagéticos do conflito – na verdade, não passou de um filme de ação claramente favorável à presença norte-americana no Vietnã.³ A comédia *M.A.S.H.*, embora tenha sua história passada durante a Guerra da Coreia, fez inúmeras sátiras às guerras de um modo geral, e à Guerra do Vietnã em particular.⁴ *Acorrentado ao Passado*, de 1972, foi uma das primeiras produções norte-americanas a tocar diretamente no assunto da guerra, mostrando o drama de 3 mulheres cujos maridos estavam presos ou desaparecidos no Vietnã.⁵

O primeiro grande documentário sobre a guerra, *Corações e Mentis*, foi bem além de uma visão meramente maniqueísta: utilizando-se de um vasto material telejornalístico, o

¹ - Muggiati, Roberto. *Blues - da Lama à Fama*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995;

² - King, Stephen. *Dança Macabra*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1989; e www.combatcasey.com;

³ - *Os Boinas Verdes (The Green Barrets)*. Filme, Estados Unidos, dirigido por John Wayne, 1968;

⁴ - *M.A.S.H.* Filme, Estados Unidos, dirigido por Robert Altman, 1970;

⁵ - *Acorrentado ao Passado (Limbo)*. Filme, Estados Unidos, dirigido por Mark Robson, 1972;

documentário, através de uma frenética construção de imagens e sons, enfatizou o caráter imagético da guerra e o erro da presença norte-americana no Vietnã.⁶ O documentário captou magistralmente o delírio visual da guerra e suas conseqüências trágicas para a vida vietnamita e norte-americana.⁷

Outros filmes foram realizados na década de 70 enfatizando, principalmente, as conseqüências da guerra para os soldados que lá estiveram, como foram os casos dos sucessos de bilheteria Amargo Regresso e O Franco-Atirador, ambos de 1978,⁸ sendo que este último chegaria a ganhar o prêmio *Oscar* de melhor filme - mais por transformar o Vietcong num inimigo detestável do que propriamente pelo drama dos soldados que foram ao Vietnã. Mas foi Apocalypse Now de Francis Ford Coppola, que mergulharia fundo na ferida norte-americana no Vietnã.⁹

A busca filosófica (e violenta) realizada pelo capitão Willard atrás do Coronel Kurtz nas selvas do Camboja, busca esta baseada na obra Corações das Trevas, de Joseph Conrad, fez com que Coppola criasse um dos maiores delírios visuais da história do cinema, perfeito para o que ocorreu durante a Guerra do Vietnã. Entre muitas referências a drogas, rock'n'roll e violência, a passagem mais significativa do filme foi viagem de vários helicópteros ao som da música "Cavalgada das Valquírias", do compositor alemão Richard Wagner, que antecipava um violento e absolutamente desnecessário ataque a uma vila dominada pelo Vietcong.¹⁰ Violência, cores, drogas, música, desespero - eis os ingredientes do filme de Coppola; eis a melhor descrição possível sobre a Guerra do Vietnã.¹¹

⁶ - Corações e Mentes (Hearts and Minds). Documentário, Estados Unidos, dirigido por Peter Davis, 1974;

⁷ - e também ganharia o Oscar de 1974 como melhor documentário. O diretor Peter Davis e o produtor Bert Schneider, depois de ironizar o fracasso das forças armadas norte-americanas no Vietnã, leram um telegrama da delegação Vietcong à Conferência de Paz em Paris. Augusto, Sérgio. "O Melhor da Festa é o que Ela tem de Pior." In *O Estado de S. Paulo* (Caderno 2). São Paulo, 25/03/2001, p. 5;

⁸ - Amargo Regresso (Coming Home), Filme, Estados Unidos, dirigido por Hal Ashby, 1978; e O Franco-Atirador (The Deer Hunter). Filme, Estados Unidos, dirigido por Michael Cimino, 1978;

⁹ - logicamente que outros filmes sobre a guerra com outras abordagens também foram realizados, como é o caso do tocante Os Rapazes da Companhia C (The Boys in Company C), Filme, Estados Unidos, dirigido por Sidney J. Furie, 1978), que retratava o dia-a-dia de uma companhia de boinas-verdes no Vietnã. Em 1986, o sucesso de Platoon, dirigido por Oliver Stone, abriu uma espécie de "temporada de filmes sobre o Vietnã", surgindo vários filmes sobre o tema. Entre as várias produções de qualidade muito variada, podemos destacar Nascido Para Matar (Full Metal Jacket), Filme, Inglaterra, dirigido por Stanley Kubrick, 1987) e Pecados de Guerra (Casualties of War), Filme, Estados Unidos, dirigido por Brian de Palma, 1987); além do já citado: Platoon. Filme, Estados Unidos, dirigido por Oliver Stone, 1986;

¹⁰ - Apocalypse Now! Filme, Estados Unidos, dirigido por Francis Ford Coppola, 1979;

¹¹ - as filmagens de Apocalypse Now! foram igualmente alucinantes. No Festival de Cannes de 1979, Francis Ford Coppola, diretor do filme, comentou: "Meu trabalho não é um filme. Não é um filme sobre o Vietnã... é "o" Vietnã. É como foi, uma loucura. Nós o fizemos do modo como os americanos estavam no Vietnã. Estávamos na selva, éramos muitos homens. Tínhamos acesso a muito dinheiro, muito equipamento, e fomos enlouquecendo aos poucos." Extraído de: O Apocalipse de um Cineasta - Heart of Darkness, Documentário, Estados Unidos, escrito e dirigido por Fax Bahr e George Hickenlooper, 1991;

Guerra do Vietnã e suas Conseqüências no Brasil

A Guerra do Vietnã teria seus significados culturais reelaborados no Brasil, onde podemos destacar duas manifestações mais explícitas: a primeira seria a idéia de resistência, surgida ainda na década de 60, reforçadas pelas experiências guerrilheiras e pelo “teatro guerrilheiro” de José Celso Martinez Côrrea,¹² sendo que tal idéia sobreviveria até a década de 90, sendo, inclusive, utilizada por alguns militares brasileiros que afirmaram que resistiriam, como no Vietnã, às investidas internacionais que buscariam “internacionalizar” a floresta amazônica, defendendo-a como um patrimônio nacional (países bombardeados usariam a mesma lógica);¹³ a segunda idéia, que também surgiu na década de 60, relacionaria o Vietnã com a violência - algumas favelas das regiões mais pobres da cidade de São Paulo ainda hoje são chamadas, no jargão policial e na gíria local, como “Vietnã”, por causa do grande número de mortos que a ocorrência policial registra.

Uma outra idéia, relacionada a esta última, também foi mantida no Brasil. Não foi apenas o bordel no Araguaia que ligaria o nome Vietnã ao sexo e à marginalidade. No interior do estado São Paulo, região da Alta-Araraquarense (cuja principal cidade é São José do Rio Preto), em particular nas cidades de Santa Fé do Sul, Jales e Fernandópolis, são realizadas festas agropecuárias de peões de boiadeiro. Dentro de um recinto montado, tem-se uma área de prostituição, que é chamada pelo povo local de Vietnã ainda nos dias de hoje.¹⁴ É interessante perceber a maneira como a Guerra do Vietnã foi apropriada pelas camadas populares: uma área de baixo meretrício, onde ocorrem, normalmente, brigas e mortes, além da própria devassidão da prostituição, é chamada de “Vietnã”. As camadas populares associam o Vietnã a uma área de verdadeiro caos, sem respeito às leis, à moral ou qualquer espécie de ordem - ou mesmo de qualquer respeito pela vida. A Guerra do Vietnã não poderia ter sido melhor representada.

A Imprensa Pós-Vietnã

A imprensa (e, de certa forma, uma “nova moral” criada pela Contracultura) também reagiria ao conservadorismo da época: Richard Nixon foi obrigado a renunciar à

¹²- extraído de Ventura, Zuenir. 1968 - o Ano que Não Terminou: a Aventura de uma Geração . 11ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988, p. 93;

¹³- pesquisas feitas durante a Segunda Guerra Mundial mostraram que os bombardeios estratégicos, ou seja, aqueles que são feitos para “castigar” o inimigo, acabaram por estimular a resistência dos atacados. Isso ocorreu durante ataques alemães na Inglaterra (1940/41), durante ataques aliados aos alemães (1944/45) e também nos ataques norte-americanos ao Vietnã do Norte (1964/1972). Tuchman, Barbara W. A Marcha da Insensatez - de Tróia ao Vietnã. 2. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1986;

¹⁴- as festas foram visitadas pelo Autor da pesquisa no interior do estado de São Paulo;

presidência por causa do escândalo de Watergate, escândalo este levantado pela imprensa, no caso específico pelo *The Washington Post*, através de dois jornalistas: Bob Woodward e Carl Bernstein.¹⁵ Mas a televisão também influenciou nos acontecimentos: o assunto estava “esfriando” quando o apresentador de televisão Walter Cronkite resolveu apresentá-lo na televisão, enfatizando as investigações dos dois jornalistas do *Post*.¹⁶ Apesar de exemplos como este, a grande imprensa norte-americana continuou conservadora. Mesmo a criação de um canal exclusivo de notícias no começo dos anos 80, a CNN (Cable News Network), não mudaria tal quadro. Nos Estados Unidos, a mídia continuou na mão de poucas pessoas.¹⁷

Mas nem só de grandes publicações viveu a mídia no pós-Vietnã. Na segunda metade da década de 70, o mundo seria inundado por uma série infinita de pequenas publicações, mimeografadas ou xerocadas: eram os *fanzines*, que se tornaram a imprensa da geração Punk. Tais publicações caracterizavam-se por serem individuais ou de grupos pequenos, que tratavam sobre assuntos que agradassem seus criadores (geralmente versavam sobre bandas de rock ou outras manifestações culturais que ocorriam ao redor das bandas comentadas), na forma de pequenos jornais mimeografados, xerocados ou de qualquer tipo de produção barata.

O primeiro *fanzine* relevante foi a revista *Punk*, lançada em 1975 na cidade de Nova Iorque, que procurou retratar a cultura alternativa dos clubes de rock'n'roll da época, mais especificamente o CBGB's e o Max Kansas City. A música e o movimento Punk estavam surgindo. Legs McNeil, fundador e “cartum vivo” da revista (referência ao Alfred E. Newman, da revista *MAD*), defendeu que um dos objetivos básicos para a sua criação foi que seriam dadas bebidas grátis aos fundadores (além de McNeil, John Holmstron, cartunista, e Ged Dunn, negociante).¹⁸ Era uma diversão, coisa de garotos, mas que viraria um fenômeno quando, na Inglaterra, uma série de

¹⁵ - para maiores informações sobre Watergate e a renúncia de Richard Nixon, ver: Woodward, Bob e Bernstein, Carl. *Todos os Homens do Presidente*. 3ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977; e Woodward, Bob e Bernstein, Carl. *Os Últimos Dias*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976;

¹⁶ - Cronkite, Walter. *Repórter*. São Paulo, DBA, 1998;

¹⁷ - de acordo com Ben H. Bagdikian: “Quando cinquenta homens e mulheres controlam mais da metade das informações e das idéias que atingem 220 milhões de americanos, é hora desses últimos examinarem as instituições que lhes fornecem sua visão diária do mundo.” Bagdikian, Ben H. *O Monopólio da Mídia*. São Paulo, Scritta, 1993, p. 18;

¹⁸ - McNeil nos relata melhor o nascimento desta revista e do seu nome: “Vi a revista que Holmstron queria lançar como um álbum dos Dictators (conjunto de rock pré-punk) que ganhasse vida. No encarte do disco havia uma foto dos Dictators numa lanchonete White Castle, e eles estavam com jaquetas de couro preto. Embora a gente não tivesse jaquetas de couro preto, a foto parecia nos descrever perfeitamente - uns caras espertos. Então achei que a revista deveria ser feita pra outros fodidos como nós. Garotos que cresceram acreditando só nos Três Patetas. Garotos que faziam festas quando os pais não estavam e destruíram a casa. Sabe como é, garotos que roubavam carros pra se divertir. Então eu disse: ‘Por que a gente não chama de Punk?’ A palavra ‘punk’ pareceu ser o fio que conectava tudo que a gente gostava - bebedeira, antipatia, esperteza sem pretensão, absurdo, diversão, ironia e coisas com um apelo mais sombrio.” McNeil, Legs e McCain, Gillian. *Mate-me Por Favor - uma História sem Censura do Punk*. Porto Alegre, L&PM, 1997, pp. 221-222;

bandas de rock (Sex Pistols, Clash, Damned, etc.) fariam a sua “leitura” da música produzida em Nova Iorque e dariam a forma definitiva ao que viria a ser chamado de Punk Rock. De Londres também surgiu a versão definitiva do fanzine: *Sniffing Glue*.¹⁹ Junto com o *Sniffing Glue*, surgiram muitas publicações do gênero, como foi o caso da *Bondage*, criada por Shane MacGowan, um rapaz de 19 anos.²⁰

Apesar da existência desse universo alternativo artesanal, a tecnologia influenciaria totalmente a produção noticiosa dos últimos tempos. A velocidade desta produção aumentaria, assim como a sua exuberância técnica, principalmente por causa da rede mundial de computadores, a Internet. Qualquer foto de um acontecimento pode chegar na prensa do jornal em apenas 2 horas – muitas fotos da Guerra da Coréia demoraram uma semana, como vimos. Uma diferença notável.

A televisão iria se fragmentar ainda mais, com o advento das TVs pagas. Duas emissoras em particular podem ser destacadas: a MTV (Music Television) e a CNN (Cable News Network). A MTV, lançada no dia primeiro de agosto de 1981, apresentava (aliás, apresenta), essencialmente, uma programação de videoclips – ou, como ficaram conhecidos, clips.²¹ Poucos pensaram que tal iniciativa pudesse fazer sucesso. Mas, atingindo um público essencialmente jovem, e buscando novas linguagens tecnológicas, a MTV iria se tornar uma das emissoras mais importantes dos Estados Unidos.²² E essa linguagem inovadora inverteu a lógica comercial da venda de álbuns musicais: antes, o clip era utilizado apenas para divulgar músicas ou álbuns, principalmente para artistas que não tinham muito tempo para dedicar-se à televisão e precisavam atingir um grande público; agora, o clip tornou-se fundamental para o sucesso da música ou do álbum, chegando, em alguns casos, do clip ser mais famoso do que a própria música em si, quando não também do próprio artista.

¹⁹ - de acordo com Antônio Bivar (um dos primeiros autores brasileiros a escrever sobre o Punk): “Em 1976 as semanas são delirantes. Mil coisas estão acontecendo, entre elas o surgimento do primeiro fanzine punk. Fanzine é a junção das palavras fan (de fã, em português) com magazine (revista, em inglês). Fanzine = uma revista do fã, feita pelo fã e para o fã. Em setembro de 76 sai o primeiro fanzine punk, o *Sniffing Glue* (Cheirando Cola). Seu editor é Mark Perry, bancário, 19 anos, cabelos longos, entediado com o emprego. Então ele ouve um disco dos Ramones - a banda punk americana - assiste ao grupo ao vivo, acha ótimo e decide escrever uma crítica a respeito. Escreve oito páginas e tira 200 cópias, em xerox, no escritório da namorada. E passa adiante.” Bivar, Antônio. *O Que é Punk*. Coleção “*Primeiros Passos*”, Nº 76, 3ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 51;

²⁰ - Yapp, Nick. *The Hulton Getty Picture Collection 1970's*. Londres, Könemann, 1998;

²¹ - informações sobre a MTV extraídas de; Xavier, Ricardo (Rixa) e Sacchi, Rogério. *Almanaque da TV: 50 Anos de Memória e Informação*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2000; e *História do Rock (History of the Rock and Roll)*. Documentário, Nº 10, Estados Unidos, escrito, produzido e dirigido por Susan Steinberg, 1992;

²² - o Brasil também iria ter a sua MTV, inaugurada em 20/10/90. Xavier, Ricardo (Rixa) e Sacchi, Rogério. op. cit.;

A CNN iria abrir uma espécie de “monopólio” sobre a produção de notícias, pois era um canal exclusivo de notícias.²³ O uso da tecnologia, já abundante em outras emissoras, seria levado às últimas conseqüências na CNN. A importância das coberturas feitas pela televisão ganhavam aspectos dramáticos, como foi a sua cobertura da Guerra do Golfo. Peter Arnett, figura-chave na cobertura desta guerra, nos afirma que

“Com os cofres finalmente abertos, estava gastando milhões para uma cobertura de guerra tão completa quanto fosse possível.

(...)

A CNN estava arriscando muito mais na cobertura da guerra do que os seus competidores.”²⁴

Apesar da presença de Arnett em Bagdá e das muitas fortes imagens da CNN, a cobertura da Guerra do Golfo foi, essencialmente, censurada pelas autoridades norte-americanas. As emissoras de televisão, então, “criavam” as situações por computador, bem menos chocantes do que as cenas “de campo”, que foram censuradas ou impedidas de aparecer por ordens das próprias emissoras.

As redes de televisão tomariam inúmeros cuidados com a produção de imagens e discursos das notícias, principalmente na cobertura de guerras. Os militares ingleses controlariam o fluxo de notícias da Guerra das Malvinas, assim como os próprios norte-americanos fariam o mesmo na invasão de Granada.²⁵ Na Guerra do Golfo, a construção da cobertura televisiva seria das mais complexas possíveis, onde foi apresentado um espetáculo agradável de ser visto. Maria Rita Kehl complementa:

“Se nos anos 60 as primeiras imagens mostradas ao vivo sobre a Guerra do Vietnã, por exemplo, mobilizaram opinião pública (...), nos anos 90 a guerra do golfo Pérsico é transmitida pela televisão como um espetáculo excitante, um Indiana Jones em grande escala para diversão dos espectadores que torcem para que o “grande justiceiro” consiga eliminar Satã com métodos eficientes e cheios de efeitos pirotécnicos”²⁶

²³ - para maiores detalhes da CNN, ver: Whittemore, Hank. CNN - a História Real. São Paulo, Best Seller, 1990;

²⁴ - Arnett, Peter. Ao Vivo no Campo de Batalha - do Vietnã a Bagdá. 35 Anos em Zonas de Combate de Todo o Mundo. São Paulo, Rocco, 1994, pp. 404-405;

²⁵ - s/A. “O Triste Adeus à Inocência.” In Coleção “Guerra na Paz”, V. 4, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984;

²⁶ - Kehl, Maria Rita. “Imaginar e Pensar.” In Novaes, Adauto (Org.). Rede Imaginária - Televisão e Democracia. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p. 60;

Não há mais inexperiência na utilização da mídia, nada é deixado ao acaso - tudo está sendo cada vez mais programado, inclusive construções noticiosas manipuladoras.

Brasil: Novos Tempos para a Imprensa?

A *Folha de S. Paulo* transformaria-se no mais importante jornal brasileiro nas décadas de 80 e 90, em particular por realizar mudanças constantes na sua forma, copiando novas inovações apresentadas nos Estados Unidos (em particular o *USA Today*) e na Europa. Seu grande rival, *O Estado de S. Paulo*, demorou demais para apresentar reformas relativamente simples (como publicar edições às segundas-feiras e incluir cores, modificações estas realizadas apenas na segunda metade de década de 80) e, ainda hoje, vive em constante ostracismo, sobrevivendo por causa da sua tradição.

A imprensa alternativa brasileira iria ruir na década de 80, inclusive *O Pasquim*.²⁷ O jornal engajou-se no processo de Anistia e numa série de eventos políticos (como nas eleições para o governo do estado do Rio de Janeiro em 1982, que deram vitória a Leonel Brizola),²⁸ mas sua proposta política não atingia mais o público. Com a abertura política iniciada pelo governo Geisel, continuada no governo João Figueiredo e finalizada com o fim da ditadura, outras publicações, em particular as da grande imprensa, puderam expressar-se livremente, ocupando o espaço que outrora era do *O Pasquim*. A “patota” (ou o que sobrou dela, pois também aconteceram muitas brigas internas) lançaria a versão paulista do jornal no final da década de 80, que fracassaria. Pouco depois, o jornal fecharia.²⁹

Outras publicações alternativas surgiriam na década de 80, como foi o caso da revista *Chiclete com Banana*, criada pelo cartunista Angeli, e que merece ser destacada.

A tradição de se fazer uma produção artesanal e marginal, típica da imprensa alternativa, foi mantida pela revista *Chiclete com Banana*: a revista começou a ser publicada em novembro de 1985 como um dos primeiros produtos da editora Circo Editorial, editora esta que procuraria especializar-se na produção de quadrinhos nacionais e para adultos a partir de um esquema artesanal de produção, mas procurando qualidade profissional.³⁰

²⁷ - Kucinski, Bernardo. Jornalistas e Revolucionários - nos Tempos da Imprensa Alternativa. São Paulo, Scritta, 1991;

²⁸ - Braga, José Luiz. O Pasquim e os Anos 70 - Mais Pra Epa que Pra Oba..., Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1991,

²⁹ - a grande parte da equipe do *O Pasquim* retornaria em 1999 na revista *Bundas*;

³⁰ - a relação esquema artesanal/qualidade profissional foi melhor demonstrada quando um dos leitores da revista *Chiclete com Banana*, na sua seção de cartas denominada “Upper-Cut - A Porrada do Leitor”, ao reclamar do elevado custo da revista, recebeu de Angeli a seguinte resposta: “Chiclete com Banana custa caro

Quanto à crítica política sistemática e intransigente ao governo, uma das características básicas da imprensa alternativa, a revista *Chiclete com Banana*, mesmo fazendo críticas à política tradicional e ao governo, não as apresentava de maneira sistemática. Uma explicação possível dessa linha é o fato da revista não ter nascido dos espaços fechados pela ditadura, pois, quando a revista foi lançada, a ditadura militar estava em decadência e a grande imprensa já não recebia tanta pressão e criticava o governo com maior liberdade. Não coincidentemente, a própria imprensa alternativa começou a desaparecer a partir deste momento, como já observamos anteriormente.³¹ Apesar disso, a revista também não criticaria de maneira sistemática os governos civis que se seguiriam após a queda do regime militar.

O que a revista procurava criticar, essencialmente, era a política de um modo geral. Na edição de número 11, esse posicionamento ficava claro: com o título “Política!”, a capa desta edição apresenta um homem de terno e gravata, representando a figura típica de um político tradicional de direita, engolindo literalmente uma criança vestida com o chapéu do Mickey.³² Mas as críticas políticas apresentadas pela revista não se limitavam apenas à direita: o personagem Meiaoitto, apresentado como um típico revolucionário do final da década de 60 e início da década de 70 e perdido nos novos tempos da década de 80, foi um veículo constante para se criticar as esquerdas de um modo geral. Em outras palavras: tanto a direita quanto a esquerda foram massacrados impiedosamente pela revista.

Tal característica seria mantida nas publicações *Casseta Popular* e *Planeta Diário*. A valorização da imagem destas publicações seria “recompensada” pelos novos tempos, pois, logo, elas seriam reunidas na televisão, através do programa *Casseta & Planeta Urgente!*, exibido regularmente pela Rede Globo.

A televisão dominaria a vida brasileira, sendo alvo de intensa luta política. Quando a Rede Tupi fechou, abriu-se disputa de vários grupos para receber concessão para montar uma rede de televisão (a concessão ainda é uma atribuição governamental). Entre os concorrentes, estavam o grupo Abril, o grupo Bloch e o apresentador de televisão Sílvio Santos. A vitória destes dois últimos (que resultaria na já falida Rede Manchete e no SBT, respectivamente)³³ não foi por causa

porque o papel é caro, o fotolito uma fábula, a impressão então... nem se fala; bimestral, porque não somos pasta de dentes, que é fabricada em série. Este gibi é um trabalho de autor. Suas páginas são lambidas uma a uma... num processo quase artesanal por uma minúscula equipe cu-de-ferro. Aí é que está o tesão. **Somos marginais mas fazemos um produto profissional.**” (grifos meus). *Chiclete com Banana*. Nº 5, São Paulo, Circo Editorial, 1986, p. 37;

³¹ - Kucinski, Bernardo. op. cit.;

³² - não apenas a política é satirizada nesta capa, mas também o consumismo das sociedades atuais. *Chiclete com Banana*. Nº 11, São Paulo, Circo Editorial, 1987, capa;

³³ - Sílvio Santos nos relata que “Como não consegui comprar as ações da Record e como só continuei na Globo graças a uma gentileza do dr. Roberto Marinho, senti crescer em meu espírito a necessidade de ter um canal de televisão. Podia estar tranqüilo com meu programa na Record se alguém não tivesse comprado na

de merecimento ou por suas melhores propostas: a ditadura “vingava-se” do grupo Abril por causa da sua constante oposição e o impedia de ter o seu canal de televisão.³⁴

Mas a grande emissora do país continua sendo a Rede Globo: o quase monopólio desta emissora sobre o simbólico da vida brasileira ainda é uma realidade, embora ele já não seja mais tão monolítico como nas décadas de 70 e 80. Mesmo assim, influiria na eleição de Fernando Collor de Mello para a presidência em 1989.

Luís Inácio Lula da Silva tinha sido considerado o vencedor do primeiro debate contra Collor. Na véspera das eleições, em 14 de dezembro, foi realizado o segundo debate entre os candidatos e Collor foi considerado o vencedor. Mesmo assim, o resumo feito pelo *Jornal Nacional* do segundo debate e exibido no dia 15 de dezembro foi excessivamente favorável a Collor. No dia 17 de dezembro as urnas confirmam a vitória deste no segundo turno. A Rede Globo foi acusada de manipular os resultados do debate - Lula fora mal, mas não tanto quanto foi apresentado - e influir na eleição de Collor.³⁵ Mesmo assim, Lula conseguiu aproximadamente 30 milhões de votos contra os aproximadamente 35 milhões de Collor – podemos notar que a influência da Globo tinha limites.

Outro momento também nos mostra esses limites. A Rede Globo ficou a favor de Collor até as vésperas do seu *impeachment*, em 29 de setembro de 1992. Curiosamente, a própria emissora ajudou sem querer na destituição do seu “protegido”: quando as denúncias contra Collor ficaram mais intensas, a emissora exibiu, coincidentemente, uma mini-série, *Anos Rebeldes*, que retratava a juventude engajada dos anos 60, e que seria o modelo dos jovens autodenominados “caras pintadas”, que fariam passeatas contra Collor.³⁶ Em outras palavras: a Rede Globo deu o simbólico para que derrubassem o governo de sua preferência.

A influência da televisão não atingiu apenas a política, mas também a forma da imprensa escrita. A valorização da imagem e da velocidade de informação foram decisivos para a imprensa brasileira dos últimos 20 anos. A “vitória” da imagem sobre o texto foi quase que total. A revista *Veja* tornou-se a única grande revista semanal brasileira, apresentando textos cada vez mais

minha frente os 50% da emissora. Então pensei: bem, não comprei a Record, não faz mal. Mas como poderei ser dono de um canal? Só se o governo, algum dia, tiver um para conceder. O Moysés Weltman, meu amigo e diretor da revista *Amiga*, na época, me incentivou, dizendo para eu entrar na concorrência, pois achava que eu tinha todas as chances de ganhar um canal. Assim, quando surgiu a primeira oportunidade de o governo conceder canais, o 9 de São Paulo e o 9 do Rio de Janeiro, decidi entrar. Entrei pensando: ‘Se ganhar, ganhei; se não ganhar, não ganhei. Não faz mal, pelo menos vou tentar, vou saber como isso se processa. Tenho condições, tenho possibilidades financeiras, tenho know how, vou entrar.’” Entrou e ganhou a concessão de canais. Silva, Arlindo. *A Fantástica História de Sílvio Santos*. 2ª ed., São Paulo, Editora do Brasil, 2000, p. 61;

³⁴ - Mello, Geraldo Anhaia. *Muito Além do Cidadão Kane*. São Paulo, Scritta, 1994;

³⁵ - Conti, Mário Sérgio. *Notícias do Planalto - a Imprensa e Fernando Collor*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999;

³⁶ - Conti, Mário Sérgio. op. cit.;

pobres e a parte visual cada vez mais trabalhada e intensa. Mesmo assim, a revista ainda mantém uma estrutura essencialmente escrita.

As organizações Globo lançaram, para concorrer com a *Veja*, a revista *Época*, levando ao máximo a linguagem da televisão na imprensa escrita: cortes rápidos entre as matérias, superficialidade nas abordagens (recursos típicos do *Jornal Nacional*), uso (até excessivo) de imagens e pouca escrita. Roberto Marinho, no primeiro número da revista, deixa claro essa opção estética:

“Estamos em plena revolução tecnológica no campo da comunicação social com a disseminação de computadores domésticos, a proliferação de satélites e o advento da Internet. A globalização da produção abre as portas para a globalização do conhecimento. A velocidade da comunicação é cada vez maior, e o mesmo acontece com a massa de informações oferecidas à sociedade.

Desses dados nasce a necessidade de um novo conceito de revista. Essa é a idéia que nos levou a Época.

(...)

A diagramação e o tratamento de fotos, ilustrações, gráficos e tabelas não têm precedentes no mercado editorial brasileiro. E também um avanço significativo o fato de que a arte jamais tem função apenas decorativa: ela constitui importante complemento da informação.”³⁷

Apesar da intensa publicidade (principalmente da própria Rede Globo de Televisão), a revista não fez o sucesso esperado. Tal “fracasso” mostra que a leitura ainda requer certos requisitos básicos que a linguagem da televisão provavelmente jamais irá alcançar.

O Fim da Guerra Fria

Quando o mundo menos esperava, depois de mais de 40 anos de confrontos, a Guerra Fria acabou.³⁸

A década de 80 foi terrível para a União Soviética pois, além do país (e seus “satélites”) ter sido atingido por uma fortíssima estagnação econômica, houve também uma estagnação tecnológica.³⁹ O governo do republicano Ronald Reagan,⁴⁰ percebendo tais condições,

³⁷ - *Época*. Nº 1, Rio de Janeiro, Editora Globo, 25/05/98, p. 5.

³⁸ - informações do fim da Guerra Fria que se seguem foram extraídas de: *Guerra Fria*. Documentário, São Paulo, Rádio e Televisão Cultura, dirigido por Roseli Ferro, 1998; e *Cold War*. Documentário, Estados Unidos, Cable News Network (CNN), produtores executivos Pat Mitchell e Jeremy Isaacs, 1998;

³⁹ - para maiores informações sobre a situação social da União Soviética na década de 80, ver: Dobbs, Michael. *A Queda do Império Soviético*. Rio de Janeiro, Campus, 1998;

iria forçar ainda mais o clima de “competição” típico da Guerra Fria prejudicando ainda mais o já combalido império soviético.⁴¹

O governo de Ronald Reagan, além de ter utilizado uma agressiva propaganda política (a União Soviética seria inúmeras vezes chamada por Reagan de “*Império do Mal*”, entre outras visões extremamente midiáticas e maniqueístas), também aumentou o confronto da Guerra Fria, financiando grupos contra governos ou movimentos políticos de esquerda (como os Contra, na Nicarágua e os rebeldes do Afeganistão, estes diretamente contra as forças invasoras soviéticas) e aumentando o número de armas nucleares, de um modo geral.

Reações contrárias à política armamentista do governo Reagan ocorreram, logicamente. O historiador E. P. Thompson, entre seus variados estudos, também iria analisar questões relacionadas com a Guerra Fria e sobre a expansão das armas atômicas. Uma dessas questões veio à tona em dezembro de 1979, em Bruxelas, quando a OTAN decidiu instalar os mísseis nucleares de curto alcance Cruise e Pershing II na Europa, o que resultaria num aumento ainda maior de armas nucleares em território europeu, além de transformar também este mesmo território num dos alvos preferenciais dos soviéticos em caso da eclosão da Terceira Guerra Mundial, o que transformaria a Europa numa “barreira” nuclear dos Estados Unidos.

Essa decisão estimulou as discussões pacifistas em toda a Europa e Thompson foi um dos seus deflagradores. Seu artigo “*Notas sobre o Exterminismo, o Estágio Final da Civilização*”, publicado na revista *New Left Review*,⁴² daria o pontapé inicial para intensas discussões. Nesse texto, Thompson criou o conceito “exterminismo” - a política praticada de valorização das armas nucleares para resolver as questões mundiais, relegando o ser humano a um segundo plano.⁴³ Thompson, analisando a Guerra Fria mais detalhadamente, destacou que ela, além de ser fruto da deterioração das tradições europeias, o que provocou uma divisão inaceitável entre o Leste e o Oeste, sobreviveu desde 1945 por causa da existência e aumento contínuo dos arsenais nucleares e que, para que a Guerra Fria deixasse de existir, era preciso acabar com esses arsenais.⁴⁴

⁴⁰ - de acordo com René Remond, o programa de Ronald Reagan “conjugava o velho individualismo americano, o dogma da livre iniciativa e as teses monetaristas da escola de Chicago: exprimia uma reação contra a expansão da administração federal e do Welfare State. Propunha um desengajamento do Estado, um desmantelamento da administração de Washington com a transferência de responsabilidade para os Estados, uma redução drástica de despesas, com exceção do orçamento da Defesa, mediante cortes severos nas verbas destinadas à assistência social e à educação, conjugada com uma volta ao equilíbrio orçamentário e uma diminuição significativa dos impostos diretos.” Rémond, René. *História dos Estados Unidos*. São Paulo, Martins Fontes, 1989, p. 122;

⁴¹ - informações extraídas de: *Império do Mal (Ronald Reagan)*. Documentário, Estados Unidos, WGBH Boston For The American Experience, produzido por Margaret Drain e Austin Hoyt, 1998;

⁴² - o texto de Thompson na revista, bem como respostas e comentários a ele, foram organizados em livro lançado no Brasil. Thompson, E. P... [et al.]. *Exterminismo e Guerra Fria*. São Paulo, Brasiliense, 1985;

⁴³ - Thompson, E. P. op. cit.;

⁴⁴ - Thompson, E. P. *Beyond the Cold War*. London, Merlin Press, 1982;

Cornelius Castoriadis, além dos seus estudos sobre o imaginário, também preocupou-se com a Guerra Fria e com os problemas europeus no início da década de 80. Sua obra *Diante da Guerra* fazia uma grave denúncia contra as políticas armamentistas das duas grandes potências, cujo clima de confronto poderia levar o mundo para uma guerra destruidora. Castoriadis, reconhecendo sua impotência (e também da maior parte da humanidade) perante as possibilidades de se evitar a guerra, pediu lucidez:

“Nós não temos nenhum poder diante do processo que se está ampliando e que só ganha sentido quando referido à guerra, próxima ou distante. Não temos tampouco nenhum poder sobre a atitude de um grande número de pessoas, aqui e lá - do outro lado da cortina de ferro -, que é a única força que poderia paralisar o processo. Tudo o que depende de nós é contribuir para a sobrevivência, através do cataclisma que nos ameaça, dos germes - os mais numerosos e vigorosos possíveis - de espírito crítico, de lucidez, de liberdade, de responsabilidade.”⁴⁵

Tanto o posicionamento de Thompson quanto o de Castoriadis partem do princípio do mundo dividido bipolarmente entre norte-americanos e soviéticos. Os constantes confrontos entre as superpotências deixavam as possibilidades de destruição do mundo muito mais do que simples hipóteses acadêmicas, argumentaram os dois intelectuais.

Apesar dos protestos, Reagan manteve sua política agressiva perante os soviéticos. Talvez o símbolo maior da sua política agressiva tenha sido o anúncio, no começo da década de 80, da criação de um sofisticado plano de defesa que ficaria popularmente conhecido como “*Star Wars*” (“*Guerra nas Estrelas*” que, como o termo “*Império do Mal*”, foi baseado no famoso filme de mesmo nome), que consistia num complexo sistema de satélites munidos de raios *laser*, comandados por computador, que, em caso de uma guerra nuclear, atingiram os mísseis soviéticos antes deles atingirem alvos ocidentais.⁴⁶

Apesar do estardalhaço do anúncio deste plano de defesa, muito pouca coisa foi feita efetivamente para concretizá-lo e o projeto seria adiado. Mas, além de ter sido mais uma das armas de propaganda política dos republicanos para conquistar o eleitorado aproveitando-se das fortes imagens maniqueístas da dinâmica da Guerra Fria que ainda imperava na sociedade norte-americana, o alcance propagandístico desta “arma” fora dos Estados Unidos funcionou plenamente e “atingiu” o seu alvo: Moscou.

Os dirigentes soviéticos apavoraram-se perante as perspectivas do projeto “*Guerra nas Estrelas*” ser levado realmente adiante pelos norte-americanos. A concorrência com os norte-

⁴⁵ - Castoriadis, Cornelius. *Diante da Guerra* - V. 1: *As Realidades*. São Paulo, Brasiliense, 1982, pp. 16 e 17;

⁴⁶ - Dobbs, Michael. op. cit.;

americanos, até então, tinha sido feita de uma maneira muito intensa, mas sempre com desvantagens para os soviéticos, principalmente no campo tecnológico.⁴⁷ A própria corrida espacial, que os soviéticos lideraram nos anos iniciais, foi perdida quando os Estados Unidos alcançaram a Lua. Os arsenais atômicos soviéticos eram menores e com tecnologia muito inferior, comparando-se com a mesma tecnologia norte-americana. O projeto “*Guerra nas Estrelas*” foi a “pá de cal” na concorrência soviética no quesito de armamentos. O todo poderoso império soviético não tinha condições de realizar, tanto em termos tecnológicos ou econômicos, um projeto de tal magnitude.

Não tendo condições de rivalizar como os norte-americanos e com sua economia decaindo desesperadamente a cada ano, toda a estrutura soviética foi repensada, inclusive dentro do poderoso (e conservador) Exército Vermelho. Uma série de mudanças políticas (Glasnost) e econômicas (Perestroyka) seriam realizadas pelo governo de Mikhail Gorbachev, tentando revigorar o velho império.⁴⁸ Gorbachev não tentou destruir o comunismo soviético, mas sim revigorá-lo e modernizá-lo, mas a situação saiu do seu controle. Logo, os países dentro da área de influência soviética seguiriam os mesmos caminhos e, com uma maior liberdade econômica, começaram a surgir movimentos exigindo também liberdade política, inclusive dentro dos estados soviéticos - e, entre estes estados, estava também a Rússia.

Um a um os países do Leste Europeu foram se desvinculando dos regimes comunistas que os governaram desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Em alguns casos, esta desvinculação foi pacífica, como na Bulgária, Tchecoslováquia, Polônia e Alemanha Oriental - cuja capital, Berlim, assistiu a queda do famoso muro que transformou-se no símbolo do fim do comunismo. Em outros países a violência esteve presente, como nos casos da Romênia (onde o ditador Nicolae Ceaucescu e sua esposa Elena seriam presos e fuzilados) e na Iugoslávia que, mesmo não estando completamente atrelado aos soviéticos, assistiu uma série de reivindicações nacionalistas que iriam fragmentar o país. A própria União Soviética seria fragmentada e, com seu fim em 1991, acabou definitivamente a Guerra Fria.⁴⁹

Com a queda do muro de Berlim em 1989 e a desestruturação do império soviético em 1991, desapareceu a política de “esferas” de influência. E também desapareceu o “inimigo” que justificava as políticas intervencionistas dos Estados Unidos - o comunismo não precisava mais ser “contido” pelo simples fato de não existir mais, com algumas (e frágeis) exceções, como a isolada e

⁴⁷ - a própria derrota soviética no Afeganistão foi resultado direto da superioridade tecnológica norte-americana, que ofereceu para os guerrilheiros locais armas leves que poderiam destruir os poderosos helicópteros soviéticos. Extraído de: Os Bastidores da CIA, Documentário, Estados Unidos, Discovery Channel, produzido por Alan Levin e Stephen Sept, 1997;

⁴⁸ - referências à queda da União Soviética extraídas de: Dobbs, Michael. op. cit.; e Mikhail Gorbachev - o Homem que Mudou o Mundo (Mikhail Gorbachev - The Man Who Changed the World). Documentário, Inglaterra, BBC News, produzido por Rosalind Erskine, 1999;

subestimada Cuba (a China, apesar de ser uma ditadura, promoveu uma intensa e lucrativa abertura econômica com o ocidente).⁵⁰

Assim, os Estados Unidos encontrariam uma nova desculpa econômica para manter sua hegemonia: a Globalização, que praticamente obriga todos os países do mundo a seguirem o modelo econômico dos Estados Unidos. Para Noam Chomsky, a Globalização não passa da continuidade da Guerra Fria em outros termos: antes, os Estados Unidos utilizavam-se de intervenções e golpes para impor a sua hegemonia; na “Nova Ordem Mundial”, utilizam-se da lógica do mercado e das bolsas de valores.⁵¹

A política de dominação mundial tentada pelos Estados Unidos desde 1945 continua, na visão de Chomsky, mesmo sem precisar de “inimigos”, embora eles eventualmente apareçam, como aconteceu com os narcotraficantes, com os terroristas árabes e, em 1990 e 1991, com Saddam Hussein e a Guerra do Golfo.⁵² Na verdade, os Estados Unidos começaram a eleger novos inimigos para substituir o comunismo. Chomsky complementa que:

*“Quanto à Nova Ordem Mundial, ela é muito como a velha, com uma nova aparência. (...) As regras básicas da ordem mundial permanecem como sempre foram: o governo da lei para os fracos, o governo da força para os fortes; os princípios de “racionalidade econômica” para os fracos, o poder e a intervenção de Estado para os fortes.”*⁵³

Até que ponto Noam Chomsky está certo? O fim da União Soviética selou o fim da política de “esferas” de influência da maneira fechada como tinha sido elaborada no pós-Segunda Guerra Mundial. Mas ainda é cedo para tirarmos conclusões definitivas. De qualquer forma, Chomsky está certo num ponto: com ou sem “guerras”, a presença norte-americana na vida de todo o planeta é incontestável - e, aparentemente, será uma realidade por muitos anos.

⁴⁹ - extraído de: documentário Guerra Fria op. cit.; e documentário Cold War op. cit.;

⁵⁰ - depois do fim da Guerra Fria, algumas visões bastante exageradas foram construídas a partir da “derrota” comunista, como o polêmico O Livro Negro do Comunismo, que parte do princípio de que os governos comunistas cometeram crimes contra a humanidade. Embora um governo como o de Pol Pot, no Camboja, seja efetivamente criminoso, não podemos exagerar nesta fórmula. Dentro desta lógica, uma série de governos não-comunistas também cometeram uma série de crimes e não estão sendo conclamados como “criminosos”. E por que não dizer de “crimes” que foram cometidos em nome de Jesus Cristo, Maomé, Buda, etc.? Poderíamos condenar também Jesus Cristo ou Maomé por estes “crimes”? Courtois, Stéphane... [et al.]. O Livro Negro do Comunismo - Crimes, Terror e Repressão. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999;

⁵¹ - Chomsky, Noam. Novas e Velhas Ordens Mundiais. São Paulo, Scritta, 1996;

⁵² - Chomsky, Noam. op. cit.;

⁵³ - Chomsky, Noam. Idem, p. 335.

Conclusão Final

A pesquisa mostrou como a imprensa brasileira “usou” as duas guerras para mostrar suas posições políticas e para retratar questões internas do país, como podemos perceber na oposição da grande imprensa ao segundo governo de Getúlio Vargas e ao grupo “nacionalista” durante a cobertura da Guerra da Coréia; e as críticas contra a ditadura militar e a pregação da revolução socialista, no caso da cobertura da Guerra do Vietnã.

A pesquisa também mostrou como o *Imaginário da Guerra Fria* e suas Significações Imaginárias Secundárias atuaram na construção noticiosa das guerras. Na comparação entre as coberturas jornalísticas, podemos perceber que existia um “monopólio” anticomunista durante a Guerra da Coréia, “monopólio” este que foi sendo alterado durante a cobertura da Guerra do Vietnã. As guerras, além de serem em dois momentos distintos, eram diferentes tanto em termos militares quanto políticos – e estas diferenças atingiram o *Imaginário da Guerra Fria*.

Tal mudança também foi devida às novas tecnologias que foram incorporadas à imprensa, deixando-a mais rápida e dinâmica. Neste ponto, a presença da televisão, tanto na cobertura das guerras quanto na produção da imprensa escrita como um todo, fragmentou o “monopólio” do início da Guerra Fria e permitiu visões menos maniqueístas, como foi o caso da Contracultura.

A imprensa escrita, além de mais rápida, também começou a apresentar uma linguagem mais imagética, característica esta que seria reforçada com a presença da informática. Velocidade e imagens: eis as grandes características que a imprensa escrita “ganhou” entre a cobertura da Guerra da Coréia e a Guerra do Vietnã; eis as novas “ambiências” que ela encontrou nos tempos atuais.

Bibliografia

Fontes Primárias

* Jornais:

- *Correio da Manhã*;
- *O Estado de São Paulo*;
- *Folha de São Paulo* (até 1961, *Folha da Manhã*);
- *Folha da Tarde*;
- *Imprensa Popular*;
- *Jornal da Tarde*;
- *Jornal do Brasil*;
- *Notícias Populares*;
- *Novos Rumos*;
- *Tribuna da Imprensa*;
- *Última Hora*;

* Revistas:

- *Chiclete com Banana*;
- *O Cruzeiro*;
- *Estudos Sociais*;
- *Época*;
- *Fatos & Fotos*;
- *Manchete*;
- *Realidade*;
- *Revista Brasiliense*;
- *Revista do Clube Militar*
- *Revista Civilização Brasileira*;
- *Senhor*;
- *Veja*;
- *Visão*;

** Imprensa Alternativa:*

- *Amanhã;*
- *Flor do Mal*
- *Jornalivro;*
- *Movimento;*
- *Opinião;*
- *O Pasquim;*
- *Pif-Paf;*
- *O Poder Jovem;*
- *O Sol;*

Fontes Secundárias

** Obras de Referências Teóricas:*

- Balandier, George. O Poder em Cena. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982;
- Bresciani, Maria Stella; Samara, Eni de Mesquita e Lewkowicz, Ida (Orgs.). Jogos da Política - Imagens, Representações e Práticas. São Paulo, ANPHU/SP, Marco Zero, FAPESP, 1992;
- Castoriadis, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. 3. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982;
- Certeau, Michel de. A Invenção do Cotidiano - 1. - Artes de Fazer. 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 1994;
- Chartier, Roger. A Aventura do Livro - do Leitor ao Navegador. São Paulo, Editora da UNESP, Imprensa Oficial do Estado, 1999;
- Chartier, Roger. A História Cultural - entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro, Difel, 1990;
- Chartier, Roger. A Ordem dos Livros - Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa entre os Séculos XIV e XVIII. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1995;
- Darnton, Robert. O Grande Massacre de Gatos - e Outros Episódios da História Cultural Francesa. 2ª ed., Rio de Janeiro, Graal, 1996;

- Darnton, Robert. O Iluminismo como Negócio - História da Publicação da "Enciclopédia", 1775-1800. São Paulo, Companhia das Letras, 1996;
- Ferreira, Wilson Roberto Vieira. O Caos Semiótico - Comunicação no Final do Milênio: Ensaio da Crítica da Comunicação. 2ª ed., São Paulo, Terra Editorial, 1997;
- Girardet, Raoul. Mitos e Mitologias Políticas. São Paulo, Companhia das Letras, 1987;
- Hunt, Lynh (Org.). A Nova História Cultural. São Paulo, Companhia das Letras, 1992;
- Marx, Karl e Engels, Friedrich. Textos. "Edições Sociais", São Paulo, Alfa-Ômega, 1977;
- Schorske, Carl E. Viena Fin-De-Siècle - Política e Cultura. São Paulo: Companhia das Letras, Campinas: Editora da UNICAMP, 1988;
- Veyne, Paul. Como se Escreve a História. 2. ed., Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1992;
- Vovelle, Michel. Imagens e Imaginário na História - Fantasmas e Certezas nas Mentalidades desde a Idade Média até o Século XX. São Paulo, Ática, 1997;

* *Sobre a Guerra Fria:*

- Agee, Philip. Dentro da "Companhia" - Diário da CIA. São Paulo, Círculo do Livro, 1976;
- Alperovitz, Gar. Diplomacia Atômica - o Uso da Bomba Atômica e o Confronto do Poder Americano com o Soviético. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, Saga, 1969;
- Anderson, Jon Lee. Che Guevara - uma Biografia. Rio de Janeiro, Objetiva, 1997;
- Castoriadis, Cornelius. Diante da Guerra - V. 1: As Realidades. São Paulo, Brasiliense, 1982;
- Chomsky, Noam. Novas e Velhas Ordens Mundiais. São Paulo, Scritta, 1996;
- Churchill, Winston S. Memórias da Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995;
- Courtois, Stéphane... [et al.]. O Livro Negro do Comunismo - Crimes, Terror e Repressão. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999;
- Deutscher, Isaac. Ironias da História - Ensaio sobre o Comunismo Contemporâneo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968;
- Dobbs, Michael. A Queda do Império Soviético. Rio de Janeiro, Campus, 1998;

- Fenelon, Déa R. A Guerra Fria. Coleção “*Tudo é História*”, Nº 64, São Paulo, Brasiliense, 1983;
- Figes, Orlando. A Tragédia de um Povo - a Revolução Russa: 1891-1924. Rio de Janeiro, Record, 1999;
- Fleming, D. F. The Cold War and Its Origins, 1917-1960. V. 1, Nova Iorque, Garden City, 1961;
- Hobsbawm, E. J. Era dos Extremos - o Breve Século XX, 1914-1991. 2ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1995;
- Hobsbawm, E. J. Revolucionários. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985;
- Holloway, David. Stalin e a Bomba. Rio de Janeiro, Record, 1997;
- Horowitz, David (Org.). Revolução e Repressão. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969;
- Kennan, George. American Diplomacy. Nova Iorque, Mentor Book, 1951;
- Kennan, George. Memoirs: 1925-1950. Boston, Little Brown Books, 1967;
- Kissinger, Henry. Diplomacia. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997;
- Kolko, Gabriel. Century of War - Politics, Conflicts, and Society Since 1914. Nova Iorque, The New Press, 1994;
- Kolko, Gabriel. The Limits of Power. Nova Iorque, Harper & Row Publishes, 1970;
- Leiffler, Melvyn P. e Painter, David S. (Orgs.). Origins of the Cold War - an International History. Londres, Nova Iorque, Routledge, 1995;
- Lippmann, Walter. The Cold War - a Study in U. S. Foreign Policy. Nova Iorque, Harper and Bros., 1947;
- Luiz de Barros, Edgard. A Guerra Fria. 3ª ed., São Paulo: Atual; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1985;
- Magnoli, Demétrio. Da Guerra Fria à Détente - Política Internacional Contemporânea. Campinas, Papirus, 1988;
- Rémond, René. História dos Estados Unidos. São Paulo, Martins Fontes, 1989;
- Ripley, C. Peter. Nixon. Coleção “*Os Grandes Líderes*”, São Paulo, Nova Cultural, 1989;
- Sandberg, Peter Lars. Eisenhower. Coleção “*Os Grandes Líderes*”, São Paulo, Nova Cultural, 1987;
- Thompson, E. P. Beyond the Cold War. London, Merlin Press, 1982;

- Thompson, E. P... [et al.]. Exterminismo e Guerra Fria. São Paulo, Brasiliense, 1985;
- Trasibulo, Maria Cristina; Henrique, Don Alfonso e Augustus, Cesar. En Los Subterráneos de La Guerra Psicológica - CIA/KGB: El Nuevo Tratado de Tordesillas. Lisboa, Editora Latina, s/D;
- Wesson, Robert G. A Nova Política Externa dos Estados Unidos. Rio de Janeiro, Zahar, 1978;
- Woodward, Bob e Bernstein, Carl. Todos os Homens do Presidente. 3ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977;
- Woodward, Bob e Bernstein, Carl. Os Últimos Dias. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976;
- Young, John W. The Longman Companion to Cold War and Detente, 1941-91. Londres, Nova Iorque, Longman, 1993;

** Sobre a Contracultura:*

- Calado, Carlos. A Divina Comédia dos Mutantes. 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora 34, 1995;
- Coben, Stanley e Ratner, Norman (Org.). O Desenvolvimento da Cultura Norte-Americana. Rio de Janeiro, Anima, 1985;
- Cohn-Bendit, Daniel. O Grande Bazar - as Revoltas de 1968. São Paulo, Brasiliense, 1988;
- Cohn-Bendit, Dany. Nós que Amávamos Tanto a Revolução - 20 Anos Depois. São Paulo, Brasiliense, 1987;
- Corrêa, Tupã Gomes. Rock - nos Passos da Moda: Mídia, Consumo X Mercado Cultural. Campinas, Papirus, 1987;
- Echols, Alice. Janis Joplin - Uma Vida. Uma Época. São Paulo, Global, 2000;
- Friedman, Myra. Enterrada Viva - a Biografia de Janis Joplin. 5ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984;
- Frith, Simon. Sound Effects - Youth, Leisure and Politics of Rock'n'Roll. Nova Iorque, Pantheon, 1981;
- Galvão, Luiz. Anos 70 - Novos e Baianos. São Paulo, Editora 34, 1997;
- Hearst, Patricia Campbell. O Sequestro de Patty. Rio de Janeiro, Record, 1990;

- Jacoby, Russell. Os Últimos Intelectuais - a Cultura Americana na Era da Academia. São Paulo, Trajetória Cultural, Editora da Universidade de São Paulo, 1990;
- Leary, Timothy. Flashbacks "Sufando no Caos" - uma Autobiografia. São Paulo, Beca Produções Culturais, 1999;
- Mailer, Norman. Os Exércitos da Noite (Os Degraus do Pentágono). Rio de Janeiro, Record, 1985;
- Marcuse, Herbert. Eros e Civilização. Rio de Janeiro, Saga, 1968;
- McNeil, Legs e McCain, Gillian. Mate-me Por Favor - uma História sem Censura do Punk. Porto Alegre, L&PM, 1997;
- Miles, Barry. Paul McCartney - Many Years From Now. São Paulo, DBA, 2000;
- Motta, Nelson. Noites Tropicais - Solos, Improvisos e Memórias Musicais. Rio de Janeiro, Objetiva, 2000;
- Muggiati, Roberto. Blues - da Lama à Fama. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora 34, 1995;
- Parini, Jay. John Steinbeck - uma Biografia. Rio de Janeiro, Record, 1998;
- Pereira, Carlos Alberto M. O que é Contracultura. Coleção "Primeiros Passos", Nº 100, 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1984;
- Roszak, Theodore. A Contracultura. 2. ed., Petrópolis, Vozes, 1972;
- Thompson, Hunter. Las Vegas na Cabeça. Rio de Janeiro, Anima, 1984;
- Wells, Tom. The War Within - America's Battle Over Vietnam. Los Angeles, University of California Press, 1994;
- Wolfe, Tom. O Teste do Ácido do Refresco Elétrico. Rio de Janeiro, Rocco, 1993;

* *Sobre a Ásia:*

- Crozier, Brian. Sudeste Asiático em Conflito. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1967;
- Cumings, Bruce. Korea's Place the Sun - a Modern History. Nova Iorque, Londres, W.W. Norton & Company, 1997;
- Ferro, Marc. História das Colonizações - das Conquistas às Independências, Séculos XIII a XX. São Paulo, Companhia das Letras, 1996;
- Panikkar, K. M. A Dominação Ocidental na Ásia - do Século XV aos Nossos Dias. 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Saga, 1969;

- Panikkar, K. M. A Dominação Ocidental na Ásia - do Século XV aos Nossos Dias. 3ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977;
- Said, Edward W. Cultura e Imperialismo. São Paulo, Companhia das Letras, 1995;
- Said, Edward W. Orientalismo - o Oriente como Invenção do Ocidente. São Paulo, Companhia das Letras, 1990;

** Sobre a Guerra da Coréia:*

- Coleção Guerra na Paz. 5 Volumes, 2 Especiais, Rio de Janeiro, Editora Globo, 1984;
- Cumings, Bruce. Korea's Place the Sun - a Modern History. Nova Iorque, Londres, W.W. Norton & Company, 1997;
- Dzelepy, E. N. e Stone, I. F. A Verdade Sobre a Guerra da Coréia. Rio de Janeiro, Editorial Andes, s/D;
- Lescot, Patrick. O Império Vermelho - a História de Quatro Militantes Comunistas Unidos pela Paixão e pelo Terror em Moscou e Pequim (1919-1989). Rio de Janeiro, Objetiva, 2000;
- Stone, I. F. The Hidden History of the Korean War. Nova Iorque, Monthly Review Press, 1952;

** Sobre a Guerra do Vietnã:*

- Alvarez, Marta Elena (Org.). Ho Chi Minh. Coleção "Grandes Cientistas Sociais", São Paulo, Ática, 1984;
- Arnett, Peter. Ao Vivo no Campo de Batalha - do Vietnã a Bagdá, 35 Anos em Zonas de Combate de Todo o Mundo. Rio de Janeiro, Rocco, 1994;
- Barreiros, Luís. Saigon Meu Amor. São Paulo, Edrel, 1973;
- Bogo, Padre, Generoso. Imagens e Paisagens do Vietnã. Porto Alegre, Dom Bosco, 1969;
- Callado, Antônio. Vietnã do Norte - Advertência aos Agressores. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969;
- Chomsky, Noam. At War with Asia. Grã-Bretanha, Fontana, 1971;
- Chomsky, Noam e Herman, Edward S. Banhos de Sangue. São Paulo. Difel, 1976;

- *Coleção Guerra na Paz. 5 Volumes, 2 Especiais*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 1984;
- Gigon, Fernand. USA X Vietcong – as Duas Faces do Conflito. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967;
- Guevara, Ernesto Che. Vietnam e a Luta Mundial Por Liberdade, sem referências (mimeo);
- Greene, Graham. O Americano Tranqüilo. São Paulo, Abril Cultural, 1981;
- Hamilton Ribeiro, José. O Gôsto da Guerra. São Paulo, Brasiliense, 1969;
- Hamilton Ribeiro, José. O Gosto da Guerra – Jornalivo: o Povo Lendo. São Paulo, Jornalivo, 1972;
- Hanh, Thich Nhat. Vietnã – Flor de Lótus em Mar de Fogo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968;
- Hudson, Christopher. Os Gritos do Silêncio. Coleção “*Campeões de Venda*”, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1987;
- Knightley, Phillip. A Primeira Vítima. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978;
- Lartéguy, Jean. Um Milhão de Dólares por Vietcong. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966;
- Lloyd, Dava Ohlmeyer. Ho Chi Minh. Coleção “*Os Grandes Líderes*”, São Paulo, Nova Cultural, 1987;
- Mandel, Ernest... [et al.]. China x Vietnã – Revolução Chinesa e Indochinesa. São Paulo, Versus, 1979;
- Netto, Osmar. Vietnã – a Saga de um Brasileiro. São Paulo, ° Netto, 1995;
- Roubicek, Rafael. Ho Chi Minh – um Poeta no Apocalipse. Coleção “*Encanto Radical*”, Nº 51, São Paulo, Brasiliense, 1984;
- Russell, Bertrand. Crimes de Guerra no Vietnã. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967;
- Russell, Bertrand; Sartre, Jean-Paul e Dedijer, Vladimir. Os Estados Unidos no Banco dos Réus. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970;
- Salisbury, Harrison. Um Americano em Hanói. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1967;
- Schlesinger Jr., Arthur M. Mil Dias – John Fitzgerald Kennedy na Casa Branca. 2 Volumes, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966;
- Schlesinger Jr., Arthur M. Vietnã - Herança Trágica. São Paulo, Ibrasa, 1967;
- Sivaram, M. Guerra no Vietnam - Por quê?. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1966;

- Tuchman, Barbara W. A Marcha da Insensatez – de Tróia ao Vietnã. 2ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1986;

- Vizezer, Moema. “Se Me Deixam Falar...” – Domitila – Depoimentos de uma Mineira Boliviana. 14ª ed., São Paulo, Global, 1987;

** Sobre a História do Brasil:*

- Baptista Júnior, Roberto. Comunismo Internacional, Repressão e Intervencionismo nos Governos Dutra e Vargas (1945-1954). Brasília, Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Março/2001 (digitada);

- Beiguelman, Paula. O Pingo de Azeite - a Instalação da Ditadura. Coleção “*Khronos*”, Nº 19, 2ª ed., São Paulo, Perspectiva, 1994;

- Betto, Frei. Batismo de Sangue - os Dominicanos e a Morte de Carlos Marighella. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1985;

- Cechin, Padre. Crescei e Vivei. s/L, s/D (mimeo);

- Coleção “*Nosso Século*”. 10 Volumes, São Paulo, Abril Cultural, 1985;

- D’Araujo, Maria Celina e Castro, Celso (Org.). Ernesto Geisel. 5ª ed., Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997;

- Dreyfuss, René. 1964 - a Conquista do Estado. Petrópolis, Vozes, 1981;

- Dulles, John W. F. Carlos Lacerda - a Vida de um Lutador. 2 Volumes, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000;

- Eliezer, R. de Oliveira. As Forças Armadas - Política e Ideologia no Brasil (1964-1969). Petrópolis, Vozes, 1976;

- Gabeira, Fernando. O Que é Isso, Companheiro? 19ª ed., Rio de Janeiro, Codecri, 1980;

- Gorender, Jacob. Combate nas Trevas - a Esquerda Brasileira: das Ilusões Perdidas à Luta Armada. 3ª ed., São Paulo, Ática, 1987;

- Hollanda, Heloísa Buarque de. Cultura e Participação nos Anos 60. Coleção “*Tudo é História*”, Nº 41, 4ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1984;

- Ianni, Octavio. O Colapso do Populismo no Brasil. 4ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978;

- José, Emiliano e Miranda, Oldack. Lamarca - o Capitão da Guerrilha. 8ª ed., São Paulo, Global, 1984;

- Markun, Paulo (Org.). Vlado - Retrato da Morte de um Homem e de uma Época. São Paulo, Círculo do Livro, s/D;
- Martins Filho, João Roberto. Movimento Estudantil e Ditadura Militar – 1964/1968. Campinas, Papirus, 1987;
- Miyamoto, Shiguenolli e Silva Gonçalves, Williams da. A Política Externa Brasileira e o Regime Militar: 1964-1984. Coleção “*Primeira Versão*”, Nº 38, Campinas, IFCH/UNICAMP, 1991;
- Novaes e Cruz, Adelina Alves. ... [et al.]. (Orgs.). Impasse na Democracia Brasileira: 1951/1955 - Coletânea de Documentos. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1983;
- Poerner, Arthur José. O Poder Jovem - História da Participação Política dos Estudantes Brasileiros. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968;
- Portela, Fernando. Guerra de Guerrilhas no Brasil. 8ª ed., São Paulo, Global, 1986;
- Rouquié, Alain (Coord.). Os Partidos Militares no Brasil. Rio de Janeiro, Record, s/D;
- s/A. Diário da Guerrilha do Araguaia. 3ª ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1985;
- Segatto, José Antônio. Breve História do PCB. 2ª ed., Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1989;
- Sirkis, Alfredo. Os Carbonários - Memórias da Guerrilha Perdida. 10ª ed., São Paulo, Global, 1988;
- Sirkis, Alfredo. Roleta Chilena. São Paulo, Círculo do Livro, 1981;
- Skidmore, Thomas. Brasil - de Castelo a Tancredo (1964-1985). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988;
- Skidmore, Thomas. Brasil - de Getúlio a Castelo (1930-1964). 4ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975;
- Sodré, Nelson Werneck. História Militar do Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965;
- Souza, Percival de. Autópsia do Medo - Vida e Morte do Delegado Sérgio Paranhos Fleury. São Paulo, Globo, 2000;
- Tavares, Flávio. Memórias do Esquecimento. São Paulo, Globo, 1999;
- Velloso, Mônica Pimenta. Mário Lago - Boemia e Política. 3ª ed., Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998;
- Ventura, Zuenir. 1968 - o Ano que Não Terminou: a Aventura de uma Geração. 11ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988;

- Viana Filho, Luís. O Governo Castelo Branco. 2ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1975;

** Sobre a Imprensa e Mídia:*

- Abramo, Cláudio. A Regra do Jogo – o Jornalismo e a Ética do Marceneiro. São Paulo, Companhia das Letras, 1988;

- Alves de Abreu, Alzira (Org.). A Imprensa em Transição. Rio de Janeiro, Getúlio Vargas, 1996;

- Andrade, Jeferson de. Um Jornal Assassinado - a Última Batalha do Correio da Manhã. Rio de Janeiro, José Olympio, 1991;

- Arantes, Paulo Eduardo (Consultoria). Textos Escolhidos – Benjamin/Adorno/Horkheimer/Habermas. Coleção “*Os Pensadores*”, São Paulo, Abril Cultural, 1980;

- Augusto, Sérgio. Este Mundo é um Pandeiro - a Chanchada de Getúlio a JK. São Paulo, Companhia das Letras/Cinemateca Brasileira, 1989;

- Bagdikian, Ben H. O Monopólio da Mídia. São Paulo, Scritta, 1990;

- Bahia, Juarez. Jornal, História e Técnica. 3ª ed., São Paulo, IBRASA, 1972;

- Bahia, Juarez. Jornal, História e Técnica - as Técnicas do Jornalismo. 4ª ed., São Paulo, Ática, 1990;

- Bahia, Juarez. Jornal, História e Técnica - História da Imprensa Brasileira. 4ª ed., São Paulo, Ática, 1990;

- Barbero, Jesus Martín. Comunicacion Masiva - Discurso Y Poder. Quito, CIESPAL, 1978;

- Beltrão, Luiz. Jornalismo Interpretativo. 2ª ed., Porto Alegre, Sulina, 1980;

- Bivar, Antônio. O Que é Punk. Coleção “*Primeiros Passos*”, Nº 76, 3ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1984;

- Braga, José Luiz. O Pasquim e os Anos 70 - Mais Pra Epa Que Pra Oba... Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1991;

- Caparelli, Sérgio. Comunicação de Massas Sem Massas. 3. ed., São Paulo, Summus, 1986;

- Caparelli, Sérgio. Televisão e Capitalismo no Brasil. Porto Alegre, L&PM, 1982;

- Capelato, Maria Helena R. Imprensa e História do Brasil. São Paulo, Contexto/Editora da Universidade de São Paulo, 1988;

- Capelato, Maria Helena R. Os Arautos do Liberalismo - Imprensa Paulista, 1920-1945. São Paulo, Brasiliense, 1988;
- Capelato, Maria Helena R.; e Prado, Maria Lígia. O Bravo Matutino - Imprensa e Ideologia no Jornal "O Estado de São Paulo". São Paulo, Alfa-Omega, 1980;
- Capelato, Maria Helena R. Os Intérpretes das Luzes - Liberalismo e Imprensa Paulista: 1920-1945. São Paulo, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1986 (mimeo);
- Carta, Mino. O Castelo de Âmbur. Rio de Janeiro, Record, 2000;
- Chagas, Carmo; Mayrink, José Maria e Pinheiro, Luiz Adolfo. 3 X 30 - os Bastidores da Imprensa Brasileira. São Paulo, Editora Best Seller, Círculo do Livro, 1992,
- Clark, Walter e Priolli, Gabriel. O Campeão de Audiência - uma Autobiografia. São Paulo, Best Seller, 1991;
- Cohn, Gabriel (Org.). Comunicação e Indústria Cultural - Leituras de Análise dos Meios de Comunicação na Sociedade Contemporânea e das Manifestações da Opinião Pública, Propaganda e Cultura de Massa nessa Sociedade. 2. ed., São Paulo, Editora Nacional, 1975;
- Conti, Mário Sérgio. Notícias do Planalto - a Imprensa e Fernando Collor. São Paulo, Companhia das Letras, 1999;
- Cronkite, Walter. Repórter. São Paulo, DBA, 1998;
- Dines, Alberto. O Papel do Jornal. 2. ed., Rio de Janeiro, Artenova, 1977;
- Eco, Umberto. Apocalípticos e Integrados. São Paulo, Perspectiva, 1979;
- Eco, Umberto. Viagem na Irrealidade Cotidiana. 2. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984;
- Eisenstein, Elizabeth L. A Revolução da Cultura Impressa - os Primórdios da Europa Moderna. São Paulo, Ática, 1998;
- Elísio dos Santos, Roberto. Introdução à Teoria da Comunicação. São Bernardo do Campo, Editora do IMS, 1992;
- Félix, Moacyr (Org.). Ênio Silveira - Arquiteto de Liberdades. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998;
- Fernandes, Millôr. Millôr no Pasquim - o Inventor da Liberdade de Imprensa. São Paulo, Círculo do Livro, 1977;
- Figueiredo, Anna Cristina Camargo Moraes. "Liberdade é uma Calça Velha Azul e Desbotada" - Publicidade, Cultura de Consumo e Comportamento Político no Brasil, 1954-1964. São Paulo, Hucitec, 1998;
- Francis, Paulo. Trinta Anos esta Noite - 1964, o que Vi e Vivi. São Paulo, Companhia das Letras, 1994;

- Goldenstein, Gisela Taschner. Do Jornalismo Político à Indústria Cultural. São Paulo, Summus, 1987;
- Henrique da Costa, Alcir; Simões, Inimá Ferreira e Kehl, Maria Rita. Um País no Ar - História da TV Brasileira em 3 Canais. São Paulo, Brasiliense/FUNARTE, 1986;
- Jacoby, Russell. Os Últimos Intelectuais - a Cultura Americana na Era da Academia. São Paulo, Trajetória Cultural, Editora da Universidade de São Paulo, 1990;
- King, Stephen. Dança Macabra. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1989;
- Kucinski, Bernardo. Jornalistas e Revolucionários - nos Tempos da Imprensa Alternativa. São Paulo, Scritta, 1991;
- Lacerda, Carlos. A Missão da Imprensa. Rio de Janeiro, Agir, 1950;
- Lacerda, Carlos. Depoimento. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978;
- Lage, Nilson. Ideologia e Técnica da Notícia. Petrópolis, Vozes, 1979;
- Lenharo, Alcir. Cantores do Rádio - a Trajetória de Nora Ney e João Goulart e o Meio Artístico de seu Tempo. Campinas, Editora da UNICAMP, 1995;
- Lima, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas - o Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993;
- Lima, Fernando Barbosa; Priolli, Gabriel e Machado, Arlindo. Televisão & Vídeo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985;
- Lins da Silva, Carlos Eduardo. O Adiantado da Hora - a Influência Americana Sobre o Jornalismo Brasileiro. São Paulo, Summus, 1991;
- Livolsi, M. e Panozzo, G. Informazione. Consenso e Dissenso. Milão, Saggiatore, 1979;
- Lustosa, Isabel. Insultos Impressos - a Guerra dos Jornalistas na Independência, 1821-1823. São Paulo, Companhia das Letras, 2000;
- Machado, Arlindo. A Arte do Vídeo. São Paulo, Brasiliense, 1988;
- Machado, J. A. Pinheiro. Opinião X Censura - Momentos da Luta de um Jornal pela Liberdade. Porto Alegre, L&PM, 1978;
- Mamou, Yves. "A Culpa é da Imprensa! - Ensaio Sobre a Fabricação da Informação. São Paulo, Marco Zero, 1992;
- Marcondes Filho, Ciro. O Capital da Notícia - Jornalismo como Produção Social de Segunda Natureza. 2. ed., São Paulo, Ática, 1989;
- Marcondes Filho, Ciro (Org.). Política e Imaginário nos Meios de Comunicação para Massas no Brasil. São Paulo, Summus, 1985;

- Marcondes Filho, Ciro. Quem Manipula Quem? - Poder e Massas na Indústria da Cultura e da Comunicação no Brasil. 2. ed., Petrópolis, Vozes, 1987;
- Marcondes, Paolo. A Censura Política na Imprensa Brasileira (1968-1978). São Paulo, Global, 1980;
- McLuhan, Marshall. A Galáxia de Gutenberg - a Formação do Homem Tipográfico. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971;
- McLuhan, Marshall. Guerra e Paz na Aldeia Global. Rio de Janeiro, Record, 1971;
- McLuhan, Marshall. Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem (Understanding Media). São Paulo, Cultrix, 1969;
- Medina, Cremilda. Notícia - um Produto à Venda: Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial. 2. ed., São Paulo, Summus, 1988;
- Mello, Geraldo Anhaia. Muito Além do Cidadão Kane. São Paulo, Scritta, 1994;
- Moraes, Dênis de. O Rebelde do Traço - a Vida de Henfil. Rio de Janeiro, José Olympio, 1996;
- Moraes, Fernando. Chatô - o Rei do Brasil. 2ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1994,
- Morel, Edmar. Histórias de um Repórter. Rio de Janeiro, Record, 1999;
- Mota, Carlos Guilherme e Capelato, Maria Helena R. História da Folha de S. Paulo (1921-1981). São Paulo, Impres, 1980;
- Motta, Nelson. Noites Tropicais - Solos, Improvisos e Memórias Musicais. Rio de Janeiro, Objetiva, 2000;
- Neiva Jr., Eduardo. Comunicação - Teoria e Prática Social. São Paulo, Brasiliense, 1991;
- Novaes, Adauto (Org.). Rede Imaginária - Televisão e Democracia. São Paulo, Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1991;
- Oliveira Sobrinho, José Bonifácio (Boni). (Projeto e Supervisão). 50 Anos de TV no Brasil. São Paulo, Editora Globo, 2000;
- Paillet, Marc. Jornalismo - o Quarto Poder. São Paulo, Brasiliense, 1986;
- Rego, Norma Pereira. Pasquim - Gargalhantes Pelejas. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, Prefeitura, 1996;
- Rossi, Clóvis. O Que é Jornalismo. Coleção "Primeiros Passos", Nº 15, 6. ed., São Paulo, Brasiliense, 1986;
- s/A. 15 Anos de História. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984;

- Sá, Antônio Álvaro Barbosa. Jornal Nacional - Política e Ideologia. Campinas, Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1992 (mimeo);
- Silva, Arlindo. A Fantástica História de Sílvio Santos. 2ª ed., São Paulo, Editora do Brasil, 2000;
- Sodré, Nelson Werneck. A História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966;
- Slater, Phil. Origem e Significado da Escola de Frankfurt. Rio de Janeiro, Zahar, 1978;
- Tota, Antônio Pedro. O Imperialismo Sedutor - a Americanização do Brasil na Época da Segunda Guerra. São Paulo, Companhia das Letras, 2000;
- Tofler, Alvin. A Terceira Onda. Rio de Janeiro, Record, 1981;
- Virilio, Paul. Guerra e Cinema. São Paulo, Scritta, 1993;
- Wainer, Samuel. Minha Razão de Viver - Memórias de um Repórter. 4. ed., Rio de Janeiro, Record, 1988;
- Whittemore, Hank. CNN - a História Real. São Paulo, Best Seller, 1990;
- Xavier, Ricardo (Rixa) e Sacchi, Rogério. Almanaque da TV - 50 Anos de Memória e Informação. Rio de Janeiro, Objetiva, 2000;
- Yapp, Nick. The Hulton Getty Picture Collection 1970's. Londres, Könemann, 1998, p. 240;

* *Artigos, Entrevistas e Outros:*

- Abreu de Ramos, Plínio. "A Imprensa Nacionalista no Brasil." In Alves de Abreu, Alzira (Org.). A Imprensa em Transição. Rio de Janeiro, Getúlio Vargas, 1996;
- Augusto, Sérgio. "O Melhor da Festa é o que Ela tem de Pior." In *O Estado de S. Paulo*. Caderno 2, São Paulo, 25/03/2001, p. 5;
- Baczko, Bronislaw. "Imaginário Social." In Enciclopédia Einaudi, Nº 5, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985;
- Benjamin, Walter. "O Narrador." In Arantes, Paulo Eduardo (Consultoria). Textos Escolhidos: Benjamin-Adorno-Horkheimer-Habermas. Coleção "Os Pensadores", São Paulo, Abril Cultural, 1980;
- Campos, Rogério de. "Capitão 7 e os Heróis do Brasil." In revista *General*. Nº 8, São Paulo, Sampa Acme, 1995, s/nº;

- Chartier, Roger. “*O Mundo como Representação.*” In revista *Estudos Avançados*. Nº 11, São Paulo, Universidade de São Paulo, Maio/1991;
- Chartier, Roger. “*Textos, Impressão, Leituras.*” In Hunt, Lynh (Org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992;
- Cleack, Peter. “*O Movimento dos Anos 60 e o seu Legado Cultural e Política.*” In Coben, Stanley e Ratner, Norman (Org.). *O Desenvolvimento da Cultura Norte-Americana*. Rio de Janeiro, Anima, 1985;
- Cumings, Bruce. “*Japan and the Asian Periphery.*” In Leffler, Melvyn P. e Painter, David S. (Orgs.). *Origins of the Cold War - an International History*. London/New York, Routledge, 1995;
- Decca, Edgar Salvadori de. “*Rebeldia e Revolução na História Social.*” In Bresciani, Maria Stella; Samara, Eni de Mesquita e Lewkowicz, Ida (Orgs.). *Jogos da Política - Imagens, Representações e Práticas*. São Paulo, ANPHU/São Paulo, Marco Zero, FAPESP, 1992;
- Deutscher, Isaac. “*Mitos da Guerra Fria.*” In Horowitz, David (Org.). *Revolução e Repressão*. Rio de Janeiro, Zahar, 1969;
- Dines, Alberto. Entrevista para o Autor. Entrevista para o Autor, realizada no dia 20 de setembro de 1995, Campinas, SP;
- Dzelepy, E. N. “*Nota Final - A Lição da Coréia.*” In Dzelepy, E. N. e Stone, I. F. *A Verdade Sobre a Guerra da Coréia*. Rio de Janeiro, Editorial Andes, s/D;
- Dzelepy, E. N. “*Porque se Luta em Coréia - Mac Arthur e a Questão da Coréia/O Pearl Harbour de Mac Arthur.*” In Dzelepy, E. N. e Stone, I. F. *A Verdade Sobre a Guerra da Coréia*. Rio de Janeiro, Editorial Andes, s/D;
- Eco, Umberto. “*Obbiettività Dell’Informazione: il Dibattito Teorico e le Transformazione Della Società Italiana.*” In Livolsi, M. e Panozzo, G. (Orgs.). *Informazione - Consenso e Dissenso*. Milão, Saggiatore, 1979;
- Ferreira, Marieta de Moraes. “*A Reforma do Jornal do Brasil.*” In *A Imprensa em Transição*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996;
- Guariglia, Ana Maria. “*Griffiths Lembra Tragédia do Vietnã.*” In *Folha de São Paulo* (caderno “*Ilustrada*”). São Paulo, 16/04/1994;
- Gil, Fernando. “*Representazione.*” In *Enciclopedia Einaudi*, V. 11, Torino, Giulio Einaudi Editore, 1981;
- Henrique da Costa, Alcir. “*Rio e Excelsior: Projetos Fracassados?*” In Henrique da Costa, Alcir; Simões, Inimá Ferreira e Kehl, Maria Rita. *Um País no Ar - História da TV Brasileira em 3 Canais*. São Paulo, Brasiliense/FUNARTE, 1986;

- <http://www.fordham.edu/halsall/mod/churchill-iron.html>;
- <http://www.fordham.edu/halsall/mod/1947TRUMAN.html>;
- <http://www.seas.gwu.edu/nsarchive/coldwar/documents/episode-1/kenna.htm>;
- Hobsbawn, Eric J. “*Maio de 1968.*” In Revolucionários. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985;
- Hobsbawn, Eric J. “*Revolução e Sexo.*” In Revolucionários. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985;
- Kehl, Maria Rita. “*Imaginar e Pensar.*” In Novaes, Adauto (Org.). Rede Imaginária - Televisão e Democracia. São Paulo, Companhia das Letras, 1991;
- Kissinger, Henry. Registro secreto liberado pelo National Archives, Washington, Estados Unidos, 2001;
- Leffler, Melvyn. “*National Security and US Foreign Policy.*” In Leffler, Melvyn P. e Painter, David S. (Orgs.). Origins of the Cold War - an International History. London/New York, Routledge, 1995;
- Lima, Fernando Barbosa. “*Nossas Câmeras são seus Olhos.*” In Lima, Fernando Barbosa; Priolli, Gabriel e Machado, Arlindo. Televisão e Vídeo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985;
- Lisboa, Pedro. “*Nota Preliminar - O País das Manhãs Tranqüilas.*” In Dzelepy, E. N. e Stone, I. F. A Verdade Sobre a Guerra da Coréia. Rio de Janeiro, Editorial Andes, s/D;
- Marcondes Filho, Ciro. “*Fantástico, Gil Gomes, Quase 84: a Ideologia da Felicidade, da Transferência e do Mito na Comunicação Massificada Brasileira.*” In Marcondes Filho, Ciro (Org.). Política e Imaginário nos Meios de Comunicação para Massa no Brasil. São Paulo, Summus, 1985;
- Massari, Fábio. “*High Times.*” In revista *General*. Nº 10, São Paulo, Sampa/Acme, 1995;
- Markun, Paulo. “*Playboy Entrevista Boni.*” In revista *Playboy*. Nº 186, São Paulo, Abril Cultural, janeiro/1991;
- Mercador, Tonico. “*O Duende do Brasil - Entrevista com Reynaldo Jardim.*” In revista *Palavra*. Ano 1, Nº 5, Belo Horizonte, Editora Palavra, Agosto/1999;
- Morrock, Richard. “*Revolução e Intervenção no Vietname.*” In Horowitz, David (Org.). Revolução e Repressão. Rio de Janeiro, Zahar, 1969;
- Peixoto, Antônio Carlos. “*O Clube Militar e os Confrontos no Seio das Forças Armadas.*” In Rouquié, Alain (Coord.). Os Partidos Militares no Brasil. Rio de Janeiro, Record, s/D;
- Prado, Décio de Almeida. “*Em Torno de Júlio de Mesquita Filho.*” In *O Estado de S. Paulo* (“*Caderno 2*”). São Paulo, 27/02/2000;

- Priolli, Gabriel. *"A Tela Pequena no Brasil Grande."* In Lima, Fernando Barbosa, Priolli, Gabriel e Machado, Arlindo. Televisão & Vídeo. Rio de Janeiro, Zahar, 1985;
- s/A. *"Cidadão Globo - Entrevista com John Ellis."* In revista *General*. Nº 8, São Paulo, Acne, 1995;
- s/A. *"O Homem Certo - Entrevista com Sandro Vaia."* In revista *Jornal dos Jornais*. Nº 20, São Paulo, Editora Jornal dos Jornais, novembro/2000;
- s/A. *"Impasse e Extermínio - As Batalhas que Decidiram o Destino da Coréia."* in Coleção *"Guerra na Paz"*. V. 1, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984;
- s/A. *"Capítulo X - A Intelligentsia e a Cultura de Massa."* in Coleção *"Nosso Século"*, V. 8, São Paulo, Abril Cultural, 1985;
- s/A. *"Panfleto da Cruzada Democrática."* In Novaes e Cruz, Adelina Alves... [et al.]. (Orgs.). Impasse na Democracia Brasileira: 1951/1955 – Coletânea de Documentos. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1983;
- s/A. *"Política Versus Armas - Truman Derruba o Invencível MacArthur."* In Coleção *"Guerra na Paz"*, V. 1, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984;
- s/A. *"A Guerra Invencível."* In Coleção *"Guerra na Paz"*, V. 3, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984;
- s/A. *"O Triste Adeus à Inocência."* In Coleção *"Guerra na Paz"*, V. 4, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984;
- s/A. *"Vitória Impossível - MacArthur Desembarca em Inchon."* In Coleção *"Guerra na Paz"*, V. 1, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984;
- Schwarz, Roberto. *"Um Seminário de Marx."* In *Folha de S. Paulo* (Caderno *"Mais!"*). São Paulo, 08/10/95;
- Sherwin, Martin J. *"The Atomic Bomb."* In Leffler, Melvyn P. e Painter, David S. (Orgs.). Origins of the Cold War - an International History. London/New York, Routledge, 1995;
- Silveira, Ênio. Palestra proferida no Auditório do IFCH, UNICAMP, Campinas, SP, 1994;
- Soneto, Ricardo e Diogo, Edson. *"30 Anos da Marvel no Brasil."* In revista *Wizard Brasil*. Nº 13, Rio de Janeiro, Editora Globo, 1997;
- Thompson, Edward. *"Notas sobre o Exterminismo, o Estágio Final da Civilização."* In Thompson, Edward... [et al.]. Exterminismo e Guerra Fria. São Paulo, Brasiliense, 1985;
- Tronca, Ítalo. Entrevista para o Autor, realizada em 18 de Outubro de 1995, Campinas, SP;

- v/A. “*Bundas Entrevista: Mino Carta.*” In revista *Bundas*. Nº 77, Rio de Janeiro, Editora Pererê, 05/12/2000;
- Vargas, Getúlio. “*Instruções para a Missão de Góis Monteiro nos EUA, de Julho de 1951.*” In Novaes e Cruz, Adelina Alves... [et al.]. (Orgs.). Impasse na Democracia Brasileira: 1951/1955 – Coletânea de Documentos. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1983;
- Ventura, Zuenir. Palestra proferida no Instituto de Economia da UNICAMP em Campinas, SP, agosto de 1993;
- Vidal, Gore. “*As Diversões Imperiais.*” In *Folha de S. Paulo* (Caderno “Mais!”). São Paulo, 07/12/97;
- Weaver, Warren. “*A Teoria Matemática da Comunicação.*” In Cohn, Gabriel (Org.). Comunicação e Indústria Cultural - Leituras de análise dos Meios de Comunicação na Sociedade Contemporânea e das Manifestações da Opinião Pública, Propaganda e Cultura de Massa nessa Sociedade. 2. ed., São Paulo, Editora Nacional, 1975;
- www.combatcasey.com;

* *Filmes e Documentários:*

- Acorrentado ao Passado (Limbo). Filme, Estados Unidos, dirigido por Mark Robson, 1972;
- O Apocalipse de um Cineasta - Heart of Darkness. Documentário, Estados Unidos, escrito e dirigido por Fax Bahr e George Hickenlooper, 1991;
- Apocalypse Now! Filme, Estados Unidos, dirigido por Francis Ford Coppola, 1979;
- Amargo Regresso (Coming Home), Filme, Estados Unidos, dirigido por Hal Ashby, 1978;
- Attica: Solução Final (Against the Wall). Filme, Estados Unidos, dirigido por John Frankenheimer, 1993;
- Os Bastidores da CIA. Documentário, Estados Unidos, Discovery Channel, produzido por Alan Levin e Stephen Stept, 1997;
- Os Boinas Verdes (The Green Barrets). Filme, Estados Unidos, dirigido por John Wayne, 1968;
- CBS Classics. Documentário, Estados Unidos, produtora executiva Patti Hassler, dirigido por Eric Shapiro, exibido originariamente em 02/06/88 e retransmitido como *CBS Classic* em 1998;

- Cold War. Documentário, Estados Unidos, Cable News Network (CNN), produtores executivos Pat Mitchell e Jeremy Isaacs, 1998;
- Corações e Mentes (Hearts and Minds). Documentário, Estados Unidos, dirigido por Peter Davis, 1974;
- Um Dia de Cão (Dog Day Afternoon). Filme, Estados Unidos, dirigido por Sidney Lumet, 1975;
- O Dia Seguinte (The Day After). Filme, Estados Unidos, dirigido por Nicholas Meyer, 1983;
- O Franco-Atirador (The Deer Hunter). Filme, Estados Unidos, dirigido por Michael Cimino, 1978;
- Gimmie Shelter. Documentário, Inglaterra, dirigido por David Mayles, Albert Mayles e Charlotte Zwerin, 1971;
- Guerra Fria. Documentário, São Paulo, Rádio e Televisão Cultura, dirigido por Roseli Ferro, 1998;
- Guerra do Vietnã: a Queda de Saigon. Documentário, Estados Unidos, Discovery Channel, dirigido por Michael Dutfeld, 1995;
- História do Rock (History of the Rock and Roll). Documentário, Nº 10, Estados Unidos, escrito, produzido e dirigido por Susan Steinberg, 1992;
- Ia Drang - A Primeira Batalha da Guerra do Vietnã. Documentário, Estados Unidos, produzido pela NBC e exibido pela Rede Bandeirantes de Televisão em 1994, que não forneceu maiores detalhes sobre a produção e direção;
- Império do Mal (Ronald Reagan). Documentário, Estados Unidos, WGBH Boston For The American Experience, produzido por Margaret Drain e Austin Hoyt, 1998;
- M.A.S.H. Filme, Estados Unidos, dirigido por Robert Altman, 1970;
- Mikhail Gorbachev - O Homem que Mudou o Mundo (Mikhail Gorbachev - The Man Who Changed the World). Documentário, Inglaterra, BBC News, produzido por Rosalind Erskine, 1999;
- Nascido Para Matar (Full Metal Jacket). Filme, Inglaterra, dirigido por Stanley Kubrick, 1987;
- Pecados de Guerra (Casualties of War). Filme, Estados Unidos, dirigido por Brian De Palma, 1987;
- Platoon. Filme, Estados Unidos, dirigido por Oliver Stone, 1986;
- O Poder e a Mídia. Documentário, Inglaterra, BBC, escrito e dirigido por Laurence Rees, 1992;

- Querida América - Cartas do Vietnã (Dear America). Documentário, Estados Unidos, dirigido por Bill Couturie, 1987;

- Os Rapazes da Companhia C (The Boys in Company C). Filme, Estados Unidos, dirigido por Sidney J. Furie, 1978;

- TV Ano 50. Documentário, Rio de Janeiro, Rede Globo, dirigido por Pedro Bial, 2000;

- os programas documentários da CBS, sob o comando de Walter Cronkite, foram apresentados pela televisão brasileira na Globosat, em julho de 1994, sem referências.

